

INDICADOR DA AMERICA BRASILEIRA

LIVRARIA MACHADO

F. J. F. MACHADO

Grande sortimento de livros collegiaes, de mathematica, engenharia, jurisprudencia, medicina, religião, litteratura e todos os mais livros sobre diversos conhecimentos humano.

Avenida Passos, 25
RIO DE JANEIRO

Empresa Bibliographica Moderna

Vende e compra raridades bibliographicas

Rua Tobias Barreto, 25

RIO DE JANEIRO

Pedidos do Interior dirigidos a JOCELYN LUIZ DOS SANTOS—Gerente.

LIVRARIA VICTORIA

Compra e vende livros sobre todos os assumptos Avalia, cataloga e encarrega-se da conservação e reforma de bibliothecas.

R. A. MOURINHO

ESTABELECIDO DESDE 1899

Rua General Camara, 190

Telephone, Norte 6261
RIO DE JANEIRO

LIVRARIA SUL AMERICANA

Compra e vende: livros novos e usados

Nicolau Alves de Oliveira

RUA GENERAL CAMARA, 322

RIO DE JANEIRO

Livraria, Papelaria e Typographia

Compram-se e vendem-se livros novos e usados de todas as materias

P. L. VALVERDE

RUA DO GATTETE, 223

Telephone — 438 Beira Mar

RIO DE JANEIRO

BREVEMENTE

TARANTULA

CONTOS DE

CARLOS RUBENS

EDITORES:

Monteiro Lobato & C.

LIVRARIA PINTO

Laurentino Pinto da Fonseca

Rua Tobias Barreto, 16

(Entre Visconde do Rio Branco e Constituição)

RIO DE JANEIRO

LIVRARIA

João Martins Ribeiro

Annuncia-se todas as terças-feiras no JORNAL DO COMMERCIO

Rua General Camara, 345-355

Telephone, 474 Norte

RIO DE JANEIRO

"DANSA DOS PYRILAMPOS"

— POEMAS DE —

OSWALDO ORICO

— A APPARECER —

Edição de MONTEIRO LOBATO & COMP.

BRASIL, POTENCIA MUNDIAL

INQUERITO SOBRE A INDUSTRIA SIDERURGICA NO BRASIL

ELYSIO DE CARVALHO

EDITOR
S.A. MONITOR MERCANTIL
96, PRIMEIRO DE MARÇO, 96
RIO DE JANEIRO

PEDIDOS A' S. A. MONITOR MERCANTIL
Rua Primeiro de Março, 96, 3.º Rio de Janeiro

Um volume de 186 paginas, 5\$000
A' venda nas livrarias do Rio de Janeiro

LIVROS ALLEMÃES

ESPECIALMENTE

Obras de Sciencia

DE TODOS OS RAMOS

Arte, Literatura e
Leitura para a mocidade

GRANDE STOCK EM

Romances, Revistas, Cartões postaes,
etc, etc na

LIVRARIA **"EDANEE"**

A unica allemã para Livros, Arte e Musica

112, Rua da Alfandega, 112

RIO DE JANEIRO

CAIXA POSTAL: 2274

SANTOS
Rua Frei Gaspar, 37-39
Telephone: Central 2074

S. PAULO
Rua de São Bento, 93
Tel.: Central 321
CAIXA POSTAL: 1897

LIVRARIA GARNIER

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

E' a casa que mais tem enriquecido a litteratura nacional; a quasi um seculo que presta valiosos serviços ás lettras brasileiras.

Especialista em livros: **ESCOLARES — LITTERATURA — LIVROS PARA PREMIOS**
— **JURISPRUDENCIA**, e o mais completo sortimento de:

DICIONARIOS

GUIAS

VOCABULARIOS

Enenkel	— Diccionario	Allemao-Port.	v/v	enc.	8\$000
Fonseca	— >	Encyclopedico	>	>	13\$000
>	>	Fr.-Port.	v/v	>	8\$000
Lafayette	— >	Port. (Vocabul.)	>	>	8\$000
>	>	Port.-Inglez	v/v	>	8\$000
Pinto	— >	Port.-Fr.	v/v	>	8\$000
Rozzoi	— >	Ital.-Port.	v/v	>	25\$000
Saraiva	— >	Latino-Port.	>	>	48\$000
Valdez	— >	Fr.-Port.	v/v 2 vs.	>	68\$000
>	>	>	v/v 2 >	Chag.	25\$000
>	>	Ing.-Port.	v/v 2 >	end.	16\$000
Wildick	— >	Hesp.-Port.	v/v 2 >	>	2\$500
GUIAS - de Conversação	— SEM PRONUNCIA	— Em todas as linguas.			3\$000
>	— COM PRONUNCIA	— Em todas as linguas.			4\$000
>	>	em 4 linguas.			5\$000
>	>	em 6 linguas			2\$500
VOCABULARIOS	— em um só volume (em todas as linguas.)				6\$000
>	Reunidas as duas partes em um volume				

NOTA SOBRE ESTES PREÇOS:

Sendo-nos actualmente possivel tornar effectivos os dizeres promittentés em nossas circulares anteriores, relativamente a tendencia na redução dos preços nos "DICIONARIOS, GUIAS e VOCABULARIOS", permite-nos agora chamar a attenção de todos os nossos clientes, para a nova TABELLA que fazemos incluir no recente CATALOGO de 1922-23.

A nossa resolução de momento, não alcançou que estes novos preços fossem incluidos no corpo do catalogo, por se achar o mesmo já impresso a esse tempo: portanto, são estes os preços actuaes.

Agosto, 13 de 1922.

ULTIMAS NOVIDADES

COLLECCÃO "AUREA"

(PAGINAS ESCOLHIDAS DOS MAIORES ESCRIPTORES)

Machado de Assis, por Alberto de Oliveira e Jorge Jobin, 1 vol. enc.	10\$000
Os Poetas, 2 vols., por Alberto de Oliveira e Jorge Jobin, enc.	20\$000
Os Contistas, por Alberto de Oliveira e Jorge Jobin, 1 vol. enc.	10\$000
José de Alencar, por Mario de Alencar, 1 vol. enc.	10\$000

BIBLIOTHECA SCIENTIFICA

OBRAS DE LE BON

A Psychologia Política, 1 vol. enc.	8\$000
A Revolução Franceza e a Psychologia das Revoluções, 1 vol. enc.	8\$000

NOTA — As obras da "COLLECCÃO AUREA" possuímos em ricas encadernações, proprias para os amadores, custa cada volume. 20\$000

PEÇAM CATALOGOS

BANCO ALLIANÇA

Séde no Porto Rio de Janeiro

146 - Rua do Rosario - 146

Caixa do Correio, 924

Telephones: Norte 3376 e Norte 6329

Saques sobre todos os paizes do mundo —
Descontos — Operações bancarias em geral —
Administração de propriedades — Cobrança
de juros e dividendos — Inventarios —
Correspondentes em todo o territorio dos
Estados Unidos do Brasil

DEPOSITOS

A' ordem. 4 % ao anno

Depositos a prazo e letras a premio

A prazo de tres mezes.	4 ½ % ao anno
A prazo de seis mezes.	5 ½ % ao anno
A prazo de nove mezes	6 % ao anno
A prazo de doze mezes.	6 ½ % ao anno

LIVRARIA EDITORA CONSELHEIRO CANDIDO DE OLIVEIRA

RIO DE JANEIRO

RUA S. JOSE, 58

End reço telegraph'co: "LE O"

- 1 — **ALGUMAS NOTAS SOBRE O RECURSO EXTRAORDINARIO, do Conselheiro Candido de Oliveira** — E' um estudo, em que o autor expõe os casos e processos do recurso instituido pelo art. 59, letra A, da Constituição Federal, assim como trata de varias questões attinentes a esse recurso, 1 vol. br., 3\$000; encadernado, 5\$000.
- 2 — **A INDUSTRIA BRASILEIRA E OS ROTULOS E MARCAS EM LINGUA ESTRANGEIRA, por Alarico Coelho Cintra.** — Prefacio do Dr. Prudente de Moraes Filho. Um vol. com 320 pags., br., 15\$; enc., 18\$000
- 3 — **A QUESTAO SOCIAL, pelo Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro,** Ministro do Supremo Tribunal Federal, Professor da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro e da Faculdade de Filosofia e Letras, Administradores, legisladores, advogados, capitalistas, empresarios, empreiteiros, empregados e patrões — todos encontrarão na introdução e nas oito Conferencias, de que se compõe este livro, os elementos necessarios para o pleno conhecimento da "eterna questão dos ricos e dos pobres" — Um vol. de 303 paginas, br., 12\$; enc. em percalina, 15\$000.
- 4 — **CURSO DE PRATICA DO PROCESSO, pelo Dr. Candido de Oliveira Filho,** advogado e lente cathedratico da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. O primeiro volume contem 440 paginas e trata da feitura das procurações, contractos e testamentos; noções geraes sobre o sello dos contractos, papeis e actos forenses e sobre o imposto de transmissão de propriedade; taxa judiciaria; de processo; jurisdicção e competencia; do Juizo e da instancia; das acções; regras a observar na petição inicial; adição, emenda e mudança do pedido; distribuição das acções; da citação, circumducção e revelia; defesa e excepções do réo; litiscontestação, reconvenção e autoria; do Juizo arbitral. O segundo volume trata das causas preparatorias, preventivas e incidentes; do embargo ou arresto e do sequestro; da tenção pessoal; da assistencia, da opposição; das diversas habitações de herdeiros no direito patrio, especialmente das habitações incidentes nas causas contenciosas; da exhibição; das vendas judiciaes; dos protestos em geral; da consignação ou deposito em pagamento; das cauções nas causas civis em geral; da caução ás custas — Preços: 1º vol., br., 15\$; enc., 18\$; 2º vol. br., 22\$; enc., 25\$000.
- 5 — **CODIGO CIVIL APPLICADO POR TRIBUNAES E JUIZES DA REPUBLICA, pelo Dr. Alfredo Ladisláo,** magistrado no Estado do Pará. Prefacio de Clovis Bevilacqua. — Vol. br. 15\$; enc., 18\$000.
- 6 — **CODIGO CIVIL DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL,** comparado, analysado e commentado pelo Desembargador A. Ferreira Coelho. Obra muito elogiada pelos maiores juriconsultos patrios e estrangeiros. entre os quaes se destacam: Clovis Bevilacqua, prefaciando, Epitacio Pessoa, em carta ao Autor, publicada em diversos jornaes, Laeorga de Almeida, em longo artigo de critica, publicado na "Revista de Direito", Joaquim Amazonas, Horacio Costa, Affonso Claudio, A. Colmo e outros em cartas ao Autor e publicadas em jornaes, noticia da imprensa, destacando-se a "Revista de Direito", "Jornal do Commercio" e "A. B. C." Cada volume encadernado, 30\$000; cada volume encadernado em percalina, 25\$; cada volume brochado, 20\$000.
- 7 — **DO USUFRUCTO, DO USO E DA HABITAÇÃO NO CODIGO BRASILEIRO, pelo Dr. Manoel Ignacio Carvalho de Mendonça.** A Editora accreca prestar um relevante serviço as letras juridicas, publicando esta obra postuma de Manoel Ignacio Carvalho de Mendonça — Obra que e mais um clarão

da luz intensa espargida no treva do nosso direito, pelo brilhante espirito do Grande Morto. Um volume de 285 paginas, br., 16\$; enc., 20\$000.

8 — **CLAROS E SOMBRAS, por Gastão Penalva.** Vol. brochado, 3\$; enc., 5\$000.

9 — **DAS SOCIEDADES POR ACÇÕES NO DIREITO COMMERCIAL ALLEMÃO, pelo Dr. Apri-gio Carlos de Amorim Garcia.** Vol. br., 10\$; enc., 13\$000

10 — **EPANAPHORAS JURIDICAS, pelo Conselheiro Candido de Oliveira.** O livro trata de varias questões de direito civil, direito penal, direito judeiario e contém varios pareceres e discursos academicos. — Um vol. br., 7\$; encadernado, 10\$000.

11 — **GRAMMATICA LATINA** — Organizada por Monsenhor Francisco Ignacio de Souza. Em quadros syoticos de facil comprehensão e de rapido tiroelnio. Um vol. 294 paginas, cartonado, 1\$000.

12 — **IMPOSTO DO SELLO (Legislação e jurisprudencia), pelo Dr. Candido de Oliveira Filho,** advogado e lente cathedratico da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. E' uma exposição systematica da legislação e jurisprudencia sobre o imposto federal do sello do papel, a partir da lei n. 585, de 31 de Julho de 1898, que discriminou as taxas do sello da União e dos Estados, seguida de regras e preceitos de direito applicaveis á arrecadação desse imposto e das tabelas annexas ao decreto numero 3.564, de 22 de Janeiro de 1900, modificadas e annotadas de accordo com as duas primeiras partes do livro e com as decisões do Tribunal de Contas e do Ministerio da Fazenda. Contém, além disso, dous minuciosos indices, um systematico e outro alphabetico e remissivo — Um vol. br., 12\$; enc., 15\$000.

13 — **JUIZO FINAL... DAS "GRANDES TOURNÉES".** Sensações d'arte, por José Saturnino Britto. — Vol. brs., 3\$; enc., 5\$000.

14 — **LEI DO INQUILINATO, pelo Dr. Candido de Oliveira Filho.** Lei n. 4.403, de 22 de Dezembro de 1921, commentada, comparada e seguida de um formulario e das leis portuguezas, argentina, uruguaya e italiana — Um volume de mais de 300 paginas, br., 5\$; cartonado, 6\$; enc., 7\$000.

15 — **LEIS PENAES** (1 — Prefacio pelo Dr. Evandro de Moraes. 2 — Constituição Federal. 3 — Código Penal. 4 — Leis complementares e modificadoras do Código Penal. 5 — Índice systematico do Código Penal. 7 — Índice chronologico. 8 — Índice alphabetico das disposições penaes da Constituição Federal, do Código Penal e das leis complementares e modificadoras do Código Penal). Compilação organizada pelo Dr. Candido de Oliveira Filho, advogado e lente cathedratico da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, seguida de um minucioso índice alphabetico e remissivo. O livro contém mais de 500 paginas, br., 15\$; enc., 18\$000.

16 — **LIÇÕES DE ECONOMIA POLITICA, pelo Dr. Carlos Porto Carreiro,** lente cathedratico da Faculdade de Direito da Universidade do Rio Janeiro. Desenvolvimento do programma respectivo em 80 lições, com um prefaço do Conde de Affonso Celso, director e lente da Faculdade. Um vol. de perto de 600 paginas, br., 20\$; enc., 25\$000.

17 — **PERECERES, do Conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira,** annotados por Lafayette Filho. — Dous volumes — Contém o primeiro volume 297 pareceres sobre direito commercial, constitucional, administrativo, financeiro, internacional, penal e judiciario. — Preço de cada volume: br., 20\$; enc., 24\$000.

18 — **PRELEÇÕES DE MEDICINA PUBLICA, pelo Dr. Carlos Seidl,** cathedratico da Faculdade

de Direito da Universidade do Rio de Janeiro — Vol. br., 20\$; enc., 23\$000.

19 — **PRINCIPIOS DE SOCIOLOGIA JURIDICA.** — Compendio para a cadeira de Philosophia do Direito, pelo Dr. Euzebio de Queiroz Lima, lente da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Vol br., 16\$; enc., 20\$000.

20 — **REGIMENTO INTERNO DO SUPREMO TRIBUNAL Federal,** contendo todas as emendas approvadas até junho de 1921 e seguido da lei sobre tribunales regionaes. Compilação organizada e annotada pelo Dr. Francisco de Paula Oliveira, bibliothecario do mesmo Tribunal — Vol. br., 5\$; cartonado, 6\$000.

21 — **SELLO DO PAPEL, pelo Dr. Candido de Oliveira Filho,** advogado e lente cathedratico da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. E' um commentario da lei n. 3.966, de 25 de Dezembro de 1919, contendo as novas tabelas do imposto federal do sello do papel. Um índice alphabetico e remissivo completa a obra, tornando-a utilissima a todos, pois que a todos, indistinctamente, interessa o assumpto — Br., 5\$; encadernado, 7\$000.

22 — **SELLO DO PAPEL** — Ultima lei e ultimo regulamento sobre o sello do papel, seguidos das disposições orçamentarias vigentes sobre o assumpto. — Br., 2\$; cart., 3\$000.

23 — **SIBRAL — Brasil-Epopeia (1500-1922)** — Poema da Historia do Brasil, por Carlos Chaves. Vol. br., 5\$; cart., 7\$000.

24 — **THEORIA E PRATICA DOS EMBARGOS, pelo Dr. Candido de Oliveira Filho,** advogado e lente cathedratico da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro — (Obra esgotada).

25 — **TOBIAS BARREIRO, do Desembargador Virgilio de Sá Pereira,** lente cathedratico da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. — Vol. br., 3\$; encadernado, 5\$000.

26 — **VENENUS SOCIAES E CONDIÇÃO JURIDICA DOS ENVENENADOS** — Estudo medico-legal do alcoolismo, morfiumismo, cocainismo, estherismo e de outras perturbações psychicas, pelos Drs. Candido de Oliveira Filho, advogado, e Julio Porto Carreiro, medico, lentes da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Prefacio do Dr. Carlos Seidl, ex-director da Saude Publica e cathedratico da referida Faculdade. — Volume br., 15\$; encadernado, 18\$000.

OBRAS NA PRELO

Dr. Abdon Eloy Estellita Lima. — Protozoarios e Protozooses.

Dr. Arnanuo Vidal. — Repressão do jogo do oicho.

Dr. Candido de Oliveira Filho. — Curso de pratica do processo, vol. II — Dução, termos e prazos — Férias forenses — Provas — Conclusão — Allegações finais — Sentença — Homologação de sentenças estrangeiras — Recursos).

Dr. Carlos Seidl. — Preleções de medicina publica, 2º vol.

Dr. Carlos Porto Carreiro. — Lições de economia politica. Os fasciculos restantes.

Dr. Carlos Porto Carreiro. — O Filho da Agua (L'Aiglon).

Desembargador A. Ferreira Coelho. — Código Civil da Republica dos Estados Unidos do Brazil. 4º volume.

Dr. Francisco de Paula de Oliveira. — Jurisprudencia sobre Direito Maritimo.

Dr. Gabriel M. dos Santos Vianna. — Historia da organização distribuição da Justiça no Brasil, desde o periodo colonial até a Republica.

José Carvalho. — O matuto cearense e o caboclo do Pará, Estudos de Folklore.

Dr. Julio Barbosa Penna. — As madeiras no Brazil.

Primeiras linhas sobre o processo orphonologico, de Pereira de Carvalho, annotadas pelo Dr. Didimo da Veiga, de accordo com as alterações constantes do Código Civil. 2 vols., 3ª edição.

Banco Hollandez da America do Sul

Casa Matriz: AMSTERDAN

FILIAES NA AMERICA DO SUL:

Rio de Janeiro — S. Paulo — Santos

Buenos - Aires

Santiago do Chile — Valparaizo

NA ALLEMANHA — Hamburgo

Capital autorizado florins 50.080.000

Capital realizado e reservas florins 30.180.000

Fundado pela Rotterdamsche Bankvereeniging

Amsterdam — Rotterdam — Haya

Cujo capital realizado e reservas montam em
florins 114.000.000

Succursal no RIO DE JANEIRO

11, RUA BUENOS AIRES, 13

Telephones: NORTE 5356, 5357 e 5358

LIVRARIA EDITORA CONSELHEIRO CANDIDO DE OLIVEIRA

RIO DE JANEIRO

RUA S. JOSÉ, 58

Endereço telegraphico: "LE O"

- 1 — **ALGUMAS NOTAS SOBRE O RECURSO EXTRAORDINARIO**, do Conselheiro Candido de Oliveira — É um estudo, em que o autor expõe os casos e processos do recurso instituído pelo art. 59, letra A, da Constituição Federal, assim como trata de varias questões attinentes a esse recurso, 1 vol. br., 3\$000; encadernado, 5\$000.
- 2 — **A INDUSTRIA BRASILEIRA E OS ROTULOS E MARCAS EM LINGUA ESTRANGEIRA**, por Alarico Coelho Cintra. — Prefacio do Dr. Prudente de Moraes Filho. Um vol. com 320 pags., br., 15\$; enc., 18\$000
- 3 — **A QUESTÃO SOCIAL**, pelo Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro, Ministro do Supremo Tribunal Federal, Professor da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro e da Faculdade de Philosophia e Letras, Administradores, legisladores, advogados, capitalistas, empregados, empregueiros, empregados e patrões — todos encontrarão na introdução e nas oito Conferencias, de que se compõe este livro, os elementos necessarios para o pleno conhecimento da "eterna questão dos ricos e dos pobres" — Um vol. de 303 paginas, br., 12\$; enc. em percalina, 15\$000.
- 4 — **CURSO DE PRÁTICA DO PROCESSO**, pelo Dr. Candido de Oliveira Filho, advogado e lente cathedratico da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. O primeiro volume contém 440 paginas e trata da feitura das procurações, contractos e testamentos; noções geraes sobre o sello dos contractos, papéis e actos forenses e sobre o imposto de transmissão de propriedade; taxa judiciaria; de processo; jurisdicção e competência; do Juizo e da instancia; das acções; regras a observar na petição inicial; adição, emenda e mudança do pedido; distribuição das acções; da citação, circumducção e revelia; defesa e excepções do réo; litiscontestação, reconvenção e autoria; do Juizo arbitral. O segundo volume trata das causas preparatorias, preventivas e incidentes; do embargo ou arresto e do sequestro; da tenção pessoal; da assistencia, da opposição; das diversas habitações de herdeiros no direito patrio, especialmente das habitações incidentes nas causas contenciosas; da exhibição; das vendas judiciaes; dos protestos em geral; da consignação ou deposito em pagamento; das cauções nas causas civis em geral; da caução ás custas — Preços: 1º vol., br., 15\$; enc., 18\$; 2º vol. br., 22\$; enc., 25\$000.
- 5 — **CODIGO CIVIL APPLICADO POR TRIBUNAES E JUIZES DA REPUBLICA**, pelo Dr. Alfredo Ladisláo, magistrado no Estado do Pará. Prefacio de Clovis Bevilacqua. — Vol. br. 15\$; enc., 18\$000.
- 6 — **CODIGO CIVIL DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL**, comparado, analysado e commentado pelo Desembargador A. Ferreira Coelho. Obra muito elogiada pelos maiores juriconsultos patrios e estrangeiros. Entre os quaes se destacam: Clovis Bevilacqua, prefaciando, Epitacio Pessoa, em carta ao Autor, publicada em diversos jornaes, Laercia de Almeida, em longo artigo de critica, publicado na "Revista de Direito", Joaquim Amazonas, Horacio Costa, Affonso Claudio, A. Colmo e outros em cartas ao Autor e publicadas em jornaes, noticia da imprensa, destacando-se a "Revista de Direito", "Jornal do Commercio" e "A. B. C." Cada volume encadernado, 30\$000; cada volume encadernado em percalina, 25\$; cada volume brochado, 20\$000.
- 7 — **DO USUFRUCTO, DO USO E DA HABITAÇÃO NO CODIGO BRASILEIRO**, pelo Dr. Manoel Ignacio Carvalho de Mendonça. A Editora accedeu a prestar um relevante serviço as letras juridicas, publicando esta obra postuma de Manoel Ignacio Carvalho de Mendonça — Obra que é mais um clarão

- da luz intensa espargida na treva do nosso direito, pelo brilhante espirito do Grande Morto. Um volume de 285 paginas, br., 16\$; enc., 20\$000.
- 8 — **CLAROS E SOMBRAS**, por Gastão Penalva. Vol. brochado, 3\$; enc., 5\$000.
- 9 — **DAS SOCIEDADES POR ACÇÕES NO DIREITO COMMERCIAL ALLEMAO**, pelo Dr. Apri-gio Carlos de Amorim Garcia. Vol. br., 10\$; enc., 13\$000
- 10 — **EPANAPHORAS JURIDICAS**, pelo Conselheiro Candido de Oliveira. O livro trata de varias questões de direito civil, direito penal, direito judiciario e contém varios pareceres e discursos academicos. — Um vol. br., 7\$; encadernado, 10\$000.
- 11 — **GRAMMATICA LATINA** — Organizada por Monsenhor Francisco Ignacio de Souza. Em quadros syoticos de facil comprehensão e de rapido tirocinio. Um vol. 294 paginas, cartonado, 1\$000.
- 12 — **IMPOSTO DO SELLO** (Legislação e jurisprudencia), pelo Dr. Candido de Oliveira Filho, advogado e lente cathedratico da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. É uma exposição systematica da legislação e jurisprudencia sobre o imposto federal do sello do papel, a partir da lei n. 585, de 31 de Julho de 1898, que discriminou as taxas do sello da União e dos Estados, seguida de regras e preceitos de direito applicaveis á arrecadação desse imposto e das tabelas annexas ao decreto numero 3.564, de 22 de Janeiro de 1900, modificadas e annotadas de accordo com as duas primeiras partes do livro e com as decisões do Tribunal de Contas e do Ministerio da Fazenda. Contém, além disso, dos minuciosos indices, um systematico e outro alphabetico e remissivo — Um vol. br., 12\$; enc., 15\$000.
- 13 — **JUIZO FINAL... DAS "GRANDES TOURNÉES"**. Sensações d'arte, por José Saturnino Britto. — Vol. brs., 3\$; enc., 5\$000.
- 14 — **LEI DO INQUILINATO**, pelo Dr. Candido de Oliveira Filho. Lei n. 4.403, de 22 de Dezembro de 1921, commentada, comparada e seguida de um formulario e das leis portuguezas, argentina, uruguaia e italiana — Um volume de mais de 300 paginas, br., 5\$; cartonado, 6\$; enc., 7\$000.
- 15 — **LEIS PENAES** (1 — Prefacio pelo Dr. Evaristo de Moraes. 2 — Constituição Federal. 3 — Código Penal. 4 — Leis complementares e modificadoras do Código Penal. 5 — Índice systematico do Código Penal. 6 — Índice chronologico. 7 — Índice alphabetico das disposições penaes da Constituição Federal, do Código Penal e das leis complementares e modificadoras do Código Penal). Compilação organizada pelo Dr. Candido de Oliveira Filho, advogado e lente cathedratico da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, seguida de um minucioso indice alphabetico e remissivo. O livro contém mais de 500 paginas, br., 15\$; enc., 18\$000.
- 16 — **LIÇÕES DE ECONOMIA POLITICA**, pelo Dr. Carlos Porto Carreiro, lente cathedratico da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Desenvolvimento do programma respectivo em 80 lições, com um prefacio do Conde de Affonso Celso, director e lente da Faculdade. Um vol. de perto de 600 paginas, br., 20\$; enc., 25\$000.
- 17 — **PERECERES**, do Conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira, annotados por Lafayette Filho. — Dois volumes — Contém o primeiro volume 294 pareceres sobre direito commercial, constitucional, administrativo, financeiro, internacional, penal e judiciario. — Preço de cada volume: br., 20\$; enc., 24\$000.
- 18 — **PRELEÇÕES DE MEDICINA PUBLICA**, pelo Dr. Carlos Seidl, cathedratico da Faculdade

- de Direito da Universidade do Rio de Janeiro — Vol. br., 20\$; enc., 23\$000.
- 19 — **PRINCIPIOS DE SOCIOLOGIA JURIDICA**. — Compendio para a cadeira de Philosophia do Direito, pelo Dr. Euzebio de Queiroz Lima, lente da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Vol. br., 16\$; enc., 20\$000.
- 20 — **REGIMENTO INTERNO DO SUPREMO TRIBUNAL Federal**, contendo todas as emendas approvadas até junho de 1921 e seguido da lei sobre tribunales regionaes. Compilação organizada e annotada pelo Dr. Francisco de Paula Oliveira, bibliothecario do mesmo Tribunal — Vol. br., 5\$; cartonado, 6\$000.
- 21 — **SELLO DO PAPEL**, pelo Dr. Candido de Oliveira Filho, advogado e lente cathedratico da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. É um commentario da lei n. 3.966, de 25 de Dezembro de 1919, contendo as novas tabelas do imposto federal do sello do papel. Um indice alphabetico e remissivo completa a obra, tornando-a utilissima a todos, pois que a todos, indistinctamente, interessa o assumpto — Br., 5\$; encadernado, 7\$000.
- 22 — **SELLO DO PAPEL** — Ultima lei e ultimo regulamento sobre o sello do papel, seguidos das disposições orçamentarias vigentes sobre o assumpto. — Br., 2\$; cart., 3\$000.
- 23 — **SIBRAL — Brasil-Epopeia (1500-1922)** — Poema da Historia do Brasil, por Carlos Chaves. Vol. br., 5\$; cart., 7\$000.
- 24 — **THEORIA E PRÁTICA DOS EMBARGOS**, pelo Dr. Candido de Oliveira Filho, advogado e lente cathedratico da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro — (Obra esgotada).
- 25 — **TOBIAS BARREIRO**, do Desembargador Virgilio de Sá Pereira, lente cathedratico da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. — Vol. br., 3\$; encadernado, 5\$000.
- 26 — **VENENOS SOCIAES E CONDIÇÃO JURIDICA DOS ENVENENADOS** — Estudo medico-legal do alcoolismo, morfismo, cocainismo, estherismo e de outras perturbações psychicas, pelos Drs. Candido de Oliveira Filho, advogado, e Julio Porto Carreiro, medico, lentes da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Prefacio do Dr. Carlos Seidl, ex-director da Saude Publica e cathedratico da referida Faculdade. — Volume br., 15\$; encadernado, 18\$000.

OBRAS NA PRELO

- Dr. Abdon Eloy Estelita Lima. — Protozoarios e Protozooses.
- Dr. Arnanuo Vidal. — Repressão do jogo do oicho.
- Dr. Candido de Oliveira Filho. — Curso de pratica do processo, vol. II — Dação, termos e prazos — Ferias forenses — Provas — Conclusão — Alegações finais — Sentença — Homologação de sentenças estrangeiras — Recursos).
- Dr. Carlos Seidl. — Prelecções de medicina publica, 2º vol.
- Dr. Carlos Porto Carreiro. — Lições de economia politica. Os fasciculos restantes.
- Dr. Carlos Porto Carreiro. — O Filho da Agua (L'Aiglon).
- Desembargador A. Ferreira Coelho. — Código Civil da Republica dos Estados Unidos do Brazil. 4º volume.
- Dr. Francisco de Paula de Oliveira. — Jurisprudencia sobre Direito Maritimo.
- Dr. Gabriel M. dos Santos Vianna. — Historia da organização e distribuição da Justiça no Brasil, desde o periodo colonial até a Republica.
- José Carvalho. — O matuto cearense e o caboco do Pará, Estudos de Folklore.
- Dr. Julio Barbosa Penna. — As madeiras no Brazil.
- Primeiras linhas sobre o processo orphonologico, de Pereira de Carvalho, annotadas pelo Dr. Didimo da Veiga, de accordo com as alterações constantes do Código Civil. 2 vols., 3ª edição.

Banco Hollandez da America do Sul

Casa Matriz: AMSTERDAN

FILIAES NA AMERICA DO SUL:

Rio de Janeiro — S. Paulo — Santos

Buenos - Aires

Santiago do Chile — Valparaizo

NA ALLEMANHA — Hamburgo

Capital autorizado florins 50.080.000

Capital realizado e reservas florins 30.180.000

Fundado pela Rotterdamsche Bankvereeniging

Amsterdam — Rotterdam — Haya

Cujo capital realizado e reservas montam em
florins 114.000.000

Succursal no RIO DE JANEIRO

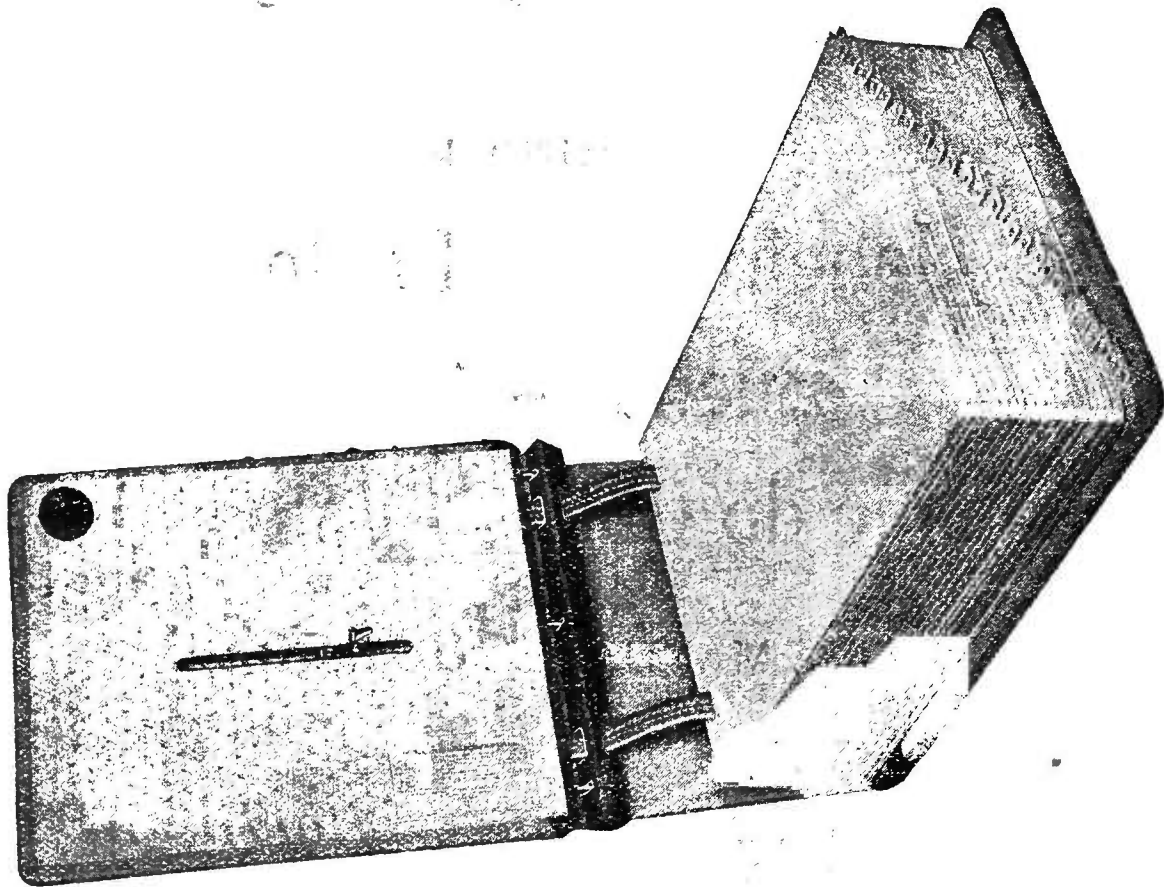
11, RUA BUENOS AIRES, 13

Telephones: NORTE 5356, 5357 e 5358

KALAMAZOO

LIVRO DE FOLHAS SOLTAS

Para colleccionar artigos de jornaes, autographos, photographias, sellos ou guardar documentos



KALAMAZOO

O LIVRO PERFEITO

Tem capacidade de folhas illimitada. - E' Elegante no seu aspecto -
E' economico no seu custo

Casa Systema
ARTIGOS PARA ESCRITORIO

Libero Badaró, 120
Tel. Central 55
São Paulo

ESCREVA OU TELEPHONE

São Bento, 32-1.
Tel.: Norte 255
Rio de Janeiro

AMERICA BRASILEIRA

Director: ELYSIO DE CARVALHO

RESENHA DA ACTIVIDADE NACIONAL

NUMS. 9 A 12



EDIÇÃO DO CENTENARIO



ANNO I

O PHENOMENO BRASILEIRO

O seculo de independencia, cujo fecho celebramos gloriosamente, nos enche de orgulho, pela obra realisada, pelos frutos colhidos e por todos os outros que vemos sazonar, como promessas maravilhosas. A emancipação de 1822, como o resultado do velho sonho de liberdade que fremia na alma nacional desde o seculo XVII; a formação do imperio; a unidade das provincias em torno do estado, que o trono estabelecia, os moldes democraticos da primeira constituição; a obra grandiosa da regencia; o segundo imperio fecundando o liberalismo; a abolição integrando a Patria na humanidade; a Republica, nivelando os cidadãos e proclamando os seus direitos com a maxima amplitude; a criação das artes, das letras e das sciencias; o surto magnifico do progresso material, que constroeu portos e diques e ergueu cidades; a prosperidade economica e commercial; a potencia das industrias e da agricultura, tudo, enfim, em harmonioso crescendo, se ajunta e vibra, como as notas formidaveis de um hymno grandioso.

Seria possivel fazer mais? Talvez, mas o certo é que, por sobre as vicissitudes e os entraves que tivemos de vencer e superar, decorrentes da formação nacional, desde o typo da raça, até a victoria sobre a natureza aggressiva e brutal, não é licito acreditar que outros tivessem feito mais, ou melhor. Não vai nisso um devaneio, lirico, mas a observação imparcial, e sem pessimismo, do phenomeno brasileiro, na sua exacta realidade. Antes de tudo, vejamos que a extensão do territorio tornára impossivel a colonização pelos portuguezes e a penetração só começou a se realizar no seculo XVII, com as *entradas*, que vararam em algumas direcções o dorso do gigante. Até então, só o littoral se explorava e, ainda hoje, o dominio e o privilegio dessa zona permanece, num desequilibrio inquietante. Os homens eram poucos para tão grande habitação e se accomodaram nos melhores centros. O estrangeiro, por via de regra, era cubiço-

so, e não pensava em emigrar e a densidade minguada da população era um entrave constante ao desenvolvimento do paiz. Permaneciamos, portanto, em alguns pontos e iamos muito vagarosamente penetrando no interior. D. João VI lançou os alicerces da nossa civilização, mas a independencia e a regencia mal tiveram tempo para cuidar da salvação nacional, periclitante naquelle momento decisivo da Patria. Era preciso tornar forte o Estado, unir o paiz, criar o prestigio do trono, manter a ficção da monarchia representativa, de sorte que, quando a consciencia da nação despertasse, fosse possivel evitar uma crise perigosa. Esse esforço herculeo nós o realizamos, enquanto consolidavamos o credito do paiz, incentivavamos as suas forças productoras e economicas, embora desordenadamente. A obra politica, interna e externa, foi o esforço da monarchia, que findou logicamente com a abolição. Dahi por diante, depois desse golpe na economia do paiz, era preciso uma propulsão progressista e um desenvolvimento material, para os quaes o regime antigo revelára poucas qualidades. E a Republica, effectivamente, nos permitiu essa era de realizações. Os dois grandes problemas foram atacados de frente — o da immigração e o das estradas. Vimos, claramente visto, que os 14.333.915, que eramos, ou seja a de densidade de 1.689 por kilometro quadrado, era pouco em demasia e, portanto, fazia-se mister abrir o paiz ao braço estrangeiro, sobretudo depois da crise de trabalho, que a abolição precipitou. E as correntes immigratorias se estabeleceram. Vieram, sobretudo, italianos, allemães, polacos e japoneses, que foram para os estados do sul, de preferencia, e a cujo esforço tanto devemos, tudo aconselhando-nos a manutenção e desenvolvimento desse programma de povoamento do solo, melhor organizado, porém, quanto á localização e attendendo por igual ás razões ethnicas e economicas. Quanto ás estradas de ferro, basta citar que, em 1889 tinhamos em trafego 9.973,087 kilometros e em 1921, 28.827,710

kilometros, 2.273,046 em construcção e 7.728,047 em projecto. Lembremo-nos de que essa obra é toda ella um esforço formidavel, por vezes heroico, cortando morros, vencendo serras, atravessando rios, derubando mattas, ora solidificando, ora aplainando o terreno, em realizações extraordinarias. O plano ferro-viario, que concluimos, sobretudo depois de terminada a Theresina-Petrolina e ligada a rede de viação bahiana ás estradas de Minas Geraes, é de uma grandeza prodigiosa, que se não deve estimar pela kilometragem mas pela natureza do terreno. A qualidade é o indice e não a quantidade. Por outro lado, o crescimento do commercio, exigiu a construcção dos grandes portos e os fizemos admiraveis, no Pará, em Recife, na Bahia, no Rio, em Santos e no Rio Grande, sobretudo esse, que representa uma grande obra, tornando navegavel a sua barra, até então de acesso difficil e perigoso.

E os telegraphos se multiplicaram e hoje se estendem por 44.446.580 kilometros e a tonelagem cresceu, já cruzando, o pavilhão brasileiro as grandes rotas de commercio internacional, fazendo toda a cabotagem e o movimento fluvial. Contamos 648.153 estabelecimentos rurales estimados em Rs. ... 10.568.008:691\$000; 36.338 fabricas, das quaes 1.791 com força motora e o nosso movimento de commercio externo, em 1921, accusou as cifras de Rs. ... 1.709.000:000\$000 para a exportação e réis. .. 1.689.000:000\$000 para a importação. A estimativa de nossa producção agricola ultrapassa 3 milhões de contos, na ultima safra. Construimos grandes capitales e cidades de forte desenvolvimento no interior do paiz, que mantêm a propulsão grandiosa de nosso imperio.

A intelligencia nacional não se revelava só nessas realizações materiaes, mas formava um espirito novo, nas sciencias e nas artes, e illuminava o mundo com a irradiação de sua luz fulgente. Nas sciencias experimentaes e de observação, como nas abstratas e na philosophia, nas letras, nas artes plasticas e na musica tem sido admiravel o nosso esforço e a obra de cultura, si bem que só por ultimo se vá fazendo com certa unidade, não se desdoira de seu esforço inicial. Nossos sabios e nossos juristas têm, muitos delles, ultrapassado o ambiente nacional, impondo-se á admiração do mundo, nossos artistas e escritores vão criando, no tumulto da terra americana, uma emoção differente, e, no dia em que se libertarem dos preconceitos dos moldes europeos, revelarão o surto mara-

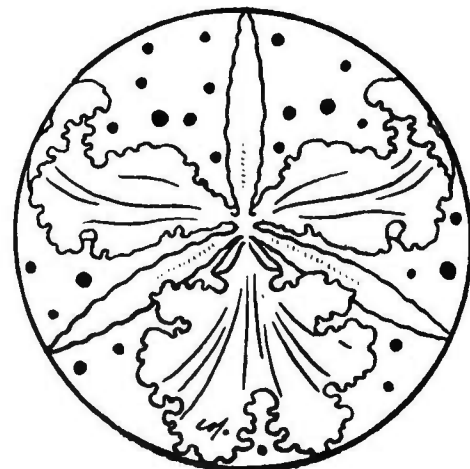
villioso do estro brasileiro, que surge aos poucos, numa revelação gradual e deslumbrante.

Chegamos um pouco tarde, num mundo já envelhecido, e temos, portanto, a missão de revigorar suas energias, transplantando para a America o eixo da civilisação. Mas é preciso vencer em nós mesmos a reacção tradicionalista e conceber o ideal novo, que salvará o mundo. O exemplo dos Estados Unidos é fecundo de ensinamentos do que ha-de ser a força americana, quando os dois hemispherios do continente attingirem ao mesmo gráo de força e de ideal.

Emquanto realizavamos essa obra, que não é perfeita e nem mesmo sempre harmoniosa, mas incontestavelmente é grande, davamos ao nosso paiz, por uma legislação liberal, ainda que muitas vezes de enxertia, a garantia do progresso, e, por uma diplomacia intelligente, habil e patriótica, a segurança da paz externa e do respeito universal. O melhor triumpho dessa realização está nas altas e honrosas provas de affecto que nos deram as nações amigas na comemoração de 7 de Setembro. Foram o testemunho significativo do relevo com que gravamos o nosso nome na historia, das tradições que formamos, do prestigio que alcançamos. Entre essas manifestações, nenhuma nos falou mais ao coração do que a vinda do eminente chefe da Nação portuguesa, que, em nome de seu paiz agradeceu o favor que lhe prestamos, proclamando a independencia, no momento em que o fizemos, porque Portugal, já não mais poderia manter a unidade das duas nações.

Aurindo, pois, da tradição a seiva fecunda e maravilhosa, o Brasil, joven, poderoso e bello, cessado o deslumbramento desse momento de exaltação, re-incerará a sua obra de idcal e de trabalho para ser grande entre os maiores.

Sursum corda!



RAIZES DE IDEALISMO

A civilização é uma violencia do homem á natureza. Por mais brutal que seja o impeto, uma força idéal, remota, obscura, intangivel, está na origem da energia creadora. A civilização é o mysterio, em que se cumpre a fatalidade da união dos homens para vencer a materia universal. Expressão externa e collectiva do rythmo individual, traz em si o germen do idéalismo. Se ha povos sem a proeminencia daquella magia extasiada na religião, na philosophia ou na arte, ha em todos um residuo espirital, que um dia transmudará o maximo do realismo em função de idéalismo. A propria realização americana, opposta ao traçado do civilizador europeu, revela-se idealista nas suas syntheses sociaes, na sua democracia, no fabuloso poder do dinheiro, na transbordante philantropia, no excesso da força, na rapidez da acção, na aspiração ardente e ingenua, de renovar o mundo. O povo americano, no desenvolvimento da parabola da sua historia, trae as origens mysticas dos seus formadores, quakers, fenianos, sonhadores do ouro, anarchistas e os demais transviados do idéal.

No Brasil o idéalismo propulsor da nacionalidade é uma predestinação. A terra surgiu do inconsciente immemorial, revelada por homens possessos da loucura dos descobrimentos. A inquietação é o fardo da vida do espirito. Nascido de um sonho de navegantes, o Brasil ficou para sempre enfeitiçado pela miragem. O espirito secreto, que inspirara os allucinados do desconhecido, soprou em todos os recantos do paiz e insuflou para sempre a nacionalidade. E' o espirito de progressão. Transplantada ao Brasil a raça portugueza, a sua lei de constancia vital determinou a força indomavel, que desbravou, subjugou e disciplinou a terra. O idéalismo tornou-se consciente e agiu como suggestão no decurso da civilização brasileira. A historia colonial é uma affirmação de idéalismo patriótico, installação no solo, organização da collectividade politica, que espiritualmente é a nação. A' aurora do seu surgimento, já o Brasileiro apparece como collaborador do Portuguez, por vezes o supplantando, na repulsa das invasões perturbadoras, na conquista systematica do paiz, que é elaborada como uma obra de estado.

O idéalismo affirma-se e progride. Em toda a expressão de progresso ha um idéal de perfeição. Na historia do Brasil esse idéal de perfeição é sempre

proseguido, como se fosse a finalidade do espirito colectivo. A Independencia do Brasil é um acto de idéalismo. Veiu naturalmente do instincto de revolta nativista, resultou da crystalização do sentimento nacional e exaltou-se das idéas que flammejaram na independencia da America do Norte e na Revolução franceza. Na *Esthetica da Vida* escreveu-se, e aqui se repete, que jámais o homem brasileiro foi tão senhor e tão grande como naquella epocha. Um espirito de mocidade o conduzia. Para o valor homem o grande movimento da historia foi a Renascença. A personalidade humana nesse ardente e fecundo instante expandiu-se vivaz e livre, não conheceu limites á curiosidade da intelligencia, não refreiu as paixões e tudo foi um deslumbramento de forcas intellectuaes e sensuaes que refez o mundo e renovou a sensibilidade. A Renascença do Brasil foi a época da Independencia. O homem unico, o homem universal appareceu como furtivo clarão na vida do Brasil. Os *homens* não foram sómente os conductores do movimento. Foi uma vasta floração da personalidade humana, manifestada na luta politica da independencia nacional que tornou ousado o character. O exemplo da revolta do Principe que se fez Imperador deu o contagio da independencia a todos. Foi uma insurreição geral dos espiritos, que inflamou o sentimento nacionalista e repelliu toda a vassalagem de Portugal, purificando-se de todo o cosmopolitismo. Nesse maravilhoso instante da nossa historia havia o orgulho de se sentir o homem novo de uma patria nova. O nacionalismo no alegre nascer da patria foi a affirmação da vontade brasileira. Nesse tempo, a incandescencia nacionalista não temia os compromissos despertados pela necessidade de povoar o sólo, pelo destino economico do paiz, que exige a collaboração estrangeira. O homem brasileiro naquelle alvorecer nativo tinha a illusão de se bastar a si mesmo.

A essa energia valorosa junte-se o idéal de perfeição, que inspirara os Independentes. Estes geometras da politica procuraram architectar o paiz segundo um plano idéal. Ensaiou-se uma *Cidade de Deus* politica. A monarchia não foi só uma suggestão colonial e uma logica continuação, melhor que uma incerta substituição. Foi tambem a cupola do edificio, e sob o domo o Poder Moderador apparecia como a imagem da Razão, da Justiça e da Divindade, presi-

dindo magesticamente a innumeravel theoria dos factos.

O artista revelou-se no constructor politico. Desde então a fórmula, consciente ou inconsciente, da historia do Brasil é esta: *idealismo e como função de idealismo a busca incessante da perfeição*. Se não é attingida, o esforço permanece irreprimivel, porque idealismo e ancia de perfeição dimanam daquella qualidade essencial da alma brasileira, a imaginação. Na sua pureza primitiva será um estado de magia, uma illusão da representação do Universo, mas ao influxo da cultura torna-se creadora de idealidade, dynamo de idealismo, chamma da perfeição paradoxal.

O Imperio desenvolve-se nesta progressão. Combate-se pela unidade do paiz, defendem-se as fronteiras, traçam-se as linhas divisorias das nacionalidades antagonicas, constróe-se a muralha imaginaria da patria. E a elite governa o povo com as ficções transplantadas exoticamente de outros estados, tudo pela suggestão de um idéal de perfeição politica, que parecia crystalizar-se na monarchia parlamentar. Não tardou uma explosão de idéalismo nesse ambiente de hierarchia. A Abolição foi uma idéa que se fez o sentimento violento de um povo. Apoderando-se da emoção do paiz, tornou-se invencível e na celeridade do seu movimento, tudo arrebatou, tudo desmoronou e exigiu a contribuição de todos para o seu triumpho. O que fizeram a monarchia e os estadistas não foi mais do que satisfazer, como pacificadores, as imperiosas exigencias da sensibilidade popular. E neste sentido, a abolição foi um acto revolucionario e ao mesmo tempo esse delirio de abnegação collectiva marcou na vida brasileira o mais bello instante da nossa emoção nacional. Cada um procurava exceder-se a si proprio e aos outros no desinteresse pela causa da redempção. A principio a idéa aponta ao longe no espirito de alguns inspiradores. Pouco a pouco foi ganhando as almas e mais tarde uma grande préamar espraia-se pelo paiz inteiro. Ha um repentino fervor de piedade e que se deve chamar a loucura da abolição, como no tempo das perseguições aos christãos, houve a loucura da Cruz. São povoações que eliminam do seu recinto a escravidão, são provincias que se redimem, são senhores que se empobrecem alforriando massas de trabalhadores, são fazendas que, numa vertigem de abnegação, se immolam e se tornam em tapéras desertas e livres. é o proprio throno imperial que, no esplendor da exaltação collectiva, se sacrifica. Onde, porém, a rebusca da perfeição neste idealismo redemptor? Na liberdade incondicional dos escravos, como

respeito á humanidade. Foi o toque da elevação no sacrificio total da riqueza.

Com a abolição ainda mais se accentuou no Brasil o impulso da egualdade. A Republica resultou como a consequencia do "absolutismo" democratico. O idealismo republicano teve a maravilhosa phantasia de esculpir os traços da sua affinação moral na liberdade religiosa sem restricções, na excessiva soberania federativa, na egualdade de brasileiros e estrangeiros, no arbitramento internacional obrigatorio — signos caracteristicos desse espirito, destituido de compromissos, que é o da raça na sua livre expansão. Enthusiasmo, imaginação, idealismo, ancia de perfeição sentimental são os motores secretos da alma brasileira.

O povo de tal inspiração, sempre prompto a exceder-se, está predestinado a viver no absoluto e a repellir toda a relatividade. Os seus difficeis "trabalhos" na ordem pratica o elevarão do intenso realismo ao excelso idealismo. Assim quando transforma as pertinazes mattas em terras de cultura attinge a uma conquista material formidavel, que, vel-a ou evocal-a, se nos exalta o espirito a louvar a energia primitiva dos feros desbravadores das florestas, dos errantes caminheiros dos sertões, transmigrada nesta espiritualidade da conquista, que nasce do realismo. A terra, offendida para ser fecundada, permanece a eterna desejada do homem. Ha seguramente um amor physico entre o brasileiro e a natureza da sua patria e que é a raiz inconsciente do seu patriotismo. A progressão não póde ser reprimida sob pena de uma crise mortal da nação. Para cumprir o fado imposto pela sua lei de constancia, o brasileiro vae para a frente, pelas tragicas mattas, pelos tristes desertos, pelos vagos sertões, pelos rios absurdos, a vivificar o sólo nacional. Um dia elle augmentou o desmedido territorio, e a incorporação do Acre foi até hoje a maior realização brasileira na epoca republicana, porque foi a maior expressão da energia collectiva e obedeceu fatalmente ao idealismo, creador da nacionalidade.

Depois de taes fructos, o idealismo, fortificado em tenazes e seculares raizes, não será estirpado do espirito brasileiro. A fé no prodigioso destino da patria lhe perdurará sobranceira e fervente, a despeito da amargura que soffrer, do cháos em que se abysmar o paiz, das retrogradações da justiça e do progresso moral, do eclipse da liberdade e da honra. Cré eternamente na ascensão triumphante da patria, na sua illimitada força creadora, na sua immortal projecção no futuro. Faminto, torturado, esmagado sob a tyrannia, lá vae o Brasileiro, caminhando extatico dentro da luz, escravo da miragem, mystico do idéalismo...

A FIGURA DE D PEDRO I

Não conheço em nossa historia nenhuma figura cujo perfil psychologico seja mais difficil de fixar que o do primeiro imperador. Não é possível julgar-o sem risco de commetter injustiça, si quizermos apenas destacar-lhe da assombrosa versatilidade de sentimentos e impulsos qualquer traço isolado que o caracterize. Uma, ainda assim, vaga idéa do que elle foi só ha de resaltar talvez de uma synthese das contradicções e desordens em que lhe fica a figura no meio dos acontecimentos em que teve o seu grande papel.

Para isso não tenho mais do que recordar factos da epoca que estamos neste momento mesmo commemorando.

Tinha-se feito a independencia. Emquanto esta era a aspiração dominante na alma dos brasileiros, todas as classes e todas as facções andavam como fraternizadas em torno da grande causa.

No dia seguinte ao da aclamação do imperador, tudo começára a mudar. Os mesmos homens que tinham feito a declaração da independencia estavam divididos, e reclamando cada grupo o direito de orientar e dirigir a organização do novo Estado.

No meio das facções victoriosas, e agora em lucta, viu-se D. Pedro, moço de 24 annos, com todos os vicios e virtudes de heróe fóra do seu tempo, e como a insuflar em vez de reprimir discordias.

Por uma fatalidade de circumstancias que pareciam conjuradas, assumira elle o primeiro posto em phase tão penosa, e sem ter as grandes qualidades que se requerem para funcção de tal magnitude.

E não tinha essas qualidades — cumpre dizel-o — menos por mingua de natureza que por defeito de educação. Poder-se-ia mesmo dizer com toda justiça que para ser grande homem bastaria que lhe não tivessem negado tudo o que o seu espirito tinha o direito de esperar da sua alta condição social. Seria bastante que tivessem preparado o homem, já que não quizeram preparar o rei.

Ainda assim, é preciso reconhecer, a sua vida tem lances que o põem muito acima das figuras communs entre os que têm tido o papel de destaque no mundo.

Quando o comparamos ao pai é que sentimos bem como avulta a nossos olhos a personalidade profundamente delineada, forte e incisiva de Pedro I.

D. João VI caracterizava-se pelas duas grandes virtudes que lhe abosrviam toda a existencia moral, e que o fechavam para tudo mais: a resignação, levada a um quasi renunclamento de si mesmo; e a bondade, mas bondade rude e inconsciente, que se diria antes desidia ou apathia de alma neutra, ou pelo menos desprovida de uns quantos instinctos sem os quaes o officio de rei ha de ser mesmo um indizível martyrio.

E é por isso, talvez em grande parte, que D. João foi seguramente, não só o príncipe, mas o homem mais infeliz do seu tempo.

Andou sempre tão por longe do destino com que o surprenderam, que mesmo quando se sentia sacudido de alguma emoção muito forte, o coitado se desafogava chorando... como si padecesse até das proprias alegrias...

El chorou tantas vezes na vida que bem se poderia dizer — sem nada sacrificar-lhe da figura historica — que durante os seus trinta e tres annos de reinado, o que mais conheceu foi a nevrose da dôr, a sensibilidade doentia do devoto, a tristeza do penitente, e mesmo uma especie de volupia de lagrimas, ou de effusão perenne de pranto, com que se consolava de tanto ceder e abdicar.

Chorou quando lhe mostraram o *Moniteur*, e viu como Bonaparte lhe decretára a distribuição do reino. Chorou quando soube que Junot marchava sobre Lisboa. Em prantos sahio a barra do Tejo, e em prantos poz pé vacilante em terra bahiana.

E dahi por diante, emquanto a historia nos dá aquelles gestos heroicos de guerra ao arbitrio da Europa, e do novo imperio de onde alça a voz para o mundo — dali por diante, para todos os lances a que o levava, como si fóra um precito, o exercicio da majestade — viveu o misero guardando a sua reserva de lagrimas, que não se sabe como é que o lar lhe deixava...

E' vel-o, afinal, daqui sahir soluçando como uma creança, e lá, na velha patria querida, cahindo, de coração transbordante, esmorecido de medo e allucinado de alegria, nos braços do seu povo.

D. Pedro era um contraste rude e esturdio com tudo isso. Nunca lhe viram humidos siquer aquelles olhos, vivos e trefegos, que anceavam de ver.

Emquanto aquelle outro andou sempre como lhe diziam que era preciso andar — este vem para concorrer com a fortuna. Devia

temel-o a velha deusa falaz, ou pelo menos, tratá-lo com muito geito; pois que na vida não andaria elle só a espera da voz de commando.

Este ha de, por si mesmo, bem ou mal, fazer o seu papel. Temperamento ardente, irriquieto, resolutivo, quasi impulsivo — não recuava nunca... salvo si percebesse que o capricho era do destino.

Ainda assim, pôde ser que o destino tenha rido alguma vez do rei: do homem — nunca.

Para julgar este homem, seria necessario, antes de tudo, conhecer a sociedade daquelle tempo, a sociedade de transição daquelles dias; principalmente as opiniões dominantes, as idéas que se agitam, as aspirações que absorvem todas as forças no momento mesmo em que elle apparece no scenario politico, cheio de enthusiasmos pelo seu papel.

No período que se segue á chegada da côrte, não haveria provavelmente um só brasileiro, do mais humilde ao mais eminente, em cuja consciencia não estivesse já muito clara a directriz que os negocios politicos iam tomar. Pôde-se mesmo avançar que a phase joannina foi a phase de gestação do que se vai fazer em 1822. Andavam no ar as procellarias, e todos presentem que a tormenta não tarda.

Para comprehender-se como tão rapido se renova aquella sociedade, e se distancia dos tempos coloniaes, não é mais necessario do que ver: primeiro, aquellas vicissitudes que vinham abalando o throno e as instituições que elle representa; depois, o orgulho que sentiram os brasileiros ao tomar a protecção da realza desventurada; e sobretudo a tendencia americana, que vivia já no sentimento popular, e que a presença da côrte não faz menos que fortalecer. Estas florestas, estas bahias, estas montanhas, estes ceus, falavam desde muito insidioamente á alma renovada da raça.

Em tal meio, o Príncipe, mesmo que fosse capaz de encarar discretamente a vida, tinha de ser liberal: esquecer-se um pouco de si mesmo era o processo mais expedito e seguro de se impôr como necessario.

Está-se vendo, pois, como o liberalismo de D. Pedro é inconsciente. Provinha mais naquelle instante, não certamente só de calculo, mas da leviandade do seu animo, aberto e receptivo, do que de razão e consciencia.

Nelle o velho instincto dos avós disfarçava-se apenas sob aquellas apparencias de alma nova. Com todas aquellas expansões de amor de patria, de paixão pela liberdade, de culto pela justiça, de submissão ás leis da historia — sabe elle muito bem que leva galhardamente o seu destino.

Passada, porém, aquella phase, no dia em que se sentiu desenganado de uns tantos sonhos — foram-se os lances augustos, as tiradas heroicas: e o antigo sér, que ia resonando no fundo daquelle natureza excepcional, accordou e bramiu.

Ha um processo muito simples de fazer a psychologia deste homem como politico: é tirar das cartas que elle escreveu ao pai o que elas têm de substancial... nas entrelinhas...

Des da primeira, começa elle a preparar o espirito do pobre velho, lá reduzido a toda a tristeza de um rei Lear, abandonado de todos, principalmente dos seus proprios; mais sombra de homem do que homem, dementado de uma vez pelo infortunio.

O misero agora só era pai. Foi o unico instincto que a desgraça lhe deixou: o do sangue. Do meio dos sustos em que vivia, aquelle sér lancerado só tem o grito da angustia paterna, como ultimo signal de grandeza que nelle deixaram os tufões de escarmento.

Muito facil foi, portanto, ao Príncipe amanhar o terreno para a obra planeada.

Desde meados de 1821 que, por elle chefiada, entra a conspiração na sua phase decisiva.

Não é de crer que o rei, lá na metropole, soubesse ou entendesse direito quanto iam fazendo as Côrtes. O mais que com certeza elle sabia é que tinha diante de si, como um espantallo, aquelle poder novo e extranho que se levantára incontrastavel á frente do throno.

Dizia-lhe daqui o filho umas coisas desusadas, falando-lhe uma linguagem para elle desconhecida e incomprehensivel.

Primeiro, D. Pedro está, com toda coragem, ao lado da magestade... porque bem sabe que daquella magestade não lhe vêm gestos esquelidos... Ao lado da majestade vai, muito fiel, com muita astucia e tactica segura, pondo em outro logar o interesse supremo da propria monarchia...

Em seguida, pouco a pouco, vai associando, fazendo-a inseparavel da sua, a autoridade que lá, na metropole, já não estava integral nas mãos do Rei. E enquanto as Côrtes decretam medidas tendentes a reprimir-lhe os impetos e a humilhar os brasileiros, cuida elle de fazer sentir ao pai que a assembléa desmandada vai tornando a monarchia incompativel com o Brazil, e que este, "por fidelidade", está deliberado a resistir e até a affrontar as Côrtes, divorciadas da alma portugueza, e principalmente da causa da dynastia.

Foi com este geito e manha subtil que elle teve tempo de apparelhar-se de tudo para o rompimento formal. Nos principios, muito respeito pelas soberanas Côrtes; depois de prompto — protestos e detestações contra aquellas Côrtes "pestiferas"...

*
* *

E' assim que tem de ser definitivamente julgado este homem. Para elle, o pensamento capital era vencer: tudo o mais era secundario.

Para que a sua voz fosse ouvida dos brasileiros, falava-lhes muito em "liberdade": aos portuguezes falava sempre só em "justiça".

Mas essa justiça e essa liberdade deviam andar sempre cautelosas e muito doces ao talante do patrono.

E tanto é assim que no dia em que se julgou seguro, vanglorioso das suas victorias, tudo foi esquecido: a sua vontade, os seus impulsos de imperio puzeram-se em conflicto com os principios e as idéas que elle proprio com tanta ufania proclamára...

* *

Eis ahi D. Pedro como politico.

E para completar, com a feição psychologica do homem, o perfil esboçado, bastaria accrescentar muito pouco.

Elle foi, como homem, o que ficou sendo como rei: um estouvado na vida; mas um estouvado forte, decidido, que sabe quanto vale a esturdia bem calculada quando se tem sobre os hombros a indiscutivel autoridade que se funda no prestigio da tradição e do grande papel que se tem no drama do mundo.

A familiaridade um tanto desbragada, que elle sabia pôr em equilibrio com os ares augustos; a clemencia bem medida, a coragem temeraria, as leviandades que lhe encheram a vida e com que temperava os impetos estultos e os bruscos assomos — tudo isso produzia, no animo dos que o cercavam, effeitos magicos; pois todos bem sentiam como não ha nada, neste mundo, tão captivante como um bom movimento ou um gesto de paz que vem da mesma altura de onde podem cair fulminações de morte.

Por isso mesmo é que D. Pedro, tendo sido afinal tão detestado entre os politicos, pôde fazer alguns amigos que lhe foram fieis até o fim. Enquanto que o segundo imperador — espirito sereno e sabio: grande alma paternal desde os vinte annos; consciencia indefectivel de juiz até na desgraça; e que viveu, pôde-se dizer, condescendendo e perdoando — não se sabe si teve amigos... a não ser o coração anonymo de todo mundo...

Si fosse preciso attenuar o rigor do julzo que a historia tem de proferir, não ha duvida que temos de lançar á conta das circumstancias muita coisa do libello contra D. Pedro formulado.

Antes de tudo, conquistára elle a "sua gloria" muito depressa. Na sua idade era muito difficil, a um espirito que nada tinha de excepcional para tarefa tão alta, conservar serenidade e não perder a tramontana.

Assim que se viu coroado imperador, desvaneceu-se da sua fortuna. Presumia-se unico "autor de tudo que se tinha feito". Persuadido de que era um homem de genio a dirigir os acontecimentos, não teve o seu orgulho mais limites.

Os homiens mais notaveis daquella epoca foram minguando diante d'elle.

Era elle só o legitimo creador deste povo.

Na historia da America, o seu logar ha de ser ao lado dos Bolivar e dos Washington...

Quem sabe mesmo si tudo isso seria pouco... Momentos houve, realmente em que parecia fazer de Bonaparte, domando por sua vez a America. Vejam-se as suas proclamações, o tom das suas falas ás tropas. Tinha feito as suas campanhas do largo do Rocío, e do Campo de Sant'Anna... — que mais lhe faltava?

Não há duvida que chegou a sonhar grandes coisas nos fastos do seu tempo. E muito seriamente depois que sentiu como estas democracias americanas não se accomodam á majestade das grandes figuras.

Estava D. Pedro tão convencido de que o Brazil todo lhe obedecia, e de que ao seu poder e ao seu prestígio se haviam confiado estes povos — que não viu mais empecilho no caminho aberto ás suas ambições. Senhor absoluto do paiz, começou logo a tratá-lo como "coisa sua"; e não teve mais linha, nem como rei, nem como homem. Quiz até dar ao Rio uns ares de Versailles, com Triansons e tudo, e a que não faltou nem aquella Pompadour de fancaria.

O que elle queria era mostrar que tinha nas mãos este pedaço do mundo.

*

Agora o que se não deve calar é que para tudo isso concorriam, além do que já vimos, os proprios homiens do tempo com as lisonjas e adulações que andavam todos disputando a honra de fazer-lhe.

Não era só a tropa que o acclamava como seu "adorado imperador". As proprias deputações da Constituinte, quando iam felicitá-lo nos dias de gala, punham-lhe em relevo as "sublimes qualidades" e as "heroicas acções"; e diziam-lhe que elle vencía "mais com a gloria do seu nome" do que outros reis com as armas...

Da tribuna daquelle mesmo congresso, onde se representava o que tinha de mais vigoroso aquella geração, havia quem bramasse commovido, e com a emphase das grandes affirmações, que elle era... *a delicia dos brasileiros*... lamentando certamente que tivesse havido já um outro que o fosse do genero humano...

Si o proprio Antonio Carlos dizia que entre elle (o monarcha) e um pobre mortal (a Camara é aqui o pobre mortal) nada pôde haver de commum... Que elle está "posto além da humanidade e quasi endeusado... Que os ministros "são servos do imperador..."

Quanto era ainda poderosa a influencia da superstição romana no espirito daquelles homiens!

E como queriam então que D. Pedro não se perdesse?

Rocha Pombo.





Neste maravilhoso instante da raça e do pensamento brasileiro, nenhuma iniciativa seria mais proficua, mais fecunda e mais urgente que a tarefa de fixar a orientação da nossa cultura historica, pedra de toque da consciencia e do sentimento nacional. Integrada na sua dupla função nacionalista e humana, deve ella ser encarada como força creadora de idealidade, imprescindivel ao espirito de progressão do organismo social como é indispensavel á sagrada permanencia da integridade ethnica, que é o principio gerador da unidade moral, politica e historica da nação. Em meio das incertezas e das apprehensões actuaes, o Brasil, com o singular fulgor de seus fastos e a sua formosa realidade, precisa crescer para a justiça, para a ordem e para a belleza, e resplender nas suas relações com o universo. Assim, pois, é a nossa historia que ha-de illuminar o roteiro do nosso esplendido destino: para isto basta que, sentindo o nosso passado, rico de prodigio e tocado de graça, e auscultando as nossas origens, que se ligam á fascinante civilisação latina, procuremos realçar a nossa epopéa nacional, resurgindo ou animando os heróes, os apóstolos e os precursores, proteger o instinto racial, definir a indole, o caracter ou o genio do nosso povo e intensificar o culto pela mãe patria — emfim, ser fiel á lei de constancia vital, que preside ao desenvolvimento da nacionalidade. Mercê da nossa filiação historica, podemos, através de tantas vicissitudes e de regimens politicos diversos, conservar unido, indissolúvel e forte o vasto imperio territorial que somos e, graças a essa surpreendente harmonia, consequencia da unidade da lingua, da religião, dos costumes, das tradições e, principalmente, das afinidades raciaes, havemos de ser um dos maiores Estados do mundo. Além do mais, sendo o Brasil uma sobrevivencia do passado e da mesma raça, não se comprehende possa elle viver divorciado de Portugal, quando tudo nos impelle a estabelecer mais poderosos vinculos effectivos e intellectuaes entre as duas Republicas.

Inspirados por estes ideaes e estes propositos, que se synthetizam na transformação dos nossos valores historicos e na solidariedade maxima das duas nações do mesmo idioma e do mesmo pensamento, para que se accelere a deslumbrante finalidade brasileira, resolvemos fundar o *Instituto Varnhagen*, sob o patrocínio do nome do glorioso brasileiro, que, com ter previsto esse magnifico movimento de cohesão nacional e emprestado á nossa historia uma função social, foi ainda o verdadeiro fundador da historia patria, o iniciador da critica e da erudição literaria no nosso paiz, o archetypus do homem de letras e do diplomata, o divulgador entre nós dos methodos scientificos de investigação anthropologica e archeologica, — em summa, o vulto primacial da historiographia, que tanto opulentou o nosso patrimonio intellectual.

Para a realisação de seu programma, e tendo em vista a congregação dos esforços de quantos no Brasil, em Portugal e no estrangeiro se dedicam ao estudo de nossos problemas historicos, sociologicos e literarios, o *Instituto Varnhagen* propõe-se:

- a) realisar, activar e estimular o estudo da historia nacional em suas varias modalidades, restaurando entre nós a perfeita consciencia do papel do historiador;
- b) contribuir para que o ensino educativo da nossa historia nos collegios e gymnasios, remodelado, abrangendo o culto da tradição, e da unidade nacional, a idea do sacrificio, a educação do sentimento e da vontade, a directriz mental e a refflorescencia da raça luso-brasileira, se torne uma fonte de energia e de patriotismo, e promover no mesmo sentido cursos ou conferencias destinadas á mocidade escolar;
- c) promover o intercâmbio intellectual entre o Brasil e Portugal, instituindo desde já cursos publicos de historia e de litteratura portugueza;
- d) concorrer para que se estreitem as relações com as sociedades, academias e individualidades do paiz e do estrangeiro, que se

preocupem com assumptos de historia ou de litteratura brasileira, animando-as e prestando-lhes assistencia, permutando informações, pareceres ou trabalhos impressos, e recolhendo ou communicando o resultado de estudos e pesquisas;

e) secundar no dominio dos seus estudos e na medida dos seus esforços o movimento de solidariedade continental das patrias americanas;

f) organizar, juntamente com uma bibliotheca de historia e litteratura, dotada de catalogos systematicos e de repertorios ideographicos, um archivo de documentação e um cadastro informativo;

g) constituir, methodicamente, a bibliographia das fontes da nossa historia e da historia literaria, e proceder á sua investigação, examinando, seleccionando, copiando, extractando e divulgando os documentos ineditos de interesse capital existentes nos mosteiros, nas igrejas, nas camaras municipaes e nos archivos publicos ou particulares do paiz ou do estrangeiro;

h) investigar ácerca da arte colonial, mediante visitas ás nossas igrejas, palacios, casas solarengas, monumentos e exame de vestigios, trabalhos e peças artisticas, redigindo monographias ou repertorios illustrados sobre o assumpto;

i) promover o estudo ou a organização da nobiliarchia e heraldica brasileira, como subsídio para a historia das nossas origens e costumes;

j) publicar ou promover a publicação systematica das obras completas de Francisco Adolpho de Varnhagen, acompanhadas de estudos criticos, analyses ou commentarios, adquirindo os originaes ou copias authenticas de todos os seus escriptos ineditos, e reunir desde já elementos para a sua biographia;

k) organizar inqueritos entre os especialistas e eruditos de notorio saber, ainda que não sejam membros do Instituto, sobre problemas controversos ou obscuros da nossa historia ou da nossa litteratura, divulgando as conclusões, e promover a discussão de theses ou questões relativas a esses assumptos entre os seus membros;

l) instituir concursos e estabelecer annualmente premios honorificos ou recompensas pecuniarias para os melhores trabalhos que apparecerem no paiz ou no estrangeiro sobre a historia geral do Brasil ou quaesquer questões particulares, que se relacionem com a nossa cultura historica ou literaria;

m) publicar uma revista ou boletim destinado á divulgação de seu programma e trabalhos;

n) auxiliar as instituições publicas ou particulares, toda vez que for solicitado o seu concurso para qualquer iniciativa que se relacione com a sua actividade.

O *Instituto Varnhagen*, com séde no Rio de Janeiro, terá dez secções permanentes de estudos brasileiros:

- I. Secção de historia geral;
- II. Secção de historia militar;
- III. Secção de historia diplomatica;
- IV. Secção de historia das artes e dos costumes;
- V. Secção de historia da litteratura;
- VI. Secção de bibliographia historica e literaria;
- VII. Secção de nobiliarchia e heraldica;
- VIII. Secção de estudos geographicos;
- IX. Secção de estudos economicos;
- X. Secção de ciencias sociaes applicadas ao Brasil.

Haverá igualmente no Instituto duas secções especiaes e permanentes:

- I. Secção de estudos portuguezes;
 - II. Secção de estudos de historia e litteratura da America.
- O *Instituto Varnhagen* compor-se-á de 70 membros effectivos e de numero illimitado de socios correspondentes, honorarios e pro-

rectores. A sua administração competirá a uma directoria composta de presidente, tres vices-presidentes, secretario geral, dois secretarios, thesoureiro e bibliothecario. Terá um Conselho Superior Consultivo, formado de pessoas de notorio saber, escolhidas dentre os membros effectivos, correspondentes e honorarios, e um Patronato, composto das pessoas ou instituições que contribuirão para a formação do patrimonio social ou concorrerem pecuniariamente para a sua manutenção.

O programma do *Instituto Vernhagen*, com ser complexo, é profundamente patriótico e destinado a realizações fecundas. Obra vasta, que não será tarefa para uma só geração, e que requer o concurso de todas as boas vontades, e não prescinde do apoio official e das instituições particulares do Brasil e de Portugal, determinará ella sem duvida, uma renovação opportuna ou, quando menos, um aspecto original da mentalidade e do sentimento brasileiro. Tudo indica que a nossa tentativa será coroada de exito, porque tem uma origem consciente, o patriotismo, e uma virtude cardeal, a esperança. E para essa tarefa meritoria, que surge desajudada, por emquanto, de favores officiaes e ainda sem o appulauo do publico, solicitamos a cooperação de todos os brasileiros e portuguezes, cujos sentimentos se harmonisem com as nossas idéas e os nossos propósitos.

Rio de Janeiro, 13 de Outubro de 1922.

Os Fundadores:

Rocha Pombo.
 Celso Vieira.
 Oliveira Vianna.
 Azevedo Amaral.
 Capitão Genserico de Vasconcellos.
 Victor Vianna.
 Bruno Lobo.
 Ronald de Carvalho.
 Elysio de Carvalho.
 Gilberto Amado.
 Roquette Pinto.
 José Augusto.
 Nelson de Senna.
 Pinto da Rocha.
 Eurico Valle.
 Gustavo Barroso.
 Tristão de Athayde.
 Tavares Cavalcanti.
 Renato Almeida.
 Levi Carneiro.
 Adolpho Konder.
 Francisco Valladares.

Nuno Pinheiro.
 General Moreira Guimarães.
 Capitão Estevam Leitão de Carvalho.
 Deodato Maia.
 Araujo Jorge.
 Ribas Carneiro.
 Alves de Souza.
 Pontes de Miranda.
 Raul Pederneiras.
 Capitão Jaguaribe de Mattos.
 José Maria Bello.
 Ezequiel Ubatuba.
 A. Carneiro Leão.
 Almachio Diniz.
 Rodrigo Octavio Filho.
 Adrien Delpeche.
 Flexa Ribeiro.
 Eurico Cruz.
 Mario de Vasconcellos.
 Hildebrando Accioly.
 Jorge Jobim.
 Heitor Lyra.
 Belisario Soares de Souza.
 Joaquim Salles.
 Abner Mourão.
 Theophilo de Albuquerque.
 Nogueira da Silva.
 Virgilio de Mello Franco.
 Americo Facó.
 Major Henrique Silva.
 Luiz Annibal Falcão.
 Octavio N. de Brito.
 Carlos Rubens.
 Olympio Barreto.
 Lemos Britto.
 Delgado de Carvalho.
 Lindolpho Xavier.
 Mario Bhering.
 Francisco Venancio Filho.
 Castro Nunes.
 Jackson de Figueiredo.
 Miranda Ribeiro.
 Sampaio Ferraz.
 Mario Barreto.
 F. A. Raja Gabaglia.
 Alcides Bezerra.
 Carlos Pontes.
 Tristão da Cunha.

Meios de transporte e vias de comunicação no Brasil
 (Dados officiaes da Directoria da Estatistica)

MOVIMENTO MARITIMO FLUVIAL

ANNOS	NUMERO DE EMBARCAÇÕES (Ent. e sah.)	TONELAGEM TOTAL	TONELAG. MÉDIA
1840.	11.297	1.417.491	125,4
1880.	19.532	8.576.093	439,0
1920.	49.565	49.711.370	1.002,9

ESTRADAS DE FERRO EM TRAFEGO

ANNOS	EXTENSÃO KM.	POR 1.000 KM. ² METRO
1860.	222,696	25,64
1890.	9.973,087	1.148,21
1920.	28.553,316	2.419,66

CARRIS URBANOS

ANNOS	EXTENSÃO KM.
1912.	1.159,900
1916.	1.337,455
1920.	1.434,818

MOVIMENTO GERAL DOS CORREIOS

ANNOS	CORRESPONDENCIA NUMERO DE OBJECTOS (1)	POR 100 HABITANTES NUMERO DE OBJECTOS
1840.	872.278	17
1880.	20.359.997	172
1920.	642.376.265	2.096

TELEGRAPHO NACIONAL

ANNOS	EXTENSÃO KM.	POR 1.000 KM. ² METRO
1890.	11.895,962	1,426
1905.	26.129,117	3,120
1920.	44.446,580	5,232

TELEPHONES

ANNOS	EXTENSÃO KM.	NUMERO DE APPARELHOS
1907.	19.456,000	15.203
1915.	31.051,115	45.713
1920.	44.983,430	58.535

(1) Comprehende a correspondencia collectada, distribuida e em transito.

ESPIRITO DE REVOLTA

O Pamphleto no Primeiro Imperio

E' num avulso da escola pamphletaria, o *Despertador Brasiliense*, impresso miudamente em duas e meia paginas, que ouvimos bater a grande hora nacionalista: "Vêde, ó Brasileiros, o que em tal conjunctura melhor vos convem... Eis o momento em que deveis decidir-vos. Lançae mão deile..."

Assim, o *Despertador*, de França Miranda, com sonoridade vernacula, dava a sua hora inicial. E a primeira claridade matutina descia no *Revcrbero Constitucional Fluminense*, de Joaquim Gonçalves Lêdo e do Conego Januario da Cunha Barbosa, accendendo o patriotismo á geração baptisada com o sangue dos inconfidentes mineiros e dos revolucionarios pernambucanos. Clarins em fogo, bandeiras em festa annunclavam a radiosa elevação do novo emblema auri-verde, emquanto eram apregoados pela cidade inquieta *O Brasil, O Espelho, O Constitucional*, folhas candentes e ephemerias. Crepitava uma ironia fuzilante na epigraphe de outras, burlescas e nativistas— *O Macaco Brasileiro, O Papagaio Volantim, O Malagueta*, onde Luiz May actualisara o conceito de Duprat, segundo o qual nos deixaria independentes o barco que levasse a familia de Bragança.

Logo depois da independencia, o *Despertador Constitucional* succede em oportunidade ao *Despertador Brasiliense*, como o problema da organização, juridicamente esboçada pela Constituinte e realisada pelo Decemvirato, succede na Historia ao da emancipação. Nesse periodo, com essa tendência, culmina o *Regulador*, de Frei Sampaio — um dos nossos monges guerreiros. Quando se exteriorisa, em 1823, a fatal propensão anti-nacionalista e anti-democratica do rei-soldado, perdido como estava para os brasileiros, entre as chalaças do favorito e os amplexos da marquezia, apparecem duas gazetas de combate, a *Sentinella* e o *Tamoyo*, que representam duas columnas de patriotas volantes, pugnando através do Brasil, pelo Brasil, contra a deslealdade e o portuguezismo da corôa. A *Sentinella* é jovial, desde o sub-titulo (*Sentinella da Liberdade, á beira do mar da Praia Grande*); o *Tamoyo* é solemne, desde a influencia patriarchal de José Bonifacio e os versos francezes da legenda:

*Tu vois de ces tyrans la fureur despotique,
Ils pensent que pour eux le ciel fait l'Americque.*

Tamoyo e *Sentinella*, arautos da Imprensa politica no Brasil, são verdadeiros pamphletos, rijos pamphletos nacionalistas, com igual impetuosidade na sua disseminação, um advertindo, outro chacoteando, batendo-se os dous pelas formas constitucionaes do governo monarchico.

Essa incorruptivel *Sentinella* á beira do mar da Praia Grande, em Nitheroy, como já o tinha sido, republicanamente, na guarita de Pernambuco, em 1823, não é senão o patriota Cypriano José Barata de Almeida, um daquelles insubmissos e valorosos deputados, que o Brasil enviara ás côrtes de Lisboa e que haviam desafiado pela altivez liberal, pelo brasilismo sem faja, todos os raios e todas as chufas da metropole.

Com a sua oratoria bahiana, o seu diploma conferido pela Universidade de Coimbra, o seu temperamento decisivo e pugnaz, é esse homem, "breve de corpo e resolutivo de espirito" como se descreveu a si mesmo, perante os lusos, pasmados de tanta ousadia, o nosso mais antigo e menos glorificado *leader* nacionalista.

Em 17 de dezembro de 1821, elle propôz á assembléa reinicola, preliminarmente, a suspensão dos debates constitucionaes até á chegada dos deputados americanos. Pequeninico e indomavel, quasi sexagenario, mas remogado na luta pelo calor da terra natal, pela secreta flamma da sua idealidade combatente, affrontou em Lisboa as furlas coloniaes do parlamento, do governo, da popuiança. Foi um dos deputados brasileiros, que se evadiram do reino, a bordo de um navio inglez, para não ser victimados. Nas aguas de Funchal, tentaram desembarcal-os á força os madeirenses, tão exasperados e bravios quanto os lisboetas.

Dezeseis annos, vividos ainda na patria independente, foram de pelejas, sacrificios e tormentos para o velho campeador brasileiro. Em 1823, havendo já fundado, redigido as duas *Sentinellas da Li-*

berdade, a do norte e a do sul, é preso em Pernambuco, e preso até 1829, por não acceitar o mandato á primeira Constituinte. Aquebrado e mortificado, veridica imagem do patriotismo no captiveiro, sob os longos cabellos alvejantes, elle traça dolorosamente, nesse abandono, os *Motivos* da sua prisão e desgraça, allegações e defesas, o recurso interposto de uma sentença innominavel, que o havia condemnado á clausura perpetua.

Mal se entreabrem as portas do seu ergastulo, Cypriano Barata, quasi septuagenario, recomeça a escrever, a imprimir, a divulgar folhas patrioticas e vehementes, *Sentinellas da Liberdade* no Rio e em Pernambuco, atalaias que se multiplicavam por todo o Brasil nos passos e nas vozes de outras sentinellas heroicas. De novo o aprisionam, de novo clama o velho pamphletario, na masmorra, pelo ar e pelo sol da liberdade, aureola e supplicio, paixão no sentido maravilhoso dos Evangelhos, toda a longa paixão de uma existencia crucificada sob os espinhos do seu ideal. E ao cabo de torneios, recontros, lutas em que o gladiador septuagenario arcava contra os gigantes de ferro da tyrannia, acabou Cypriano Barata, placidamente, como um sabio no seu horto, ensinando o abecedario ás crianças de uma aldeia do norte.

Já em 1821, naquella mesma guarita pernambucana, onde surgiria depois a *Sentinella da Liberdade*, o padre Francisco Ferreira Barreto publicava *O Relator Verdadeiro*, nucleo de opiniões e sentimentos liberaes, que tanto fez pela independencia, mas do qual se desviou o clerigo, absurdamente, para se metter no labyrintho da sociedade ultra-conservadora e secreta, denominada *Columna do Throno*. Uma legião de escribas insuflados pelo genio do pamphleto revelava, assim, ao Brasil independente os fulgores e as miserias do jornalismo. Basta nomear Luiz Augusto May, *enfant terrible* de uma imprensa ainda pueril, que se desenfaixava para gatinhar e agatanhar, como já vimos, na *Malagueta*, depois na *Malagueta extraordinaria*; Felipe Menna Callado da Fonseca, estridulando na *Segarrega*, por todo um verão e todo um inverno, depois de haver combatido entre os herôes de 1817; José Sylvestre Rebello, um pamphletario epistolar e faceto, com o extranho pseudonymo de *Trezgeminos Cosmopolitas*; Luiz Moutinho de Lima, Alves da Silva, notavel pela intrepidez e garrulice do seu *Papagaio*; Faria de Lima, redigindo entre os perigos dessa hora verde e amarellela *O Brasileiro em Portugal*; Venancio Rezende, que hostilizava as formas dynasticas no *Maribondo* e na *Gazeta Pernambucana*; emfim, o martyr do pamphleto no Brasil — Frei Caneca. Mas havia já um pamphletario da reacção monarchica, e formidavel. José da Silva Lisboa, o economista, depois Visconde de Cayrú, que em 1824 lançara com o pseudonymo de *Philopatris* o *Rebate Brasileiro*, atroantemente, por afugentar o espirito revouicionario do *Typhis*. A Confederação do Equador, nesse anno heroico e sangrento de 1821, foi o alvo das suas frechas terriveis — *Appello á honra brasileira contra a facção federalista de Pernambuco; Guerra da penna contra os demagogos de Portugal e do Brasil; Historia curiosa do mau fim de Carvalho & Companhia* (Manoel Paes de Carvalho e os seus companhelros) *a bordoada de pau-brasil, Pesca de tubarões do Recife*. Exterminados os federalistas pernambucanos, Silva Lisboa empenha-se bellicosamente, num *Desforço patriotico* de 35 paginas, contra o vago libello portuguez de um inimigo da independencia do Brasil, que o publicara em Londres, sob anonymato. E de Londres, em 1825, transportava-se ao Rio da Prata, arremessando novos opusculos, novos dardos, como a *Desaffronta do Brasil a Buenos Aires desmascarado* e a *Recordação dos direitos do Imperio do Brasil á provincia Cisplatina*. Era conservador e conquistador. Tinha reforçada pela erudição a dialectica impetuosa — e um grande orador, Mont'Alverne, confessou que só elle o havia feito emmudecer na poiemica.

Em poderoso contraste á figura gigantesca desse polemista da Ordem, avuita o herôe pernambucano Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, indomito pamphletario da *Polemica partidaria*, das *Cartas de Pithias a Damão*, do *Typhis*. Como toda ascensão humana pressuppõe o martyrio, a esta lei deveria obedecer o pamphleto, rutinante de gloria intellectual, conjugando-se ás maiores aspirações de liberdade, progresso e belleza, que têm perpassado através da

essa historia. O grande martyr do pamphleto no Brasil é esse ho de lanceiro, frade carmelita, duas vezes revolucionario, duas vezes acorrentado pelo despotismo: em 1817, para soffrer, durante quatro annos, a desolação do cárcere, na Bahia; em 1824, para tornar famoso, como um heróe, no largo das Cinco Pontas. Te. Carneca revoltara-se pela independencia brasileira, sob Dom João VI; pela constitucionalidade monarchica, sob D. Pedro I. Homem de vasto pensamento, de forte acção, erudito e eloquente, preceptor de grammatica e geometria, rhetorica e poetica, philosophia racional e moral, foi elle, sobretudo, um polemista aparelhado para duellos mortaes, um lidador sem desanimo no campo das idéas novas, um pamphletario cuja penna desfechava revoluções. O despotismo viu nesse attributo o maior perigo do Norte, sublevado e trep.dante. São os vinte e oito numeros do *Typhis Pernambucano*, o pamphleto da Confederação do Equador, vibrantemente redigidos pelo frade ultra-liberal, que impressionam os juizes até aos fundamentos da sentença de morte, onde a *criminalidade do reo* é litteralmente assignalada pelo que ele "publicou no periodico *Typhis*, desde a folha 44 usque 74, a cuja incendiaria doutrina se refere em suas respostas" Inutilmente havia explicado Frei Carneca aos membros da commissão militar: "que a soberania reside na nação, que a nação é quem se constitue e por meio dos seus representantes em côrte — dous pontos cardeaes em que rola toda a doutrina — são duas verdades confessadas por S. M. no decreto de 3 de junho de 1822, no manifesto de 6 de agosto do mesmo anno, aos povos e nações amigas, além de outras occasiões. Nada entenderam, nada lhe ouviram os juizes, e afinal foi condemnado á morte o pamphletario do *Typhis Pernambucano*, gloria da sua crença e da sua raça.

O pamphleto nativista apparece em 1822, com a fogosidade marcial de um bahiano, o coronel Araujo Guimarães, que lança o primeiro desafio ao elemento portuguez no seu famoso avulso da época: *Um cidadão do Rio de Janeiro á divisão auxiliadora do exercito de Portugal*. Incendiam-se os odios da caserna, á explosão desse projectil, arremessado pelo coronel brasileiro. Corre o boato de uma ordem sinistra do general Jorge de Avilez. Mas não se intimida o bravo coronel-pamphletista, e a sua campanha luso-proba prosegue ardentemente no *Espelho*. Ignacio José de Macedo affirma, na *Edade de Ouro*, que essa foíha, sobreexcitando a opinião dos naturaes da terra, causava maior damno aos portuguezes que um exercito de dez mil homens. A esse tempo, como para mostrar que o soldado e o padre se irmanam em quasi todos os movimentos civicos da nossa historia colonial e imperial, o destemido padre Luiz Gonçalves dos Santos rebatia as offensas ultramarinas em opusculos e artigos, ora dirigidos ao *compadre de Lisboa*, ora ao *campeão portuguez em Lisboa*.

Havia episodios singulares na estréa do pamphleto nacional. João Antonio Garcia Abranches, portuguez naturalizado e polemista nato, iniciara o temivel genero de publicidade no Maranhão, com o *Espelho critico-politico* e o *Censor*, que lhe valeu afinal a deportação, por ataques movidos á soberana pessoa de lord Cochrane. Dessa tempestuosa ascendencia brotara um filho morigerado, conservador, legalista — Frederico Magno Abranches. Emplumado por vocação, e attingindo a maioridade, começou Frederico a redigir o *Argos da Lei*, antagonista do *Censor*. Pae e filho viviam sob o mesmo tecto, e ás vezes, sentados um defronte do outro, á mesma banca de trabalho, dilaceravam-se a golpes de penna, escrevendo furiosos artigos, na infindavel rixa do *Censor* e do *Argos da Lei*. De quando em quando, nesse originalissimo duello, tinham os dous uma palavra amiga, um olhar carinhoso, a espontanea doçura de um sorriso. Mas logo volviam ao papel, ao combate: remergulhando na mesma tinta as suas pennas inimigas, embebendo as suas armas no mesmo sangue, Abranches pae e Abranches filho, este brasileiro e conservador, aquelle portuguez e demagogo, continuavam a bater-se raivosamente, como dous athletas irreconciliaveis.

Constitucionalismo e nativismo foram, assim, as primeiras idéas que nos attrahiram, não só no primeiro estadio social da Independencia, mas antes della, quando romperam as hostilidades entre a maioria das Côrtes Geraes de 1821 e o sentimento brasileiro, apoucado pelas tendencias colonisadoras daquelle Congresso, tão insidioso quanto inexperto no seu apparato legislativo. Aos parlamentares da metropole, em 1822, abertamente dizia Antonio Carlos: "... conhecemos as traças com que se pretendem restabelecer as antigas cadeias e, apezar da nossa repugnancia, juramos de antes morrer do que nos sujeitar aos nossos eguaes." Ah! temos a genese verbal do *Independencia ou Morte*. E á socceba apparece de Antonio Carlos, na tribuna portugueza, como

nosso deputado, echoariam outras, ainda mais ardorosas, nas cidades brasileiras do norte e do sul, com a legião de periodicos, de opusculos, de pamphletos, que veriamos surgir, marchar, crescer tumultuosamente, invocando e repetindo os conceitos do abbae Armitage, depois de abolida a censura. Assim escreve o ponderado Armitage, continuador laborioso da *Historia do Brasil* de Souney: "... desenvolveu-se uma energia até entao desconhecida; e principiou a imprensa a produzir numero infinito de publicações periodicas.

Symbolicamente, para designar o acto da sua coroação no hemispherio austral, com estrellas irrivalisaveis, a magestade acclamada resolve estabelecer uma ordem de cavallaria, fulgurante e maxima: a *Ordem Imperial do Cruzeiro*. Todos exaltam a idéa, o signio, a ordem. Mas um protesto rompe na orchastração unsona desses applausos, na consonancia festiva desses epimios. O menoz americano das facéis condecorações, até mesmo das constellações, quando reduzidas pelos monarchas ao typo nominal da comenda e ao uso decorativo da lapella, é um aviso dado em 1822 ao imperante. Como? Sem rebugo, quasi podemos dizer sem recato, na linguagem das verdades nuas e crúas, detonadas em pleno dia. E ainda o pamphleto que as vibra ao rosto de S. Magestade, o pamphleto que se desintegra e se emancipa do jornalismo, o pamphleto insolito, mas autonomo, filho das provincias do Norte, decidido a pelear contra os moinhos feudaes, e todas as Ordens possiveis de cavallaria, brandindo a sua lança ou, melhor, a sua penna. Com o ar de um folheto escripto para as barricadas, não obstante denominar-se gravemente — *Analyse do Decreto de 1º de Dezembro* — nada temia ou respeitava, acercando-se do imperador, como de um inimigo. Escandalizado, observa o prudente Armitage: "Em todo esse folheto transcendiam declamações exageradas contra tudo quanto a nova administração havia executado, e o desejo de augmentar a desaffeição que existia na Bahia e em Pernambuco á mal firmada autoridade de S. Magestade Imperial". O pamphleto bahiano era da lavra, ou antes, da forja de Acayana de Montezuma, o desenganado redactor do *Independente Constitucional*, temerario publicista que, sob o longo pseudonymo de *brasileiro amante da sua patria*, justificaria mais tarde, com o mesmo fogo, em outro pamphleto, a opposição de 1831 a 1832.

Atecache sobre a Constituinte, em 1823, a colera fulminante do Imperador, que o *Tamoyo* e a *Sentinella* exasperavam com as suas invectivas ao poder, o seu nativismo sempre alarmado, infenso ao predomínio, á orientação, ao engajamento de militares portuguezes no exercito do Brasil. A mensagem de Pedro I á Camara, exigindo satisfações pelos ataques feitos em diversos periodicos aos sentimentos de S. Magestade e á honra dos officaes e tropas acampados em S. Christovão, os lances da terrivel noite, que os liberaes chamaram a *noite d'agonia*, as boccas de fogo assestadas contra o Legislativo, a dissolução da assemb.éa, emfim, tudo foi consequencia de actividade mais ou menos pamphletaria, desde o nosso tempestuoso começo.

Remetendo a violencia de taes processos, o banimento de jornalistas audazes, como o redactor do *Correio*, os Andradas e o portuguez Abranches, do *Censor*, que atacara lord Cochrane, maiores vexames e affrontas á liberdade da imprensa, em outros casos, tinham suffocado por tres annos o periodismo nacional. Imprevistamente, porém, das cinzas dessa liberdade resalta a chamma de um pamphleto, abrasando o nosso liberalismo — *Reflexão sobre o tratado de independencia e a carta de lei promulgada por Sua Magestade Fidelissima*, — obra irreverente de um francez, Pedro Chapuis, que em Madrid havia já provocado as furias do governo hespanhol. O intuito das *Reflexões* de Chapuis era cortar o vinculo, que entre Portugal e Brasil, dynasticamente, restabeleciam as palavras da carta de lei de S. Magestade Fidelissima, em tempo de paz ou de guerra, declarando herdeiro legitimo á corôa portugueza o nosso imperador. Muito não tardou que o pamphleto estrangeiro, comquanto apolado pelo frade Sampaio, venerando escriba do *Regulador*, fosse compellido a deixar o Brasil, como indesejavel para a dynastia luso-brasileira. Assim o pamphleto se reanimava e reaparecia, com attributos perigosos, ainda mais perigosos que os de 1822, na historia politica do primeiro Imperio.

Dissolvida a Constituinte, seguiu-se um lustro de ausencia do pamphleto, do periodico excessivo e affeito, mordaz e brigão, que não cortejava o Paço nem o Ministerio, alardeando as suas idéas, provocantemente, quer para debater, quer para golpear. Só as folhas ministeriaes, em genuflexão diante do monarcha, dos principes e dos conselheiros, num servilismo fastidioso e invertebrado, personificavam a imprensa. Mas não findaria a guerra do Prata, com o bloqueio de Buenos Aires, Ituzaingo, a perda da provincia Cis-

platina e outros episodios infelizes, sem que o pamphleto castigasse a indolencia, o sybaritismo, a ganancia de Rodrigo Pinto Guedes, almirante dos nossos desastres. Basta citar um opusculo de Maciel da Costa: "O Barão do Rio da Prata nú e crú, tal qual é e sempre foi". Pouco depois de installada a Assembléa Legislativa, em 3 de maio de 1828, resurgem os libellos politicos — jornaes ou pamphletos —, num impulso quasi assombroso. "... Apareceu uma quantidade de jornaes — escreve Armitage — pugnando pelas opiniões e interesses da opposição. Muitos desses periodicos eram exaggerados no seu estylo, e faltos de logica nas suas conclusões. Comtudo, o espirito em que eram escriptos agradava ao povo, e a sua influencia em todo o Imperio era prodigiosa.

Então, o reinado incontestavel da litteratura pamphletaria, entendida como litteratura jornalística de combate, domina todo o periodo, que vae desde 1827 a 1835. Sobre a cortejanice das gazetas ministeriaes e a demagogia das folhas opposicionistas, no horisonte que se inflammava, aos primeiros clarões da revolta, desponta a *Aurora Fluminense*, de Evaristo Ferreira da Veiga, publicista-orientador, pamphletario modear, consciencia brasileira no seu estado mais radiante de patriotismo, abnegação, idealidade. E o jornalismo politico, expoente que se fazia já exp. osivo, concentrando os resentimentos, as coleras da nacionalidade insubmissa ao forte querer de D. Pedro I, alastrava de norte a sul, como poivora, que adubasse o terreno para deflagrações revolucionarias.

Assim, em 3 de maio de 1824, a Fala do Throno denunciava magesticamente a liberdade de imprensa, exigia a coerção da sua intemperança e do seu anarchismo. Mas logo Evaristo da Veiga, na *Aurora Fluminense*, retrucou á ira do Senhor D. Pedro I com uma traducção e um desafio — a impecavel traducção das cartas de *Junius* ao duque de Grafton, apenas duas; o cavalleiresco desafio a que apontassem os escribas ministeriaes, no jornalismo independente, algo semelhante á mordacidade e ao azedume da linguagem britannica. Victoriosa, a dialectica de Evaristo repercutiu na Camara e no Senado. Arvorava-se o pamphleto inglez por excellencia — *As cartas de Junius* — á maneira de um estandarte, sobre a liberdade da imprensa no Brasil! E recresceu a onda tempestuosa do jornalismo pamphletario; o seu impeto redobrou até á queda de D. Pedro I, ainda muito depois...

O governo imperial já era em 1830, dest'arte, o preferido alvo da fuzilaria de quarenta periodicos impacientes, desbocados, subversivos. Echos de regosijo, mesmo de inconfidencia, correspondem aqui ao tr. duo revolucionario de julho em Pariz, o soberbo triduo da const. tução liberal contra as ordenanças absolutas, das barricadas contra os suissos, de Lafayette contra Marmont, durante o qual se levanta a plebe amotinada e coerica, invadindo o "Hôtei de Ville", as Tulherias, o Louvre, como nos primeiros dias da Marselheza, e baqueia em sangue o poder quasi funebre dos Bourbons, com o throno de Carlos X, phantasma evanescente da monarchia de direito divino. Fogam os liberaes, tremem os *corcundas* (nome com que eram alcunhados os antigos *caramurús* ou restauradores), e entro as luminarias do Rio, de S. Paulo, da Bahia, de Pernambuco, entre

as subscripções abertas para a tentativa de uma expedição anti-miguelista, começando pelo retorno dos emigrados portuguezes á Europa, surge um pamphleto inverosimil — o *Republico!* Sim, o *Republico* de 1830, paladino da Republica Federativa, ingenuo, destemeroso, apaixonado como um vidente, a lidar e a sonhar na bruma das instituições porvindouras. Quasi sessenta annos depois, o seu appello vibrará nos clar. ns de uma columna em marcha, comandada por Deodoro da Fonseca. E é ainda em 1830, data illustre de rebeldias e reivindicções, que em S. Paulo tomba o jornalista Badaró, italiano, o heróe do *Observador Constitucional*, ferido de morte pelos reaccionarios, exhalando o ultimo alento em phrase digna de Brutus: "*Morre um liberal, mas não morre a liberdade.*"

O sacrificio do impavido Badaró, longe de atemorisar, concitou o espirito pamphletario a um levante de escudos ainda mais tumultuoso. Por toda a parte, os ultra-liberaes desafiavam as instituições, venciam o throno, influenciado pela mentalidade retrograda e colonial de homens, que não tinham lucidez nem coração para sentir, nesses primordios da vida americana, a força exuberante e indomavel de uma v. da nova, cuja torrente despedaçava os marcos e moldes politicos do passado europeu. Assim, o pamphletario do *Republico*, Borges da Fonseca, levado ao Jury por usar "de linguagem anti-constitucional", é unanimemente abso. vido. A *Luz Brasileira*, luz relampeante de tempestade sobre o Pago, não só apregôa a federação, mas tambem assoalha que os trahidores e absolutistas se envolvem, commodamente, no estatuto de 1824. O *Tribuno* fala com a vehemencia dos exaltados: urge desfazer a monarchia hereditaria, fundar um governo elect. vo.

Dia a dia, na Côte e nas provincias, a impopularidade e o isolamento faziam a D. Pedro I uma atmospherá quasi regelante. Inflexivel, trabalhava demoniacamente contra elle o espirito pamphletario, de modo tal que as proprias insignias, conferidas pelo monarcha, affligiam os vassallos predilectos. Allusões, doestos, invectivas, remoques, tudo era desfechado na linha de fogo jornalística, vibrantemente, para abater o imperador ou arrasar o imperio. E eis que os sentimentos collectivos, de subito, precipitam na historia brasileira acontecimentos formidaveis. Minas acoihe o soberano com a fria reserva, que se dispensa a um estrangeiro antipathico; a noite das *Garrafadas* incuba os odios nativistas para uma expansão irresistivel; o germen revolucionario fermenta nas sociedades secretas; communica-se a faúlha da insubm. ssão ás tropas descontentes. Não tarda que o idolo nacional de 7 de Setembro de 1822, agora desthronado pela fatalidade impulsiva dos seus erros, desapareça através da renuncia de 7 de abril de 1831. Pedro I abdica e embarca...

Dest'arte flammeja, triumphá o nosso espirito de revolta. E o pamphleto auri-verde, ultra-liberal, ign. potente, flammejando com elle no mesmo triumpho, acena como um poder inabalavel e desde-nhoso ao fluctuante esquife do primeiro imperio — a não ingleza *Warspite*.

Celso Vieira.

Quadro geral indicativo da situação do ensino primario no Brasil

ESTADOS	Escolas complementares	Grupos Escolares e Escolas reunidas	Escolas isoladas	Escolas Municipaes	Escolas Particulares	População	População Escolar (7 a 12 annos)	Renda do Estado	Despesa com o Ensino Primario	Porcentagem da despesa
São Paulo.	10	246	1.816	423	1.129	4.592.188	765.364	137.484:000\$	23.218:000\$	16 %
Districto Federal.	83	—	402	—	—	1.157.873	192.979	67.042:842\$	11.081:120\$	17 %
Minas Geraes.	1	171	1.566	571	883	5.888.174	981.362	56.189:056\$	6.384:587\$	15 %
Rio Grande do Sul.	1	9	1.981	240	427	2.182.713	363.785	34.300:000\$	4.097:614\$	12 %
Bahia.	—	7	611	185	143	3.334.465	666.744	29.361.500\$	1.450:000\$	5 %
Pernambuco.	—	7	232	600	250	2.154.835	359.139	25.907:318\$	775:792\$	3 %
Rio de Janeiro.	—	50	453	—	—	1.559.371	259.895	21.471:119\$	2.403:094\$	11 %
Paraná.	2	38	554	35	53	685.711	114.285	11.917:184\$	1.326:589\$	11 %
Amazonas.	—	14	74	—	23	363.166	60.527	9.595:000\$	1.001:400\$	10 %
Paraná.	24	25	88	—	128	983.507	163.918	9.593:966\$	1.005:773\$	10 %
Santa Catharina.	7	17	455	79	168	668.743	111.457	7.158:000\$	1.503:000\$	20 %
Parahyba.	—	9	195	36	30	961.106	160.184	6.722:560\$	680:000\$	10 %
Alagoas.	—	2	275	—	—	978.748	163.124	6.497:465\$	509:116\$	8 %
Ceará.	—	10	422	—	60	1.319.228	219.871	5.898:178\$	1.052:590\$	17 %
Sergipe.	—	3	267	2	22	477.064	79.510	5.489:748\$	519:480\$	9 %
Espirito Santo.	1	2	260	29	34	457.328	76.221	5.406:500\$	532:468\$	10 %
Maranhão.	—	10	160	—	—	874.337	145.726	5.302:480\$	448:570\$	8 %
Matto Grosso.	—	4	155	11	—	246.612	41.102	4.718:230\$	601:624\$	12 %
Rio Grande do Norte.	—	31	80	—	—	537.135	89.522	4.033:000\$	432:118\$	10 %
Goyaz.	7	1	123	—	41	511.919	85.319	2.113:681\$	152:260\$	7 %
Piahy.	1	3	80	—	—	609.003	101.500	1.932:871\$	195:000\$	10 %
Total das unídades.	127	654	10.149	2.211	3.389	30.635.605	5.105.000	446.637:241\$	59.570:159\$	11 %

EL LIBERTADOR Y EL EMPEADOR

A' requintada gentileza de D. Diego Carbonell, ministro plenipotenciario de Venezuela, devemos o artigo que a seguir inserimos, em que o illustre publicista estuda a situação de Bolívar em face da nossa independencia. Superfluo é assignalar aos leitores o nome que o firma, porque é o mesmo vantajosamente conhecido nos nossos circulos literarios, scientificos e politicos, pelo fecundo trabalho de pensador, pelos interessantes escriptos scientificos que tem publicado, pela sua intelligente propaganda no sentido de melhor se conhecerem os dois paizes e pela avisada actuación diplomatica. Intelligencia esclarecida, robusta e moça, servida por uma vasta, solida e brilhante cultura, é, sem lisonja, uma das mais lidimas expressões da mentalidade continental, e capaz ainda de mais brilhantes realizações no dominio da sciencia como na esphera da literatura pura ou da historia. O seu labôr é surprehendente. No espaço de poucos annos publicou seis livros notaveis pelas ideias, conceitos e opiniões originaes que nelles se agitam, a saber: *Psicopatologia de Bolívar*, *Botânica y Biología*, *Del caos al hombre*, *Juicios históricos*, *A mi hermano el obrero* e *Reflexiones históricas y conceptos de crítica*, estes tres ultimos editados no Rio de Janeiro. Tem ainda em impressão *Escuelas históricas en América*. Cada uma dessas obras traz a marca inconfundível da pujante personalidad do antigo reitor da Universidade de los Andes e valem todas como brilhante affirmación do que ha de mais profundo, mais excellente e mais constructivo no pensamento venezuelano. Os seus estudos filiam-se ás correntes idealistas universaes, mas é ás fontes americanas que vae buscar de preferencia os seus temas, os fundamentos de suas analyses, os elementos para suas syntheses historicas, o material, quasi sempre inedito, de suas reflexões, muitas paginas de seus livros sendo consagradas a problemas ou assumptos historicos brasileiros. Com estas linhas, ao mesmo tempo que tornamos publica a nossa gratidão, quizemos testemunhar o alto apreço em que temos D. Diego Carbonell, como sociologo, como historiador, como critico e como psychologo.

Se ha dicho muchas veces que el Libertador quiso atacar el Imperio, y que habría considerado como una impostura en el corazon de la América libre la corona de los Braganza; afirmase que Bolívar detuvo alguna vez su cabalgadura de César, y por un instante vaciló en soltarle las riendas para que siguiese, con el convoy republicano, hacia las tierras longinuas de Mato-Grosso en donde el Mariscal Sucre pretendió establecer su tienda épica... Mas, la historia merece un comentario, sobre todo en estos instantes en que el Brasil celebra en compañía de toda la América, el centenario de su independencia política.

Sucre quiso castigar un gesto del español Sebastián Ramos, cuando este gobernador de Chiquitos pidió a las autoridades imperiales de Mato-Grosso, su consentimiento para anexar su provincia al territorio brasileño.

Paréceme, contra la opinión de O'Leary, que el tratado se explica de ambas partes: Ramos se vió perdido ante la marcha victoriosa de las huestas patrióticas; pensó que Portugal y España vivían en paz y no eran repúblicas... Del otro lado, el gobernador de Mato-Grosso, que no tenía desde luego nexos alguno con la causa bolivariana, ciertamente que no vió falta en aquella conquista relativamente fácil, y tan luego como quedó

establecido el tratado, Araujo e Silva, de orden del gobierno imperial, marchó a tomar posesión de Chiquitos.

Claro es, el militar brasileño debía pasar por el territorio que protegieran los estandartes de Ayacucho, lo cual equivalía a colocar en el conflicto de una decisión que era de soberbia, de orgullo y de honor inconfundible, al manso y dignísimo Mariscal Sucre. Su nunca bien ponderada prudencia negóse a callar, y en un arranque digno de aquél que "tuvo siempre el exquisito cuidado de encubrir las violencias del carácter más irascible, puntilloso y delicado", dirigió esta frase al impetuoso Araujo e Silva: "No puedo persuadirme que US. tenga órdenes del Gobierno del Brasil para la invasión que nos ha hecho; y la conducta de US. marchando de mano armada a posesionarse de un modo usurpador de esa parte de nuestro país, sin haber precedido una notificación de guerra ni explicación alguna, es la violación más escandalosa del Derecho de gentes y de las leyes de las naciones y un ultraje que no sufriremos tranquilamente..."

Y así era la verdad, pues "Araujo fué depuesto" aunque más tarde quiso cometer desmanes por propia cuenta. Mas, lo esencial es saber que el Gobierno Imperial nunca protegió la invasión incalificable del oficial brasileño. Al contrario, Su Majestad el Emperador debía estar convencido, aunque no fuera esa la opinión de los señores plenipotenciarios Alvear y Díaz Vélez, de que "nuestro Gobierno, como advertíalo Sucre, desea el mantenimiento de la paz y de la más estrecha amistad entre los gobiernos americanos". Además, Bolívar tuvo la intención de enviar a su teniente Daniel F. O'Leary a la propia Corte fluminense para "insinuar privadamente a los ministros de S. M. imperial que la restitución de la Banda Oriental aseguraría la paz del continente y la buena voluntad de las repúblicas hacia el Emperador". lo cual, como se ve, no corresponde al lenguaje de quien hubiera tenido aviesas intenciones: corresponde, claramente, a la idea dominante en el Libertador: la confraternidad suramericana. La misma aptitud de Bolívar ante la consulta de Sucre, está proclamando el pensamiento del grande hombre: como el Mariscal le hiciera ver la conveniencia de invadir el territorio imperial, Bolívar, como se sabe, "anduvo cauto en sus instrucciones, dió al asunto todo el peso que merecía", pero "desaprobó el celo de Sucre", quizá por haberse convencido de que la Santa Alianza nada tenía que ver en el incidente de Chiquitos, y sobre todo, por estar convencido de que "Don Pedro era un príncipe americano, recién independiente de la Europa, que se halla envuelto en nuestra noble insurrección y que ha levantado su trono, no sobre débiles tablas, sino sobre las indestructibles bases de la soberanía del pueblo y de la soberanía de las leyes", lo cual sería para el Libertador un motivo capital para no negar a las instituciones imperiales ciertas tendencias democráticas, pues quien escribe aquello es porque admite esto.

El mayor interés de esa frase está en el destino que le cupo a la correspondencia de donde ha sido tomada: pertenece a la respuesta que dió Bolívar a los plenipotenciarios de la misión argentina, los señores Alvear y Díaz Vélez, cuando en el Potosí fueron recibidos en audiencia pública el 16 de octubre de 1825.

Probablemente arranque de tal misión disociadora, la leyenda de que Bolívar quiso llevar el espíritu de rebeldía hasta el territorio lusitano de América. Mas, hoy no es posible valerse de semejantes armas para menoscabar la tradicional y mutua simpatía de brasile-

ños y suramericanos del extremo norte: el accidente de Chiquitos tiene su explicación única, y si en algunas expresiones de Bolívar se pudiera reconocer una como incertidumbre ante la exigencia de los diplomáticos argentinos, ella obedecía a una imposición momentánea de la sutil diplomacia del Libertador cuando necesitó por un instante contemporizar, entre ciertos límites bien entendido, con los incansables señores Alvear y Díaz Vélez.

Es necesario precisar: la condescendencia no fué más allá de las palabras, y hasta en esto fué muy parco el héroe, pues cuando los plenipotenciarios del Plata indicáronle la conveniencia de "pedir al Emperador en nombre de las repúblicas de Colombia, el Perú, el Plata y Chile, si fuere necesario, una satisfacción por la invasión de Moxos y Chiquitos, y que dejase a la provincia de Montevideo en libertad de disponer de su suerte futura, protestando al mismo tiempo que, en caso de negativa, apelaría a los medios necesarios para hacerse justicia, "Bolívar aprobó la tendencia inspirada en la equidad, pero "expresó el sentimiento de que sus compromisos con el Perú y su dependencia del Congreso y Gobierno de Colombia, le impidieran tomar parte activa en la reivindicación de los derechos de un Gobierno que él estimaba"; y luego habló de la Confederación de Panamá, a cuyo Congreso Internacional, como se sabe, fué invitado el Brasil.

La misión Alvear-Díaz Vélez fué uno de los más ruidosos fracasos que haya sufrido la diplomacia mal aderezada en presencia del astuto y bien intencionado libertador de América. No se contentaron los señores platinos con el desengaño en el Potosí, en donde sus argumentos no tuvieron bastante fuerza de convicción para decidir a Bolívar a creer que la rebelión de Chiquitos era "un insulto a Perú y a Colombia", ni mucho menos pudieron convencerle de "la influencia perniciosa que ejercían las instituciones monárquicas en el centro del continente" Fueron aún más lejos: después de hablarle de "la conducta anómala del Emperador y sus ideas de absolutismo", resolvieron acompañarle a Chuquisaca y allí "reforzaron la dialéctica, alegando que nada era más compatible con los intereses de ambos países, que una alianza estrecha que los pusiese a salvo de la usurpación de un vecino ambicioso... Mas, el Libertador no se dejó arrastrar por la fascinación de la nueva conquista: se concretó a decirles que enviaría a su teniente O'Leary a conferenciar en Río de Janeiro con los ministros de S. M. imperial... No vino el famoso soldado irlandés, pero en cambio un año más tarde, o meses después, a fines de 1826, Bolívar establecía una legación en Río y nombraba para Ministro Plenipotenciario a uno de sus parientes, don Leandro Palacios, quien fué recibido por el Emperador el 3 de enero de 1827, en el Palacio de la Ciudad, según noticias del *Diario Fluminense*.

Cuando Alvear no tuvo ya dudas acerca de la aptitud de Bolívar, exigióle respuesta escrita a los célebres cinco puntos con que el diplomático argentino aspiraba cumplir su delicada misión... Tiene especial importancia la respuesta que dió el Libertador a la quinta pregunta. Es "candorosa" y exhibe la altura espiritual del héroe: decía que "carecía de autoridad para disponer de un solo soldado contra el Emperador del Brasil"; mas, "si se necesitasen tropas auxiliares, para cualquier otro servicio, no sólo estaba en su poder concederlas, sino que lo haría con placer"

Está clara la tendencia: Bolívar se negaba a invadir el territorio imperial; en cambio habría llegado al Paraguay, no para complacer a los plenipotenciarios aquellos, sino para libertar de las garras fatídicas del doctor Francia a su amigo el sabio Bompland.

El deseo de querer lanzar el Ejército colombiano en aventuras que no cabían en el plan del Libertador, por cuanto éste fué siem-

pre el primer suramericano, por sus esfuerzos, por sus doctrinas, por su amor de latino-americano y por la extensión de sus miras, no fué solo tentación de la misión Alvear-Díaz Vélez que sin duda alguna expresaba el voto del Gobierno; el deseo germinaba en muchas almas, como se puede colegir de la correspondencia que don José Delawat y Rincón, el cónsul de España en Río de Janeiro, dirigía en 1824 al señor conde de Ofalia. Dícele de esta suerte en carta del 4 de mayo: "Los Argentinos aconsejan a los habitantes de Río de Janeiro que se unan a Pernambuco y a las otras provincias del Norte, expulsen el Emperador y formen parte de la República Colombiana... También era de fuente argentina esta otra afirmación, en carta del 28 de setiembre y dirigida a don Francisco Zea Bermúdez: "Todo nos inclina a creer que el Gobierno Imperial de Río de Janeiro se prestará a auxiliar las miras de la Santa Alianza contra las repúblicas del Nuevo Mundo; y que el Brasil vendrá a ser, quizá, el cuartel general del partido servil, como ya se asegura que es hoy el de los agentes secretos de la Santa Alianza..."

Bolívar mereció de Mr. Canning un aplauso muy caluroso por "la sinceridad de sus pacíficos sentimientos en el negocio de Chiquitos" En la misma carta "confía en la cooperación suya en recomendar el término de las hostilidades entre las partes contendientes"; "confía en su continuada abstención de toda intervención en una contienda, cuyo pronto término ha de ser el primer objeto, y el segundo, impedir que se extienda más allá de los límites a que está reducida al presente".

La deducción es forzosa: la Argentina sentíase débil ante "el coraje y el amor de la libertad" que Eduardo Teodoro Bosche reconocía en don Pedro a pesar de negarle otras muchas cualidades. Se hicieron tales propagandas en Buenos Aires, que el cónsul Delawat recibía las noticias y ni siquiera las dejaba descansar. Así, el 6 de marzo de 1825 decía a Zea Bermúdez: "No creo que el alumbramiento de este Gobierno llegue al punto de desconocer las miras hostiles que contra él tienen los gobiernos revolucionarios de la América Meridional, pues prescindiendo del disgusto con que miran la forma de Gobierno establecida en el Brasil, además por noticias contestes de los Generales llegados con el señor Virrey en conversaciones que tuvieron con Sucre después de la acción, les manifestó éste, que pasada la estación de las aguas, tenía intenciones de venir con el Ejército de Chuquisaca, Potosí y Tupiza, y desde allí intimar al Emperador evacuase la Provincia de Montevideo, y en caso de recusarse principiar las hostilidades. Si el hecho se llega a realizar, la posición de este Gobierno sería bien difícil pues es regular que el partido Republicano que solo está sofocado y no extinto, hiciese nuevas tentativas para rebelarse..."

En toda la correspondencia del cónsul Delawat se nota la procedencia: las noticias que él transmitía a España referente a la situación entre el Brasil y las repúblicas suramericanas venían de Buenos Aires en donde el sentimiento nacional era adverso al Gobierno Imperial...

Con razón que nos expliquemos la escasa medida que emplearon los diplomáticos porteños para inclinar hacia la causa argentina el ánimo justiciero y "suramericano" de Bolívar: necesitaban de su espada, mas no llegaron a convencerle de la justicia con que presentaban la petición. (1)

Diego Carbonell.

(1) — Pueden verificarse las citas en las obras siguientes:
O'Leary: *Bolívar y la emancipación de Suramérica*, edic. de Madrid, t. II, c. XIV y sigts.
Dr. Pedro Souto Maior: *Nos arquivos de Hespanha*, en la *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, t. 81, p. 243.
Elysió de Carvalho: *Os Bastiões da Nacionalidade*, Rio, 1922, p. 359.

RIO DE JANEIRO

O artigo que honra estas columnas de *America Brasileira* é uma admiravel impressão de nossa capital, na opulencia de sua natureza formosa e de sua actividade multipla, traçado pelo illustre ministro Jan Havlasa, plenipotenciario da Tchecoslovaquia junto ao Brasil e um dos escriptores mais apreciados e populares em seu paiz. Autor de cerca de 40 obras, romances, impressões de viagens, contos e novellas, algumas das quaes vertidas para o inglês, o Sr. Jan Havlasa é uma das figuras mais representativas da Tchecoslovaquia, nas letras, como na politica. Revoltado contra a tyrannia dos Habsburgos, que desagregava e comprimia a sua Patria, foi um dos batalhadores intemeratos da libertação tcheco, na luta constante e sem treguas, cujo triumpho raiou em 1918. Feito ministro no Brasil, o Sr. Havlasa, pelo brilho de seu espirito e altas qualidades pessoais, conquistou entre nós, uma situação de grande relevo, que tem sabido usar em beneficio do seu nobre paiz, tornando-o conhecido e amado no Brasil, cuja sympathia pelos heróes da liberdade foi sempre largã e sincera. O artigo que publicamos, foi escrito em português pelo Sr. ministro Havlasa, depois de dois annos apenas de convívio no nosso meio, e mostra a excellente maneira com que trabalha o nosso idioma difficil e vario, e sobretudo tão esquivo para os estrangeiros. É uma deliciosa paisagem, feita com grande emoção e belleza, em que a nossa cidade avulta, num hymno radioso e arrebatado.

Quem, viajando ao redor do mundo, chegasse a conhecer uma boa parte de suas bellezas proverbias, não hesitaria um só instante sobre as cidades a que se deveria attribuir a primazia dos encantos naturais. Os superlativos, verdade é que são superfluos, perigosos e vingativos; mas quem disser do Rio de Janeiro que é a mais linda cidade do mundo, poderá ficar tranquillo a vida inteira, na convicção plena de que ninguem o contradirá. O dictado que têm os japonezes a respeito do seu delicioso Nikko, com uma pequena modificação se pôde applicar ao Rio de Janeiro, extendido, porem, o seu significado para o mundo inteiro. Ninguem se preste ao emprego dos superlativos, fallando da belleza de qualquer cidade, emquanto não houver visto o Rio de Janeiro, pois poderá ficar certo de que logo que o veja não escapará a um sentimento de tristeza, na consciencia de haver alcançado o ápice, a finalidade ultima de todas as suas experiencias e impressões e nunca mais poder apreciar cousa tão magnifica. Pôde-se ir além: a primazia do Rio de Janeiro entre as cidades está na sua afinidade com os mais esplendidos panoramas naturais e justamente nesta afinidade se baseia tal primazia, em toda a sua extensão e significação. Seria talvez mais justo e mais próprio que ao fallar das maiores e mais inesqueciveis bellezas do mundo, contar o Rio de Janeiro não na ordem das cidades, mas entre taes maravilhas da natureza, como, em outra modalidade e com outro caracter, o Grande Cañon do Rio Colorado, no Arizona. Quem veja na edificação e no alinhamento das ruas, a belleza de uma cidade, poderá achar maiores encantos na de Buenos Aires, situada em uma planicie baixa e monotona. Quem se sinta attrahido pela architectura historica, encontraria reminiscencias mais perfeitas e mais evocativas da época colonial portugueza em muitas hoje insignificantes villas brasileiras, perdidas no quasi inacessivel hinterland sertanejo. Quem, no entanto, comprehenda a paisagem em geral, e em sua imaginação não saiba separar de uma rua a sua perspectiva, quem tenha percepção para sentir todo o traço de vulgaridade que seja ornado por detalhes interessantes, nada banaes, quem saiba viver na alma de uma cidade e na sua harmonia com as características especiaes que constituem o que chamamos "o exotico", — ha de encontrar no Rio de Janeiro muito mais do que esperava de uma simples cidade, e muito mais de uma cidade contando um milhão de habitantes.

Ha no mundo bellezas famosas, cuja comprehensão, ao menos em suas características capitaes e essenciaes, uma unica vista faciliita, mesmo áquelle que nunca tenha visto cousa semelhante. Com o Rio de Janeiro o caso é diverso. Uma photographia perfeita convence de que é a mais bella cidade do mundo, mas não vos dá nem a centesima parte dos multiplos encantos, que alli se vos offerecem com uma liberalidade que facilmente cangaria o observador superficial. Sim, porque afinal tambem este pequeno retrato mente, uma vez que não passa de uma impressão de belleza vinda de uma unica direcção, emquanto, provavelmente, de mesmo lugar, se poderiam tirar vistas de todos os lados, na certeza de que em cada uma, se ganharia um encanto novo, de incomparavel magnificencia.

Uma simples vista, porém, revelando muita cousa, nunca pôde dizer tudo: ha a variedade de côres, alternativas de luzes e de sombras, suaves tonalidades que a amplidão empresta, perfumes de flores, frêmitos da brisa que vem do mar para as montanhas, o gorgear de passarinhos e o ciciar de insectos; as scintillações das azuis variedades dos passaros e das borboletas, centenas de outras pequenas delicias que encantam o olhar, mas que não se estampam na photographia parada.

Os principaes motivos da forte impressão que se tem do Rio de Janeiro são naturalmente as serras e o mar. É muito difficil imaginar uma harmonia mais perfeita do que a que existe nesse noivado melodico de tão differentes attractivos naturais, em que desaparece o que ao amante das montanhas offende no mar e o que o adorador dos mares aborrece nas montanhas. A extensão do mar vem decrescer na limitação da bahia, as serras em innumerous morros, collinas e elevações menores. Dezenas de ilhas e ilhotas no mar e na bahia, em sua maioria montanhosas, quebram a monotonia fatigante da superficie das aguas. E o panorama das montanhas seria monotono se não tivesse por fundo a bahia e se não houvesse uma luxuriante vegetação para descanço de vista, enleada nas amplidões magicas. A superficie das aguas, porém, no Rio de Janeiro, não constitue uma amplidão magica: mais de uma das montanhas cahe directamente no mar, acima do qual, pouco mais alto que a alcance da maré, abre-se em seu declive commoda avenida, formando de automoveis. Ha lugares em que a cidade serpenteia entre o mar, a bahia e as montanhas, por uma unica rua; volta-se de subito uma esquina e de novo se depara uma vista de telhados multicores e de jardins floridos. Outros ha em que parece que a rua, na extensão ao alcance da vista vae desaparecer, precipitando-se no mar, ou encravando-se na elevação montanhosa. Todo valle se fragmenta em outros tantos menores, e de alguns delles a cidade decidiu subir para as alturas; noutros, que apparentam fechar-se com um morro, a cidade, segundo o seu costume, penetra varando entre os rochedos por uma unica rua, afim de se estender como no fundo de uma cratera. No centro de áreas maiores erguem-se cumes isolados semeados de casebres pittorescos da gente pobre, sobretudo da de côr. Alli levanta-se um bloco gigantesco, nú e a pique de um lado, mas com o seu cume coberto pela exuberante vegetação tropical, o qual se ergue, á maneira de uma ilha na matta, levantando a cabeça dentre o mar das ruas urbanas que o vem banhar. Algumas cadeias de morros, erigindo-se em alterosos cimos, estão sendo occupadas pela cidade, que cresce cada vez mais e cujos bairros distantes, atirados entre as ramificações dos morros e pincaros visinhos, são desconhecidos, até pela maior parte dos cariocas. O centro commercial da cidade está cercado e comprimido por multissimos morros, um dos quaes, o morro do Castello, que se eleva acima da bahia, justamente agora está sendo arrazado, servindo para aterrar a bahia, até uma certa distancia, em cuja local foi construida a Exposição commemorativa do centenário da independencia.

Apenas a Avenida Rio Branco, a avenida principal, separa este morro memoravel e historico, condemnado a desaparecer, das alturas de Santa Thereza, para onde convergem muitas ruas de moradia. Tambem este bairro se resume numa unica rua, edificada apenas do lado montanhoso, emquanto do lado opposto, por cima do parapetto de pedra, uma admiravel vista se descortina para o extenso valle. Em quasi toda a extensão desse e por cima de qualquer bairro urbano se pôde divisar o plano da agua da bahia, penetrando com muitos entalhes no terreno accidentado da costa, e que por fim ao longe se transforma em extensos pantanos, ou mangues, que ornamos arredores distantes da cidade.

Por detraz da bahia, por detraz desses extensos pantanos, levanta-se a Serra dos Orgãos, alcançando mais de dois mil metros de altura e nessa zona celebre, um dos maiores pincaros e o mais surpreendente, em forma de pilar delgado, e o chamado *Dedo de Deus*, que logo se torna para o visitante do Rio, um complemento de suas observações diarias. Do outro lado, estão os cimos da Tijuca, do Corcovado e da Gavea, que se acham dentro da cidade: no segundo desses morros, o Corcovado, acha-se localisada a Legação da Tchecoslovaquia. Dos tres, só a Tijuca alcança mais de mil metros, com a sua cumiada afiadissima erguendo-se das mattas virgens como uma verdadeira obra prima da natureza. O Corcovado seria inteiramente cercado pela cidade se por um lado o dorso que o une á Tijuca não se estendesse, confundindo-se com a agreste na-

tureza montanhosa, que lhe fica visinha. O Corcovado está separado da bahia, por certa distancia, occupado por balroes e em ambas as encostas estendem-se os dois principaes centros de moradia dos cariocas, Laranjeiras e Botafogo. Por detrás de Botafogo e debaixo do Corcovado alonga-se o novo bairro de Ipanema; por detrás das Laranjeiras, ou mais propriamente por cima dessa parte da cidade, termina — justamente com a Legação Tchecoslovaca — o bairro de Santa Thereza, num recanto maravilhoso, denominado Sylvestre.

Não é sómente destes bairros directamente, sob o declive do Corcovado, que se pode ver o dorso característico e o cume recurvo, cujo nome em portuguez significa "corcunda". Assim como fez Hocusaio com o Fudji japonéz, já de ha muito deveriam ter sido tiradas centenas de vistas do Corcovado carioca, tão querido dos brasileiros e de todos os que se demorem algum tempo no Rio. Seria mui difficil decidir se cabe a este morro a primazia ou se ao famoso Pão de Assucar, que se levanta, como gigantesco e macisso molle, directamente da entrada da bahia até quatrocentos metros de altura. Para mim, porém, o mais attrahente e impressionante, foi o cume da Gavea, de oitocentos metros de altura, e que se ergue como um castello de fadas sobre o mar da verdejante floração e mattas tropicaes, constituindo um gigantesco e horrivelmente escarpado

II

Duas vezes por anno este rochedo se orna das flores das inattingiveis cataléas e outras orchidéas perfumosas, enquanto a Avenida que beira a orla do mar, por debaixo do pico, se enfeita de siningias grandes e sylvestres, das chammas alanranjadas da pyrostegia, de grinaldas de begonia rosea, das flores amarellas das acacias e malpíguas, da preamar violeta das melastomaceas, das tochas rubras dos poincianos reaes, dos suspiros saudosos dos frangipanos, dos odores atordoantes da alva florescencia da hedychia, dos vermelhos castiças das bromelias em flor, dos cabeços amarells dos marantos, das nuvens roseas dos bombaceos, das passifloras azues, das ipomeas variegadas...

Este penetrar da exuberante, variada e multicolor natureza tropical, na vida quotidiana do carioca, é por certo, para a maioria dos visitantes da Capital brasileira, a origem de uma forte impressão equivalente á da belleza do panorama da cidade. Ver magnificas orchidéas em flor nos jardins e nos rochedos pouco acima das ruas; passear pelas alamedas de palmeiras, passar num instante das mais elegantes avenidas de typo realmente parisiense, para o mattagal; ouvir o grito das catoritas voando por cima dos bondes electricos; ser molestado na rua por uma borboleta da familia do Morpho, ou ainda por um lepidoptero nocturno da familia do Attacus, ainda maior e mais multicôr; apreciar no proprio jardim os saguis como trepam pelas arvores a vinte metros de vossa varanda; pegar no proprio gallinheiro uma gambá que se embriagára com a aguardente para elle preparada; caçar no quintal com um laço primitivo uma linguana de um metro; ter num só anno a casa coberta de trepadeiras maravilhosamente florescentes; ser testemunha de como o

botanico a cada instante esbarra com especies novas na flora luxuriante; ser visitado á hora da ceia pela esquisita *mantis religiosa* e á noite, pelos vagalumes que projectam na parede circulos brilhantes como os de uma lampada furta-fogo, de ladrão; — isso tudo se, realmente, não é a medida de belleza de uma cidade, torna a permanencia do estrangeiro no Rio muito caracteristica, pelo exotismo inegavel, que impressiona tanto mais fortemente, quanto contrasta com as mais modernas installações do seculo vinte e os habitos de conforto como ainda não pôde offerecer a nossa Praga. A rede perfeita dos bondes, as ruas sempre formigando de automoveis, o systema de residencia embelezado pela natureza tropical, transformando a cidade num gigantesco jardim, o grande numero de jardins e logradouros publicos magnificos, as vitrines luxuosas das lojas, o borborinho da avenida principal — Avenida Rio Branco — os admiraveis passeios beirando a bahia e o mar; — eis o que faz com que, no Rio de Janeiro, se conjuguem mais de uma caracteristica de Paris, dos Estados Unidos, da Riviera franceza com os da passada colonia portugueza, os dos tropicos e da America do Sul em geral, tudo fundido num harmonioso conjuncto de esfogo civilizador. Apesar da differença do clima, está em seu typo global muito mais proximo da Europa do que se imaginá-la. Quanto ás idéas, então, o povo brasileiro está muito mais perto da Europa do que qualquer outro do continente americano, sem exceptuar sequer o Canadá e a Argentina.

Um paiz que soube sem sangrentas convulsões internas abolir a escravidão, embora se prejudicando quasi que de modo fatal no seu equilibrio economico, e resolutamente enfrentou os problemas de apparencia invenciveis de seu clima tropical; um paiz que ha um seculo soube se libertar de Portugal, conservando, porém, bastante de autoeracia para confiar por longo tempo a sua consolidação nacional e economica a um systema monarchico, com que evitou desordens internas até o momento em que se sentiu bastante forte para fazer, da noite para o dia, uma revolução sem derramamento de sangue, proclamando a republica e levando simplesmente o seu monarcha para o primeiro vapor que se dirigia á Europa; um paiz que em geral não conhece o preconceito das raças e que em seu sentimento social tem que avançar sob as mais diversas e pesadas condições, tanto do seu clima, quanto da sua gigantesca extensão territorial; um paiz que na Grande Guerra se collocou ao lado da Entente e dos povos oprimidos com o unanime consentimento de todo o povo; um paiz que reflectiu sobre as summas questões e buscou a verdade no elevado positivismo que até hoje é a religião da grande função do povo; um paiz assim falla muito claramente pela sua Capital, affirm de que aquelle que pela primeira vez no Rio se aproxima da do brasileiro encontre nessa approximação o encanto maximo que nelle exerce a capital dos Estados Unidos do Brasil, resultado que é uma evolução historica de trezentos annos, em que o povo brasileiro se veio formando muito antes mesmo do paiz se constituir independente, através destes tres seculos, defendendo com seus proprios recursos, a sua individualidade nascente, contra francezes, hespanhoes, hollandezes e afinal tambem contra a mãe patria — Portugal.

Jan Havlasa.



CARTA ABERTA

O Sr. Max Grillo, autor deste trabalho, que, por excessiva modestia, saiu em fórma de carta, é um dos nomes mais illustres da geração colombiana de 1892. Político de idelas liberaes e orador de palavra eloquente, foi deputado geral, tendo-se recommendado á sympathia e ao respeito de seus compatriotas como promovedor de varias medidas que visavam o progresso moral, economico e technico de seu paiz. Homem de letras, a sua obra colloca-o entre as primeiras figuras representativas da opulenta literatura da Colombia. Até o presente, publicou o drama em versos *Raza vencida*, *Vida nueva*, comedia decostumes, *Nostalgia*, poemas, *En Espiral*, versos, *Emociones de la guerra*, *Al Illiman y otros poemas*, *Santander e alma dispersa*, livro este de ensaios, estudos criticos, impressões de viagens, annotações de leituras. Nelles, palpita uma alma delicada de legitimo poeta, tocado de graça e de beleza, profundamente humano, que se inspira nas tradições, no heroísmo e na historia patria, mas veste a sua musa de roupagens classicas. O livro *Alma dispersa* editado em Paris pela Livraria Garnier, dá uma exacta medida da intelligencia, da cultura e da sensibilidade do escriptor de pról que é o seu autor. Além do mais, como revela a formosa epistola que abaixo estampamos, é conhecedor profundo da historia colombiana e provecto sabedor de cousas sul-americanas. O Sr. Max Grillo é o encarregado de negocios da Colombia no Brasil, posto que vem exercendo com luzimento, discreção e proveito.

Señor Dr. Elysió de Carvalho.

E I C.

Muy distinguido amigo:

Em medio de la agitación consiguiente a las funciones del cargo que desempeño, en estos días memorados y memorables, recibo el gentil y para mi honroso telegrama de Vuestra Señoría, en el cual me invita a colaborar en el numero de *America-Brasileira* que su digno Director prepara en homenaje de su patriotismo a la magna efémerides que celebra este gran pueblo ante las miradas del mundo, hoy en buena parte, adolorido y como en expectativa de nuevos desastres

Me sugiere Vuestra Señoría el tema del artículo, con oportuno acierto: *La Independencia del Brasil y el movimiento libertador sur americano*: El asunto es vastísimo, y para acometerlo requeriría un tiempo del cual carezco y la consulta de libros y de archivos que, por desgracia no se hallan ahora a mi alcance.

Me concretaré al intento de trazar un rápido esbozo de un juicio histórico, apenas abarcable en las páginas de un volumen. Cumpliré, si no bien, a la menos con buena voluntad, la tarea que me pide el erudito y fuerte escritor quien ilustra el nombre de Carvalho.

La Independencia del Brasil y la lucha sangrienta sostenida por las colonias españolas para obtener la separación definitiva de la metrópoli, presentan muy diversos caracteres.

Cifóse D. Pedro I con audaz desembarazo y alta visión política la corona imperial, ornada de gemas brasileñas. Bien sabía él al esclamar en Ipiranga, *Independencia o muerte!* que su progenitor y rey, con lucidez innegable lo habia autorizado para obrar así, desde el momento en que presintiera el peligro de perder esa corona si no se mostraba revolucionario, aun cuando fuese en su propio provecho. El grito de Ipiranga tuvo un triple alcance: evitó la revolución republicana; sin sacrificio de vidas y de riqueza independizó al Brasil, conservando lazos fraternales entre la Colonia emancipada y la Metrópoli; y, preparó dentro de los moldes de una monarquía constitucional el advenimiento de la republica. Si España, de de Florida Blanca; si en vez de sostener durante tres lustros una guerra cruel, se da cuenta de las perspectivas del futuro, suelta las ataduras de sus subditos ultramarinos y conserva su cetro real sobre el trípode de la libertad, es muy probable que la suerte de la America hispana hubiera sido otra. Más, de Dios estaría que las repúblicas surgidas de una contienda tan larga y encarnizada, pasasen por la ordalia, en donde sangran las plantas y el espíritu padece.

Solo el dolor nos hace grandes!

El Brasil escapó, merced a sus propios monarcas lusitanos, de la anarquía, muerte de las naciones, sima en la cual suelen caer para siempre los pueblos.

D. Pedro al separar al Brasil de los dominios lusitanos, conservabalo para su casa reinante y para regocijo de los principes europeos. Si obedeció a sabios consejeros el vástago de la familia portuguesa; si a mera ambición, si a un transcendental pensamiento, de todas maneras acertó. Y bien puede decir desde las mansiones eliseas, (pues los reyes también suelen ir al Cielo), que la República, ingrata en veces con las testas coronadas, en su caso tiene de coronar de laureles la frente que despojó de la diadema. Pues si el se la cifo en Ipiranga; el Ejército, en nombre del pueblo, la puso, mas tarde, sobre la cabeza de la estatua de la República.

El acierto político de D. Pedro fue indudable. La revolución americana tocaba a las puertas de su palacio. En los propios jardines de su alcazar, en los sitios discretos, sombreados por palmeras, símbolo entre los arboles del orgullo de la reyesdad, habia labios que pronunciaban el nombre de Bolívar y de San Martín, de Santander y de O'Higgins, con deleite prohibido. Adelantándose a la rebeldia, D. Pedro cruza los planes republicanos; salva la corona; evita la contienda encarnizada, el sacrificio de Policarpas y de Ricaurtes brasileños, y en obediencia a su instinto de monarca pone en nombre de la reyesdad europeo un centinela, un vasto imperio entre todas las repúblicas inquietas de la America española.

La Santa Alianza respiró, e Inglaterra, la nacion que ha tenido siempre la mas clara consciencia de los acontecimientos políticos, forma diplomáticamente la creación del Imperio del Brasil, tanto para conservar un aliado monárquico en America, como para calmar los sobresaltos de sus nerviosos amigos, los Emperadores de Austria y Rusia

La Gran Bretaña auxilió a las colonias españolas en su contienda con la madre patria, ora porque ha tendido a hermarar su poderio con la libertad de los pueblos; ora porque deseaba aniquilar la fuerza de España, un día verdaderamente temible para la patria del Almirante Vermont, el vencido en Cartagena de Indias, por la bravura y la pericia de españoles y de indios.

Al aparecer el Imperio brasileño, flamante y misterioso, inquietaronse, naturalmente, los dos grandes hombres que dirigian el uno desde los Campos de batalla, Bolívar, y el otro desde el gobierno — Santander — la empresa de la definitiva independencia de America. Más, Inglaterra movia con habilidad magnífica los tornillos de la máquina del mundo. Sus agentes en Bogotá aplacaron la nerviosidad de Colombia.

El 7 de Setiembre de 1821, un año antes del grito de Ipiranga, el Congreso de la Gran Colombia elegia a Bolívar Presidente y a Santander, vice-presidente de la República.

El 26 de julio de 1822 se encontraron en Guayaquil los dos libertadores.

El modesto y grave San Martín estrecha entre sus brazos al impetuoso y extraordinario Bolívar. Unidos colombianos, argentinos y peruanos continúan las épicas jornadas emancipadoras, y van a vencer sobre el Condurcurca al verrey del Perú y a los mas bravos y nobles generales que entonces tenia España. Al duelo de Ayacucho concurren: Sucre, el magnánimo; Córdoba, digno Aquiles de semejante Agamenón; O'Connor y Miller, restos gloriosos de la heroica Legión Británica; Lamar y Santa Cruz, expertos generales peruanos; Alvear, el digno, y Necochea, el arrojado, ambos argentinos.

El espíritu fulgurante de Bolívar y la visión clara y severa de Santander presidieron el combate. Fue una lucha caballeresca en que los paladines se disputaron el campo y los generales se saludaron en medio de la pelea.

Los Estados Unidos, consagrados por entonces a poner los fundamentos de su hegemonia económica, parecían desentenderse de la lucha de los pueblos de origen ibérico. Tarde reconocieron la independencia de Colombia y la de los demas pueblos de América. Solo cuando vieron a Bolívar ascender el Chimborazo y a la escuadra colombiana mandada por Padilla, desbaratar en Maracaibo a la poderosa armada española, se inclinaron ante los hechos cumplidos. La potente Unión es un pueblo que entre sus grandes cualidades tiene la prudencia. Sus determinaciones llevan el sello de lo que se ha meditado con profunda atención. Bien sabido es que la declaración del Presidente Monroe (1823) fue sugerida por el gobierno británico.

Yo he escrito en otra parte, que el Brasil, aliado de la Fortuna, protegido visiblemente por los númenes divinos ha gozado de una

A MINHA SAUDAÇÃO

O artigo em que Fidelino de Figueiredo, o illustre critico e erudito portuguez, tão estimado nos circulos cultos do Brasil, festejou a commemoração da nossa independencia politica, merece acolhimento carinhoso nestas columnas, já porque o firma um dos nomes mais reputados das letras lusitanas, já pelas idéas, conceitos e affirmações que nelle se divulgam, e, divulgando-o, ao mesmo tempo que prestamos homenagem a um sincero e prestimoso amigo do nosso paiz proporcionamos ao leitor o encanto de uma pagina sensata.

Pelas virtualidades do seu espirito e pela juventude das suas energias, a America é uma das grandes esperanças do mundo, fragua immensa em que se caldeiam as velhas civilizações com elemento, mediocridade na liquidação — fizesse sobresahir o contraste Já o era antes que a grande guerra — crime no desencadeamento, mediocridade na liquidação — fizesse sobresahir o contraste de sentido da marcha politica e social dos dous continentes: a America e distanciar-se cada vez mais do cahos indifferenciado; a Europa a caminhar aos tombos para a anarchia. Dum lado principia-se com ardor, confiança e forte querer, tão decisivamente revelado na elaboração duma cultura como na defesa firme do bolchevikismo; doutro lado parece acabar-se em transigencias aviltantes, fraquezas e desalentos.

Daqui provem o interesse e a sympathia que tem levado os homens de estudo a visitar a America. Hoje uma viagem ao novo-mundo está sendo um complemento de educação, um banho lustral de realidade e uma tonificação da alegria de viver — tão inquinada pelo pessimismo derrotista do velho continente. Como os antigos romanos aspiravam a uma viagem á Hellade ridente e requintada — “non licet omnibus adire Corinthum” — como nós latinos tinhamos a viagem a Pariz como o exequatur da maioridade espirital, os europeus, a quem preocupam os destinos da civilização de que foram os principaes obreiros, não deixam de emprender essa grata peregrinação transatlantica para testemunhar de perto o germinar e florescer luxuriante da sua sementeira. Toda una litteratura de impressões e commentarios testemunha esse observar curioso do ultramar da civilização europeia, em que têm deposto homens dos mais eminentes, cujo cogitar se absorve em problemas graves e austeros, e espiritos ligeiros que procurou exotismo litterario, colorismo, extravagancia e agudeza com que façam vibrar a bóta sensibilidade dos seus leitores.

Mas toda esta variedade de pontos de vista, de objectivo e de temperamentos tem de fundir-se numa indispensavel uniformidade: a America, para ser comprehendida e amada, ha-de ser vista por um criterio americano. E criterio americano chamo eu á isenção de preconceitos europeus que podem levar o espirito a só procurar no mundo de Colombo, Córte Real e Cabral semelhanças e a

felicidad rara vez otorgada por la Providencia a pueblos de la vasta extensión, de la diversidad de condiciones geográficas y sociológicas de este maravilloso país.

Las revoluciones y los contratiempos del Brasil han sido bien poca cosa en comparación de los desgarramientos que han padecido otros pueblos de América. Que la experiencia del sufrir de sus hermanos de raza, aquilate aún mas las virtudes brasileñas: de modo que el carácter, el amor por la justicia, el desprendimiento, el respeto a las leyes, la rectitud republicana, la tolerancia religiosa, la educación civica, la probidad en todo, arraiguen y prosperen en el corazon y en el espirito de las generaciones venideras para gloria de la democracia, admiración de los estraños y regocijo de lo propios.

Soy su afmo. amigo y admirador

Max Grillo.

Río de Janeiro, 12 de setiembre del 1922.

desdenhar as differenças. Criterio americano chamo eu á falta de indulgencia para bem admirar a construcção febril de povos, que tarde chegaram e, de assalto, galgam aos ultimos progressos, e para revelar a debilidade de alguns materiaes dessa assim mesmo predigiosa architectonica.

Não, quem fôr á America, se nelle falla com eloquencia a voz do sangue, deve desembarcar com aquella enternecida devoção que levou uma infanta de Hespanha a ajoelhar ao descer “commoto pede” em Buenos Aires. Cada vez me convengo mais fortemente de que a razão mais arguta e poderosa só tem no arduo campo humano um alcance geometrico e irreal, se a não vivificar uma synpathia tolerante e a inspiração dum alto ideal.

Foi essa a disposição de espirito com que fui ao Brasil e com que voltaria agora, se o Atlantico se cruzasse com a mesma facilidade com que atravesso o majestoso Tejo, quando a fadiga e a minha costella marinheira pedem aquelle prazer barato, que Byron esqueceu e o nosso Garrett deliciosamente celebrou: o cigarro livre á prôa cortadora. Lá voltaria agora, com a casaca e o “smoking” das horas solemnes, alguns conceitos de reserva para eventuaes discursos, a levar o obolo dos meus sentimentos amistosos neste momento de racional e unanime vibração.

Mas seria essa a melhor e a mais fecunda contribuição para a magna festa? Supponho que não e, por isso, sem arredar pé da velha urbe de Ulysses, vou aqui, “inter amicos”, servindo como posso os creditos do Brasil, das suas letras e da sua cultura, expondo e defendendo as razões porque o devemos prezar e amar. Deixo aos sabios officiaes que o governo ainda mandá o trabalho de lembrar aos brasileiros o que elles nunca esquecem: as razões por que devem prezar e venerar o velho Portugal, dóco relicario do seu racionalismo. Por aquí mostro a vontade firme, que esse povo tem de subir, o aristocratismo selecto da intelligencia brasileira, o elevado espirito critico com que peneira as nossas exportações intellectuaes, a tolerancia perspicaz e o cioso aproveitamento com que assimila e incorpora na sua mente quanto serve ao seu proposito de construir, sempre construir, hoje mais que hontem, amanhã mais além, indefessamente.

E' neste capitulo de cultura que se encontram os Interesses superiores de Portugal e Brasil, os “interesses da alma” como chamava Rodó. E encontram-se porque a nossa velhice, muitas vezes secular, temperará os impetos da juventude brasileira: “em toda a parte onde mais mundano é o velho menos extravagante é o moço” lembrou Rainalho Ortigão. Encontram-se por que a sua mocidade nos dará vigor para accordar e pôr em circulação valores esquecidos ou mal apreciados da nossa cultura. “Un pueblo nuevo puede improvisarlo todo menos la cultura intelectual. Un pueblo viejo no puede renunciar á la suya sin extinguir la parte más noble de su vida, y caer en una segunda infancia muy próxima á la imbecilidad sevil” — disse Menéndez y Pelayo.

Sinto-me feliz ao pensar que no campo em que milito nunca deixarei de ter a honrosa e grata companhia de cultores brasileiros, porque esse campo é tão inilludivelmente commum, que não talham nem esterilisan as demasias do nacionalismo mais apaixonado nem os erros dos politicos.

Sinto-me feliz por verificar e fazer aqui ver toda a operosidade da intelligencia brasileira, não a improvisar, mas a continuar uma cultura velha e a elaborar com segurança um matiz novo. E na poesia, no romance, na novela e no conto, no theatro, nos estudos historicos, na critica litteraria e artistica, no espirito philosophico, na litteratura de viagens, na philosophia, na oratoria, nas questões sociaes e no jornalismo, toda uma floração se ostenta, obra a um tempo das gerações velhas dos “consagrados” e dos moços que chegam a toda a hora.

E' isto que por aquí digo e documento com alguns mestres de livros brasileiros, que os amigos folheiam com curiosidade e vão estragando e perdendo como podem, para confirmar a sentença de Lodler sobre “le triste sort du livre prêté.

E é esta a minha saudação ao Brasil, na hora festiva e generosa em que elle abre as portas da sua alma á amizade e á rhetorica...

Fidelino de Figueiredo.

UN PRÉCURSEUR DE L'INDIANISME

As paginas que se seguem foram escriptas especialmente para esta revista. Georges Le Gentil, no momento em que festejamos o primeiro centenario de nossa emancipação politica, evoca a figura de Ferdinand Denis, que foi, como se sabe, devotado amigo do Brasil, que elle visitou na sua mocidade, e profundo conhecedor da nossa historia. A exemplo do autor do *Le Brésil* e de *Une fête brésilienne à Rouen*, Le Gentil desde alguns annos que se acha em contacto com as nossas idéas e os nossos sentimentos, e procura penetrar a alma brasileira pelo estudo de nossos romancistas, poetas e ensaistas. Professor de litteratura da Sorbonne e familiarizado com a lingua portugueza, aproveitou o tempo em que permaneceu no Rio de Janeiro, como representante do Ministerio da Instrucção Publica no *Congresso de Historia da America*, para documentar-se acerca de nossa litteratura, visto como tem o encargo de um curso de litteratura brasileira em Paris, conferido pela Academia Brasileira, que fez escolha muito acertada. O curso de Le Gentil será feito na Sorbonne, durará tres a quatro annos e obedece a uma intelligente orientação. Sabemos que no primeiro anno tratará elle do indianismo, que será materia para dez conferencias ou prelecções, e no segundo se occupará do sertanismo, de Machado de Assis, de Joaquim Nabuco, do naturalismo, do parnasianismo e de outras manifestações mais características da nossa litteratura. Temos a profunda convicção de que Le Gentil será o interprete fiel, intelligente e probo do pensamento brasileiro, como, aliás, se evidencia nos varios trabalhos que sobre assumptos referentes à nossa litteratura publicou na *Revue de Littérature Comparée*, na *Revue de l'Amérique Latine*, e no pequeno ensaio que aqui publicamos. Georges Le Gentil é um typo representativo da cultura classica franceza — um *normalien*.

L'indianisme représente, dans l'histoire de la littérature française, une tradition ininterrompue. C'est au contact de la nature brésilienne que nos écrivains du XVI siècle ont eu, pour la première fois la révélation de l'exotisme. Daurat, Baif, Jodelle, Ronsard, grands admirateurs de Thevet, cosmographe du roi, aumônier de Catharine de Medicis, voient renaître en Amérique l'âge de Saturne. Le protestant Jean de Léry, mieux informé, fournit à Montaigne la matière de deux chapitres, *Des Cochons*, *Des Cannibales*, dont la hardiesse n'a pas été dépassée et qui tendraient, à l'époque où La Boétie écrivait le *Contre-Un*, à justifier le communisme. Au spectacle d'une société corrompue, aux crimes causés par l'intolérance, on se plaît à opposer la sagesse inconsciente des peuples qui ne connaissaient ni les querelles religieuses, ni la cupidité. Les compagnons de la Ravardière, Claude d'Abbeville, Yves d'Evreux, ne se lassent pas de vanter la richesse d'une terre qui leur apparaît, en sa magnificence, comme une sorte de paradis équinoxial. Bientôt les Jésuites, dont l'enthousiasme renchérit sur l'admiration des capucins, s'ingénient, pour les besoins de la propagande, à découvrir des traces obscures de la révélation dans les théogonies primitives. Et l'Indien, qu'on protège contre les chasseurs d'esclaves, auquel on reconnaît, avec la beauté physique, une certaine générosité instructive, se trouve, par l'effort des moralistes et de voyageurs, érigé en type littéraire. Philosophes, romanciers entament le procès de la civilisation. A vrai dire, le champ de leur curiosité s'est élargi. L'attention du public lettré, qui d'abord s'attachait à la France antarctique, se déplace vers les Antilles, le Canada, les Indes Orientales. Il n'en est pas moins certain, comme l'a démontré M. Chinard (1) que l'œuvre de Chateaubriand, où l'observation directe des faits a moins de part que la documentation livresque, marque l'aboutissement d'une longue évolution. Est-ce à dire qu'entre l'exotisme européen, dont il faut chercher en France les premières manifestations artistiques, et l'indianisme brésilien de la seconde manière, celui d'Alencar, il existe des points de contact? Un ouvrage peu connu de Ferdinand Denis, publié en 1824, les *Scènes de la Nature sous les tropiques*, semblerait prouver qu'il s'est produit, vers le commencement du XIX siècle, un échange entre les deux littératures.

Ce livre inégal mais suggestif, qui tient de la critique et du roman, où l'exemple se joint au précepte, dérive en partie de sources portugaises. Ferdinand Denis s'en rapporte, pour la description des

lieux, à la *Chorographia* d'Ayres do Casal, pour l'histoire, à Rocha Pitta. Mais il ne lui a point échappé que les poèmes de l'*Uruguay* et du *Caramurú*, dont il fut le premier en Europe, même avant Garrett, à définir l'américanisme, se retranchent, au moins indirectement, par l'intermédiaire des Jésuites, aux réats de nos premiers missionnaires. Montaigne avait déjà transcrit cette chanson de cannibale que Santa Rita Durão devait mettre en valeur (2): "qu'ils viennent hardiment très tous et s'assembient pour disner de lui, car ils mangeront quant et quant leurs pères et leurs aïeux qui ont servi de nourriture et d'aliment à son corps. Ces muscles, dit-il, cette chair, ces veines, ce sont les vôtres, pauvres fois que vous estes. Vous ne reconnaissez pas que la substance des membres de vos ancêtres y tient encore (3).

Sur la flore et la faune des tropiques, deux voyageurs étrangers, Neuwied et Humboldt, venaient de recueillir des informations nouvelles que Ferdinand Denis, disciple de Bernardin de Saint-Pierre et botaniste lui même n'aura garde de négliger. Versé, d'autre part, dans la connaissance des langues orientales, il rapproche les mythes, les croyances, les traditions, embrasse le folklore de trois continents et devance, par une méthode de comparaison qui n'est pas sans analogie avec celle de Frazer, l'effort des ethnologues. Dénonçant un demi siècle avant Castro Alves les hontes de l'esclavage, il ajoute à l'histoire du *quilombo* de Palmares, première tentative de "roman nègre", un prologue agricole (4). Nul mieux que lui n'était préparé, par cette culture à la fois scientifique et cosmopolite, à reconnaître dans la formation de la nationalité brésilienne l'importance du facteur ethnique. Ajoutons qu'il a subi trop profondément l'influence de nos encyclopédistes pour sacrifier, comme l'auteur du *Caramurú*, les croyances des indigènes à la théologie. On lui reprocherait plutôt de partager l'optimisme de Diderot, qui cherchait dans la relation de Bougainville des arguments en faveur de l'état de nature, et de dresser un réquisitoire, avec Raynal ou Marmontel, contre la colonisation européenne. C'est enfin de Chateaubriand qu'il tient le sens du pittoresque et le goût du romanesque. Il s'efforce, à maintes reprises, d'adapter au paysage brésilien la description du Mississipi, remplaçant la savane par les palétuviers, le magnolia par le papayer (5). On ne lui contestera pas, tout fois le mérite d'avoir déterminé, avec réelle pénétration psychologique, l'influence qu'exercent sur les sentiments du sauvage et du civilisé un ciel éternellement pur, une végétation éternellement luxuriante: "Le climat des tropiques, en invitant à l'indolence, engage à la méditation... L'âme, tout en agissant encore, conserve une mollesse qui lui fait rejeter tout ce qui ne peut flatter l'imagination." (6) L'exotisme, avec lui, s'enrichissait d'éléments nouveaux et remontait à ses origines. En y faisant rentrer la botanique, le folk-lore, la critique philosophique, il réhabilitait systématiquement l'Indien de l'Amérique du Sud qu'il transformait en rêveur, en poète.

Certes il manque à Ferdinand Denis, dont le mérite s'impose comme savant, d'être, dans toute la force du terme, un écrivain. Son style, où abondent les épithètes et les périphrases, trahit, même lorsqu'il vise à être révolutionnaire, la persistance d'un goût suranné. On y sent, avec l'inexpérience de la jeunesse, les incertitudes d'une génération qui hésitait entre le poncif de Dellile et le bariolage de *Natchez*. Dans l'ouvrage lui même, où rentrent l'Amérique, l'Afrique, l'Inde, Madagascar, les îles du pacifique, règne une confusion que le plan ne cherche point à dissimuler. On y passe de la description à l'analyse, de la critique à la nouvelle romanesque. Mais cette complexité, loin être une preuve d'indigence, témoigne, chez l'auteur

(2) Da carne me pastei continuamente
De seus filhos e pai, della é composto
Este corpo, que animo de presente
Por isso de tormentos faço gosto,
E quando maior pena a carne sente
Então mais me consolo, do supposto
De me ver no inimigo bem vingado,
Neste corpo que é seu, tão mal tratado.

(Canto V, LXV).

(3) Cité par Ferdinand Denis dans *Une fête brésilienne*.

(4) Chapitre XXIV et suivants.

(5) Voir le chapitre II, Aspect de quelques végétaux, caractère qu'ils donnent au paysage, parti que peut en tirer la poésie.

(6) Pg 3.

(1) Chinard: *L'exotisme américaine dans la littérature française au XVI siècle*, Paris, 1911; *L'Amérique et le rêve exotique dans la littérature française au XVII siècle et au XVIII siècle*, Paris, 1913; *L'exotisme américain dans l'œuvre de Chateaubriand*, Paris, 1918.

du jeune premier romantique, d'un frère de Chactas, que se présentera, dans la courte nouvelle de Ferdinand Denis, l'adversaire implacable des Aymorés: "Sa démarche fière, ses yeux étincelants annonçaient le courage et cependant un air de mélancolie profonde y ajoutait une expression qu'on ne saurait bien définir." (9). La passion subite, envahissante, que lui inspire la fille de l'ouvidor se manifeste par les mêmes attentions délicates et raffinées que l'amour de Pery pour Cecy: "Depuis ce moment je la vis presque tous les jours... mais aussi, tout ce qui existait dans ces solitudes, j'aurais voulu le lui consacrer. Pour obtenir une fleur qu'elle aimait, je ne craignais point de franchir le fleuve, de me confier aux branches fragiles des arbres les plus élevés." (10) La jeune fille, troublée par ce culte étrange, passe insensiblement de la curiosité à l'intérêt, de la pitié à l'attendrissement. En elle se révolte encore l'instinct obscur de la race: "Kouroumahy, me dit-elle, si tu veux conserver l'amitié, garde toi de me parler d'amour." (11) Elle ne s'en déclare par moins vaincue, à l'heure même où elle cède aux ordres d'un père inflexible, par cette générosité, qui fera l'essence du *Guarany*. "Ne redoutez point que le temps affaiblisse un sentiment qui ne tient ni à nos usages, ni à nos moeurs, ni à ma volonté. Vous êtes à mes yeux un être différent de tous les hommes. Vous être l'enfant de la nature que la civilisation n'a point corrompu. Cette civilisation dont nous sommes si fiers, j'ai la méprise, car je vous aime." (12) Le problème moral, comme on le voit, est posé dans les mêmes termes. Cependant les deux auteurs nous acheminent, par les mêmes étapes, vers un dénouement opposé. Il n'est pas impossible de retrouver chez Alencar, en même temps que certains lieux communs dont l'origine remonte, par delà Rousseau, jusqu'à Montaigne, la trace d'épisodes qu'il modifie intentionnellement pour se rapprocher ou de l'histoire ou de la vraisemblance. Kouroumahy, afin de capter les bonnes grâces du gouverneur, entreprenait, à la tête de sa tribu, un périlleux voyage aux mines d'or. C'est l'aventurier Loredano qui, dans le "Guarany", incarne la soif insatiable des richesses. D'autre part l'enlèvement de la jeune fille pas les guerriers Machakalis et l'abnégation de l'aimant respectueux qui la ramène à son père ont pu suggérer les pages admirables où Alencar, dans l'épilogue, associe les grands spectacles de la nature américaine à l'expression d'un amour chimérique. Tout nous porte à croire que Ferdinand Denis lui-même, en admettant qu'il ait servi d'intermédiaire, se souvenait de la tempête d'*Atala*. "En ce moment la foudre grondait encore dans l'éloignement et les chants de mes Indiens se mêlaient au faible mugissement de la forêt. Vois, me dit-elle, le calme succède à l'orage. Comme la nature, ton coeur retrouvera sa tranquillité." (13)

Alencar surpasse incontestablement, et par la connaissance des moeurs indiennes et par le sens poétique, son timide précurseur. Il apporte dans l'intrigue qu'il enrichit de péripéties nouvelles, plus de variété, plus de mouvement. C'est avec l'ingéniosité d'un Cooper qu'il décrit les combats, les ruses de guerre des Goytacazes. Il nous trace de la colonisation et de la conquête un tableau moins partial. Aux aventuriers sans scrupules, dont les moeurs pittoresques rappellent nos flibustiers de Saint-Domingue, il oppose, en la personne d'un *fidalgo* de haute lignée, D. Antonio de Mariz, la courtoisie héritée du moyen âge, l'idéalisme des romans bretons, l'héroïsme à la Plutarque, enfin cet esprit d'humanité à l'égard des races vaincues où il n'est que trop juste de reconnaître — Albuquerque l'a prouvé — l'un des aspects caractéristiques de la colonisation portugaise (14) Alencar, au surplus, s'est bien gardé de nous peindre l'enfant mystérieux des forêts sous les apparences d'un héros declamatoire. S'il prête gratuitement à Pery cette délicatesse de sentiments *Scènes de la nature sous les tropiques*, d'une pensée originale et vigoureuse. Il est de ceux qui, sans jamais la conquérir, devançant l'opinion et prêtent au génie. On lui saura gré d'avoir, à trois reprises, frayé la voie au romantisme péninsulaire et conçu avant Garrett l'idée première de l'*Essai sur la poésie portugaise*, du *Camões* et du *Luiz de Souza*. (7). L'honneur n'était pas moindre à tenter, dès 1824, une ébauche du *Guarany*. L'intrigue du roman d'Alencar et de la *Virgem Guaraciaba* de Pinheiro Chagas apparaît en germe, sous la forme condensée d'une nouvelle autobiographique, dans les deux chapitres qui nous retracent l'aventure du chef des Machakalis. A l'Idylle de l'Européen et de sa sauvagesse qu'exploitaient simulta-

nément les littératures française et anglaise (8), dont la réalité fournirait maint exemple et qui n'a rien perdu de sa vogue depuis la légende de la belle Paraguassú jusqu'aux derniers romans de Loti, Ferdinand Denis substitue l'amour d'une portugaise pour l'héritier des races autochtones, thème qui symbolise, malgré son invraisemblance, l'attraction mystérieuse des terres inconnues, la conquête de l'homme par de sol. Voltaire, sans doute, avait senti l'intérêt du sujet. Mais son *Ingénu*, issu d'une famille de marins bretons, armé en guerre contre les abus de l'ancien régime et vivant en France, n'est qu'un faux Huron. Il lui manque d'autre part cette exaltation sentimentale que les disciples de Rousseau exigèrent d'un héros primitif, non perverti par nos institutions. C'est donc sous les traits ments qu'on ne conçoit guère en dehors de la tradition chrétienne et chevaleresque, du moins il le campe dans une attitude qui s'accorde avec l'extérieur silencieux, énigmatique du *cabloco* et le distingue de toute la lignée des Chactas et des Outougami.

Cependant l'indianisme du *Guarany* conserve plus d'une attache avec l'exotisme européen. Les Jésuites, en identifiant Noé et Tamandaré, Saint Thomas et Pai Zuma, avaient commencé la réhabilitation de l'homme sauvage. Il restait, après le XVIII siècle qui glorifiait l'état de nature, à transformer l'Indien en héros sentimental. A l'appui de la thèse de Chateaubriand, qui semble en contradiction avec ce que nous savons des aborigènes de l'Amérique du Sud, dont beaucoup vivaient sous le régime de la polygamie, Ferdinand Denis pouvait invoquer le témoignage des premiers missionnaires. Il avait retenu, en lisant Yves d'Evreux, la piquante anecdote du Tupinambá qui pardonne à la femme adultère. (15) Il se rappelait cette chanson, déjà citée par Montaigne: "Couleuvre, arrête-toi, arrête-toi couleuvre, afin que ma soeur tire sur le patron de ta peinture, la façon et l'ouvrage d'un riche cordon, que je puisse donner à m'amie." (16) Le moraliste ajoutait: "Or j'ai assez de commerce avec la poésie pour juger ceci, que non seulement il n'y a rien de barbare en cette imagination, mais qu'elle est tout à fait anacréontique. L'auteur des *Scènes de la nature*, qui avait parcouru les forêts du nouveau monde, en remplaçant la grâce par la majesté, formulait, dès 1824, un dogme du romantisme brésilien: "On sent de même que dans les idées primitives du sauvage, il y a un caractère de grandeur qui étonne au milieu de notre ordre social." (17)

Ferdinand Denis, imitateur du *Caramuru* et précurseur d'Alencar, avait l'étoffe d'un romancier. On ne lui contestera pas le double mérite d'avoir encouragé en France, après une interruption de deux siècles, la renaissance du goût brésilien et proclamé l'autonomie littéraire d'une nation dont les diplomates européens hésitaient vers la même date, à reconnaître l'indépendance politique. C'est à ce titre qu'il nous a paru légitime, en commémorant le centenaire, d'prononcer avec respect le nom d'un écrivain obscur et oublié qui fut pour le Brésil un ami de la première heure.

G. Le Gentil.

(8) *L'Exotisme Américain dans l'oeuvre de Chateaubriand*, voir le chapitre V (Les Soeurs aînées des héroïnes de Chateaubriand).

(9) P. 138.

(10) P. 153.

(11) P. 157.

(12) P. 189.

(13) P. 182.

(14) Ferdinand Denis indique le même contraste: "Cependant le bruit ne tarda pas à se répandre parmi les Portugais qu'un nouvel ouvidor envoyé de la capitale, allait venir à la place de celui qu'on regrettait encore et que bien des malheureux pensaient que l'on ne pourrait jamais remplacer". (Pag. 148).

(15) *Sulla de l'histoire des choses les plus mémorables advenues*

(16) Cité par F. Denis en *Une fête brésilienne*.

(17) Préface.



(7) La nouvelle intitulée *Camões et José Indio* fait suite aux *Scènes de la nature sous les tropiques*. Des renseignements fournis par Gomez de Amorim dans sa biographie de Garrett il semble résulter que les deux auteurs ont simultanément puisé à des sources communes (entre autres l'édition du Morgado de Mateus).

UM SEculo DE PENSAMENTO

A historia de um povo não está apenas na simples enumeração dos seus feitos guerreiros, das suas lutas politicas e religiosas, das suas conquistas e dos seus revezes. Ha uma força intima e superior que determina, um impulso irresistivel que lhe define as características, uma chamma palpitante que a illumina perennemente: a alma da raça.

Amarguras e alegrias, provações e glórias, derrotas e victórias são communs a todos os povos. Na sua marcha evolutiva através as idades elles soffrem igualmente, elles igualmente se rejubilam, porquanto, neste mundo estreito e limitado, não ha effeitos novos nem motivos ineditos de prazer ou de magua.

E' certo que uma apparencia enganadora de progresso faz com que os homens acreditem nas excellencias do tempo em que porventura vivem, na perfectibilidade do momento immediato, na grandeza, em summa, da sua época. Está ahí a razão de todas as modas scientificas ou litterarias, artisticas ou religiosas.

Entretanto, na essencia, o homem não mudou. As mesmas contingencias eternas o arrastam, os mesmos preconceitos o dirigem, as mesmas necessidades o acorrentam.

Se uma agitação crescente absorve a intelligencia humana, ella é, na essencia, a mesma, variando sómente na multiplicidade das suas expressões. A alma de uma raça, portanto, pôde ser definida como a manifestação particular de um pensamento geral pertencente a todas as outras.

Compare, por exemplo, as Rhapsodias de Homero aos cantos de Ossian, os guerreiros de Agamemnon aos de Fingal. A epopeia dos gregos e a dos caledonios, correndo sobre um thema semelhante, divergem fundamentalmente na pintura dos quadros e dos sentimentos. De parte a parte, a furia das paixões desenfreiadas se desencadeia, a natureza humana e a divina se confundem, o terror e a bravura se misturam; numa e noutra se ouve o alarido das pelegas, o tumulto dos corpos em combate e se observa a subtilidade dos ardis. O heroismo de Achilles não empolga mais do que o de Cuchullin; a belleza das acções é, sem duvida, admiravel em ambos os poemas. O genio que os inspirou, todavia, é profundamente diverso. Homero é claro, preciso, e conhece as virtudes daquella justa medida, tão ao sabor dos hellenos; Ossian, ou Mac-Pherson, é brumal, mysterioso e, ás vezes, diffuso como o eram os celtas.

Vêde, tambem, por exemplo, como é diferente, na sua expressão artistica, o sentimento religioso entre os povos christãos do norte e do sul da Europa. No septentrião, onde é escassa a luz, nevoento o céu, e o temor dos castigos é maior e mais ameaçador, eleva-se a cathedral gothica, de torres massigas e quadrangulares, mostrando nos paredões pesados a bocarra das gárgulas terríveis e assustadoras, como se o templo houvesse mistér, para ser amado e respeitado, daquelle friso solemne de monstros apocalypticos! No norte, quem guarda a casa de Deus é o proprio demonio!...

No meio-dia, onde ha mais ceremonias e, talvez, menos sinceridade, há mais luxo e menos fervor, predominam as graças do estylo bysantino e o fausto das basilicas romanas, com as suas cupulas refulgentes, os seus vitraes polychromicos e os seus mosaicos de ouro e pedraria. Na Italia, segundo a queixa de Savonarola, o inferno estava dentro das igrejas, tantas eram as obras de arte que ellas abrigavam.

Assim, a pintura, a musica, a poesia, a escultura, a architectura, enfim, todos os grandes monumentos das civilisações, quem os anima, quem os aperfeiçoa é a alma das diferentes raças, collaborando, cada qual, com as suas obras, para o immenso patrimonio moral e intellectual daquillo que, por extensão, poderemos, com Michelet, chamar a Biblia da Humanidade.

De todas as artes, porém, é a da palavra aquella que exerce uma influencia mais penetrante, um papel mais saliente na formação das nacionalidades. Um povo sem litteratura seria, certamente, um povo mudo, sem tradições e sem passado, fadado a desaparecer como réles planta rasteira nascida para ser pisada. A litteratura é a propria historia de cada collectividade. Reflectem-se nella, como num espelho polido, as imagens tristes ou risonhas da vida humana. É ella que annuncia as grandes revoluções politicas e religiosas, como no caso de Luthero e dos encyclopedistas do seculo XVIII, ou que regista os triumphos de uma raça que declina, como no caso dos Lusitanos. Caminham á sua sombra niveladora nobres e plebeus,

grandes e humildes, o magnifico Cesar e o modesto Suetonio. Ella representa melhor as particularidades de uma phase historica do que a lisongeira chronica feita pelos aulicos solertes, em honra dos reis e imperadores poderosos. O seculo XVI é menos o de Elisabeth que o de Shakspeare, o seculo XVII mais o de Molière que o de Luiz XIV.

Var'as causas, entretanto, concorrem para a formação e o desenvolvimento de uma litteratura. Algumas são peculiares ao proprio povo onde ellas florescem, outras são exteriores, seguem como que um processo de lenta infiltração, de caldeamento ethico e esthetico. Aquellas celebres fronteiras da *lei do meio*, de Taine, devem ser dilatadas, porque, em verdade, são muito mais largas do que parecem. O meio não é apenas o ambiente, o momento e a raça. O meio é toda a civilisação, é a humanidade inteira, são todas as reacções politicas e sociaes, todas as aspirações, todas as duvidas e todos os enganos, todas as certezas e todos os erros, o meio é o Universo.

Molière é, muitas vezes, uma réplica de Terencio, Cornelle e Racine estão ponteados de lembranças gregas e latinas. Nem um delles, porém, deixou de ser genuinamente francez, e francez do grande seculo. "Presque tout est imitation, pondera Voltaire, il en est des livres comme du feu de nos foyers; on va prendre ce feu chez son voisin, on l'allume chez soi, on le communique à d'autres, et il appartient à tous."

As causas exteriores, portanto, não devem ser desprezadas como qualquer elemento perigoso de desnacionalisação. Seria, por exemplo, um grave erro historico e philosophico aceitar, sem restricções, as desalentadoras conclusões do Sr. Theophilo Braga contra as correntes hespanholas e provençaes, que tanto contribuíram para a formosura e o esplendor da litteratura portugueza.

Não! As litteraturas são como os seixos ao fundo quieto dos rios: precisam de muitas e diferentes aguas para se tornarem polidas. E se, por um lado, podem ficar *menores*, o que é perfeitamente contestavel, perdem, por outro, certas arestas duras e aggressivas, infinitamente mais nocivas á sua excellencia. As causas internas, isto é, as fundamentaes, são as que servem de base ao caracter de cada povo, taes a lingua, os usos e os costumes, os principios juridicos e religiosos, numa palavra, a atmospheria immediata em que se desenvolvem as nacionalidades. Constituem, por assim dizer, o sólo onde germinam as proprias e as alheias sementes.

Dadas estas razões, vejamos quaes são os argumentos que militam em pro! da existencia da litteratura brasileira. Apesar de não possuirmos lingua propria, acreditamos, ao revés de alguns pessimistas de pequena envergadura, que nos não fallecem as condições necessarias ao advento de grandes obras literarias, perfeitamente brasileiras, caracteristicamente nacionaes. A influencia portugueza, predominando até os fins do seculo XVIII, entrou no seculo XIX em franco declinio e, hoje, não existe mais senão como apagado vestigio, repontando, de raro em raro, nalguns escriptores quasi sem relevo. O idioma falado por nós já apresenta singularidades notaveis; nossa prosodia tem accents mais delicados que a lusitana, e ha na syntaxe popular muitas particularidades symptomaticas. Temos, por igual, um extenso vocabulario genuinamente brasileiro, cuja inportancia não se faz mistér encarecer. O meio é rico de aspectos physicos e sociaes, a cultura augmenta consideravelmente e não será difficil deslumbrar por todo o paiz os signaes de uma orientação nova, no tocante aos grandes problemas nacionaes, de uma orientação que, sem os preconceitos jacobinos de 1889, poderá imprimir um forte impulso á nossa evolução, dando ao Brasil uma clara visão dos seus destinos.

Todas essas modalidades necessariamente fornecerão elementos preciosos para o desenvolvimento das nossas letras, como, no seculo XIX, succedeu com a Independencia, que foi a origem insophismavel do indianismo de Gonçalves Dias e Alencar.

A historia da litteratura brasileira pôde ser dividida em tres periodos, muito embora a precariedade de taes divisões de ensejo sempre ao referver das contendas inuteis. Entre os annos de 1500 e 1750, mais ou menos, está o que se pode chamar o seu primeiro periodo, ou de formação, quando era absoluto o predomínio do pensamento portuguez; de 1750 a 1830, quando os arcades da denominada escola mineira começaram a neutralisar, ainda que pallidamente, os effeitos da influencia lusitana, entrou a nossa litteratura

no seu segundo periodo, ou de transformação; finalmente, quando os românticos, os naturalistas e os symbolistas trouxeram para as nossas letras novas correntes européas, isto é de 1830 em diante, tornou-se a litteratura brasileira nacional, começando, então, o terceiro periodo, que, para maior clareza do estudo, cognominaremos autonomico.

Antes, porém, de analysarmos os escriptores que, nesses tres periodos de nosso pensamento litterario mais se distinguiram, convem conhecer, pela rama, o espirito creador do nosso povo. Certo, ha inteira razão de nos orgulharmos da raça a que, por favor do destino, todos nós pertencemos. A verdadeiro poesia nasce da boca do povo como a planta do solo agreste e rude. E' elle o grande creador sincero e espontaneo das épopeas nacionaes, aquelle que inspira os artistas, anima os heróes e dirige, nas linhas mysteriosas da sua vontade, os destinos da patria.

Dos pastores do Himalaya aos bardos gregos e romanos, no mundo antigo, dos trovadores e jograes, na idade-média, aos menestreis das côrtes e dos salões senhoriaes, no Renascimento, não variou o sentimento poetico. Sômente as fórmas se modificaram. O subtil Montaigne, ao revés dos seus contemporaneos imitadores de Pindaro e Theocrito, muito justamente comprehendeu que "a poesia popular e puramente natural mostra na sua ingenuidade e na sua graça tanta frescura e belleza quanto a poesia perfeita, segundo a arte"

E que é a poesia senão um esforço da alma para entender certas verdades superiores e eternas que estão acima de todos os raciocínios? Os scientistas investigam, medem, pesam e verificam; a natureza, para elles, é um theorema, um calculo, uma hypothese, é em summa, uma funcção da intelligencia e da experimentação. O povo, ao contrario, é ingenuo, acredita mais depressa no impossivel que no possivel, não pensa, não indaga e não resolve: sonha, sonha apenas com a felicidade immediata ou futura, e põe, deante de cada interrogação sybilina, o sorriso da trova brejeira ou a lagrima da canção dolente.

A' philosophia popular repugnam as idéas abstractas, os problemas aridos, as construcções metaphysicas; ella é profundamente imaginosa e fantasista, por que fantasiar ou imaginar é para o povo mais que uma necessidade, quasi um habito. Quem folhear qualquer cancionero oriental ou accidental verá que a vida se resume, no conceito da musa popular, em alguns jogos tristes ou alegres, numa cigarra que rechina entre a folhagem espessa dos oliveaes, cantaria o festivo Anacreonte, num pouco de vinho transparente e leve, sob o rumor caricioso de uma velha fronde, diria o doce Omar Khayyam.

Entretanto, nem sempre é epleurista e jovial a nossa poesia vulgar. Antes, diremos, como o Padre Anchieta escreveu da terra, que a nossa musa sertaneja "é algo melancolica." O brasileiro é naturalmente triste, porque tristes são as tres raças que contribuíram para a sua formação. O portuguez é nostálgico, á sême-lhança da languida toada dos seus fados, onde a voz da fatalidade é a que mais alto resoa; o africano é um abatido, suas re-voltas são gritos de dor contra as agruras do exilio em que o puzeram; o indio é um soffredor, tem na alma a resignada queixa dos rios solitarios e o murmúrio das selvas remotas. Dahi esse aspecto de melancolia que ha em quasi todas as producções typicas da poesia brasileira, desde o episodio da Lyndóia, de Basillo da Gama, ás Pombas, de Raymundo Correia. Se algumas vezes se encontram quadras de ligeiro chiste, como estas:

Alfalate quer tesoura,
Sapateiro quer tripeça,
Moça bonita quer ouro,
Moça velha quer conversa,

ou, então,

Eu não confio na mulher
Nem que ella esteja dormindo.
Os olhos estão fechados,
Sobrancelha está bolindo.

ou, ainda,

A menina que eu namoro
E que me quer muito bem,
Tem sorriso que encanta
E vinte contos tambem...

a grande percentagem é das que regumam desengano e amargor. Quem desconhece, porventura, o travo de melancolia que distingue os nossos lundús e as nossas modinhas? Os cantores populares vertem nas suas composições todas as lagrimas da saudade, todas as imprecações da desesperança, todos os queixumes da vida. Isso não impede, todavia, que sejam conceituosos os seus versos, que revelem, muita vez, um penetrante sentimento dos homens e das cousas. Appreciae esta pequena joia de observação:

A sorte, nós bem sabemos,
E' tal qual uma mulher,
Que quer quando não queremos,
Quando queremos não quer...

Naturalmente, o intuito do poeta não foi ferir o coração feminino. A mulher deve ter entrado ahí, apenas obrigada pela rima, pois, observaes como os nossos trovelros conhecem os homens:

Meu mano, meu camarada,
Tudo no mundo é assim:
Commigo ocê fala de outros,
C'outros cê fala de mim...

Nosso povo, entretanto, não se recreia sómente com os encantos do verso alado e sonoro; elle é tambem um grande creador de fabulas e historietas, geralmente de intenção moral e correctiva. A imaginação popular não tem no Brasil aquelle fausto nem aquella pompa do genio oriental. Em nossos cantos indigenas não ha palacios magniflicos, nem castellos sumptuosos, forrados de ourivesaria incalculavel, como nas Mil e uma Noites. A Sheherazada brasileira é mais conceituosa que opulenta, educa mais que deslumbra. Nas lendas selvagens a natureza domina o homem, e, como nas fabulas de Esopo ou La Fontaine, são os animaes que se encarregam de revelar as virtudes e os defeitos da vida, por meio das suas engenhosas artimanhas.

As lendas de origem européa, á guisa da Madrasta, da Moura Torta, da Gata Borracheira ou do Bicho Manjaléo são apenas variantes mais ou menos mascaradas do extenso fabulario medieval, e estão, por isso, fóra da nossa verdadeira indole. As de procedencia indigena e africana são mais vivas e interessantes, mais características do nosso *folklore*. Para o indigena, segundo se apura nos seus contos mais famosos, era a esperteza arma seguramente melhor que a força, o instincto da raposa vence a violencia da onça, a agilidade dos macacos, a bruteza das antas. Vêdes, por ahí, que a lição dos nossos indios não foi desaproveitada como tanto se assoalha. Que o digam os nossos politicos...

O animal preferido dos indigenas é o jaboty. Suas espertezas são tão notaveis que nem o Caipora consegue evital-as. Os animaes ferozes são dominados por elle, e ha nas suas façanhas sempre um ensinamento a colher, sempre um exemplo que muita gente conhecida nossa não desprezaria... Basta dizer que a raposa de Esopo encontra no nosso jaboty um emulo brilhante, senão até um mestre ainda mais subtil na arte de viver...

Entre as de origem africana, merece especial referencla a lenda da Onça e do Gato, que eu peço licença para transcrever:

"A onça pedio ao gato para lhe ensinar a pular, e o gato prontamente lhe ensinou. Depois, indo juntos para a fonte beber agua, fizeram uma aposta para ver quem pulava mais. Chegando á fonte encontraram lá o calangro, e disse a onça para o gato: "Compadre, vamos ver quem de um só pula pega o camarada calangro? Vamos, disse o gato: Só você pulando adiante, retrucou a onça. O gato pulou em cima do calangro, a onça pulou em cima do gato. Então o gato pulou de banda e se escapou. A onça ficou desapontada e disse: "Assim, Compadre gato, é que você me ensinou?! Principiou e não acabou... O gato respondeu: Nem tudo os mestres ensinam aos seus aprendizes..."

A superstição, velha companheira do homem, forneceu grande copia de motivos para o "folklore" nacional. A "anima rerum", com todos os seus mysterios fascinantes, suas nebulosidades estranhas e suas inexplicaveis trejectorias, influio muito poderosamente no character de raça. O caboclo é bravo, arrojado quando necessario, calmo na luta, mesmo que todas as probabilidades de exito lhe sejam contrarias. O numero não o intimida, a vantagem de posição ou de arma não o abate. Se, entretanto, depois de uma formidavel refrega em que sua coragem fez prodigios e operou maravilhas, elle topa no caminho deserto com uma réstea de luz ím-

prevista, ou percebe um estalido subito na matta, perde logo o aprumo varonil, um arrepio de pavor corre-lhe a espinha aceleradamente, e sem mais vacillações, desata numa vertiginosa carreira por macega e capocirões, salta vallos e vadeia rios, até cair no chão prostrado pelo cansaço e pelo terror panico. As abusões, as tradições oracs, as historias temerosas de fantasmas e hallucinações entram, em grande parte, na sua psychc. Quem não tremeu, quando creança, com as risadas do Caipora, as perversidades da Mãe d'Agua e os olhos flamivomos dos lobishomens? Aqui estão, portanto, os élos que nos ligam uns aos outros. Todos nós, das mais differentes classes sociaes, somos um reflexo dessa caprichosa alma popular, feita, ao mesmo tempo, de melancolia e esplendor, de timidez e descmpeno. Nosso "folklore" serve para mostrar que a raça brasileira, apezar de melancolica e sentimental, guarda, no fundo, uma clara comprehensão da vida e uma sã e admiravel energia interior que, ao primeiro toque, aflora indomavel e inesperadamente.

A nossa historia litteraria, na sua primeira phase, isto é, de 1500 a 1750, não apresenta propriamente grandes individualidades, que, ou pela cultura ou pela força das faculdades creadoras, se impuzessem á estima dos posterios. No seculo XVI, especialmente, a litteratura foi um simples reflexo da terra. Os nossos primeiros colonisadores, entre os quaes é mister não esquecer nunca os apóstolos da Companhia de Jesus, como Anchieta e Nobre, deante da magnificencia do ambiente que os rodeava, limitaram-se a fazer o elogio da terra. Sómamente um poeta, cu melhor um cortezão amigo das boas letras tentou elevar-se a um genero mais alto. Vivendo num meio, cuja pompa e opulencia Fernão Cardim na sua Narrativa Epistolar descreveu entre extasiado e rabujento, Bento Teixeira Pinto quiz deixar do fidalgo que mais o illustra o épico composto em louvor de Jorge de Albuquerque Coelho, onde, va. testemunho condigno. Eis ahi a razão da sua *Prosopopeia*, poe é bom salientar, só o valor da intensão tem valimento. As musas desabrocharam mofinas no Brasil, paiz, onde mais tarde, teriam mais fieis que a propria Igreja. Não foram os prosistas porventura mais notaveis. Suas obras, entretanto, têm mais preço porquanto dizem do nosso torrão e dos seus primitivos colonisadores e habitantes. São, assim, repositórios onde o futuro historiador foi encontrar os elementos indispensaveis para o conhecimento do nosso paiz. Entre estes escriptores, são dignos de nota e referencia Pero de Magalhães Gandavo, que foi o primeiro homem que se occupou das nossas cousas, escrevendo a *Historia da Provincia de Santa Cruz*; Gabriel Soares de Souza, cujo *Tratado descriptivo do Brasil* vem cheio de informações preciosas sobre corographia, topographia, photologia, zoolgia e mais outras relativas ao clima e á natureza do Brasil; o Padre jesuita Fernão Cardim, autor da Narrativa Epistolar, que vos citei ha pouco, e Pero Lopes de Souza, que manejava a penna e o tabuco, á semelhança de quase todos os fidalgos navegadores de Portugal.

O seculo XVII é, sem duvida, já pelo lado social e politico, já pelo aspecto intellectual, muito mais importante que o precedente. O sentimento nacionalista, raro e vacillante no seculo anterior, revigora-se nas lutas contra os conquistadores estrangeiros; a riqueza augmenta progressivamente, a agricultura floresce nas villas e nas cidades litoraneas; a pecuaria se desenvolve em algumas zonas do interior; e as bandeiras começam, por valles e montes, florestas e descampados, a obra admiravel do desbravamento do nosso sólo, que, então, se vai dilatando das regiões praieiras em direcção das caatingas do planalto central.

As letras gosavam, com especialidade na Bahia, que herdara de Pernambuco o prestigio intellectual, de grande estimação. Os poetas do Renascimento italiano, hespanhol e portugez, como Tasso, Gongora, Quevedo, Lope de Vega, Gabriel de Castro e outros mais, eram lidos imitados. Como nos de Portugal de D. Francisco Manoel de Mello, predominava, entre os nossos letrados, quasi todos educados em Coimbra, a influencia de Gongora e seus discipulos. Havia por esse tempo muitos cultores da boa latinidade. Os chronistas e historiadores classicos eram meditados e conhecidos, fornecendo, não raro, grande cópia de motivos á eloquencia sacra. Entre os prosadores solentaram-se Fr. Vicente do Salvador, o maior delles, celebrado autor da *Historia da Custodia do Brasil*, obra das mais consideraveis que nos legou a litteratura colonial; Manoel de Moraes, cujos livros são conhecidos unicamente pelos gabos de certos escriptores, como João Laet; Diogo Gomes Carneiro, Fr. Christovão da Madre de Deus Luz, Euzebio de Mattos, que deixou fama de orador consumado e Antonio de Sá, apelidado pelos contemporaneos o *Chrysostomo portuguez*. Notae, de passagem, como é perigoso o juizo dos contemporaneos...

Entre os poetas podem citar-se Bernardo Vieira Ravasco, Domingos Barbosa, Gonçalo Soares da Franca, Gregorio de Mattos, Manoel Botelho de Oliveira, José Borges de Barros, Gonçalo Ravasco Cavalcante de Albuquerque e João de Brito Lima, todos pertencentes á chamada escola bahiana. De todos esses poetas, com excepção de Gregorio de Mattos e Botelho de Oliveira, restam apenas produções sómenos.

Manoel Botelho de Oliveira, nos sonctos, madrigaes e canções de que se compõe a sua "Musica do Parnaso, em quatro côros de rimas portuguezas, castelhanas, italianas e latinas com seu descante comico reduzido em duas comedias" é poeta seguramente menos importante e pomposo que o titulo da sua obra. E' de regra, entretanto, salvar-se de todos os seus versos imitados de Gongora e Marino, o poemeto admirador das nossas frutas e dos nossos cereaes. Pode-se dizer que a Ilha da Maré é um poema heroico inspirado nos productos naturaes do nosso uberrimo sólo. Convireis, portanto, que a materia é pouca para a poesia. De Gregorio de Mattos já se não pôde affirmar o mesmo sem grave erro ou má fé. Elle foi, em verdade, a figura mais alta da nossa poesia até os arcades do seculo XVIII e, talvez, como satyrico, um dos melhores exemplares do genero no Brasil. Em que pése ás suas muitas fraquezas, ás suas paraphrases de Quevedo e a outros tantos defeitos facilmente verificaveis, Gregorio de Mattos é uma figura varonil, de linhas accentuadas e caracteristicas. José Verissimo foi injusto quando, levado não sei por que extremos, lhe rebaixou o character de modo tão aggressivo. Foi injusto, porquanto viu as suas miserias, esquecendo-se do homem e das circumstancias em que o mesmo viveu, e ainda por que o considerou exclusivamente como um truão, um individuo sempre prompto a fazer peditorios derramados aos figurões da época. Gregorio de Mattos não foi sómente um satirico despejado, mostrou-se, igualmente, um lirista sensível e moralista imaginoso e discreto quando o sangue lhe corria mais calmo nas veias. Sua obra é um espelho do tempo. Ella reflecte os ridiculos e os vicios da gente que nos governava de bota e espóra, e de quem tanto soffreu o poeta. Ella nos mostra, ainda, uma alma cheia de notas delicadas, capaz de sentimentos finos e elevados. Se, em dia aziago, elle despejou contra certos mazombos a conhecida zombaria:

Que os brasileiros são bestas,
E estão sempre a trabalhar
Toda a vida por manter
Maganos de Portugal

não é menos verdade que, muita vez, deixou o coração cantar livremente, cousas mais subtis e polidas que a invectiva. Attentae nestas Decimas "a uma dama que estava com um cravo na boca":

Vossa boca para mim
Não necessita de cravo;
Que o sentirá por agravo
Boca de tanto carmin.
O cravo meu Serafim
(Se o pensamento bem toca)
Com elle faria troca;
Mas meu bem, não o aceiteis
Porque melhor pareceis
Não tendo o cravo na boca.

Quanto mais; que é escusado
Na boca o cravo, porque
Prefere ella, ao que se vê,
Na côr todo o nacarado.
O mais subido encarnado
E' da vossa boca escravo;
Não vos fez nem um agravo
Elle de vos dar querella;
Pois menina que é tão bella
Sempre tem boca de cravo.

O seculo XVIII, em que os nossos caminhos de penetração para o interior tanto se dilataram sob o influxo das bandeiras e do descobrimento de minas de ouro e diamante, apresenta uma novidade

no ponto de vista literario. Data dos seus primordios o apparecimento das Academias Literarias em nosso palz. Em 1724, funda-se a Academia Brasileira dos Esquecidos, sob o patrocínio do proprio Governador, na Bahia, seguindo-se mais tarde a dos Felizes e a dos Renascidos, aquella no Rio de Janeiro e esta em S. Salvador. Dos academicos, entretanto, restam poucas e esparsas noticias. Foram elles os poetas e os prosaistas do tempo. Vão aqui os nomes de alguns: Sebastião da Rocha Pitta, Brito Lima, Gonçalo Soares da Franca, João de Mello, Luis Canedo de Noronha, Manoel José de Cherem, José Pires de Carvalho e Albuquerque, Fr. Manoel Rodrigues Correia de Lacerda e os irmãos Bartholomeu e Alexandre de Gusmão. Taes nomes, á excepção de Alexandre de Gusmão, cujas Cartas são modelos de finura e bom senso, representam os poetas do momento. Para apreciardes melhor que especie de Musa os inspirava, peço-vos licença para copiar-vos este soneto de Luis Canedo de Noronha, offerecido ao "Coronel Sebastião José da Rocha Pitta":

Fére a pedra Moysés com a sua vara,
E brotar logo fez agua abundante,
Toca Apollo essa Rocha de diamante
E sahir logo faz fonte mais clara.

A da pedra foi pura e fonte rara,
Que um impulso a fez ter reverberante,
A da Rocha um só toque a fez manante
E ser veia mais pura se declara

Se a da pedra por doce e crystalina
Se bebeu quando estava na torrente,
A da Rocha embebeu a cabalina.

Mas emquanto se bebem na vertente,
Aquella soube bem por doce e fina,
Essa sabe melhor por mais corrente.

Não ha como negar, entretanto, que taes corporações eram seguro indicio de que se estava operando uma transformação lenta no curso do nosso pensamento, ainda que as correntes portuguezas fossem as unicas portas abertas que tínhamos para o mundo. Já havia um certo orgulho em ser brasileiro, em mostrar que possuíamos, tambem, e com voz propria, uma literatura. Reflectindo esse modo de pensar, apparecem alguns trabalhos essencialmente sobre o Brasil, como o Peregrino da America, de Nuno Marques Pereira, a Historia Militar do Brasil, de José de Mirales, a Historia da America Portugueza, de Rocha Pitta; e o poema Brasilia, de Soares da Franca. Os prosadores sobrelevam os poetas que, posto de lado Frei Manoel de Santa Maria Itaparica, autor do Eustachidos, nem um interesse despertam. Com Antonio José, alcunhado o Judeu, que aliás nada influo nas nossas letras por ter vivido e morrido em Portugal, são esses os typos mais representativos do momento.

O segundo período da nossa historia literaria começa com a Escola Mineira e acaba no dealbar do Romantismo, isto é, vai de 1750, approximadamente, a 1830. Seis poetas constituem a chamada Escola Mineira. São elles: Santa Rita Durão, Basilio da Gama, Claudio Manoel da Costa, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, Antonio Gonzaga e Manoel Ignacio da Silva Alvarenga. Os dous primeiros cultivaram o genero épico, os outros foram principalmente lyricos, á excepção de Claudio, que nos legou tambem um poema heroico, e de Gonzaga que, segundo todas as probabilidades, escreveu um poema satyrico. Pela originalidade do éstro e da factura, assim como pela força da expressão, o Uruguay, de Basilio da Gama, é o mais perfeito e melhor poema apparecido no Brasil, em todo o periodo colonial; Santa Rita Durão ainda era um camoniano e Claudio um discipulo fidelissimo da escola arcadica franceza e italiana, como os demais poetas do seu grupo. Distingue taes poetas um sentimento muito cuidado da fórma, uma graça de factura e um comedimento de expressão já singulares. Elles prepararam, notou com acerto Sylvio Romero, o advento do romantismo, não pelo que a sua poesia tivesse de comunum com o espirito romantico, mas porque, educados sobretudo nos principios dos encyclopedistas, alargaram os horizontes da nossa cultura, indo buscar fóra da Metropole os seus modelos.

Postos de lado, outros poetas contemporaneos dos arcades, como Caldas Barbosa, figura de real interesse, Costa Gadelha, Tenreiro Aranha e alguns mais, citemos os prosadores, de relevo muito menor que os lyricistas. São elles Pedro Taques de Almeida Paes Leme, Fr. Gaspar da Madre de Deus, Borges da Fonseca e Santa Maria Jabotão, que continuaram a tradição dos Rocha Pitta, escrevendo chronicas e genealogias, como o Novo Orbe Seraphico Brasileiro. Durante esse periodo sómente o fino Mathias Ayres deixou obra consideravel como prosador.

No começo do seculo XIX merecem referencia como poetas Antonio Pereira de Souza Caldas, Fr. Francisco de S. Carlos, Eloy Ottoni e José Bonifacio de Andrade e Silva, e como prosadores Mont'Alverne, celebre pelos dotes de eloquencia; Silva Lisboa, Visconde de Cayrá, homem de notavel saber; Mariano José Pereira da Fonseca, o famoso Marquez de Maricá; José Feliciano Fernandes Pinheiro e o intemerato e audacioso Hyppolito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, o primeiro jornalista brasileiro que pugnou pela libertação da nossa patria.

Depois da Independencia politica os nossos avós se esforçaram para fazer a literaria e a artistica. Coincidindo o movimento que aqui se operava com a renovação romantica, vinda através da Alemanha e da Inglaterra para a França, nada mais natural que nós, já então sob a influencia da literaturá franceza, procurassemos no romantismo o nosso roteiro intellectual. Reagindo contra o espirito classico, que lhes lembrava os odientos processos da Metropole, os nossos escriptores entregaram-se confiantes á nova corrente que então entrava na sua phase mais brilhante de desenvolvimento. Voltaram-se para a terra natal e, vendo a sua enormidade, procuraram fazer della uma grande e nobre nação. Entramos, portanto, sob o influxo do romantismo, no periodo autonomico da nossa literatura.

Desprezados os nomes de muitos poetas sem maior significação, veremos que ha em nossa poesia romantica quatro phases distinctas. Na primeira, depara-se-nos Gonçalves de Magalhães e a poesia religiosa; na segunda, Gonçalves Dias e a poesia da natureza; na terceira, Alvares de Azevedo e a poesia da duvida; na ultima, Castro Alves e a poesia social.

De todos elles, porém, os que melhor encarnam as qualidades e os defeitos da nossa raça são Gonçalves Dias e Castro Alves. Em ambos o sentimento da terra é notavel e ambos cantaram, aquelle com mais correcção e este com mais fogo, as doçuras ou as grandezas da nossa natureza.

Os prosadores do romantismo são dos mais notaveis da nossa literatura. Basta citar no romance o grande José de Alencar, cujo estylo colorido, vario, numeroso e cambiante ainda pôde ser hoje imitado sem escandalo; Manoel de Macedo, que é o verdadeiro fixador dos costumes da sua época: Manoel de Almeida, Bernardo Guimarães. Franklin Tavora e Escagnolle Taunay. Entre os criticos e historiadores, merecem registo: Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, um dos mais notaveis sabedores de cousas literarias que temos visto; Pereira da Silva, cuja obra um tanto fantasista revela um espirito operoso; Sotero dos Reis, especie de Quantiliano brasileiro, de muita lição e pouco aprazimento para o leitor; Joaquim Norberto de Souza Silva, escavador benemerito dos nossos archivos, e João Francisco Lisboa, o critico mais sagaz e agudo entre os seus contemporaneos. O theatro apresenta-tos tambem alguns nomes justamente respeitadas. Quem, dentre vós, não conhece as comedias de Martins Penna e França Junior, José de Alencar e Macedo? O theatro do romantismo talvez tenha sido até hoje o mais caracteristico da nossa literatura, pelo menos o mais nacional, sem preocupações regionaes e por isso perfeitamente sincero e representativo.

Sucedendo aos romanticos, sem transição violenta, porquanto entre aquelles já havia elementos fartamente aproveitados mais tarde, vieram os naturalistas. Propunha-se o naturalismo olhar com mais penetração a realidade, a vêr a vida com os olhos da pura observação. A linha objectiva preocupava muito mais os naturalistas que a tortura interior. A exemplo daquella *Belleza* immovel de Baudelaire, sua arte não sabia rir nem chorar. Era impassivel, ou devia ser... Tudo isso, porém, são maravilhas, enganos da novidade. Os nossos parnasianos, apesar do preconceito em que erraram a principio, cedo voltaram ás fontes do nosso lyricismo. Consultai a obra dos mais celebrados. Vêde se Raymundo Corrêa é insensivel, se Bilac é hieratico, se o Sr. Alberto de Oliveira não se move? Ao contrario, Raymundo Corrêa é um arguto psychologo, sabe surprehender os sentimentos mais reconditos da alma humana,

A colera, a amizade, a hypocrisia, todas as tintas e meias tintas da illusão humana, aquillo que está mais occulto em nosso coração, como uma floração de rainuculos em um tanque de agua parada, a duvida e o tédio, a innocencia e a crueldade, elle pesou e medlo, resolveu e analysou com o paciente cuidado de um naturalista que fosse, tambem, um philosopho avisado e prudente. Bilac é um mixto de ironia e esplendor, de volupia e blasphemia, de queixa e exaltação. Pelo seu coração falam todos os corações da nossa raça. Aquella nostalgia, sempre corrigida por uma constante apologia das bellas fórmas da natureza, que é um dos traços da intelligencia de Goethe e Keats e da sensibilidade de Musset e Vigny, imprime aos seus poemas uma frescura deliciosa. Seu processo literario impressiona pela singeleza e limpidez do estylo. E' claro sensível e humano. O Sr. Alberto de Oliveira, nas suas multiplas tendencias classicas, romanticas ou parnasianas, é, sobretudo, um lyrista colorido e altamente imaginoso. Sua imaginação é mesmo, como expressão literaria, uma das mais consideraveis da nossa literatura.

Não se mostram, porventura, mais impassiveis que os poetas os prosadores do naturalismo. A historia de romance naturalista no Brasil está feita na obra de quatro escriptores: Machado de Assis, Aluizio de Azevedo, Julio Ribeiro e Raul Pompeia. Machado de Assis é o psychologo, sobreleva a todos pela profundeza de pensamento, pela correção da linguagem, pela sobriedade da fórma e pela ironia subtil que o approxima da linhagem dos Sterne e dos Swift, na Inglaterra, dos Anatole, na França, e dos João Paulo, na Allemanha. Aluizio é o impressionista, tem a visão mobil e rapida e o censo do colorido; é um retratista admiravel, seguro e alerta. Julio Ribeiro é o morbido, o sensationista, se nos permittem, aquelle em quem era mais forte e agudo o instincto da vida. Raul Pompeia é o inquieto, o insatisfeito, o mais poeta de todos os quatro o mais commovido ante o espectáculo do mundo.

Entre os criticos, historiadores e publicistas que, de 1866 para cá se notabilizaram, não podem ser esquecidos Tobias Barreto, Sylvio Romero, Arthur Orlando, José Verissimo, Arraípe Junior, Joaquim Nabuco, Alcindo Guanabara, Rocha Lima, Eduardo Prado e o Sr. Ruy Barbosa, cujo longa actividade e cujo prestigio universal honram a nacionalidade brasileira. No theatro naturalista mencionaremos Arthur Azevedo, Valentim Magalhães e Moreira Sampaio, que se esforçaram, o primeiro mais que os outros, por continuar a tradição dos Martins Penna e dos França Junior. Na eloquencia, basta citar ainda o Sr. Ruy Barbosa para avaliar a sua importancia no Parlamento nacional.

Temos chegado, assim, quasi aos contemporaneos ou, melhor, aquelles que se notabilizaram depois do naturalismo. Se é certo que o symbolismo não produziu aqui um movimento que marcasse em nossa literatura, não é menos verdade que, á sua sombra, appareceram alguns typos profundamente interessantes. Quem, estudando a evolução do nosso pensamento literario, olvidasse a figura de Cruz e Souza commetteria uma falta imperdoavel. Essa falta commetteu José Verissimo. Eis porque os historiadores vindouros, reconhecendo embora a sua sinceridade, hão de concluir que o nosso illustre critico certamente não desprezava as paixões, mesmo quando literarias...

Sem ser um puro symbolista, não só pela technica dos seus versos senão pelos motivos que cantou, Cruz e Souza é, sem duvida, um dos mais significativos representantes da reacção espiritualista aqui operada nos ultimos annos do seculo findo. Ha na sua poesia esse aereo de vozes, esse vago de sentimentos e idéas que caracterizam a obra de ficção de uma forte corrente da literatura contemporanea. A' semelhança do romantismo, representa o symbolismo um movimento francamente espiritualista, provocado pela desillusão scientifica dos derradeiros quartéis do XIX seculo, como aquelle já o fôra pelo excesso de realismo encyclopedista. O individualismo dos symbolistas, todavia, differe do subjectivismo romantico, por isso que, emquanto este se compraz em assignalar as pequeninas tragedias de cada ser, na communnhã social, aquelle apparece como um ponto de referencia da dôr universal, uma encruzilhada onde se vão encontrar as queixas dispersas de todos os homens que soffrem a melancolia irremediavel da vida. Confundem-se nelle ou, melhor, na expressão da sua magua immensa, todas as duvidas que abrolham do fundo do inconsciente, e que a razão, tremula e indecisa, não sabe resolver. O symbolismo é uma dessas muitas reminiscencias desse mal de viver que, segundo parece, foi o sopro divino com que o Creador animou a sua creatura.

Se quizerdes sentir toda a força dessa angustiosa poesia, é sufficiente attentar neste desolado *Caminho da Gloria*, onde Cruz e

Souza pôz toda a magua do seu coração e todas as duvidas do seu instincto:

Este caminho é cor de rosa e é de ouro
Extranhos roseirões nelle florescem,
Folhas augustas, nobres reverdecem
De acantho, myrto e sempiterno louro.

Neste caminho encontra-se o thesouro
Pelo qual tantas almas estremeçam;
E' por aqui que tantas almas descem
Ao divino e fremente sorvedouro.

E' por aqui que passam meditando,
Que cruzam, descem, tremulos, sonhando,
Neste celeste, limpo caminho,

Os seres virginaes que vêm da terra,
Ensanguentados da tremenda guerra,
Embebedados do sinistro vinho...

Ha em Cruz e Souza, apesar de todas as suas insufficiencias, a figura de um precursor. Elle introduziu nas nossas letras aquelle horror da fórma concreta, de que já o grande Goethe se lastimava no fim do seculo XIII. E tal serviço, em verdade, não é pequeno, em um paiz onde a poesia flue mais da ponta dos dedos que do coração.

Depois dos naturalistas e dessas primeiras escaramuças dos symbolistas, não houve propriamente um movimento seguro e continuado, uma escola, na linguagem dos criticos. Estamos atravessando um periodo de indecisão ou, melhor, de transição que deixa a cada um o livre jogo do temperamento individual. Entre os prosadores de ficção cujo nome se fixou neste seculo estão na primeira os Srs. Coelho Netto, que é um poderoso descriptivo, dictado de uma lingua por vezes excessiva, mas assim mesmo luxuosa e rara, das mais raras e luxuosas que ostentam as nossas letras, e cujos romances e novellas, quasi todos de character regional são admiraveis como documentos nacionaes, são paginas coloridas, firmes, repassadas de um doce e commovente idealismo, que é a sua mais alta prenda; Affonso Arinos, o melhor pintor da vida sertaneja; Graça Aranha, espirito poderoso de philosopho e artista dos mais altos; Xavier Marques, cuja fina sensibilidade é digna do maior louvor; D. Julia Lopes de Almeida, artista de excellente mão; e Afranio Peixoto, cujos romances, pela intelligencia que revelam das cousas e dos homens, são dos mais significativos da nossa literatura contemporanea.

Dentre os publicistas, criticos, historiadores e ensaistas sobresahem Euclides da Cunha, o mais formidavel evocador dos nossos scenarios naturaes, creador de um estylo realmente novo na lingua portugueza; os Srs. Capistrano de Abreu, Rocha Pombo, Farias Brito, Oliveira Lima, Medeiros e Albuquerque, tambem romancista e novellista de grandes recursos; Nestor Victor, Mario de Alencar, Magalhães de Azeredo, Rodrigo Octavio, cuja bella chronica sobre Felisberto Caldeira está indicando a necessidade de novos ensaios do genero; João Ribeiro e Alberto Faria, os mais reputados folkloristas nacionaes; Affonso Celso, Ramiz Galvão, Carlos de Laet e muitos outros escriptores velhos e novos que ainda seria licito nomear se não fôra o proposito que me impuz de tornar o mais sumario possível o quadro que venho traçando.

Na poesia, como na prosa, nossa literatura dos ultimos tempos tem sido fecunda. Basta apontar Marlo Pederneiras, um dos mais finos poetas da sua geração, e o Sr. Vicente de Carvalho, lyrico dos mais espontaneos da nossa raça, para se ter idéa do seu valor.

A actividade dos nossos escriptores, especialmente daquelles que pertencem á presente geração, tem sido, em verdade, extraordinaria. Os estudos historicos, philosophicos e scientificos se multiplicaram, obedecendo, no geral, a propósitos de são nacionalismo. As fontes da nossa historia são devassadas com intelligencia e amor, toda, ou quasi toda a obra dos homens contemporaneos se inspira num sentimento justo e penetrante das nossas tradições. Chegou o momento, pois, de sermos Brasileiros, de contribuirmos com elementos proprios para o grande patrimonio moral e intellectual da humanidade. Esta é a lição que nos mostra o primeiro seculo da nossa autonomia politica e mental. Uma lição de trabalho e de fé.

Ronald de Carvalho.

A INCLYTA TRINDADE

Conferencia pronunciada na Associação de Imprensa a 10 de Setembro de 1922

Origens da independencia

A homenagem desta noite deve valer como preito á intangível verdade historica. Graças ao instincto de justiça dos pósteros, não clegámos a commemorar o nosso primeiro centenario de vida emancipada sem haver, senão corrigido, ao menos assignalado o erro de visão ou o dislate inconsciente das gerações que nos precederam relativamente aos verdadeiros promovedores da nossa autonomia. Até então, com effeito, o grande cidadão José Bonifacio de Andrade e Silva, homem de summa sapiencia, surgia aureolado da gloria indivisa de ter tornado a patria livre, mas, hoje, não é universal o sentimento brasileiro ácerca do papel deste archetypa da raça, appellidado o *Patriarcha da Independencia do Brasil*. Sabeis agora, e de modo incontrastavel, que foram Joaquim Gonçalves Léo, Januario da Cunha Barbosa, Frei Francisco de Sampaio, e outros destemerosos patriotas, que na imprensa, no pulpito, na tribuna profana, nas sessões secretas da maçonaria e nos concillabulos politicos, prepararam a consciencia nacional do povo, acorrentado á monarchia absoluta, para a completa separação e integraram a patria livre nos seus novos destinos. Sem a propaganda tenaz, ardorosa e valente desses paladinos, D. Pedro I não teria perjurado e nem tão pouco o eximio José Bonifacio teria abandonado o quieto remanso de Santos, onde vivia entregue ao trato dos seus dilectos mineraes e no amavel colvívio das musas, para tomar a postura que as circumstancias lhe haviam suggerido, e, em seguida, se feito ministro do Regenté e, depois, do Imperador. Acreditaes que se não fossem elles, ter-se-ia operado, no meio das paixões tumultuosas daquelles dias, o milagre da metamorphose do nosso regime politico e da estructura social do país? Não é crível. Neste sentido, oppositamente ponderarei que sem a espada principesca do primogenito de D. João VI, sem o engenho singular de José Bonifacio e sem o apoio dos paulistas teriam elles consumado a conquista das nossas liberdades. No entanto, como no rythmo genesisico da historia, tudo evolve logicamente, a obra da nossa alforria tem origens remotas. A independencia, que se effectivou por obra e graça da vontade brasileira, já existia na consciencia popular, e irradiára no espirito dos nobres rebellados de Vieira de Mello, em 1710, no peito indomavel de Felipe dos Santos, no episodio tragico e sagrado dos inconfidentes de Villa Rica e no gesto heroico dos insurrectos pernambucanos de 1817. O sangue dos heróes dos Guararapes cimentára os bastiões da nacionalidade, que se integrou definitivamente no 7 de abril de 1831, quando D. Pedro I foi obrigado a resignar a realza. Em 1822, naquelle momento de incertezas e perigos, mas em que a incandescencia nacionalista preludiava o fatal desenlace, os intrepidos legionarios de Léo representavam um nucleo de forças capazes de orientar a finalidade do Brasil, como tambem synthetisavam os anseios de libertação, latentes por toda parte. Fizestes bem, senhores directores da Associação de Imprensa, promovendo, nesta hora solemne e commovente da terra americana, este tributo de devoção civica a esses illustres primarios da fundação do Imperio, que tanto ennobreceram ainda a historia intellectual do Brasil.

Inclyta trindade

Não poderei, na brevidade deste discurso, patentear-vos a extensão da preponderancia, na obra da nossa independencia, dessa trindade veneravel de cujo elogio me encarregastes: Joaquim Gonçalves Léo, Januario da Cunha Barbosa e Frei Francisco de Sampaio apparecem como três formidaveis agentes das nossas reivindicações nacionalistas. Antes de tudo, andastes acertado unindo-os na mesma homenagem, porque, com serem elles genuinos exponentes do espirito e do sentimento da nacionalidade nascente, representam as figuras imprescindiveis para a unidade da composição do quadro historico. Não seria possivel desligar Léo de Januario, companheiros de gloria e de infortunio, como não se comprehende a inclyta legião sem Frei Sampaio. E todos, quaesquer que sejam as divergencias surgidas entre elles, são inseparaveis de Gonçalves Léo como de Pedro I.

O monge lidador

Frei Francisco de Sampaio, o patriótico franciscano, orador de fama e polpa, chamado o Bossuet brasileiro, ou a *Sereia do Pulpito*, e jornalista eximio, desempenhou notavel papel no movimento de 1822. Nasceu nesta capital em agosto de 1778. Era pregador da capella real, examinador da mesa da consciencia e ordens, censor episcopal e deputado da Bulla da cruzada, quando se alistou nas fileiras dos conspiradores. No começo acompanhára o partido liberal chefiado por Léo, mas depois, por motivos que não foram bem apurados, se passou para a bandeira dos Andradas, tendo sido redactor principal do *Regulador Brasileiro*, em 1822, e do *Diario Fluminense*, de 1824 a 1825. Ainda nas hostes leidianas, foi o escolhido para escrever a representação do *Fico*. A sua palavra era incandescente. Na maçonaria, onde era o orador da *Loja Commercio e Artes*, embora muitas vezes combatido pela discordancia de idéas, a sua presença infundia respeito aos mais exaltados. A sua cella era um cenaculo: ahí adorava a Deus e propiciava aos numes protectores da patria. Num sermão proferido na capella real, em 7 de março de 1821, exclamou: "Oh Deus! Tu, que conheces que o meu interesse sobre a gloria do Brasil não nasce de pretensões nem de vistas particulares e por isso é merecedor de tua approvação, dirige, portanto, as minhas idéas! Que ellas, saindo dos porticos do templo, se espalhem por todas as provincias deste continente e que vão ao longe mostrar os sentimentos do Brasil na época actual, em que se fazem esforços para que elle retroceda da mocidade ao estado da infancia." Falleceu desgostoso, cheio de arrependimento por não ter podido resistir á seducção dos adversarios de seus primitivos companheiros de luta, e esquecido dos proprios amigos politicos. O instincto da eloquencia e a paixão da liberdade teriam feito delle um Savanarola da independencia se não fosse a sua reconhecida debilidade de character. Todavia foi grande, e morreu aureolado de santidade.

Modestia e genio

Januario da Cunha Barbosa é outra personagem insigne da jornada gloriosa. Tambem é filho desta cidade. Nasceu a 10 de julho de 1780. Amigo fiel e impavido companheiro de Joaquim Gonçalves Léo, pôs ao serviço da causa brasileira a sua palavra vibrante, o seu ardor civico, os seus talentos, a sua actividade e os seus parcos haveres, e lidou sem desfallecimentos e com brilho incomparavel. Por toda parte onde se agitavam as idéas libertadoras, distingula-se a sua figura austera e suave, intelligente e insinuante. A sua penna sabia ser clava poderosa para prostar adversarios. O seu posto de combate era o *Reverbérq*. Emissario do Grande Oriente á Minas, onde reinava discordia entre os patriotas, conseguiu desfazer equívocos, aplacar paixões partidarias e aliciar novas energias para a peleja. Depois de proclamada a independencia, soffre a perseguição de José Bonifacio, que o envolveu no odio aos constitucionalistas: é preso no dia 7 de dezembro, recolhido á fortaleza de Santa Cruz e, em seguida, deportado para a França, sem recursos com que pudesse viver no estrangeiro. No exilio lembrou-se do melancolico *sic vos non vobis* de Vergílio. Voltando para o Brasil em 1823, foi agraciado com o officialato da Ordem do Cruzeiro, feito conego da capella imperial e eleito deputado á assembléa geral pelas provincias de Minas e do Rio de Janeiro, tendo optado pela representação fluminense. Serviu como director do *Diario Fluminense*. Afastado por inteiro da politica, foi nomeado examinador synodal, chronista do Imperio e director da Bibliotheca Nacional em 1844. O nome de Januario passou ainda á posteridade como bom letrado que era. Logo depois de ordenado padre, ganhou num concurso brilhante a cadeira de philosophia moral e racional, tendo durante 25 annos commentado as maximas de Platão. Foi pregador afamado da capella real, cavalleiro da Ordem de Christo, projecto latinista, critico, erudito, poeta estimavel, autor dos poemas *Nicttheroy* e *Garimpeiros*, historiador infatigavel e zelador das tradições do nosso passado colonial. Ao padre Januario da Cunha Barbosa cabe ainda a honra de fundador do Instituto Historico. Falleceu aos 21 de fevereiro de 1846, deixando reputação de honradez e operosidade. Porto Alegre, fazendo-lhe o elogio, rematou o seu

discurso com estas palavras, que valem por um formoso epitapho: "A vida de Januario foi uma pendula sagrada movida pelo amor da patria, e impellida a cadenciar entre a modestia e o gerio." E, quando se inaugurou seu busto, em sessão solemne do Instituto Historico, presidida por D. Pedro II, compôs Gonçalves Dias versos sentidos e harmoniosos, que terminavam assim:

E a mão cansada fraquejou, pendeu-lhe;
Inda a vejo pendente, sobre as paginas
Da patria historia, onde gravou seu nome
Tarjado em letras d'ouro.
Dorme, ó lutador, teu somno eterno;
Mas sobre a lousa do sepulchro humilde,
Como na vida foi, surja o teu busto
Austéro e glorioso.

Perfil de um girondino

Joaquim Gonçalves Léo foi o paladino extremado da facção libertadora. Democrata, liberal e progressista, possuindo o entusiasmo da peleja, temperamento combativo e intelligencia scintillante, a que uma cultura bebida nos ensinamentos philosophicos da revolução franceza de 89 tornava mais flexivel, temerario e insubmisso, que não hesitava combater arca por arca contra os interesses enthronisados de sua epocha, nelle se confundiam o tribuno, o jornalista e o legislador. No dizer de Euclides, que tinha o privilegio das definições e das syntheses, "recorda um girondino desgarrado em nossa terra". Apareceu, como intenso clarão, naquella maravilhoso momento de nossa historia, que foi uma vasta floração da personalidade humana. Ninguem batalhou com pródigo cuidado, com mais ardente patriotismo, com tamanha actividade e com maior fascinação sobre o espirito das massas. Sobretudo, incendiado no ardente fanatismo contra os inimigos da nossa soberania e liberdade, possuia o orgulho de se sentir o "homem novo de uma patria nova", e foi um dos que melhor comprehendeu a realidade brasileira. Desde os começos da luta, o seu pensamento cardeal, divulgado com fanatico desvelo, é a separação completa da patria brasileira da velha metropole lusitana, que nos ameaçava com "os leões e os cães de fila" do reino. Essa idéa, que põem de manifesto todos os seus actos, teve a força de um verdadeiro ideal de vida. E' a paixão que o impelle para a peleja. E' o sacro fogo que o agita, consome e illumina. Sabeis em que situação violentissima se achava o país com a ameaça permanente da metropole, que insistia pela servidão colonial do Brasil, como se fosse possível continuarmos sendo uma granja, uma herdade, uma feitoria portugueza. "As côrtes de 1821, escreve Latino Coelho, contradictorias com o principio da soberania nacional, que era a unica origem do seu poder, e o lemma da sua bandeira, obstinavam-se em considerar o Brasil como colonia, á qual haveria de applicar-se o governo proconsular, que a metropole tinha sempre seguido por systema na gerencia e administração das suas possessões ultramarinas. Decretaram que o Brasil não tivesse unidade politica. Repartiram o seu vastissimo territorio em provincias, a cada uma das quaes propuzeram como governador um general, sujeito immediatamente ao governo da metropole. Ordenaram que D. Pedro saísse desde logo do Brasil, e legislaram a abolição de todos os tribunaes, que D. João VI havia inaugurado no Rio de Janeiro durante a sua larga residencia na terra americana. Nenhum paiz, que sequer avallasse em preço minimo a sua dignidade, poderia acceitar humildemente as ignominiosas condições, que então lhe impunha o parlamento de Lisboa. A independencia era desde este ponto uma justa represalia ás determinações do congresso portuguez, e tinha em seu favor o voto unanime dos brasileiros". Naquella epocha de memoravel e dura provação, enquanto outros transigiam, retardavam a conquista plena das nossas liberdades e mascarava propositos reaccionarios, o ardoroso campeador, a quem repugnava abertamente a dominação absoluta exercida no Brasil pela metropole, dava fórma concreta ás suas nobres aspirações, passando aos olhos dos mofinos e dos retardatarios por republicano ou anarchista. Focalizado de accordo com a verdade dos factos, Léo avulta cada vez mais para a immortalidade, sem que os outros sejam lesados na menor parcella do que lhes pertence. A glorificação da Independencia, portanto, tem que ser forçosamente a glorificação de Léo e seus adeptos. Honrando nelle a grandiosa conquista, evita-se a injustiça de protergar um dos nomes que mais concorreu para a sua realização; mas escondendo os seus loiros na corôa do primeiro Imperador, ou pretendendo-se reduzir a fundação do Imperio á figura de José Bonifacio, é violencia á historia, que não deve permitir os que se habituaram a enfrentar petuar-se tambem na obra esquecida de Léo, que, acima de todos, a verdade. O maior fasto da nossa affirmação nacional ha-de per-

foi a fé, a paixão e a energia lampejando no ideal, transfigurado e victorioso pelo influxo do seu espirito. Não tenhamos receio de proclamar esta honrada asserção.

O Reverbéro

Vejamos o cyclo luminoso que descreveu o heróe. Nascido nesta cidade aos 11 de dezembro de 1781, e tendo cursado a Universidade de Coimbra, surgiu combatente como membro da assembléa eleitoral da cidade do Rio de Janeiro, de 30 de abril de 1821, que os cavallarianos portuguezes dissolveram com violencia, em virtude de seu character nativista, pois, pleiteava, com Léo á frente dos exaltados, a adopção do regime constitucional espanhol e defendera a permanencia de D. João VI no Brasil. Quando ainda o Principe Regente se oppunha á grande obra dos patriotas fluminenses, fundado, com Januario da Cunha Barbosa, a 15 de setembro de 1821, o *Reverbéro Constitucional Fluminense*, que se tornou depois a columna de fogo da revolução, e transformado a 28 de maio de 1822 varias lojas maçonicas no Grande Oriente, que se constitue orgão activo dos idéaes emancipadores. O *Reverbéro* traz no seu primeiro numero a declaração de que seria redigido por "dois brasileiros, amigos da nação e da patria", e adopta o lemma *Redire sit nefas*. O apparecimento do periodico despertou o maior entusiasmo. Num dos artigos, escrevia: "O Brasil já entrou no periodo da sua virilidade; já não precisa de tutela: a emancipação das colonias segue uma marcha natural e irresistivel, que jámais forças humanas podem retrogradar!" Léo, escreve Pereira da Silva (*Hist. de Fund. do Imperio, VII 5*), constituiu-se chefe do partido denominado liberal, que, adoptando as principaes idéas republicanas, com que imaginára libertar o país, acceitára depois o governo de D. Pedro, quando este Principe se deliberára a resistir ás ordens das Côrtes de Lisboa, e de boa fé mostrára prestar-se á obra da independencia nacional. Persistindo nas doutrinas de liberdades politicas, procuravam Léo e seus adherentes attrahir para elles o Principe, e chamar a si o governo, guerreando fortemente os ministros José Bonifacio e Martim Francisco, que posto houvessem muito feito em pró da emancipação do solo brasileiro, não proclamavam nem realizavam na administração publica idéas liberaes, como as aspiravam os seus adversarios. Absorvendo a influencia do grande Oriente Maçonico, que havia fundado antes mesmo que José Bonifacio tivesse chegado de S. Paulo em janeiro de 1822, e tomado conta do poder, que lhe confiára D. Pedro, empregava-a Léo contra os ministros, e levantava no país uma agitação crescente, alimentada mais ainda pelo seu periodico o *Reverbéro* e por outros que creava e espalhara por diversas classes do povo. Do grande Oriente Maçonico partiram as primeiras vozes e incitações para a independencia. Delle se tinham expedido emissarios para todos os pontos e provincias do Brasil, encarregados de promover e expertar os animos dos povos contra o jugo portuguez.

O trefego principe

O ardiloso plano do estrenuo lutador abrangia, em primeiro lugar, a conquista do trefego principe, que se mostrava infenso á que se rompesse o vinculo politico entre a colonia e a metropole, animando-lhe a vaidade e suggerindo-lhe a rebeldia. Ainda em 4 de outubro de 1821, escrevia D. Pedro ao pae: "A independencia tem-se querido cobrir commigo e com a tropa; com nenhum conseguiu, nem conseguirá; porque a minha honra e a della é maior que todo o Brasil; "e accrescentava, com a emphase que lhe era tão natural: "queriam-me, e dizem-me que me quorem aclamar Imperador; protesto a V. M., que nunca serei perjuro, que nunca lhe serei falso; e que elles farão essa loucura, mas serei depois de eu e de todos os portuguezes estarmos feltos em postas, é o que juro a V. M. escrevendo nesta com o meu sangue estas seguintes palavras: *Juro ser sempre fiel a V. M., á nação e á constituição portugueza*. A 6 de outubro de 1821, dirigindo uma proclamação aos fluminenses, gritava "Que delirio é o vosso? Quaes são os vossos intentos? Quereis ser perjuro ao Rei e á Constituição? Contais com a minha pessoa para fins que não sejam provenientes e nascidos do juramento que eu, tropa e constitucionaes, prestámos no memoravel dia 26 de fevereiro? De certo não quereis, estais illudidos, estais enganados, e, em uma palavra estais perdidos se intentardes uma ou outra ordem de cousas, se não seguirdes o caminho da honra e da gloria, em que já tendes parte, e do qual vos quereis desviar cabeças esquentadas. Eu nunca serei perjuro nem á religião, nem ao rei, nem á constituição, sabei o que vos declaro em nome da tropa e dos filhos legitimos da constituição, que vivemos todos unidos, sabei mais que declaramos guerra desapiedada e cruelissima a todos os perturbadores do socego publico, a todos os anti-constitucionaes mascarados..." Por fim noutra carta a El-Rei, datada de 14 de

dezembro do mesmo anno, em que dava conta da impressão produzida pela noticia do procedimento das côrtes, affirmava solemnemente: "Sem embargo de todas estas vozes eu me vou apromptando com toda a pressa e socego, afim de ver se posso, como devo cumprir tão sagradas ordens, por que a minha obrigação é obedecer cegamente, e assim o pede a minha honra, ainda que perca a vida..." Aconteceu, porém, que a propaganda obstinada, intelligente e diuturna de Lêdo, na imprensa, nas assembléas populares, no circulo maçônico e nas entrevistas com o Principe, lhe desvendára os horisontes, e, quando se apercebeu, estava completamente dominado pelo espirito revolucionario. As côrtes de Lisboa, que eram sabias e respeitaveis, passaram a ser "facciosas, horrorosas, machiavellicas, desorganisadoras, hediondas e pestíferas" A causa, que era maligna, parecia-lhe sagrada, e ignominiosa perda para Portugal: "Triunpha e triumphará a independencia brasileira, ou a morte nos ha de custar" Elle, que jurará fidelidade, e escrevera com o proprio sangue o juramento, agora está prompto a perjurar e exclamava: "De Portugal nada, nada: não queremos nada" Naturalmente, digamos de caminho, não era a independencia que queria: ambicionava ser imperador. Espirito aventureiro, com velleidade de façanhas cavalleirescas, inculto, leviano e facil, imperioso nos caprichos e desbragado nas proezas, e, em essencia, bom portuguez, entregou-se o Principe nas mãos dos patriotas do Rio de Janeiro, com o animo de um simples aventureiro. Foi surprehendente a radical transmutação d'alma que se operou

O Fico

De Lêdo partiu positivamente a iniciativa da calcosa e solemne representação que, em nome do povo, a Camara do Senado, presidida por José Clemente Pereira, dirigiu a 9 de janeiro de 1822 ao Principe para que continuasse no país, deixando de cumprir os opprobrios decretos das côrtes constituintes de Lisboa e a ordem do Rei. e quem indicou para redigi-la a Frei Sampaio, o mais eloquente orador sacro da época e adepto do movimento separatista. Este documento celebre resultou da explosão de protesto e d' repulsa contra a ferrenha politica portuguesa, preparada e desenvolvida por Lêdo nas columnas do seu periodico e principalmente no seio da maçonaria, que era o centro da conspiração. Assignado por cerca de 8.000 pessoas, não era uma petição, feita em termos humilhantes ou vagos, mas uma intimativa, a que D. Pedro obedeceu, por reconduzida ambição e coagido pelas circunstancias daquelle difficil dilemma. Nelle dizia-se claramente ao Principe que a partida de S. A. seria o decreto que teria de sancionar a autonomia do Brasil: "O povo do Rio de Janeiro julga que o navio, que reconduzir Sua Alteza Real, apparecerá sobre o Tejo com o pavilhão da independencia do Brasil" Na fala de José Clemente, em nome da Camara e do povo, endereçada ao Principe no mesmo dia, mas escripta por Lêdo, dizia-se: "Será possivel que V. A. R. ignore, que um partido republicano, mais ou menos feito, existe semeado aqui e até em muitas das provincias do Brasil, por não dizer em todas ellas? Acaso os cabeças, que intervieram na explosão de 1817, expiraram já? E se existem, e são espiritos fortes e poderosos, como se cre que tenham mudado de opinião? Qual outra lhes parecerá mais bem fundada que a sua?" E terminava, aconselhando Principe a annuir a todas as exigencias, porque "de outra fórma o ameaçado rompimento de independencia e anarchia parece certo e inevitavel" O episodio do Fico vem a ser por isso o primeiro grande marco da pacifica epopeia nacional. Ha quem reivindique para S. Paulo a prioridade do movimento, em virtude de ser datada de 24 de dezembro de 1821 a mensagem em que a junta provisoria pedia a D. Pedro não abandonasse o país, a qual, sabemos, só foi apresentada depois da resolução tomada pelo Principe no dia 9 de janeiro, a pedido do Senado da Camara e do povo do Rio de Janeiro. Ora, antes de tudo, a iniciativa partiu dos patriotas do Rio de Janeiro, individualmente cabendo a José Joaquim da Rocha, os quaes para esse fim enviaram emissarios a S. Paulo, e, depois, a mensagem de 9 de janeiro de 1822 appareceu, chronologicamente, em segundo logar, porque se achou prudente assegurar-se do apoio de S. Paulo e de Minas, em continuas dissensões, á vista da arrogancia das tropas de Avilez. A rigorosa representação fluminense ficára assentada antes de 24 de dezembro de 1821, e era datada de 29. Varnhagen diz que não só não concorreu ella para a resolução do Principe, "porque fóra escripta muito depois de correrem no Rio de Janeiro os artigos, no mesmo sentido, do *Reverbéro* e da *Malagueta*, e especialmente da folha *Despertador Brasileiro*, mas ainda "as idéas antidemocraticas nelle enunciadas fizeram com que muitos liberaes começando pelo deputado Barata, conceituassem de retrogrado o conselheiro José Bonifacio, hostilizando-o, por essa suspeita, desde que foi chamado para o Ministerio (*Hist. da Ind., 132*)" Além do mais, e

creio que não é necessario adduzir documentos, os paulistas e os Andradas, politicos obstinados e homens renitentes, não eram somente oppostos á independencia, senão tambem convictos partidarios da união dos dois reinos sob a mesma coroa e dynastia, com a regencia do Principe, apoiada nos brasileiros. Na falla do orador da deputação de S. Paulo, em 26 de Janeiro, que, como não se ignora, foi feita por José Bonifacio, se lê: "Nós declaramos, perante os homens e perante Deus com solenne juramento que não queremos e nem desejamos separar-nos dos nossos caros irmãos de Portugal" Não penseis, no entanto, que tal compromisso figurava como emphasis para effeito no momento: era uma declaração para rebater as tendencias que lavravam na opinião geral. Antonio Carlos, numa carta publicada no *Correio Brasileiro* em fins de 1822, declarou que, em abril, não queria ainda a independencia, e sustentava de boa fé com a familia, amigos e principaes brasileiros a conveniencia da união do Brasil com Portugal.

Significação historica da independencia

A influencia de Lêdo, que havia conseguido a adhesão de José Clemente Pereira, general Nobrega e outros, deve-se, provavelmente, ter o Principe Regente creado e convocado a 16 de fevereiro, após a expulsão na vespera das tropas lusitanas, o Conselho dos Procuradores Geraes das Provincias, que se reuniu mais tarde, a 2 de Junho seguinte, e para o qual foi elle eleito pelo Rio de Janeiro. Lêdo não perdia o ensejo de incitar o joven Principe. A Camara, inspirada pela Maçonaria, o que vale dizer Lêdo, offereceu-lhe no dia 13 de maio e em nome do povo o honrosissimo titulo de Defensor Perpetuo do Brasil, "para que á dignidade de regente, outorgada pelo monarcha, correspondesse outra dignidade de emanação democratica, outorgada pelo povo", tendo Lêdo e Januario redigido o discurso que pronunciou José Clemente Pereira na solemnidade. Animado com o gesto com que D. Pedro virtualmente reconhecia a independencia do Brasil, tanto mais que o procedimento das côrtes se tornára inconciliavel com a hombridade brasileira, ao mesmo tempo fomenta manifestações populares ao Regente e pelas columnas do *Reverbéro* continúa sua obra de seducción. No numero de 30 de abril, quando D. Pedro regressava da sua viagem triumphal a Minas, e receioso de que elle viesse a desfallecer, deixando escapar aquelle ensejo, o apaixonado e vehemente agitador pela emancipação da patria, apostrophou ao Principe nestes termos: "Principe, rasguemos o véo dos mysterios. Rompa-se a nuvem que encobre o sol que deve raiar na esphera brasileira. Principe, não desprezes a gloria de ser o fundador de um novo imperio. O Brasil de joelho te amostra o peito aberto, e nelle, gravado em letras de diamante, o teu nome. Principe, as nações todas têm um momento unico, que não torna quando escapa, para estabelecer os seus governos. O Rubicon passou-se; atrás fica o inferno, adeante o templo da immortalidade" Ainda graças aos esforços e á habilidade de Lêdo, o conselho de representantes fez madruguar o acto de 3 de junho, convocando a Assembléa Constituinte e Legislativa que é, sem duvida, a significação historica da independencia. Ao benemerito republicão pertence a gloria desta inestimavel conquista. No dia 20 de maio, pronuncia uma fala em nome do povo fluminense, a representação ao Senado da Camara, entregue tres dias depois por José Clemente Pereira, é de sua lavra, com a collaboração de Januario, e, por ultimo, é elle ainda que apparece no dia 3 de junho falando imperiosamente em nome do conselho de procuradores ao Principe. No discurso de 20 de maio, justificando a convocação da assembléa geral das provincias do Brasil, como uma necessidade impreterivel, desafoga em acerbas palavras o desgosto que trazia lacerado e offendido os brasileiros, e exclama: "A independencia, Senhor, no sentir dos mais abalisados politicos, é innata nas colonias, como a separação das familias o é na humanidade; e a independencia do Brasil, é de utilidade a Portugal, e é de eterno vinculo para a monarchia em geral. A natureza não formou satellites maiores que os seus planetas. A America deve pertencer á America, a Europa á Europa; porque não debalde o grande architecto do universo metteu entre ellas o espaço immenso que os separa. O momento para estabelecer-se um perduravel systema, e ligar todas as partes do nosso grande todo, é este. O Brasil no meio das nações independentes... não pode conservar-se colonialmente sujeito á uma nação remota e pequena, sem forças para defendel-o, e ainda menos para conquistal-o. As nações do universo têm sobre nós, e sobre ti, os olhos; ou cumpre apparecer entre ellas como rebeldes, ou como homens livres e dignos de o ser. Tu já conheces os bens e os males que te esperam e á tua posteridade. Quere? ou não queres? Resolve, senhor" Não differe o tom da fala de 23, em que, ao mesmo tempo que se delinea o programma do Brasil novo, affirma-se cathegoricamente: "Está escripto no livro das

Leis Eternas, que o Brasil deve passar hoje (oh! grande dia!) a lista das nações livres: é decreto do arbitro do Universo, ha-de cumprir-se queiram ou não queiram os mortaes, que impedir a sua marcha a nenhum é dado." Por fim, na fala do conselho dos procuradores, de 3 de junho, reunido sob a presidencia do Principe Regente, escripta e pronunciada por Lêdo, em nome do povo, começava-se assim: "A salvação publica, a integridade da nação, o decoro do Brasil e a gloria de V.A.R. instam, urgem e imperiosamente commandam que a V. A. R. faça convocar, com a maior brevidade possível, uma assemblea geral de representantes das provincias do Brasil". Dizia mais, e terminantemente: "O Brasil tem direitos inauferíveis para estabelecer o seu governo, e a sua independencia... As leis, as constituições, todas as instituições humanas, são feitas para os povos, e não os povos para ellas. E' deste principio indubitavel que devemos partir: as leis formadas na Europa podem fazer a felicidade da Europa, mas não a da America. O systema europeu não pode, pela eterna razão das cousas, ser o systema americano; e, sempre que o tentarem, será um estado de coacção e de violencia, que necessariamente produzirá uma reacção terrivel. O Brasil quer a sua independencia... E terminava o procurador geral da provincia fluminense: "Ao decoro do Brasil, á gloria de V.A.R., não pode convir que dure por mais tempo o estado em que está. Qual será a nação do mundo que com elle queira tratar, enquanto não assumir um caracter pronunciado, enquanto não proclamar os direitos que tem de figurar entre os povos independentes? E qual será a que despreza a amizade do Brasil e a amizade do seu regente? E' nosso interesse a paz: nosso inimigo só será aquelle que ousar atacar a nossa independencia. Digne-se pois, V.A.R., ouvir o nosso requerimento: pequenas considerações só devem estorvar pequenas almas. O Principe, afogando já no animo insoffrido a independencia da terra, que lhe daria um grande imperio, sem demora attendeu ao pedido, considerando-o "necessario e urgente, para a manutenção da integridade da monarchia portuguesa e justo decoro do Brasil", e reconhecendo os direitos de que tinha o país de constituir "as bases sob que se deve dirigir a sua independencia", como reza o decreto, lavrado no mesmo dia, de convocação da assemblea, que se devia realizar mediante eleição indirecta e por provincias, conforme instrucções que o ministro José Bonifacio baixou no dia 19. Lêdo foi um dos deputados eleitos á Constituinte pela cidade e provincia do Rio de Janeiro. Sabe-se, que não só José Bonifacio, ministro do reino desde 16 de janeiro, não concorreu para essa medida, embora figure oficialmente firmando o decreto, elaborado ainda por Lêdo, como, muito ao contrario, manifestou-se hostil aos promotores. A origem deste decreto explica-se facilmente. Temendo que a revolução iniciada com tanta felicidade viesse a fracassar com os actos arbitrarios do Ministerio dos Andradas, que começava a perder a confiança das provincias, presas de grande inquietação, e desconfiados de que a metropole entrasse em concerto internacional para melhor impôr seus funestos designios, Lêdo, Janeiro, o padre João Antonio de Lessa, José Clemente, o brigadeiro Luis Pereira da Nobrega e João Soares Lisboa, redactor do *Correio do Rio*, decidiram endereçar em nome do povo um manifesto ao Principe, pedindo a convocação da Assemblea Geral do Brasil, como unico meio de manter a integridade das provincias, ao mesmo tempo que concorreria para remover todas as suspeitas e equívocos que cada dia tomavam maior vulto e satisfaria ás aspirações dos brasileiros, desiludidos desde muito das côrtes. Diz Varnhagen "que estremeceram os ministros com a audacia das proposições proferidas por Lêdo, que nenhuma leitura prévia havia feito da mencionada representação; porém, reconhecendo o estado de effervescencia popular e a impossibilidade de se oppôr no mais minimo á torrente, sem ser por ella derribados, apressaram-se a escrever na propria representação de Lêdo, assignada já por seu companheiro (Azedo Coutinho) e por Obes (Lucas José Obes, deputado da Cisplatina), que com ella se conformavam, e nesse mesmo dia foi lavrado o decreto de convocação". O deputado Obes, conforme se lê nas *Reminiscencias do Imperio*, de Silveira Brasil, conta nestes termos o occorrido: "O ministerio, com o conselheiro Andrade á frente, exasperou-se e foi preciso muita astucia e até energia e oportuna ameaça de revolução no sul para conseguirmos vencer a má vontade dessa gente. O principe estava na supposição de que tinhamos entendimentos com Buenos Aires e que esta nos forneceria homens, dinheiro e armamentos para a proclamação de uma republica das provincias do sul. Eis por que conseguimos o decreto da assemblea constituinte, immediatamente, no proprio dia da petição. Este decreto é a nossa independencia, ou melhor, separação. Ainda hontem eramos escravos. Hoje somos livres". Redigidas com promptidão as bases do

manifesto, tarefa que se confiou a Lêdo, entenderam os patriotas, ao contrario do que assevera Varnhagen, dar ao governo conhecimento da iniciativa, que, com ser arrojada, era profundamente patriótica e envolvia a declaração de independencia. Ora, é conhecida a resposta sibyllina de José Bonifacio: "Façam o que quizerem, na intelligencia de que, nem convem apressar, nem impedir a convocação da assemblea geral". Não se contentou o ministro da Regencia com a recusa do apoio ao decreto de 3 de junho. Foi mais longe. Abertamente declarou, como consigna o Marquês de Sapucahy no artigo do *Correio Official*, de 28 de dezembro de 1833, que haveria de "enforçar todos os constitucionaes na Praça da Constituição". Incontestavelmente, deste acto e da sua demissão no dia 28 de outubro se originaram as violentas perseguições e as impertinentes represalias de José Bonifacio a seus antagonistas, que aliás delle não deviam esperar tolerancia.

O manifesto de 1 de Agosto de 1823

Vencida afinal a resistencia de D. Pedro, de que era prova o decreto de convocação da assemblea geral, ficou resolvido, no intuito de esclarecer a opinião publica, dirigisse o Principe um manifesto ao povo brasileiro e outro ás nações amigas, expondo os acontecimentos que agitavam o Brasil. O primeiro, datado de 1 de Agosto, é de Lêdo, enquanto da redacção do de 6 se incumbiu o proprio José Bonifacio. O manifesto ao povo brasileiro é um eloquente panegyrico da terra natal, um canto de alvorada, um hymno ardente em que todas as vozes do Brasil reboam como um côro de trombetas heroicas e victoriosas, e provocou o mais forte entusiasmo. O encarregado dos negocios da Austria, Marschal, mandava dizer em officio de 10 de Agosto que esse papel formava o complemento de quanto apparecera desde janeiro e definia muito claramente, sem reticencias, a postura da regencia, e que o público acolhera favoravelmente as razões expostas, calando-se a facção portuguesa por perceber que o governo nacional robustecera com suas francas declarações. Ao mesmo tempo era, esse documento energico de alto patriotismo, um vasto programma capaz de dirigir e illuminar o país no momento critico de sua evolução, pois que traçava reformas liberaes, taes como a autonomia das provincias, a reforma das leis penaes e do codigo militar, em sentido mais humano e com distribuição gratuita da justiça, a disseminação do ensino, a instituição de um systema de impostos que consultava os interesses da lavoura, da industria e do commercio, a assistencia ao trabalho intellectual, realisando assim a condensação das theorias ou idéas politicas do seu autor. Ahí, o pensamento dominante do audaz e brilhante contendor dos Andradas é a separação completa, e o Principe intitula-se então o defensor da independencia das provincias brasileiras, pretendendo-se "que o Brasil e Portugal formassem dois Estados differentes, fossem governaños á parte, tendo cada um no seu seio a séde da administração suprema e a sua capital". Lêdo, qual um girondino, começou a proclamação com um conceito bebido num dos impressos famosos da Revolução Franceza e adaptado ás circunstancias para produzir o maior effeito. "Está acabado o tempo de enganar os homens. Os governos que ainda querem fundar o seu poder sobre a pretendida ignorancia dos povos, ou sobre antigos erros e abusos, têm de vêr o colosso da sua grandeza tombar da fragil base, sobre que se erguera outr'ora. Foi, por assim o não pensarem, que as côrtes de Lisboa forçaram as provincias do Sul do Brasil a sacudir o jugo, que lhes preparavam, foi por assim pensar, que eu agora já vejo reunido todo o Brasil em torno de mim; requerendo-me a defesa de seuss direitos, e a mantença da sua liberdade e independencia". Depois de, em larga digressão, historiar os eventos principaes da luta e apontar as causas determinantes do procedimento do Principe, defendendo o Brasil contra as humilhações, os vexames e as providencias iniquas das côrtes portuguesas, concita os brasileiros a formarem a nação, unida e indissolvel. "Não se esqueça entre vós, lê-se, outro grito que não seja *União*. Do Amazonas ao Prata não retumbe outro êcho, que não seja *Independencia*. Formem todas as nossas provincias o feixe mysterioso, que nenhuma força pôde quebrar. Desappareçam de uma vez antigas preocupações, substituindo o amor do bem geral o de qualquer providencia ou de qualquer cidade". Lêdo, como vêdes, pela bocca do Regente, ao contrario do que affirmam panegyristas e acerrimos defensores de José Bonifacio, associava a idéa da independencia ao principio da unidade nacional, despedaçada pela revolução de 1821 e pelos decretos subversivos das côrtes lisboêtas, que suppunham orgulhosamente poder recoloniar o Brasil e restaurar o odioso governo proconsular, cerrando-lhe os portos, decentralizando-lhe as provincias, extinguindo-lhe os tribunaes e supprimindo-lhe os órgãos administrativos. Quanto ao manifesto

às nações estrangeiras, convidando-as à entrarem em relações diplomáticas com o Brasil, redigido por José Bonifácio, escreve o autor da *História da Independência*, Varnhagen, que "era tudo, menos um documento diplomatico", porque "peccava por extenso, para ser dirigido aos governos estrangeiros, e por falta de moderação e conveniencia e demasiado phraseado, abusando-se dos epithetos insultuosos de "hypocritas, facciosos, machiavelicos" e foi muito censurado". Nesse documento, José Bonifácio, fiel a seus sentimentos monarchicos e unionistas, fez o Príncipe dizer: "Protesto, perante Deus e á face de todas as nações amigas e alliadas, que não desejo cortar os laços de união e fraternidade que devem fazer de toda a nação portugueza um só todo politico, bem organizado". Assim, pois, condemnando a estranha sujeição em phrases mais cortezãs que philosophicas, queria elle uma independencia, não de caracter democratico, mas, em desacordo com Léo e os que pugnavam tenazmente as suas idéas, subordinada aos principios de uma monarchia reaccionaria.

Incarnação de Guatimozin

No intuito de prender cada vez mais D. Pedro á causa brasileira, Léo promoveu a sua entrada para a maçonaria, e, sendo proposto o seu nome na sessão de 2 de Agosto, nessa mesma noite é iniciado no primeiro grão, na forma prescripta pela lithurgia da Ordem, e presta juramento sob o disfarce de Guatimozin. Isto feito, approva a viagem do Príncipe á provincia de S. Paulo "para accommodar as dissensões internas que a agitavam e derramar sobre aquelles povos o balsamo da consolação e da tranquillidade", como consta da acta de 13 de agosto do Conselho do Estado, redigida e assignada por Léo, seu secretario. Logo que voltara ao Rio, elege-o grão-mestre, destituindo-se, portanto, José Bonifácio daquellas funções e empossando-o no cargo em sessão de 4 de Outubro com as solemnidades de estylo. Consta das actas do Grande Oriente que, na sessão de 9 de Setembro, o grande primeiro vigilante Joaquim Gonçalves Léo, que a presidira no impedimento do grão-mestre José Bonifácio, "dirigira do solio um energico e fundado d'scurso, demonstrando com as mais solidas razões que as actuaes politicas circumstancias de nossa patria, o rico, fertil e poderoso Brasil, demandavam e exigiam imperiosamente que a sua cathogoria fosse inabalavelmente firmada com a proclamação da nossa independencia e da realza constitucional na pessoa do augusto principe, perpetuo defensor do Brasil. Na Assembléa seguinte, que é de 12, a proposição de Léo é approvada definitivamente, e bem assim a proposta de serem enviados ás provincias "emissarios encarregados de propagar a opinião abraçada, e dispôr os animos dos povos á esta grande e gloriosa obra. Por fim, na reunião de 4 de outubro, em que D. Pedro tomou posse do cargo de grão-mestre, Joaquim Gonçalves Léo, "aproveitando o entusiasmo geral da assembléa, fez sentir, em um energico discurso, as boas disposições em que se achava o povo brasileiro, manifestadas por seus actos de adhesão á augusta pessoa do seu defensor perpetuo e que, sendo o Grande Oriente a primeira corporação que tomou a iniciativa da independencia do Brasil, dando todas as providencias ao seu alcance por meio de seus membros para ser levada a effeito em todas as provincias, cumpria que tambem a tomasse na acclamação do seu monarcha, acclamando-o rei e seu defensor perpetuo, e firmando a realza na sua augusta dynastia." Discussão da proposta de Léo, foi a mesma approvada, com o substitutivo do brigadeiro Alves Branco no sentido de ser acclamado imperador do Brasil, e não rei, tendo, em seguida, resolvido que a cerimonia da acclamação civil se realizasse no dia 12 do mesmo mez. Ainda coube ao Grande Oriente a providencia de inserir-se na acta da proclamação da Independencia e do Imperio, lavrada no Senado da Camara, a clausula de submeter-se D. Pedro, mediante juramento, á constituição que formulasse a assembléa constituinte. O proprio grito na collina do Ypiranga, completado com o gesto romanesco da espada nua, refulgindo ao sol, á frente dos couraceiros, dos gentis homens da sua camara e da guarda de honra, brado que parece expontaneo, oriundo do temperamento impulsivo e theatral do principe rebellado contra o desplante das côrtes, alentára-o implicitamente a influencia preponderante de Léo sobre o espirito do moço regente. Afinal, o padrão de nossa independencia, a que a actuação indomavel e febril de Léo emprestára o caracter de um movimento revolucionario, promovido com finalidade irresistivel, estava formado com o acto da convocação da assembléa constituinte, pelo qual sempre se batera o redactor do *Reverbero*, contra os propositos reaccionarios de José Bonifácio, que fez o seu irreconciliavel antagonista pagar bem caro essa nobre e felicissima conquista.

A Bonifacia

Assim que se celebrou solemnemente a 12 de outubro a acclamação de D. Pedro I e se viram os Andradas alçados á culminancia, a obsedante preocupação de José Bonifácio, o insigne companheiro de Humboldt e sabio de fama universal, mas que era do minado pelo animo rancoroso e vingativo de Martim Francisco, creatura invejosa, intratavel e maledica, foi perseguir áquelles mesmos sem cujo concurso a emancipação se não teria realizado, valendo-se de todos os processos para domar e reprimir os impetos dos ardentos patriotas. Tratou, no mesmo dia em que foi reintegrado no cargo de ministro, de instaurar o monstruoso processo, conhecido por *Bonifacia*, que tanto amesquinha ou desdoura a sua obra de estadista, contra a "facção occulta e tenebrosa de furiosos demagogos e anarchistas" que "ousavão temerarios, com o maior machiavelismo, calumniar a indubitavel constitucionalidade do augusto imperador" dessiminando "desordens, sustos e anarchia" O seu "furioso horror" a quanto cheirasse a "principios anti-monarchicos" e a sua virulenta desestima com que via os que elle e partidarios capitulavam de "carbonarios", o transviaram lastimavelmente. Tanto fez o vencedor que, afinal, obteve do principe desasizado, antes de qualquer procedimento judicial, a prisão e o exilio de todos quantos haviam preparado o movimento da independencia. O chefe do partido liberal fluminense, que era a representação mais fascinadora dos idéas libertadores, ameaçado de encarceramento e tambem de morte, occultou-se em Nitheroy, emigrando dias depois para Buenos Aires, mas Januario da Cunha Barbosa, o general Luiz Pereira da Nobrega, que acabava de ser ministro da guerra, e José Clemente, foram proscriptos, tendo estes três embarcado no brigue francês *La Cécile*, no dia 20 de dezembro, para a França, enquanto muitos outros eram recolhidos ás fortalezas. Léo e as victimas da devassa regressaram ao país no anno seguinte, em virtude da sentença da Relação de 4 de julho e depois que José Bonifácio deixou de ser ministro, sem que tivessem podido tomar parte na assembléa constituinte. Oliveira Lima, commentando com o seu esclarecido bom senso de historiador o procedimento de José Bonifácio, cuja volubilidade politica não escapa á observação dos estudiosos imparciaes, externou conceitos que não posso deixar de aqui estampar. Lembra que a devassa foi reclamada pelo proprio Léo, embora attribulado pelas injustiças e malquerenças dos inimigos. Com effeito, na representação que dirigiu a D. Pedro, a 2 de novembro, desafia seus perseguidores, que se tornaram intoleraveis ao seu altivo temperamento, a exhibirem o "corpo de delicto sobre que assenta sua nojosa e negra inculpação a tal respeito" e é clara e terminante a expressão contra os adversarios, então no poder, pelo desrespeito ás formulas e principios constitucionaes, impedindo, com as suas arbitrariedades" que se chamassem ao gremio da união politica aquellas provincias irrequietas cuja adhesão ao novo systema não fôra ainda decidido", tendo depressa os acontecimentos de 1823 e 1824, dado razão ao leader democratico. "Léo, escreve o autor do *Movimento da Independência*, a pagina 361, achava que elle era quem tinha razão de insurgir-se contra praticas anarchistas dos detentores da autoridade, como por exemplo as "assembléas tumultuarias", segundo denominava os ajuntamentos populares promovidos contra elle e seus amigos defronte da casa onde se reunia o senado da camara. Requerendo uma acção criminal, conforme a lei, afim de ser apurada a sua conducta, mostrava elle impavidez physica e moral não se deixando acobardar pela attitude de manifesta parcialidade adoptada por D. Pedro para com o seu ministro. O bom senso aliás indicava que os mesmos que a 12 de outubro tanto se tinham assignalado na acclamação imperial, não se haviam de pôr dezoito dias depois a conspirar para destruir a sua obra. Sua questão era não com o imperio: na sua representação a D. Pedro, Léo até aventa que "os povos queiram ser bem governados e não se importan com fórmulas de governo". Armitage, em quem apoia o autor citado, pronuncia-se deste modo sobre o assumpto: "Como convinha illudir o povo com as apparencias das formalidades da lei, mandou-se proceder a uma devassa, não para conhecer se o crime existia, que este se deu por existente, nem para cobrir os conspiradores, que estes se deram por convencidos, nem finalmente para os punir, porque a pena lhes foi imposta e executada antes da culpa pronunciada, mas sómente para enganar, ou antes para tapar a bocca áquelles que falavam nas formalidades legais" Varnhagen escreveu que José Bonifácio iniciara, logo no primeiro mez do Imperio, um systema draconiano que não existira antes, durante os treze annos de regime absoluto. Afinal, com a visão definida e intransigente de um futuro democratico para a patria, Léo e seus partidarios combatiam o despotismo dos Andradas, por intolerante naquolle momento de emergencia, em que se procurava consolidar o imperio nascente e dar-lhe leis liberaes.

Sob a mascara de Machiavel

A Inclýta e temerária geração de 22 havia-se desilludido da metropole e do velho regime. D. João VI no Brasil fôra o mesmo rei que se mostrou em Portugal. A Córte aqui pouco modificára no seu espirito. A monarchia, portanto, não se podia affeiçoar aos interesses e ás exigencias da sociedade americana: era preciso que se adoptasse um regime tambem novo, ou adequado, sob pena de se burlarem todas as aspirações dos brasileiros. Fazendo a separação, conservando no Estado nascente os moldes antigos da monarchia tradicional, que impediu por largo tempo o surto do Brasil, não seria fazer independencia. Foi o que queriam Léo e seus companheiros, e foi o que José Bonifacio impediu que se realizasse. E é bastante conhecido-se o projecto de uma lei organica do Estado, que se attribue ao illustre paulista, para que se conheçam as suas idéas em relação ao problema da independencia. Não podia concordar com o pensamento que se tornou centro de acção para todos os brasileiros, quem no seu esboço de constituição, arremedo da republica de França, imaginou modelos para a indumentaria nacional e estatuiu a compasso e a regra, as condições da existencia collectiva. Os poderes politicos da nação, per exemplo, eram confiados á assembléa geral dos deputados, ao senado, ao syndicato e ao archontado, composto este do archonte rei, vitalicio, e de tres consules, e a sociedade era dividida em tribus com seus nomes e insignias. Quem de-sejar aprofundar ainda a psychologia de José Bonifacio, que, embora glorificado, não pôde fugir aos rigores dos processos da critica historica, que verifique como procedeu elle durante os mezes em que esteve á frente dos negocios do Imperio. De conluio com o Imperador esturdiu, revelou-se o mais completo dos despotas, e seu labor politico representa uma série completa de ferocissimas represalias e cruentas iniquidades, revestidas na apparencia de zelo patriótico. Decretou medidas odiosas. Aboliu a liberdade de imprensa, supprimindo jornaes e prendendo jornalistas. Atirou o *Apostolado*, que começou a funcionar no dia 2 de junho, contra o Grande Oriente, onde Léo dominava, creou o *consistorio de caceteiros*, formado de sicarios, para abater os inimigos e, aproveitando da liberdade de imprensa, restaurada pelo governo de Corrêa de Campos, fez posteriormente do *Tamoyo* órgão de mais alarmante radicalismo. O proprio D. Pedro, assignalemos de caminho, mostrou-se do mesmo modo de uma intolerancia absurda contra os brasileiros e tudo quanto dizia respeito ao Brasil. Depois da coroação, passou a humilhar, offender e ultrajar figuras das mais brilhantes do nosso mundo politico, e elevou o *Chalça* a cathegoria de favorito. Vejam-se os ministros que demittiu ainda a bordo, ao voltar da farça do sul, só porque haviam desagradado a Domitila, e o intrepido Barbacena, despedido como um lacaio, e infamado. De resto, tambem não foi sincero nem coherente José Bonifacio. No dia em que não poude ser mais o arbitro da situação, abandonou o Imperador e tratou de hostilizá-lo. Apeado do poder, olvidou os velhos principios em nome dos quaes havia governado. Appellou justamente para os recursos condemnados na vespera. Antes, enquanto procurava perseguir e afastar os adversarios da scena tumultuosa, queria concentrar todos os poderes no Imperador, porque sabia que o imperante de facto era elle. Depois, quando se incompatibilisou com o soberano, mudou de tactica: entendeu que devia cercear a autoridade imperial, sob pretexto de abuso de poder. Por ultimo, ao voiver á patria depois do exilio, levantou a bandeira da restauração do primeiro Imperador, transmudando-se em *caramuru* vermelho, certo de que com D. Pedro outra vez se rehabilitaria para os seus planos. Todos estes factos, conquanto pareçam quasi profanação, indicam como José Bonifacio prezava os trabalhos, os sacrificios e os sentimentos dos verdadeiros creadores da independencia, heróes que não têm estatuas, nem capitólios. Aliás, não tenho a simpleza de considerar o ministro de Pedro I differente de quantos a natureza ou o acaso promoveu a dominadores de povos ou constructores de patrias, como tambem não ignoro quão difficil era a tarefa de consolidar o throno da monarchia constitucional, fundado após um duélo tremendo entre a colonia e a metropole, em meio das apaixonadas discordias dos partidos, da licença furiosa dos pamphletarios e dos desacertos da opinião publica: toda transição é um risco. O sabio, que ostentava na frente orgulhosa os signaes da pureza e da magnanimidade surgiu transfigurado no despota truculento, invocando as mesmas razões com que D. João I, o *principe perfeito*, justificou o assassinio do duque de Vizeu e a decapitação do duque de Bragança e armaram o braço robusto de Pombal contra os Tavoras, uns e outros abtidos em nome da necessidade imperiosa de fortalecer o principio da autoridade e sustentar o absolutismo da realza. Sem a tyrannia de Carlos I, a intolerancia sanguinaria dos puritanos, a crueldade aterrorisadora de Crommwell e a dureza de James II, o

Imperio britannico não se teria firmado tão solidamente. Do mesmo modo procederam Luis XI, alma feita de astucia, cynismo e audacia, para a unificação da França, e o grande Frederico, que precisou de ser inflexivel para rematar a conquista realisada pela Prussia. O duque d'Alba, Richelieu, Mazzarino, Metternich e tantos outros conselheiros de tyrannos pertenciam á mesma familia moral de que é progenitor *Il Principe*. Sob o pretexto de que lhe cumpria defender o Imperio nascente e vacillante contra os germens da anarchia e os symptomas de separação provincial, não fez José Bonifacio senão applicar os principios e os processos da doutrina de Machiavel, mas, com esta differença, que ferindo principalmente os seus emulos, consocios e contendores, caídos em desgraça pelo unico crime de dissentirem de suas opiniões e projectos, infestos á liberdade e á democracia, excutava os preceitos do sagaz florentino em proveito da oligarchia da familia Andrada. Então, estimulado por Martim Francisco, politico intolerante, ambicioso e obstinado, foi elle inexoravel, severo sem medida, violento sem necessidade, rancoroso sem excusa, e encarnou todos os vicios da monarchia descriptoria, que elle proprio auxiliára a combater com o vigor dos seus talentos. Não esperarei tambem que me advirtam que, ainda assim, contribuiu efficazmente para consummar a independencia brasileira; mas a verdade é que a devoção pela causa nacional disfarçava tambem sob a armadura do dictador a lastimosa represalia de um colerico despeito. Ahi está como José Bonifacio se me afigura um singular paradoxo na fundação do imperio e como não descubro justificativa para os actos de torva compressão exercidos contra nobres, leaes e illustres adversarios, que se mostraram ao mesmo tempo patriotas, sinceros e esclarecidos. A historia que inscreva no logar proprio o grande estadista, com as suas virtudes, e com os seus erros.

Reconciliados na gloria

Ultrapassei, senhores, a medida do discurso, mas não exauri a fonte de documentação e os commentarios na ingrata tarefa de protestar contra a mutilação da nossa historia. Se assim o querem, deixemos ao insigne José Bonifacio o pomposo titulo de *Patriarcha de Independencia do Brasil*, que não avulta nem empallidece a aureola do opulentador da nacionalidade, mas reconhecamos o direito que tem tanto os Andradas, como Léo, Januario, Frei Sampaio, e outros muitos, á plena glorificação dos brasileiros. Todavia, continuarei affirmando, apesar das hostilidades que me defrontam, que não concretisa ou resume em si o eminente paulista, varão a quem a natureza concedeu multiplos e peregrinos predicados que o tornaram um dos nossos superhomens, os ingentes esforços de quantos lutaram pelo regime constitucional, a ponto de absorver a fama dos lidadores cuja fronte engrinaldo com modesta corôa de loiros. O mais que concedo, alheio ao movimento das paixões e dos interesses, é concordar que pertencem todos ao mesmo facto historico e representam juntos a fundação do imperio. Hoje, não mais se compõe historia para lisonjear monarchas ou potentados sem corôa, embora nos chamem, a nós, historiographos ou simples chronistas, de demolidores do nosso passado, e José Bonifacio, repito por mais respeitavel que seja a sua figura, não pôde eximir-se á analyse da critica. Dest'arté, com a legitima consciencia de brasileiro, como os que mais o forem, e sciencia clara dos acontecimentos e das tempestuosas turbações daquelle periodo, direi mais, que se não fosse S. Paulo, se não fosse José Bonifacio e se não fosse D. Pedro, principe ambicioso, trefegoso disparatado, o Brasil em 1821, com a retirada de D. João VI para a córte, ter-se-ia feito independente, mas com a republica, que era o idéal dominante. E' possivel que, naquelle momento, não se tornasse tão facil a emancipação com a republica como foi com o imperio: mas teriamos, nós, brasileiros, com certeza, constituído uma nação heroica, altiva e progressista. Teriamos soffrido, como todos os povos que se levantam de longo captivo para a liberdade redemptora, mas seriamos agora, sem aquelles setenta annos improductivos do Segundo Imperio, a primeira potencia do continente. E, na verdade, o que pretendiam Joaquim Gonçalves Léo e os proceres da independencia, era um Brasil forte, integro, e indivisivel, uma nacionalidade ufana do seu passado e rica de heroismo, uma grei tocada de graça e fascinante de belleza. Afinal, louvemos, neste instante de jubilo universal, a fé immorredoura, o sacrificio sublime e o esplendido entusiasmo de todos, grandes e menores, que concorreram para crear a idéa da patria soberana, acima das rivalidades e das controversias, e reconcilhemos, cobrindo-os com o manto diaphano da gloria, os dois grandes paladinos da independencia nacional e da civilização brasileira, redimidos de quaesquer erros e irmanados no mesmo apostolado.

Rio, 10 de Setembro de 1922.

Elycio de Carvalho.

BASES DA SOCIOLOGIA BRASILEIRA

1º — Definição de termos

A sociologia moderna tem uma função mais variada e difícil do que a antiga philosophia da historia. Agora não basta a conexão de alguns phenomenos para tirar conclusões aproveitáveis. E' preciso reunir phenomenos de ordem diversa para obter uma coordenação intelligente. O Brasil, para não perder a influencia litteraria e philosophica que manteve na America Latina até os meados do seculo passado, carece de uma reacção para não abandonar a sua antiga função de *leader*. Para isso necessitamos de augmentar a actividade dos pensadores e não restringir a producção intellectual a trabalhos de ficção ou de technica profissional.

Nestes ultimos annos ha um movimento patriótico de reacção salutar. A' nova geração repugna a sociologia de vulgarização com que muitos escriptores nossos andaram deprimindo a nossa raça e a nossa nacionalidade.

E' preciso accentuar que o Brasil é um paiz de homens brancos, porque é o espirito dos brancos que predomina; as raças negra e india vão sendo assimiladas, fundindo-se até o desaparecimento completo na apuração dos cruzamentos progressivos. E' um phenomeno que se repete em todas as sociedades em formação. As sociedades, agorarelativamente homogeneas da Europa, da Asia e da Africa, passaram por períodos semelhantes de assimilação e adaptação. Basta estudar os craneos dos primitivos habitantes que se encontram nas escavações. Essa assimilação, geradora da uniformização dos caracteres, vai se accentuando aqui como na Argentina e no Uruguay.

Nos nossos estudos brasileiros não devemos fazer como certos sociologos de outros paizes americanos, que resolveram as difficuldades da unificação ethnica pela eliminação no papel dos pretos e indianos. Essa eliminação nada adianta, porque os pretos e os indios não desaparecem pela força de suggestão dos sociologos e jornalistas. Não devemos encobrir defeitos, se isso é acaso defeito, e sim estudal-os. Não devemos eliminar difficuldades, e sim enfrental-as. Não ha raças intrinsecamente inferiores dentro de um certo limite, e todas as raças humanas — a Historia o demonstra — podem absorver os caracteristicos e a mentalidade dos mais intelligentes e civilizados.

Vimos num relatório sensacional de um ministro dos primeiros tempos da Republica, glorioso por muitos titulos, relatório que os *nacionalistas* exaltaram, um homem de talento escrever que não poderíamos attingir ao progresso norte-americano porque isso era uma questão de raça. A nossa inferioridade ethnica condemnava-nos a uma posição subalterna.

Contra essa impressão errada precisamos reagir. A reacção, entretanto, para ser real, é necessaria que seja geral. Assim, todas as nossas concepções sobre o assumpto devem começar da definição de noções fundamentaes de uma sociologia brasileira.

Ha regras geraes de sociologia humana. Mas ha tambem, ao par dessa sciencia geral, uma sciencia particular, que estuda a modalidade de cada nacionalidade. Assim como ha uma arte para a sciencia geral, ha uma arte para a sciencia particular.

No Brasil, vai-se tentando aos poucos estabelecer as bases da nossa sciencia geral. A orientação é ainda oscillante, mas já temos trabalhos interessantes e subsídios de valor.

Nós sabemos com Spencer que a sociedade age, contrahe-se e se expande como um organismo; com Durkheim, como o individuo é coagido pela força social, que o proprio Spencer mostra que é mais eficiente quanto é mais voluntaria; com Tarde, que o homem é tambem movido por idéas e estas idéas se transmittem no corpo social por imitação; e com Demolins, que o caminho percorrido pela raça crêa o seu typo social.

Assim, o homem é producto da historia e da geographia, mas animal que pensa, animal que substituiu a adaptação biologica pela adaptação mental, observa, raciocina e forma concepções das cousas e do mundo. Dessas concepções tira regras de philosophia e moral.

A philosophia faz a moral. Hoje a propria philosophia estabelece o methodo para a sociologia e esta encaminha a politica.

Para nós outros, portanto, antes de qualquer estudo de sociologia brasileira, o primeiro objectivo, para evitar perturbações e mal-entendidos, é definir os termos.

Os termos a definir não serão sempre os mesmos. Para que se possa avaliar o esforço de investigação e analyse é preciso que se estabeleça antes o methodo escolhido.

O methodo é simples. Sabemos que o homem é um animal social. Nos animaes sociaes o esforço para o progressão não se faz no sentido biologico, mas sim no da civilização. A intelligencia desenvolve-se dentro da mesma forma animal, com pequenas variações. E' o que acontece ao homem.

Animal social, o homem tem differenciações sociaes, que correspondem á historia de cada grupo. Quando os Europeus se transportaram para a America, já havia uma porção de raças, sub-raças, modalidades dentro da grande especie humana.

Sabemos que, como animal social, o homem que vive em sociedade transmite os caracteres adquiridos, tanto por *dentro*, pela *transmissão biologica*, como por fóra, por *transmissão sociologica*, idéas, educação, apparelhamento technico, casas, estradas, ferramentas, capitaes.

Assim o homem só pôde ser estudado sob o duplo aspecto: biologico e sociologico. Se para a sua vida social precisa de saúde biologica, para a sua propria saúde carece de equilibrio social porque, através de adaptações e heranças seculares, se habitou a viver dentro de um *meio social e economico*.

O homem decahe e se arruina, enfraquece e morre tanto com as epidemias como com as perturbações sociaes, porque sem equilibrio economico a propria saúde physica se abala e se estraga.

Para estudar o Brasileiro é necessario, portanto, fixar todos os factores de sua formação. Esses factores são de ordem *geographica*, *biologica* e *social*. Na ordem social estão os factores dos seus antepassados e delle proprio, o apparelhamento technico e economico que usa e que recebeu em herança. Na ordem biologica, temos de consignar as diversas variedades ethnologicas que contribuíram para a formação da nacionalidade. Na ordem geographica, o meio em que vivemos e os meios em que lutaram os nossos antepassados e das raças auxiliares.

Como os povos primitivos, as nações americanas começaram a sua vida social com a collaboração de raças conquistadoras e raças auxiliares. Conquistadoras foram as raças europeas que para cá vieram, expandindo o seu poder; auxiliares as que encontraram aqui em condições inferiores de civilização e as que mandaram buscar na Africa. Vieram tambem cooperar connosco immigrants de todas as raças e de todos os povos.

O conceito de raça pura é uma invenção aristocratica, e sempre relativa. Na Europa, as raças se substituíram no dominio, absorvendo as dominadas, que desapareceram no cruzamento. Immigrações, expedições, viagens, misturaram ainda mais os diversos sangues.

A todos os Americanos interessa a questão das raças inferiores porque a nossa fusão tem sido mais recente do que as das nossas metropoles na Europa. Os povos do Sul da Europa, em contacto com a Africa, receberam o seu influxo; mas os invasores do Norte accentuaram, por sua vez, em varias épocas, o character nobre.

Recebendo mais tarde os auxiliares negros e indios, o caldeamento ainda não terminou. Dos Estados Unidos á Argentina todas as nacionalidades do continente de Colombo devem a sua formação ao auxilio dos povos aborigenes e dos negros importados. De modo que dos Estados Unidos á Argentina temos caboclos, negros, mulatos, brancoides, negros com sangue branco, branco com sangue negro ou indios e brancos inteiramente brancos. Ha de tudo.

A pureza de todo Yankee branco, ou brancoide, é uma mentira convencional.

Os pioneiros atravessaram largos territórios sem mulheres brancas. Cruzaram-se, e o sangue pelle-vermelha é flagrante no typo actual. O proprio ex-Presidente Wilson, nas melhores photographias do seu tempore esplendor, apparece com um esqueleto de autochthone.

Os sociologos e anthropologos norte-americanos querem attribuir á influencia de climas a semelhança do esqueleto entre os Yankees de hoje e os pelles-vermelhas. O clima influe, mas não em tão pouco tempo e em duas ou tres gerações não se poderia dar tão profunda alteração.

A mistura nos Estados Unidos é menor do que entre os latino-americanos, mas existio e continúa a modificar os traços fundamentais dos Norte-Americanos.

Na America do Sul não houve mysterio nem dissimulação. A mestiçagem fez-se em larga escala.

O negro e o indio adaptaram-se em grande parte á civilização da metropole e, como os escravos a principio e trabalhadores livres depois, trabalharam na formação da nova nacionalidade. Nas "élites" o sangue branco permaneceu branco, sem infiltração, e nós outros podemos dizer que somos brancos como os Europeus o são porque a nossa arvore genealogica demonstra que não recebemos influencia de cruzamentos.

Essa "élite" é, sem duvida, maior no Norte, no Oéste dos Estados Unidos, do que na America Latina; mas se é talvez a maioria, não é possível, apesar disso, proclamar-se que não ha mestiços nos Estados Unidos.

O Sr. Moore, humorista norte-americano, disse que o "Yankee" é um homem que ignora a sua origem e se proclama saxonio. O Sr. Ingenieros, eminente sociologo argentino, soffre em alto gráo desse daltonismo scientifico e ethnographico. Elle acha que em via de regra o argentino é um homem branco e o brasileiro um mestiço.

E' uma illusão que os publicistas argentinos querem agora transformar em mentira convencional. Azara, Humboldt e outros viajantes e historiadores estão ahí para mostrar como a influencia das raças auxiliares se fazia sentir na Argentina no começo do seculo passado. Rosas e seus sequazes eram mulatos. Os peões da população rural são quasi todos mestiços, ainda hoje.

A immigração fundio depressa o Argentino da cidade, mas no "Bairro de los Ratos" ainda se vêem em Buenos Aires muitos mestiços e pretos. (Jule Huret).

No Brasil os negros estão se concentrando nas cidades do litoral e, como a immigração européa é menor e a população é maior, os effeitos da fusão serão mais demorados.

Mas as condições ethnicas são equivalentes em toda a America.

Na propria Europa houve tempo em que só a "élite" foi branca. Qualquer escavação no Sul de Portugal, da Hespanha, da Italla e da França mediterranea, encontram-se em terrenos correspondentes a épocas primitivos, craneos de pretos.

Além desse sedimento negro pre-historico, nas épocas historicas, toda a Europa mediterranea soffreu a mistura dos escravos negros e depois de dominio ou commercio com os Arabes.

Os brancos do Norte receberam a influencia dos tartaros e mongões.

A propria Europa não póde considerar-se isenta de velhos cruzamentos. Na Roma poderosa havia auxiliares de todas as raças e de todas as côres.

Assim, não será por termos recebido o auxilio de raças de outras côres que fiquemos condemnados a qualquer decadencia. Ha traços relativamente recentes de Arabes na Europa do Sul e dos tartaros na Europa do Norte.

O espirito dos povos americanos é branco. Mas é preciso accentuar que não ha raças inferiores, porque grandes civilizações se fizeram com homens de côr.

Eram morenos e mestiços os povos da Asia Menor e da Africa, que fundaram a civilização, que depois floresceu no Mediterraneo.

A China, a Assyria, Babilonia, as Indias, não eram povos brancos. O Egypto não era povoado de homens altos, claros e louros.

Entretanto, o esforço que esses povos desenvolveram para a cooperação do trabalho humano foi muito maior, em proporção á

selvageria de que sahiram, do que o que hoje, na época contemporanea, empregaram saxonios, latinos e germanos para aperfeiçoar a cultura herdada.

Assim, convém frizar que os descendentes de raças hoje relativamente decadentes, mas que fundaram a civilização humana, ou de raças equivalentes, não podem ser a causa do pretendido entorpecimento de nações recentemente mestiças.

Todas as nações se cruzaram e foram mestiças na sua origem.

As raças chamadas inferiores, que collaboraram na civilização americana, deram, naturalmente, característicos á nossa vida politica e social. A proporção de mestiços ainda impede em toda a America Latina a pratica da democracia representativa, que no nosso continente só é praticada nos Estados Unidos e no Canadá.

Mas essas raças foram necessarias para fundar a riqueza no periodo da formação da nacionalidade e vão, educados, deixando de ser um elemento de desorganização e anarchia, como foram na America Hespanhola, livrando-se o Brasil do caudilhismo pela rigidez do edificio social baseado na escravidão.

As raças auxiliares tendem a desaparecer como elemento ethnico e como elemento intellectual. A assimilação pelo cruzamento e pela escola vai se fazendo em larga escala.

O que caracteriza a raça como consciencia, como nacionalidade, como ideal, como força social, não é o fundamento ethnico anthropologico: é a lingua de um grupo isolado. O homem vale pelo que pensa, e elle pensa na lingua do seu grupo. Por isso o ramo ethnico que impõe o seu idioma domina sobre os demais e os assimila.

O que faz o typo politico e social da raça é a sua lingua no seu habitat, é o pensamento no meio geographico, a lingua que mantéu as tradições do ramo ethnico, que conserva o espirito e o desenvolve sem o desnaturar. Quem perde a lingua dos antepassados póde ainda guardar alguns característicos do temperamento do seu fundo ethnico mas esquece o espirito da raça. A lingua só quando muda de habitat muda de nacionalidade. O norte-americano não é inglez, o argentino não é hespanhol, o brasileiro não é portuguez, mas os rumalcos, servios e bulgaros continuam rumalcos, servios e bulgaros, através de seculos de dominio, de oppressão, de cruzamentos, de dispersão e de trucidamentos.

Entretanto, descendentes de slavos e tartaros da Prussia de hoje proclamam com orgulho o seu pan-germanismo e os descendentes de muitos mulatos da Europa do Sul se consideram puros latinos e desprezam os mestiços da America.

No Brasil, é de estylo fazer piada com os mulatos que se intitulam latinos e defendem a raça latina. Os mulatos têm razão. Os negros, caboclos e latinos das Americas Portugueza e Hespanhola são latinos porque assimilaram o espirito latino.

Desde os tempos mais remotos os povos reconheceram ou sentiram essa verdade e, quando queriam dominar, tratavam de impôr a sua lingua. E' pela escola que essa luta se caracteriza hoje no mundo inteiro.

Victor Viana.



A MUSICA NO BRASIL, NO SECULO XIX

I

O PADRE JOSÉ MAURICIO E O SEU TEMPO

A vinda de D. João VI para o Brasil. — O despertar de uma civilização. — As artes. — A musica. — José Mauricio e sua obra. — Marcos Portugal — Francisco Manuel — D. Pedro I.

Teve razão Euclýdes da Cunha, quando escreveu que "D. João VI um medlocre, foi um predestinado" De facto, o príncipe infeliz e tímido, em cujo espírito o destino glsára, desde o berço, as mais extranhas linhas vivia cumprindo sina infeliz, que sua fraqueza mental mais aggravava e de que se desforrava chorando, num pranto constante e magoado. Para tornar mais dolorosa e cruel a sua existencia, a historia o deixou em evidencia sem igual, governando um reino, na febril agitação com que Napoleão tulmutuára a Europa. Fugindo da Patria, madrugada afóra, quando o ar já fremia pelo toque das cornetas dos soldados de Junot, uma sorte mais favoravel aguardaria pela primeira vez o inditoso príncipe. Para res taurar-lhe o nome, que a fuga humilhára, o filho de D. Maria, bonachão e triste, encontraria na colonia americana o ensejo de Iniciar uma civilização, preparando a nacionalidade para receber a independencia, cujo anseio já lhe arfava no peito joven. Desde a Carta Régia de 28 de Janeiro de 1808, seis dias depois da chegada á Bahia, e por inspiração de José da Silva Lisboa, o grande Visconde Cayrú, abrindo os portos do Brasil, que D. João VI se revelou um benemerito para o nosso paiz. Suas cilações visavam todos os ramos da actividade nacional, estabelecendo os primeiros cursos, fundando o Banco do Brasil, a Escola de Bellas-Artes, a Imprensa Nacional, a Bibliotheca, o Jardim Botânico, até elevar, pelo acto de 16 de Dezembro de 1815, o Brasil á Categoria de Reino, unido a Portugal e Algarves. O politico não descurou o cultivo de espirito do povo brasileiro e, não só estabeleceu as primeiras escolas superiores, bem como estimulou o desenvolvimento das artes. Por influencia de Antonio Araújo de Azevedo, Conde da Barca, D. João VI, cujos actos tinham sempre paternidade, fundou a Escola de Bellas-Artes, em 1815, mandando o Marquez de Marialva contratar uma missão artistica para organiza-la e de que faziam parte Joaquim Lebreton, do Instituto de França, chefe da missão; João Baptista Debret, pintor; Nicoláu Antonio Taunay, paisagista; Augusto Taunay, escultor; Augusto Henrique Victorio Grandjean de Montigny, architecto; Simão Pradier, gravador e abridor; Francisco Ovide, professor de mecanica; Carlos Henrique Levasseur, Luiz Maunié, Francisco Donrepos e Pedro Dillon, chegados em 1816, tendo vindo depois os Irmãos Ferrez (Marcos e Zephyrino).

Se os frutos não corresponderam á expectatva, é inegavel que foi benefico esse surto e os homens de pról da cõrte começaram a se interessar pela cultura da terra nova, cujo fulgor os impressionava e exaltava, quando não os perfilhava. Dahl o desenvolvimento das artes, que tanto devem ao esforço particular, favorecendo-as e incentivando seu estudo. A musica, se não teve as mesmas mercês que as artes plasticas, não foi contudo esquecida, tanto mais quanto D. João VI lhe tinha especial predileção, fosse suggestiva apenas, ou porque lhe tocasse o coração infeliz. No período colonial quasi nada ha digno de referencia. Os cultores de musica anteriores ao período de D. João VI, ou fizeram musica sacra, como Padre Manoel da Silva Rosa, que escreveu a *Paixão de Christo*, Fr. Manoel de Santa Catharina, Fr. Antonio de Santo Elias, Fr. Francisco de Santa Eulalia e outros mais, ou musica de canto no genero popular, taes como o grande Gregorio de Mattos, a quem attribuem sem fundamento a autoria do lundú; Domingos Caldas Barbosa, João Leal, padre Telles, Januario Asvelos, todos compositores de modlnhas e lundús. (1) Assim, a não ser a musica popular, só se conhece a religiosa, trazida pelos portuguezes, especialmente pelos jesuitas, que a diffundiam nas festas da Igreja, sobretudo entre os indigenas, não ignorando o seu prestigio sobre o espírito rude do gentio. Assim abriram varias escolas, onde os indios aprendiam canto, bem como cravo, viola e orgão, para as rezas e benditos, Nas casas solarengas, tocavam o cravo e cantavam nas grandes festas. Tudo isso, porém, ficou nas chronicas e em nada influu. Com a vinda de D. João VI é que se abriu o primelro período

do da musica brasileira, posto o nosso grande musico, o Padre José Mauricio Nunes Garcia (1767-1830), que é uma gloria refulgente, já estivesse na terra e fosse essencialmente brasileiro. Mestiço, nascido no Rio de Janeiro, de onde nunca sahiu, estudou no Conservatorio de Santa Cruz, fundado pelos Jesuitas para ensinar musica aos negros. Foi mesmo um motivo de espanto para D. João VI e sua cõrte, quando assistiram a primeira missa na igreja de Santo Ignacio de Loyola, ouvirem-na cantada por um corpo vocal e instrumental de primeira ordem, estusiasmando o príncipe, a ponto de mandar organizar depois essa escola, com os melhores resultados. Mas o espanto não devia parar ahí. Chegaria ao auge quando, em 1810, ouvissem as composições de José Mauricio. E foi tão perturbadora a emoção, que D. João VI tirando do peito do Marquez de Villa Nova da Rainha o habito de Christo, o pregou na batina desse padre humilde e confuso. Quando veiu do Reino, Marcos Portugal, compositor de fama na Europa, cujas operas foram levadas até na Russia, com o maior successo, apressou-se a princesa D. Carlota em approximar os dous maestros. Portugal exaltou o talento de José Mauricio, mas, no fundo do seu coração, a Inveja abriu tenda e o levou a cercar o nosso grande musico numa atmosfera pesada de intrigas e malquerenças, com a qual vingava a sua manifesta inferloridade.

A arte de José Mauricio (falamos da religiosa, por desconhecemos a profana) é unglida de uma emoção profunda e arrebatadora, feita com uma grande frescura e intensa exaltação mystica, qualidades que o collocam entre os maiores compositores sacros. Sua musica é extatica, não pelo jogo forçado de recursos liricos, mas pela inspiração ardente e fervorosa, que se elevava e transfigurava, no canto revelador. Dahl a grandeza e sinceridade. Para elle, a musica era uma voz de liberdade que lhe communicava o espirito com Deus, numa fusão mysteriosa e indefinivel. Não era um exaltado, que pretendesse criar um ambiente religioso pela decoração pomposa e suggestiva, como em geral acontece com os oradores sacros, que multiplicam as imagens, forçam as comparações, agitam os motivos de eloquencia, de sorte que a apparencia possa suprir o que faltar na Intensidade Interior. Ao revés desse processo, José Mauricio era um artista Interior cuja fé sobrenatural traduzia na musica, com uma larga sensibilidade, que se infiltra no coração e deixa a Intelligencia advinhar o mysterio perturbador. A obra que nos legou e que, para mal de nós, em grande parte se perdeu, nos enche de crença no espirito brasileiro, cuja genialidade atesta num clarão fulgente.

Nasceu José Mauricio Nunes Garcia, no Rio de Janeiro, em 1767, tendo estudado musica no Conservatorio de Santa Cruz, com muito amor, quando lhe permittiam os lazeres de sua aprimorada formação religiosa. Tocava cravo e viola. Bem cedo adquiriu renome de professor exímio e em 1798 foi nomeado mestre de Capella da Cathedral. D. João VI ouviu-o com alegria e naquella noite memoravel, em que o fez cavalleiro de Christo, sentiu perturbado o bater das asas da gloria. A despeito da campanha insidiosa de Marcos Portugal, o príncipe se tornou seu amigo e muito o protegeu, nomeando-o compositor da Capella Real do Rio e, quando teve de voltar para Lisboa, convidou-o a acompanhá-lo, ao que se recusou José Mauricio. Morreu em 1830, cantando um hymno a Nossa Senhora, e nesse fim symbolico, todo espirito do grande musico avulta, numa exaltação perpetua para o céo, nos seus cantos maravilhosos de fé e devoção. Deixou perto de 200 composições, dentre as quaes sobresaem as seguintes: *Missa de Requiem*, *Missa em si bemol*, *Symphonia Funebre*, *Te-Deum* e *Matinas Grande Missa e Credo do Degolamento de São João Baptista* e uma opera *Le Due Gamelle*, escripta a pedido de D. João VI e cuja partitura tambem se perdeu. Algumas de suas composições foram restauradas por Alberto Nepomuceno, quando Director do Instituto Nacional de Musica.

O Padre José Mauricio não é só uma fulgurante figura de musico, mas uma affirmação poderosa do espirito brasileiro. Este mestiço nascido no seculo XVIII, no Rio de Janeiro, de onde nunca sahiu, ter realizado obra tão forte, elevando-se, no genero, á altura dos mais altos mestres, é caso singular, que os esthetas, os psychologos e os pensadores do Brasil têm o dever de estudar com mais attenção e carinho. Não era um barbaro de inspiração frenemente e desordenada, como uma flor sylvestre e exuberante da terra nova e inculta, mas um civilizado, de linhas sobrias e medidas, com um perfeito conhecimento de technica musical, de composição e orquestração. O seu *Requiem* é uma pagina immortal, tal a grandeza

(1) Vide M. Moreira da Silva: A Musica no Brasil — A *Illustração Brasileira* de 7 de Setembro de 1922.

interior, a força e profundidade de expressão, o sentimento vivo e indizível, que se eleva nas vozes lançadas ao céu pela criatura supplice e fervorosa, na angustia — na miséria, no testemunho de sua fraqueza, que a morte repete minuto a minuto. No desenvolvimento melódico ha esse tragico tumulto, que nos agita o coração, mas logo o alento da fé o acalma e uma confiança serena e bendita nos aquietta, pela esperança reveladora e divina. José Mauricio, que o compoz quando em sua alma de filho a lembrança materna era uma evocação dolorosa, sentiu toda a pequenez humana, que appella o Criador, na ansia de volver a Elle, onde o "ineffável se realiza" Sigismundo Neukomm, primeiro discipulo de Haydn e que viera ao Brasil com a missão Lebreton, "não duvidou em collocar ao lado do divino Mozart" esse "Requiem" segundo o depoimento do Visconde Taunay, que estudou com tanto devotamento a obra extraordinaria do nosso musico genial. Assim, descreve o escriptor patricio essa pagina monumental: "As primeiras partes do "Requiem" de José Mauricio são de inxcedivel belleza. O "Kirie" todo em fuga corre parelhas com o de Mozart. Soberbo é o "Gradual" para côro e sólos de soprano e baixo. Ahí começava o celebre João dos Reis a encher com a sua possantissima voz o templo todo e no "Dies iræ" achava accentos de aterrar os ouvintes. Diz a tradição, que aquelle mulatão fazia, como Lablache, estourar vidros nos caixilhos das janelas. Em contraposição, quanto é suave e humilde o "Ingemisco" para soprano! Logo após "Inter ones" para côro, "Offertorio", sólo de baixo apoiado em côros, os curtissimos "Sanctus" e "Benedictus" Ahí entra o dulcissimo "Agnus Dei" de tão consolador e meigo enlevo, um queixume de melancolica ovelha e afinal o "Cummunis", breves compassos" (1)

José Mauricio era um filho exilado da musica classica allemã e sua ascendencia está no formidavel Bach, em Mozart, em Haydn e no grande Beethoven. A sua obra tinha, não só a factura severa dos mestres, mas o poder interior e a revelação que emprestavam á musica, donde promana o extase, pelo qual nos elevamos acima de nós mesmos e tentamos advinhar o universo. Foi uma das mais altas revelações do espirito brasileiro. Antes delle, poderíamos falar de Mathias Ayres, se não tivesse deixado o Brasil aos 8 annos para viver e se fazer em Portugal. Gregorio de Mattos, com ser dos nossos maiores poetas, era um barbaro, desabusado, violento, com todas as arestas de um espirito modelado no Brasil, no seculo XVII, posto aprimorado em Coimbra. Basilio da Gama, Santa Rita Durão e os Arcades são, por igual, indices do maior valor de nossa formação espiritual, mas quasi todos estiveram no estrangeiro e de lá trouxeram influencias fortes e decisivas, sobretudo de Portugal. Tambem este foi o caso de José Bonifacio das maiores mentalidades brasileiras. Mas, José Mauricio se fez no Brasil, sem influencias directas, afóra as que soffremos todos na formação de cultura, e criou uma obra que ultrapassa de muito o seu meio. A prova é que não teve discipulos, nem continuadores, embora divulgasse muito o gosto pela musica, ensinando-a com um devotamento religioso. Depois delle, só alguns lustros mais tarde, haveria de apparecer um grande musico, porque Francisco Manoel era um artista menor.

Ainda assim Francisco Manoel da Silva (1795-1865) foi o mais illustre de seus discipulos e o unico que sobresahiu, tendo tambem tomado algumas lições de contra-ponto com Neckomm, o grande artista allemão, discipulo predilecto de Haydn, e que dirigiu o celebre concerto de 3.000 professores, na inauguração da estatua de Guttemberg. Da sua obra, salvou-se apenas o *Hymno Nacional Brasileiro*, em cujos sons quentes ha alguma coisa do nosso entusiasmo e da nossa imaginação tropicaes. Como seu mestre, talvez por causa delle, soffreu a guerrilha de Marcos Portugal, quando musico da Capella Real, que o maestro portuguez dirigia, e a quem succedeu mais tarde. Deixou varias composições, inclusive um *Te-Deum* e "Hymno da Independencia" pouco conhecidos. A sua gloria vem do "Hymno Nacional" que o immortalizou, sem esquecer o papel preponderante que teve no desenvolvimento do ensino musical do Brasil, de que foi um dos primeiros a cuidar.

E' justo referir Marcos Portugal, compositor portuguez de grande fama em toda a Europa, que veio para o Brasil em 1813 e onde exerceu grande influencia, cujo beneficio não é licito contestar, posto seu orgulho a desmereça, pelo mal que procurava fazer aos outros artistas. José Mauricio (2) e Francisco Manoel e Sigismundo Neukomm. D. João VI que era, como vimos, um apaixonado, ou um suggestionado pela musica, cuja protecção a José Mauricio foi a prova mais cabal e sincera, muito fez pela cultura musi-

cal do Brasil. Logo que ouviu os negros do Conservatorio de Santa Cruz, reformou-o, estabelecendo escolas de primeiras letras, composição, canto e varios instrumentos, tornando-se celebra as solemnidades em que cantavam os pretos e os concertos que realizavam em S. Christovão e em Santa Cruz, tendo o principe, entre seus escravos, instrumentistas e cantores de valor. Logo que Marcos Portugal chegou, foi nomeado director do Conservatorio emprestando-lhe bilho e realce, auxiliado por Simão Portugal, seu irmão, tambem compositor. Nomeado, igualmente, mestre da Capella Real, foi uma especie de ministro da musica, a que deu grande desenvolvimento, fazendo representar suas operas no Theatro São João, que tambem dirigia. A sua producção foi copiosissima, sendo, segundo autorizado depoimento alheio, "um reflexo da musica italiana daquelle tempo. A influencia de Portugal, a despeito de sua posição e de seu traquejo social, não se sobreleva, contudo, á de José Mauricio, tão grande, a ponto do Rio de Janeiro ser chamada a cidade dos pianos...

Nessa época, ha ainda a lembrar o nome de D. Pedro I. O principe admiravel e estouvado, que o destino collocára á frente da independencia nacional para dramatizal-a, com os seus largos e fulgentes gestos, que se aureolára de gloria, gloria que não saberia manter intacta, que senhor de dous tronos, a ambos renunciou, o principe extraordinario e vibrante, excepção entre a mediocridade corôada, era, tambem elle, musicista, de cuja obra se salvou apenas o *Hymno da Independencia (Brava Gente)*, letra de Evaristo da Veiga. Lê-se numa chronica da época: "S. A. Real o Principe do Brasil, que possuia talentos extraordinarios para a musica, que compunha com gosto e facilidade, e tocava diversos instrumentos, entre os quaes o fagote, trombone, flauta e violino, muito contribuiu para aperfeiçoar este estabelecimento (o Conservatorio de Santa Cruz), unico no seu genero, pela animação dada aos seus negros e pelas recompensas que lhes prodigalisava. Elle encarregou os irmãos Portugal de compor operas que foram totalmente executadas por esses africanos com os applausos de todos os conhecedores que os ouviram" Entre outras composições de D. Pedro I, citam-se uma opera, cuja abertura foi executada em Paris, em 1832, alguns hymnos, musicas sacras e uma synfonia para orchestra. Se a obra do musico se perdeu, no principe valeram as intenções.

II

O ROMANTISMO NA MUSICA BRASILEIRA

O romantismo no Brasil. — As suas expressões intellectuaes e politicas. — Carlos Gomes e a musica brasileira. — As influencias italianas. — Carlos Gomes e José de Alencar. — O "Guorany". — A opera de Carlos Gomes. — Seu significativo na esthetica brasileira. — Leopoldo Miguez e a synfonia. — As influencias da musica allemã, de Wagner e Liszt. — O poema symfonico. — A expressão de Miguez. — Alexandre Levy e sua obra — Outros musicos do seculo XIX.

O romantismo, que foi a tremenda revolta do individuo contra a sociedade, levando-o a hypertrophia do "eu" e a um devaneio da personalidade, quando veio da Europa para o Brasil, por volta de 1830, já encontrou no brasileiro um romantico feito. Em regra, somos de um individualismo exaltado e fremente, acreditamos ingenuamente nas forças protectoras da natureza deslumbrante, guardamos um ideal inatingivel de nosso imperio e, ao lado disso, o germen da melancolia desperta sempre, para nos abater, á minima decepção. Antes dos europeus, por uma reacção impetuosa e insoffreavel, appellarem para o instincto, quando o racionalismo secco e quadrado os cercava entre os muros pesados dos *systemas clos et fermés*, já tinhamos o primado da imaginação, que o melo physico despertára e mantinha, no desejo apressado do homem, de se igualar a essa grandeza empolgante, mas dominadora. O medo da natureza criou o culto, mas o extase compensou o temor e o brasileiro, embora nunca se tivesse integrado no seu "habitat" ponde amal-o e se esforça por uma união mystica, que antevê deslumbrado. Reproduz, portanto, o primeiro romantismo, naturalmente com mais liberdade e mais força. Quando, porém, o romantismo viu o absurdo de sua fantasia desordenada e vaga, sentiu que jamais o eu atingiria o dominio universal, vencendo as contingencias irremediaveis do ser, e tornou-se uma dôr erucinante e angustiosa, em que gemeram desesperados os filhos do seculo XIX, procurando mysticamente na força, no prazer, no exotico, as ultimas soluções do instincto, nós soubemos reagir contra essa onda, sem violencia, pela propria vitalidade do espirito novo. Deixemos de parte os que limitaram se tralram. Toda a formação romantica no Brasil

(1) Apud Rodrigues Barbosa: *Um seculo de Musica Brasileira no Estado de São Paulo*.

(2) Como se sabe, ao fim da vida, Portugal procurou José Mauricio, que fraternalmente o acolheu, numa bondosa reconciliação.

foi idealista e criadora e aquella fadiga de viver não conseguiu vingar no nosso paiz, a menos numa ou noutra adaptação sem significado. E que, no primeiro seculo de independencia, quando as energias da terra brotavam exuberantes, não poderíamos levar a nos lamentar tristemente. Demais, nunca o universo nos pareceu pequeno, porque o mundo brasileiro, selvagem e impetuoso, nos opponha o trabalho e a fecundação, ao irremediavel aniquilamento do *mal de seculo*. Magalhães, Gonçalves Dias, José de Alencar, Tobias Barreto ou Castro Alves eram no fundo idealistas e constructores e a melancolia e a duvida passageiras não lhes transmudaram o germen espiritual da crença. Também na politica, os homens da monarchia, os da independencia, os da regencia e os do segundo reinado, que eram todos romanticos, criaram a ficção do estado, longe da realidade, mas procurando sinceramente o bem nacional. Fez-se a abolição, num maravilhoso surto lirico, fez-se a Republica, para dar mais esplendor á democracia, já existente. O proprio positivismo, que era uma doutrina sceptica, nós o tornamos criador. A obra romantica, portanto, não era uma imitação do movimento europeu, mas um impulso do nosso espirito, o destino historico que cumpríamos.

Depois da personalidade empolgante de José Mauricio, de cuja gloria devemos ser orgulhosos, poucos são os aspectos da musica no Brasil, até mais de metade do seculo XIX. Só então appareceu Carlos Gomes, um dos poderosos artistas do nosso paiz. Com originalidade de estro e inspiração opulenta e varia, criou uma obra em que, por vezes, a expressão tem uma violencia imprevista e admiravel, quando soam as notas exuberantes da terra americana. Na opera brasileira, posto della se tenham occupado quasi todos os nossos musicistas, Carlos Gomes é o mais consagrado compositor, possuindo sua musica riqueza e brilho de timbres, ao mesmo tempo que uma melodia larga, fluindo das fontes mais puras do nosso lirismo.

Carlos Gomes, nascido em São Paulo (1), teve nos olhos desde menino, o espectáculo delicioso de nossa paisagem, em suas côres radiosas e num deslumbramento constante. Essa symfonia de accordes majestosos, não se apagaria mais de seus ouvidos, e a impressão admiravel e pujante da terra, lhe perduraria no espirito. Na sua obra fulgiram as linhas claras desse primeiro contacto com a natureza. A principio em São Paulo, e depois no Rio de Janeiro, de cujo conservatorio foi alumno, Carlos Gomes revelou as forças de seu espirito, exaltado e intenso. Dessa época são o *Hymno Academico*, feito para os estudantes paulistas e que lhe valen um grande successo, e as operas *Noites do Castello* e *Joanna de Flandres*, as suas primeiras tentativas de musica dramatica. Em 1863, tendo obtido o premio de viagem, seguiu para Milão, onde em 1866 recebia, do Conservatorio de Musica, o titulo de maestro. Por esse tempo escreveu a opereta "Se sa minga" (Theatro Foscate — 1866) e a revista "Bella luna" (Theatro Cascani) valendo-lhe ambas as melhores sympathias. Em 1870 alcançava o primeiro triumpho, levando o "Guarany" no Theatro Scala, com grande exito e applausos francos e ruidosos. Verdi louvou-o com palavras exaltadas, exclamando: *Questo giovane comincia da dove finisco io*. Era o inicio de sua trajetoria, marcada com um traço rutilo.

Carlos Gomes estava talhado para ser o criador da musica brasileira, não no sentido de uma arte regional, que é sempre menor, mas com a grandeza dos motivos nacionaes, sentidos através da cultura, porque, no final, a arte é aquelle depoimento do coração humano, que deve dominar o tempo e o espaço, ser perpetuo e universal. Com inspiração singular e colorida e possuindo o sentido da natureza, da graça e do pittoresco, como qualidades excipientes, Carlos Gomes poderia ter tido o papel de José de Alencar na nossa literatura, affirmando a independencia musical do Brasil (2). Não precisava, pois, ir huscar o que lhe poderia dar o seu paiz. No ambiente do Brasil, elle teria encontrado todas as forças para sua criação, independente dos modelos estrangeiros. Nem Gonçalves Dias, nem José de Alencar delles precisaram e criaram obras definitivas. A expressão brasileira de então, que bastára á poesia e ao romance, não desmereceria a musica, antes permitiria uma força nova, inedita, do maior fulgor. Temos que conquistar o rythmo brasileiro, como conquistamos a terra, numa tragedia estupenda e radiosa. Carlos Gomes, ao revés desse esforço, accitou tranquillo as indicações extranhas, esquecendo-se de que o traíram. No

"Guarany", pretendeu criar o indianismo na musica, á guisa de Alencar e Gonçalves Dias, despertando a terra, na evocação do autochthone, assim tornado, embora em falso, o symbolo da nossa gente. Tirando das selvas brasileiras alguns motivos quentes, que repontam em seus trabalhos, tem por vezes, uma expressão forte, de mocidade e audacia. Prejudicou-o, porém a escola de opera italiana, fazendo-o desprezar as vozes da terra, ou comprimil-as nos modelos da "arte", sacrificando a intenção á fórma.

A preocupação de um genero em arte é um preconceito infecundo e perturbador, onde não raro se prendem os mais audaciosos vãos. A arte é liberdade, é desejo incontido, ansia que procura expressão na propria vida, acima de todas as contingencias, na sua idealidade absoluta. Os entraves de genero, como as limitações de fórma, são graves embaraços á livre comunicação entre os espiritos nesse vago mysterioso, em que a arte os enlaça e os domina. Ahi tudo é emoção, exaltando a existencia e permittindo sentil-a em toda a plenitude de força, de belleza, de intensidade. Carlos Gomes, por exemplo se tivesse seguido os pendores de seu espirito e, como Alencar, construisse sobre nossos motivos, uma obra brasileira, teria nos legado um monumento bem mais solido, para enfrentar o tempo. Transportando-os, porém para Milão, sob a influencia das longas arias italianas, sobretudo as de Verdi, então em franco successo, Carlos Gomes, dominado pelo ambiente, sem força ou sem animo para reagir, libertando-se, cedeu e compoz sua obra em fórma italiana, com as preocupações do "bel-canto", o que lhe tirou muito o frescor, a graça e o interesse. Enquanto no "Guarany" Alencar torna inconfundivel a linguagem do indio da dos brancos, na opera, ellas se unem e se misturam nas mesmas arias, nas mesmas modulações, nos mesmos accents. E, no emtanto, os indios de nossa selva tinham sua musica, livre e audaciosa. Esse fundo falso perdura na obra de Carlos Gomes, onde a fórma é o entrave constante. A's vezes, o espirito brasileiro se rebella contra humilhação e irrompe, quente, vivo, indomavel, em notas violentas e cambiantes, que lhe revelam a origem maravilhosa. Mas, em geral, procura uma solução preconcebida e, em arte, tudo deve ser surpresa e maravilha inedita.

O successo franco e retumbante foi outra traição. Empolgou-o e acreditou que aquelle juizo das platéas da Italia e do Brasil — uma suggestionada pelo genero, que era o seu, e outra empolgada patrioticamente pela realização brasileira — seria definitivo. E entregou-se cada vez mais aos moldes italianos, findando por esquecer os motivos nacionaes. O favor popular foi o maior possivel e *Sento una forza indomita*, *Ciel di Parahyba* e *Mia Piccerella*, entre outras, foram arias em voga de bocca em bocca.

Além das citadas, escreveu Carlos Gomes as seguintes operas: "Fosca" (1872), "Salvador Foca" (1874), de inspiração e factura italianas, que lhe valeu grande successo na Italia e "tornou-se tão popular como as estimadas operas de Verdi" "Maria Tudor", (1879), "Lo Schiavo" (1888) onde dramatizou a dor e o supplicio da escravidão, tendo nessa obra escripto uma pagina de grande successo, que é a "Alvorada"; e "Condor" (1891) cantada no Scala, com melhor exito. São ainda de sua autoria — "Colombo" — oratorio profano, executado em 1892, por ocasião das festas do Centenario do Descobrimento da America, e que fracassou por falta do favor popular, habituado ás arias e melodias de suas operas e extranho a esse novo genero. Deixou incompletos a partitura da opera *Morena* e fragmento do *Canticos dos Canticos*. Além disso, muitas são as suas compsições para piano e canto, com que enriqueceu a nossa literatura musical.

A musica de Carlos Gomes, no genero que adoptou, posto aquelle em que a emoção espiritual mais cede ao langor dos sentidos, construiu uma obra invulgar, com physionomia propria e certo character, em algumas de suas composições. Ha paginas interessantes, sobretudo as que se desprendem da escravisação formalistica e a inspiração brasileira domina, num fremito exuberante e joven. Se não creou uma obra nova e independente, prendendo sua emoção no convencionalismo de genero, e de genero vulgar, e se a sua composição é, em geral, pouco solida, deixou na musica um pouco do lirismo ardente e caracteristico dessa magia imaginosa e indefinivel da alma brasileira. Sem tortura da realidade, contentava-se com a apparencia do mundo, fosse de brilho ou de melancolia, deixando essas impressões passarem em sua obra, para deileite dos sentidos, sem outras preocupações para a intelligencia. Com certa emphase e uma nota elegiaca constante, a sua imaginação flue com frescura e calor, dedobrando-se na melodia facil e communicativa, em que se espirito adejava, satisfazendo-se em ver as coisas e sem se inquietar com possibi-as...

(1) Antonio Carlos Gomes (1839-1896) nasceu em Campinas, a 13 de Junho de 1839, ou segundo outros, a 11 de Maio de 1837, filho de Manoel José Gomes, que era um musico de certo valor, e que lhe dirigiu com criterio a primeira educação musical, logo que despertaram as forças criadoras de seu espirito.

(2) Este conceito é do Sr. Graça Aranha, sobre Alencar, dizendo que affirmou a independencia intellectual do Brasil.

Ao contrario de Carlos Gomes, foi Leopoldo Miguez (1850-1902), um influenciado pela musica allemã, de Liszt e Wagner, de que se tornou um discipulo brilhante, com certo caracter, mas sem grande originalidade. Nossos artistas, era geral, se deixam escravizar nas escolas alheias, em cujas fronteiras assentam tenda, contentando-se com os horizontes que os outros rasgaram. E, no entanto, o artista não pôde viver acorrentado ás fórmulas, e muito menos, ás de outrem. A arte anseia pela liberdade para abranger o universo total, dominando a contingencia, com o rythmo que suplantou a realidade concreta. Já a expressão é um entrave, e sentio-o bem: Novalis, quando pretendia, paradoxalmente, que a poesia perfeita seria a que não tivesse um assumpto definido. Nós criamos fragmentando a natureza, mas sentimos o todo e a tortura do artista é revelar a unidade desse espectáculo, que transcende á sua equação pessoal. Por isso toda obra de arte é uma suggestão, e em cada espirito se renova, na emoção transformadora e intensa. O erro dos que defendem a fórmula está em não sentirem a arte, senão como uma exteriorização, um ajuste de côres, de sons, de linhas, de massas, ou de expressões, cujo jogo subtil os enche de pasmo. Mas os que sabem que, além do modelo, existe o motivo interior, a revelação, que dá a fórmula, mas para dominá-la, procuram na arte uma maior energia vital, um meio de sentir mais plena a existencia. E a arte é uma maior vida.

Leopoldo Miguez, que era uma inventiva prompta, um colorista seguro e um eloquente, construiu uma obra digna de estíma, mas que a imitação tirou muito da frescura, a esperar de seu estro. Sobretudo na opera "Os Saldunes", circumscreveu-se em absoluto ao wagnerianismo, quer no processo de composição, quer no estillo, empregando os "leit-motiv" á guisa do mestre de Bayreuth, o que justifica o conceito do Sr. Rodrigues Barbosa: "Miguez, tão inspirado poeta, sentimental, lyrico, grandioso em toda a sua obra, foi em "I Salduni", um imitador de Wagner. Imitador genial porque, se Wagner não houvera existido, "I Salduni" seria uma obra sem igual" (1) Miguez, como quer que seja foi um symfonista de mérito e muito brilho. A sua orcheção é rica e multipla, com notas empolgantes e expressivas. Ha mesmo luxo e opulencia. Na musica brasileira, como também fizera Carlos Gomes, mas sobrelevando-o, Miguez trouxe o domínio da eloquencia, em que a imaginação nacional se exalta, em fremitos, e se precipita depois em torrentes impetuosas e violentas. Não só nas tribunas somos eloquentes, senão também no verso, na prosa, nas artes, nos costumes, na politica, comprazendo-se o espirito brasileiro em exagerar, pela volupia da imagem pomposa, a realidade das cousas. E' um pendor tropical em que não raro os nossos artistas se perdem, nos seus circulos enleiantes até chegar á enfase, tão ao sabor da terra. Não será preciso citar exemplos, tantos existem e tão a miude se nos deparam. Miguez, na musica, nos deu essa eloquencia, com seus motivos ornamentados e deslumbrantes, numa ostentação de adornos, ás vezes fabulosa. Aparecendo na época do formalismo, com o preconceito plastico, não escapou a essa contingencia da factura, que por vezes, o torna um pouco secco, nunca porém com prejuizo do brilho. No rythmo nem sem é seguro e falta, porventura, profundidade na concepção. Não era uma meditativo, que fosse buscar ao fundo das coisas a essencia miraculosa. Bastava-lhe o turbilhão da existencia, nas apparencias varias e constantes, que lhe passavam nas retinas como uma visão de maravilhas. Nelle resolvia a arte, com calor e exaltação lirica, através de imagens requintadas e efeitos caprichosos. O tecido de sua symfonia é rico, desdobrando-se a imaginação em torno dos motivos, numa fantasia intensa e singular, na qual ás vezes ha repetições, mas sempre solidez e correção. Na opulencia dos movimentos soam de permeio as cordas de um poeta sensível, cujas notas não se prolongam comtudo, mergulhadas na onda sonora do conjunto.

O poema symfonico, com que Liszt quebrou os preconceitos das velhas fórmulas da symfonia classica e conseguiu — segundo Maclair — a fusão do lirismo poetico com o lirismo musical, teve em Miguez um cultor invulgar. Essa expressão, em que os movimentos se desdobram e entrelaçam, vindos do thema principal, que desenvolvem, era proprio ao temperamento de Miguez, que nelle escreveu algumas paginas, reflectindo as qualidades de nosso espirito irrequieto e vivo. O "Ave Libertas!" por exemplo, é um poema perfeitamente nacional e aquelle arroubo e aquelle emoção lirica e exuberante revem muito do ardor brasileiro, impulsivo e extatico. A nossa literatura e as nossas artes estão ponteadas de exemplos que taes é inutil estar a repetir. Os motivos se transformam em allegorias e criam a suggestão ornamental, que avulta

para supprir as deficiencias intimas. Os seus poemas symfonicos, dentre os quaes "Prometheu" (Op. 21), "Ave Libertas" (Op. 18), "Parisina" (Op. 15), "Ode a Victor Hugo" (Op. 13), e "Ode funebre a Benjamin Constant" (Op. 23) são paginas de grande brilho e envergadura na nossa musica de programma, que teve em Miguez a mais alta expressão symfonica. As excellencias e os defeitos da sua obra não se somem umas ao contacto com os outros, apparecem todos, na exacta revelação da physionomia do artista.

A factura de Miguez é solida, maneja a archestra com segurança e proficiencia. O seu colorido quente e o ajuste dos valores symfonicos lhe permittem obter os melhores efeitos descriptivos, mantendo uma exaltação continua e majestosa, ainda que, por vezes, declamatoria. Afóra as paginas para orchestra, escreveu o *Hymno da Proclamação da Republica*, o poema dramatico *Pelo amor*, acção do Sr. Coelho Netto, e *Os Saldunes*, também letra do Sr. Coelho Netto, representado pela primeira vez a 20 de Setembro de 1901, no Theatro Lyrico do Rio de Janeiro. A musica de Leopoldo Miguez justifica, pois, o apreço que lhe votamos e a aureola que lhe cerca e consagra o nome.

Tambem symfonista era Alexandre Levy (1864-1892), que cedo se revelou um alto engenho musical, mas cuja vida, cortada aos vinte e oito annos, não lhe permittiu a realização, que delle era licito esperar. A sua obra não vale só pelo que representa, mas é despertar que revela, cheio de calor e emoção, com uma certa melancolia, talvez o presentimento da morte que rondava. Não só na symfonia, mas como compositor de musica de camera, de literatura de piano, folk-lorista, e ainda no pulpito de maestro ou no plano, Alexandre Levy foi um revelado, numa trajetoria rapida e vibrante. O vóo de um novo Euphorion...

Tinha um espirito requintado e dahi ter tratado o nosso folk-lore de um certo modo superior, que lhe não tira em nada o brilho, mas como que esmaece a naturalidade. Não impede, porém, que Levy tenha sido um apreciavel folklorista, de forte valor musical, como attestam a sua *Serie Brasileira*, para orchestra; as *Variações sobre um Thema Brasileiro* e o *Tango Brasileiro*, tratados com emoção sincera e ardente, como uma interpretação pessoal da alma ingenua do povo. Na *Serie Brasileira* (*Preludio; Dansa Rustica — Canção Triste; A' beira do regato e Samba*), sobretudo na ultima parte, o motivo popular surge com uma admiravel côr local, reflectindo essa dansa meio barbara dos africanos, com seus ruidos, bizarras e batuques. O *Tango* é delicioso de frescura e graça; as variações em torno do nosso popularissimo *Vem cá bitú...*, feitas numa hora de saudade, quando o artista estava distante da Patria, são unidas de intensa nostalgia, num estillo colorido e sensível.

Era Alexandre Levy um romantico apaixonado, que olhava o mundo com melancolia e cuja juventude viera nimbada por um véo de tristeza, participando d'aquelle estado d'alma que Maclair chamou de schumanniano, tal a influencia do grande musico de Zwickau. A serie *Schumanniana*, para piano, é de uma poesia interior profunda, em que o coração é o maior advinho da vida. Ama as coisas silenciosamente, mas com uma tortura de infinito, que é ansia e nostalgia... Sua musica, onde, por vezes, passa também uma certa influencia de Beethoven, quer a symfonica, quer a de piano e camera, é feita com grande frescura e sinceridade, "une musique d'aveu", poderíamos dizer sem exagero. O romantismo não era um desespero, antes buscava, por sobre o fundo pertinaz de melancolia, as notas rutilas e brilhantes, as orcheções subtis e esmeradas, os coloridos varios e empolgantes.

A sua musica, composta com maestria e firmeza technica, ficará em nossa arte como um sonho maravilhoso. Mais uma vez o artista teve a sorte da illusão. Caiu, quando alçava o vóo...

Taes são as maiores expressões de nossa musica no seculo XIX. afóra aquellas que, vindas delle, encheram de maior fulgor a época contemporanea, que os reclama. Muitos outros nomes poderíamos citar, de compositores sacros, de opera, de symfonistas, de bandas de musica, de operetas, de musica popular, de camera e de piano, de virtuosos e cantôres, alguns dos quaes com qualidades apreciaveis. Excede, porém, os limites deste rapido ensaio, onde indicamos apenas as tendencias e affirmações geraes do espirito musical brasileiro, cuja grandeza e perfeição se accentuam, numa magnifica ascensão.

(1) — Rodrigues Barbosa — *Ib.*

A INDEPENDENCIA E O PAPEL DA BAHIA

Pede-me o Dr. Elycio de Carvalho uma pagina sobre o papel da Bahia na independencia nacional, e não sei como fugir ao dever de obedecer-lhe. Ha pedidos que se recebem como vozes de commando.

O do illustre pensador é um delles: pela sua autoridade e pela necessidade que ha de estabelecer-se um julgamento definitivo sobre a actuação da nobre provincia do Norte nesse movimento politico.

E se me não sobra o prestigio de historiador, que só se adquire com o tempo e com o labor incessante dos livros, abundam em mim o amor a essa nesga da terra do Brasil, onde tive o berço e me nasceram os filhos, e a vontade firme de retirar dos acontecimentos a verdade, para animal-a depois com o sopro da palavra.

Ha que apanhar nesse movimento, que se generaliza na expressão de "independencia nacional" tres phases distinctas: a preparatoria, a da acção decisiva e a da construcção do novo imperio.

Nem se comprehende na vida social acontecimento que se não vincule ao passado. Tudo, na terra, seja na vida organica ou material, seja na vida intellectual, social ou politica, resulta de uma serie de reacções, de transformações, de idéas ou de phenomenos, sem os quaes seria impossivel o facto, o pensamento ou a criação de qualquer ordem de cousas. Assim como o ser organico deriva de uma conjuncção de cellulas, a idéa forma-se da elaboração cerebral na qual se fundem outras idéas já pensadas e vividas, e o phenomeno historico vai buscar suas raizes em situações sociaes e politicas que se materialisaram já ou que apenas se esboçaram.

Foi assim a independencia.

O que se realizou em 1822-23, não foi a obra de um instante, como a independencia não pôde circumscrever-se ao facto de sua proclamação e ás lutas que a consolidaram até a expulsão das tropas e esquadras obedientes ao General Madeira de Mello. A independencia aprofunda suas raizes em longinquo passado e desdobra a sua ramaria até um momento bastante approximado da nossa época.

Pelo que se refere ao passado, a Bahia teve um papel brilhantissimo na formação do espirito nativista e nacionalista. Depois de São Paulo, nenhuma capitania deu tão grande numero de bandeirantes ou de sertanistas, e foi precisamente essa gente nomada e aventureira quem mais contribuiu para a emancipação politica do Brasil, porque nos dilatou o territorio, estabeleceu entre as suas varias partes componentes uma intima ligação, e imprimio ao nativo a consciencia de sua grandeza.

Ora, nada é mais essencial a um movimento do genero desse que nos preocupa agora do que a posse de um territorio, o conhecimento delle e a consciencia da propria riqueza. Depois dos paulistas, os maiores bandeirantes foram os bahianos, com as suas investidas pela região do São Francisco, até ao Piauhy e até Minas, onde se foram encontrar com os paulistas e tiveram papel saliente na guerra dos emboabas. Elles muito contribuíram para o desbravamento do territorio patrio, para a abertura de estradas nos sertões e para a repulsa ao estrangeiro depredador.

Num momento em que o Brasil quasi todo se encarnava na Bahia e em Pernambuco, elles enfrentaram os batavos, não sómente na sua occupação da capital e do reconcavo, mas ainda nos arremes-

sos posteriores, quando Itaparica e os povoados da bacia interna de Todos os Santos soffreram assaltos temerosos.

Sua historia está toda impregnada desse espirito cavalheresco e dessa ousadia nativista que deviam mais tarde dar em terra com o dominio de Portugal.

Após a Conjuração Mineira, teve a Bahia sua Conjuração. Esse movimento, no qual quatro bahianos pagaram com a vida, com o estrangulamento e com a infamia seu sonho da liberdade, tal Silva Xavier, e no qual outros foram desterrados para a Africa, ainda está um pouco nublado pelo esquecimento, mas começa a vir á luz nimbado pela gloria dos martyres do 1798-1799.

Não havia a Historia patria recolhido esse episodio de tão vivo interesse para o estudo dos primordios da nossa emancipação politica. Delle escreveu, entretanto, o Sr. Oliveira Lima, que foi "alguma cousa mais do que a Conspiração mineira de 1789, porquanto havia mais trabalho feito, havia mais do que conversas patrioticas.

Um novo horizonte rasgou-se para esse acontecimento, inexplicavelmente desconhecido até bem pouco, com o estudo publicado na Bahia pelo Dr. Egas Moniz. Os representantes da justiça regia haviam-se enchido de tamanho horror aos criminosos que nem siquer permittiram aos desterrados para a Africa o consolo de viverem em qualquer das feitorias portuguezas nella existentes: a ordem dos juizes era pelo abandono delles em terras "que não estivessem sob o dominio da Corôa de Portugal, afim de que não lo-grassem propagar as suas perniciosas doutrinas entre os subditos de Sua Magestade Dona Maria I.

E' que os inconfidentes bahianos haviam pregado com a independencia a Republica.

Esta revolução, afogada em sangue na nascedouro, pela delação dos covardes, é tanto mais para admirar quando, em 1798, ainda se não haviam amortecido os clamores das victimas do glorioso sonho de Villa Rica. Ella vem a talho de foice para provar que a Bahia teve sempre o cuito da liberdade e que, antes de 1823, soube sacrificar-se pelo ideal da independencia e da Republica.

Outra influencia decisiva teve a Bahia para o encaminhamento da nova ordem de cousas de que resultou a independencia: — foi a decorrente da abertura dos portos do Brasil á navegação e ao commercio do mundo.

Foi, portanto, providencial a arribada da não em que viajava D. João VI a Bahia, como providencial foi o seu avistamento com o mais tarde Visconde de Cayrú.

Póde-se affirmar que a abertura dos portos se daria ainda quando se não registasse a intervenção do laureado economista bahiano. E quem tal avançar não estará dizendo um dispauterio. A abertura dos portos se daria mesmo sem Silva Lisboa, da mesma maneira que a independencia se consumaria ainda quando não existissem D. Pedro e José Bonifacio.

Seria apenas uma questão de tempo, de oportunidade. Mas, quando ?...

Um simples gesto muda, muita vez, em sentidos e rumos oppostos, o curso da historia. As necessidades do Brasil acabariam por impôr essa medida. Poderia vir logo, poderia vir muito depois. Dependia do animo do Rei, homem difficil de permanecer num de-

terminado ponto de vista, sob a influencia de seus aulicos. Silva Lisboa teve a invejavel fortuna de captar a confiança e a sympathia do monarcha, e dentro dellas poudo convencer-o de que o exito de sua permanencia no Brasil dependia da abertura dos portos ao commercio estrangeiro. Publicado o decreto, alluiram por encanto as muralhas chinas que separavam o Brasil do espirito universal. Veio gente de toda parte e de toda parte a luz nova das crencas e principios modernos invadiu a consciencia dos brasileiros. Aquella geração passou inesperadamente e ver o que até alli apenas imaginara.

A abertura dos portos deviam succeder-se medidas fundamentais que della propria decorriam. Veio a liberdade das industrias, veio o ensino superior, veio a imprensa. Tudo isto filiava-se ao decreto de oito de Janeiro. Tudo isto remontava á entrevista do soberano com Silva Lisboa, na Bahia.

Ora, toda gente hoje affirma que a independencia politica é um corollario inevitavel da emancipação economica. Um povo que não tem a consciencia de sua vitalidade e de seus recursos não cria a coragem necessitaria ao rompimento com a metropole, armada, organizada, com o prestigio moral e politico fortalecido pelas suas relações com as outras potencias. O que dá a um povo o brlo da rebellião collectiva é a certeza e o orgulho de sua força. No Brasil foi a abertura dos portos assim como a carta de alforria economica assignada pelo principe regente em beneficio de nosso povo. Senhor desta conquista, uma das que os povos reconhecem e proclamam capitulações, dos reis impostas e não doadas, o Brasil lançou-se arrogante á luta da independencia.

Portugal sabia tanto desta verdade que sempre procurára impedir que os brasileiros tivessem perfeito conhecimento das riquezas de sua patria, e por isso prohibira que o celebre trabalho de Antonil aqui se diffundisse.

Dentre os serviços da Bahia á causa da independencia, este, da abertura dos portos, não deve, pois, ser esquecido.

Foi, porém, no acceso da luta que ella prestou o maior serviço a essa causa. O 2 de Julho é bem o dia da independencia nacional. E' certo que todos os povos commemoram a data inicial dessas reivindicações: mas é certo tambem que, enquanto um paiz

tem parte de seu territorio occupado por forças respeitaveis da metropole, esse paiz não é livre.

O notavel estadista Sr. Antonio José de Almeida em seu discurso do Congresso Brasileiro, capitulando varias datas que, em nossa historia, poderiam substituir o 7 de Setembro, esqueceu lamentavelmente o 2 de Julho de 1823.

Havia, na Bahia, um exercito forte de 10.000 portuguezes e uma esquadra dispondo de mais de 400 canhões. Se estas forças pudessem distrahir-se, a sorte do movimento iniciado nos campos de São Paulo com o brado do Principe D. Pedro talvez houvesse fracassado. Bastaria a grande esquadra lutzitana para aniquillar a nascente marinha do commando geral de Cockrane. Muita gente pergunta porque, ambicionando a reconquista, os portuguezes conservaram no porto de Todos os Santos a sua formidavel frota.

A Bahia ainda não descansou sobre os louros de Pirajá ou de razão é simples: elles careciam de garantir sempre a retirada de seu exercito e a posse da capital, centro da resistencia.

A Bahia, pondo-se em armas, guerreando incessantemente os dominadores, artilhando e guarnecendo as suas ilhas e enseadas, isolando a capital, não só impedio que o exercito de Madeira pudesse vir reforçar a Divisão Auxiliadora, como conservou immovel a esquadra, sufficiente nos seus canhões para isolar o Brasil do resto do mundo.

Isto tudo deu tempo a que outras provincias rebeldes se declarassem subordinadas ao governo do Rio, a que partissem reforços, aliás diminutos, para o reconcavo bahiano, e Cockrane, augmentado em suas unidades, tivesse, pelo seu ouzio, o dominio do mar.

Sem a resistencia da Bahia, tudo quanto hoje festejamos não se teria conquistado com tão pouco sangue e tanta facilidade. A grande provincia do Norte foi, contudo, muito adiante: — lutou até que o exercito e a esquadra de Portugal abandonaram definitivamente as suas terras e as suas aguas.

Foi isso pela noite de 1 para 2 de Julho de 1823.

Antes desse acontecimento, quem poderia considerar integralmente livre a nossa patria?

A Bahia ainda não descansou sobre os louros de Pirajá ou de Cabrito: seus homens de estado muito contribuíram para o reconhecimento e para a consolidação do Imperio.

Lemos Britto.



O REGENTE FEIJÓ

Aquella Regencia, a que subira em 1835 pelo voto da Nação — pela primeira vez consultada — se transformara para Diogo Antonio Feijó em um peso intolerável: suas forças phisicas, que constituíam uma das suas vaidades, declinavam já pelos quarenta annos, insinuando-se no seu organismo uma paralytia que terminaria por vencê-lo de todo; seu espirito vivo, agitado, resolutivo, em meio de tantas ambições, difficuldades, intrigas, soffria um abalo intenso determinando um pessimismo sombrio, uma descrença profunda levando-o até á repentina renuncia em Setembro de 37. Nem dois annos havia que recebera a investidura de Regente do Imperio substituindo — por força do Acto Adicional, recém promulgado — a Regencia Trina e, no entanto, longe, bem longe da aquella esplendida manhã de 12 de Outubro, em que, no Paço do Senado, se apresentára perante a Assembléa Geral Convocada, para, de joelhos jurar, mão direita espalmada sobre os Santos Evangelhos, o compromisso solenne de velar pela integridade da Nação, observancia das leis, defeza da Religião Catholica, fiel ao menino Imperador, severo na sua sobrecasaca preta, alto collarinho, gravata de duas voltas e apurado laço, bengala de unicórnio e castão d'ouro, em meio de aclamações e vivas, guardando uma extraordinaria serenidade, numa espantosa concentração de nervos.

A energia indomavel e o alto patriotismo que o ministro da justiça do gabinete da Regencia de 1831 demonstrára nos augustos mezes que se seguiram á abdicacão de Pedro 1º pondo cõbro ás intrigas e aos motins dos quartéis, dissolvendo, sem derramar sangue, as insubordinadas tropas de linha, terminando com os pronunciamentos do Campo d'Aclamação e do largo da Constituição, jugulando com firmeza o movimento capitaneado por Miguel de Frias e creando a Guarda Nacional, eram os titulos com que fôra seu nome apresentado á Nação e que a levaram a sufragal-o, elevando o ex-professor do Itú, o antigo delegado paulistano á Corte de Lisboa, o bispo eleito de Marianna, ao mais alto cargo no Imperio, chefe do governo desse immenso Brasil durante a minoridade do Imperador, que por esse tempo começava a aprender no casarão da Quinta da Boa Vista as boas maneiras sob as vistas e cuidados do Marquez de Itanhaem.

A eleição fôra disputada, tão fortes eram os elementos de que dispunha o outro candidato á Regencia — Hollanda Cavalcante de Albuquerque — nome de grande prestigio politico, de opulentissima e numerosa familia fidalga de Pernambuco, de limpos brazões, senhora dos maiores e mais ricos engenhos do Norte. Feijó, que a seu lado tivera Minas Geraes, vencera por seiscentos votos seu antagonista e dessa forma subira ao poder aquelle famoso padre que, num periodo de anarchia, quando exaltados andavam os "caramurus", partidarios da restauração do pri-

meiro imperador, teve a coragem e a força de firmar a supremacia do governo civil. Na austera figura d'aquelle homem entroncado e cabeçudo, reservado, escasso de palavras, physionomia rispida, de uma honradez ilibada — a ponto de seus mais intransigentes inimigos confessarem "jamais haver tal homem sentido a sede do ouro" — rosto triste que não sorria — talvez em consequencia daquelle penar em que viveu de ignorar quem seus paes ou por motivos de seu estado religioso a que as circunstancias da Vida o conduziram, em flagrante opposição ao seu temperamento autoritario e insubmisso — estava o Symbolo da unidade nacional, tão seriamente comprometida pela revolução que irrompera no Rio Grande do Sul e que degeneraria em um dos mais sérios movimentos separatistas — a guerra dos "Farraços" — e pela rebelião que se levantaria no Pará, além do notorio estado de rebeidia de algumas provincias do Norte e o mal estar geral em que o paiz vivia desde o sete de abril.

Entretanto, as condições especiaes da politica brasileira não toleravam á testa do governo um homem da tempera de Feijó. Seria o Regente de 1835 um typo perfeito e acabado para exercer o cargo de presidente em uma Republica que observasse o regime presidencial: não silenciava Diogo Feijó sua pouca sympathia pelas assembléas numerosas e de ordinario tumultuarias, que muito discutem e pouco produzem e d'ahi não tolerar o predomínio do Parlamento. Era pela acção rápida, sinão immediata. Os governos deveriam ser fortes sem soffrer as vicissitudes do apoio das Camaras. Positivamente, dizia, de forma alguma poderia servir para Rei á forma da Inglaterra: Seria a Regencia em pleno exercicio de poderes, sem o controle importuno do Parlamento. Constringia-se o Regente ao ver as delongas de debates sobre materia ás vezes de especial urgencia e mais de uma vez ordenou a ministros seus que fugissem de dar resposta ás interpellações dos deputados soffrendo as "sabatinas ministeriaes". Assim é que em 1836 o ministro da guerra General Fonseca Lima — mais tarde Barão de Surubhy — participava ás Camaras que não podendo assistir ás sessões daria por escripto as informações que lhe requeressem e no anno seguinte Tristão Pio dos Santos, ministro da marinha, para contornar uma interpellação, dizia com muita presença de espirito que o que a Camara desejava é que ali comparecesse todos os dias para dizer: "Louvaco seja Nosso Senhor Jesus Christo: Sua benção meus Senhores!" o que provocou mais tarde o commentario do Visconde de Uruguay que "em tempo algum a Camara fôra tratada tão de resto."

Feijó não transigia com a maioria: os ministros de Estado eram da sua confiança e reuniam-se sob sua presidencia. Não aceitava insinuações da Camara e, quando a onda opposicionista se ergueu mais violenta em Junho e Agosto de 1837, com a alliança de Bernardo de Vasconcel-

los, Miguel Calmon, Carneiro Leão, Maciel Monteiro, Rego Barros, Rodrigues Torres, enquanto o talento de Acayaba de Montezuma defendia em discursos magnificos a administração do Regente, este já meditava na renuncia, impossibilitado que estava de dissolver a Camara e recorrer para a Nação. Seus ministros, como Limpo de Abreu (depois Visconde de Abaeté), Alves Branco (mais tarde 2º Visconde de Caravella), Castro e Silva, Aguilár Pantoja, Ignacio Borges, Montezuma não galgaram o governo sinão porque gozaram da confiança particular do Regente. Certo, a letra constitucional estipulava que o Imperador — na menoridade o Regente — podia nomear e demittir *livremente* seus ministros. Entretanto os ministerios se formavam de accordo com a maioria da Camara dos Deputados, cuja autoridade de muito dominava a do Senado e embora longe ainda se estivesse do tempo em que se veio firmar a praxe da apresentação do gabinete ao Parlamento com a exposição do programma politico — administrativo a ser observado, embora os ministerios não constituíssem ainda um todo unico sob a designação de "Conselho de Ministros" com um presidente á testa (o que só se verificou a partir de 1847) a responsabilidade ministerial perante as Camaras era principio incontestado do direito constitucional, alterando-se, reformando-se, substituindo-se os ministerios conforme as correntes partidarias em maioria no legislativo, que não usava então dos "votos de desconfiança", constringia, por violentos ataques nas discussões da resposta á "falla do throno" e nas das propostas orçamentarias, os ministros a solicitarem a demissão. Além do privilegio que a Camara dos Deputados tinha de chamar á responsabilidade os ministros, para evenciar o desaccordo que reinava entre o Regente e ella, ha de assignalar a circumstancia particular de exercer no tempo a Camara um papel preponderante na politica nacional agindo como a expressão mais genuina da vontade nacional. Atravesava-se um periodo de accentuado espirito democratico: da tribuna da Camara é que partiam as idéas mais avançadas, agitada sempre em calorosos debates. A Camara era de espiritos moços e d'ahi irreverentes "mancebos inexpertos e theoristas erús" como, irritado no ostracismo, dizia devorado de despeito Antonio Carlos, "os chapéos redondos" como criticavam aquelles que gemiam saudades dos tempos do Imperador, tempo em que se distribuían facilmente titulos, condecorações, tenças e mercês e que permittiam os uniformes agaloados e os chapéos de dois bicos. A Camara não tolerava restricções á sua autoridade: de 1827 a 1830 processára oito ministros do Estado e em 1831, tomando em consideração a denuncia offerecida pelo deputado bahiano Francisco Gê Acayaba de Montezuma, chamou a julgamento o famoso ministro da justiça Diogo Feijó por haver suspendido as cartas de seguro, especie de salvo conducto.

A lei da Regencia tirara do chefe do governo o direito de dissolver a Camara, o que lhe emprestava então uma força maior durante o periodo Regencial. Feijó não tolerava esse predomínio do poder legislativo e em 1839, já sem mais outra autoridade que a de simples senador por São Paulo, perante o Senado sustentava na sessão de 27 de Maio: "Eu tenho ouvido dizer que o nosso Governo é o das maioria e que quando a maioria quer uma cousa leve ser feita; isto seria o governo da força..."

A Constituição dá ao poder moderador o direito de negar sanção ás leis que passam pela maioria das duas Camaras e isto é porque ella entende que as maiorias não devem governar; que pode entender as cousas que sejam oppostas ao bem geral. A Constituição dá tambem ao poder moderador o direito de dissolver a Camara dos Deputados ou de adia-la; e porque? Porque não quer que as maiorias governem! E na sessão de 29 de Maio continuava. "Já lembrei e repito: a Constituição tanto não reconhece o predomínio das Camaras que concede ao chefe do Estado negar sanção ás leis apresentadas pela maiorias das Camaras... Elle póde dissolver a Camara dos Deputados, quando essa maioria não está de accordo com o mesmo chefe ou a este parecer que não é verdadeiro órgão dos sentimentos nacionaes. Como quer pois o illustre senador obrigar o Imperador a tirar seus ministros das maiorias, sendo-lhe absolutamente livre nomeal-os ou demittil-os sem condição nenhuma? Senhores, tal principio tende a republicanisar o Brasil. O nosso governo é monarchico, isto é, governo de um só, embora modificado. O nosso governo é o da lei. A assembléa, o governo e o poder judiciario todos teem attribuições marcadas na Constituição. Não confundamos os poderes do Estado: estão divididos." O senador Feijó, indirectamente, dessa forma, nas vespéras da proclamação da maioridade, ainda pois no periodo Regencial, defendia a politica observada pelo Regente de 1835.

Bem se pode d'ahi calcular a Regencia de Feijó: uma luta violenta entre o governo e a Camara, luta que apaixonou a imprensa da época quasi toda incendiaria, violenta, aggressiva. A "Aurora Fluminense," dirigida pelo brilhante espirito de Evaristo da Veiga, devotado sempre ao grande estadista que elle apontara para subir ao poder, formava uma excepção. A sorte porém era adversa a Feijó porque Evaristo que chegara a possuir uma preponderancia decisiva na opinião publica fluminense, só um anno defenderia o seu amigo, desaparecendo no começo de 1837, levado por desgosto, segundo os commentarios do tempo.

Approximava-se o dia da abertura da Assembléa Geral do anno de 1836 e pela primeira vez o novo Regente iria ler a "falla do throno". A sessão fôra de especial solemnidade: o corpo diplomatico em massa apresentara nos Paços do Senado intensa curiosidade. O povo encheria as tribunas. O Regente recebido com os honras do protocollo, feita a venia á tribuna, dirigio a "falla" em nome de Sua

Magestade o Imperador aos "Augustos e Dignissimo representantes da Nação." O discurso foi incisivo; periodos curtos, palavras ríspidas. Não era aquelle phraseado inexpressivo, de méra formalidade quasi, que depois da abdicção a Assembléa Geral costumava ouvir dos Regentes: em cada conceito se revelava ao parlamento um homem autoritario destinado a mandar: "Nossas instituições vacillam.

O cidadão vive receioso e assustado! O governo consome o tempo em vãs recommendações. Seja elle responsabilizado por abusos e omissões. *Dai-lhe, porém, leis adaptadas ás necessidades publicas; dai-lhe força com que possa fazer efectiva a vontade nacional! O vulcão da anarchia ameaça devorar o Imperio. Aplica e a tempo o remedio*" e chamando a attenção para a necessidade de dar exemplo as consciencias e seja mais solida a dor e aos deputados: "A moral, fundamento da ordem, deve ser melhor ensinada para que sirva de sustentáculo ás leis, seja a consciencia e seja mais solida a garantia da publica prosperidade!"

Padre, Feijó mantinha, entretanto, opiniões altamente liberaes em materia canonica, não escondendo suas vivas sympathias pela permissão do casamento aos sacerdotes catholicos, o que escandalisara o primaz da Bahia, o arcebispo D. Romualdo Seixas, futuro Marquez da Sta. Cruz e que tinha assento na Camara. Nem por isso Feijó deixara de ser eleito bispo de Marianna e confirmado pela Santa Sé. Entretanto, ao ser eleito o bispo do Rio de Janeiro, que professava opiniões semelhantes ás de Feijó, o vaticano recusara a reconhecer o sacerdote com tal investidura o que determinou uma crise diplomatica entre o Brasil e o Santo Padre, conduzindo-se Feijó com toda energia na defeza do privilegio de eleger o governo os bispos. Esse caso e mais a rebelião que se alastrava no Rio Grande do Sul, fracassados os meios suasorios que o Regente, pouco depois de reconhecido tentara empregar, foram pretexto para que rompesse a opposição na Camara, figurando como chefe nesse movimento Bernardo de Vasconcellos, que então vivia em um ambiente de mais justa admiração, havendo alcançado com a acção desenvolvida por occasião da feitura do Acto Adicional o maior prestigio parlamentar. Sua intelligencia, que na mocidade tão mal se afigurara e que, mesmo durante o primeiro imperio, tantas lacunas deixava assignalar, então se demonstrava no maior brilho e intensidade, ao mesmo tempo que se denunciavam os primordios da "thabes dorsalis" que pregaria em breve o grande estadista em uma poltrona, obrigando-o a fallar ao Senado sentado, face macilenta, palpebras cahidas. A capacidade de trabalho de Bernardo de Vasconcellos era excepcional: sua laboriosidade simplesmente infatigavel. Era um argumentador temivel porque subia á tribuna com todos os elementos precisos ao debate, esmiuçador, esforçado pesquisador que era tendo como ninguem uma facilidade em compor os seus discursos, graças á magnifica lucidez do seu espirito bem trabalhado. A guerra declarada entre Vasconcellos e a politica de Feijó iria até o

final: quando o Regente desalentado abandonou nas mãos de Araújo Lima o poder, a politica passaria a ser chefiada por Vasconcellos, unico nome para que apelararam os moderados quando a Camara dos deputados votou tumultuariamente a maioridade do Imperador.

Bernardo de Vasconcellos durante todo o anno de 1836 manteve aberta opposição e poucas são as sessões da Camara em que o representante de Minas Geraes não subio á tribuna. A politica de Feijó afigurava-se ao grande parlamentar como intoleravel "E a vontade irresponsavel (Regente) só que tem a iniciativa, que tem voto. O ministerio não tem independencia de acção". As perseguições que Feijó era forçado a fazer á imprensa revolucionaria levaram Vasconcellos á tribuna protestar pelo direito de manifestar livremente o pensamento, reconhecendo a necessidade de uma repressão nas suas violencias dentro da lei e terminando apostrophava o governo de pretender matar quem lhe dá o proprio prestigio — a imprensa — referindo-se dessa forma Vasconcellos á circumstancia de ter Feijó alcançado popularidade graças á acção de Evaristo da Veiga na "Aurora Fluminense"

A guerra no Sul, o pedido de verbas especiaes para acudir ao apromptamento das forças legaes, a suspensão de garantias constitucionaes na região revolucionada, o projecto de dividir a guarda Nacional em contingentes, a reorganização dos quadros do exercito e a reforma do thesouro da armada, que tudo era motivo para a opposição atacasse o governo, figurando em a maior parte desses debates como defensor da politica seguida, o ministro Limpo de Abreu, que ao encanecer, seria o Visconde de Abaeté.

Chegara em Junho de 1836 ao Rio, de volta de uma missão diplomatica especial na Europa o Marechal Marquez de Barbacena, offerecendo o experimentado diplomata ao governo os trabalhos que fizera sobre nossa vida financeira de accordo com o credito que gosavamos perante os nossos banqueiros em Londres. O longo e pormenorizado relatório do Marquez fôra entregue ao exame da Praça do Rio de Janeiro que delegou poderes a tres commerciantes de conhecida competencia para formularem o parecer. Isso feito, o gigantesco trabalho seguiu para a Camara e havendo logrado parecer da Comissão de Finanças — onde se assentava Bernardo de Vasconcellos — não conseguiu andamento algum, epezar de urgencia extraordinaria que se fazia sentir de normalisar a situação financeira do paiz ampliando o nosso meio circulante, pesando, como pesava, contra o Brasil além da vida interna o encargo do emprestimo de 1824, o compromisso da divida portugueza assumida pela Convenção de 1825 e o emprestimo de 27 de Dezembro de 1828 (400.000) denunciando-se no orçamento um deficit que avançava além dos seis mil contos de reis, sendo a media da Receita do Imperio de doze mil contos. O trabalho desenvolvido pelo ministro das finanças — Castro e Silva — sobre a uniformização do nosso meio circulante e

amortisação da moeda papel revelam um notavel conhecedor do assumpto.

O Parlamento ou melhor a Camara, entretanto nada de pratico realizou, pelo que Feijó ao encerrar a sessão parlamentar proferio o seguinte e brevissimo discurso: "Augustos e Dignissimos representantes da Nação: Seis mezes de sessão não bastarão para descobrir os remedios adequados aos males publicos; elles infelizmente forão em progresso. Oxalá que na futura sessão o patriotismo e a sabedoria da Assembléa Geral possa satisfazer ás urgentes necessidades do Estado! Está fechada a sessão" e entre murmurios, cabeça erguida, com a sua bengala de unicornio, sahio do Paço do Senado entre as alas dos deputados e senadores em commissão.

O anno de 1837 começava mal: morrerá Evaristo da Veiga; no Rio Grande do Sul fôra proclamada a Republica de Piratinim, erguendo David Cannabarro, Antonio Netto e Bento Gonçalves a bandeira emancipadora em toda a região fronteira com o Unuguay. A attitude desses gaúchos destimidos, a que se vinham juntar tropas irregulares dos campos das "Missões" e a que se alliára Garibaldi — impressionára vivamente todo o Imperio.

O Regente abriu a sessão legislativa com palavras secas, sinão duras: remedios fracos e tardios pouco ou nada aproveitão na presença de males graves e inveterados. Era a censura ao desperdicio de tempo nos trabalhos parlamentares, que não deixavam fructo.

Os animos se azedaram logo; os odios recrudesceram. A resposta á "falla" foi discutida longamente desde 8 de Maio até o dia 23 e posto em votação periodo por periodo era um nunca acabar de oradores e de emendas, levando o ministro dos estrangeiros Limpo de Abreu a sériamente protestar contra a desabrida censura que se fazia ao poder moderador que o Regente exercia na minoridade de D. Pedro, poder que era sagrado, inatacavel. Depois de vivos debates foi votada a resposta á "falla", na qual se destacava o seguinte periodo que muito de perto chocou a Feijó: "Essa cooperação (de esforços) a Camara dos Deputados se esmerará em prestal-a aos ministros de V. M. Imperial si, guiados unicamente pelos interesses e necessidades do paiz, procurarem assini manter a harmonia e confiança entre os differentes poderes do Estado, condição essencial para a marcha regular dos governos representativos"

Nos começos de Junho a comissão especial, conforme a praxe, se dirigio ao Paço, leu e entregou ao Regente a resposta da Camara. Feijó ouviu Souza Martins attentamente e quando esperavam em um simples cumprimento palavras cortezes, o Regente em tom resolutivo disse aos deputados: "Como me interesse muito pela prosperidade da Nação, sem me importar com os elementos de que se compõe a Camara dos Deputados prestarei a mais franca e leal cooperação a mais franca e leal cooperação á Camara, esperando que, ao menos desta vez, cumpra a promessa tantas vezes repetidas de

tomar em consideração as propostas do Governo!"

Na sessão de 6 de Junho, Souza Martins com indizível emoção, em meio de profundo silencio, narra o acontecido á Camara, o que determinou forte celeuma, descendo Araújo Lima da presidencia para não dizer a formula protocolar "A Camara recebe com agrado."

A lucta se accende; os debates se acaloram; a opposição se regimenta. Ao lado de Bernardo de Vasconcellos — que exercia de facto a chefia do movimento contra o Regente Feijó — estavam Honorio Hermeto Carneiro Leão, deputado por Minas bem moço ainda, intelligencia aguda e perspicaz, vaidoso na sua independencia de acção, transfigurando-se em orador ao aquecer-se o debate, deixando a palavra hesitante para discursar impetuosamente, apaixonando-se com facilidade até ficar irascível; Maciel Monteiro, sempre elegante de uma linha irprehensível, polido, "eloquencia dandy" na expressão de Joaquim Nabuco; Rodrigues Torres — que seria o veneravel Itaborahy — ponderado sobrio, possuidor de um grande conhecimento de logica pelo trato com a mathematica, de que era mestre, o que imprimia uma excellente força deductiva nos seus discursos; Hollanda Cavalcante de Alhuquerque — simples de expressão, fugindo dos subterfugios para preferir o termo ajustado, muito franco nos ataques; Miguel Calmon de Pin e Almeida — que bem moço lograra sympathias de Pedro 1º que o fizera Ministro das Finanças e Grã Cruz da Ordem do Cruzeiro — espirito aristocratico, educado em consecutivas viagens ás Côrtes Europeas, especialista em assumptos de ordem economica.

Esses eram os vultos de maior destaque na opposição. Defendendo o Regente além de Castro e Silva e Limpo de Abreu — Acayaba de Montezuma — o futuro Visconde de Jequitinhonha — intelligencia brilhantissima, orador consumado, palavra facil e elegante, argumentação segura e expontanea, — o espirito mais radicalmente bahiano do momento.

O mez de Agosto foi das ultimas luctas: motivos não faltavam — a guerra do Rio Grande do Sul, a desorganização dos serviços publicos, as finanças e para se ver a injustiça clamorosa que a Camara praticava nessa formal e systematica opposição ao Governo basta citar que o pedido do credito extraordinario de 2.400 contos solicitados para cobrir o "defficit" do exercicio, tendo sido negado, foi facilmente concedido pouco mais de um mez após, quando Araújo Lima, feito Regente, o pedia á Camara pelo ministro Miguel Calmon. A Camara da negativa peremptoria rapidamente mudou de opinião e concedeu, não o que fôra pedido pelo governo Feijó, mas um credito ainda maior: 2.456 contos para a Fazenda, 1.288 para a Guerra e 814 para a Marinha...

Vendo que o paiz sossobriaria com a crise financeira que atravessava, a crise administrativa originada com o Acto Adicional que determinava os primeiros conflictos entre os poderes da Nação e os das

provincias, a crise politica, pelo esgotamento das paixões partidarias nas provincias e na Côrte; a crise nacional, com a guerra do Rio Grande do Sul — Feijó exaustivo, combalido, dominado por uma nevrose profunda, resolveu renunciar.

Araújo Lima acabava de ser escolhido Senador sahindo da Camara — onde vinha sendo todos os mezes eleito presidente — e o seu espirito elevado, reflectido, calmo, seu passado de estudos e de serviços patrioticos, indicavam-no para occupar interinamente a Regencia até que a Nação elegeisse o Regente Permanente. Uma longa conferencia entre Feijó e o futuro Marquez de Olinda na casa do Regente originou o decreto de 18 de Setembro: Araújo Lima nomeado Ministro da Justiça e logo após o officio da renuncia do cargo do Regente.

Feijó vingava-se da Camara no ultimo acto praticado como chefe do poder executivo e do poder moderador na minoridade de D. Pedro d'Alcantara: os "Augustos e Dignissimos representantes da Nação" não receberam do Regente a communicação directa da renuncia, mas um officio do ministro Araújo Lima copiando o de Feijó.

Directamente o grande estadista se dirigio ao povo: "Brasileiros! Por vós subi á primeira magistratura do Imperio; por vós desço hoje desse eminente posto!"

Ha muito conheço os homens e as cousas. Eu estava convencido da impossibilidade de se obterem medidas legislativas adequadas ás vossas circumstancias, mas forçoso era pagar tributo á gratidão e fazer-vos conhecer pela experiencia que não estava em meu poder acudir ás necessidades publicas, nem remediar os males que tanto nos affligem. Não devo por mais tempo conservar-me na regencia: cumpre que lanceis mão de outro cidadão que mais habil ou mais forte mereça as sympathias de outros poderes politicos. Eu poderia narrar-vos as inenunciáveis difficuldades que previ e experimentei; mas para que? Tenho justificado o acto da minha expontanea demissão, declarando ingenuamente que eu não posso satisfazer o que de mim desejas. Entregando-vos o poder que generosamente me confiastes, não querendo por mais tempo conservar-vos na espectação de bens, de que tendes necessidade, mas que não posso fazer-vos, confessando o meu reconhecimento e gratidão á confiança que vos mereci, tenho feito tudo quanto está da minha parte. Qualquer porém que for a sorte que a Providencia me depare, eu sou cidadão brasileiro, prestarei e devo á Patria. Rio de Janeiro 19 de Setembro de 1837.

— Diogo Antonio Feijó.

Dominára a Camara. O ministro da Justiça Araújo Lima elevado a Regencia interina e mais tarde confirmado pelo voto de Nação nesse elevado posto, por sua vez teria que recuar deante da mesma Camara que revolucionariamente acclamaria maior a criança imperial para terminar o periodo regencial, periodo de agitações democraticas, e de ensaio republicano.

A queda de Feijó determinou a supremacia da Camara, só mais tarde limitada com a politica de prudencia e patriotismo de Pedro I, com o prestigio e realce da Corôa Imperial.

Ribas Carneiro.

A lei da Regencia tirara do chefe do governo o direito de dissolver a Camara, o que lhe emprestava então uma força maior durante o periodo Regencial. Feijó não tolerava esse predominio do poder legislativo e em 1839, já sem mais outra autoridade que a de simples senador por São Paulo, perante o Senado sustentava na sessão de 27 de Maio: "Eu tenho ouvido dizer que o nosso Governo é o das maiorias e que quando a maioria quer uma coisa deve ser feita; isto seria o governo da força..."

A Constituição dá ao poder moderador o direito de negar sanção ás leis que passam pela maioria das duas Camaras e isto é porque ella entende que as maiorias não devem governar; que pode entender as cousas que sejam oppostas ao bem geral. A Constituição dá tambem ao poder moderador o direito de dissolver a Camara dos Deputados ou de adia-la; e porque? Porque não quer que as maiorias governem! E na sessão de 29 de Maio continuava: Já lembrei e repito: a Constituição tanto não reconhece o predominio das Camaras que concede ao chefe do Estado negar sanção ás leis apresentadas pela maiorias das Camaras... Elle pôde dissolver a Camara dos Deputados, quando essa maioria não está de accordo com o mesmo chefe ou a este parece que não é verdadeiro órgão dos sentimentos nacionaes. Como quer pois o illustre senador obrigar o Imperador a tirar seus ministros das maiorias, sendo-lhe absolutamente livre nomeal-os ou demittil-os sem condição nenhuma? Senhores, tal principio tende a republicanisar o Brasil. O nosso governo é monarchico, isto é, governo de um só, embora modificado. O nosso governo é o da lei. A assembléa, o governo e o poder judiciario todos tem attribuições marcadas na Constituição. Não confundamos os poderes do Estado: estão divididos." O senador Feijó, indirectamente, dessa forma, nas vespéras da proclamação da maioridade, ainda pois no periodo Regencial, defendia a politica observada pelo Regente de 1835.

Bem se pode d'ahi calcular a Regencia de Feijó: uma luta violenta entre o governo e a Camara, luta que apaixonou a imprensa da época quasi toda incendiaria, violenta, aggressiva. A "Aurora Fluminense," dirigida pelo brilhante espirito de Evaristo da Veiga, devotado sempre ao grande estadista que elle apontara para subir ao poder, formava uma excepção. A sorte porém era adversa a Feijó porque Evaristo que chegara a possuir uma preponderancia decisiva na opinião publica fluminense, só um anno defenderia o seu amigo, desaparecendo no começo de 1837, levado por desgosto, segundo os commentarios do tempo.

Approximava-se o dia da abertura da Assembléa Geral do anno de 1836 e pela primeira vez o novo Regente iria ler a "falla do throno". A sessão fôra de especial solemnidade: o corpo diplomatico em peso se apresentara nos Paços do Senado. Havia intensa curiosidade. O povo encherá as galerias. O Regente recebido com os pragmaticas do protocollo, feita a venia á meza, dirigio a "falla" em nome de Sua

Magestade o Imperador aos "Augustos e Dignissimo representantes da Nação." O discurso foi incisivo; periodos curtos, palavras rispidas. Não era aquelle phraseado inexpressivo, de méra formalidade quasi, que depois da abdicção a Assembléa Geral costumava ouvir dos Regentes: em cada conceito se revelava ao parlamento um homem autoritario destinado a mandar: "Nossas instituições vacillam.

O cidadão vive receioso e assustado! O governo consome o tempo em vãs recommendações. Seja elle responsabilizado por abusos e omissões. *Dai-lhe, porém, leis adaptadas ás necessidades publicas; dai-lhe força com que possa fazer efectiva a vontade nacional! O vulcão da anarchia ameaça devorar o Imperio. Applicae a tempo o remedio* e chamando a attenção para a necessidade de dar exemplo ás consciencias e seja mais solida a dorés e aos deputados: "A moral, fundamento da ordem, deve ser melhor ensinada para que sirva de sustentáculo ás leis, seja a consciencia e seja mais solida a garantia da publica prosperidade!"

Padre, Feijó mantinha, entretanto, opiniões altamente liberaes em materia canonica, não escondendo suas vivas sympathias pela permissão do casamento aos sacerdotes catholicos, o que scandalisara o primaz da Bahia, o arcebispo D. Romualdo Seixas, futuro Marquez da Sta. Cruz e que tinha assento na Camara. Nem por isso Feijó deixara de ser eleito bispo de Mariana e confirmado pela Santa Sé. Entretanto, ao ser eleito o bispo do Rio de Janeiro, que professava opiniões semelhantes ás de Feijó, o vaticano recusára a reconhecer o sacerdote com tal investidura o que determinou uma crise diplomatica entre o Brasil e o Santo Padre, conduzindo-se Feijó com toda energia na defeza do privilegio de eleger o governo os bispos. Esse caso e mais a rebellião que se alastrava no Rio Grande do Sul, fracassados os meios suasorios que o Regente, pouco depois de reconhecido tentára empregar, foram pretexto para que rompesse a opposição na Camara, figurando como chefe nesse movimento Bernardo de Vasconcellos, que então vivia em um ambiente de mais justa admiração, havendo alcançado com a acção desenvolvida por occasião da feitura do Acto Adicional o maior prestigio parlamentar. Sua intelligencia, que na mocidade tão mal se afigurára e que, mesmo durante o primeiro imperio, tantas lacunas deixava assignalar, então se demonstrava no maior brilho e intensidade, ao mesmo tempo que se denunciavam os primordios da "thabes dorsalis" que pregaria em breve o grande estadista em uma poltrona, obrigando-o a fallar ao Senado sentado, face macilenta, palpebras cahidas. A capacidade de trabalho de Bernardo de Vasconcellos era excepcional: sua laboriosidade simplesmente infatigavel. Era um argumentador temivel porque subia á tribuna com todos os elementos precisos ao debate, esmiuçador, esforçado pesquisador que era tendo como ninguem uma facilidade em compor os seus discursos, graças á magnifica lucidez do seu espirito bem trabalhado. A guerra declarada entre Vasconcellos e a politica de Feijó iria até o

final: quando o Regente desalentado abandonou nas mãos de Araújo Lima o poder, a politica passaria a ser chefiada por Vasconcellos, unico nome para que apellaram os moderados quando a Camara dos deputados votou tumultuariamente a maioridade do Imperador.

Bernardo de Vasconcellos durante todo o anno de 1836 manteve aberta opposição e poucas são as sessões da Camara em que o representante de Minas Geraes não subio á tribuna. A politica de Feijó afigurava-se ao grande parlamentar como intoleravel "E' a vontade irresponsavel (Regente) só que tem a iniciativa, que tem voto. O ministerio não tem independencia de acção". As perseguições que Feijó era forçado a fazer á imprensa revolucionaria levaram Vasconcellos á tribuna protestar pelo direito de manifestar livremente o pensamento, reconhecendo a necessidade de uma repressão nas suas violencias dentro da lei e terminando apostrophava o governo de pretender matar quem lhe dá o proprio prestigio — a imprensa — referindo-se dessa forma Vasconcellos á circumstancia de ter Feijó alcançado popularidade graças á acção de Evaristo da Veiga na "Aurora Fluminense".

A guerra no Sul, o pedido de verbas especiaes para acudir ao apromptamento das forças legaes, a suspensão de garantias constitucionaes na região revolucionada, o projecto de dividir a guarda Nacional em contingentes, a reorganização dos quadros do exercito e a reforma do thesouro da armada, que tudo era motivo para a opposição atacasse o governo, figurando em a maior parte desses debates como defensor da politica seguida, o ministro Limpo de Abreu, que ao encanecer, seria o Visconde de Abaeté.

Chegara em Junho de 1836 ao Rio, de volta de uma missão diplomatica especial na Europa o Marechal Marquez de Barbacena, offerecendo o experimentado diplomata ao governo os trabalhos que fizera sobre nossa vida financeira de accordo com o credito que gosavamos perante os nossos banqueiros em Londres. O longo e pormenorizado relatorio do Marquez fôra entregue ao exame da Praça do Rio de Janeiro que delegou poderes a tres commerciantes de conhecida competencia para formularem o parecer. Isso feito, o gigantesco trabalho seguiu para a Camara e havendo logrado parecer da Comissão de Finanças — onde se assentava Bernardo de Vasconcellos — não conseguiu andamento algum, apezar de urgencia extraordinaria que se fazia sentir de normalisar a situação financeira do paiz ampliando o nosso meio circulante, pesando, como pesava, contra o Brasil além da vida interna o encargo do emprestimo de 1824, o compromisso da divida portugueza assumida pela Convenção de 1825 e o emprestimo de 27 de Dezembro de 1828 (400.000) denunciando-se no orçamento um deficit que avançava além dos seis mil contos de reis, sendo a media da Receita do Imperio de doze mil contos. O trabalho desenvolvido pelo ministro das finanças — Castro e Silva — sobre a uniformização do nosso meio circulante e

amortisação da moeda papel revelam um notavel conhecedor do assumpto.

O Parlamento ou melhor a Camara, entretanto nada de pratico realizou, pelo que Feijó ao encerrar a sessão parlamentar proferio o seguinte e brevissimo discurso: "Augustos e Dignissimos representantes da Nação: Seis mezes de sessão não bastarão para descobrir os remedios adequados aos males publicos; elles infelizmente forão em progresso. Oxalá que na futura sessão o patriotismo e a sabedoria da Assembléa Geral possa satisfazer ás urgentes necessidades do Estado! Está fechada a sessão" e entre murmurios, cabeça erguida, com a sua bengala de unicornio, sahio do Paço do Senado entre as alas dos deputados e senadores em commissão.

O anno de 1837 começava mal: morrêra Evaristo da Veiga; no Rio Grande do Sul fôra proclamada a Republica de Piratinim, erguendo David Cannabarro, Antonio Netto e Bento Gonçalves a bandeira emancipadora em toda a região fronteira com o Unuguy. A attitude desses gaúchos destimidos, a que se vinham juntar tropas irregulares dos campos das "Missões" e a que se alliára Garibaldi — impressionára vivamente todo o Imperio.

O Regente abriu a sessão legislativa com palavras seccas, sinão duras: remedios fracos e tardios pouco ou nada aproveitão na presença de males graves e inverterados." Era a censura ao desperdicio de tempo nos trabalhos parlamentares, que não deixavam fructo.

Os animos se azedaram logo; os odios recrudesceram. A resposta á "falla" foi discutida longamente desde 8 de Maio até o dia 23 e posto em votação periodo por periodo era um nunca acabar de oradores e de emendas, levando o ministro dos estrangeiros Limpo de Abreu a sériamente protestar contra a desabrida censura que se fazia ao poder moderador que o Regente exercia na minoridade de D. Pedro, poder que era sagrado, inatacavel. Depois de vivos debates foi votada a resposta á "falla", na qual se destacava o seguinte periodo que muito de perto chocou a Feijó: "Essa cooperação (de esforços) a Camara dos Deputados se esmerará em prestar-a aos ministros de V. M. Imperial si, guiados unicamente pelos interesses e necessidades do paiz, procurarem assinu manter a harmonia e confiança entre os diferentes poderes do Estado, condição essencial para a marcha regular dos governos representativos".

Nos começos de Junho a commissão especial, conforme a praxe, se dirigio ao Paço, leu e entregou ao Regente a resposta da Camara. Feijó ouviu Souza Martins attentamente e quando esperavam em um simples cumprimento palavras cortezes, o Regente em tom resolutivo disse aos deputados: "Como me interesso muito pela prosperidade da Nação, sem me importar com os elementos da que se compõe a Camara dos Deputados prestarei a mais franca e leal cooperação a mais franca e leal cooperação á Camara, esperando que, ao menos desta vez, cumpra a promessa tantas vezes repetidas de

tomar em consideração as propostas do Governo!".

Na sessão de 6 de Junho, Souza Martins com indizível emoção, em meio de profundo silencio, narra o acontecido á Camara, o que determinou forte celeuma, descendo Araújo Lima da presidencia para não dizer a formula protocollar "A Camara recebe com agrado."

A lucta se accende; os debates se acaloram; a opposição se regimenta. Ao lado de Bernardo de Vasconcellos — que exercia de facto a chefia do movimento contra o Regente Feijó — estavam Honorio Hermeto Carneiro Leão, deputado por Minas hem moço ainda, intelligencia aguda e perspicaz, vaidoso na sua independencia de acção, transfigurando-se em orador ao aquecer-se o debate, deixando a palavra hesitante para discursar impetuosamente, apaixonando-se com facilidade até ficar irascivel; Maciel Monteiro, sempre elegante de uma linha irprehensivel, polido, "eloquencia dandy" na expressão de Joaquim Nabuco; Rodrigues Torres — que seria o veneravel Itaborahy — ponderado sobrio, possuidor de um grande conhecimento de logica pelo trato com a mathematica, de que era mestre, o que imprimia uma excellente força deductiva nos seus discursos; Hollanda Cavalcante de Albuquerque — simples de expressão, fugindo dos subterfugios para preferir o termo ajustado, muito franco nos ataques; Miguel Calmon de Pin e Almeida — que hem moço lograra sympathias de Pedro 1º que o fizera Ministro das Finanças e Grã Cruz da Ordem do Cruzeiro — espirito aristocratico, educado em consecutivas viagens ás Côrtes Europeas, especialista em assumptos de ordem economica.

Esses eram os vultos de maior destaque na opposição. Defendendo o Regente além de Castro e Silva e Limpo de Abreu — Acayaba de Montezuma — o futuro Visconde de Jequitinhonha — intelligencia brilhantissima, orador consumado, palavra facil e elegante, argumentação segura e expontanea, — o espirito mais radicalmente bahiano do momento.

O mez de Agosto foi das ultimas luctas: motivos não faltavam — a guerra do Rio Grande do Sul, a desorganização dos serviços publicos, as finanças e para se ver a injustiça clamorosa que a Camara praticava nessa formal e systematica opposição ao Governo basta citar que o pedido do credito extraordinario de 2.400 contos solicitados para cobrir o "defficit" do exercicio, tendo sido negado, foi facilmente concedido pouco mais de um mez após, quando Araújo Lima, feito Regente, o pedia á Camara pelo ministro Miguel Calmon. A Camara da negativa peremptoria rapidamente mudou de opinião e concedeu, não o que fôra pedido pelo governo Feijó, mas um credito ainda maior: 2.456 contos para a Fazenda, 1.288 para a Guerra e 814 para a Marinha...

Vendo que o paiz sossobriaria com a crise financeira que atravessava, a crise administrativa originada com o Acto Adicional que determinava os primeiros conflictos entre os poderes da Nação e os das

provincias, a crise politica, pelo esgotamento das paixões partidarias nas provincias e na Côrte; a crise nacional, com a guerra do Rio Grande do Sul — Feijó exaustivo, combalido, dominado por uma nevrose profunda, resolveu renunciar.

Araújo Lima acabava de ser escolhido Senador sahindo da Camara — onde vinha sendo todos os mezes eleito presidente — e o seu espirito elevado, reflectido, calmo, seu passado de estudos e de serviços patrioticos, indicavam-no para occupar interinamente a Regencia até que a Nação elegeisse o Regente Permanente. Uma longa conferencia entre Feijó e o futuro Marquez de Olinda na casa do Regente originou o decreto de 18 de Setembro: Araújo Lima nomeado Ministro da Justiça e logo após o officio da renuncia do cargo do Regente.

Feijó vingava-se da Camara no ultimo acto praticado como chefe do poder executivo e do poder moderador na minoridade de D. Pedro d'Alcantara: os "Augustos e Dignissimos Representantes da Nação" não receberam do Regente a communicação directa da renuncia, mas um officio do ministro Araújo Lima copiando o de Feijó.

Directamente o grande estadista se dirigio ao povo: "Brasileiros! Por vos subi á primeira magistratura do Imperio; por vos desço hoje desse eminente posto!"

Ha muito conheço os homens e as cousas. Eu estava convencido da impossibilidade de se obterem medidas legislativas adequadas ás vossas circumstancias, mas forçoso era pagar tributo a gratidão e fazer-vos conhecer pela experiencia que não estava em meu poder acudir ás necessidades publicas, nem remediar os males que tanto nos affligem. Não devo por mais tempo conservar-me na regencia; cumpre que lanceis mão de outro cidadão que mais habil ou mais mereça as sympathias de outros poderes politicos. Eu poderia narrar-vos as inenunciáveis difficuldades que previ e experimentei; mas para que? Tenho justificado o acto da minha expontanea demissão, declarando ingenuamente que eu não posso satisfazer o que de mim desejaes. Entregando-vos o poder que generosamente me confiastes, não querendo por mais tempo conservar-vos na espectação de bens, de que tendes necessidade, mas que não posso fazer-vos, confessando a meu reconhecimento e gratidão á confiança que vos mereci, tenho feito tudo quanto está da minha parte. Qualquer porém que for a sorte que a Providencia me depare, eu sou cidadão brasileiro, prestarei e devo á Patria. Rio de Janeiro 19 de Setembro de 1837.

— Diogo Antonio Feijó.

Dominára a Camara. O ministro da Justiça Araújo Lima elevado a Regencia interina e mais tarde confirmado pelo voto de Nação nesse elevado posto, por sua vez teria que recuar deante da mesma Camara que revolucionariamente acclamaria maior a criança imperial para terminar o periodo regencial, periodo de agitações democraticas, e de ensaio republicano.

A queda de Feijó determinou a supremacia da Camara, só mais tarde limitada com a politica de prudencia e patriotismo de Pedro I, com o prestigio e realce da Corôa Imperial.

Ribas Carneiro.

SCIENCIA JURIDICA

Dados para orientação e pesquisas

A sciencia do direito não seria sciencia, se o azar dos actos legislativos fosse o objecto (1). Não ha maior disparate do que pretender exista "sciencia da legislação". O direito, como disciplina theoretica, não se confunde com a historia, nem com a philologia, nem com a moral, nem tão pouco com o quadro descriptivo ou critico dos costumes politicos. Não poderiamos identificar a sciencia juridica com a theoria geral, com o conjuncto ou systema dos principios, porque estes mudam, uma época os adopta e outra os contesta, segundo variam as condições sociaes. A propria dilatação do circulo social produz a transformação do direito: em quanto foram nomades os hebreus, todas as cousas eram possuidas por todos e tiveram um chefe, mas, divididas as terras entre as tribus, vem a propriedade privada e o chefe commum desaparece; a economia feudal corresponde typo de direito de familia, que não poderia ser o dos romanos, nem o nosso, que é o da época do salario; nos periodos primitivos, a propriedade pertence á familia e assim a successão se faz "ab intestato" ao passo que virá o testamento quando a mesma sociedade explorar escravos, e assim por deante.

Com a iniciação scientifica, que é indispensavel ao jurista como ao chimico, ao biologista, ao physico, a pesquisa, segundo methodos rigorosos e fecundos, logo lhe revela a discordancia, digamos mais fortemente — a contradicção, entre o "direito", que a cada momento pretendemos impor aos factos, e a "realidade social" que concretiza a phase economica, religiosa, moral, politica, da sociedade. Tal serviço negativo, pois que mostra "erros" de legislação e de governo, não é o maior que nos pôde prestar a investigação scientifica, porém constitue um dos maiores. Ninguém poderia menosprezar a verificação de que prejudica a agricultura o art. 1.622 do Codigo Civil francez, de que a partilha, que fragmenta as propriedades, perturba a continuidade da vida economica e gasta em processos juridicos e pessoas improductivas grande parte das fortunas, ou de que a distribuição de rendas federaes e estaduaes segundo a Constituição Federal brasileira não attende aos interesses dos dous circulos politicos (União, Estado). Semais, está o corpo dos systemas juridicos cheio de aphorismos, regras e preceitos, que apenas são vantajosos para os fortes e os ricos (2); e sómente a sciencia poderá auxiliar-nos na separação do que é "util" e do que é "inutil", do que é innocuo e do que é prejudicial á vida á prosperidade social.

A maior vantagem é a que resulta do resultado positivo: não consiste na descoberta de erros, que possa trazer melhora sem nova actividade, e apenas mediante eliminacão de medidas; mas na adopção de expediente, que a sciencia aponta como util e efficaz. Para um como para o outro caso, a pesquisa é assaz delicada e não raro insufficiente o material de informação com que se trabalha; mas então remedio é promover o enriquecimento deste

material" afim de mais seguramente conhecermos a realidade social sobre qual desejamos actuar.

A cada momento percebemos leis synchronicas: a economia escravagista e o governo directo; onde a economia é servil, o governo representativo, ou não existe, ou é falho. No Brasil, a eleição pouco ou, digamos até, nada exprimia; depois a abolição e a Republica, não foram muito sensiveis as melhoras. Ainda estremece, sob as formas diferenciadas ou novas da vida, o passado imperial, com a organização do trabalho não salariado. Em certos recantos, o "salario" apenas diz com outra palavra o que anteriormente se dominava "ração do escravo". Também a Alemanha, com a primitiva economia, ficou muito tempo incompativel com o governo representativo. Analysadas as relações sociaes e verificadas as permanencias, facil será conhecer o synchronismo, de que derivarão excellentes suggestões praticas, como a de evitar institutos que não correspondem mais á época, ao momento historico. Hoje, com a politica escolastico-discursadora, a respeito de qualquer variacão ou tentativa se hão de travar rinhãs de oratoria e de argumentação mais ou menos erudita. No entanto a questão é de "facto" e não de "melhor" fundamento "logico" ou "ideologico". Não faltam defensores ao jury, que nada mais exprime do que o exercicio directo do poder judiciario por parte da classe proprietaria: foram bons os resultados na Grecia e na Roma classicas; nos nossos dias, não, nem poderiam ser. Porque? Responde Achille Loria, com a precisão, em que excelle: na antiga sociedade, as relações capitalistas, pois que separavam da empresa productiva o proprietario, levavam-no ao exercicio dos cargos publicos; nas actuaes condições da economia, desde que se lhe exigem a presença e a assiduidade na direcção da empresa productiva, torna-se-lhe impossivel o consciencioso exercicio das funcções de juiz (3). Comprende-se hoje que especie de gente pode compor, na maioria e nos casos ordinarios, taes conselhos de jurados.

A adopção de segura politica juridica é um dos maiores factores de felicidade dos povos. O direito é susceptivel de aperfeiçoarse e cada vez mais servir á ordem social. Mas tal evolução não se opera "necessariamente"; não é "fatal", e sim apenas "possivel"; ha povos que, em vez de subir por anno, os gãos da escala, descem de quando em quando; e outros, que de momento interrompem a continuidade e crescente exactidão, para tomar outra estrada, que é a da novidade, a de demasiado apego ao passado, ou a simples dilatação de principio relativo que o intellectualismo entende elevar á categoria de absoluto. A repercussão geral do erro, por vezes imperceptivel, vicia e envilece o organismo social. E' á boa politica social (juridica e economica, religiosa e moral, etc) que compete a grande obra da felicidade dos povos: dará segurança aos passos (4) e prescindirá dos velhos processos empiricos e primitivos.

(1) C. A. EMGE, *Grundfragen der Rechtsphilosophie*, no *Archiv für Rechts und Wirtschaftsphilosophie* Berlin un Leipzig 1919-1920 vol. XIII, pag. 82: "Sicher wäre die Rechtswissenschaft keine Wissenschaft, wenn die Zufälligkeiten der Gesetzgebungsakte ihr Gegenstand seien"

(2) BECHAUX, *Le droit et les faits économiques*, Pariz, -889, pag. 101, 159 171.

(3) ACHILLE LORIA, *Les bases économiques de la constitution sociale*, Pariz 1893, pag. 160.

(4) Cf. ADRIEN NAVILLE, *Classification des sciences*, Pariz, 1920 pag. 317: "Une canonique prudente, fondée sur une sociologie réfléchie, montrera les difficultés du problème; elle conseillera probablement de ne marcher vers l'idéal qu'à pas mesurés. Mais elle enjoindra d'y marcher résolument".

Quem quer que observe os organismos tem de considerar as relações delle com o que o cerca. Será difficil separal-os do conjuncto das suas condições de existencia. Aqui encontro um acto e penso que para elle sómente concorreu o individuo; alli, omissão, que levo á conta de impulso interno, sem nenhuma dependencia das circumstancias exteriores. Mas os factos cedo nos convencerão do contrario. Se verificarmos que em raças diferentes que vivem em determinada especie de meio se operam certos phenomenos, logo poderemos acreditar no semelhante effeito de semelhantes factores mesologicos. O problema da adaptação surge deante de nós; porém não apenas como motivo de descripção e sim de explicação, de investigação de origem. Só os espiritos contemplativos, finalistas e outros do mesmo feitio podem permanecer neste estado psychologico, mixto de admiração e de crença, que os mergulha na perplexidade de observadores das maravilhas da natureza, da providencial correspondencia entre a estructura dos órgãos e o funcionamento delles, entre as disposições anatomicas e o conjuncto, se não os pormenores, das condições de existencia. Outros preferem "ver" o mecanismo da adaptação. Dous são os elementos, as forças, que se enfrentam; duas, pois, as series de partidarios. A justa medida, em cousas de intelligencia, é quasi insuperavel difficuldade. Os novi-lamarckianos attenderão ao meio, que invade, domina, deforma e modela o organismo, de geito que o ser se tornará "o que é preciso" para a vida. Esquecem que ha o elemento-organismo, que os seres são diferentes e que taes differenças correspondem a outras tantas differenças de conformação ao meio. Pense-se na fauna e na flora do mesmo paiz, no indigena e na raça alienigena que differentemente se modelam no mesmo meio. O darwinismo não se pôs do lado opposto, mas, se admittio a influencia do meio, fel-o como factor secundario. Recentemente, houve certo movimento de rehabilitação do elemento-organismo, contra o qual a cada momento se exercem as tendencias exclusivistas das interpretações da adapção. A preadaptação está implicita nas formas puras das duas theorias: porque ou o meio preestabelece a vida, a historia dos seres, ou elles são preparados, com formas adequadas, para viver no meio em que vivem. Porém os factos nos dizem outra cousa: ha animaes cegos que existem na superficie, e não nos lugares escuros, e outros, com olhos, que vivem nas cavernas; ainda se conservam os calções e os beijos nos nossos tempos de roupas menos solemnes e mais praticas, de convicções e preoccupações de hygiene. Não são possiveis explicações simplistas e menos ainda exclusivistas. O animal pode praticar actos que não são uteis, nem adequados ao meio, continuar na observancia de preceitos ou habitos, que não no sejam mais: o sertanejo ainda falla na "côrte"; os povos occidentaes "partilham" os bens da successão "ab intestato", sem consideração da vantagem economica de se não perturbar a vida da nação com a fragmentação da fortuna, a suspensão da producção ou dos empreendimentos. Damos apenas dous exemplos, mas poderíamos enumerar muitissimos, que de uma infinidade delles estão cheias as leis, obras do empirismo ignorante ou do fatuo racionalismo. O homem, como o animal, erra. O simples facto de existir o uso, o costume, a disposição legal, não prova que seja "util": encontramos reptis dotados de patas e insectos ápteros, ou passaros sem azas e animaes aquaticos sem nadadeiras. Demais, não ha sempre, nos phenomenos juridicos, processos para a adaptação. Se introduzirmos a idéa de finalidade, que sómente representa interpretação, certamente passaremos a ver aquelles factos como "tendentes" a realização, a adaptação, em vez de "resultados" della. Nada mais perigoso do que tal presupposto do character morphologico

do problema do processus adoptivo. Scientificamente, não podemos persistir nelle. O que nos impõe é o criterio dos bons naturalistas: considerar a adaptação como processus physiologico. Praticamente, no direito, a differença entre as duas posições fica em nitido relevo, se examinarmos algumas das consequencias de um e de outro modo de explicar os factos: o finalista confia demasiado na forma e crê, portanto, que "outro" direito possa produzir "outra" sociedade; o determinista vê alterações, sabe que o direito imposto não se applica integralmente, porque apenas vale a força que o impõe, e (como tal força já existe antes da imposição do direito) apenas elle exprime a feição que tomou a arbitrariedade contida nos factos. A moderna biologia ensina que a forma e a estructura só mediatamente intervêm na possibilidade da vida: são resultados, e não causas. Isto que nos reduz a morphologia das plantas, dos animaes e dos homens a traducções do processus de adaptação, mostra-nos tambem que podemos observar na materia social as seguintes "formas":

1. Inuteis.
2. Já desprovidas de função util.
3. Contraproducentes ou directamente perniciosas.
4. Susceptiveis de ser criadas e proveitosas á vida social.

Tal criterio rigorosamente scientifico nos leva a preferir a acção á idéa, a educação, a instrucção, a prophylaxia e a medicina ethnico-social, aos projectos de Código Penal, regulamentos policiaes, etc., á "melhorar" em vez de "punir" os individuos, e a condemnar que se mantenham instituções que não servem mais á prosperidade, á harmonia ou á segurança social.

As persistencias, quando não são uteis, devem ser extirpadas; e os erros, corrigidos. A superioridade de um momento, em relação a outro não é mais do que a resultante da correcção ou do evitamento de medidas que são inefficazes ou (o que é mais grave) prejudiciaes ao bem individual, ou collectivo. O ordalio ou ferro quente, que ainda se encontrava no direito foraleiro portuguez, nunca servio a nenhuma adaptação, posto que pudesse ter sido fecunda a ferocidade das penas contra o adulterio. No "Leal conselheiro" de D. Duarte, allude-se ao "ferro caldo", que naquella terra "tantos certificam que o vyram filhar". O valor probatorio, que vereria ter, era nenhum; e a crença dos innocentes, a despeito do que dizem escriptores do tempo, encontrava a punição do bem e do mal, indifferentemente. Menos offensiva, porém igualmente insegura, foi a "porca de Murca", figura de pedra vermelha, que mudaria de cor em certos crimes para certificar a innocencia dos accusados. Mais proficua a pena de tosquia, que punha aos olhos de todos o malteitor. Brutal, porém expressiva, a pena do Livro V, tit. 60, §§ II, das Ordenações Affonsinas. A's vezes a medida é reminiscencia de outros estados sociaes, primitivos, mas com ella se mistura providencia que concorre para a adaptação social ou para o equilibrio juridico. Deste ultimo caso temos exemplo no que se lê nos "Inéditos da Academia", tomo IV, pag. 623, referente aos foros de Torres Novas: "He costume, que se alguém achar porco em sas vinhas maduras, matalosha, se quiser, e cortarlhysa as cabeças quanto tanger o bico da orelha pelo pescoço, "e havelas lu"; e seu dono dos porcos levará os toros".

E' ou não a Sciencia do Direito a mais grave das sciencias, desde que não a reduzamos á vil empiria ou a rancida escolastica?

HISTORIA DA COLONISAÇÃO PORTUGUESA

Imaginemos que pudessem reaparecer, miraculosamente, como têm resurgido letras e fórmulas imperecíveis da antiguidade, as cartas endereçadas de Vera Cruz, em 1500, a D. Manoel, o Venturoso, pelos capitães e pilotos da frota de Pedro Alvares Cabral, todas essas cartas sumidas entre as nevoas atlânticas do descobrimento e as cinzas dos arquivos reais de Lisboa. Quantas obscuridades, quantas incertezas, quantos enigmas seriam desfeitos por semelhante achado epistolar no cyclo americano das navegações para oeste, na rota das caravelas anónimas e heroicas, que se anteciparam a Colombo e á sua minúscula frota, sob o pendão das quinas! Se os dous únicos padrões iniciais da nossa historia—a longa missiva de um escripto despachado para a feitoria de Calecut e a breve noticia de mestre Johannes, physico e astrónomo de bordo, o mais velho desenhista do Cruzeiro do Sul—rectificam dados e renovam theses, ainda hoje, á cultura americanista, prefigure-se a onda tenebrosa clareada pela onda de luz, que seria á divulgação da correspondencia de navegadores, cosmographos, assignalados barões como Bartholomeu Dias, descobridor e victima do Cabo Tormentorio, Nicoláo Coelho, heróe camoneano, Duarte Pacheco Pereira, o mago de tantas ilhas tempestuosas e desencantadas, expedicionario manuelino e veneravel chronista do *Esmeraldo de situ Orbis*.

Mas a apparição instantanea e casual da verdade nautica, da verdade historica, da verdade politica, immersas no segredo remoto deste hemispherio, talvez fosse menos commovedora que a reconstituição benedictina e sabia de todas ellas, feito de alta mentalidade, surto da intelligencia para o ignoto, com que o espirito de Carlos Malheiro Dias, encetando a *Historia da Colonisação Portuguesa do Brasil*, associou magnificamente o prestigio do seu nome á gloria da sua raça. Porque nenhuma das maravilhas do Acaso, embora propicias aos nossos objectivos mais imperiosos, estimula e exalta a natureza humana como a resultante herculea dos seus esforços e das suas ideações. Carlos Malheiro Dias, nessa *Introdução* esculptural, cinzelando o bloco errante e denso dos factos, minucia por minucia, até visionar a imagem da grande Realidade oceanica, desvendada pelos mareantes portuguezes, é bem o illuminado, que se faz viajor de penumbras seculares, attento pesquisador de jazigos archaicos, donde sobem revelações continentaes: "A presente obra é escripta... com a esperança de se deslocar uma das pedras do tumulo em que dorme, amortalhada, a verdade."

Tal verdade historica e geographica existiu, lampejou no profundo elemento maritimo dos seculos XV e XVI. Idealmente, foi a sciencia portugueza dos astrónomos, dos cartographos, dos mathematicos, dos navegantes, rebuscando ao longo da costa negra o tormentoso caminho das Indias, desde a escola de Sagres, em que se desdobrava para glorias supremas o vetusto condado do mar de Nuno Cogominho. Politicamente, foi a série mais ou menos clandestina de expedições e doações, que levaram os portuguezes a situar no Atlantico occidental, muito antes de Colombo, ilhas e terras firmes. Technicamente, foi a experiencia lusitana dos nautas desconhecidos ou illustres, que primeiro contornaram o orbe, velejando por mares ainda não sulcados, e conceberam a unidade continental da America, entre as ficções colombianas de Cypango e Cathay. Diplomáticamente, em summa, foi a consciencia imperialista de D. João II, principe admiravel e inflexivel, ambidextro nos golpes da esgrima politica do seu tempo, mixto de falcão e coruja, certo de que havia terras ao austro, mas reser-

vado, sagaz, ambicioso, tão habil para encobrir os seus planos cesareos á espionagem da monarchia iberica e das republicas italianas como para sotopor os interesses de Hespanha magestatica aos designios secretos de Portugal, entrevistos mais tarde nas clausulas do Tratado de Tordesilhas.

Obscurecida, quasi ignorada pelos descendentes europeus e americanos dos que a humanisaram, insuflando-lhe a sua energia, o seu pensamento, a sua idealisação, uma vida em cujos anceios palpita-vam as mesmas azas incoercíveis, que se elevam hoje sobre os nossos mares e as nossas almas, essa verdade resuscitou esplendidamente no trabalho de Carlos Malheiro Dias. Aliás, ou o esplendor de uma resurreição anima o Passado ou tudo acaba nos massivos tomos da litteratura historica em datas e notas incolores. Se quizessemos vulgarisar comparativamente (embora os traços fundamentaes de cada processo e cada estylo sejam irreductiveis como braços na heraldica dos grandes autores) a solidez e o impeto, a cadencia e o colorido, a força dialectica e a força indagadora ou evocativa das paginas de Malheiro Dias, nesse lavor monumental, que lembra paineis e florões dos Jeronymos ou da Batalha, remontariamos aos cimos vernaculos da sua linhagem — a solemnidade gothica de Herculano, a pureza academica de Latino, a culminancia dramatica de Oliveira Martins. Ficariam, assim, conjugados os valores de uma só dynastia mental, quando a sciencia historica dos portuguezes novamente fascina o Brazil com as suas realizações potentes e harmonicas.

Difficilmente, os leitores da novella de Carlos Malheiro Dias, mesmo dos seus estudos politicos e sociaes, anteriores a essa obra, teriam a previsão de tamanha cultura e capacidade historiographica.

Certo, já lhe conhecemos desde muito, em qualquer daquelles generos, episodios tratados com exuberante vigor de tintas luminosas, effigies que se recortam e se animam com a mobilidade, a expressão, o cunho original dos semblantes inolvidaveis da escola flamenga, e a proposito de successos antigos ou modernos um commentario por vezes tão elegante, outras vezes tão impressivo, que as reminiscencias de Tito Livio e Tacito nos acodem á leitura, como vãos classicos, entre folhas rumorejantes e viçosas de actualidade. Nenhum indicio deixaria antever, porém, a metamorphose do colorista em especialista, a renuncia da imaginação pela investigação, o transporte da seiva creadora á idéa constructora, nesse mestre da arte escripta, a quem devemos o mais erudito e relevante, o mais escrupuloso e minudente, o mais forte e serio trabalho de analyse e de synthese, composto em lingua portugueza, sobre os factos que antecedem, illustam, condicionam, explicam e rematam, no drama das navegações occidentaes, o descobrimento das Antilhas e o de Vera Cruz, selvatica flôr desabotoada á margem do periplo africano.

Busquemos no proprio tempo a decifração dos seus enigmas.

Tudo se elucidará, quando soubermos que ha cinco annos, ou mais, Carlos Malheiro Dias submetteu as prodigiosas facultades, os dons innatos de principe perfeito das letras, a uma disciplina tão severa na ordem historica, por elle abraçada fervorosamente, como a regra das antigas ordens monasticas. E' o fructo de longas viagens e duras vigílias, peregrinações através das bibliothecas, dos archivos, dos museus, desde o Rio a Lisboa, e de Lisboa a Londres, meditações entre planispherios e portulanos, incunábulo e manuscritos, velhos textos de latinidade geographica, relatorios e roteiros, documentos e alfarrabios illegiveis, é esse

fructo de penosa cultura e difficil maturação o que elle traz na serenidade espelhante dos seus periodos, na agudeza crystalina dos seus conceitos.

Quando a superstição da autoridade germanica nos avassallava, teriamos desde logo referido aos moldes da sciencia allemã o trabalho meticoloso, apurado, exhaustivo, quasi mathematico a poder de exactidão, com que Malheiro Dias exgotou as fontes do americanismo, para dissertar sobre o plano quinhentista das navegações portuguezas, contrapôr aos argumentos do *Toscanelli and Columbus* de Vignaud a sua these, formidavelmente sustentada pela evidencia da historia e da logica, definir sob outra luz intensa e directa, na placa reveladora do seu estylo, os vultos de Christovão Colombo e Americo Vesputio.

Basta-nos o senso realista e concreto do espirito avoengo, entretanto, á dilucidación das influencias e dos methodos, pelos quaes logramos entender a possibilidade e a factura dessa obra singular. Como que o amor integrante da realidade caracteriza os maiores emprehendimentos do genio portuguez — epopéas e navegações, porticos e rétabulos, onde a imaginação nunca exorbita ou desvaira. Lançando-se ao immensuravel nas azas do seu destino tragico-maritimo, em desafio a procellas e escolhos, mas oriundo de um exíguo berço peninsular, conquistado palmo a palmo, defendido peito a peito, nunca perderá esse genio, mesmo nas suas ideações e nos seus arrojados maximos, o sentimento da medida natal, o contacto da unidade em que elle se formou. A orientação de Carlos Malheiro Dias, inalteravel no torvelinho das hypotheses e das controversias americanistas, chegando sem desvio ás suas conclusões, luttigidas com lucidez e prudencia, uma por uma, na escala necessaria dos syllogismos, tem algo da bella e ampla directriz, que os lusiadas seguiram como novos atlantes, não sonhadores, mas decifradores de outro hemispherio. Com a sciencia nautica ou a sciencia historica dos portuguezes determinaremos, quanto possivel, a realidade inicial das expedições americanas.

O desejo do Extremo Oriente vibra na alma lusitana, mal principia o seculo XV, ao repontar para as descobertas e conquistas o grandioso pensamento do infante D. Henrique, austero e soberbo precursor da expansão maritima de Portugal. Cavalleiro e duque armado em Ceuta, o infante procura desde logo o caminho terrestre das Indias, o reino lendario e medieval de Preste-Johan, pelo dominio de Marrocos, a que elle sacrificará, em Tanger, a mocidade e a vida do proprio irmão D. Fernando, impassivelmente, como um genio fanatisado por uma idéa. Fundador da escola de Sagres, identificando-se á rocha e ao mar pela sua natureza, tão inabalavel quanto impetuosa, elle revê simultaneamente o seu ideal no oceano, como num glauco espelho tormentoso... E através das ondas rebuscamos-lhe os navios portuguezes outro caminho para o Levante.

E' essa a tradição irrecusavel da propria Casa de Aviz, esse o depoimento do proprio D. Manoel, com a data de 10 de Janeiro de 1502, em que o soberano faz doação de duzentos e trinta mil reales de renda ao illustre Gama: "...sendo pelo infante D. Henrique, meu tio, começado o descobrimento da terra da Guiné na era de 1433, com intenção e desejo de pela costa da dita terra de Guiné se haver de descobrir e achar a India".

D. João II retoma a empreza architectada pelo infante, combinando as explorações maritimas e terrestres, abri-

nas e asiaticas. Em 1486, Bartholomeu Dias ultrapassa o Cabo da Boa Esperança, e seguidamente, do Cairo, depois de muito viajar entre os mercadores levantinos, Pero de Covilhan transmite as primeiras noticias orientaes, o itinerario da navegação para a India: tudo estava em perflustrar a costa da Guiné, por onde se chegaria ao extremo sul africano, e desse ponto inflectir para leste, em busca da ilha da Lua, por Sofala. Não era outro o caminho do Oriente, afinal descoberto pela expedição de 1497, inspiradora dos *Lusiadas*.

Nessa concepção experimental da arte nautica de Sagres — a India pelo nascente, — formulada após a descoberta de Porto Santo, da Madeira, de Santa Maria, e o reconhecimento da costa, por Gil Eannes, até ao Bojador, podem inscrever-se todas as datas de uma epopéa maritima, que vai do Occidente ao Oriente, das ilhas atlânticas a Melinde. E outra concepção erronea, mas deslumbradora nos seus imprevistos resultados — a India pelo poente, — filiando-se ás viagens remotissimas de Marco Polo e ás doutrinas de Toscanelli, abre ao mysticismo de Colombo os panoramas insulares das Antilhas, em que elle suppõe lobrigras vedetas de Cypango e Cathay, ramificações de um vasto archipelago oriental. As duas concepções geographicas dialogam na corte portugueza, ao declinar do seculo XV, e a primeira dellas, necessariamente, repelle a segunda, com a verdade repelle o erro, proclamado em taes circumstancias por Christovão Colombo, ainda que o monarca não occulte a existencia de terras ao austro, suspeitadas ou localizadas pelos seus navegadores.

Com effeito, muito antes da visita de Colombo, já os cartographos e mareantes haviam trazido ao reino a vaga noticia de terras occidentaes: o mappa de Becario, em 1435, e um anno depois o de André Bianco, delineados ambos sob a influencia das navegações resultantes do plano de Sagres, claramente situam a oeste dos Açores, no Atlantico occidental, a *Antilia* e outras ilhas, quando só os nautas portuguezes cruzavam essas aguas. Já o antecessor do soberano, D. Affonso V, em 1474, havia doado a Fernão Telles, "as ilhas que achasse pessoalmente ou por seus homens ou seus navios no mar oceano, para as povoar — não sendo, porém, as taes ilhas nas partes de Guiné" — e no anno seguinte ampliara a mesma doação. O proprio Colombo, em Genova, lembra no Diário da sua primeira viagem o caso do mareante, vindo da ilha da Madeira a El-Rei com a noticia da terra longinqua e o pedido de uma caravela para a descobrir: "... *el qual juraba que cada anno la via*". Mas na rota das suas expedições ou na cifra dos seus calculos os pilotos e capitães portuguezes não confundiam, ao inverso da Colombo, as bravias terras occidentaes e as sumptuosas terras asiaticas. Se ao genovez foram os navios recusados, na corte de D. João II, para a descoberta do caminho das Indias ao poente, é que o principe perfeito, havia mais de um decennio, sob o reinado paterno, já investido na administração das colonias e navegações ultramarinas, lêra de certo a missiva e estudara o mappa, em que Paulo Toscanelli, de Florença, consultado por um conego de Sé de Lisboa, Fernão Roriz, valido e conselheiro de Affonso V, ensinava o mais breve caminho do Tejo aos portos de Cathay e Cypango, terras da especiaria, fertilissimas de ouro, perolas e pedras preciosas.

Era o mesmo roteiro de Colombo. Já o conheciam desde 1474 os orientadores das expedições lusitanas, ou melhor, já o conheciam desde 1428, folheando o livro de Marco Polo, origem da concepção toscanelliana e da diva do Senado de Veneza ao infante D. Pedro, o que sahiu da villa de Barcellos para ir ver as sete partidas do mundo, como resa o auto de Gomes de Santo Estevão, um dos seus doze compa-

nheiros. E a esse caminho aberto pelo cosmographo italiano, "*mas certo que aquel que vosotros haceis para Guinéa*", conforme o texto de Las Casas, a esse curto roteiro do sabio florentino elles preferiram sempre, dilatando a invariavel trayectoria, não obstante perigos e trabalhos, o caminho mais longo da costa africana. Com a sua experiencia nautica, resumindo um cyclo tormentoso no mysterio do Atlantico occidental, bem sabiam que essas nevoentas, onduladas terras austraes não eram as da India, sofregamente pedidas ao mar pelo commercio da Europa christã, depois que os turcos lhe antepuzeram, fechada a sete chaves musulmanas, com todos os sellos do Alcorão, a Sublime Porta de Constantinopla, — inviolavel porta do Oriente fascinador. Tres vezes, relampeou no horizonte das caravelas portuguezas a idéa toscanelliana — *el levante por el poniente*, formula e chimera dos navegadores de Oeste, — mas tres vezes foi rejeitada, como inexequivel, nas suas tentadoras manifestações: a carta erudita de Toscanelli ao conego Fernão Roriz; a proposta do genovez Colombo, e por ultimo, com a data de 14 de julho de 1493, em nome do Imperador Maximiliano, o convite do sabio alemão Dr. Monetario, de Nurembergia, a D. João II, para buscar a *terra oriental de Cathay mui rica*. A direcção esboçada pelo Dr. Monetario é identica ao plano de Toscanelli e á rota de Colombo: o Oriente habitavel começa onde acaba o Occidente habitavel. Mas o erro dos sabios e a febre, do visionario não perturbam a Junta dos Mathematicos de Lisboa. Os navegadores educados na tradição da escola de Sagres perseveraram, costeando a Africa, e chegam a Calecut. Rebrilha a evidencia geographica do acerto com que elles preferiam ao saber de Toscanelli as suas proprias idéas na viagem triumphante de Vasco da Gama, enquanto Christovão Colombo, depois de quatro viagens ao mundo novo, tendo abordado ás Antilhas, reconhecido a foz do Orenoco, explorado a costa de Honduras, morre em 1506 com a mesma illusão, que é ter vindo pelo Occidente ao mais antigo dos mundos — a Asia.

Reivindicando a prioridade do conhecimento das terras austraes, sem o erro de Colombo, visionario das Indias opulentas num crepusculo de nomadismo selvagem, foi ainda o genio portuguez que iniciou o heroe na escola das navegações de longo curso pelo Mar Tenebroso, ambiente das suas miragens e descobertas. "Os factos apurados — escreve Malheiro Dias — permitem estabelecer de modo incontraverso que, se Colombo, tecelão e depois marinheiro, nasceu em Genova, o descobridor nasceu em Portugal."

Sobre a vocação e o fadario de Colombo na mocidade pouco dizem e sabem os chronistas, os biographos, os mais diligentes pregoeiros de tamanha gloria. Filho de um tecelão, anonymo entre os anonymos da sua casta, elle teria feito alguns estudos secundarios, até aos quatorze annos, na Universidade de Pavia. Depois disso, obscuramente fluctua essa vida, entre parceiros ignorados, como o primeiro navio a que se abriga, como o ideal a que primeiro se entrega. Amadurecido no trabalho e na pobreza, Colombo parece fixar-se com os seus devaneios de marreante e de mystico em Lisboa, á sombra do irmão, Bartholomeu, que era cartographo estimavel e vendedor de instrumentos nauticos. Situada num bairro de homens do mar, a estreita loja do cartographo semelha uma concha resoante, dentro da qual perpassam rijos ventos atlânticos, a sibilar, como na enxarcia das náos portuguezas, ou ecoam vozes de commando, as proprias vozes annunciadoras de terras incognitas, emergentes do oceano e do occaso. Assim ouve Colombo as narrativas dos capitães, dos pilotos, dos gageiros, que tornam de expedições, naufragios e descobertas, ainda sem o vello de ouro, no

pélago fechado aos navegadores de outras épocas, sob o nevoeiro e sob o terror da antiguidade. Ouve, aprende, scisma... Derredor, com as suas naves e as suas nymphas, umas e outras cingidas pelo abraço do Tejo, que as impelle fluidamente para as Indias, para o Brasil, para a volta ao mundo, através de uma só esperança e da mesma epopéa, Lisboa flammeja, irrealisavel como poder e audacia, trafico e heroismo, sciencia e fé, concentrando a Renascença iberica dos argonautas, maior que a Renascença italiana dos esthetas. Intimidadas por esse flamma lyonisica e nova de segunda conquista do Oriente, empallidecem Veneza, Florença e Genova, senhoras de alto esplendor mediterraneo e pujante commercio.

Alli começa o navegador Christovão Colombo, entre planisferios e astrolabios, a pensar na infinita surpresa dos mares nunca dantes navegados; alli deve ter conhecido a carta de Toscanelli ao conego Fernão Roiz, com que elle tentará demonstrar, mais tarde, aditando-lhe duas outras apocryphas, a origem scientifica da expedição de Palos, e em verdade só demonstrará, seculos após, o anterior conhecimento portuguez das terras austraes. Depois, a sua alliança com D. Philippa Moniz, filha das segundas nupcias de Perestrello, donatario de Porto Santo, o illustre convivio resultante desse consorcio, o exame dos papeis deixados pelo sogro, a informação do piloto Vicente Dias, outras noticias geographicas e outros dados experimentaes, que lhe trazem os nautas, durante a sua residencia nos Açores, compõem decisivamente o grupo de factores mesologicos, a atmospheria portugueza do empreendimento colombiano. Portuguezes foram os instructores, os confidentes, os intimos, os aliados profissionais de Colombo, antes da gloriosa aventura. Nem elle procurou dissimular, posteriormente, a sua aprendizagem como descobridor na escola dos nossos antepassados.

Se os portuguezes lhe foram mestres de navegação occidental, no seculo XV, ainda rectificaram ulteriormente, a Christovão Colombo, o vôo temerario e fantasioso da sua chimera geographica. Desilludido, por certo, da justiça hespanhola e da justiça humana, mas impassivel na fé com que se escravizava aos planos de Toscanelli, como um orthodoxo ao texto dogmatico, envelhecera o genovez, succumbira mesmo na crença de haver chegado ás ilhas asiaticas, descritas no famoso livro de Marco Polo. Sim, o descobridor do novo continente suppõe estar num archipelago visinho á magnificencia oriental de Cypango. O que elle avista, ou melhor, o que elle cuida ingenuamente avistar nas Antilhas é o principio das Indias occidentaes, um ramo insular da Asia, povoado de indios, denominação genericamente adoptada para os selvagens deste hemispherio, quando circulava na Europa dos cosmographos e dos navegadores o erro colombiano. Portugal vai desfazer semelhante miragem com a larga projecção da sua experiencia atlantica.

Tudo o fadava ao descobrimento do novo mundo, e pouco tardaria esse feito lusitano, se uma inspiração nascida do erro, mas acrysolada por uma fé irresistivel, como a dos apostolos, dos videntes, dos martyres, não houvesse truncado illogicamente a sequencia, em 1492, ás explorações obstinadas e clandestinas dos mares occidentaes pelos açorianos. As caravelas portuguezas, rumando para as Indias, aproavam cada vez mais a oeste, por evitar as calmarias da Guiné. Mareantes lusos, e é o proprio descobridor genovez quem cita um desses casos, entrevêm ilhas mysteriosas nos longes occidentaes, que elle demandara mais tarde, a serviço dos reis de Castella e Aragão, ou lhe apontam vestigios da

existência de terras ao occidente: canas, pinheiros, tóros lavrados por instrumento que não é de ferro, mesmo cavaveres de outra raça, vindo ter daquellas regiões ás praias dos Açores, ou intangíveis almadias, então assignaladas ao sul da Guiné portugueza. Faustino da Fonseca sublinha o depoimento de Las Casas—panegyrista de Colombo,—attribuindo a este o conhecimento da viagem do navio portuguez, que em 1447 fôra á Groenlandia, visitada pelos scandinavos de Erico, o ruivo, desde o seculo X, da ida de Diogo do Teive em 1450 até ás visinhanças do Lavrador, das descobertas de Vicente Dias Antonio Leme e Affonso Sanches (1475-1484), das concessões a Fernão Domínguez do Arco (1484), e das viagens dos Corte-Reaes, iniciadas, porventura, em 1472, á Terra Nova. Convictamente affirma o Sr. Rocha Pombo, no 1º volume da sua *Historia do Brasil*: "A julgar por alguns documentos que hoje é impossivel contestar, podemos ter como certo que os navegadores portuguezes, a começar de D. Henrique, chegaram a conhecer diversas terras do Atlantico, taes como a Terra Nova, o Labrador, a Groenlandia, e talvez mesmo regiões do nordeste da America do Sul"

Empolgado aos lusos o descobrimento solemne da America, de que foram os precursores, ainda lhes reserva o destino, entretanto, a missão de esclarecer, definir aos olhos de toda a Europa navegadora e politica a verdadeira imagem continental deste hemispherio. A' illusão do genovez, que se julgava no limiar do Oriente, ao ver nos confins occidentaes, disseminadas sob a nevoa, ou florindo ao sol reverberante, as ilhas asiaticas de Marco Polo, substituem elles a demonstração da unidade territorial do novo mundo. Nunca houve um estado de consciencia tão indefinido na gloria como o de Christovão Colombo. Elle não sabe geographicamente o que fez nem telluricamente onde está. Suppondo a Asia mais dilatada para leste, envolve nessa ficção oriental os selvícolas e os brahmanes, annuncia a descoberta do caminho das Indias pelo Occidente, a proximidade maravilhosa de Cypango, de Cathay, dos paizes da especieria, e é tudo.

Inverosimil desfecho da aventura colombiana! Depois de ter velejado para o ignoto com a segurança de um claviculário das maravilhas occultas ao poente, o genovez delira sobre o volume, a propria situação do thesouro encontrado. E os mestres portuguezes de Colombo rectificam-lhe o erro continental perante a Historia. Como? Por um rasgo divinatorio exclama Humboldt; por effeito de um trabalho inductivo e experimental, prova-o Malheiro Dias.

Em 18 de Outubro de 1501, pouco depois da chegada de um dos navios de Gaspar Corte Real, que fôra até ás praias da Terra Nova ou Terra Verde, cuja descoberta fazem outros remontar ao anno de 1472, com a viagem de João Vaz Corte Real, pai daquelle navegante, o Embaixador Pascuáligo escreve de Lisboa ao Senado Veneziano: "Creêm os da dita caravela que a sobredita terra é firme e está ligada com a outra que o anno passado foi descoberta a oeste por outras caravelas de Sua Alteza... Também creem estar ligada com as Antilhas que foram descobertas pela Hespanha e com a Terra dos Papagaios (Brasil), ultimamente achada pelos navios deste reino que foram a Calecut."

Nada mais claro e certo. Limpidamente, vemos ahí o contorno do hemispherio occidental, entre os gelos arcticos e antárcticos: a America do Norte, a America Central, a America do Sul. Ora, em 1501, faltavam ainda á cartographia européa os dados mais rudimentares para a exacta configuração planetaria das terras americanas. Não era outra a perspe-

ctiva senão a das Indias occidentaes, e sómente em 1503, descrevendo a America equinoxial, Vespuccio conceberá essa unidade, que os navegadores portuguezes, um biennio antes, haviam já formulado. A communicação da carta de Pascuáligo, que o historiographo Ranke descobriua na bibliotheca Marciana, deixa o sapiente Humboldt perplexo. Sem o prestigio dos adivinhos, não poderiam os lusos conceber semelhante unidade territorial, em 1501, na ausencia de tantos *étos intermedios*. As sciencias occultas vencem neste lance o forte raciocinio do mago das sciencias positivas. Humboldt desconhecia um documento, que illustra e completa a revelação dessa extranha carta — o mappa de Cantino, o planispherio com illuminuras, que o Embaixador Alberto Cantino fez desenhar na grande *urbs* invicta e resplandecente, Lisboa, em 1502, para o Duque de Ferrara, e onde surge a primeira fórma continental da America, delineada entre os plamares de Vera Cruz e a terra brumosa do Lavrador, abrangendo a península da Florida. Desconhecia ainda o manuscrito do *Esmeraldo de Situ Orbis*, no qual certifica Duarte Pacheco Pereira que em 1498, terceiro anno do reinado de D. Manuel, o venturoso, foi mandado á parte *occidental passando além a grandeza do mar oceano*; que, além do oceano, mandara Sua Alteza descobrir a *quarta parte* da terra. Estudando o planispherio de Cantino e o manuscrito do *Esmeraldo*, o geographo allemão teria visto como as expedições portuguezas ministraram elementos, antes de quasquer outras, á determinação do systema geographico americano.

Nenhuma observação mais aguda, neste sentido, que a de Malheiro Dias; nenhuma outra mais opportuna sobre a psychologia dos sabios, aferrados á directriz das suas concepções ou á estrutura das suas obras, como tambem sobre a dependencia psychologica da verdade em todos os seus dominios: "Se o grande Humboldt não houvesse renunciado a encontrar uma explicação racional para as revelações contidas na carta do embaixador veneziano Pascuáligo, anterior ás reivindicações de Vespuccio, e não tivesse resolvido as difficuldades apparentes que esse documento apresentava á interpretação de um historiador geographo da sua excepcional grandeza, attribuindo a um prodigio phenomenal de adivinhação e que não podia ser senão o resultado da sciencia experimental portugueza, de ha muito que a historia do descobrimento das Americas septentrional e austral se nos apresentaria sem as soluções de continuidade que a mutilam e sem os illogismos que a obscurecem. Por mais de uma vez, o genio de Humboldt entreviu o que supponmos ser a verdade, e della se afastou, porventura receioso de avançar por um caminho que o conduziria á necessidade de reconstruir desde os alicerces a obra monumental, fructo laborioso de tantas meditações, de longas pesquisas e de transcendentos estudos."

O caminho traçado a Humboldt, mas de que elle se desviou insensivelmente, compellido por motivos de ordem psychologica, superpostos ás indicações de ordem scientifica, é o mesmo que nos leva ao esclarecimento da conducta de Dom João II, insistindo pela revogação dos breves pontificaes de 1493, após a primeira viagem de Colombo ao hemispherio occidental, e conquistando pelo Tratado de Tordesilhas, em 1494, mais 170 leguas a oeste de Cabo-Verde, sobre a linha meridiana, fixada por sua Santidade, ás concessões hespanholas. Ao Tratado de Tordesilhas seguiu-se logicamente, quatro annos depois, já sob o reinado de D. Manuel, a expedição de que fala Duarte Pacheco. Seguiu-se o reconhecimento de Vera Cruz, em 1500, num desvio intencional da frota manuelina. As expedições

portuguezas, succedendo-se umas ás outras, encadeando-se, talvez, sob a dupla fórma de aventura individual e empreendimento official, num secreto plano, de navegação dos mares ignotos, situam, aclaram, definem o continente americano. E é como piloto nessas expedições já officializadas, após a descoberta do Brasil, que Americo Vespuccio logra revelar ao mundo bipartido a sua metade occidental, deixando ao hemispherio, assim divulgado, o nome com que o baptisou, em 1507, nos prelos de S. Deodato, o mediano geographo allemão Waldseemüller.

Na serie primordial dos factos americanos, Christovão Colombo representa a fé imperativa e quasi desvairada, Portugal o saber methodico e pertinaz, Vespuccio a ambição torturante e algo charlatanesca da fama.

O contraste medieval de Colombo, em pleno resurgimento europeu das sciencias e das artes, dá lugar, necessariamente, a uma dissonancia cada vez maior entre a imaginação transbordante desse utopista, afeiçoado a chimeras asiaticas ou edeniccas, e o novo espirito collectivo da Renascença, que se desenvolve como belleza, poder, fecundação, energia, amor supremo da verdade. Occultando os fructos occidentaes do seu longo cyclo maritimo ás outras potencias, na impossibilidade humana de guarnecer e colonisar meio orbe, ao mesmo tempo que se dessangra pela conquista da Guiné e funda o imperio da Asia, com sublimo esforço de capitães, navegadores, estadistas, Portugal renuncia á vulgarisação dos proprios factos oceanicos. Para o velho mundo curioso, avido, impaciente como o espectador deante das magnificencias e dos horisontes de um scenario ainda velado, para o mundo inquieto e erudito do seculo XVI, sem informações acerca de tantos prodigios, tantas descobertas, Colombo é actual, por incomprehensivel, o genio hesitante é desconhecido, por impenetravel. Esse momento da Historia, o mais dramatico e bello, significando a integração planetaria na consciencia e no dominio do homem civilisado, reclama um exhibitionista, um arauto, um grande actor, que venha á ribalta e diga á humanidade européa: "Trago na mão o fructo de ouro que esperas, o novo mundo. Aqui o tens"

Vaidoso e farfalhante, Americo Vespuccio revela em algumas cartas, logo fraduzidas e universalizadas, o continente explorado systematicamente, a nordeste e a sudoeste, pelas náos portuguezas, em cuja tripulação heroica e modesta sobressahe o piloto florentino. Porque só elle avulta na propria moldura epistolar, como um semi-deus radioso entre os marujos tontos; só elle sabe e diz a verdade continental.

Tanto melhor para o seu nome e a sua lenda. Foi-lhe grato o mundo no baptismo dessa revelação. Americanisou-a. O nome de America eternisa um poder, que surge com ella para os novos tempos; o illusionismo da publicidade estrepitante, avassalladora, contra a qual nada podem os factos e os homens.

Ao revez da publicidade, navegando em silencio, Portugal não aviva o sulco estellar das suas caravelas. Deixa que as invencões mais extravagantes lhe obumbrem os dias mais refulgentes. E assim vemos formar-se a chimerica tempestade, cuja braveza teria lançado a frota de Cabral, magicamente, ás praias de Vera Cruz.

Entretanto, se ha um desvio consciente, marcado pela intencionalidade mais firme e pela orientação mais lucida, é o do roteiro dessa frota expedida com a dupla missão de alargar o commercio das Indias e reconhecer as terras occiden-

taes, que em 1498 assignalara Duarte Pacheco Pereira, valoroso servidor da patria e do rei, na zona portugueza do Tratado de Tordesilhas. Nem á tracção das correntes aereas nem á das correntes maritimas, conforme o exame dos technicos navaes J. J. da Fonseca e Baldaque da Silva, poderiamos attribuir semelhante desvio para oeste. Considera-se mesmo inadmissivel, entre milhares de navegações, tal singularidade. A carta de Pero Vaz Caminha, a do mestre Johannes e a narrativa do piloto anonymo, emfim, os depoimentos que ainda nos restam de tripulantes ou passageiros da frota não alludem sequer a tormentas, desencadeadas sobre os navios, atirando-os para longe do seu rumo. Dessa tempestade irreall não falam os chronistas maiores, nomeadamente Damião de Góes, Catanhe-da e Barros. Se algum papel teve o Acaso no drama das navegações lusitanas, seria outro o episodio em que elle figurou com estrondo de vendavaes e aguaceiros.

Mas o Acaso tonitruante da descoberta do Brasil foi apenas um invento de escribas alheios ás condições historicas e nauticas deste successo. A falsa orientação da agulha magnetica ou o errado calculo das latitudes e distancias, vagas hypothesees que outros formulam, sem qualquer ponto de referencia, não se afiguram só improvaveis, como tambem impossiveis a bordo de uma esquadra conduzida pelos mestres da navegação atlantico, orientada por mareantes illustres como Sancho de Thoar, Simão de Miranda, Bartholomeu Dias, Nicoláo Coelho, Pedro Escobar, tanto mais quanto, no dizer dos technicos, "seria preciso uma corrente aerea ou maritima constante ou um erro systematico para oeste, de 10 milhas diarias, durante quinze dias, para desviar a frota para o occidente".

Por seu turno, as denominadas instrucções nauticas de Vasco da Gama, na realidade apontamentos de um secretario do Governo, resumindo o parecer do heroe sobre a viagem, não explicariam satisfactoriamente o itinerario de Cabral. Ainda menos elucidado fóra esse rumo pela hypothese de Oliveira Martins — a curiosidade, o espirito de aventura, o desejo de outras Indias ao sul, arrojando para oeste uma esquadra imponente de commercio e guerra, tripulada por 1.200 a 1.500 homens, como se ao Almirante não bastassem as difficuldades e os problemas do seu roteiro.

Pero Alvarês Cabral demanda as terras austraes segundo todas as probabilidades, obedecendo a instrucções secretas e politicas do Governo regio. Com elle viaja o expedicionario de 1498, Duarte Pacheco Pereira, que avistara já essas mesmas paragens, vindo por ellas a mandado d'El-Rei D. Manoel. Ao despachar para Lisboa um dos navios da frota, em que sezem as primeiras noticias de Vera Cruz, bafejadas pela fortuna, Cabral parece dizer ao soberano com a urgencia e o alvoroço de um executor feliz na sua tarefa: "Cumprimos as vossas ordens. Foram achadas as terras occidentaes, que mandastes reconhecer." A situação do Brasil já estava delineada no mappa de Andréa Bianco desde 1448, e o cartographo Bianco trabalhara sob as indicações portuguezas da escola de Sagres.

Em 1493, os Reis catholicos escrevem a Colombo: "...depois de praticarem com os embaixadores portuguezes e Dom João II, pensam alguns que entre o Cabo de Boa Esperanca e o limite fixado na bulla papal, poderá haver ilhas e terras firmes..." E' mais um documento da sciencia atlantica dos portuguezes abrangendo as terras occidentaes, quando só elles navegavam o Mar Tenebroso, a carta do bacharel Johannes, escrita de Vera Cruz, em 1500, a D. Manoel: "...quanto, Senhor, ao sitio desta terra mande vossa alteza trazer um mappa mundi que tem Pero Vaz Bisagudo e por

ahi poderá ver vossa alteza o sitio desta, que, ou talvez anterior, a configuração da mas aquelle mappa mundi não certifica esta terra ser habitada ou não: é *mappa mundi antigo e alli achará vossa alteza escrita tambem da Mina*"

Ahi temos, nesse vetusto mappa mundi, nesse vetustissimo desenho de navegadores lusos, coévo do infante D. Henrique costa africana e a situação da terra brasileira, a coexistencia geographica, embora fragmentaria, nevoenta, imprecisa, da America e da Africa. Entretanto, ainda se contrapõem os Pinzon, os Hojeda os Leppe, outros epigonos francezes e hespanhóes do cruzeiro atlantico, á prioridade inquestionavel dos portuguezes no conhecimento nautico e na descoberta intencional do Brasil.

Todo esse quadro de reivindicações lusitanas, que intentamos pallidamente abreviar, tem na obra de Carlos Malheiro Dias o colorido, a harmonia das grandes telas historicas, em que o desilobramento dos planos e dos motivos, o relevo das figuras e dos episodios, insuperaveis na sua execução, nos seus effeitos, comunicam o dom excelso da perpetuidade ao labor e á idéa, nascidos de horas fugazes, mas lampejantes e creadoras.

A paciencia, o methodo, a siseudez, o aferro com que elle soube colligir e apropriar os dados informantes desse trabalho — reliquias de museus e archivos, depoimentos de antiguidade multiseccular, epistolas de sabios e reis, debates de academicos e especialistas, memorias e tratados, bullas e atlas, a chronologia, a cartographia, a bibliographia inteira dos congressos americanos sobre a descoberta e os seus problemas — caracterizam fundamentalmente uma organização de cientista, de historiador, cujos processos diriamos já elaborados através de uma longa vida pela disciplina dos mais graves e absorventes estudos. Conclusões ou hypothesees, evidencias ou coniecturas, nada encontramos ahi sem o reforço de autenticidades e documentos; nada que se propoza como verdadeiro ou verosimil, para abalar os erros consagrados na Historia, sem um ponto de apoio indiscutível — a prova. E a inteireza scientifica é tal nesse historiador, tão rigorosa a sua analyse, esmiucando por um lado, esclarecendo por outro, que o cientista não se aventura a ser dogmatico, irrevogavel: admite ou presume, rectifica ou induz, confronta ou elucida. Por vezes, a sua dialectica intencionalmente estumada pela duvida, é uma sorte de claro-escuro, fazendo resaltar mais poderosa e mais suggestiva imagem da verdade.

Sobolem os valores desertivos, como as evocações de perfis heroicas ou theatraes, ao estylo dessas fortes paginas molhadas com a largueza, a inspiração, a fluencia, os rythmos sempre novos de um mestre; o *nacionalismo portuguez*, *Colombo em Lisboa*, o retrato do florentino Vespuccio, o esboço da politica de mysterio dos portuguezes no seculo XV, o preludio e a synthese emfim, desse complexo estudo de umavel maravilhoso ascendem vernaculamente para a litteratura, sem prejuizo do seu cunho scientifico. Dentre os maiores nomes intellectuales de Portugal e do Brasil muitos collaboram na empreza orientada pelo escritor, a quem devemos as linhas, os florões monumentaes desse portico. Malheiro Dias abre o caminho á pleiade relumbrante, mas a leitura da *introdução*, desde logo, nos dá triumphalmente uma certeza: ninguém será mais vibrante do que elle como estheta, ou mais profundo como historiador.

O desenvolvimento da *Historia da Colonização Portuguesa* vem actualisar no espirito brasileiro a consciencia e o or-

gulho da nossa linhagem, adornada heraldicamente pela Cruz da Ordem Atlantica de Sagres, por insignias e trophéos da gloriosa "cavallaria do oceano", de que foi mestre D. Henrique. Através dos novos capitulos, veremos expandir-se, penetrando as selvas, convertendo os selvagens, transplantada para o sólo americano, a civilização guerreira, mercantil e espirital dos Lusíadas — esse ramo da christandade, inexgotavel como seiva, immarcessivel como verdor, que se destacou da arvore latina, cedo, para engrinaldar o mundo, cingido de louros e coberto de joias pela Renascença, com a floração da sua idealidade quinhentista e da sua epopeia camoneana.

Mas tambem nos parece justo acrescentar, historicamente, ao esforço e aos brazões dos antepassados o arrojo e as virtudes da prole, cuja independencia attinge neste anno o seu primeiro centenario. Filho de conquistadores, o bandeirante conquista o enorme Brasil colonial, triplicando a área portugueza do Tratado de Tordesilhas, ultrapassando ao norte o Guajará e ao sul transpondo a Laguna. Filho de guerreiros, o pernambucano do seculo XVII, desamparado por uma Côte, que trahia os interesses da propria raça diante da politica de Haya, reata os élos truncados pela invasão á corrente da vida saccional. Sem a alliança dos tupys bellicosos e a fecundação das indias robustas, se despovoado lhe fosse o Brasil, a exémplo das ilhas do Atlantico, ou irreductiveis fossem ao commercio e ao cruzamento os seus habitantes selvagens, ou a descendencia viesse tarada e mofina, como lograria estabelecer-se nesta immensidade o reinicola, e afugentar os concorrentes extrangeiros, e abater as tribus inimigas? Quem lhe daria a força do numero, o escasso ainda hoje á posse da natureza illimitada? Onde teria elle, mesmo depois de jungir populações africanas á lavoura dos engenhos ou á industria das minas, o concurso dessas qualidades varonis, dominadoras, luso-brasileiras, de que foram exponents os mamelucos no periodo nebuloso das nossas origens? Certo, a gloria colonial dos Portuguezes, antes de tudo, é haver procreado taes homens, aventureiros e ambiciosos, batalhadores e indomaveis, tão soberbos da sua progenie lusitana como inimigos da selvageria nativa, hereuleamente adaptados ao meio na paz e na guerra, lidando em uma e outra com a resistencia, o denodo, a sobriedade e obstinação, que possuem algo de titanico em face das montanhas ainda não escaladas, em busca dos céos ainda não vencidos. Foram inexoraveis, na caçada ao povo guarany das reduções jesuíticas, mas imprescindiveis á expansão da peripheria nacional. E assim pudemos subordinar sem jactancia os factores economicos, politicos e religiosos da nossa formação a esses valores biologicos, determinantes de uma energia brasileira, ingenuamente nossa, que ampliou a terra natal, desde a aurora dos tempos coloniaes, dilatando a America portugueza através da America hespanhola.

Depressa virá o escol, o novo e forte Brasil, erigido sobre a massa dos combatentes, dos sertanistas e dos escravos, pela immigração de cavalheiros do mais nobre sangue, pela ascensão de outros elementos ao bem estar e á cultura, pela diferenciação ethnographica dos europeus e dos naturaes, pela transposição real da colonia e da metropole, facto decisivo para a soberania do Brasil, que instantaneamente surge, em 1808, com os seus portos franqueados ao commercio das nações amigas, industrias já livres, imprensa, lyceu, bibliotheca, a ordem administrativa e a ordem judiciaria não mais dependentes de Lisboa, centralizadas agora na monarchia sul-americana de D. João VI. Já escrevia no *Correio Brasiliense*, em 1820, Hyppolito José da Costa: "Todo o systema de administração está hoje arvanjado por tal maneira que Por-

tugal e Brasil são dous Estados diversos...

Ao nativismo faccioso dos motins locais succedem os movimentos aureolados pela força intellectual: na mentalidade universitaria dos nossos estudantes, que regressam da Europa, a idéa emancipadora assimila os direitos do homem, os principios do liberalismo britannico e da revolução franceza. o masculino ensinamento dos Estados Unidos. Jefferson dirá, sem lisonja, que o Brasil é tão instruido quanto a mãe patria. Como sonhos dramatisados pelo absolutismo, a Inconfidencia mineira e a conjuração pernambucana entremostrom no halo sangrento do seu martyrio o Brasil de 1822, luminoso campo de gravitação dos valores mentaes, attrahindo sacerdotes, poetas, juizes, escriptores e militares ao fóco da mesma empreza revolucionaria.

Se a temeridade e a robustez dos matelucos impressionam Robert Southey, na vida barbara dos acampamentos e dos arraiaes, outra forma de energia, a sagração energia mental, vai conduzir agora as bandeiras da Independencia, que é sobretudo um facto de intelligencia, a victoria do espirito brasileiro sobre os planos obsoletos e contradictorios de recolonização

das côrtes de Lisboa, onde se faz ouvir o nosso protesto soberano, porque é já uma expressão de soberania a palavra dos nossos deputados, não só independentes, mas também indomitos. Compondo o "Elogio Historico de José Bonifacio", observou Latino Coelho: "Nos fins do seculo XVIII e nos primeiros decennios do seculo XIX—digamolo sem vaidade nacional—a maioria dos nossos talentos mais formosos haviam tido o seu berço no Brasil. Entre elles era certamente o primeiro pela sciencia, pelo engenho, pela função que devia desempenhar na historia do seu povo, o Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva". Destacavam-se bellamente as figuras de Pereira Caldas, espirito contemplativo nas brumas da poesia sacra, Hippolyto Costa, publicista e paladino do *Correio Braziliense*, Moraes e Silva, copioso lexicographo, Azeredo Coutinho, mentalidade exacta de economista, Villela Barbosa, geometra subtil, Nogueira da Gama, estadista e cathedratico, Vicente de Seabra, um dos iniciadores da chimica, Conceição Velloso, embebido nas surpresas da *flora fluminense*, Alexandre Ferreira, enleado nos prodigios do valle amazonico, Silva Feijó, mineralogista, Elias da Silveira, medico. A constellação

de grandes nomes brasileiros, que illustravam dest'arte as sciencias e as letras, vinham conjugar-se mais fulgurações politicas e heroicas, denodados cavalheiros da Liberdade, como Januario Barbosa, Gonçalves Ledo, Diogo Feijó, tantos outros, batalhando em volta do Patriarcha...

Desde que se transformou a historia da colonização portugueza com a Independencia, ou melhor, com o Imperio americano de D. João VI, em historia da cooperação portugueza no Brasil, e assim continúa a valer para destinos maiores, tudo quanto nos approxime das origens, dos pensamentos e esforços communs á raça, levantará os nossos ideaes á altura das nossas tradições, fortalecendo-os pela continuidade historica, mesmo sem intuitos de allegoria ou tendencias exclusivistas. Carlos Malheiro Dias, homem de sangue luso-brasileiro, alma europeia na consonancia e tropical na ardencia das suas manifestações, é o realisador prestigioso e feliz dessa obra, em que se espelham vultos e feitos, armas e signos do Passado, gloriosamente, prenunciando na descoberta das terras occidentaes, sob novos astros, o curso impetuoso de uma vida nova.

Celso Vieira.

JOSE' BONIFACIO, O MOÇO

De uma memoria sobre a "Oratoria no Brasil" apresentada ao Congresso de Historia da America

"Morto, parece ainda maior do que vivo! dizia Henrique III, compassando com os olhos o corpo do Duque de Guise. E' a mesma impressão que nos salteia diante desta sombra, enquanto procuramos calcular o que era José Bonifacio pelo que com a sua ausencia deixámos de ser, e tentamos medir o gigante pelo vasto rasgão sombrio, que o seu desaparecimento abriu no disco da patria. (1).

E assim se refere alguém, algum dia não menor que o elogiado e também nada inferior á alma intrepida e impetuosa que tivera Henrique de Lorena, em vida!

E era o ultimo que sobreviveria do grupo esplendido e admiravel dos antigos discipulos de Bonifacio, e talvez um dos maiores. O ultimo para construir uma memoria!

Porém nada é mais bello do que o mestre cercado de suas discipulos: — "Joaquim Nabuco, o futuro orador do abolicionismo, ponto radiante que já se destacava na corôa solar do nome paterno; Barros Pimentel, merecimento dos mais puros, envolvido tenazmente pela sua modestia num casulo de sêda; Martim Cabral, grande bolide fulgurante, que se perdeu no horizonte da tribuna brasileira; Gavião Peixoto, um dos testamenteiros Moraes de José Bonifacio; Salvador de Mendonça, o publicista do Ypiranga; Americo de Campos, o estoico; Americo Brasiliense, temperamento americano alienado para a republica pela rotina perversa da monarchia; F. de Menezes, um folhetim vivo, o Lohemio da esperanza, o fundador da *Gazeta da Tarde*; Castro Alves, o poeta dos escravos. José Bonifacio teve ali palavras commovidas, que se phonographaram no espirito dos ouvintes: "Os combatentes de hoje", dizia, "são as aves já em meio do caminho, poisadas nos ramos seccos da floresta. A mocidade é o futuro, as andorinhas em busca da primavera e da luz." E Ferreira de Menezes de atalhar:

"A luz é V. Ex.

"E o foi até o derradeiro dia. (2)

E então na conventual e pequena cidade de S. Paulo, na cidade ainda simples e triste, com o seu traçado antigo, modesto como o espirito do jesuita, que lhe dera o berço, — havia um novo mestre, cercado admiravelmente dos seus discipulos, com a imaginação inspirada, nova e bella como os rebentos de uma esplendida primavera!

E os discipulos ouvindo-o entusiasmados para não se saciarem! E os ensinamentos, as lições, eram para elles infundaveis: como "uma memoria miraculosa, uma desas memorias capazes de reconstruir, como a de Sealigero, a Illiada e a Odysseia, como a de Macauby, o Paraizo Perdido, como a de Pascal tudo o que elle tivesse lido uma vez, arrastava em catadupa leis, datas, factos, bro-

cados, algarismos, idéas, fragmentos minimos de minerio precioso e enormes massas alluviaes de saber." (3).

E então é que esse "exagero de imaginação" era prodigioso, era effectivo e entre as melhores scenas de sua vida estavam aquellas em que, com uma convicção de propheta, criava aquella linguagem em imagens maiores, como se melhorasse a comprehensão dos que o ouviam, como se lhes elevasse o espirito, como se impulsionasse os homens em turbilhão, para o que seria a vida nova no Brasil.

Imaginação de José Bonifacio, o moço, era prodigiosa, porém seu temperamento, de uma belleza incomparavel, de uma poesia transcendente! Tudo nelle era mavioso, quer as suas inspirações quer as suas coleras: — Elle "empunhou o latego mais formidavel que já ouvi estalar nas lutas da publicidade, contra um valido da casa imperial, brindado com o governo de S. Paulo.

"Outros experimentaram depois esse agoite sublime, entretencia de Juvenal Tacito; e não sei se saíram menos mal feridos. Perdoado-me, porém, que nunca lhes ha-de de esquecer essa loira phisionomia de Nazareno, com a aureola da pureza na fronte e fulgar da colera nos olhos azues." (4)

Este homem entre os discipulos teve uma missão.

José Bonifacio era uma protophonia de um grande acontecimento, do que seria mais tarde a nossa vida moderna. Em sua linguagem já resoavam todos os nomes capazes de fazer um pensamento que attingisse a vida turbilhante moderna, a missão e o dever do pensamento especulando o que seria mais tarde uma industria, uma questão social entre nós; e a sciencia do mestre innovava nomes, e conhecimentos, e curiosidades, para os que começavam estudar pela sua mão. E entrementes, havia então, sobre tudo, a grande lição de inspiração moral que precisava ter o grande dia de amanhã.

Como o despontar de uma orchestra, quando se esboçam confusos, entre os excessos dos sons, todos os motivos, todos os elementos, ainda vagos, aturdidos e de um posterior desenvolvimento, só mais tarde, preciso, energico. — Assim eram os prenuncios da imaginação do mestre. Elle entre este excesso de imaginação annunciava para os que o ouviam, moços e encantados o que lhes servio depois. Para estes:

"V. Ex. é a luz!"

"E o foi até o derradeiro dia.

E um dia desceu da pequena cidade de S. Paulo, veio para o Rio de Janeiro, em demanda do parlamento.

E veio encontrar ministros para interpellal-os.

Feijó Bittencourt.

(1) Ruy Barbosa — *Paginas Litterarias*. Pag. 23.

(2) *Ibid.*, pag. 44.

(3) *Ibid.*

(4) *Ibid.*

O ESPIRITO NACIONALISTA NA PINTURA BRASILEIRA

A nossa arte colonial floresceu, espontanea e obscura, sob a influencia do meio physico, restricto e barbaro. Surgio no grande ambiente que os descobridores e povoadores exploravam sem alidar e foi vivendo como uma flôr de humildade e de graça, producto exclusivo da fé religiosa, "transplantada do velho mundo e vicejada á sombra rude da intelligencia desse tempo" — sem tradicção e sem historia — prompta a se dominar pela influencia nova que surgisse.

Nascida num meio onde era completa a ausencia de obras de arte, sem expressões de belleza que falassem á esthesia do povo mal constituido ainda, a arte rebentou como uma flôr exotica que um destino pouco amavel talvez cedo fenecesse irremediavelmente. Nada havia que auxiliasse o scintillar de uma vigorosa manifestação pinturesca.

Nascendo a pintura, fel-o sob a influencia da Igreja, nella encontrando o unico manancial onde pudesse saciar sua sede natural de expansão creadora. E da pintura religiosa nestas plagas foi precursor, Frei Ricardo do Pilar, "instituidor da pintura a oleo no Rio", monge beneditino, nascido em Flandres, em 1696.

Mas feliz do que nós fóra Pernambuco, que vira os artistas de Nassau, principalmente Franz Post que foi o primeiro, em 1677, a fixar na téla a natureza pernambucana — o primeiro a vibrar á belleza da paisagem nacional, inspirando-se nos seus aspectos rudes e emocionaes, ao contrario da sua longinqua natureza bätava. A bruma da sua patria succedia aqui um sol de fogo, a melancolia succedia uma esturda vibração de vitalidade desvairada, esse contraste despertando no artista uma forte impressão de encantamento e de belleza triumphal, tão grande que conseguiu modificar a sua pintura, que os batavos diziam agora ser selvageria...

Mas foi curta a sua permanencia no paiz.

Renegado pela gente colonial ainda sacudida nas agitações dos dias do dominio hollandez, Post não deixou discipulos no Brasil.

Na Bahia, segundo Manoel Quirino, só depois do meiado do seculo XVII em diante é que se veio a possuir paisagens pintadas pelo artista sobre os proprios lugares", o methodo de tal innovação cabendo, a acreditar em Wagen, a Franz Post. Na mesma época appareceu tambem uma paisagem de Ecknout (missão Nassau).

Os artistas naturaes que surgem seguem o rumo dos do Rio — fazem pintura religiosa, delle sendo o fundador José Joaquim da Rocha, que deixou um grande discipulo, Velasco (Antonio Joaquim Franco); em Minas não floresce melhor a arte, ou não floresce fóra dos templos sagrados, na companhia beatifica e doce dos santos.

A alma nacional não influira nas nossas manifestações estheticas ainda sem noção segura da sua força nos destinos da patria sob o jugo estrangeiro. Melhor do que ficou dito o povo da colonia não tinha alma nacional, desintegrado da patria, alheio a ella, á vontade do subjugador violento.

Nossa pintura prosegue assim até 1816, quando se fundou a Academia de Bellas Artes, sem caracteristica de nacionalidade, sem ser brasileira, sem espirito nacional. Iniciando o seu primeiro periodo com o ensino official da missão Lebreton, ella continua a mesma no transcórre dos annos: vive ainda nas igrejas e nos conventos, temendo o sol e as vibrações da terra já liberta.

A natureza seduz, porém, os artistas da missão; Nicoau Tauuay, Emilio Taunay, seu filho, Augusto Muller, vai a Bevelot e chega a Reis Carvalho, que se distinguiu na pintura de natureza morta.

O espirito nacional continuava erradio, fóra da pintura, que já devia ser um reflexo da alma patricia que já tinha paginas bellas de emoção e de fixação brasileira, desde a chegada dos primeiros donatarios das capitancias até alguns annos depois da independencia.

Surge, então, um que viria a ser um das figuras mais sympathicas das artes plasticas: Porto Alegre. "Desde a infancia mostrou sempre muita inclinação para o desenho e as sciencias naturaes, pois passava as horas vagas a pintar e colher productos da natureza, dos quaes tinha no seu quarto um museusinho preparado por elle."

Foi discipulo de Débret e da Academia, na exposição de 1830 obtendo premios de pintura, esculptura e architectura.

Pintou D. Pedro I, partio para a Europa, frequentando em Pariz a aula do Barão Gros, estudando anatomia com Eméry, viajando depois por Londres, Belgica e Hollanda. Regressando ao Brasil foi nomeado professor de pintura historica, depois pintor da Imperial Camara, Director da Academia, tendo se distinguido dentre os seus contemporaneos.

A pintura que viera dos tempos coloniaes dos claustros, começava de surgir no retrato e na historia, ás vezes na paisagem, mas sem fulguração correspondente á natureza circumdante, que teve na época um exaltador preciso: Agostino da Motta, sem contudo ter nascido paisagista.

Foi um artista de merito, na paisagem e em natureza morta não tendo, disse Gonzaga Duque, com quem possa soffrer confronto—"O temperamento de Motta não lhe permittio ser creador e arrojado, mas brando, manso, e delicado, e, por isso, a feição mais terna e suavemente poetica que existia na natureza brasileira, elle apanha e traduzio como ninguem ainda, até em nossos dias (88), a tem comprehendido e interpretado com maior saber e igual talento."

Em 1856 não tinhamos ainda um pintor de espirito nacional, um pintor que refletisse a alma da gleba, siquer um artista que nos desse a expressão da potencialidade e exuberancia da natureza nativa.

Fomos evoluindo. Os pintores se succediam, apontavam capacidades brilhantes. Surgio Arsenio Silva, paisagista de algum talento, pintor admiravel de *gouaches*, se notabilizando em natureza morta. Vai apparecer, para gloria futura da arte, um nome extraordinario: Pedro Americo. Foi um tumultuoso de fama, um arrebatado de aspirações, um batalhador invulgar com a preocupação constante e ardente da gloria, um genio na sua arte de mocidade forte e na realização pictural feita de enthusiasmos heroicos e immercessiveis bellezas.

Gonzaga Duque chomou-o um idealista ecletico e é, segundo Argeu Guimarães, mais do que Victor Meirelles, um representativo da esthesia brasileira, com as suas demasias, e sua sensualidade.

Fez a primeira tela brasileira de assumpto militar: *Combate de Campo Grande*, depois *Batalha de 24 de Maio e Batalha do Ivaí*. Fez-as não por vocação ou espirito patriótico, mas por interesse, como teria feito um retrato ou uma paisagem, que também não eram da sua predilecção. Em toda a sua obra é a historia sagrada que domina — porque a sua "paixão só a historia sagrada sacia... Effectivamente, a arte de Pedro Americo transluz em *David, Judith, Heloisa, Jacobel*, palpita em maravilha de emoção em *Joanna D'Arc, Socrates e Alcibiades, Rabequista arabe, Petrus ad Vincula*, depois em *Proclamação da Independencia, Hora e Patria e Paz e Concordia*.

Como elle, Victor Meireles é o grande pintor consciencioso, o artista brasileiro a quem o desenho mais tem preocupado. Fez a *Primeira missa*, que o celebrou, e levado pelo interesse, como Pedro Americo, executou quadros de assumpto militar, como *Passagem do Humaytá, Batalha de Riachuelo e Batalha dos Guararapes*.

Nenhum espirito nacionalista animava os dous invejáveis pintores brasileiros, nenhum sentimento civico os levava a fixar essas paginas immorredouras em que a nossa bravura brilhou tanto.

Onde encontrar então o espirito brasileiro na pintura do Brasil? Só a natureza consegue por vezes inspirar o artista, dar-lhe o fulgor nativo do seu sol, ou a melancolia das suas tardes outomnaes, a doçura das suas horas de paz e de recolhimento e o tropicalismo luminoso dos seus dias veranicos.

Com o sentimento profundo e natural da gleba, sentindo-a com todo seu calor e sua belleza, no seu seio ou longe della — pintando-a ou ouvindo-lhe o sussurro mysterioso e vendo-lhe a belleza verde intraduzivel, surgiu um dia um paulista: Almeida Junior. Foi brasileiro na arte, nos costumes, na alma: sentia como brasileiro. Sua arte é sem artimanhas e truques: é leal, franca, espontanea e fulgurantissima. Sua obra é das mais bellas de nossa pintura e de sentimento mais vivo da terra.

Vêm depois do artista brasileiro do *Descanço do lenhador*, Rodolpho Amoedo, uma organização esthetica das mais apreciaveis do Brasil, mas incaracteristico quanto á nacionalidade, Decio Villares, Aurelio Figueiredo e Augusto Duarte.

Jorge Grimm é o allemão a quem o estudo da natureza fascina e funda uma escola ephemera. Quer a natureza apanhada na natureza, a vida das cousas apanhadas nas mattas, no grande sol, sentida em plena floresta. Tal mestre deu-nos discipulos que fizeram renome, como Parreiras, Castagneto e outros.

Amoedo fez o *Ultimo Tamoyo*, uma das télas mais importantes do Brasil, como *Marabá*, sem preocupação nacionalista, sem sentimento de nacionalidade, mas como simples motivos estheticos. Parreiras realiza a espiritualidade da paisagem nativa e ultimamente faz intensamente a historia, mas como já fizera a marinha, o genero, o nú, encycopedico e estupendo; Castagneto fixa a volubilidade do mar, todas as suas emoções de serenidade e de coleras, tornando-se insuperavel até hoje: Medeiros (J.) faz Iracema, a filha dos Tabajaras e outros quadros historicos, como também fizera o genero, o retrato, a natureza morta: Firmino Monteiro fez a *Fundação da cidade de S. Sebastião, o Vidigal, Morte de Camões, Episodio da Retirada de Laguna* e outros assumptos arrancados á nossa historia tão esquecida e lembrada em tumulto, apagando-se individualidades esplendentes e fazendo-se resurgir outras dignas do olvido nacional. Passando o segundo Império, chegando até hoje a nossa pintura é a

mesma imprecisa, sem espirito local, sem a sagrada aura ambiente, sem idclalidade patria.

Aqui como nos Estados onde ha visos de arte, como Bahia, Pernambuco, S. Paulo, Rio Grande, os artistas cuidam da historia com cuidado do genero e do nú. A propria paisagem, que esforço Santo Deus! para fazel-a dando a impressão do meio, a alma da gleba, o quê divino que a distinga das outras paisagens!

Temos arte cosmopolita, ainda como ha dezenas de annos, vivendo sob influencias extranhas. A nossa litteratura cedo se apercebeu de sua grandeza nos destinos da nossa nacionalidade e rebentou em florações primaveraes, revelando a poesia e os ancelos moços da terra fecunda, immensa e linda.

A pintura, não. Esta ficou á margem. Foi vegetando ao largo da agitação brasileira, dentro do Brasil e filha delle, mas estrangeira, sem a graça maternal que a tornaria uma alta expressão esthetica seductora.

Qual a paisagem que mais revela a terra, que melhor traduz a natureza febelde?

Em que artista vibra mais o sentimento nacionalista, dando ás suas obras uma caracteristica brasileira? Que artista haverá que se possa chamar pela realização pictorica, de genuinamente nosso contendo nos seus motivos o sentimento da Patria?

Já em 1888 o luminoso e inesquecivel Gonzaga Duque inqueria da existencia de uma *escola brasileira*.

E perguntava, como ainda hoje, um quarto de século depois, perguntaria?

"Onde a vida dos nossos tropeiros, a representação das scenas da roça, da existencia das *fazendas*, dos costumes dos escravos? Onde os assumptos da nossa historia, aquelles assumptos que mais intimamente nos fallam da formação da nossa patria, os episodios da independencia, a revolução de Tiradentes?"

Pois é essa arte que ainda nestes dias, mais brilhante é verdade do que hontem, ahí temos.

Isso serve para affirmar que os acontecimentos mais palpitantes da vida nacional não tem emocionado a nossa pintura ou a nossa pintura delles se tem afastado propositadamente, o que não é crível.

No cosmopolitismo das suas manifestações e influencias adquiridas, a nossa pintura com cem e tantos annos é ainda infantil. Está como nos seus primordios, na perspectiva de um rumo. Ao rumor de todas as palpitações da Patria, só ella não vibra, só ella não reflete o que temos sido e o que somos, só ella não guarda, como uma emanção divina da sua vitalidade o espirito nacionalista, o sangue da raça, o traço inconfundivel, a alma brasileira.

Combatendo pretendida *Escola Brasileira* perguntava ainda o estheta saudosissimo dos *Graves e Frivolos* se "esse desnacionalismo ameaça continuar"

E elle mesmo achava que sim. E não fallou a previsão sabia.

A arte que ahí está maravilhando na palheta fremente de Parreiras, fulgurando em Visconti, grande em Bernardelli, Amoedo e Belmiro, suave no lyrismo sonoro de Baptista da Costa, e na obra de um pugillo de novos talentosissimos, é uma arte que não desmereceria nenhum povo artista, mas não é uma arte brasileira, nascida aqui, ardente do nacionalismo que a faria ainda maior e mais encantadora pela caracteristica e pela finalidade.

E como Gonzaga Duque perguntamos nós também: E esse desnacionalismo ameaça continuar?

A DIPLOMACIA DA INDEPENDENCIA

A diplomacia puramente brasileira surgiu em data anterior á que se consagrou como ponto de partida da emancipação politica nacional.

Já havia então regressado a Portugal o rei D. João VI, cuja autoridade se annullara quase por completo sob o jugo despotico das Côrtes convocadas pelos revolucionarios portugueses de 1820.

As ineptas resoluções com que a assembléa tumultuaria de Lisboa pretendia legislar sobre o Brasil cada vez mais favoreciam, deste lado do Atlantico, o surto das idéas nacionalistas.

Um movimento popular tinha já levado o principe regente a desobedecer á ordem imperativa de voltar á metropole, quando novas medidas de hostilidade contra a regencia brasileira vieram determinar um estado como que de franca belligerancia entre as duas partes do Reino Unido, caracterizada pelo decreto de 1 de Agosto de 1822, em virtude da qual se declaravam inimigas quaesquer tropas portuguezas que, contra a vontade do Governo do Rio, pretendessem desembarcar no Brasil.

Entretanto, a rebellião do principe regente e do seu ministério não era propriamente contra a metropole, mas apenas contra a sujeição ás Côrtes, que haviam usurpado o poder soberano.

A idéa que ainda predominava aqui entre os homens de governo era a de uma simples autonomia administrativa para o Brasil, ou, quando muito, a de uma união pessoal com Portugal. Esse pensamento está, aliás, bem patente no sobredito decreto de 1 de Agosto e nos dois manifestos do mesmo mês.

José Bonifacio, que redigiu o ultimo desses documentos (manifesto de 6 de Agosto), ainda se exprimiria no mesmo sentido, na circular dirigida ao corpo diplomatico estrangeiro, em 14 de Agosto.

Sabe-se, ao demais, que o grande ministro de Pedro I, nada obstante o titulo com que o ehrismaram de *patriarcha da independencia*, não foi favoravel ao movimento de completa emancipação politica, do qual, em 1822, Joaquim Gonçalves Léo e alguns amigos se fizeram denodados paladinos.

Não é puerilidade, nem perversidade, como pretende eminente historiador patricio, declarar José Bonifacio estranho á direcção daquele movimento. Os testemunhos da época e o do proprio ministro de Estado deixam o caso perfeitamente esclarecido e, de certo, fazem mais fê do que afirmações graeiosas, apoiadas simplesmente numa tradição sem base firme.

Parece hoje demonstrado que o illustre Andrada sempre foi adverso ás idéas democraticas e, por isso mesmo, opposto ao grupo liberal de Léo, a quem moveu terrivel perseguição.

Em 10 de Agosto de 1822, escrevia o barão de Mareschal para Vienna que José Bonifacio "lucta contra a revolução" Esta significava então o movimento separatista, ao qual o proprio D. Pedro só adheriu forçado pelas circunstancias.

O mesmo encarregado de negocios da Austria (Mareschal) era quem ainda mandava dizer para a sua Côte que José Bonifacio considerava prematura e até mal arranjada a solução que aqui se ia dar ao dissídio surgido entre as duas porções do Reino Unido.

Dias depois do Sete de Setembro, e quando José Clemente Pereira e Gonçalves Léo se esforçavam por fazer proclamar D. Pedro imperador do Brasil, o grande paulista, — a quem deve a Nação incontestaveis serviços de alta valia, mas que se não pôde dizer tenha sido o patriarcha da independencia, — ainda se declarava alheio áquellas patrioticas intenções, embora já visse com satisfação a elevação do Principe á dignidade de Imperador. Disto ha, pelo menos, um testemunho digno de crédito. É o do coronel Maler, encarregado de negocios da França, o qual, em officio de 24 de Setembro de 1822 ao visconde de Montmorency, assim se exprimia: "Je sais d'une manière positive que Mr. d'Andrada dit le samedi 21 à un de ses meilleurs amis et confidens, qui lui représentait l'inutilité et les dangers de cette innovation, *Le Ministre de S. A. R. ne prend pas de part active à cet évènement, il laisse faire mais il verra avec satisfaction l'élevation du Prince à la dignité d'Empereur*" E accrescentava, aliás no mesmo sentido em que Mareschal escrevia para Vienna, embora em contrario á lenda que aqui se formou com relação á Princesa Leopoldina: "Je sais encore d'une manière indubitable que la Princesse Royale est très peinée et très sensiblement affectée de ce changement et qu'elle n'ose manifester son opinion"

Muito instructiva tambem, para o exacto conhecimento dos verdadeiros sentimentos nutridos por José Bonifacio naquella época, é a declaração que fez a Maler na noite de 11 de Outubro de 1822,

isto é, na vespera da aclamação de D. Pedro como imperador: "se S. M. Fidelissima voltar ao Brasil será recebido de braços abertos" (Officio de 13 de Outubro de 1822, ao visconde de Montmorency.)

Foi para realizar os intuitos declarados no manifesto de 6 de Agosto de 1822 que o Governo do Rio de Janeiro, em 12 do mesmo mês, nomeou o marechal de campo Felisberto Caldeira Brant Pontes, depois visconde e marquês de Barbacena, e o cavalleiro Manoel Rodrigues Gameiro Pessoa, futuro barão e visconde de Itabayana, para servirem como encarregados de negocios, respectivamente, em Londres e Paris.

Nas instrucções que José Bonifacio lhes remetteu naquella data (12 de Agosto), era explicado que o Principe Regente desejava entrar em relações directas com as nações estrangeiras e pretendia o reconhecimento da independencia do Brasil "e da absoluta regencia de S. A. R.", emquanto o Rei D. João VI se achasse "no affrontoso estado de captiveiro a que o reduziu o partido faccioso das Côrtes de Lisboa" Mas, para evitar dúvidas, se acerescentava: "nós queremos Independencia, mas não separação absoluta de Portugal"

Já estavam na Europa os dois primeiros agentes diplomaticos brasileiros, quando aqui se lavraram os decretos das respectivas nomeações.

Longe de serem nomes desconhecidos, ambos já se haviam assinalado na vida pública, um como militar, politico e administrador, e o outro como diplomata.

Gameiro Pessoa fôra secretario da delegação portugueza ao Congresso de Vienna, o que lhe proporcionara fazer excellentes relações; e junto á Côte de S. M. Christianissima, onde aliás já servira como secretario da Legação de Portugal, iria patentear novamente as suas apreciaveis qualidades de prudencia, discricção e zelo pelo serviço público, que o tornavam merecedor da inteira confiança e estima que D. Pedro lhe consagrava.

Espirito mais brilhante e dotado de um senso pratico admiravel, Caldeira Brant, cujas variadas aptidões eram bem conhecidas já havia prestado reaes serviços á patria, que delle tinha ainda muito a esperar.

Como inspector das tropas na Bahia, cargo que exerceu por alguns annos, revelou elle os seus dotes de energia, actividade e iniciativa, sempre postos em evidencia nas diversas commissões que desempenhou.

Ainda quando no estrangeiro, onde se achava desde meados de 1821, os interesses nacionaes nunca deixaram de o preoccupar.

Os seus conselhos e suggestões, em cartas dirigidas a José Bonifacio, eram constantemente determinados pelo mais sincero patriotismo. E até se pode affirmar que muitas das medidas aqui adoptadas pelo governo do principe regente eram por elle alvitadas, de Londres. E', nesse sentido, mui expressiva a carta secretissima de 1 de Maio de 1822, na qual parece que José Bonifacio se inspirou bastante, quando redigiu o manifesto de 6 de Agosto. O contracto de Cochrane para o serviço do Brasil foi, igualmente, suggerido por Brant, que, aliás, não se limitava a lembrar medidas politicas ou de defesa do país, mas tambem outras, que diziam mais de perto com a pública administração ou com o progresso material do Brasil.

Outros serviços de valor vinha elle então prestando, de maneira que a sua nomeação como encarregado de negocios foi, até certo ponto, uma confirmação de funções que officiosamente já estava a desempenhar.

Tão bem se houve Brant, desde o inicio da sua acção diplomatica, que dentro em pouco George Canning, ministro dos negocios estrangeiros de S. M. Britannica, se dispôs a reconhecer a independencia do Brasil, contanto que fôsse aqui abolido o commercio de escravos.

Por muito tempo, essa questão, associada pelo governo britânico á do reconhecimento, tornou improficuos os esforços de Brant, pois, se bem que este aconselhasse frequentemente para o Rio de Janeiro a adopção da medida exigida como condição *sine qua non*, o governo brasileiro reluctava em assumir qualquer compromisso a esse respeito.

Vindo ao Brasil em Agosto de 1823, deixou Brant os interesses nacionaes, em Londres, confiados ao grande patriota que se chamou Hippolyto José da Costa Pereira Furtado de Mendonça.

Muito pouco se tem dito dos incalculáveis serviços prestados á causa nacional pelo vibrante jornalista do *Correio Brasiliense*. Entretanto, a acção que, das columnas do seu periódico, exerceu sobre a formação do espirito nacionalista brasileiro foi das mais notaveis.

A interinidade em que o deixou Brant teve curtissima duração, pois veio a fallecer pouco depois, isto é, a 11 de Setembro de 1823.

Foi então transferido para Londres Gameiro Pessoa, que, desde o recebimento da sua nomeação para encarregado de negocios, vinha desenvolvendo louvavel actividade. Não conseguira, é verdade, ser admittido no Conselho dos Alliados, em Verona, conforme tentara. Mas, além das sympathias que, na Côrte de S. M. Christianissima, conquistara para a causa do Brasil, havia obtido do Governo francês algumas medidas de ordem pratica, como por exemplo a nomeação de um consul geral para o Brasil e a admissão de passaportes expedidos aos Brasileiros sem intervenção da Legação portuguesa.

Passando-se para a capital inglesa, ali o foi encontrar, pouco tempo depois, Caldeira Brant, que recebera ordem de regressar á Inglaterra, com a incumbencia de negociar um emprestimo de tres milhões esterlinos e de trabalhar, juntamente com o seu collega, pelo reconhecimento da independencia do Imperio.

Em Paris, a representação brasileira foi, a esse tempo, confiada a Domingos Borges de Barros, que ás qualidades de poeta imaginoso unia as de diplomata sagaz, graças ao que conseguiu conservar a excellente situação que ali havia Gameiro adquirido.

Alguns meses antes fôra o antigo camarista de D. Pedro, Comendador Antonio Telles da Silva, mais tarde visconde e marquês de Rezende, despachado para servir junto a S. M. o Imperador da Austria, sogro do monarcha brasileiro.

Chegando a Vienna a 24 de Julho de 1823, Telles da Silva teve acolhimento polido da parte de Metternich, que, com a sua proverbial duplicidade, procurava meios e modos de enganar o agente brasileiro. Este, valendo-se habilmente dos serviços de Gentz, secretario do grande Chancellor, sempre obtinha e mandava para o Governo do Rio de Janeiro curiosas informações e, aos poucos, ia criando um ambiente favoravel ao nascente Imperio, na Côrte de S. M. Imperial, Real e Apostolica.

Em Agosto de 1822, exactamente na mesma época em que nomeara agentes diplomaticos para servirem nas Côrtes de Londres e Paris, resolvera o Governo brasileiro despachar para Washington, com missão identica, o official da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros, Luis Moutinho Lima Alvares e Silva. Não chegou este, porém, a partir, sendo considerados mais uteis os seus serviços naquella repartição.

A José Silvestre Rebello coube substitui-lo em tal missão, sendo para esse fim nomeado, por decreto de 21 de Janeiro de 1824. Tanta sorte teve Rebello que, algumas semanas apenas depois da sua chegada á Capital dos Estados Unidos da America, isto é, a 26 de Maio de 1824, conseguiu o reconhecimento do Imperio por parte da grande Republica do Norte.

Ainda nesse anno de 1824, o Governo imperial houve por bem mandar a Roma, como Plenipotenciario junto ao Vaticano, o Conselheiro de Estado e Cavalheiro de Christo, Monsenhor Francisco Corrêa Vidigal.

Tratava-se então de regularizar as relações do Imperio com a Santa Sé e os negocios da Igreja no Brasil. Questões de interesse não sómente espiritual, mas também politico, estavam ligados á missão de Vidigal, que levou como auxiliar Vicente Antonio da Costa, funcionario da Repartição dos Negocios Estrangeiros, ao qual se deve, principalmente, o exito das negociações entabuladas com o Governo pontificio.

Havendo chegado á Cidade Eterna em 5 de Janeiro de 1825, Monsenhor Vidigal só conseguiu ser recebido officialmente pelo Papa, então Leão XII, um anno depois, isto é, aos 23 de Janeiro de 1826.

No diplomacia brasileira dos primeiros annos de independencia, justo será salientar os nomes dos que mais directamente concorreram para o reconhecimento da personalidade internacional do Brasil, ou sejam Caldeira Brant e Gameiro Pessoa, especialmente o primeiro.

Os demais não devem, sem duvida, ser esquecidos, porque todos prestaram grandes serviços á causa nacional.

Mas, se a Silvestre Rebello, por exemplo, que obteve o primeiro reconhecimento, por parte de uma nação estrangeira, da independencia do Imperio, algumas circumstancias, e principalmente a prompta adhesão do Brasil á doutrina de Monroe, facilitaram a tarefa, — Brant e Gameiro encontraram na sua missão sérios empecilhos, contra os quaes houve mistér empregar toda a habilidade. Acresce que, embora fosse o reconhecimento da independencia o seu principal objectivo, outras commissões lhes tinham sido confiadas, todas de certa importancia, ás quaes procuraram dar o melhor desempenho possivel. Assim é, por exemplo, que, além da negociação do primeiro emprestimo contratado pelo Brasil independente, tiveram elles as incumbencias de contractar marinheiros, adquirir navios, executar encomendas para os Arsenaes de Marinha e do Exercito do Rio de Janeiro, etc.

Era notavel o zelo que punham no cumprimento de tantas obrigações, especialmente quando se tratava do que dizia respeito á defesa nacional. Para se vêr até que ponto chegavam, nesse sentido, as patrioticas preocupações de ambos, basta citar, ao acaso, este trecho de um officio enviado pelos dois ao Ministro dos Negocios Estrangeiros, Luis José de Carvalho e Mello, em 21 de Janeiro de 1825: "Reconhecemos que o nosso Governo economiza muito em mandar comprar na Európa munições e objectos de que precisa para fornecimento dos seus arsenaes: porém artigos ha que devem ser fabricados nesse Paiz, ainda mesmo quando saião mais caros; porque de outro modo jamais chegaremos a ter certos objectos necessarios para a segurança e defesa desse Imperio"

As sympathias de Canning pela causa do Brasil foram, sem duvida, de grande auxilio para os dois illustres diplomatas patriotas. Mas, convém não esquecer que para taes sympathias muito concorreu, de certo, o trabalho feito por Brant na sua primeira missão.

Por outro lado, eram enormes as difficuldades que se antepunham aos agentes brasileiros em Londres, pois tinham que enfrentar a má vontade da maioria do Governo britannico, e do proprio rei, e toda a formidavel trama de intrigas da Santa-Alliança.

Quando a Inglaterra, em Janeiro de 1825, declarou a sua resolução de mandar Sir Charles Stuart ao Rio, em missão especial, os dois agentes brasileiros viram coroados de exito os seus patrioticos esforços. E não podia ser mais auspicioso o resultado, porque logo o Governo português, comprehendendo a inutilidade da continuação da sua resistencia ao reconhecimento, investia o mesmo Stuart do character de Plenipotenciario de S. M. Fidelissima, para tratar com o Brasil, e outras nações do continente europeu se apressavam em procurar entrar em relações com o jovem Imperio.

As negociações de Stuart, em nome de Portugal, terminaram a 29 de Agosto de 1825, com a assignatura de um tratado de reconhecimento e de uma convenção addicional. Em Outubro, o mesmo Plenipotenciario firmava, pela Grã-Bretanha, dois outros ajustes que, entretanto, não foram ratificados pelo seu Governo. E a 30 de Janeiro de 1826 era Gameiro Pessoa, então Barão de Itabayana, recebido por Jorge IV, como Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario de S. M. o Imperador do Brasil.

Por seu lado, Telles da Silva (Visconde de Rezende), já obtivera o reconhecimento por parte da Austria, por nota de Metternich, datada de 30 de Dezembro de 1825.

Ainda anterior fôra o reconhecimento por parte da França, porquanto se considerou feito desde que, a 26 de Outubro do mesmo anno de 1825, o Conde de Gestas, representante francês no Rio de Janeiro, começou officialmente a negociação de um tratado de commercio, que viria a ser concluido em 8 de Janeiro de 1826.

Já reconhecido pela maioria das grandes potencias, não demoraria o Imperio em iniciar relações officiaes com todas as outras nações.

Ainda nisso o auxiliou bastante a sua diplomacia.

Entretanto, ao se glorificar a obra dos que se esforçaram pelo reconhecimento da independencia brasileira, não se fará justiça completa se se olvidar o trabalho, muita vez anonymo, mas quase sempre efficaç, da então Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros.

De facto, foi da conjugação de esforços dos que lá fôra se dedicaram a essa obra patriotica e dos que aqui lhes auxiliaram a tarefa, que resultou a entrada do Brasil, em curto prazo, no gremio das nações independentes.

Hildebrando Acioly.

OS FALSOS PRECURSORES DE CABRAL

Em meio das ruidosas manifestações do sentimento dos brasileiros, festejando com legítimo jubilo o primeiro Centenario de sua Independencia Política, surge mais um fasciculo da "Historia da Colonização Portuguesa do Brasil" Obra de prodigiosa erudição, em que desde alguns annos trabalha uma pleiade insigne de historiadores, geographos, astrónomos, paleographos, cartographos, litteratos e artistas, é a mais formosa dádiva que se destinou ao Brasil na commemoração do mais glorioso dos seus fastos. Neste momento, pois, de evocações e reivindicações historicas, é dever nosso assignalar aos intellectuaes brasileiros o texto do fasciculo VIII do primeiro volume da monumental publicação. Isto fazemos, primeiro, porque nelle se agita, se renova e se desdobra a questão sobremaneira transcendental do descobrimento do Brasil, e, depois, porque firma o severissimo trabalho o nome respeitavel do Sr. Dr. Duarte Leite, illustre Embaixador de Portugal, eximio professor de mathematica, homem de summa sapiencia.

A these, que vale por um desafio scientifico, é destas que até aqui ficaram sem solução, obscuras, confusas. A versão corrente era que, antes de Cabral, Vicente Pinzon, Diego de Lepe e tambem Alonso de Hojeda, haviam visto terras brasileiras, e, como defensores dessa precedencia, se apresentaram historiadores nacionaes como Varnhagen, Caetano da Silva, Rio Branco, Capistrano de Abreu e João Ribeiro; e notabilidades estrangeiras como Humboldt, Vignaud, HARRISSE e Navarrete. Pois bem: o eminente Sr. Dr. Duarte Leite põe por terra, desfaz, reduz a pó, toda a argumentação dos partidarios dos precursores castelhanos de Cabral. Acastellado numa formidavel, solida e irrefutavel documentação e após o estudo preliminar do professor Luciano Pereira da Silva, em que este magistralmente expoz a somma de conhecimentos nauticos de que dispunham os descobridores portugueses nos ultimos annos do seculo XV, contesta tudo quanto se relaciona com as frageis hypotheses que davam o fidalgo hespanhol Alonso de Hojeda como tendo estado no Rio Grande do Norte mezes antes da frota de Pedro Alvares Cabral, Vicente Pinzon como descobridor do Amazonas em Janeiro de 1500 e Diego de Lepe e Alonso Vellez de Mendoza como primeiros visitantes de paragens mais meridionaes. O trabalho do Sr. Dr. Duarte Leite, fruto amadurecido de dous annos de penosos estudos mathematicos, cartographicos e historicos, realizados com inatacavel probidade scientifica e verdadeira abnegação, é de tamanha magnitude, que revolucionará o mundo dos sabios pela revelação surpreendente de que foram genuinamente lusitanas as primeiras vozes que se fizeram ouvir no mundo brasileiro. Não exaggeramos dizendo que, desde muito, nenhum historiador se havia atirado a empreza tão complexa, tão gigantesca e tão palpitante e, o que mais importa, obtido resultado tão completo relativamente aos multiplos aspectos de que se reveste o magno problema. Com effeito, resumindo as conclusões de sua formidavel tarefa, elle pode afirmar categoricamente, pondo de parte outras viagens além da de Duarte Pacheco, por ficticias ou muito duvidosas, que *Alvares Cabral não teve precursores hespanhoes no descobrimento do Brasil, porque em 1499, Hojeda não cruzou o equador, nem sequer vio a foz do Orenoco; em 1500, Pinzon não esteve no Amazonas e, ficando para o norte, não ultrapassou o cabo de Orange; e, por ultimo, Diego de Lepe e Vellez de Mendoza só visitaram o grandioso rio quando se rasgavam para a historia os esplendores do seculo XVI.* Taes conclusões, como se vê, suscitarão uma especie de assombro, que em seguida se converterá em irrecusavel preito á verdade serenamente proclamada.

No fasciculo a que nos referimos da "Historia da Colonização Portuguesa do Brasil", obra, repetimos, que é o mais extraordinario monumento que no genero levantou o espirito moderno, pacifica epopéa da intelligencia lusitana, de que muito justamente se orgulha Portugal, o Sr. Dr. Duarte Leite apenas iniciou a demonstração de sua these, com o estudo das excursões fantasiosas de Hojeda, sabendo nós que, pelo que diz respeito ás navegações Iniciaes do primeiro lustro do seculo XVI, a "Historia da Colonização Portuguesa do Brasil" nos dará "copiosas noticias ineditas e interpretações cartographicas mais verdadeiras que as até hoje admittidas e que transformarão sensivelmente as paginas preambulares da nossa historia, apresentando a versão definitiva dos commandos da esquadra de Cabral, reduzindo as explorações litoraneas das expedições de 1501 e 1503 aos limites que a cartographia coeva lhes assignala, determinando a collaboração das armadas da India no descobrimento do littoral, designando a data do achado da ilha Fer-

nando de Noronha, revelando a participação dos navios mercantes, desde 1500, nas expedições enviadas a Vera Cruz."

Estes primeiros capitulos, porém, lançam já profundo jacto de luz sobre uma das questões capitaes da historia do Brasil, que é allí, pela primeira vez, tratada com criterio rigorosamente scientifico e superior saber. Ao mesmo tempo, temos o gozo intellectual de conhecer e entrar em contacto com um historiographo que pôde hobrear-se com Humboldt, Ravenstein, Wagner, HARRISSE e tantos outros de fama universal. Espirito philosophico, dotado maravilhosamente das faculdades analyticas e criticas, tendo perscrutado os problemas da historia do descobrimento em todos os seus pormenores, apresenta-se ainda com a vantagem de ser mestre consummado nas sciencias mathematicas. Aliás, sem esses predicados mentaes e sem uma opulenta erudição, orientados pelos methodos rigorosos da analyse historica, não se comprehende como se possa versar assumptos que exigem, além da probidade e isenção de animo, a rara competencia scientifica aliada á robusta capacidade de historiographo. Até então, supportamos a injuria de escribas indoutos ou de mediano entendimento, desprovidos de cultura e, o que é peor, imbuidos da mais irritante má fé, praticarem a desfazatez de discutir leviamente as questões relativas ás origens da nossa historia, como se ella estivesse encerrada nos estreitos limites de uma bibliotheca de vulgaridades, e dahi os erros, as deformações e os dislates de toda especie divulgados sem protesto, e muitas vezes postos em circulação de modo impertinente, com intuito de turbação politica. por esses pseudos historiadores, gente sem sciencia, nem consciencia, só tolerada mercê da confusão malsã que caracteriza o nosso meio intellectual. Acreditava-se tambem que a historia do Brasil houvesse envelhecido ou apparecesse Integral nos volumes substanciosos de Varnhagen ou de Rocha Pombo. De hoje em diante, não só os velhos systemas de interpretação da nossa historia se tornarão obsoletos, por falsos e imperfeitos, como tambem só poderia ser escripta á luz da moderna cultura historica, que consagra como norma o criterio scientifico ou objectivo.

O Sr. Dr. Duarte Leite, com forte dose de serenidade que invejaria Thucyde, não vulgar faculdade de analyse e clarividente sentimento critico, e, ainda mais, com a paciencia, a simplicidade e o desprezo das vaidades, tudo isso aliado a uma agudissima sensibilidade, a um admiravel dom de penetração, a uma notavel intrepidez e uma dialectica irreductivel, rasgou aos nossos estudos historicos novos horizontes e immensas perspectivas. Divulgando copiosas informações ineditas, estabelecendo relações indubitaveis de factos ignorados ou mal interpretados, defendendo argumentos inesperados, firmando conceitos que triumpham pela unica força da persuasão, elle o faz sem alardear os opulentos cabedaes de sua cultura. No seu labor vasto, probo e constructivo, briosamente empenhado em "restituir ao Brasil os seus titulos de filiação na gloria Integral do cyclo portuguez dos descobrimentos", para empregar a phrase de um escriptor, restaura nos paizes de lingua portugueza a perfeita consciencia do papel de historiador. Seguro da sua causa e com a paixão remansada do saber, convencido de que a verdade deve erguer-se serena e impassivel, alheia ao movimento dos interesses e superior a todas as paixões, não se agita, não se enfurece, não se apaixona diante dos problemas cuja solução procura: *the truth is quiet*. Pela sua grave compostura, pela severa disciplina de seu espirito, pela sua constante preocupação do verdadeiro, pela sua capacidade de trabalho e pela sua força de pensamento, é, segundo a nobre qualificação, um sabio, que se impõe ao respeito e á admiração de seus pares, e a sua obra é uma meditação profunda, uma resurreição do passado, uma reivindicação espantosa de um feito humano que durante seculos foi negado, combatido e contestado com pertinaz ardor.

Traçando esta breve e desprezenciosa noticia, com a promessa de voltarmos opportunamente ao assumpto dos *Falsos precursores de Cabral*, pretendemos apenas chamar a attenção dos estudiosos brasileiros para o sensacional trabalho do Sr. Embaixador Duarte Leite, que está destinado, principalmente no mundo culto europeu e americano, a provocar calorosos debates, em que a verdade surgirá revestida de maior autoridade e de maior esplendor para gloria de Portugal, orgulho do povo brasileiro, que se honra de seus ascendentes e descobridores, e ufania dos verdadeiros apóstolos da sciencia historica, que é privilegio dos creadores de valores.

Elysio de Carvalho.

UM SEculo DE SCIENCIA

A. F. A. RAJA GABAGLIA, MEU COMPANHEIRO E AMIGO

Não admiram o incolor, o inexpressivo, o incharacterístico, o tolhiço e o inviável da nossa arte e das nossas iniciativas: falta-lhes a seiva materna. As nossas mesmas descrições naturaes recordam artisticos decalques em que o alpestre da Suíça se mistura, baralhado, ao distendido das *landes*: nada do arremessado impressionador dos itambés a prumo, do aspero rebrilhamento dos cerros de quartzito, do desordenado estonteador das mattas, do dilúvio tranquillo e largamente esparso dos enormes rios, ou do mysterioso quasi biblico das chapadas amplas.

E' que a nossa historia natural ainda balbucia em seis ou sete linguas estrangeiras e a nossa geographia physica é um livro inedito.

EUCLYDES DA CUNHA.

ANTECEDENTES

O Brasil surgiu para a civilização, quando esta resurgia, na alvorada esplendida do Renascimento.

Todas as aquisições dos povos orientaes, todo o maravilhoso surto do genio da Grecia, a que Renan apellidara o "milagre grego", toda a contribuição isolada, mas fecunda, dos nucleos medievaes, ao lado do contingente dos arabes, tudo isso ia constituir material informe, com que os novos methodos de Bacon e Descartes permittiriam os diversos capitulos da Sciencia humana, a pouco e pouco autonomos. Esses conhecimentos eram, portanto, bastante desconnexos. Sabia-se alguma cousa da terra e das gentes; das sciencias exactas só as mathematicas apresentavam conquistas definitivas, a Physica e a Chimica só se vindo a constituir nos termos do seculo XVIII. Portugal, na época, achava-se no apogeu litterario e, embora possuísse já a Universidade de Coimbra, do seculo XIII, não tinha grande desenvolvimento scientifico. Obrigado pelas condições geographicas a transportar-se para os convés de sua frota, em busca de novos caminhos e quiçá de novas terras, chegando ao Brasil, ignoto, sob todos os aspectos, desde a propria extensão, até as riquezas, fascinado as mais das vezes pelos esplendores da India, era natural que não tivesse preocupação alguma de cultura ou de conhecimento da terra. As primeiras informações guardam a mesma tonalidade da certidão de baptismo de Pero Vaz Caminha. Mesmo depois de saber-se alguma cousa mais, só a preocupação da renda e proveito dominou. Com o fracasso da divisão das capitánias, com o primeiro governador geral vieram os Jesuitas, que iriam iniciar a cultura em nossa terra, guiados por Nóbrega e por Anchieta, vindo mais tarde. Fundam em 1549, na Bahia, e depois em Pícatininga (S. Paulo) os primeiros Collegios, onde se ensinavam primeiras lettras, arithmetica, grammatica, latim, theologia, philosophia e rhetorica, conferindo-se diversos grãos.

O seculo XVI foi principalmente occupado pela conquista da terra, no esforço lento e demorado da adaptação dos portuguezes a novas condições mesologicas e sociaes e ao esforço abençoado dos Jesuitas para introduzir "a disciplina entre os colonos e a civilização entre os indigenas", conforme observa Oliveira Lima. Tudo que se tem da época, são manifestações litterarias, noticias mais ou menos fieis, sendo que Gabriel Soares de Souza escreve "a primeira affirmação de uma entidade nova no mundo"

O ensino quasi exclusivamente entregue aos fieis de Loyola, daria a chamada Escola Bahiana, em que surge o perfil, já differenciado, de Gregorio de Mattos Mas, nenhuma manifestação em que se possa vislumbra qualquer dado realmente scientifico. Os estrangeiros que tentavam apoderar-se de trechos do Brasil, deixavam, por igual, apenas noticias, como Lery e Thévet, entre os francezes, e Hans Staden, allemão. Em todo o periodo que comprehe os tres seculos, ha um parenthesis luminoso, de cultura, de civilização e o inicio da preocupação scientifica no Brasil: o septennio de Mauricio de Nassau. Entre os sabios que trouxe ou fez vir ao Brasil, dois seriam os fundadores da nossa Historia Natural e da nosologia: Wilhelm Piso e George Marcgrave. Nas obras que deixaram, onde, com raro poder de observação, se consignam informes da terra, plantas, animaes, gentes e até observações astronomicas feitas no primeiro Observatorio da America e do hemispherio

sul, construido na magnifica Mauriztad, vivenda do Principe, edificaram o marco inicial da sciencia brasileira. Fechado esse breve parenthesis, nenhuma cogitação semelhante preoccupa Portugal. Depois da expulsão dos Jesuitas, pelo Marquez de Pombal, em 1759, foi reorganizado o ensino, leigo e confiado a franciscanos, benedictinos e carmelitas.

Emquanto isso, a obra de conquista da terra, anonyma e obscura, proseguia.

O surto do bandeirismo fez sua avapçada triumphal, esticando o cerco apertado do meridiano de Tordesilhas, obrigando a diplomacia a completar, ratificando o trabalho formidavel das "entradas" e bandeiras, que foi ultimado no tratado de Madrid de 1750.

A necessidade de completar as medidas dahi decorrentes, fez a era brilhante de alguns demarcadores, que atravessavam varias regiões do paiz, deixando informações preciosas, taes *Silva Pontes*, *Almeida Serra* e o mais extraordinario delles — *Lacerda e Almeida*, que determinou coordenadas geographicas, com a imperfeição de processos e aparelhos, com differença de menos de um minuto de arco, de outras executadas mais de um seculo depois. Mandou tambem Portugal, em 1785, a sua 1ª missão scientifica, chefiada pela figura excepcional do Dr. *Alexandre Rodrigues Ferreira*, natural da Bahia, que, em roteiro admiravel, adquirio material sobre a flora, fauna, tribus indigenas, descrições, acompanhados de innumeros desenhos, mas que a indifferença e o criminoso descaso da Metropole não fizeram publicar a tempo de utilidade ou deixaram se perdesse.

Nas ultimas decadas do seculo XVIII muitos brasileiros vão estudar em Portugal, chegando mesmo alguns a professar na Universidade de Coimbra.

Dentre todos, incontestavelmente, o mais notavel foi *José Bonifacio*, cuja gloria politica, que lhe deu o lugar da maior figura da nossa Independencia e das maiores de toda a America, foi o complemento nacional de uma carreira scientifica brilhantissima. Especialista em mineralogia, geologia e metallurgia, onde realizou contribuição original, seus conhecimentos abrangeram, entretanto, todos os departamentos da sciencia do seu tempo. Exemplo pujante de quanto pôde a intelligencia brasileira, em condições de meio favoraveis, é documento dessa tendencia de universalidade que a caracteriza, como intelligencias amplas e superficiaes, conforme observou Miguel Osorio de Almeida. Foi tambem professor de Coimbra, onde regou a cadeira de Metallurgia.

A transferencia da cõrte portugueza para o Brasil marca o inicio da Historia do Brasil... civilizado, — escreveu Afranio Peixoto.

Com effeito, só depois da vinda de D. João VI é que o ensino, a que sempre se prenderam as cogitações scientificas, pôde ter novos surtos.

A fundação da Escola Militar que, após varias transformações, iria ser o nucleo dos estudos mathematicos; a da Escola Medica, onde iniciaram, além das disciplinas praticas de seu endereço immediato, a chimica; bem como a fundação, no Rio, 1812, do primeiro Laboratorio Chimico do Brasil; tudo isso, esse transplante de cultura, iria permittir que no proprio paiz se desenvolvesse a intelligencia capaz de, diante dos dados objectivos, resolver seus proprios problemas.

D. João VI chegou a pensar, como assegura Oliveira Lima, em confiar a José Bonifacio a organização de uma Universidade.

A CONTRIBUIÇÃO DO 1º SEculo

Se é certo que os factos historicos se não subordinam ás divisões do tempo, da vida social, intercorrendo-se uns e outros, coincidindo ou succedendo-se elles, sem essa marcação artificial, contudo na Historia do Brasil o periodo de emancipação mental, começado quasi como o seculo, precedeu de pouco o advento da emancipação politica.

As sciencias iriam ter, no primeiro seculo, cultores de todos os seus ramos e divisões, uns maiores, menores outros, apenas eruditos alguns, outros com contribuição original.

Sylvio Romero, o primeiro historiador da nossa vida mental, apreciando este período anterior, concluía que nada de original levamos ainda ao patrimonio scientifico da espécie, a não ser alguns factos e informações colligidas.

Não se poderá repetir o mesmo balanceando o trabalho deste seculo.

— *Sciencias exactas.*

Se, por um lado, a mathematica não exige, para as contribuições novas senão o mero esforço mental do estudo e da meditação, dispensando, portanto, ao contrario das demais sciencias, a exigencia de custosa aparelhagem, por outro lado, impõe um longo trabalho de preparo anterior e um grande poder de abstracção.

De que somos capazes, dous exemplos bastariam: No que nos veio de antes seria difficil lobrigar qualquer aspecto original em mathematica. Houve, é certo, alguns estudiosos, professores projectos, que conheceram bem a sciencia de seu tempo, mas a primeira figura de relevo é, incontestavelmente, a de Joaquim Gomes de Souza, "a nossa mais completa cerebração do seculo, jurista, medico e poeta, legando-nos sobre o calculo infinitesimal paginas que ainda hoje sombranceiam toda a mathematica" Gomes de Souza orientou seus estudos sobretudo para o calculo integral, fortaleza intransponivel á maioria das equações que traduzem phenomenos e leis physicas. Se é certo que illudiu-se o grande sabio no alance de suas cogitações, revelou contudo manejar com rara maestria o instrumento algebrico.

O Visconde do Rio Branco, cujo papel eivilizador na nossa historia é preeminente, ao mesmo passo que, pelo primeiro cabo submarino, nos punha "a alguns minutos da eivilização", realizava a mais completa das reformas de ensino, transformando a antiga Escola Central em Militar e Polytechnica, creando nesta cursos especificas de sciencias physicas e mathematicas e sciencias physicas e naturaes, mandando vir professores europeus, como o physico Guinet, o physiologista Couty e Gorceix, que dirigio a fundação da Escola de Minas.

Por essa mesma época o advento das novas correntes philosophicas, o evolucionismo no Recife e o positivismo allí e no Rio, com Benjamin Constant, Miguel Lemos e Teixeira Mendes, em S. Paulo com Luiz Pereira Barreto, iriam crear uma orientação ao estudo das mathematicas.

Benjamin Constant, no seu magisterio na Escola Militar e transitoriamente na Escola Polytechnica, crearia o maior numero de estudiosos da mathematica, entre nós, e ao seu lado a propagação das idéas e obras de Augusto Comte iriam inicialmente influir na maior figura das mathematicas no Brasil — Otto de Alencar, que, mais tarde, dissidente, creou a segunda corrente de cultores orientados principalmente no caminho da analyse, em que já vai avultando, em contribuições originaes, um Theodoro Ramos. Nesta corrente, sobretudo pelos trabalhos modernos que divulgou, se inclue Raja Gabaglia.

Otto de Alencar, fallecido aos 44 annos, deixou, além das obras de exposiçào, embora de assumptos transcendentos, alguma contribuição realmente nova, que teve a sancção da sciencia europeia. Os exemplos citados bastariam á convicção de que com maiores esforços, novos processos de ensino e de estudo, a mentalidade brasileira seria capaz de enfrentar o campo, já muito percorrido, da mais perfeita das sciencias. Alíás, não seria difficil, se não fosse aqui sem proposito, mostrar que os Estados Unidos, cujas condições de civilização, de recursos, foram outras, diversas da nossa, tambem pouca contribuição original lograram fornecer e só deram, realmente genal, a figura de Williard Gibbs, que durante muito tempo jazeu desconhecida e ignorada.

Nessa parada que vamos fazer, da eminencia da commemoração do 1º Centenario, percorremos inicialmente as chamadas sciencias exactas: mathematicas, physica e chimica; depois, as que cuidam do conhecimento da terra e da gente: geologia, botanica, zoologia, ethnographia e anthropologia, nosologia, sociologia, trazendo apenas, em synthese difficil e apertada, os principaes nomes e documentos.

Em astronomia, a creação do observatorio, annexo á Escola Naval fundada por D. João VI, iria obrigar a observações, sem que contudo resultasse dahi trabalho original, podendo-se citar a determinação de algumas constantes feitas por Emmanuel Liais, Luiz Cruls, Pereira Reis, Henrique Morize, entre outros.

A Physica e a Chimica tambem só foram cultivadas nos estabelecimentos de ensino em que eram professadas, não havendo laboratorios, de que pudessem surgir contribuições proprias. A pri-

meira, ensinada na Escola Polytechnica e na de Medicina; com interrupção nesta, apenas teve alguns mestres de tradições, como o *Conselheiro Pitanga* e *Nerval de Gouvêa*.

Da Chimica, eultivada ainda em laboratorios technicos, nada ficou na parte theorica; na parte pratica, um *Michler* no magisterio, alguma vista original de *Domingos Freire* e em chimica de explosivos e technica de laboratorio *Alvaro Alberto da Silva*.

— *Conhecimento da terra e da gente.*

O conhecimento de uma região e do homem que a povoa, affeioado por ella e modificando-a, só pôde ser feito lenta e diuturnamente.

A principio, o instincto rudimentar dos primeiros habitantes; depois, o empirismo taeteante dos primeiros conquistadores; por fim, as investigações orientadas das sciencias.

O Brasil não se poderia eximir desta determinação fatal.

Terra e homem foram-se estudando em desenho esfumado até as linhas geraes do contorno que a obra do primeiro seculo logrou gizar e que, aos que vierem, ineumbe completar.

Tracémol-o, logicamente.

— *Geologia.*

Todos os conhecimentos empiricos dos garimpeiros, fieis e exactos muitas vezes, ou se perderam ou se retiveram em algum ehronista suspicaz. A preoccupação de Portugal só se manifestou em 1789, nomeando o Dr. José Vieira do Couto para fazer observações mineralogicas e metallurgicas em Serro Frio.

Entretanto, o inicio dos estudos geologicos se deu com Eschwege, que, de 1822 a 1833, publicou tres obras sobre geologia e mineraçào do Brasil, seguindo-se o periodo a que Derby ehamou de allemão. Em 1857, por iniciativa do benemeritissimo Instituto Historico, organizou-se uma commissão scientifica, chamada dos Passaros, para estudar Historia Natural nas provincias do Norte. Dirigia a seeção geologica o Barão de Capanema, mas o que foi colhido perdeu-se em naufragio.

Em 1865 começou o segundo periodo — o americano — com a vinda de Agassiz, que trouxe em sua companhia Carlos Frederico Harrrt, que, em trabalho notavel — *Geology and Physical Geography of Brasil* — resumio tudo o que se sabia até então e as suas observações proprias. A seeção do Museu Nacional, presa inicialmente a seus trabalhos, tambem muito se deve.

A elle tambem se ligou Orville Derby e John Casper Brauner, seus discipulos e companheiros, que conseguiram dar as linhas geraes da constituição geologica do Brasil. O primeiro deixou sem numero de monographias, as mais diversas, e não só dirigio a commissão de S. Paulo, como orientou os trabalhos do Serviço Geologico nacional de modo a ser apenas necessario seguir-lhes as directrizes, afim de se chegar a resultado definitivo. O segundo coroou a sua vida de dedicacção ao nosso paiz ultimando o "Mappa Geologico", a que vem appensa detalhada notieia bibliographica de toda a geologia e mineralogia, minuciosa, de Estado por Estado. Os nomes nacionaes, presos a esses dous, já podem figurar ao lado delles.

Em palentologia, além do que ficou de Lund, que viveu em Lagôa Santa, de 1833 a 1880, ha alguma cousa de Orville Derby e um ou outro elemento esparso.

— *Botanica, Zoologia e Nosologia.*

A contribuição de Arruda Camara, Conceição Velloso, Velloso de Miranda, Frei Leandro do Sacramento, todos brasileiros, é precisa. Entretanto, o primeiro nome da botanica brasileira é o de Martius, que iniciou a monumental "Flora Brasiliensis", em que vêm 20 mil especies brasileiras descriptas em 40 volumes, e que levaram 66 annos a se publicar, com a collaboraçào de inumeros sabios estrangeiros. E' esta obra a maior sobre botanica brasileira e a fundamental, completa com artigos de, entre outros, A. Sampaio, do Museu Nacional.

Além de Martius, outros estrangeiros deram a sua cultura ao estudo de nossa flora, como Gardner, A. de Saint-Hilaire, Bonpland, D'Orbigny alguns mais, em viagens que fizeram, salientando-se A. Loferren, que, depois de muitos annos de estadia no Brasil, deixou um sem numero de monographias e principalmente o "Manual das Plantas Pharmogamicas" trabalho imprescindivel á nossa botanica.

Freire Allemão, Capanema, Saldanha da Gama, Caminhoá, Pizarro, Barbosa Rodrigues, Ladisláo Netto... nomes nacionaes, dedicados e capazes, são garantia de quanto é possivel, a brasileiros, neste terreno.

A collecta de material sobretudo feita no Museu Nacional, de S. Paulo, Goeldi, do Pará, e alguns outros estabelecimentos congêneros, representa um esforço eficaz.

Os estudos de zoologia quasi sempre se interferem como os de botânica. Muitos dos naturalistas que percorreram o Brasil fizeram observações diversas, de conjuncto de aspectos.

Spix, o companheiro de Martius, foi um dos primeiros destes estrangeiros nacionalizados, a iniciar o estudo da nossa fauna. A opulenta riqueza della attrahio para nós uma série de naturalistas eminentes, que se perderam no estudo, muitas vezes, de um só aspecto particular. Bomplard ainda, Castela, Agassis, Wallace, Bates, Natterer, contribuíram largamente para desvendar as belezas dos povoadores do paraíso.

Dos Museus já citados, cujas publicações, pôde-se dizer, concentram quasi tudo que se conhece da zoologia brasileira, também fizeram parte alguns estrangeiros, entre os quaes o grande Fritz Mueller, do Nacional; Emilio Goldi, do Paraense, a quem se devem varias monographias preciosas, e von Ihering, do Paulista, autor da mais completa obra de conjuncto que possuímos sobre a nossa fauna. Estes institutos mantêm secções onde ha especialistas, como Miranda Ribeiro, Carlos Moreira, entre alguns mais.

Em artigo recente, Arthur Neiva notou que tres factos notaveis da biologia estão ligados de perto ao Brasil: a lei ontogenetica de Fritz Mueller, o mimetismo, cujas observações são devidas a Bates e algumas verificações da Theoria da Mutação, de Hugo de Vries, baseadas em estudos de Fritz Mueller, em Santa Catharina, com espigas de milho.

Preso ao estudo da nossa flora e fauna está necessariamente o da nosologia brasileira. E' certo que houve no periodo colonial trabalhos parcellados, embora de aspectos nacionaes; houve ainda contribuições isoladas em S. Paulo, com um Luiz Pereira Barreto, no Rio com um Baptista de Lacerda; mas o inicio realmente do primeiro estudo scientifico e systematico de nossas condições sanitarias, abrangido na totalidade de suas questões, é com Oswaldo Cruz, a quem nunca é demais elogiar. Começou disciplinando-se para disciplinar alumnos e companheiros. Confiava o preparo delles, nas especialidades, a estrangeiros contratados, a prazo certo, que lhes davam technica, processos, orientação, sob a sua alta direcção, permitindo crear capacidades nossas, para encontrarem as incognitas dos nossos problemas. Creou-as e deixou esse monumento, que deve ser o maior orgulho de nossa civilização — o Instituto que lhe tem o nome.

Creou laboratorios aparelhados a todas as pesquisas, num ambiente de conforto e de recursos. Empreendeu e fez empreender viagens pelo interior do paiz, não só para colher material, como ainda para estudar-lhes as condições regionaes peculiares. De uma dellas, a mais notavel, pelo nordeste brasileiro, realizada por A. Neiva e B. Penna, sahio esta campanha abençoada pelo saneamento do Brasil. De outra, por elle proprio effectuada, consentio-se a construção da E. F. Madelra-Mamoré. Os especialistas que chamou ao seu convívio, como A. Lutz ou os discipulos que formou, Neiva, Godoy, Fentes, Chagas, Gaspar Vianna e outros tantos comparses no merecimento, e que seriam grandeza a longo trabalho, deram as provas indiscutíveis das possibilidades da intelligencia brasileira.

A obra de desbravamento territorial do fio telegraphico do General Rondon, também se devem trabalhos sobre a historia natural brasileira.

Ethnographia.

Ainda é a Martius que se deve o inicio de um estudo systematico sobre os Indigenas do Brasil. Viajando por nossa terra, de 1818 a 1821, percorreu S. Paulo, Minas, os Estados costeiros, indo até o Amazonas.

"A sua contribuição ao estudo dos nossos aborigenes pôde ser resumida em tres factos fundamentaes", escreve Roquette Pinto. "O primeiro diz respeito á organização social dos Indiois, o segundo á origem dos indios e o tercelro, que foi o decisivo, se refere á classificação delles. Embora nem tudo tenha ficado, entretanto, a sua cooperação para a ethnographia do Brasil foi valiosissima.

Entre os outros nomes maiores o de von den Steinen, em 1884, viajando pelo rio Xingú, Paul Ehrenreich, Koch-Grimberg, Max Schmidt, entre os estrangeiros, e Ladisláo Netto, Couto de Magalhães, Ferreira Penna, Rodrigues Barbosa, Capistrano de Abreu e agora, no Museu Nacional, Roquette Pinto, que em monographias e na Rondonia deu traços syntheticos dos conhecimentos ethnographicos brasileiros

Sociologia.

Vacilla ainda em terreno capaz de divagações conjecturas para que fosse possível traçar, diante de nossas condições, um esboço sequer de sociologia brasileira. O mais que seria permittido era o que realizou Afranio Peixoto, em curso em 1919, documentando de exemplos nossos os factos geraes. Entre os que se occuparam de ethnographia, os que escreveram historia, muitos necessariamente tiveram que fazer sociologia. Entretanto, no destaque dos maiores nomes, apenas em citação rapida, surgem os de Sylvio Romero, Alberto Torres e Euclides da Cunha e agora em já algumas realizações e promessas Oliveira Vianna.

Sylvio Romero foi quem primeiro fez uma synthese, de criterio scientifico, da nossa vida mental, procurando verificar a reacção complexa, resultante dos cinco factores que nella actuavam: as tres raças formadoras, o meio physico e o elemento alienigena. Neste nobre proposito escreveu sua maior obra e pesquisou tradições, observou e procurou por fim applicar os processos da escola de La Pley aos nossos phenomenos sociaes.

Alberto Torres interessou-se sobretudo "pela organização politica da nacionalidade, os seus caracteres constitucionaes, o seu feitio de administração. Soube muito da gente, mas o povo transparece-lhe, na obra, como um rebanho heterogeneo de eleitores; soube muito da terra, mas a terra só o preocupa como um factor interessante á economia politica; soube de todas as nossas condições physicas, ethnicas ou sociaes, mas o que lhe interessa em tudo é o concurso que todos possam proporcionar á dirigencia da nação"

Euclides da Cunha traçou, apenas a esboços esparsos, largos capitulos da sociologia brasileira, a principio na parte maior do Brasil brasileiro, depois em diversos aspectos regionaes e por fim na formação da Amazonia, que foi tudo quanto lhe permittio a sua vida atumultuada e trabalhosa, sempre rica de preocupações pelo Brasil, de que é o mais perfeito symbolo.

Conclusões.

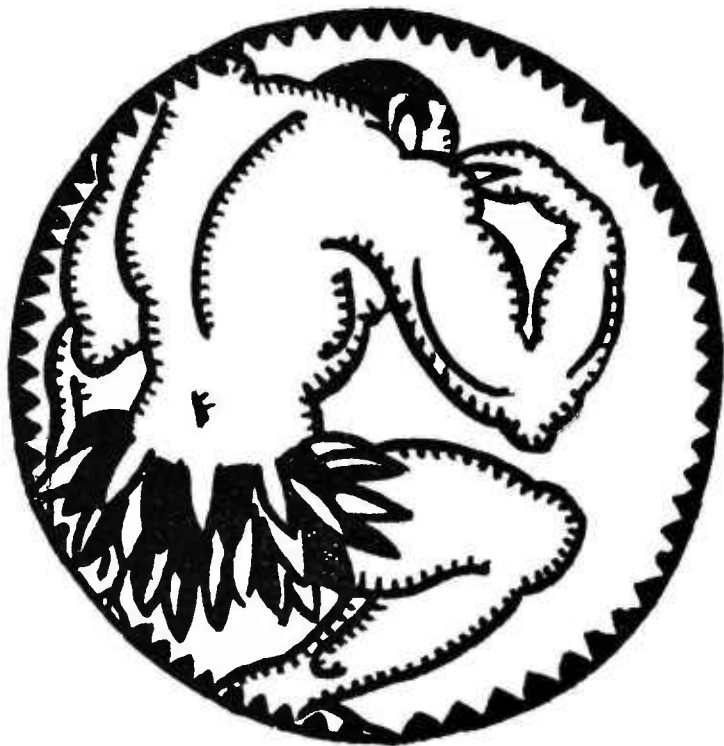
1ª — Em um seculo de independencia politica, a civilização europeia trazida para o Brasil, formou um povo, capaz de resolver, por si mesmo, os seus grandes problemas.

2ª — Em circumstancias favoraveis, o Brasil produziu Brasileiros, cujos trabalhos scientificos podem ser comparses dos semelhantes estrangeiros.

Poderemos assim, talvez antes de outro seculo decorrido, balancear, com orgulho, o nosso acervo de contribuições originaes, á forma mais nobre, mais pura, mais solidarizadora da Civilização que é a Sciencia, depois de termos cumprido, como obrigação ineluctavel, o grande problema nacional, que é, affirmou Alberto Rangel, a inscripção do frontão de Delphos: "conhecer-nos"

Rio, Setembro de 1922

Francisco Venancio Filho.



INTEGRAÇÃO CONTINENTAL AMERICANA

A America se torna cada vez mais convicta da sua unidade como um todo diferenciado da grande massa humana. No concert universal a consciencia se desagrega parcelladamente pela crise do nacionalismo em etapa de novas condensações; mais isso é nada mais que uma phrase transitoria em via de resolução, porque o contróle humano, em successivos ensaios de concentração, vai, a pouco e pouco, corrigindo o caracter inconsistente das reuniões outro'ora effectuadas para o encerramento de estados bellicos e solução de crises politicas. Substitue-se no mundo, nos tempos fluentes, o eventual pelo permanente, o transitorio pelo definitivo, o aleatorio pelo estavel. O Continente americano, favorecido por circumstancias historicas e pelo modernismo de sua criação surgiu para o mundo num quasi improvisado. Resolveu seu problema racial numa desharmonia interna de systemas, adoptando o norte o divorcio e o sul a fusão dos elementos, não obstando isso ao mesmo futuro de triumpho da raça mediterranea e desaparecimento paulatino das demais, ou por força de agglutinação daquella ou decrescimo expon-taneo destas (I). Filho da velha Europa vem construindo com os modelos fornecidos pela veneranda progenitora os amplos alicerces de sua civilização, para, em dias vindouros não longinquos, em amortizações successivas saldar definitivamente na contribuição mundial a sua divida de origem.

Outros Continentes poderão ainda, em tempos distantes, o que entanto é problematico, moldar uma personificação parallela. Por emquanto, porém, o Continente americano é o exemplo unico de solidariedade, consciencia e grandeza, impondo-se a unidade do todo por uma solidez, a qual de incipiente, paulatinamente augmenta no cyclo historico actual em face dos demais, o que constitue um modelo, grande em demasia para se conter no planeta. Assignala Alexandre Alavarez, e com muita nitidez, as differenças de condições da Africa e da Asia em face da Europa, em comparação com a America, concludo por observar, que, não tendo esses Continentes uma doutrina de Monroe a lhes servir de base, nem sendo constituídos por paizes independentes, segue-se não ser o direito internacional, para elles, tal como se offerece para a America, como expressão que é da vontade dos Estados (II).

O surto americano, delineando-se no Globo e definindo-se na historia dos povos, consagra tres correntes europeas constitutivas do elemento fecundante gerador da nova entidade: O anglo saxão, o hispanico e o luso. Colombo, Vespucio, Cabral, Pizarro, Cortez, Nunes de Balbôa deram-lhe o factor geographico, os factos e eventualidades historicos a população e as tendencias; o tempo e as vicissitudes o monroismo; o monroismo a independencia continental; esta gerou o pan-americanismo e a consciencia, a qual por sua vez já manifesta uma vontade. Nessa trajectoria, a regra politica, chamada doutrina de Monroe, é o sulco representativo da nova linha de demarcação. Os 7°, 48°, e 49° da mensagem de 2 de Dezembro

(I) Não ha exaggero em prever o desaparecimento, sem embargo muito remoto ainda, das raças vermelha e negra e dos cruzamentos innumerables resultantes da combinação entre ellas ou dellas com a branca. O grande ramo caucasica, cada vez mais avulta monopolizando o mundo e, a America, em futuro algo afastado homogeneizará o seu sangue num caldeamento trabalhado, onde a constante renovação do elemento branco a par do estacionamento e decrescimo dos demais terminará na approximação gradativamente mais evidente de um typo unico nos seus fundamentos, apenas diferenciado por características relativamente superficiaes. Sómente uma intervenção asiatica poderá contrariar esse porvir.

(II) Entretanto Bushnell Hart (The Monroe Doctrine-An Interpretation) estuda com solidos dados um monroismo japonês na Asia.

de 1823 é a proclamação da independencia continental. Provocada pelos movimentos libertadores da America hespanhola, a vontade collectiva da Europa tinha que se pronunciar como conservadora em face das novas idéas em expansão e a sua voz era a Santa Alliança, monarchica e absolutista, o que redundava, porém numa conjugação das tendencias anglo-saxonicas daquem e dalém mar, de constitucionalismo e liberalismo. Monroe e Canning formavam a reacção ao lado das republicas nascentes e o utilitarismo britânico de feição mercantil nunca desmentida, coincidindo com as necessidades territoriaes dos yankees, refractarios ao expansionismo russo no noroeste americano, revelado no ukase de 16 de Setembro de 1821, assignalado pelo Csar Alexandre — devia redundar na affirmação desassombrada que o mundo commentou e a Europa reconheceu. Resultante historica de factores complexos estava lançada a regra politica, não susceptivel da critica juridica por onde se inflra a "capitismidimnutio" dos demais paizes do Continente em face da autora. A diminuição da soberania dos paizes não pôde provir de uma affirmação contida em uma mensagem presidencial ao Congresso de um delles, muito embora a vontade nacional por elle representada a sancione. Nem mais se conclue da acceitação tacita de assembléas mundiaes quaes sejam as de Haya ou a recente de Paz. Mister se tornam o voto e o texto pelos quaes se resulta expressa a norma, e da vontade manifesta dos Estados, no concerto mundial, procederia o respectivo caracter juridico com as demais consequencias. Regra politica portanto, de interpretações opportunistas, soffreu as applicações oriundas de interesses occorrentes do auctor e mandatario exclusivo, — os Estados Unidos; patrimonio, porém, do Continente pela sua significação e alcance — tem a doutrina de Monroe para commental-a todos os interessados directos nos aspectos em que ella se desdobra, tanto vale affirmar todos os paizes americanos. O exclusivismo yankee, fructo de uma differença assignalavel entre a Norte America, auctora e tutora do monroismo e as suas pupillas por ella beneficiadas no momento decisivo e premente das affirmativas de libertação tende a desaparecer, gradativamente, pelo progresso destas ultimas e futuro nivellamento das efficiencias nacionaes e da civilização continental. Os excessos praticados em nome da doutrina turvam a limpidez da consciencia norte-americana, depositaria eventual, por assumir um caracter de abuso de confiança num mandato em que não houve delegação de poderes mas uma imposição imperativa das circumstancias. A propria historia se incumbirá de corrigir esses desvios.

A solidariedade americana tem suas raizes nas primeiras paginas da historia deste estupendo Continente. Quando ainda bruxoleavam primitivos fulgores de liberdade na America Latina, já o germen do congraçamento tentava desabrochar nos primeiros movimentos. Boliviar, com descortino e elevada visão, caracteristicas da sua genialidade, desde 1815 ideava o Congresso de Panamá, mais tarde realizado (1826), o qual, em dez sessões consecutivas inaugurava o regimen da comunidade de idéas, sentimentos e interesses no Continente a chamar-se mais tarde — pan-americanismo. Essa pujança de novas directrizes, peculiar a America, devia renovar-se em posteriores ensaios, verificados nos congressos de Lima (1847, 1865, 1877), e no tratado de união continental de Santiago (1856). Essas installações periodicas de uma idéa immortaldoura tiveram feições parciaes como os Congressos latino-americanos e a tentativa de confederação dos paizes do Centro-America,

manifestada numa serie de tratados, por volta de 1894 e annos seguintes, terminando pela creação de um Bureau — um instituto pedagogico centro-americanos (1906). Uma reunião em Washington da Conferencia de Paz centro-americana finalizava o tactear das tentativas para o inicio cheio de seiva do pan-americanismo, encaminhado praticamente por Blaine — fixado definitivamente para a sua rota de triumphos na Primeira de Washington em 1889. Formam esse reuniões o veio precioso, onde se encontram ou latentes ou em plena expansão os ferreiros fermentos do pan-americanismo, consagração da boa accepção do monroismo, condensando em si o reconhecimento moral dos paizes latinos pelos beneficios deste colhidos, como um verdadeiro agradecimento aos Estados Unidos e ao mesmo tempo o final da tutela yankee para uma reivindicação total do seu programma, do qual participa integro o Continente, abstracto da realidade material e equações de força. Os congressos pan-americanos em linhas concentricas de irradiação devem, cada vez mais, empolgar todos os problemas de interesse continental, na formação de uma consciencia nitida, capaz de imprimir uma attitude definida perante o mundo. Progredindo, pela cultura geral dos povos que representa, especialmente a juridica, onde, manifestando-se em Haya, como assignala Oliveira Lima (America Latina, e America Inglesa, Historia da Civilização) o Brasil foi sustentar a igualdade juridica das nações, a Colombia a humanização da guerra, a Argentina a condemnação do emprego da força na cobrança das dividas internacionaes, e, ainda mais pela consagração geral nas Constituições ou na convivencia continental a iniciativa do arbitramento obrigatorio, o principio territorial do "uti-possidetis" — direito dos neutros nas guerras, inviolabilidade da propriedade particular, o principio de não intervenção, a comprehensão liberal e social do instituto da extradicação (principalmente a america latina), interpretação adiantada de asylo (Congresso de Montevideo de 1888), um modelo de Corte Internacional de Justiça (a de Cartago, apresentada pela America Central em 1907), e uma proposta de codificação do direito internacional publico e privado (iniciativa de José Hygino na Segunda pan-americana no Mexico), concretizada, já, num bello projecto do Sr. Eptacio Pessoa, progredindo dizia, o pan-americanismo, de cunho moral, politico, scientifico, social e commercial, congregará elementos harmonicos pelas suas tendencias e historia, absorvendo a falsa comprehensão do monroismo egoistico, a transitoria presença de uma hegemonia existente, as nascentes conrrentezas raciaes denominadas latino-americanismo, ibero-americanismo, hispano-americanismo e luso-brasileirismo, correntes particularistas, fontes de rivalidades damninhas de acanhada visão — para a marcha segura de realização do seu programma fecundo em creações de bemfazejo egoismo continental, afim de attingir mais nobre méta — a idéa alevantada de plethorico subsidio á philantropia universal e de farto tributo ao altruismo, ao humanitarismo emfim. E ainda, é na sua feição juridica, que tanto enthusiasma uma cerebração vigorosa como a de Alexandre Alvarez, chileno e americano, americano e universitario, que se encontra a directriz continental americana de paz e sabedoria, representada no movimento codificador do direito, nos principios basicos da constituição de cada Estado e no quadro magnifico da sua diplomacia, de cunho pacifico, de normas adiantadas, onde um paiz como o Brasil, immenso de extensão e de confrontações complicadissimas conseguiu realizar essa obra prima que é o delineamento paulatino e calmo, dentro da altivez e da nobresa, do bom senso e da intelligencia, do seu contorno geral, ficando, com uma saudação affectuosa a cada paiz visinho os marcos representativos de seus limites definitivos. O continentalismo é uma ampliação do nacionalismo e como este participa dos mesmos factores formativos,

apoiado na geographia, na historia, na raça, na cultura e nos sentimentos, regendo-se pelos mesmos principios ethicos de fraternidade e beneficencia, homogeneidade e construcção, menosprezando o jacobinismo que o desvirtua. A sua accção é toda positiva nos resultados e não negativa nos intuitos e, assim como as nações americanas são tributarias do pan-americanismo a America deve selo do mundo. Essa é a finalidade do programma pan-americano, sendo elle um partido no concerto universal para a sellecção dos bons principios, necessarios ao progresso e bem estar universal, em concorrencia com os demais que outras tendencias e agrupamentos dittem na communhão internacional. A solidariedade humana assume, actualmente, como já ficou dito, um cunho juridico permanente, destinado a orientar o mundo, cujo esboço já se achava em franca viabilidade antes da crise de 1914, e isto pelos resultados das Conferencias de Haya, principios adquiridos da jurisprudencia arbitral, conclusões das declarações de Londres de 1909, Manual de Oxford de 1913, creação do Tribunal de Prezas e Corte Internacional de Arbitragem (Lawrence-The Society of Nations) e, a, por assim dizer, tentativa de Liga das Nações. Todo esse patrimonio precioso do senso juridico universal e experiencia adquirida, após longas afflicções da humanidade, foi ludibriado pelo "crack" politico causador da grande guerra, época memoravel de subversão de todos os principio no direito pensamente creado, isto, por ausencia de uma sancção garantidora de sua efficacia, pela formidavel organização bellica dos paizes e tambem pelas doutrinas germanicas sobre a guerra. A reacção da cultura, após o cataclysmo fez-se sentir immediatamente e a nova era fluente reconstroe o organismo do mundo para novos horizontes.

Cumpre não terminar, comtudo, sem uma illusão ás facções de natureza historica e racial, que se formam na America ameaçando o orientação homogenea do Continente. Dellas apenas o latino-americanismo é fecundo, como subsidio ao pan-americanismo e compensação ao anglo-saxonismo. Quanto as demais não cabem lóas, por serem fontes de pendencias seculares e animadas de programas vermelhos. Assim são o luso-brasileirismo e o hispano-americanismo reconstructores hediondos das antigas rivalidades das duas nações ibericas. Teriamos um retrocesso historico onde surgiria uma nova linha de demarcação e uma revivescencia do tratado de San Ildefonso. Acode-me á memoria um periodo do Sr. Alberto d'Oliveira: ... Mas igual a minha fé no vigor do dualismo iberico, que ha oito seculos dividiu a nossa peninsula em dous traços, e a quatro seculos vem dividindo o continente sul-americano nos mesmos dous troços symetricos". E ainda outro, tambem de algum sabor para o caso, que esse mesmo escriptor repete do Sr. Bettencourt Rodrigues, referindo-se ás relações ibericas: "Minuto de amor não pôde entre nós haver nem sequer "flirt" e menos ainda "coup de foudre" Entre duas nações que nasceram irmãs todo o amor seria incestuoso e funesto e só um affecto tranquillo e fraternal será legitimo" O mesmo pôde ser repetido para a America do Sul, a propósito de taes congraçamentos.

Jorge Latour.



A MISSÃO INTELLECTUAL FRANCEZA NO CENTENARIO

A França possui a arte, hoje em dia raríssima, de impregnar todos os seus actos de elegancia e cavalheirismo.

Na hora em que commemoramos o primeiro centenario da nossa independencia, ella soube, entre todas as nações amigas, achar o gesto que nos viria mais honrar e desvanecer. Se quasi todos os paizes nos trouxeram a affirmação da sua amizade nesta hora de alegria nacional, enviando-nos missões economicas que nos confirmam em nossa confiança na futura riqueza do Brasil, a grande republica latina deu-nos a prova do seu particular apreço escolhendo para nos saudar uma missão de intellectuaes.

A França tambem conhece os nossos recursos economicos que podem, mais tarde, tornar o Brasil o celeiro do mundo e um dos seus maiores fornecedores industriaes. E confiou ao Sr. Crozier a direcção da sua missão economica.

Mas a nação franceza, nomeando um grupo de universitarios e sabios para nos visitar, mostrou a que ponto conhecia e apreciava a nossa cultura e a nossa intellectualidade.

Basta, para avaliar em que altura nos colloca o juizo da França, vêr os nomes dos intellectuaes que nos visitaram em seu nome.

A missão intellectual franceza comprehende o Sr. Emile Borel, do Instituto de França, o Sr. Pierre Janet, igualmente do Instituto, o Dr. Georges Dumas, Professor da Sorbonne e o Dr. Chiray cathedrático da Faculdade de Medicina.

O mathematico Emilio Borel é um dos mais gloriosos sabios da geração contemporanea; seu nome, conhecido em França desde antes dos seus trinta annos, tornou-se celebre no mundo inteiro. E, Borel consagrou-se sobretudo ao estudo da theoria geral dos funcções, que constituem o corpo central da analyse moderna. E. Borel veiu ao Rio dissertar sobre a famosa theoria de Earnstein; já em 1914, no seu livro "Le hasard", encontrava-se com o grande physico allemão, ainda desconhecido, recusando a lei da attracção universal, "tão bella pela sua simplicidade, mas tão absurda". E' professor do Collegio de França e da Universidade das Sciencias.

Pierre Janet, que professa no Collegio de França e na Sorbonne, é um nome conhecido por todos aquelles que estudaram, mesmo de leve, a philosophia. Sua obra assaz volumosa, comprehende, além de trabalhos pessoaes sobre psychologia, diversos livros de estudo geral.

Georges Dumas muitos annos nos honra da sua amizade, tendo-nos já visitado varias vezes. Professor de psycho-physiologia na Sorbonne, suas observações sobre a consciencia e sua pathologia fazem d'elle o mais illustre continuador de Willam James. Georges Dumas tem provado o seu affecto para com o nosso paiz em numerosas conferencias realizadas em França.

O Dr. Chiray celebrisou-se no mundo scientifico pelos seus importantes estudos que expõe na Faculdade de Medicina de Paris, tão rica em grandes sabios.

Ao lado desta missão, chamada intellectual, a França enviou-nos outra denominada da Instrucção Publica e que só se pôde distinguir da primeira por estar encarregada especialmente de representar a Universidade. Compõem-na dous professores da Sorbonne, cujos nomes são igualmente admirados e queridos pelos intellectuaes brasileiros: os Srs. E. Martinenche e G. Le Gentil.

Ambos conhecem a nossa lingua e a nossa litteratura, ambos estão em contacto com os nossos pensadores e escriptores, ambos nos vêm revestidos da honorabilissima dignidade de membros da mais illustre Universidade do mundo e possuidos da nossa maior admiracão e da nossa mais cordeal gratidão.

E. Martinenche, tem estudado, em diversos volumes rapidamente esgottados, a influencia da litteratura hespanhola sobre as letras francezas. Profundo conhecedor da esthetica e do pensamento castelhanos, que analysou magistralmente, não como commentador frio e dogmatico, mas como escriptor sensível e artista, não tardou E. Martinenche em passar a fronteira ideal dos dous idiomas irmãos, estudando á sua vez o portuguez. Na "Revue de l'Amérique Latine", cujos destinos preside, tem reservado ás nossas letras o lugar importante que merecem na actividade intellectual latino-americana.

G. Le Gentil, de volta da guerra onde serviu a sua grande patria como combatente, assumiu a cadeira de litteratura portugueza na Sorbonne. Crítico subtil e penetrante, G. Le Gentil tem consa-

grado numerosos artigos e estudos a autores brasileiros, conhecendo com rara erudição toda a nossa historia litteraria. E' um dos mais eminentes amigos que conta o Brasil na Europa.

A estadia da missão intellectual franceza nos honra de sobremodo. Ha no gesto do grande paiz amigo a mais lisongeira homenagem e a mais grata prova de amizade. Seria querer deliberadamente cahir no banal que repetir que devemos toda, ou quasi toda a nossa formação intellectual aos francezes. Não é inoportuno, todavia, na hora em que certos elementos parecem querer acompanhar certos jornaes vendidos aos nossos inimigos de hontem, dizer que os intellectuaes brasileiros jamais se esquecerão daquelles que lhes abriram as portas luminosas da cultura latina, e lhes deram, com o culto da belleza e o amor dos ideaes superiores, o sentido da medida e da harmonia.

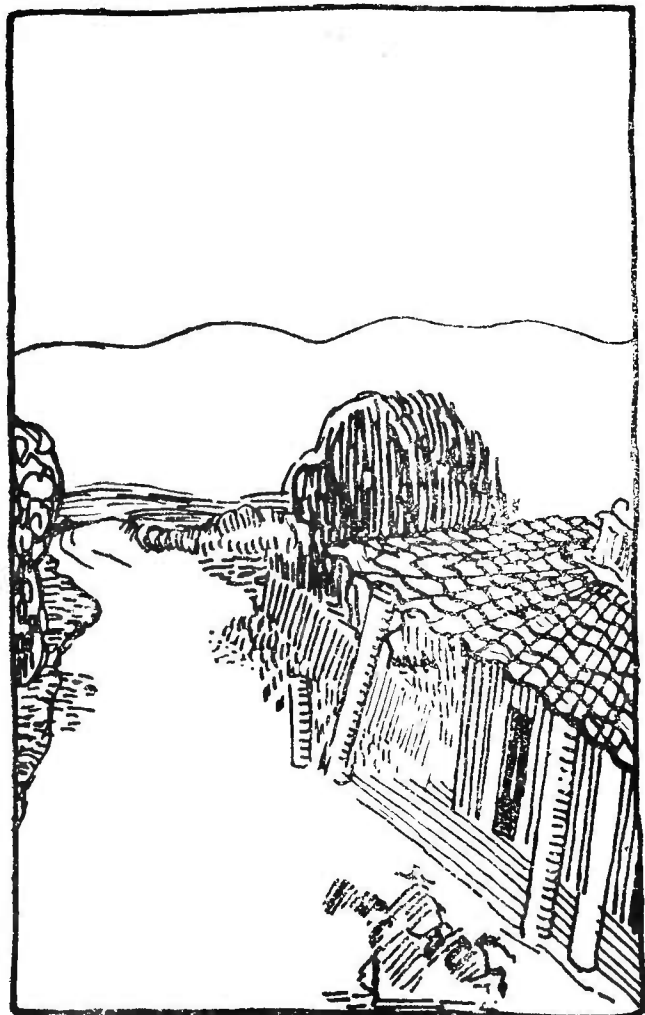
Atravez os seculos a França herdou da Grecia, berço da razão, da arte e da democracia, o dom maravilhoso de saber pensar e crear na belleza.

Foi bebendo á fonte dos seus monumentos philosophicos e litterarios que se formaram os nossos maiores escriptores. Recebemos agora da França, pelas mãos dos seus intellectuaes, o nosso diploma de nação culta.

O eloquente Presidente da Republica Portugueza, Dr. José d'Almeida, em um dos seus mais bellos discursos, comparou o Brasil com o Imperio Romano.

A França, honrando-nos com a sua embaixada intellectual, mostrou-nos que, diversa das outras nações, não nos considera como Cathargo, simples agglomeração de commerciantes, mas como uma nação cujo espirito um dia continuará a obra imperecível do genio latino.

L. Annibal Falcão.



AS CAMARAS MUNICIPAES DA BAHIA NA INDEPENDENCIA

Celebramos hoje o primeiro centenario da proclamação solemne da nacionalidade brasileira: symbolisa-o o brado epico do Ypiranga, na Paulicea celebrada. Fôra o acto decisivo da separação politica, gritado aos quatro ventos pelo Principe, de todo desilludido de uma só monarchia abrangendo terras de dois mundos, separadas por muitas milhas de Oceano.

Muito antes, porém, já se combatia pela redempção nos campos da Bahia: reclamemos bem alto por essa primasia historica, talvez o maior brazão da nossa gloria.

Os acontecimentos de Fevereiro de 1822 foram a iniciação da liberdade conquistada ao prego do sangue de patriotas, e a 25 de Junho do mesmo anno, na famosa Cachoeira, principiava, franco e heroico o prelio da guerra santa que teve por epilogo a avançada triumphal de 2 de Julho de 1823; são factos incontrovertidos que nos dão a preeminencia no movimento libertador que sagrou a existencia de mais uma soberania na America e no mundo.

É ao evocarmos nos bellos dias que correm as lutas, os debates, as controversias que agitaram o berço da Patria na era memoravel da redempção, vem de molde lembrar uma das primeiras e mais energicas manifestações da vida civica nacional, especialmente da Bahia.

Tal a acção das Camaras Municipaes no movimento independentista.

O phenomeno não espanta a quem saiba que a unica instituição existente nos povos americanos, sujeitos ás metropoles da península, onde se pode lorigar o geito de escola de governo, foi a municipal: estabeleceram-na aliás como antithese sociologica das municipalidades europeas, precedendo aqui o phenomeno — municipio — ao phenomeno social — povo.

Eram as nossas Camaras Municipaes vestigios atavicos da liberdade concelhia, instituição profundamente democratica que, no Reino, remontava aos primordios de sua vida autonoma, e a cuja sombra se formava a consciencia collectiva da patria lusitana e haviam florescido principios e doutrinas de amplo liberalismo politico.

Quando os portuguezes e hespanhões colonizaram a America fundaram, seguindo a tradição peninsular, a communa: em verdade é nos annos dos Senados das Camaras e dos Cabildos que devemos encontrar o processo da evolução social sul-americana, pois que foram elles, aqui como alli, o nucleo de toda a vida civica, politica, industrial, commercial e religiosa.

No Brasil, escreveu o Dr. Alcides Cruz, as attribuições de que dispunha o poder municipal chegavam a ultrapassar a sua verdadeira natureza (1). "Promoviam a guerra e a paz com os gentios, decretavam a criação de arraiaes, convocavam juntas para discutir e deliberar sobre negocios da capitania, exigiam que os governadores comparecessem pessoalmente no paço da camara, para com ella, tratar dos negocios publicos, chegando até, mais de uma vez, a suspendel-os e nomear outros que os substituíssem emquanto o governo da metropole providenciasse a respeito. Deste estado de cousas originavam-se frequentes conflictos entre as camaras, governadores e outras autoridades, conflictos que não poucas vezes produziam derramamento de sangue. Foi preciso tempo e energia da parte dos poderes geraes para se ir gradualmente forçando as camaras municipaes a circumscreverem-se na orbita das suas attribuições legaes; o que foi mais ou menos conseguido no correr do seculo XVIII." (Cortines Laxe, Regimento das Camaras Municipaes, cap. 7°).

Foi o Dr. J. Wanderley Pinho, talentoso Secretario do Instituto Geographico e Historico da Bahia, o primeiro que, na Bahia, reaçou o papel altamente patriotico representado pelas Camaras da Provincia nos successos da emancipação. Em seu discurso, pro-

nunciado na sessão solemne do Conselho Municipal de Santo Amaro, aos 14 de Junho do anno corrente, disse o brilhante confrade: "E' notavel e digno de assignalar esse magno papel das municipalidades na construção do nosso Brasil livre. Foram os Municipios, foram as Villas e Cidades, que flizeram em boa parte a independencia brasileira e têm quasi total a gloria de haverem inspirado, organizado e realizado a campanha libertadora da Bahia. Naquella epoca fruïam as municipalidades uma importancia politica de alta relevancia, a fazer contraste com isso que hoje se enfatua com o faustoso titulo de autonomia municipal. Mesmo muito cerceadas já as suas attribuições, e os poderes que se arrogavam, grande era ainda o ascendente politico dos Senados das Camaras (2) em principio do seculo XIX. Eram elles o eixo em que girava a organização militar. Só isso lhes bastava um valor crescido. Afóra a primeira linha eram as Camaras que formavam, por nomeações, a sua aristocracia militar nos postos da segunda linha ou *milicias*, nas patentes da terceira linha ou *ordenanças*. Restava naquellas corporações administrativas ainda a tradição do antigo poder que haviam usurpado e exercido: pela natural tendencia de ampliação de prerogativas, pelas necessidades do contacto e da luta com o gentio, resistencia a corsarios e invasores; pelas contingencias de uma acção immediata num mundo agitado de cobiças e guerras, onde cada nucleo se via isolado do centro governativo pelas difficuldades de transportes e communições entregues ás suas mesmas forças. Já desde o principio do seculo XVIII as idéas nativistas surdïam pela acção das Camaras, de quando em quando em actas de vereações. E a resistencia á oppressão de governadores e capitães-generaes, oppondo diques ao absolutismo asphyxiador da metropole era ahi que se gerava e crescia — nos levantes populares e regionaes tão frequentes na nossa vida colonial; nos protestos e reclamações das Camaras; nas representações de seus procuradores em côrtes, nos seus officios ao Rei e ao Conselho de Ultramar" (Pereira da Silva — Historia da Fundação do Imperio, vol. I, pag. 129 e segs.)

Oliveira Lima, aliás, já havia chamado a attenção para o phenomeno da iniciativa communal nas cruzadas redemptoras de toda a America Latina. Em seu livro *La Evolucion Historica de la America Latina*, versando o assumpto da emancipação sul-americana, diz o sabio compatriocio, que a cellula inicial da organização das novas nacionalidades se encontra na instituição municipal romana transplantada para a America pelos fundadores do novo mundo latino. "As camaras municipaes do Brasil e os cabildos da America Hespanhola foram o viveiro das franquias liberaes: por mais que os obscurecesse a sombra do despotismo real, privando-os da liberdade, constituiram o terreno onde aquellas franquias germinaram e acabaram por florescer." E mais: "Robustecida a velha instituição latina e depois iberica por tres seculos de florescimento colonial, foi natural que na epoca da transição determinada pelos acontecimentos politicos e pelo espirito do seculo, os cabildos hespanhões avocassem uma autoridade que por motivo da confusão provocada não se sabia em que mãos ia parar. Sob pretexto de custodiar a integridade e inviolabilidade dos direitos soberanos de seu senhor directo, o rei legitimo da Hespanha, aquellas corporações subtrahiram de facto as possessões da corôa, não só do alcance do rei estrangeiro e usurpador, mas tambem de toda a tentativa de mando proveniente da Europa. No Brasil onde a presença effectiva do monarcha Impediou que se exhibisse esse remedio de lealdade colonial, as camaras municipaes assumiram logo um papel proeminente e adequado á sua natureza. Isto aconteceu por occasião do conflicto que surgiu entre a regencia nacional estabelecida por D. João VI na pessoa do Principe Real e as Côrtes

(2) O Dr. Washington Luiz, no Cong. Const. Paulista, de 1905, diz que a expressão Camara Municipal que é uma criação do Direito Brasileiro, apparece pela primeira vez na Lei de 1 de Out. de 1828, para substituir o Senado da Camara, ou a Camara simplesmente, que não era outra cousa mais que o Conselho, a velha instituição local de Portugal.

(1) As Camaras do tempo Colonial eram regidas pela Ord. do L. 1° — T. — 66.

constituintes de Lisboa, as quaes pretendiam reduzir o reino ultramarino já dotado de autonomia — Portugal e Brasil formavam desde 1815 um renino unido — á antiga e subalterna condição colonial, de inequívoca servidão. Foi nessa oportunidade que as camaras do Brasil, encarnando a resistencia local que felizmente se converteu em nacional, graças ao centro de attracção existente no throno, promoveram sob a base mais ampla das juntas provinciales a continuação de D. Pedro em seu posto supremo, a principio com o titulo e a honrosa missão de defensor perpetuo do Brasil, em seguida com a categoria e dignidade de soberano. Em summa foram aquellas corporações que levaram a termo com a maior sabedoria a independencia do paiz. O papel da camara municipal do Rio de Janeiro foi, sobretudo, decisiva na fundação do Imperio democratico que foi o do Brasil: em certo sentido, cabe-lhe até a iniciativa de tal movimento.

A' pagina 680 da sua *Historia da Civilização*, apparecida em 1920, diz ainda Oliveira Lima, que a "iniciativa do movimento nacionalista nas colonias hespanhoias como no Brasil foi tomada pelas corporações municipaes."

Aos que estudam o inicio do movimento da emancipação na Bahia, resalta, ao primeiro lanço, o magnifico procedimento dos Senados das Camaras de quasi todas as cidades e villas da Provincia que as Côrtes Portuguesas transformaram no baluarte de seus ideaes retrogradados. Patenteia-se entre ellas, na hora tragica da grande iniciação, uma solidariedade eloquente de que, talvez, nunca suspeitassem os recolonizadores. A voz da Camara da Cidade do Salvador nos dias infaustos de Fevereiro de 1822 foi o grito de alerta que retumbou por todos os recantos da Provincia: foi ella que tomou a frente na repulsa ao brigadeiro Ignacio Luiz Madeira de Meilo, nomeado governador das armas da Bahia pela Carta Regia de 9 de Dezembro de 1821 e que, no desenrolar dos acontecimentos que se seguiram á chegada do diploma do mesmo general, se tornou *leader* do movimento nacionalista que se esboçava franco e energico. E' o que se evidencia da leitura da participação feita a El-Rei D. João VI, a 16 de Março de 1822, dos desastrosos eventos de 19, 20 e 21 de Fevereiro, em que succumbiram mais de duzentas pessoas, terminando a mesma por suggerir ao monarcha a "absoluta necessidade da remoção das tropas européas" destacadas na Bahia, em vista da "tranquillidade e prosperidade" do paiz.

Vale recordar os nomes dos signatarios da representação alludida: Antonio Augusto da Silva, Presidente; Antonio Ferreira França, Francisco Antonio de Souza Uzel, Francisco Gomes Brandão Montezuma, Francisco José Lisboa, Joaquim Antonio de Ataíde Seixas, este escrivão do senado da Camara, que a escreveu.

Os acontecimentos de Fevereiro puzeram de sobre-aviso os povos do interior, instigados ademais á rebeldia pelos emigrados da Capital, transformada desde então em praça de guerra. Cresciam dia a dia os anhelos de união ao Rio de Janeiro, de onde lhes vinha a palavra quente e entusiastica do Principe Regente que, a 9 de Janeiro de 1822, dera o primeiro passo na estrada da desobediencia aos decretos impoliticos das Côrtes Lusitanas. Os editoraes do periodo Constitucional (3) então redigido por Acalaba Montezuma e Francisco José Corte Imperial conjugavam-se com as respostas activas e patrioticas que as Camaras Municipaes das villas do Reconcavo, Santo Amaro e S. Francisco á frente, davam ás consultas que lhes fizeram, em carta datada de 22 de Março de 1822, os deputados da Provincia nas Côrtes de Lisboa, sobrelevando o que se referia á organização do poder executivo no Brasil. Taes perguntas, diz o Dr. José Pinho, foram o rastilho que iria deflagrar a bomba já carregada: nas respostas se transformaria a conspiração em revolução.

De feito, por esse tempo, entendiam-se as camaras de Santo Amaro, S. Francisco, Cachoeira, Maragogipe, Inhambuque, Jaguaripe e outras mais longinquas, para um pronunciamto colectivo em favor da Acclamação de D. Pedro de Alcantara como Principe Regente e Defensor Perpetuo do Brasil.

"A villa de Cachoeira teve a fortuna de ser a que não só fez publico acto de reconhecimento da regencia do príncipe real, mas tambem a que o confirmou com a valente e feliz destruição do bloqueio, com que o regulo Madeira imaginava poder obstar a qualquer movimento contra a sua propalada oppressão" (Cayrú — *Hist. dos principaes successos do Brasil*, tomo 4º, cap. 9.)

(3) Antes chamado — O Diario Constitucional, depois o — Constitucional — e por fim — Independente Constitucional.

A's 9 horas do dia 25 de Junho reuniram-se na sala da Camara da villa o juiz de fóra, seu presidente, e mais membros do Conselho, o capitão-mór dos ordenanças, chefes e officiaes superiores, militares, o vigario com todo o clero, os empregados publicos e grande concurso de povo: Garcia Pacheco, commandante da cavallaria miliciana, e Rodrigo Falcão Brandão, coronel aggregado ao mesmo regimento, explicam os fins da reunião. Resolve a Camara consultar a vontade do povo e da tropa; assoma as janellas do Paço a corporação municipal; desfralda-se á vista da multidão o estandarte da communa; retumba na praça a voz do procurador Manoel Teixeira de Freitas, perguntando "se eram todos contentes que se acclamasse S. A. R." e um longo e sonoro *Sim* echôa destemido e commovedor.

Antonio Pereira Rebouças redige a Acta da Vereação do glorioso dia de Cachoeira, da qual consta ainda o voto da Camara pela "retirada da tropa européa, por ser esta, além de desnecessaria, prejudicial ao socego da Provincia."

A's 5 horas da tarde do mesmo dia principiava a guerra e corria o primeiro sangue cachoeirano, bahiano tambem.

E' de ver a altiva e eloquente participação que o Senado da Camara de Cachoeira fez ao Principe dos successos desenrolados. Transcrevemol-a integralmente:

"*Senhor*: O leal, e brioso povo do districto da Cachoeira, de quem temos a honra de sermos orgão, acaba de proclamar e reconhecer a V. A. R. como regente constitucional, e defensor perpetuo do reino do Brasil. Debalde o verdugo da Bahia, o oppressor Madeira, quiz renovar nesta villa as sanguinosas catastrophes do dia 19 de fevereiro, e seguintes da Capital da Provincia. Debalde tentou ainda augmental-as, destacando neste rio uma escuna artilhada, para bombardear, como com effeito bombardeou, por alguns dias com balas e metralha, não só os honrados Cachoeiranos (cujo crime todo consistia em quererem ser Brasileiros, e subditos de V. A. R.) mas até seus innocentes edificios. Semelhante affronta, Senhor, foi dignamente repellida pelo denodo e patriotismo deste povo; e o commandante da referida escuna, com mais vinte seis pessoas, que se achavam a bordo, ficam presos á ordem de V. A. R., tendo-se rendido á discricção na noite do dia 28 de Junho, depois de um renhido combate de tres horas.

Altamente penetrado da mais viva gratidão para com V. A. R., este brioso povo almejava por repetir o grito regenerador dos mais felices Fluminenses, Paulistas, Mineiros, Continentistas, e Pernambucanos: almejava por apagar a feia nodoa do scisma, que a seu bel prazer sete homens levantaram entre esta, e as mais provincias Brasilienses.

Mas, Senhor, os Cachoeirenses são bahianos; elles não queriam roubar a seus irmãos da Capital uma gloria, que lhes tocava com tanta maior justiça, quanta é a intima convicção, que em todos reina, da perfeita egualdade de sentimentos, que os liga. Cresceu o tempo; cresceram os grihões e algemas, que cada vez sopeavam mais a soberania inaufervel de seus illustres habitantes. E aquelles mesmos, Senhor, que outr'ora com denodado esforço arrancaram da poderosa França, e da terrivel Hollanda as provincias Brasilienses, hoje não podem unir a sua a essas, que defenderam!!!

Os Cachoeirenses, Senhor, não puderam mais contemporisar: porção a mais brilhante da illustre descendencia da primogenita do Brasil, eiles fizeram repercutir em todos os pontos do globo o valente grito de oitenta mil Brasileiros, proclamando sua liberdade, e gritaram de improviso os generosos povos das villas de Inhambuque, Santo Amaro, Sergipe do Conde, e Maragogipe; e, attentos á voz da Patria, lavraram, como nós, o augusto titulo de sua verdadeira regeneração. Perto onde está o feliz momento de ser V. A. R. proclamado em todos os pontos do solo Bahiano: assim podessem nossas forças inferiores esmagar as do tyranno, com o massigo arlete do nosso patriotismo.

V. A. R. é nosso defensor perpetuo. Nós somos opprimidos, e soffremos cruéis hostilidades. Cada dia augmenta mais o tyranno suas forças: cada dia maneja novas armas. Do torpe charco de venaes jornalistas surgem,

à voz do infame, execráveis monstros de tyrannias; e, ora enxovalhando o respeito devido á junta do governo, e ao senado da camara da capital, ora espalhando falsas noticias aterradoras, fazendo-nos pelo tyranno a mais encarniçada guerra, reduzindo á inteira nullidade aquellas principaes autoridades da provincia.

Assignaram tão decidida representação o Dr. Juiz de Fóra Antonio Cerqueira Lima e os Vereadores Jeronymo José Albernaz, Antonio de Castro Lima, Joaquim Pedreira do Couto Ferraz, Manoel Teixeira de Freitas.

Tal documento, que podemos considerar como a Acta da Independencia da Bahia, traduz exactamente a tempera, a decisão, a altura de miras, a solemnidade de formas, a honradez essencial, tudo o que moral e materialmente puzeram aquelles varões ao serviço da Patria, ao grande e augusto objecto da redempção nacional.

E' um documento claro, nitido, resoante, definitivo: é a chama que se abrasou em 25 de Junho de 1822 e só se extinguiu em 2 de Julho de 1823, illuminando a consagração integral da Patria nova que se fundava na America.

A 29 de Junho, fizeram identicas vereações as Camaras das Villas de S. Francisco, Santo Amaro, Maragogipe e Inhambuque.

Na Acta da vereação da Villa de S. Francisco está escripta a adhesão á regencia de D. Pedro, annuindo ademais "á causa abraçada pela maioria das Provincias do sul e norte do Brasil"

Ainda aqui se repete a mesma scena empolgante e democratica da consulta ao povo e á tropa, que presente era no paço e na praça, para saber se as duas resoluções da Camara eram a expressão de sua vontade: unanime foi o sim patriótico. A Camara da Villa de S. Francisco compunha-se dos seguintes cidadãos: Presidente, o Dr. Juiz de Fóra Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos e Vereadores o Prof. Pedro Antão Neto Cavalcante, Capitão Antonio José Ferreira, Capitão Manoel Atanasio de Azevedo, Procurador Antonio Felix Henrique de Menezes, sendo Escrivão Feliciano Teixeira da Matta Bacellar.

Em Santo Amaro, refere-nos o Dr. José Wanderley Pinho, foi uma scena memoravel. "Veem-se na Praça, apinhada de gente os fardões de officiaes de primeira linha, as fardêtas dos soldados e officiaes de ordenanças, os dourados arrogantes dos officiaes ricos das milicias; além as sotainas e tonsuras de padres e prebendados, gente mais brava que piedosa; o garbo orgulhoso e o modo desdenhoso da nobreza solarenga, todos a se acotovelarem com o povo, borburinhante, benzoante de murmúrios que se interrompem por vezes em aclamações. A vereação começa. Sob as escadarias da Camara o Coronel Gaspar de Araujo Azevedo Gomes de Sá. Pede venia, cumprimenta e lê ao Senado uma representação da tropa, clero, nobreza, povo e cidadãos bons, pedindo — 1º — que esta villa e seu districto se considerasse já unida á causa adoptada por quasi todas as provincias do Brasil, como já pela Camara havia sido declarado na sessão de 14, — 2º — que os seus habitantes reconhecessem a S. A. R. como Regente e Defensor Perpetuo do Brasil.

Resolve o Senado acclamar o Principe. Levanta-se, vae ás janellas. A multidão, a tropa, toda aquella gente reunida rompe num longo e fremente brado, quando o Procurador da Camara, em altas e intelligiveis vozes lê o pedido e pergunta se era aquella a sua vontade. Respondem a uma voz que era. E logo a Camara com o seu estandarte, estando nas mesmas janellas com seu Presidente, o depois Visconde de Monteserrate, todos deram e repetiram os vivas do estylo á religião, ás côrtes, á nação, ao Rei, a D. Pedro, etc.". Era então a Corporação municipal de Santo Amaro composta do Dr. Ouvidor e Corregedor da Comarca, Benemerito Antonio José Duarte d'Araujo Gondim como Presidente e João Lourenço d'Ataide Seixas, Antonio de Araujo Gomes Junior, Apolinario José de Oliveira, Vereadores, Francisco de Paula Carvalhal, Procurador e o Escrivão Silvestre Bartholomeu de Almeida.

Obedeceram ao mesmo ritual as aclamações do mesmo dia em Maragogipe e Inhambuque.

Em Maragogipe a Camara que assignou a Acta da Acclamação, compunha-se dos seguintes membros: Presidente, o Vereador mais velho, Capm. João Caetano Borges; Vereadores, José Ignacio da Costa e Almeida e João Marcello Alves Barbosa, capitães de 2ª linha, e Bento José de Sousa; Procurador Romão Pereira de Menezes e Escrivão João Pinto Ribeiro de Souza Bulhões.

Em Inhambuque foram: Presidente, o Capm. Dionisio Vieira de Lima Fatum; Vereadores, Manoel de Jesus Almeida, Ignacio Rodrigues Maia, e Felix Alves do Amorim; Procurador, João Gomes de Carvalho, e Escrivão Pedro Alexandrino Rodrigues d'Oliveira.

A Camara da Villa de Itapicuru fez a acclamação em 7 de Julho de 1822, assignado-a José Antonio de Souza, Presidente; Ignacio dos Reis Peixoto, Manoel Joaquim do Carmo e Manoel Pereira d'Assumpção, Vereadores; Antonio dos Santos Jardim, Procurador; Francisco Gonçalves Leite, Escrivão.

Em Jacobina a acclamação se fez a 12 de Julho, fazendo-a o Juiz Ordinario Manoel Teixeira de Carvalho e Vasconcellos, Presidente; Manoel Correia de Miranda, Custodio Alves Ferreira e Antonio Joaquim d'Oliveira, Vereadores; João Alexandre de Andrade e Freitas, Procurador; José Gnidio de Figueiredo, Escrivão.

Em Jaguaribe fez-se a acclamação em 29 de Julho de 1822; os membros da sua Camara eram o Sargento-mor Joaquim José de Sant'Anna Lisboa, Presidente, Joaquim Coutinho de Almeida e Bernardo José de Almeida, Vereadores, Antonio Manoel de Souza, Procurador.

Aos 6 de Agosto fez-se o mesmo na villa de Valença, assignando o termo de vereação como Presidente, o Juiz Ordinario Manoel Antonio Campello, como Vereadores José Campello de Andrade, José Venancio da Fonseca e José de Araujo Baptista, como Procurador Antonio de Souza Brum e Escrivão Reginaldo José de Miranda.

Em Agosto acclamou-se na Freguezia do Catú, no dia 14, em Caiteté no dia 15, em Santarém, tambem chamada naquelle tempo Serinhaem, no dia 18, e em Camamú no dia 25.

Na Villa Nova do Principe, antigo nome de Caiteté, a Camara se compunha do Juiz Ordinario Jorge da Silveira Machado, Presidente; Angelo Custodio Villas-Boas, Ricardo Lourenço de Almeida e Theotônio Gomes de Azevedo, Vereadores; Domingos Constantino da Silva, Procurador; Pedro da Silva Pimentel, Escrivão.

A Camara de Santarém era composta do Juiz Ordinario Capm. Antonio José de Menezes Nobreza, Presidente; Domingos da Silva Freire, José Caetano Saraiva, João Francisco de Souza e João Caetano Lessa, Vereadores; Caetano Ferreira Borges, Procurador. A Camara de Camamú era composta do Juiz Ordinario Marcellino Francisco de Mello, Presidente; Capm. Caetano Affonso Monteiro, Manoel Rodrigues Fragoso e Sebastião Eginio da Assumpção, Vereadores; Theodosio Dias de Carvalho, Procurador.

As villas de Barcellos e Mirandella acclamaram em 22 e 25 de Setembro, respectivamente. Na primeira tambem chamada Paratigá, o Presidente da Camara era o Juiz Ordinario Lourenço Mendes de Araujo, Vereadores os Srs. Joaquim Vasques, Miguel Angelo e Caetano Dias Ferreira; Procurador, Bernardino Joaquim de Sant'Anna. Da Camara de Mirandella faziam parte o Juiz Ordinario Antonio Modesto de Sá, como Presidente; Antonio Cardoso Gomes e Antonio Costa, como Vereadores; Pedro Alexandrino de Carvalho, como Procurador.

No mez de Outubro fizcram-se identicas proclamações em Villa Nova, a 2, Cayrú a 20 e na povoação de Itaparica, que tanta gloria conquistou na guerra santa, 21.

Não sabemos os nomes dos que compunham o Senado da primeira; o que sabemos é que o seu Capitão-mór, Bento de Mello, partio no mesmo dia para Penedo, afim de apresentar a acta da vereação ao General Labatut, que no dia 5 de Outubro atravessou o rio São Francisco, á frente de suas tropas. A Camara de Cayrú foi presidida pelo Juiz Ordinario José Aranha Coutinho, sendo vereadores Antonio José Bernardo, Romualdo José Pinto e João Vicente de Queiroz, servido de Procurador José Albino da Silva e de Escrivão Francisco José Rabello da Silva. Tambem não sabemos os signatarios da Acclamação em Itaparica; apenas narram as chronicas que, na noite de 21 de Outubro, em signal de regosijo popular e para dar a vêr aos lusitanos o contentamento dos ilhéos, accenderam luminarias e grandes fogueiras pela costa.

A Villa de Porto-Seguro adherio ao movimento em Novembro de 1822; anteriormente, em data que não podemos descobrir, haviam adherido Urubú, Jussiapé, Geremoabo, Marahú, Caravellas e Belmonte. Das Camaras de Urubú, Geremoabo e Belmonte ignoramos os nomes de seus membros. Em Jussiapé, que é a Villa de N. S. do Livramento do Rio de Contas, a Camara que figurou na acclamação constou dos seguintes cidadãos: Presidente, o Juiz Ordinario e Capitão-mór João Nunes de Souza; Vereadores, José da

Rocha Bastos, Manoel Lopes de Oliveira e Antonio da Silva Oliveira Guimaraens; Procurador, Joaquim José Guimaraens; e Escrivão, Manoel d'Oliveira Guimaraens. Em Marahú figuram os nomes do Juiz Ordinario Pedro do Espirito Santo Aragão, Presidente; Theodoro Rodrigues Lemos, Bernardino José de Lemos e Antonio Carlos Pedroso, Vereadores; e João Borges Figueiredo, Procurador. Da Camara de Caravellas eram — Presidente, o Juiz Ordinario Fellsberto de Azevedo Coutinho; Vereadores, Manoel dos Santos Reis, José de Souza Leite e Antonio José de Faria.

Não ficaram, porém, em *Acclamações*, mais ou menos pomposas e solemnes, os trabalhos dos Senados das Camaras da Bahia: tomaram aos hombros a pesada missão do chmamento ás armas de seus visinhos e recrutam escravos e libertos, organizam milicias, formam batalhões cujos sabres fulgentes enchem de luz as cargas de Pirajá e de Cabrito. Cuidam do abastecimento das tropas de terra e mar para o que foram creadas as Commissões de Caixa Militar, cujos prestimos e serviços foram da maior utilidade, em Jequiriçá, Camamú, Santarém, Marahú, Rio de Contas, Ilhéos, Valença, Nazareth, Villa de S. Francisco, Santo Amaro e Cachoeira; nesta villa, que teve a dianteira da revolução e foi a Capital da Provincia insurgida, foi tambem creada uma Inspeção do Commissariado de Guerra e Bocca, sob a direcção dos Inspectores Major Antonio Maria da Silva Torre e João Pedreira do Couto.

A voz da Camara clamava do fundo da alma dos povos pela redempção da Provincia espezinhada: interpretando o sentir geral, traduziram o clamor popular em documentos impereciveis que são todas as Actas das Vereações daquelles tempos épicos. Nellas está sellada a perennidade da gloria da Bahia na Independencia do Brasil. Assim, o primeiro capitulo da Guerra Santa da nossa redempção é o do papel representado pelas corporações municipaes.

Apreciando-o devidamente, não diria aquelle historiographo compatriocio que a liberdade do Brasil foi antes outorgada pelo monarcha do que conquistada pelos cidadãos.

O nosso maior e mais decisivo movimento collectivo partito, em verdade, das Camaras Municipaes: nellas teve a sua germinação mais fecunda o ideal supremo da liberdade nacional; dellas se ouviram os primeiros protestos contra o regimen oppressor dos representantes da metropole; de suas energias civicas se formou o feixe da solidariedade de toda a Provincia, que não puderam quebrar os milhares de soldados de Madeira.

Germens da consciencia nacional, abriram as clareiras da conquista da Independencia

Bahia e Cidade do Salvador, 7—9—922.

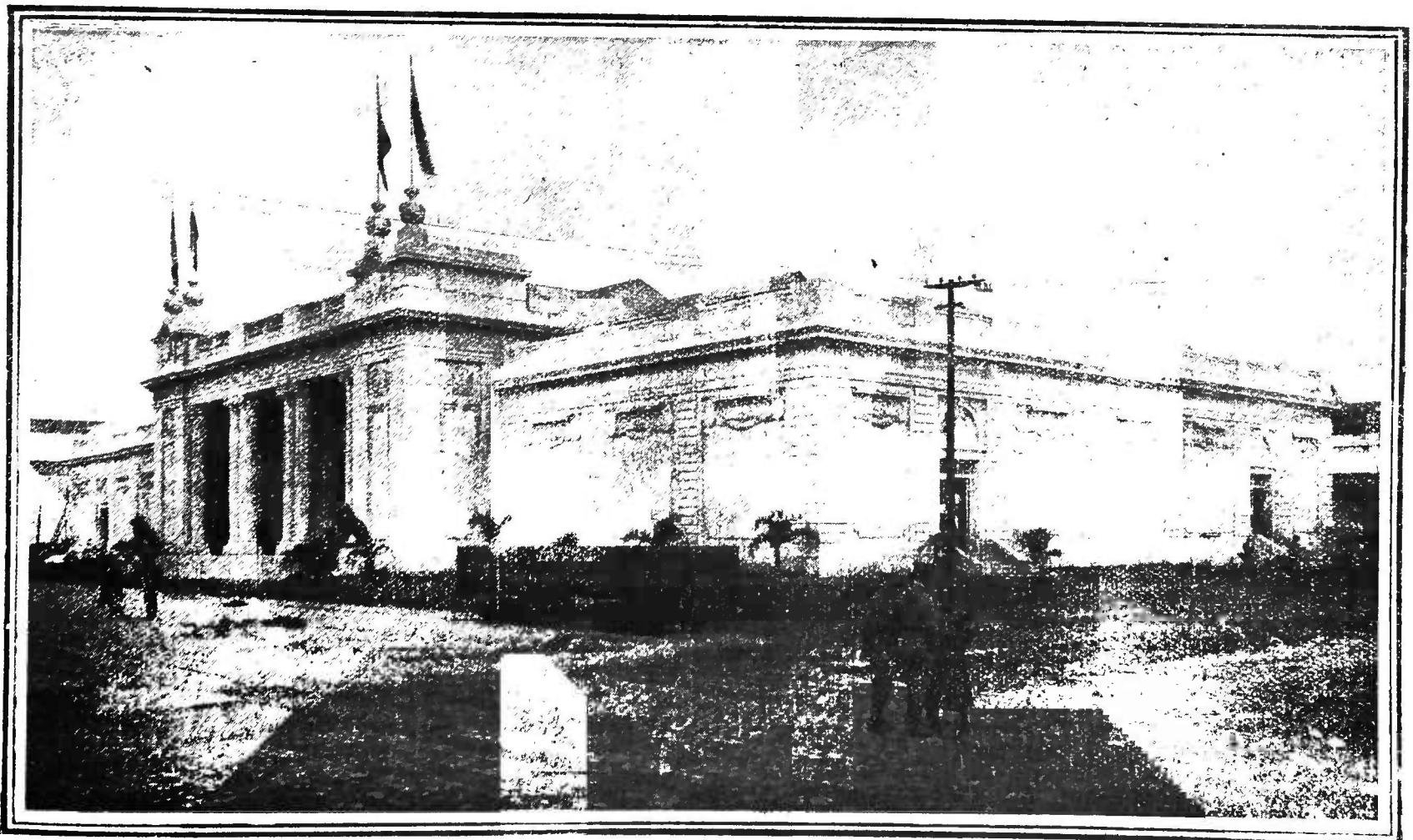
Bernardino de Souza.

Do Instituto Historico.

“AMERICA BRASILEIRA”

Afim de não ser suspensa a remessa desta Revista, pedimos encarecidamente aos nossos assignantes que reformem as suas assignaturas, que, como verão no nosso expediente e attendendo aos melhoramentos por que vae passar a America Brasileira, passará a ser de 10\$000 por anno.

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENARIO



PAVILHÃO DAS INDUSTRIAS FRANCEZAS

DOIS DE JULHO NA BAHIA EM 1823

O Visconde de Cayrú compreendeu melhor a solução do magno problema da Independencia Brasileira.

Primeiro havíamos de ter a emancipação economica para termos posteriormente a emancipação politica.

O 7 de Setembro, collimado na gloriosa data de 2 de Julho, na Bahia, foi a consequencia logica do grande plano de Cayrú.

Os conselhos do grande estadista, moldados na formula de um programma economico e em seguida nas linhas indeleveis da Carta Regia de 28 de Janeiro de 1808, eram a mais notavel conquista e o acto mais nobilitante praticados no inicio de uma nova phase da vida politica do Brasil.

Para chegar a esta conclusão não foram necessarios os meios violentos porque as grandes transformações se fazem gradativamente.

De ha muito as idéas liberaes atravessando o Atlantico, encontraram campo para o seu desenvolvimento.

As idéas liberaes de Manoel e Thomaz Beckman e Jorge Sampaio, em 1684, no Maranhão, não surgiram isoladas.

Ellas eram o corollario da grande revolução de 1676, como uma manifestação da mesma força que produziu a revolução de 1688, na Inglaterra, propagando-se pela America do Norte até se consolidar em sua independencia.

O espirito de liberdade já se definia manifestamente em tudo, modificando na Europa as organizações governamentaes.

As aperturas do Governo de Carlos I modificaram a trajectoria de Jorge III, tendo de permeio as vacillações da Rainha Anna e o equilibrio dos derradeiros Hanoverianos.

As grandes revoluções sociaes e politicas prendem-se em fórtes élos ás remotas torrentes do passado; e se ellas, sacudindo a fibra do povo inglez, atravessaram o Oceano, modificando a estructura das adiantadas colônias da America do Norte, refluindo para a França de 1789, cedo ou tarde haviam de se projectar na America Latina, fazendo triumphar o *self-governement*

Aberta estava a larga estrada a palmilhar.

Bernardo Vieira de Mello, em Pernambuco, levantou em 1710 o pendão da revolta, propondo que aquella Capitania se constituísse em Republica semelhante a de Veneza.

Os mineiros insurgem-se em 1730, *não admittindo governador nem justiça posta por El-Rey.*

A inconfidencia mineira teve em Tiradentes o seu proto-martyr e dez annos depois são mortos na Bahia quatro individuos que planejavam uma revolução popular.

Os promotores da Revolução Pernambucana que, em 1817 se propagou pela Provincia da Bahia, na região de S. Francisco, foram punidos severamente por D. João VI.

Entretanto, as idéas estavam latentes.

Os resultados da Revolução Franceza eram inso-phismaveis e as amarras que nos ligavam ao periodo colonial, primeiro partidas por Cayrú, recebiam o golpe derradeiro das mãos de José Bonifacio, mentor do primeiro Imperador

Ao sangue libertario dos Paulistas unia-se o dos Bahianos.

A libertação da America hespanhola deu em consequencia a separação das varias unidades, constituindo cada qual uma Republica independente.

Foi mais completa a tarefa de Pedro I. Não assumisse a opposição que assumio, e, certamente o Brasil não teria sido Imperio! O primeiro Imperador, erguendo o brado de "Independencia ou Morte" sancionou o movimento do despertar do Brasil promovido no scenario da Metropole por brasileiros notaveis como D. Francisco de Lemos, Azeredo Coutinho, Basilio da Gama, Pedra Branca, José Bonifacio, Lino Coutinho e outros.

Essa pleiade brilhante era a garantia segura do triumpho da causa da Independencia.

"A imprensa pelo "Reverbero Constitucional", de Januario Barbosa e pelo "Correio do Rio", de Frei Francisco de Sampaio e de Soares Lisbôa, fez-se instrumento preexcellente da lucta iniciada, generalizando-se a todos os angulos do paiz e favorecendo o movimento de conjuncto que ainda não existia.

A intimativa de D. João VI a Pedro I para que partisse para Lisbôa rompeu as reprezas da revolta. Amotinou-se a população em 9 de Janeiro de 1822, dando em consequencia o "Fico"

Definiram-se as provincias. S. Paulo abraçou a campanha libertadora e no Norte, a antiga fidelidade á Metropole partia-se, (19 de Fevereiro) precisamente na terra onde era classica, a Bahia, levantando em massa contra o General Madeira de Mello"

A Bahia sellou com o sangue de seus filhos a causa da Independencia. — Cabrito, Funil, Pirajá, Itaparica, Cachoeira e tantos outros lugares passaram á Historia ennobrecidos.

Nella chegou ao auge o heroismo da população. Organizaram-se batalhões patrioticos, fizeram-se fortificações, frageis embarcações demandaram o morro de S. Paulo em busca de munições, e os solares do Reconcavo de Santo Amaro e Cachoeira proviam gratuitamente as tropas.

Pedro I remetteu para esta Capital "o Batalhão do Imperador" do commando de Lima e Silva, como uma insigne honra aos Bahianos concedida.

O que foi a campanha libertaria em nosso Estado dizem a nossa Historia, o heroismo da gente do Reconcavo, os destemerosos de Cabrito e Pirajá, a tenacidade de Labatut, a bravura do corneta Lopes, a serenidade de João das Bottas, o valor de Lima e Silva, a tactica do valoroso Capitão, que depois se chamou Duque de Caxias, o martyrio de Joanna Angelica, pagando com o sangue precioso, vasado nas lages do Convento da Lapa, o sacrosanto amôr á causa da liberdade de sua terra.

O 2 de Julho é a data magna da Bahia. Ella inscreveu no livro luminoso da Historia os nomes dos seus heróes, perpetuados nos pergaminhos de nosso Archivvo perpetuado no bronze do monumento que o Povo agradecido lhe ergueu, para que pelo futuro afóra, as gerações se curvem agradecidas aos seus feitos gloriosos.

Bahia, Setembro de 1922.

F. Borges de Barros.

A ENGENHARIA NO BRASIL

Ao transpormos o limiar de um seculo de Independencia politica, balançamos o acerco das nossas conquistas nos diversos ramos do saber humano. No que toca á Engenharia — louvado seja — nada ficamos a dever em relação ás outras manifestações de nosso progresso.

O que ella já fez ainda é pouco, não ha duvida; mas sempre bom e promettedor.

Quem contempla, com admiração e orgulho, o quadro majestoso do nosso scenario e compara na vastidão deste paiz colosso o que temos feito com o que temos a fazer, avalla com segurança o quanto necessitamos de trabalhar.

A' Engenharia está reservado o maior papel nesse sentido, como o principal factor do progresso num paiz novo e inexplorado como o nosso, onde quasi tudo está por se fazer.

Um golpe de vista intelligente lançado sobre o nordêste brasileiro, abrangendo uma década apenas destes ultimos annos, provocará o assombro que experimenta quem conheceu das condições do noroeste paulista e sul matto-grossense ha dez annos passados e contempla no dia de hoje o espectaculo de grandeza que ostentam aquellas paragens.

Que condão maravilhoso andou por essas terras transformando as florestas em cidades, os campos em povoados, os brejaes em jardins? Foi a intelligencia que adivinhou as riquezas que ellas continham e architectou o plano gigantesco da sua conquista; foi a primeira turma de homens que trilhou os invios sertões em trabalhos de reconhecimento; foi um outro troço de denodados lutadores que os percorreu em diversos sentidos na faina de exploração; foram aquellas centenas de obreiros guiados pelos pioneiros intemeratos que rasgaram as florestas, repizaram o sólo, arrebutaram as rochas, cortaram os morros, aterraram os charcos e amarraram ao solo o caminho de ferro de civilização... Depois vieram outros construindo as casas, alinhando as ruas, captando a agua, illuminando as cidades... E outros montando os machinismos que rodarão sem cessar... Outros finalmente ligando pelo telegrapho e pelo telephone as distancias de outr'ora ás poucas horas d'agora.

Esse passe de magia feito num lance de heroismo denuncia-nos á evidencia o vulto da nossa surpresa e a grandeza do nosso futuro.

A evolução da Engenharia no Brasil foi difficil e lenta nos tres seculos primeiros de sua existencia e rapida e brilhante nestes ultimos cincoenta annos. A historia dos feitos dos primeiros povoadores do paiz é toda feita de militares: são invasões que se descobrem, insurreições que se combatem, rebeliões, revoluções... toda uma litteratura de guerra... A engenharia, pois, que domina, é a militar: constrõem-se fortes, abrem-se estradas, levantam-se muralhas...

Logo após entra em scena o jesuita e os monumentos christãos espalham-se por toda parte como sentinelas alertas da é dos nossos maiores.

Mais tarde as minas atraem o homem ás aventuras das entradas. Esboçam os roteiros das bandeiras as futuras cartas das regiões. Vem dessa raça de batedores dos sertões o faro dos nossos exploradores de estrada de ferro.

O apito da primeira locomotiva — tornando o éco quasi instantaneo das conquistas de além mar, annuncia o advento de melhores dias.

A victoria dessa conquista não nos custou, porém, pouco labor. E' domando as forças incoerciveis da Natureza — a fonte eterna de toda a vida — e reagindo contra os desmandos e os desvios dos elementos, que a Engenharia exerce o seu pleno governo. As lutas que se travaram, entre o homem audaz e ambicioso e a Natureza amante e ciosa da sua omnipotencia, foram cruentas e inconcebiveis.

O indigena senhor das florestas e dos regatos tambem protestou contra o esbuiho do seu patrimonio.

Mas o engenheiro abriu bréchnas nas verdes cathedraes da Amazonia e acompanhou de perto os cursos d'agua. Pelejou os kanigans do Noroeste, e as anophélias do Rio Doce; galgou as serras que se lhe depararam no caminho, varou os morros que empecaram a sua rota; transpóz os riso que lhe atravessaram á frente e seguiu sempre como um triumphador.

Contra o mar insonte a nossa engenharia tem lutado com dodo, oppondo ás furias das ondas o amparo das suas muralhas e facilitando o acostar das náus nos nossos portos.

As quédas d'agua rosnorantes, outr'ora motivo e thema de poemas e descrições, são hoje fontes de luz e de energia.

As cidades se transformam enriquecendo-se de monumentos grandiosos: por de sobre um rio joga-se uma ponte como no Recife; sobre um valle immenso constrõe-se um aqueducto, como em S. Paulo; um morro que atravanca perfura-se-o em tunnel ou arraza-se-o de todo, como aqui no Rio.

Ou, então, constrõe-se uma cidade, como em Bello Horizonte.

Em sobrando intelligencia e existindo technica em demasia — levanta-se o caminho aereo do Pão de Assucar.

Depois vem a epopéa grandiosa:

Rondon mede o Brasil com um fio telegraphico.

Mas tarde virão as obras contra as seccas, virá a carta do Brasil e a Capital Federal no planalto goyano.

Em tudo se pantentêa a obra benefica da engenharia, rebellando-se contra a Natureza poderosa, melhorando-se as condições de vida, facilitando os meios de communicação, augmentando o patrimonio nacional, aperfeicoando os nossos costumes, concorendo finalmente para o progresso e desenvolvimento desta terra sempre fadada.

Os trilhos das estradas de ferro são armaduras de aço prendendo entre si as diversas partes deste paiz colosso; as cidades que se illuminam á noite, á luz féerica da electricidade, são olhos que se abrem para a civilização e pharões que se accendem á superficie deste gigante mostrando do seu contorno as formas estupendas; as machinas que estruem no bojo das grandes cidades são corações latejando, impuls'onados pe'a seiva da vida, batendo no isochronismo de um orgão são e pujante; os fios telegraphicos irradiando-se em todos os sentidos são os pensamentos de um mesmo cerebro ideando os mesmos planos, achitectando os mesmos castelos, transmittindo as mesmas impressões.

Tudo, pois, que vem das mãos e do cerebro do engenheiro, e dos dominios da Engenharia, mostra a vida, representa o progresso, gera a civilização.

Mas se queremos alcançar o que os outros povos conseguiram no dominio das conquistas de civilização — devemos começar pelo principio: fazer engenheiros para termos engenharia. Até agora diminutissimo tem sido o numero de profissionaes nessa carreira. E' verdade que a nossa Escola Polytechnica data de 1810. Durante muitos annos, porém, ella foi a Escola Central.

Os por ella formados sahiam engenheiros militares, e, portanto, mais afeitos as obras militares de que pouco necessitamos e quasi nada existe. Uma geração, todavia, saído da Escola após a Guerra do Paraguay, differençou os ramos da Engenharia. Uma pleiade mais tarde attestou o valor dos nossos engenheiros. E hoje as centenas de moços que se formam nas diversas Escolas do paiz e se espalham pela vastidão do nosso territorio exercendo, construindo, melhorando, dão bem a idéa do que será a nossa Patria em breve espaço de tempo — com todas as suas possibilidades e com grande numero de filhos trabalhando pelo seu progresso real.

Quem contempla, pois, o quadro que acabamos de esboçar e compara o que temos feito com o que falta fazer, avalla com presteza o quanto necessitamos de engenheiros. Precisamos de engenheiros, não queremos dizer: *engenheiro-numero*, mas *engenheiros-engenheiros*, isto é, engenheiros — fazendo engenharia, engenheiros affirmando a engenharia, engenheiros representando a engenharia, defendendo a engenharia, engenheiros vivendo da engenharia.

O que vemos no momento, força é confessar, é a dispersão dos elementos, o desperdicio dos esforços, a degradação das energias.

A primeira couza que temos de fazer, pois, é organizar a Engenharia, isto é, compor forças, reunir elementos, conjugar as forças, obter uma resultante unica applicada e dirigida consciencientemente.

Este será o maior passo dado pela classe dos engenheiros em proveito proprio e no do Brasil.

Soter C. de Araujo.

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE JOAQUIM SERRA

Discurso pronunciado a 10 de Setembro de 1922 na Associação Brasileira de Imprensa

Gctulio das Neves, esse character de cidadão romano, aliado a um talento de escol e servido este por uma cultura verdadeiramente invulgar, fallando de Joaquim Serra, escreveu estas palavras memoraveis: — “Nada mais falta dizer sobre Joaquim Serra, e estas ligeiras e despretenciosas linhas, nem mesmo teriam mais razão de ser se não fossem, antes que tudo, uma homenagem pessoal de reverencia, de saudade e de admiração”

Tendo de dizer para jornalistas, para homens de imprensa da minha terra, algumas palavras sobre esse notavel jornalista maranhense, certamente não teria senão que enunciar o seu nome, simplesmente o seu nome — Joaquim Serra, — desacompanhado de qualquer adjectivação, sem a enumeração, talvez, fastidiosa, de factos ou obras em que teve parte ou que realizou, pois que a imprensa do nosso paiz, através de duas das mais bellas causas brasileiras — a abolição e a democracia, está prenhe, até a saturação, do seu nome illustre e da sua desinteressada e magnanima acção, efficientemente fecunda e salutar. Mas, nós não estamos sós, entre brasileiros. A nossa festa de homenagem e de respeito de gratidão e de saudade, aos que se fizeram grandes, lidando no jornalismo patriótico, é honrada com a presença de alguns confrades dos paizes vizinhos, que ora nos visitam por motivo augusto da celebração do Centenario da nossa Independencia Política.

Em honra delles e para elles, pois, que vós outros conheceis, melhor que eu, os eventos immortaes do jornalista, cujo retrato vamos inaugurar, são as minhas toscas palavras e os desalinhavados conceitos que ides ouvir.

Meus caros confrades. Joaquim Serra, veio do norte. Desse norte longinquo e politicamente ainda primitivo, mas soberano ao resto do paiz no campo da intelligencia e, *primus inter pares* quanto á representação da nossa cultura. Desse norte que nos deu João Lisboa, que nos deu Tobias Barreto, que nos deu Ruy Barbosa. Joaquim Serra nasceu no Maranhão. E lá grageou rapidamente um nome respeitavel na poesia, no theatro, no jornalismo e na politica, tendo por companheiro de lides homens como Gonçalves Dias, — o poeta, Sabbas da Costa — o dramaturgo, Themistocles Aranha — o jornalista e Franco de Sá — o politico. Na sua terra natal, tão fertil em talentos da melhor jaça, lançou depois de colaborar com exito e vantagem enormes nas folhas de mais reputação da então Provincia do Maranhão, o seu famoso *Semanario Maranhense*, cuja publicação vai de 1867 até 1870.

O que foi esse jornal, essencialmente litterario, dil-o o facto significativo de haver já dous grandes escriptores brasileiros, tratando da litteratura maranhense, fazerem do apparecimento desse periodico o marco divisorio das grandes épocas em que se devem estudar as manifestações intellectivas dos athenienses das margens encantadoras do poetico Anil e do majestoso Bacanga. Joaquim Serra, que em toda sua longa carreira jornalística e politica, demonstrou sempre o mais fino tacto, em conhecer os homens da sua terra, não deu sómente o melhor do seu talento para o grande realce do *Semanario Maranhense*, como teve a ventura de re-

velar ao mundo das lettras brasileiras os nomes de Gentil Braga, poeta delicado e chronista subtil, Celso Magalhães, romancista vigoroso e o maior critico-ensaista do nosso “folk-lore”; Sabbas da Costa, romancista e comediographo; Cezar Marques, o historiadador e geographo; Henriques Leal, o Plutarco maranhense; e Joaquim de Souzafrade, o grande poeta do *Guesa Errante*. E nesse balanço, meus senhores, não deve ser esquecida a circumstancia de ter Joaquim Serra conseguido a volta á imprensa periodica, do vulto austero e eminente de Sotero dos Reis, jornalista, grammatico e critico-litterario.

Ainda em Maranhão publicou Joaquim Serra as suas principais obras litterarias: *O Salto de Leucade* e *Cousas da Moda*, 1866; *Um Coração de Muller*, poema-romance, e *Abertura do Amazonas*, 1867; e *Versos*, em 1868. Posteriormente, já aqui no Rio, deu á estampa *Quadros*, versos, 1873; e, dez annos depois, o seu interessante estudo intitulado *Sessenta Annos de Jornalismo*, em que se occupou proficientemente da imprensa no Maranhão, durante o largo periodo que vem de 1820 a 1880.

Politico e jornalista, duas grandes causas sagradas, apaixonaram profundamente o bello espirito de Joaquim Serra, interessando-se vivamente por ellas com a intelligencia e com o coração. Essas duas causas, fundamente humanas, patrioticamente civicas, foram a abolição e a democracia. Mas, para tão vasto programma, era ambito demais pequeno a terra natal do denodado capeão do liberalismo. E São Luiz, a linda e garrida cidade maranhense, perde o filho amado e com elle o jornalista, o poeta, o comediographo, o politico.

Ha aqui, meus senhores, o dealbar magnifico de uma formosa aurora. Joaquim Serra chega ao Rio de Janeiro. E logo ao chegar entrega-se de alma e coração ao combate de toda a sua vida em prol da libertação dos escravos, a favor da implantação na nossa terra, dos mais lidimos principios da democracia. Pela abolição batalha, desde então, o fundador do *Semanario Maranhense*, tão intemerato, tão delicado, tão desinteressado como nenhum outro, ao lado de gigantes como José do Patrocínio, Carlos de Lacerda, Ferreira de Menezes, Angelo Agostini, Luiz Andrade, Ferreira de Araujo, Joaquim Nabuco e Ruy Barbosa, o unico ainda vivo dessa pleiade heroica de leões da nossa imprensa abolicionista, que só calou as baterias com o acto redemptor do benemerito Gabinete presidido pela grande figura nacional de João Alfredo. Pela democracia, filiado ao Partido Liberal com os que combatiam pela Republica, trabalhou, sem cessar, no jornal e no Parlamento, o illustre cidadão maranhense, tendo por camaradas de refregas, as mais arduas e rudes, os vultos de Quintino Bocayuva, Miguel Ferreira, Rangel Pestana, Salvador de Mendonça, Lafayette, Prado Pimentel, Flavio Farnese, Baptista Pereira, Cesario Alvim, Franco de Sá, Martinho de Campos, Lima Duarte, Dantas, Affonso Celso e varios outros, que são: uns, os redactores da *Reforma* e do *Paiz*; outros, os signatarios do celebre manifesto republicano de 1870; e finalmente os restantes aquelles dezeseite liberaes que conseguiram

ram, em memoravel periodo da nossa vida politico-social, romper as ferreas malhas das formidaveis rêdes que se chamavam as chapas governamentais.

Transportado para um meio maior, de onde a sua voz autorizada e querida, repercutia com eficacia politica e social por todo o paiz, desde o norte ao sul, ecoando os violentos clamores da batalha com igual intensidade, tanto na caudal do Amazonas, como nas placidas margens do Chuy, Joaquim Serra realizou prodigios. Não era um homem, era a propria causa em acção. E' assim que delle poude dizer um dos seus eminentes biographos: "A influencia politica e litteraria de Joaquim Serra foi tão persistente e declisiva no jornalismo brasileiro durante um periodo relativamente largo, sua orientação tão completa, segura e sympathica, seus moldes tão bellos e originaes, seu character tão puro e transparente, quer na vida publica que na vida particular, que os estudos já feitos sobre o perfil do grande escriptor dão uma idéa completa da sua individualidade, como se fossem reproducções photographicas de um mesmo sitio tomadas de todos os pontos de vista apreciaveis, ou como projecções de que se servem os engenheiros e, á custa das quaes, conseguem reproduzir mathematicamente a forma dos objectos" E, occupando-se especialmente da formidavel campanha abolicionista, acrescentou o sabio e verista commentador: — "Ha, porém, no meio de tudo isso uma manifestação, cujos effeitos me parecem incalculaveis e acima de qualquer elogio e vem a ser a constancia e a fidelidade indemita de Joaquim Serra á grande causa dos escravizados, fazendo della o thema obrigado de todas as galas e labores daquelle estylo unico, para o qual Salvador de Mendonça não encontrou termos de comparação nem nos modelos da culta Europa, e nem nos exemplos da originalissima America do Norte." O abolicionismo, continua, "passou o constituir sempre o fundo de todos os primores e bellezas dos escriptos de Joaquim Serra, bem como se faz da ogiva a nota obrigada e o fecho da verdadeira unidade no meio de todo o esplendor daquelles soberbos rendilhados e de toda a poesia e contraste dos bellos vidros coloridos que constituem as cathedraes gothicas"

Assim, essas duas palavras — abolição e democracia — dous grandes symbolos da integração da nossa nacionalidade como povo livre e culto resumem, numa acção persistente, continuada e in-

telligente na imprensa politica toda a vida extraordinaria de Joaquim Serra. Atravez de todas as manifestações da sua privilegiada mentalidade o poeta, o comediographo, o historiador, o humorista, o politico, o parlamentar, não foi senão sempre, e cada vez mais viva, a demonstração de um temperamento singular de jornalista, que existia visceralmente em Joaquim Serra, a difundir, a propagar, a impôr, á massa geral do paiz, a excellencia das duas causas maximas de que forjou o broquel de aço puro com que se armou para o combate asperrimo da existencia na terra.

Desgraçadamente, o denodado jornalista só parcialmente logrou a fortuna de ver a victoria das duas grandes causas nacionaes. Ariadne implacavel, cortou-lhe o fio da vida justamente nas vespers da grande, da descommunal aurora de 15 de Novembro de 1889. Poucos mezes após a decretação da Lei Aurea, á 29 de Outubro de 1888, succumbio o notavel maranhense.

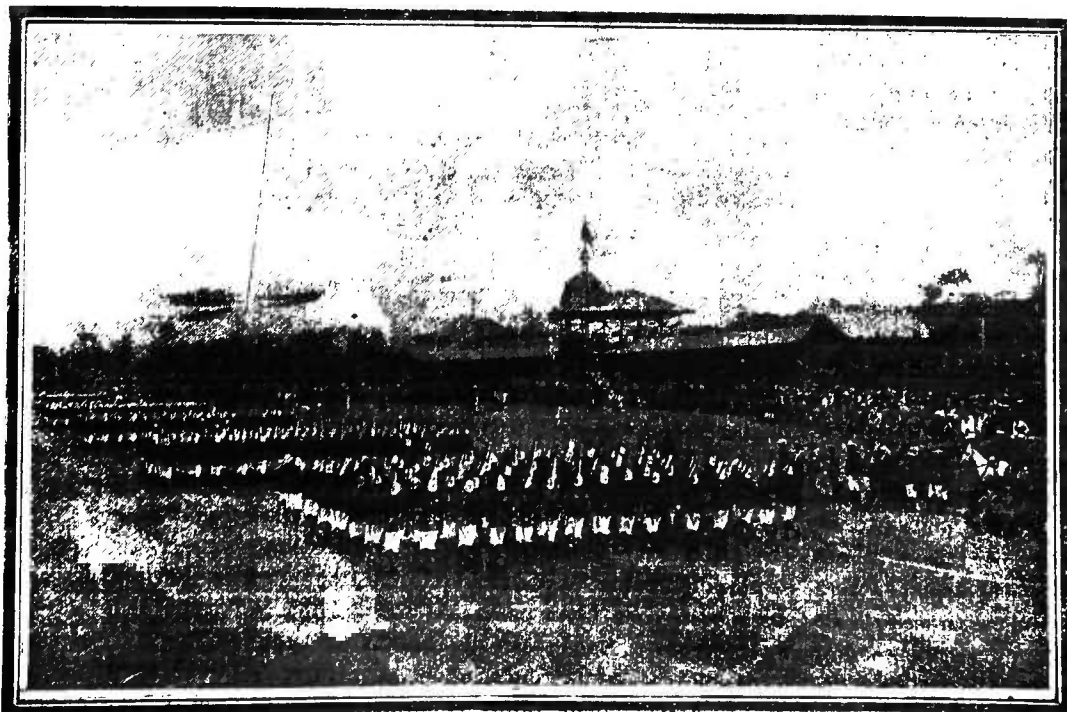
Que mais será necessario dizer, meus senhores, desse gigante do jornalismo brasileiro? Eniôca traçado com mão canhêstra ahi está o perfil de Joaquim Serra. Do que foi em vida, do vacuo aberto por sua morte, retratam-no maravilhosamente o "deiradeiro adeus" que, á borda do tumulo, lhe disseram Quintino Bocayuva — o Patriarcha da Republica; Salvador de Mendonça — o amigo extremado; e Joaquim Nabuco — o companheiro inseparavel das lutas abolicionistas e dos combates em prol do liberalismo e quem, segundo o testemunho de Getulio das Neves, "num grito lancinante e eloquente de quem vê, por assim dizer, partir-se metade de seu proprio ser, para o qual é, no entretanto, obrigado a escrever o glorioso epitaphio

E vós, confrades estrangeiros, que evidentemente, nunca ouvistes, antes desta hora, pronunciar o nome de Joaquim Serra, podeis avaliar das dimensões desse vulto eminente do jornalismo brasileiro, sabendo que esse homem illustre andou, durante mais de trinta annos da nossa vida litteraria, politica e social, lado a lado, com Machado de Assis, José de Alencar, Octaviano, Quintino Bocayuva, Rio Branco, Joaquim Nabuco, André Rebouças, Franco de Sá, José do Patrocínio, Ferreira de Menezes e Ruy Barbosa, o maior dos brasileiros vivos!

Tai foi o jornalista, cujo retrato passa, desde este momento, a figurar na Galeria dos Notaveis da Imprensa do Brasil.

M. Nogueira da Silva.

CENTENARIO DA INDEPENDENCIA DO BRASIL



ASPECTO DA PARADA DAS FORÇAS MILITARES NO DIA 7 DE SETEMBRO

CHRONICA DO CENTENARIO

PORTUGAL - BRASIL

O Sr. Antonio Jose de Almeida terá diante dos olhos, viva e palpitante, a prova de que esta terra, tantos annos trabalhada pela energia portugueza, dignificada pela honra portugueza e regida pelo scepo portuguez, todos, portuguezes e brasileiros, constituimos uma so familia, unidos pelos mesmos interesses, inspirados pelos mesmos ideos, defendendo dos mesmos deos, e vivendo das mesmas alegras

Epitacio Pessoa

Em honra do Brasil!

Foi a seguinte a moção de congratulações com o povo, em honra da Patria, que approvou a Camara dos Deputados, na sessão de 7 de Setembro, commemorativa do Centenario:

"A Camara dos Deputados da Republica dos Estados Unidos do Brasil, reunida em sessão extraordinaria para isso especialmente convocada, á 1 hora da tarde do dia 7 de Setembro de 1922, em sua sede provisoria, installada no Palacio da Biblioteca Nacional, situado á Avenida Rio Branco, na cidade do Rio de Janeiro, Capital Federal da Republica — do mais intimo da alma de cada um dos seus membros, cujos corações palpitam commovidos e emocionados por intenso jubilo patriotico e per justificado orgulho civico, deante da grandeza do paiz de que são legitimos representantes nesta casa do Congresso Nacional congratula-se com a heroica Nação Brasileira pela passagem desta gloriosa data, que recorda o marco primeiro da nossa Independencia Politica, ha cem annos plantado ás margens do Ypiranga e desde então para sempre gravado na historia dos povos livres com as suggestivas palavras do brado immorredouro — "Independencia ou Morte" — ainda hoje vibrante de enthusiasmo e palpitante de verdade, onde quer que esteja um brasileiro vivo.

Com essas congratulações, profundamente sinceras que em honra do Brasil, neste momento formulamos perante a nação que tão generosamente nos elegeu para represental-a na sua elevadaa função de decretar as suas leis, deixamos consignados, nos Annaes da Camara dos Deputados, os ardentes votos, que fazemos.

Pela paz, pela harmonia, pela soldariedade inquebrantavel de todos os brasileiros:

Pela união perpetua e indissolúvel de todos os Estados da nossa Federação:

Pela amizade constante e fraternal entre todos os povos, especialmente os do contingente americano;

Pela integridade absoluta do nosso vasto e riquissimo territorio, cujas fronteiras a clarividencia de nossos governos tornou incontestaveis e o patriotismo de nossos patrios manterá inexpugnaveis:

Pela prosperidade crescente, pelo desenvolvimento, pelo engrandecimento perenne, pela gloria brilhante e immarcescível do Brasil, patria nossa muito amada, patria adorada, estremecida, patria grandiosa e idolatrada, a cujos pés depomos exultantes, na grande solemnidade do Centenario de sua Independencia, o penhor sagrado e irregatavel de todo o nosso amor; de todos os nossos melhores pensamentos, de nossa dedicação inteira, sem medir sacrificios do sangue nosso até o ultimo gottejar, de nossa vida até o alento extremo!

Sala das sessões da Camara dos Deputados, aos 7 de setembro de 1922".

O esforço da Nação Brasileira

Respondendo á saudação que, em nome de S.S. o Papa, dos Soberanos e chefes de Estado representados nas commemorações, lhe dirigiu o senhor Francisco Cherubini, embaixador de Santa Sé, o Presidente da Republica agradeceu com estas palavras, em que diante o esforço da Nação Brasileira, em prol dos altos ideaes de liberdade e de confraternização internacional ininterruptamente segui-

do, desde a independencia, quer no Imperio, quer na Republica. São as seguintes as palavras do Chefe da Nação:

"Meus senhores — A oração com que acaba de saudar-me, em nome de todos vós e em nome dos vossos respectivos soberanos e chefes de Estado, o illustre embaixador especial de sua santidade o papa, encheu-me do mais vivo desvanecimento, não só pelo carinhoso sentido do seu contexto, senão também pela manifestação especialissima que encerra, neste momento de jubilo para todos os brasileiros.

Lançando um olhar retrospectivo sobre esses cem annos decorridos, o Brasil tem a consciencia de haver contribuido lealmente, á medida de suas forças, sem actos que o diminuam no concerto dos povos, para o progresso moral e material do mundo. As transformações mais radicaes — a Independencia, a Abolição e a Republica — foram aqui levadas a effeito sem grandes abalos, nem excusadas violencias. O impulso á cultura da intelligencia, ao bem estar das populações, ao aproveitamento das forças economicas, á circulação das riquezas, attesta o esforço da Nação Brasileira em bem cumprir no seu territorio, a missão que lhe cabe na obra grandiosa da civilização humana.

Na esphera da sua politica externa, a sua preocupação maior foi sempre a preocupação de utilmente servir ao mais nobre dos ideaes: — a confraternização universal dos povos. Politica tradicional, dictada assim, pela nitida comprehensão dos interesses nacionais, mais immediatos, como pelos naturais impulsos da propria indole popular, tem ella, quer no Imperio, quer na Republica, mostrado sempre a acção dos estadistas brasileiros

É, senhores, com íntima alegria que recordo, ao revêr em pensamento a historia do Brasil, jamás haver partido a iniciativa de uma só luta armada contra qualquer outra nação. De quanto acabo de dizer-vos é reconhecimento e recompensa a expressiva saudação com que, nesta magna data e em nome de tantos e tão grandes povos, honraes a Nação Brasileira.

Ao receber esta homenagem, asseguro-vos que o povo brasileiro bem lhe comprehende a excepcional significação e faz commigo os mais ardentes votos pela prosperidade crescente de cada um dos Estados que, nesta hora gratíssima, aqui representaes em missão especial de affecto e solidariade”.

A admiração do mundo

Saudando o Brasil, na pessoa do Presidente da Republica, o Monsenhor Francisco Cherubini, embaixador em missão extraordinaria, da Santa Sé, em nome de S.S. o Papa, dos soberanos e chefes de estado representados nas commemorações de Sete de Setembro, proferiu o discurso abaixo, que é todo elle um hymno de enthusiasmo á obra da nossa cultura e de nosso trabalho, e os melhores votos pela felicidade da nossa terra. A sua honrosa saudação é a seguinte:

“Senhor presidente. E’ com a maior satisfação que dirijo a palavra a V. Ex., neste dia que será inscripto em letras de ouro nos annaes do Brasil e é para mim uma honra toda particular, ser junto a V. Ex., nesta solemniidade, o interprete dos meus illustres collegas, embaixadores em missão especial.

Considero como a nota mais agradavel da minha missão, trazer, antes de tudo, as mais respeitoses homenagens ao illustre presidente que, pelo seu saber, sua actividade, sua habilidade, seu devotamento, dirige o povo brasileiro para os seus altos destinos.

Affirmo — gloriosos destinos; taes, com effeito, foram sempre os destinos deste grande povo depois da primeira pagina, que escreveu na historia até á época mais gloriosa ainda da sua independência; deste povo que attingiu á virilidade sem passar pela infancia.

E’ um facto conhecido, que em todos os tempos os povos, que não gozavam de liberdade, aspiravam sempre uma existencia nacional independente e trabalharam com todas as suas forças para a conquistar.

Mas, ah! quanto sangue, quantas lagrimas não custou essa independência!

Felizmente não aconteceu assim para a Nação Brasileira em 1822. Porque o povo portuguez — que lhe descobriu o genio e lhe cultivou a nobreza — a considerou antes como filha do que colonia.

Elle lhe deu a educação moral, social, religiosa; desenvolveu suas excellentes disposições para as artes, sciencias, commercio: em uma palavra: o preparou para o dia da emancipação, para o dia da independência.

De facto, Sr. Presidente, quando ás margens do Ypiranga, ecoou, ha cem annos, o grito da Liberdade, esta grande Nação obri-nha a sua independência sem derramar uma só gota de sangue, nem mesmo uma lagrima; porque era o sangue portuguez que corria nas veias do joven e nobre príncipe que acabava de pronunciar a phrase historica: “Independência ou morte!

Desde então a generosa Nação Brasileira, tão joven ainda, se lançava sobre o caminho

da Gloria, ou mesmo de todas as glorias.

De José Bonifacio ao barão do Rio Branco, é toda uma série de personagens illustres que revelam ao mundo inteiro o desenvolvimento intellectual e a ascendencia moral desta nobre nação.

A historia repetirá á posteridade as paginas sublimes, onde estão escriptos em caracteristicos indeleveis os feitos gloriosos do nobre povo brasileiro.

O grande gesto da princeza Isabel, proclamando a abolição da escravatura, fez conhecer os sentimentos delicados da civilização e do progresso deste paiz.

Na Conferencia da Paz, em Haya, a delegação brasileira chamou sobre si a attenção universal; e o nome do eminente jurisculto Ruy Barbosa será respeitado tanto pelo historiador como pelo homem de Estado.

E, na Conferencia de Paris, Sr. Presidente, o tacto e a habilidade com que V. Ex. dirigiu a delegação do Brasil, grangearam para V. Ex. as maiores sympathias do estrangeiro e deram-lhe um logar de muito maior realce.

E’, portanto, justo, Sr. Presidente, que todas as Nações estejam aqui representadas nas festas do Centenario de sua nobre Patria e lhe tenham trazido o tributo de sua admiração.

Sr. Presidente, em nome de Sua Santidade o Papa Pio XI, em nome dos decais augustos soberanos e chefes de Estado que temos a honra de aqui representar, nós nos associamos com alegria ás festas que recordam dias tão gloriosos para o Brasil, e ao mesmo tempo formulamos votos os mais sinceros pela prosperidade cada vez maior, para a felicidade sempre mais completa deste nobre paiz.

E, si bem que é da união dos espiritos e dos corações que resultam os grandes beneficios, peço a Deus realizal-os sempre com vantagem, removendo tudo o que lhe possa servir de obstaculo.

Que o Cruzeiro do Sul, que brilha sobre esta terra privilegiada para o futuro, como no passado, não a illumine sinão para causas nobres, generosas e admiraveis.”

Como o Brasil trabalhou e o que produziu no primeiro seculo de Independencia

Em nome do Governo da Republica, o Ministro da Justiça e Negocios Interiores, ao inaugurar-se a Exposição Internacional, do Rio de Janeiro, em Sete de Setembro, saudou todos os que vieram trazer ao nosso admiravel certamen o concurso de seu esforço e actividade, especialmente as nações amigas, cuja contribuição é de todo inestimavel.

Eis o discurso preferido:

Snr. Presidente, Srs. Embaixadores e enviados das nações amigas, minhas senhoras. O começo do seculo vinte é a época festiva da America Latina, como o começo do seculo dezenove foi a época dolorosa das duas lutas pela independência e pela liberdade.

Dir-se-hia que ella passou cem annos a crescer e a robustecer-se, agora celebra a sua maioridade no meio das nações mais velhas do mundo, gentilmente associadas a essa commemoração.

E’ tão longa a idade dos povos, que menos de um seculo parece apenas a adolescencia, o começo da juventude.

O Brasil já teria chegado áquella phase da vida, se tivesse querido contar a sua entrada no convivio internacional desde 1815, quando, unido a Portugal e Algarves, passou a fazer parte do Reino Unido, e aqui se constituiu a séde do governo commum.

Ao fim de seis annos, porém, foi interrompida a cordialidade existente entre os membros da União e começou a luta porfiada, de onde resultou separarem-se pelo interesse particular de cada um, para depois se encontrarem irmanados no futuro pelos destinos identicos da mesma origem e as tendencias iguaes da mesma civilização.

O Brasil quiz mostrar ao mundo como usou da liberdade nesse seculo que passou.

Recebendo a visita de chefes de Estado, de embaixadores e enviados das nações amigas, quiz dizer-lhes, por factos, como trabalhou e quanto produziu; como foi digno da independência que logrou e deixal-os julgar

CENTENARIO DA INDEPENDENCIA DO BRASIL



PORTA PRINCIPAL DA EXPOSIÇÃO

se merece, ainda mais, a confiança dos que esperam do seu porvir.

Nenhuma linguagem fallará melhor do que o certamen que hoje inauguramos.

Elle não se realiza como pretexto para festins, mas como demonstração de esforços extraordinarios de intelligencia consumidos em quasi todos os ramos de trabalho.

Haverá ahí muitas mostras desse passado.

Umás servirão para accentuar como os povos devem guardar certos patrimonios legados por seus maiores, exemplo do seu bom gosto e da sua personalidade ethnica; outras servirão para abrir os olhos aos que se aferiram á rotina e não de constituir, pela comparação com os productos aperfeiçoados aqui expostos, benéfico estímulo para melhorar e progredir.

Esse ultimo effeito ha de vir, sobretudo, da lição que nos trazem os povos mais adiantados do mundo, cultores das maravilhas de todo o genero que facilitaram o bem estar dos homens e concorreram para leval-os, com rapidez de um a outro extremo da terra, aproximando-os, reunindo-os, tornando possível conhecerem-se melhor, para um dia, que praza aos céos já tenho chegado, abandonarem as suas desconfianças e prevenções, geradoras de males, e enfrentarem-se uns aos outros, sómente como hoje, nestes campos de combate do pensamento e do trabalho, de onde só resultam benefícios para a humanidade e brilho para a civilização.

Em nome do Governo da Republica, agradeço aos Chefes de Estado, Embaixadores e enviados das nações amigas, a honra que fazem ao Brasil de realçar, com a sua presença, a solemnidade deste acto, e aos representantes da industria e de todas as manifestações do trabalho vindos de tão longe, o concurso que nos vieram trazer para o bom exito da exposição commemorativa do primeiro centenario da independencia politica do Brasil”

A antevisão do Brasil futuro

Respondendo ao convite que lhe fez o Presidente da Republica, para que assistisse officialmente, ao seu lado os festejos do Centenario da Independencia do Brasil, o eminente brasileiro, conselheiro Ruy Barbosa, senador da Republica e juiz da Côte Permanente de Justiça, dirigiu ao Chefe da Nação a seguinte carta:

“Rio, 7—9—22—134, Ruy Barbosa. Illmo. e Exmo. Sr. Dr. Epitacio Pessoa, digno Presidente da Republica — Do fundo do meu humilde leito receba V. Ex. com os meus agradecimentos ao carinho do seu convite para assistir a seu lado ás solemnidades commemorativas do Centenario, a minha homenagem por esta antevisão do Brasil futuro, que V. Ex. realiza tão nobremente, que eu não vejo, mas a que assento presente em espirito e de coração. Praza ao Altissimo Pai e Senhor de todas as cousas das Republicas como dos Imperios, que quando o sol rasgar a pertinaz neblina, que ha tanto nos envolve, o mundo não veja reste quadro, senão o que vós quizeis fazer: a reunião dos povos civilizados, laboriosos e livres em torno do lar de uma nação que se deconstrõe; nem se escutem neste immenso oceano de vagas humanas senão os rumores da nossa unisona adhesão ao Evangelho dos bons. Deus vos abençoe para celebrardes com autoridade no

altar das esperanças do seculo o Officio Divino do culto, que lida por substituir ao comido nune do Estado archipotente a aspiração, cujo dia se approxima, do Estado recto, limitado e justo”

A grandeza do Brasil

Falando aos embaixadores e chefes de missão, o Presidente da Republica disse-lhes a grandeza do Brasil, nessa synthese empolgante:

“Quiz o destino que a mim coubesse a honra de receber-vos, em nome dos meus compatriotas, na data do primeiro Centenario da Independencia politica do Brasil. Do calor do nosso affecto e da sinceridade de nossa gratidão, por terdes vindo festejar connosco essa data memoravel, já deveis ter segura prova nas espontaneas manifestações de sympathia que rebentam e se expandem a cada passo, onde quer que a vossa presença seja notada.

Os congressos scientificos, historicos, artisticos e economicos, a que ides assistir do mesmo modo que a Exposição em que procurámos resumir alguns aspectos da nossa cultura intellectual e da producção das nossas terras e fabricas, naturalmente não poderão dar aos representantes das civilizações mais antigas e adeantadas, uma impressão de surpresa; mas, estou certo, bastarão para convencer-vos de que alguma coisa temos feito e muito poderemos ainda realizar, fazer para o futuro, depois deste passo tão difficil do primeiro Centenario da vida emancipada.

A vida das nações conta-se por seculos. Vencemos a primeira etapa, com tropeços, e verdade, mas, com honra e altivez.

As boas causas da liberdade e da justiça sempre preocuparam os nossos homens politicos. Na ordem politica, feita a independencia, tivemos que a consolidar. Para isso foi mister afastar do Brasil o fundador do Imperio. Realizada a consolidação e garantida a unidade patria, tratamos da autonomia das provincias, outorgando-lhes uma prudente descentralização.

Em seguida, estancámos o trafico africano. Cicatrizada essa chaga, surgiu a campanha abolicionista, victoriosa com a libertação dos nascituros, a alforria dos sexagenarios e logo depois a abolição completa da escravidão. Ganha essa campanha, batemo-nos, então, pela federação e pela Republica. Proclamada esta, plantámos na Constituição a arvore da Paz, exigindo em termos imperativos o arbitramento como solução primordial das nossas pendencias Internacionais.

Eis ahí, em rapidas linhas, a nossa orientação politica. Conseguimos fincar na Historia estes marcos da liberdade e justiça, sem luctas sanguinolentas, sem profundos abalos, envolvendo naturalmente pela propaganda e pela persuasão.

Si o progresso intellectual e material corresponde ou não a essa evolução politica é o que desejamos justamente apurar agora e podeis verificar connosco. Sempre vos direi entretanto, que passamos de tres a trinta milhões de habitantes, que o valor da nossa balança commercial cresceu na proporção de vinte mil para um milhão e hoje se expressa em quatro milhões de contos; que a extensão das nossas linhas ferreas é de trinta mil kilometros; que excede de cincoenta milhões a tonelagem dos navios que sulcam as

aguas dos nossos portos; que contamos perto de sessenta mil kilometros de linha telephonica; mil e quinhentos kilometros de carris urbanos, talvez mais de um milhão de objectos de correspondencia postal; cerca de cincoenta mil kilometros de linhas telegraphicas; que o valor dos nossos estabelecimentos rurales excedem de dez milhões e quinhentos mil contos; que na pecuaria occupamos o terceiro ou quarto logar no mundo; que para a renda geral de quatro mil contos em 1822 temos agora a reccita de quasi um milhão de contos de réis só para a União, sem incluir a dos Estados; que da instrução temos cuidado com o possível desvelo; de 1907 a 1920, o augmento dos cursos elevou-se de 72 % e de alumnos de 85 % o que revela o esforço do paiz, nos ultimos annos, pelo incremento da sua instrução; os resultados desse esforço se farão sentir em breve ainda mais animadores, quando a União Federal de accordo com a recente autorização legislativa, collaborar na diffusão do ensino primario; dis-vos-ei ainda que contamos cerca de dois mil quatrocentos jornaes e revistas; seiscentas e cincoenta associações scientificas, literarias e artisticas, mil e quatrocentos estabelecimentos de assistencia, muitos milhares de sociedades de auxilio mutuo e caridade e que a nossa ultima organização sanitaria, talhada nos moldes mais adiantados prepara a olhos vistos o fortalecimento da raça e o augmento da sua capacidade productora. Do Rio de Janeiro de 1822, fizemos durante o imperio e principalmente na Republica, a cidade moderna que actualmente se honra de hospedar-vos, sem as epidemias dizimadoras que eram com razão o terror do estrangeiro. A hygiene e o embelezamento dos centros populosos constituem neste momento a preocupação generalizada no paiz inteiro.

Digo-vos, isto, senhores, apenas para que vejaes que não temos ficado estacionarios; que o Brasil compenetrado da missão que lhe cabe na scena internacional, tem prestado devotadamente o seu concurso á obra da civilização em que vieis empenhados e é digno da consideração com que o honraes neste momento, vós que de certo reconhecereis no esforço pertinaz da nossa adolescente nacionalidade a promessa de uma larga politica de realizações, capaz de corresponder, na vida material da Nação aos grandes idéas que a guiaram na transformação inaugurada em 7 de setembro de 1822.

Ao meu coração de brasileiro nada podia ser mais grato do que vêr aqui reunidos os representantes das nações amigas, que, em missão de paz, vêm trazer-nos a animação do seu applauso pelo que temos feito e o estímulo do seu apoio e solidariedade ao que de nobre e alevantado venhamos ainda fazer.

Senhores embaixadores e chefes de missão. E' com a mais sincera agradecida cordialidade que levanto a minha taça pela felicidade pessoal de cada um de vós e pela prosperidade e bem estar dos povos e dos governos que aqui tão dignamente representam.

A nova Capital

No planalto central de Goyaz realizou-se no dia 7 de setembro a cerimonia do assentamento da pedra fundamental do novo Districto Federal, na area já demarcada e para esse fim destinada. Era uma das solemnidades previstas no vasto programma de nossas

festas da Independencia, essa que relembra uma aspiração nacional, consignada mesmo na Constituição republicana.

A cerimonia constou da erecção no morro Centenario, naquella local, de uma pyramide de 33 pedras, symbolizando a idade da Republica, com uma placa de bronze, contendo a seguinte inscripção: "Em cumprimento do disposto no decreto n. 4.494, de 18 de janeiro de 1922, foi aqui collocada em 7 de setembro de 1922, ao meio dia, a pedra fundamental da futura Capital Federal da Republica dos Estados Unidos do Brasil." Essa solemnidade foi assistida por muitas pessoas e pelos representantes designados pelo Governo Federal para esse fim.

O teor do decreto n. 4.494, de 18 de janeiro de 1922, é o seguinte:

"O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil.

Faço saber que o Congresso Nacional decretou e eu sanciono a resolução seguinte:

Art. 1º — A Capital Federal será opportunamente estabelecida no planalto central da Republica, na zona de 14.400 kilometros quadrados que, por força do art. 3º da Constituição Federal, pertencem á União, para esse fim especial já estando devidamente medidas e demarcadas.

Art. 2º — O Poder Executivo tomará as necessarias providencias para que, no dia 7 de Setembro de 1922, seja collocada no ponto mais apropriado da zona a que se refere o artigo anterior, a pedra fundamental da futura cidade, que será a Capital da União.

Art. 3º — O Poder Executivo mandará proceder a estudos do traçado mais conveniente para uma estrada de ferro que ligue a futura Capital Federal a lugar em communição ferro-viaria para os portos do Rio de Janeiro e de Santos, bem como das bases ou do plano geral para a construcção da cidade, communicando ao Congresso Nacional, dentro de um anno da data deste decreto, os resultados que obtiver.

Art. 4º — Para a execução deste decreto fica o Poder Executivo autorizado a abrir os creditos necessarios.

Art. 5º — Ficam revogadas as disposições em contrario.

Rio de Janeiro, 18 de Janeiro de 1922.
101º da Independencia e 34º da Republica. —
Epitacio Pessoa. — Joaquim Ferreira Chaves.
— *J. Pires do Rio.*

A participação do mundo na nossa Exposição

Na inauguração da Exposição Internacional do Rio de Janeiro, a Sete de Setembro o illustre embaixador de França, S. Ex. o Sr Alexandre Conty, em nome das nações que nos honraram com sua comparença ao grande certamen, saudou o Brasil nestas palavras eloquentes e vibrantes:

"Sr. Presidente — Meus senhores — Si o meu predecessor, Sr. De Gabriel que ouviu o grito do Ypiranga, voltasse hoje ao Rio de Janeiro, a sua surpresa seria extrema e a sua admiração sem limites.

Em 1799 não havia ainda 45.000 habitantes na Capital do Brasil colonial; em 1822 esta cidade continha já mais de cem mil almas, hoje tem mais de um milhão.

Altivamente collocada na margem desta bahia, que offerece aos olhos admirados dos homens um dos mais bellos espectaculos do

mundo, a fronte cingida com a magnifica corôa que formam o Pão de Assucar, o Corcovado, a Tijuca e a Serra dos Orgãos, a Capital Federal dos Estados Unidos do Brasil galgou a angustia das suas ruellas de antanho, deslocou as montanhas e fez recuar o mar.

E os seus progressos maravilhosos assignalam a evolução do paiz inteiro, desde a data memoravel de 7 de setembro de 1822.

Não podemos celebrar esta data sem evocar a grande figura daquelle que respondeu ao appello de José Bonifacio, proclamando a independencia.

O meu compatriota Debret diz desse monarcha: "D. Pedro I tinha espirito, memoria e, mais ainda, uma alma elevada, rectidão, um desejo sincero de fazer o bem, vigor physico, uma physionomia expressiva e grave, uma certa aspereza na franqueza, maneiras amaveis, a palavra viva e facil, a conversação cheia de observação e de razão.

Rocha Pombo accrescentava que D. Pedro I era sobrio, madrugador e poupado, qualidades estas que não são para desdenhar. Antes de tudo este principe foi dotado de um grande senso politico e do sentimento da opportunidade.

Saudamos a sua memoria e saudaremos tambem os seus netos que, embora sob o véu de um luto cruel, e a despeito de uma tragica dôr, vieram associar-se hoje á alegria da sua Patria.

A maxima do imperador D. Pedro I "Tudo para o povo" é hoje completada pelo Brasil democratico que grita. "Tudo para o povo e pelo povo"

Todas as nações do mundo, tomando parte na exposição da independencia, vieram prestar homenagem, Sr. Presidente, á grande Republica, á qual a firme e sabia administração de V. Ex. assegura a ordem e a prosperidade.

Os povos da remota Asia mostram-nos aqui que a sua antiga civilização está ornada de todos os processos da sciencia moderna; os povos da Europa, ainda mal refectos da grande luta, rivalizam no Brasil na industria e nas artes, cujo desenvolvimento deve ser assegurado pela paz, fundado no respeito ao direito e na escrupulosa observancia dos tratados.

Os Estados Unidos da America do Norte, cuja actividade resplandece ao longe sobre todas as obras fecundas, contribuíram, sob uma forma effectiva e concreta, para a preparação do proprio terreno desta exposição; as Republicas latinas da America festejam á porfia a sua irmã brasileira.

Todos nós os trazemos aqui as felicidades que merece o vosso glorioso passado e os votos que todos nós formulamos pelo feliz futuro dos Estados Unidos do Brasil."

A terra da promessa

Foi um hymno ardente e sincero, á obra de nosso paiz, ás conquistas de sua actividade, aos idéaes de sua cultura e ao seu tributo á civilização, o eloquente discurso que proferiu o illustre estadista Charles Evans Hughes, Secretario de Estado dos Estados-Unidos da America do Norte, respondendo á saudação do Presidente da Republica aos embaixadores e chefes da missão. Registamol-o, com muita honra e cheios de emoção:

"Sr. Presidente. E' um privilegio elevado que me permite responder ás eloquentes

palavras de saudação proferidas por vossa excellencia.

Estou certo de interpretar os sentimentos de todos os meus illustres collegas ao formular as expressões de profunda apreciação das calorosas boas vindas que recebemos, da vossa amavel e generosa hospitalidade e das constantes manifestações de boa vontade e amizade por parte do vosso povo, que constituirão para sempre a nossa mais grata recordação.

Sr. Presidente, estas mensagens de cordialissimas manifestações, que vos enviaram os governos aqui representados, tornam publicos os sentimentos de admiração de ambos os hemispherios pelo que tem realizado o povo brasileiro, de gratidão pelos seus notaveis serviços á civilização, de solida amizade que encontra sua base duradoura na exacta comprehensão das suas qualidades e propositos e do mais sincero desejo de que goze sempre da mais abundante prosperidade.

Como indicou V. Ex., a historia do Brasil proporciona uma illustração extraordinaria, senão unica do progresso pacifico. Mudanças politicas radicaes foram realizadas sem excessos de violencias ou effusão de sangue, correspondendo a aspirações nascidas de convicções, que gradualmente se foram de tal fórma generalizando e tão profundamente arraigadas que tornaram futil a opposição. Assim o espirito livre do povo brasileiro ganhou as suas notaveis victorias da paz; assegurando a independencia, fazendo administração imperial sob o estadista mais esclarecido, servindo impulsos democraticos, pondo fim ao trafico humano e estabelecendo finalmente completos e seguros alicerces de liberdade na instituição desta republica.

Pagamos o nosso tributo ao passado; ás façanhas de homens heroicos, de guias fortes e valerosos que vos deixaram a herança impercível da sua fortitude e sacrificio e aos cientistas, historiadores e poetas pensadores e estadistas que expuzeram os ricos frutos de vossa vida intellectual.

Porém, não é um passado morto que celebramos. Apesar das suas percepções e realizações, é um passado notabilissimo porque é apenas um principio. E' o tempo da sementeira, do qual esperamos a mais segura e mais abundante colheita. Esta é proeminentemente a terra da promessa, de quasi illimitadas possibilidades, cujo desenvolvimento não assegurará o futuro do seu povo, mas conferirá bençãos indiziveis á Humanidade.

Sr. Presidente, fallastes dos congressos scientificos, historicos, artisticos e economicos que se reúnem annexos a esta Exposição. Estes não só attestam os interesses intellectuaes aqui tão felizmente alimentados, como tambem asseguram o talento altamente treinado e a pericia technica, que estão a vosso serviço em utilizar os recursos deste admiravel paiz em proveito da Humanidade.

O que os homens trazem á natureza é o que determina a extensão em que elles podem obter a sua benção. Com justo orgulho expuzestes o vasto crescimento do vosso commercio, o estabelecimento de facilidades de comunicação, os varios empreendimentos municipaes pelos quaes a sciencia e a pericia dos engenheiros vos habilitam a attender a todas as necessidades civis, as barreiras que com inteiro successo erigistes contra a invação do

mal, e as incontestáveis adaptações que trazem commodidades e conforto á vida moderna. Porém, como o tenho dito, isso é apenas a preparação para uma nova era de actividade economica, de commercio augmentado, de uma mais diffusa prosperidade com todos os seus beneficios inherentes de cultura.

Sr. Presidente, acima de tudo eu coloco a devoção do povo brasileiro sobre os idéaes da liberdade e da paz. O espirito tolerante que aqui se manifestou e a benigna disposição do vosso povo, dá-lhe melhor segurança que quaesquer riquezas naturaes ao contentamento e á felicidade que deve ser o fim dos esforços phisicos. Vós progredistes na paz, com successo, porque soubestes querer a paz. Nós emergimos da luta mais terrivel da historia, com a determinação de que, apesar das nossas humanas fraquezas e as causas varias de controversias, não deve haver mais guerra. Estamos tratando de procurar descobrir os meios de preservar a paz no mundo, porém, sabemos que elles não serão encontrados em fórmulas de méros accórdos, mas só podem ser assegurados se o sentimento de justiça prevalecer sobre quaesquer interesses em conflicto e os homens chegarem sinceramente a preferir os processos da razão sobre as lutas da força.

Em sua longa historia, o Brasil deu um exemplo á Humanidade, e a nossa reunião aqui é effectivamente a promessa de um futuro de cooperação pacifica.

Sr. Presidente, não podemos ter melhores desejos para o vosso paiz senão que os idéaes que vós nobremente exprimistes sejam para sempre afagados pelo vosso povo.

O symbolo de amizade

Ao ser lançada a pedra fundamental do grandioso monumento que o povo norte-americano offerece ao Brasil, a estatua da Amizade, o Secretario do Estado Charles Hughes proferiu o seguinte discurso, exaltando a cordialidade entre as duas grandes republicas da America, cuja "força deriva do mesmo poder espiritual" na sua alta expressão. Eis a oração do illustre estadista:

"Sr. Embaixador, minhas senhoras, meus senhores — Considero-me feliz pela oportunidade que se me offerece de ter uma parte na inauguração deste local para o monumento americano do Centenario e especialmente pela ocasião de cumprimentar os meus conterraneos e os amigos do Brasil e dos Estados Unidos que aqui se reuniram.

Desejava poder transmittir-vos de uma fórmula significativa as agradáveis impressões que eu tenho recebido durante a minha curta visita, de como apprecio as incomparáveis bellezas desta scena, que trazem um encanto duravel, desta prospera Capital em que os recursos da sciencia tem sido dispostos sob uma efficiente direcção para attender ás sempre crescentes necessidades da vida civil, das incontestáveis manifestações de genial disposição e grandezza que caracterizaram o povo brasileiro, e, sobretudo, da generosa hospitalidade com a qual tenho sido favorecido por esse povo de coração quente, cujas cordaes boas-vindas e constantes considerações e provas de amizade converteram uma ocasião de privilegio official em uma de rara satisfação pessoal.

Estes bellos dias serão sempre lembrados da fórmula a mais feliz.

E' muito apropriado que este monumento deva ser erecto como uma commemoração da historica amizade entre o Brasil e os Estados Unidos. O nosso governo foi o primeiro a reconhecer a independencia do Brasil e desse momento em diante os laços de estima e amizade jámais se quebraram. O grito do Ypiranga: "Independencia ou Morte" não pôde deixar de lembrar-nos as memoráveis palavras do nosso proprio Patrick Henry: "Dae-me liberdade ou dae-me a morte", e por meio de todas as vicissitudes de uma centena de annos, houve uma duradoura apreciação de uma communhão de idéaes e de interesse, que abençoou ambos os povos com o sentido de pacificas e mutuamente beneficentes relações.

Porém, esta cerimonia é ainda mais significativa. Ella não só attesta a nossa duradoura amizade, mas expressa a admiração do povo da Republica do Norte pelas vastas excepções da sua irmã do Sul e por tudo quanto aqui foi feito para o desenvolvimento de um grande povo.

A celebração deste Centenario traz reminiscencias do passado; dos primeiros intrepidos viajantes; dos bandeirantes, entrando-se no interior e obtendo um lampejo dos extraordinarios recursos e potencialidade desta terra da promessa; da primitiva organização colonial, que deu as primeiras bases de instituições ás actividades que tinham que civilizar um continente; do estabelecimento aqui de uma séde de autoridade da mãe patria: da inevitavel affirmação de uma vida nacional independente; do longo e benéfico reinado daquelle liberalissimo administrador de elevado espirito, sabio e estadista D. Pedro II; do espirito de liberdade do povo brasileiro quebrando a escravatura e levantando instituições republicanas; e mais recentemente da nossa associação na momentosa luta que salvou a causa da liberdade em si e, como esperamos, poz um termo para todos os tempos ás pretensões da força bruta.

Eu tenho prazer em rememorar que Thomas Jefferson, o primeiro secretario de Estado norte-americano, instruiu em 1791 a David Humphreys, Ministro em Portugal, que nos obtivesse todas as informações possíveis sobre a força, riqueza, recurso e disposições do Brasil.

Aquelles de nós, que com rapidez e todo o conforto possível e conveniencias modernas fizeram recentemente a jornada de New York, encontram uma fascinação em tentar imaginar as experiencias daquelles marinheiros de Salem, Massachusetts, de Providence, Boston, Philadelphia, New York e outros portos cujos navios visitaram com frequencia este porto e outros portos desta costa nos primeiros annos do seculo dezanove. Eu estou informado que, no anno remoto de 1892, oito dos estados maritimos da America do Norte negociavam com quasi todos os portos do continente sul-americano e linhas de nossos navios tocavam aqui.

Porém, esta terra afortunada que é o Brasil, é de revelações constantes, e hoje, mais do que nunca, apreciamos as possibilidades illimitadas de seu desenvolvimento, a prosperidade que o futuro reserva para este povo e as extraordinarias promessas dos serviços que pôde prestar á humanidade. Este, meus amigos, é inquestionavelmente o pais do vigesimo seculo, e, agindo para a crecção deste monumento, exprimimos não só o nosso tributo no que foi conseguido no passado, mas a nossa confiança no futuro e o nosso mais serio desejo que as mais fagueiras esperanças do Brasil se realizem abundantemente.

Seríamos tambem felizes em saber que este monumento ficasse associado no pensamento dos nossos amigos com a fiel avaliação do nossos idéaes e aspirações norte-americana.

Vós, meus conterraneos dos Estados Unidos, bem sabeis com que sinceridade nós desejamos a independencia, a intacta soberania e integridade politica, e a prosperidade sempre crescente dos povos da America Latina. Temos os nossos problemas domesticos,

CENTENARIO DA INDEPENDENCIA DO BRASIL



VISTA PARCIAL DA EXPOSIÇÃO

Inherentes á expansão da vida de um povo livre, mas não ha entre nós sentimentos imperialisticos, para lançar siquer uma sombra sobre o trilho do nosso progresso. Não ambicionamos territorio, não procuramos conquista; a liberdade pela qual anhelamos para nós, desejamos para os outros e não sustentamos direitos para nós que não accordemos aos outros. Desejamos sinceramente ver atravez deste hemispherio uma paz permanente, o regimen da justiça e a diffusão das bençãos de uma cooperação benefica. E' este o desejo que fórma a base dos sentimentos Pan Americanos.

Neste momento auspicioso estamos agradavelmente impressionados com a actual extensão dessa corporação. As varias organizações que aqui se encontram presentes recordam-nos que a sciencia não tem fronteiras. Estão aqui presentes aquelles que reúnem os resultados das mais cuidadosas pesquisas archeologicas; aquelles que trazem os seus estudos historicos em papeis para fruição, que formarão uma narrativa historica exacta e cuidadosa, baseada em fontes originaes. Reunimos tambem aqui os engenheiros, por cujos conhecimentos exactos e trenadas mãos muito tem a esperar a natureza. E, como eu não possa mencionar todas as corporações que ora se acham representadas nesta capital para essa celebração centenaria, não faltarei de fallar dos philantropos que se devotam ao bem-estar das crianças e protecção da humanidade.

Permittam tambem que eu vos recorde, como uma illustração de cooperação benefica, a obra que alguns dos nossos conterraneos tem executado no Brasil e em outras partes da America Latina, combatendo as mais temiveis fórmas de molestias, emquanto que na variada vida vegetal desse grande paiz encontramos meios de saude e cura.

Não me detive a respeito do desenvolvimento do commercio entre os nossos paizes. Creio que as gratas estatisticas são conhecidas de vós todos. Porém, ainda mais importante que o intercambio de productos é o do sentimento inspirado por comprehensão mutua, que tem sempre logar pela presença em cada paiz de representantes do outro.

E' especcialmente agradavel a acção de largas vistas do Governo Brasileiro provendo os estudos graduados no exterior para os melhores estudantes das escolas de agricultura e treno industrial, desenvolvendo assim um corpo de homens technicos altamente trenados. Ouvl que ha cerca de 250 jovens brasileiros estudando actualmte nas instituições educativas dos Estados Unidos e tenho certeza que muitos dos nossos estudantes norte-americanos encaminhar-se-hão para aqui e para outros paizes da America Latina de fórma a obterem o beneficio da observação pessoal e do estudo das instituições e vida economica.

O povo dos Estados Unidos e o povo do Brasil são devotados igualmente aos idéas da paz. Porém, a paz tem o seu methodo, tal qual a guerra. O methodo da paz é o do mais perfeito conhecimento e comprehensão; do respeito mutuo dos direitos com o reconhecimento correlativo das obrigações, do recurso em todas as difficuldades aos processos da razão; na reunlão de toda a habilidade e força do paiz nos interesses da paz com o desejo sincero e intenso de encontrar solução amigavel em vez de causas de desavenças e inimidade.

Sómente a disposição para a paz é que pode assegurar a paz. Nós deste hemispherio somos felizes de estar livres de qualquer ameaça de aggressão. Muitas das mais importantes controversias foram solvidas ou estão em vias de solução.

Porque não deveremos ter paz duravel e os beneficios de cooperação? Temos instituições dedicadas á liberdade e desejamos não simplesmente a Independencia do poder, porém, a independencia que está firmada no espirito prevalescente da Justiça. Temos fundo e tradição diferentes, porém, afagamos as mesmas aspirações; os mesmos anhelos pela liberdade sob a lei. As differenças são superficiaes, as affinidades fundamentaes. A nossa força deriva de mesmo poder espiritual. Fomos collaboradores e unidos pela recordação da nossa amizade historica avançamos com respeito mutuo para o gozo das nossas variadas oportunidades, sabendo muito bem que sómente em auxilio fraternal encontraremos as adaptações que o espirito democratico requer e assegura ás satisfações de um progresso racional.

Eu associo-me comvosco neste tributo das recompensas do povo brasileiro e nesta expressão dos nossos permanentes interesses na sua sempre crescente prosperidade e felicidade".

Defesa nacional

E' com jubilo que vemos a reallsação de um dos pontos do nosso programma, no referente á defesa nacional, dotando o Brasil de um porto militar, na Ilha Grande, conforme o decreto solemnmente consignado a sete de Setembro, e que, em essencia, contem uma homenagem á Marinha cuja acção foi decisiva e gloriosa na nossa independencia. Além do porto militar, foram criados cinco bases navaes e dados outras providencias imprescindíveis á defeza do nosso litoral, tornando, dest'arte, effectivo e seguro o nosso aparelhamento defensivo, por ora, deficiente. Fica, pois, resolvido uma das partes do programma de defesa naval do paiz, depois de concluido o programma adoptado a sete de setembro; faltando, apenas, a reforma, que terá de ser radical, de nossa esquadra de guerra. Esta está reduzida á efficiencia de dois encoçados, que já vão envelhecendo, e a unidade de valor assás problematicos. O material, por fim, é minguido, quando não falta de todo. Foi procurando remediar essa situação que o governo, num acto digno de sincero louvor, resolveu, depois de ouvidos os altos conselheiros technicos, estabelecer o porto militar na Ilha Grande e cinco bases navaes. Quanto á escolha do local (e nós nos pronunciamos em favor de Santa Catharina), já não é tempo mais de discutir, sendo certo, aliás que porto militar não é a base de operações e sim uma grande força de aparelhamento da esquadra. Por isso, é Incontestavel a excellencia da Ilha Grande, cuja escolha a commissão encarregada de estudar o assumpto, presidida pelo Sr. Almirante Gomes Pereira, houve por mais acertado indicar, analysados e balanceados todas as vantagens offerecidas por esse local. O programma executado no exercito, com a missão franceza, de cujos beneficios não é ilcito duvidar, começa a ser posto em pratica na marinha, e estamos certos de que o cxito não será menor.

Não erravamos defendendo o ponto de vista da necessidade da vinda de uma missão naval norte-americana, para a nossa marinha de guerra. Evidentemente, pesaram no animo do governo as ponderaveis razões que expendemos, em favor da preferencia aos norte-americanos. Assim, já fol, por intermedio de nossa embaixada em Washington, contratada a missão, que será composta de 25 especialistas, sob o commando do almirante Carl Vogelsang, que já dirliu com a mais absoluta competencia, á nossa Escola Naval de Guerra, como Instructor do jogo de guerra. Não é, pois, um desconhecido para a nossa armada, cuja officialidade tambem conhece, avaliando seguramente de seu alto gráo de preparo e competencia techlna. Sem duvida isso muito lhe ha de facilitar o desempenho da missão, para a qual nos indlcou o seu governo. O distincto official fez parte da embaixada yankee que, sob a presidencia do secretario de Estado Hughues, nos visitou em Setembro proximo, representando a grande Republica amiga. Prevalecendo-se do ensejo, o almirante Volgeisang se entendeu com o governo brasileiro, combinando os pormenores e Intelrando-se dos meios de que dispõe para levar a cabo a tarefa cuja incumbencia acaba de aceitar. Não é preciso insistir nos beneficios que devemos esperar da vinda da missão para a nossa marinha. O exemplo do exercito é tão suggestivo, que dispensa novos argumentos. Não se retruque com o preparo e a competencia de nossos officiaes, de todo indiscutível, o valor da marinhagem, de primeira ordem. Mas, o que falta é coordenação, de sorte que energias prodigiosas se perdem, dispersas, nas mais vagas e infrutiferas discussões teoricas. Esses elementos, juntos á experiencia que nos falta, basta para justificar a vinda da missão. Seja como fôr, não percamos mais o tempo, a discutir materia vencida. O essencial é tornar uma realidade productiva a missão, dotando a Marinha de material, que é a maior falta que nella se observa. Certo official inglez depois do convivio dos nossos meios navaes, assim resumiu o seu conceito sobre a Marinha brasileira: Officiaes excellentes, marinheiros optimos, material nenhum. Felizmente, as intenções do governo, que a principio se não volveram para a marinha, são agora as melhores possiveis, como podem demonstrar a vinda da missão, a construcção do dique da Ilha das Cobras e o porto militar, com as heroica Marinha, a que não temos dado o tratamento merecido, senão temos esquecido futuro mais prospero se abra para a nossa lamentavelmente. A missão deve ser, pois, uma aurora rutila dessa nova floração.

Parece ducidido que o governo, por uma operação financeira suave, adquirirá dois couçados, doze destroyers e uma flotilha de naval que nos dê maior garantia de uma defeza efficiente. Julgamos de todo justa a palavra firmada na nossa directiva Inicial, como artigo de combate — *Armemo-nos, sem odios, mas para evitar surpresas.*

Applaudimos, pois, com calor e sinceridade o novo rumo que vão tomando as questões da nossa defesa naval, depois de um periodo de longo marasmo.

Saudação do Presidente de Portugal ao Brasil

Foi com essas palavras ardentes e sinceras que o eminente Presidente Antonio José de Almeida saudou o Brasil, numa emoção religiosa, de amor e de entusiasmo:

"Aos brasileiros — Ao entrar na Bahia de Guanabara, a melhor bahia do mundo, tenho a honra de saudar o Brasil, uma das mais possantes e formosas Patrias que têm existido sobre a Terra. Venho visitar este paiz de maravilha com a tremula emoção de quem pratica um acto religioso em que o espirito se sente arrebatado para além do espaço e do tempo, contemplando, absorto, o esforço sobrehumano das gerações predestinadas. Collaboradores da mesma obra de civilização, tão juntos temos trabalhado, Brasileiros e Portuguezes, que para sempre ficamos irmãos, mais nos approximamos ainda, no momento do Centenario da vossa independencia, em que as duas Patrias como que suspendem o véo, na sequencia de um destino eterno, para se unirem sob a aza da sua tradição ancestral, como duas aguias oriundas dos cerros da Lusitania, que quizessem sentir, por um instante, o calor do agasalho commum. Homem simples e modesto, figura transitoria da vida publica do meu paiz, por mim, Brasileiros, nada vos posso trazer que tenha valor. Mas no meu coração conduzco até vós um sentimento immorredouro, que é o amor dos Portuguezes á vossa Patria acolhedora e resplandecente, Patria fecunda e generosa onde, como se fôra a sua, devotados á terra e respeitando as leis, trabalham honradamente tantos filhos queridos de Portugal. Mais, se é possível, do que o proprio orgulho de ser Chefe do grande Povo que, outr'ora, fez uma pathetica criação do mundos, experimento a immerecida fortuna de ser o mensageiro da fraternidade inviolada que a minha terra sente pela vossa terra admiravel. Aguas Brasileiras, 16 de Setembro de 1922 — Antonio José de Almeida."

A saudação ao povo brasileiro

Foi uma sessão memoravel a de 20 de Setembro, em que os representantes do povo das duas casas do Congresso Nacional reuniram-se para saudar o eminente Presidente de Portugal, o Ex. Sr. Dr. Antonio José de Almeida. Depois dos discursos dos Presidentes do Senado e da Camara dos Deputados, repassados do mais cordial e sincero affecto pela Patria irmã, de que somos uma gloria viva e perpetua, e que, na pessoa insigne de seu Presidente, veio nos trazer o seu saudar alegre e caloroso, no Centenario da Independencia, quando o Brasil livre se unio ao velho Portugal por um laço de amor e de fé, que a tradição a lingua, os costumes e, sobretudo, o sangue tornaram mais estreito, cessados os resentimentos de sujeição, já naquella época impossivel. Respondendo aos altos interpretes da soberania nacional, o grande estadista, que é uma das glorias da tribuna portugueza, proferio uma oração notabilissima e nella, profunda e esclarecida, que ha-de ficar como uma das paginas mais memoraveis da comemoração que celebramos e a que sua presença deu tanto fulgor e realce. Em nome de Portugal, numa sincera, numa leal, numa nobilissima franqueza, o egregio Dr. Antonio José de Almeida agradeceu aos Brasileiros "o favor que elles nos prestaram, a nós, proclamando-se independentes no momento em que

o fizeram. E numa ardente explicação, penetrando as razões historicas e psychologicas de 1822, mostrou que se o Brasil não se fizesse independente, Portugal sem mais forças para domar o gigante americano, não poderia evitar a desagregação brasileira e a obra imperecível, que construira, iria desaparecer, como desapareceriam o poder da raça e da lingua. Assim não, a liberdade do Brasil manteve a gloria de Portugal, gloria que evocamos nesse momento de jubilo, honradas com o patrimonio que nos legou o povo heroico e que havemos de engrandecer, para dar mais força, mais belleza e mais felicidade a todos os povos.

A oração que vamos reproduzir é uma pagina fulgente, que devemos amar fervorosamente.

Eil-a, segundo a versão official:

"O SR. ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA (Presidente da Republica de Portugal): — Sr. Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil, Srs. Presidentes do Senado Federal e da Camara dos Deputados, minhas se rhoras, meus senhores!

tacio Pessoa, para lhe mostrar bem claramente como Portugal, neste instante, sente as infinitas alegrias do Brasil. (*Bravos; muito bem*).

O segundo foi a manifestação que recebi no percurso, desde o ponto em que desembarquei até o Palacio Guanabara, manifestação desse generoso povo do Rio de Janeiro, manifestação que me enlevou, que me encheu de prazer, porque tive occasião de ver que o povo do Brasil comprehendeu admiravelmente o acto significativo que me tinha trazido aqui, e, ainda, porque, tendo eu sido um homem que sahio do rio vermelho do povo, tive a satisfação sem par de ver que nesse rio mergulhava novamente, (*Bravos; muito bem!*), tomando como bom agouro para a minha missão, no Brasil, o banho lustral da amizade desta população. (*Bravos! palmas*).

O terceiro acto foi a minha ida ao Palacio do Cattete, após o honroso convite do Sr. Presidente da Republica Brasileira, trocando-se dous discursos, um com a eloquên-

PORTUGAL E O CENTENARIO DA INDEPENDENCIA DO BRASIL.



A CHEGADA DO EXMO. SR. PRESIDENTE DE PORTUGAL

Ouvi, profundamente sensibilizado, as palavras que me acabam de ser dirigidas, saudando a minha vinda a esta Capital. Verdadeiramente, pensando bem, estou convencido de que a melhor maneira de responder ás eloquentes homenagens que aqui me foram feitas, seria dizer sómente estas duas palavras, que são muitissimo portuguezas, muitissimo brasileiras: "Muito obrigado" Esta a solução que eu tomaria se não receiasse que o laconismo de minha manifestação de gratidão pudesse porventura offender á generalidade, á amabilidade, á ternura, ao espirito fraternal que animou as vossas saudações. E', ainda mais, estou num acto importantissimo de minha missão, no Brasil, visto que me encontro no penultimo escalão daquelles cargos e obrigações que a Nação Portugueza me commeteu e que me impoz de vir aqui realizar.

O primeiro foi a minha entrada em terra brasileira e o meu aperto de mão ao illustre Presidente do Brasil, o Sr. Dr. Epi-

cia que é sabida, outro, com a simplicidade que é conhecida, mas ambos elles proferidos com tanta lealdade, com tanta honestidade, com tanta gravidade, que plantam, desde já, para o futuro, um marco novo na vida dos dous grandes paizes. (*Muito bem! applausos calorosos*).

O quinto será logo, quando eu fôr ao Supremo Tribunal Federal, eu, o homem legalista e respeitador da lei, render meu preito a esse principio superior e soberano, que dirige a vida das nações.

E o penultimo é este, em que venho aqui saudar o Congresso da Republica Federal, esse sabio Congresso, que tem feito as leis que regulam o portentoso Brasil, leis justas, que fazem que no Brasil, federação enorme, cujos Estados se acham immensamente separados uns dos outros, seja conseguido que elles sejam ao mesmo tempo tão unidos e tão próximos, formando uma especie de systema, em que todos os seus componentes gravitar-

do em volta do centro commum. guardem a sua independencia e não rombam, em caso algum, a sua harmonia. (*Bravos! Muito bem.*)

Facto é este tão raro e tão surpreendente que, devo dizer, com toda a sinceridade — eu podia demonstrar, o que não faço, porque o momento não é opportuno e, de resto, bem sabem VV. EEx. que com minha sciencia tão fraca (*não apoiados geraes*) absolutamente nada poderia ensinar a VV. EEx. que cousa nenhuma precisam aprender — devo dizer, repito, não conheço em toda a historia do mundo senão este caso impar que pôde apresentar-se como producção, a despeito das differenças de tempo e de espaço, do grande Imperio Romano que, tendo seu centro para onde refluia, nos momentos supremos, a alma de todo o Imperio, distribuia pela periphéria, com uma igualdade estranha e, podemos dizer, absoluta, a seiva pujante que ia dentro do seu coração, (*muito bem! bravos!*) desse Imperio Romano, tão vasto e tão extraordinario que a historia, como já tem sido dito, num dado instante, arrependida de o ter chamado assim, passou a denominal-o — mundo romano. (*Muito bem.*)

VV. EEx. referiram-se, nas suas mensagens, á amizade que ficou sempre ligando o Brasil a Portugal, após a Independencia. VV. EEx. feriram a nota precisa, e até o Sr. Presidente da Camara dos Deputados ponderou que o caso era de tal ordem que o mesmo Principe, que aqui tinha dirigido e interpretado a independencia do Brasil, tinha depois ido dirigir e interpretar a liberdade em Portugal.

E' certo, é factio unico na historia do mundo e é por isso que digo a VV. EEx., sem a menor especie de hesitação, que não venho aqui, em nome de Portugal, felicitá-los pela sua Independencia, num como que cumprimento protocollar, no fundo do qual **alguem** poderia encontrar qualquer vislumbre de resignação.

Não! O meu intuito é mais rasgado, é mais profundo, é mais sincero, sendo sempre leal. Não tenho duvida em lhes dizer que estou aqui, em nome de Portugal, para agradecer aos Brasileiros o favor que elles nos prestaram, a nós, proclamando-se independentes no momento em que o fizeram. (*Muito bem; muito bem! Vivas acclamações!*)

Rapidamente me explico.

Nós, Portuguezes, fomos grandes inventores de mundos, fomos prodigiosos semeadores de civilizações; os nossos braços possantes fizeram surgir das ondas, em toda a parte do globo, terras novas ainda beijadas pelo ar salino das aguas que as envolviam. (*Muito bem! Bravos!*)

Assim foi; mas, nós, á altura tanta de nossa empreza formidavel, estávamos, sem duvida alguma pelo proprio ingente esforço que empregamos, um pouco exhaustos e debilitados.

Se o Brasil se não tivesse proclamado independente na hora em que o fez, que aconteceria, que seria dos senhores, que seria de nós?

(Que seria dos senhores, retalhados, e de jeitos á cobiça de adversarios e inimigos (*apoiados; muito bem*), que lhes tomariam conta desta ou daquella parcella, deste ou d'aquelle traço de terra? (*Palmas, acclamações.*)

E que seria de nós, Portuguezes, que, sem podermos, nem devermos conservá-los sob a nossa acção, sob a nossa tutela, tudo te-

riamos perdido aqui: a hospitalidade para os nossos compatriotas, a manutenção de nossas tradições, a continuação do poder da nossa raça (*bravos, acclamações*) e, mais do que isto, essa lingua admiravel que fallamos? (*Bravos, muito bem.*)

A lingua que foi inspiração épica em Camões, que foi gemido flebil em Bernardes, que foi escultura de marmore em Anthero de Quental, que é o impulso magnanimo em Junqueiro, que foi o sonho de amor em Gonçalves Dias e Casemiro de Abreu, que foi a estupenda realização da poesia harmonizada com a liberdade e harmonizada com a emancipação dos escravos nesse sorprendente Castro Alves! (*Muito bem; bravos; palmas prolongadas.*)

De resto, eu tinha um pezar enorme, como já o significara a bordo do vapor que me conduziu aqui, em não estar cá no dia 7. Bem sei, brasileiros, meus amigos, que o dia 7 é uma data chronologica que foi preciso apresentar perante o povo, para lhe dar concretamente, em realidade, qualquer cousa positiva, que a sua imaginação fogosa pudesse apprehender com facilidade, porque a verdade é que os Srs. tiveram umas poucas de datas da independencia.

Da independencia podia ser o dia 9 de Fevereiro, em que o Principe declarou além, de uma varanda que ainda hontem commodamente me indicou o Sr. Presidente da Republica do Brasil, declarou, além, que ficava "pela vontade do povo". Data da independencia podia ser o 21 de Fevereiro, quando a Regencia impoz o "cumpra-se" ás deliberações da metropole. Da independencia podia ser o 13 de Maio, em que o Principe aceitou o titulo, conferido pela população, de "Defensor do Brasil". Finalmente, da independencia podia ser o 3 de Junho, em que se reuniram os primeiros constituintes, nesta cidade do Rio de Janeiro, seguidos immediatamente do acto e da proclamação, dizendo a todo o paiz que dali em diante nenhum outro brado devia erguer-se, do Amazonas até o Prata, que não fosse este "Independencia do Brasil"

Os Srs. escolheram a data do Ypiranga; e andaram habilmente, andaram intelligentemente, porque, a escolherem alguma daquellas datas, esta era certamente a melhor, pois foi a data decisiva, a data formal, a data em que o Principe, gritou "Independencia ou morte!" em nome de todos, brasileiros e portuguezes, porquanto, portuguezes se revoltaram tambem aqui contra Portugal, pela liberdade, pelo direito, pela justiça, (*muito bem; bravos*) em que o Principe gritando "independencia ou morte" em nome de todos que o acompanhavam, para traz das costas lançou toda a especie de conveniencias, indo de encontro a qualquer idéa de interesse proprio ou pessoal; (*apoiados; muito bem*) em que o Principe, numa palavra, marcou bem aoertamente a era dos sacrificios, que são sempre, em todos os povos, a base das virtudes civicas e das glorias historicas (*muito bem*).

Assim, vindo eu aqui, na altura em que vim, embora tardiamente, vim, creio, ainda a tempo.

Demais, devo dizer-lhes, a Independencia do Brasil vem muito de longe, vem dos tempos antigos, vem quasi do dia da descoberta.

Em primeiro lugar, porque os homens aqui, em contacto com a natureza, como estiveram desde logo, se crearam uma vida pro-

pria, que foi, pouco a pouco, dando fóros de nação á colonia que então era o Brasil. Em segundo lugar, porque encontramos quasi como uma predestinação eloquente nas linhas e até nas entrelinhas da carta de Pedro Vaz de Caminha. Quando Pedro Vaz de Caminha escreveu ao seu Rei, para Portugal, noticiando a descoberta da terra do Brasil, empregou estes termos: "e Deus que aqui nos trouxe, alguma razão tinha para isto."

Era a predestinação! A razão não seria fazer daqui uma colonia que enriquecesse Portugal. Nunca isto esteve, aliás, no intuito dos Portuguezes. A razão era desvendar aquil um mundo, que, mais tarde, havia de ser aquillo que hoje é o Brasil. (*Muito bem; palmas.*)

Foi nesse dia, no mesmo dia solemne em que a Cruz de Christo se cravou aqui em terras de Portugal, do Christo que para os senhores tem representado uma especie de companheiro de armas; do Christo que para os senhores é como que um Patrono do progresso, da civilização, da independencia (*muito bem*); do Christo que é para os senhores um symbolo augusto da intelligencia, que os senhores têm sempre demonstrado em toda a sua vida publica, porque souberam crear aqui uma religião que, sendo a religião dos Portuguezes decorreu sempre com serena e tranquillidade nos espiritos e nas consciencias; (*Muito bem*) religião que não teve os exaggeros mortíferos que deu a Inquisição em Portugal; religião que se conservou como pura expressão espiritual sem se enredar demasiadamente nas complicadas engrenagens das theologias disputadoras. (*Muito bem*). Os senhores, finalmente, têm sabido crear, com o seu estatuto politico, na essencia democratica, um Instituto religioso, em absoluto aceltavel por todas as consciencias, ainda as mais rebeldes.

E' por isso que os senhores estão afortunadamente andando na sua vida politica, e ainda agora, ao que consta, vão dar um ultimo fecho a este primeiro cyclo de sua historia, collocando no Corcovado a imagem de Christo. Fazem bem! Elle é um symbolo para vós, para nós, para todos que amam sinceramente a Humanidade. (*Bravos. Muito bem.*)

Eu proprio devo dizer com toda a franqueza que tive pena, ao entrar na Bahía de Guanabara, de não o ter visto lá, porque queria saudá-lo na minha qualidade de Portuguez, como tendo sido o primeiro e melhor donatario desta terra e o verdadeiro descobridor della, porque, se Pedro Alvares Cabral, com sua esquadra veio aqui em nome do amor da Patria, veio tambem em nome do amor de Deus. (*Muito bem. Palmas.*)

Digo isso sem suspeita de lisonja, como um homem que se intitula livre pensador e não tem duvida em reconhecer aqui, como em toda a parte, que está fóra do gremio das religiões reveladas, mas que é um livre pensador profundamente religioso.

Como aquelles que mais crêm neste mundo, acredito num ente mysterioso e eterno que, no mysterio das cousas dirigirá eternamente o mundo e as acções dos homens que o povoam. (*Muito bem. Bravos.*)

E eu, se entrasse além, na Bahía de Guanabara, saudando de lá o Christo, symbolo, em grande parte e até em sua parte principal, da civilização brasileira, não cumpria sómente um dever de portuguez, cumpria tambem um dever de cidadão, porque não tenho a menor duvida em vos confessar igualmente, que considero esse Christo como sendo meu

grande antepassado moral. (*Bravos. Palmas*). Pois que, tendo conhecido varias religiões que se desenvolveram antes d'elle, só os seus ditames, os seus conselhos, as suas doutrinas, deram verdadeiro guia à minha intelligencia e verdadeiro consolo à minha alma de lutador, de rebellado (*Muito bem; palmas*).

Srs. Não vos quero tirar muito tempo; estou singularmente cheio de fadiga, não porque de facto meu corpo tenha cedido ao cansaço physico destes dias, mas porque minha alma se sente tão esmagada pelas provas de benevolencia e de amizade que os brasileiros me têm tributado, que, realmente, quasi me fazem sossobrar.

Não devo, entretanto, terminar, sem dizer que considero esta hora uma das minhas horas mais felizes. Póde vir a morte amanhã, póde vir logo, póde vir neste instante e levar-me; não importa! Irei para a outra existencia com as minhas contas saldadas com esta e saldadas com lucro, e saldadas com ganho. Sinto-me extraordinariamente feliz neste momento, digo de novo, por ver a harmonia entre Brasileiros e Portuguezes.

Eu sei, eu sei que vou pagar isto com uma tristeza maior, que vou pagar isto com uma infelicidade tremenda. Tem acontecido sempre assim na minha existencia, e sempre acontece na de todos os homens que mais ou menos estão envolvidos no turbilhão da politica; a cada periodo de alegria ou prazer, succede infallivelmente um momento de depressão e de angustia.

Sempre! Tantas vezes, tantas, a minha alma se tem erguido, cheia de alegrias, como se tivesse dentro um passaro a espanejar-se ao sol! Tantas vezes, tantas, ella vibra, como se dentro lhe tivessem plantado uma bandeira, batendo ao vento! Tantas! Mas, depois, logo vêm as sombras do crepuseulo, vêm quasi sempre as trevas do anoitecer.

Isto é vulgar e é trivial, lá dizia o nosso Anthero de Quental — o chamo de "nosso", porque é de todos nós, não é verdade? — (*apoiados; muito bem*), que no coração ha dois compartimentos, estando num o prazer e noutro a tristeza, e recommendava: "Cuidado, prazer, não falles alto demais porque a tristeza póde acordar e suffocar-te e fazer que desapareças."

E' o caso; já sei o que se vai seguir depois da alegria intensa que tenho tido aqui: é a comprehensão de que eu não desempenhei como devia e como queria, a alta missão de que fui incumbido.

(*Não apoiados geraes*).

Não digaes que não, porque o dizeis por amabilidade, por generosidade.

Sei que os senhores se declararão satisfeitos commigo, porque são bons; sei que os Portuguezes vivos, que lá estão, satisfeitos commigo e declararão, porque também são bons; mas ha outros juizes que temo e de quem receio, ha outros que me não de julgar e perante cujas sombras, desde que se determinou a minha vinda aqui, tenho andado sempre arreceado e a um tempo dominado pela ancia e pelo desespero.

Sabem os Srs. quaes são esses juizes? São os mortos, porque não venho fallar só em nome dos vivos senão também em nome dos mortos, que são os nossos mortos, que são os mortos dos senhores, que são os homens das descobertas das conquistas, que são o que vieram aqui, os que aqui lutaram, os que deixaram aqui o seu sangue e as suas lagrimas. E elles dizem: "Oh! homem introduzido e falaz. Para que foste tu lá, se não

podias interpretar o nosso pensamento, dizer-lhes, a elles, o que nós soffremos, as paixões que passámos, para que Portugal fosse o que é hoje, para que o Brasil não deixasse de se apresentar como se apresenta nesta hora!" (*Palmas prolongadas*).

Disto é que tenho receio, porque é a representação grave que trago, a representação dos herões, dos capitães, dos batalhadores, é aquillo que está ligado ás ruinas de nossas fortalezas, dos nossos castros, das nossas cidadelas! E' o que está no fundo das nossas cathedraes, é o que dorme no silencio das nossas capellas, — são os Gamas, os Nun'Alvares, os Pedro Alvares Cabral, são todos elles! Que é que me farão quando me houverem de julgar lá, no prolongamento desta vida infinita em que aacredito e na qual entrarei quando mais não seja pela falta minha desta hora, com passo incerto, com a cabeça curvada e o peito ancelado?!

Não sei; tenho uma unica maneira de fugir á responsabilidade tremenda desse formidavel julgamento: é dizer — "E os Srs. que é que fizeram? Fizeram uma obra maravilhosa e estupenda; por ella passaram sêdes e fomes, por ella tiveram os apavorantes naufragios, por ella, numa palavra, arrastaram perigos infernaes e quasi incompreensíveis. E que lhes aconteceu? A morte? Foram felizes. Eu fui na vossa missão, reconheço, fui inferior a ella. Qual é a pena que a mim proprio me imponho? Peior que a vossa, porque é a pena do pezar, é o sentimento de ter vindo a esta terra onde, sendo tudo grande, a benevolencia para commigo não podia ser pequena, e não haver sabido corresponder a ella. em nome das vozes sagradas que, do outro lado do atlantico, deviam ter encontrado melhor interprete para saudar a este immenso a este formidavel Brasil, dizendo d'elle aquillo que elle merece que se diga e que, confesso sou incapaz de dizer deile!" (*Não apoiados geraes*).

(*Bravos! Muito bem; muito bem. Prolongadas salvas de palmas. Acclamações á Republica Portugueza, á Republica Brasileira, ao Sr. President Antonio José de Almeida e ao Sr. Presidente Epitacio Pessoa.*

O SR. ANTONIO JOSE DE ALMEIDA — Viva o Brasil! Viva Portugal!

A Independencia, festa da raça

Sobrelevou o significado commum dos actos protocolares, a troca de saudações entre os Presidentes de Portugal e do Brasil, no banquete official do Palacio do Cattete. Não se fallou alli a linguagem enquadra da solemnidades diplomaticas, que as conveniencias estreitaram até o inexpressivo. Ao contrario, o que se ouviu, pelas boccas dos chefes das nações irmãs, foi a integração do grande feito de Sete de Setembro no seu sentido exacto. Não de um triumpho de brasileiros contra portuguezes, mas uma data luso-brasileira, como accentuou o presidente Epitacio Pessoa, porque Portugal não descobriu, povoou e defendeu o Brasil para reduzi-lo á vassalagem, mas para nelle crear uma grande patria, de cuja gloria partilha, como disse ufano o illustre Dr. Antonio José de Almeida. As orações memoráveis dos dois presidentes, em palavras francas, leaes e sinceras, ficarão gravadas nos corações de todos os portuguezes e brasileiros, pulsando ao mesmo rythmo de cordialidade e de affecto, para maior gloria das duas patrias

e mais fulgor da mesma raça, que falla o idioma admiravel, esse "verbo quasi divino" Sentimo-nos honrados transcrevendo esses discursos.

Discurso do Presidente Epitacio Pessoa

"Sr. Presidente. A visita de V. Ex. a esta Capital, no momento em que o Brasil commemora o primeiro centenario de sua independencia politica, tem tão alta significação e importancia transcendente, que bem justifica a profunda commoção com que é recebida por todos os brasileiros.

Espirito menos observadores poderão, talvez, aacreditar que, nessa commemoração, á qual a presença de V. Ex. dá excepcional relevo, se dissimula o jubilo nacional pela victoria que os brasileiros alcançaram contra os portuguezes em 1822. Um exame menos superficial do acontecimento, porém, logo dissipa o equivoco, e mostra a toda a luz que o que estamos festejando, neste momento historico, é antes uma data da raça.

Por que não haveria Portugal de commemoriar hoje commosco a emancipação politica de um paiz que elle descobriu, povoou e defendeu contra a cobiça dos invasores? Por que, se mesmo em 1822, tantos portuguezes de nascimento se bateram ao lado dos brasileiros pela obra da independencia?

Não! A guerra da independencia não foi uma luta de brasileiros contra portuguezes, mas de brasileiros e portuguezes, aliados entre si, contra a orientação retrograda e impolitica das Côrtes de Lisboa, empenhadas em destruir a obra que varios seculos haviam já consolidado — a unidade nacional dentro da immensa vastidão do nosso territorio.

Ninguem mais trabalhou pela independencia do Brasil do que D. João VI, que os seus treze annos de administração, cuidou exactamente de preparar o paiz para o Governo de si mesmo, abrindo-lhe os portos, dando-lhe arte, escolas, academias, bibliothecas, imprensa, liberdade de commercio e de industria, meios de transporte, vias de communicação, exercito, armada, culturas, em uma palavra, tudo quanto podia conduzir-nos a vida de soberania. Fez-o com o proposito declarado e firme de formar, no Brasil, o grande imperio do futuro. Quando elle partiu, em 1821, já o nosso paiz tinha seis annos de vida como reino, com a sua politica, a sua justiça, a sua administração, e o seu credo religioso — condições essenciaes á formação da nova nacionalidade. Essa formação já o velho monarcha a previa, tanto que, ao deixar as nossas plagas, aconselhava o filho a pôr na cabeça a nova corôa antes que o fizesse qualquer aventureiro.

Assim, pois, o grito do Yphanga, dado pelo filho ás margens do ribeirão paulista, nada mais foi do que a consequencia logica dos actos do pal. Esse grito, partido da alma portugueza de D. Pedro, com applausos de portuguezes e filhos de portuguezes não foi nem podia ser um brado de guerra contra Portugal, mas um protesto vibrante contra os destinos das Côrtes de Lisboa.

Fez-se a Independencia.

As relações entre os dois povos, ou melhor, entre os dois ramos do mesmo povo, que a força irresistivel da evolução natural desunira sem separar, ou cujos corpos separara sem as almas desunir, nem foram, a bem dizer, interrompidas. Os portuguezes que ficaram commosco não se sentiram, em 1822, como não

se sentem hoje, em terra estranha. As forças mandadas de Lisboa pelas Côrtes hostis, que sonhavam entre si essas forças não tiveram contra si apenas os brasileiros feridos no seu orgulho mas também os portugueses liberais, indignados com a ditadura collectiva dos deputados da Regeneração.

Portugal, pelo seu Rei, preparara o Brasil para a independência, como o pai prepara o filho para a maioridade. O 7 de Setembro de 1822 é, pois, uma data luso-brasileira, e uma data da raça. E, assim, nada mais natural que os dois povos, unidos outr'ora por esse espirito de justiça e de liberdade, de progresso e de empreendimentos ousados que levaram os portugueses ao descobrimento e impelleram os brasileiros á independência, se reunam hoje também, com a amizade e o carinho de sempre, para festejarem juntos um acontecimento que a ambos deve encher de orgulho.

E', portanto, Sr. Presidente, com o mais íntimo regosijo que, em nome da Nação Brasileira e no meu proprio nome, saúdo ao glorioso Portugal, na pessoa de V. Ex., em cuja honra levanto a minha taça.

Discurso do Presidente Antonio José de Almeida

Sr. Presidente: A emancipação politica da grande patria que é hoje o Brasil foi um facto expontaneo e normal, consequencia de uma evolução inexoravel, que nenhuma força seria capaz de impedir.

A independência do Brasil não data do grito de Ypiranga, como á primeira vista poderia suppor-se; ella partio de mais longe, porque se vinha formando lentamente na consciencia nacional, visto que, de facto, o Brasil, apesar de colonia, foi desde cedo nação, tendo mais condições de vida propria do que tantos outros povos que, ao longo da historia, com apparencia de independentes, mais não foram do que organismos subordinados a outros mais poderosos que os dominaram.

O nervosismo, mais feito, afinal, de desolação e despeito do que de má vontade, que em Portugal, se manifestou logo após o acto definitivo da independência, desapareceu sem demora, porque aquelles que lá luctavam contra uma fórmula de governo retrograda e reaccionaria, comprehendeu que se, para elles, a fórmula da propria independência, individual e collectiva, era a revolução liberal aqui, no Brasil, a revolta contra a mesma oppressão só podia revestir um aspecto, o da independência.

Como V. Ex. acaba de dizer, com firme exactidão e escrupulosa verdade, Portugal descobriu, povoou, defendeu contra a cobiça dos estrangeiros o vasto territorio do Brasil.

O Brasil independente de hoje tem pois que agradecer a Portugal o facto de elle lhe ter legado, intacto, á custa de torrentes de lagrimas, tamanho tão rico patrimonio. Mas Portugal tem que agradecer ao Brasil independente de hoje a energia, a bravura, a intelligencia e o amor da raça com que elle tem sustentado, aumentando-a, desenvolvendo-a e dourando-a de uma maior magestade e belleza a sua obra, que foi a maior gloria do seu grande passado.

Creio que estamos pagos perante historia.

Nenhum povo deve menosprezar as honradas origens que teve, e nenhum povo tem o direito de olhar com resentimento ou tris-

teza sequer a separação do seu todo daquella parte que, no exacto cumprimento dos destinos historicos, uma vez sentio em si a acção de forças indomaveis que a levaram ao legitimo afastamento.

E' esse o motivo que determinou V. Ex. a render, neste momento, um sentido culto a Portugal. E' essa a razão que me impelle a mim, a prestar profunda e commovida homenagem ao Brasil.

V. Ex. o disse: o Sete de Setembro é uma data luso-brasileira, e celebral-o é realizar uma festa da raça.

Em verdade, nesta data ha gloria que chegue para todos. Sómente eu, senhor Presidente, Doutor Epitacio Pessoa, devo declarar francamente que não vim aqui com mandato da minha Patria, para tomar a porgão de gloria que lhe pertence. Eu vim aqui no exclusivo intuito de reconhecer aquella outra, e bem grande ella é, que cabe em partilha ao Brasil.

E nesta missão de que venho investido e que teve hontem tão auspicioso inicio na ma-

Os brasileiros sentem-se em Portugal como na sua Patria.

Os portugueses, em vastos nucleos de trabalhadores sentem-se no Brasil, como na sua propria terra. As mesmas instituições republicanas, embora, sob aspecto differente, governam e dirigem as duas nações, que tem dado provas, ambas ellas de amar sinceramente a democracia.

Uma lingua incomparavel que refina o melhor ouro de linguagem humana e dispõe de um poder plastico sem igual, serviu — maravilhosamente — instrumento de civilização e solidariedade, — os dois povos que se sentem presos nas espiras desse verbo quasi divino.

Que outra coisa é preciso para que elles se auxiliem sempre e se entendam cada vez mais? Creio que cousa nenhuma, já que o sentimento fraterno que enleia os seus corações, perennemente, alvorçados pela estima commum, é tão forte, que em caso nenhum a vontade dos homens o pôde quebrar. E o nosso encontro aqui, senhor Presidente, é um eloquente testemunho dessa esplendida realidade.

CENTENARIO DA INDEPENDENCIA DO BRASIL



DISCURSO DO EXM. SR. PRESIDENTE DE PORTUGAL AO POVO DO RIO DE JANEIRO

neira inexcedivel de entusiasmo e carinho com que V. Ex., o seu governo, as autoridades civis e militares e o povo quizeram receber-me, ao entrar nesta formosa cidade, esbou reconhecendo, por mim proprio, o que já sabia por depoimentos alheios, isto é, que o Brasil tem sabido crear uma civilização propria que é, em parte, feita da velha tradição portugueza, em parte devida ao forte e sadio ambiente americano, mas sobretudo é o resultado do esforço intrepido e intelligente dos homens resolutos que o povam, e na verdade se formaram um estado de alma collectivo, poderoso e resplandecente, a que, com justiça se deve chamar brasileiros — força nova, serena e ousada que está intervindo eficazmente nos destinos do mundo.

Brasil e Portugal são duas patrias irmãs, cada uma vivendo em sua casa, tendo um passado até ha cem annos commum e um futuro, em muitos pontos, diverso, mas, em tantos outros equivalentes.

Senhor Presidente, em nome da nação portugueza e no meu proprio nome agradeço a V. Ex. e ao Brasil a entusiastica e commovida recepção que me fizeram e de que guardarei perduravel recordação, e erguendo a minha taça em honra de V. Ex. e do grande povo de que é chefe eminente, faço votos sinceros pelas suas mutuas felicidades.

A sessão do Gabinete Portugues de Leitura

Foi uma emoção profunda e intensa a que nos ficou da homenagem do "Gabinete Português de Leitura" ao Presidente Antonio José de Almeida. Naquelle recinto as palavras do oradores transfiguraram a sessão num espectáculo sublime de louvor da raça, dos geradores das duas Patrias, dos heroes, dos guerreiros e dos santos, cuja gloria nos guia na sua perenne irradiação. O discurso vibrante do Sr. Eduardo Dias foi o primeiro canto

dessa noite memoravel, de 20 de Setembro. Foi ardente e impetuoso, e num fervor de patriotismo elle nos disse, não só a grandeza do varão eminente que preside Portugal, mas a felicidade dos portuguezes que vivem do Brasil. Sentem o esplendor da natureza maravilhosa, que perturbou os primeiros visitantes de terra, virgem ainda, e só têm uma restrição... a saudade.

"Depois emigramos um dia... e ás recordações geradoras de saudade alliou-se o orgulho da fama de que a nossa terra derá novos mundos ao mundo! Do que a sua Historia é uma biblia de heroismos e de façanhas cavalheirescas! De contribuições para o progresso e civilização da Humanidade. De epopéas e aventuras maravilhosas que levaram sábios e navegantes aos confins da Índia e ás terras da America De abnegação, de fé e de coragem que permittiram a missionarios e bandeirantes desbravar o Brasil, grandioso, até o entregarem ao seu proprio destino, intacto na sua immensidade, para que nos desse o orgulho de deslumbrar o mundo, como está deslumbrando, com o seu progresso vertiginoso e a sua civilização modelar!...

E assim se explica — pela gratidão ao Brasil e pela saudade de Portugal, — a aparente singularidade dos lusitanos imigrados procurarem quasi sempre o repouso eterno nas entranhas da terra sagrada do Brasil, levando ainda fulgurante na retina o reflexo de um crepusculo da terra augusta de Portugal!... Seguiu-se á essa brilhante allocução, o discurso de Carlos Malheiro Dias, cujo louvor está em lhe escrever o nome. Muito bella, ao mesmo tempo, que foi profunda, a oração do illustre escriptor ficará como das mais admiraveis paginas da nossa comemoração, realçando o esforço portuguez no Brasil, a que tanto devemos nas nossas realizações.

"Todos nós, exclama a certa altura, centenas de milhares de Portuguezes que no Brasil vivemos, que para o Brasil trabalhamos; todos os que aqui constituíram familia, todos os que aqui prosperaram, como todos os que anonymamente padecem e lutam; todos os que ao Brasil dedicaram a sua vida como todos os que incuravelmente soffrem a nostalgia da patria; os que lavram a terra, os que calcetam as ruas, os que humildemente ganham com suor copioso o seu pão, como os que pelo seu esforço e ajudados por uma sorte benigna se elevaram; os que aqui encontraram a fortuna e os que baldadamente a procuraram; os felizes e os desventurados; tantos de nós pais de Brasileiros e todos nós filhos de Portugal, nos unimos de coração e em espirito para saudar em V. ex. o Brasil. E, se ainda fôra pouco, com a mesma segurança com que fallo em nome dos vivos, eu poderia invocar as almas de quantos morreram na terra brasileira sem revêr as esfundadores, desde o grande Mem de Sá, expirando no rude paço da Bahia; Estacio de Sá, agonizando na bellicosa tenda de taipa, e o Padre Manoel da Nobrega, morrendo numa das cellas do Collegio que a civilização está destruindo; os que batalharam pelo Brasil e por elle deram o sangue ao lado dos seus irmãos brasileiros, até aos que, seguindo o exemplo do seu Principe, substituíram, em 1822, nas barretinas e nos bicornios a roseta das côres de Portugal pela roseta verde e amarella do Brasil! Todos em espirito, com o nosso pacto, apoiam os nossos votos, tes-

temunham a peristencia dos nossos sentimentos fraternaes. Sr. Presidente da Republica: quatro seculos de dedicação saúdam o Brasil, nesta sala tambem symbolica, onde se guardam os certificados da cultura e do genio da raça, em milhares de volumes entre os quaes esplende a edição "princep" dos Lusíadas."

Na sua oração fulgente, a Canaan brasileira radiou, cheia de gloria, transportando-nos a todos, brasileiros e portuguezes, que a origem commum envaidece e alegra. As ultimas palavras, symbolizando a união entre o conquistador e o autochtone, união que os jesuitas sagraram no seu apostolado incomparavel, foram de uma grande emoção, que ainda freme aos transcrevel-os.

"Senhor Presidente! Quando, ha cinco dias, V. Ex. agradecia ao Governo do Mexico a dadiva fraternal da estatua de Guauhtemoc e commentava com electrizante e vehemente eloquencia a figura épica e tragica do sublime azteca, adversario do heroico Herman Cortez, eu pensava que, mais felizes do que os nossos irmãos hespanhões, poderíamos offerecer ao Brasil a estatua de um guerreiro indigena, symbolizando nella, ao mesmo tempo, o heroismo da raça aborigene e a fraternidade de armas do guerreiro brasileiro e do guerreiro lusitano. No Mexico, o grande Cortez, "que vencía com a espada e convencia com a palavra", assistio ao supplicio do heroe azteca. No Brasil porém, foi o leal e bravo Ararigboia, quem assistio, chorando, ao trespasse de Estacio de Sá.

E pois que estamos numa hora symbolica, permitta-me V. Ex. que neste symbolo se inspire a minha commoção para gritar: Viva o Brasil!"

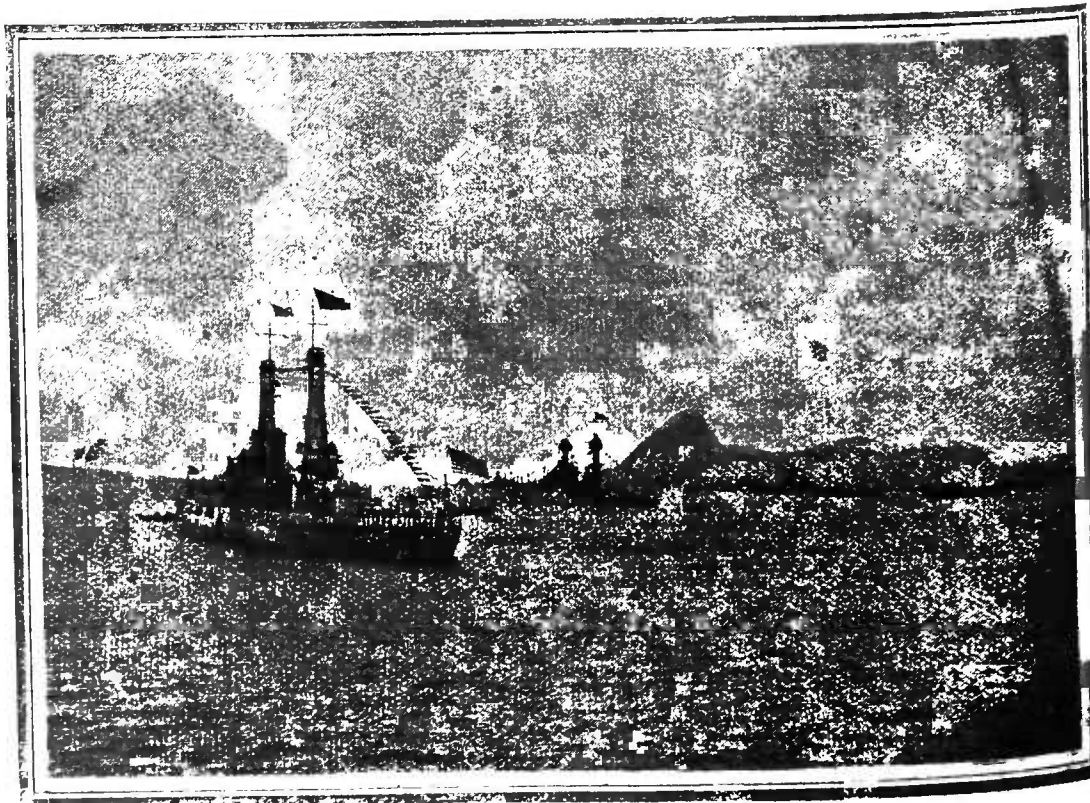
Fallou depois o Presidente de Portugal. O verbo do grande orador commoveu até as lagrimas e os que lhe bebiam as palavras, fluindo uma eloquencia simples e empolgantes, exultaram quando affirmou que a saudade dos portuguezes pela Patria pôde ser

mitigada, amando o Brasil. Começou dizendo que ao partir da sua patria declarára ao povo que "ia levar ao Brasil o coração de Portugal" Ao regressar a Lisboa dirá agora "que leva a Portugal o coração do Brasil". — Refere-se, de um modo brilhante, as vicissitudes, aos desgostos que soffrera, durante a sua longa e acidentada campanha politica dando por bem empregado, todos os dissabores porque passára com o premio que agora recebe no Brasil, onde lhe têm sido tributadas manifestações de ordem tal que o commovem até as lagrimas. Faz a apologia das provincias portuguezas enaltecendo o valor dos seus filhos. Levanta um hymno ao povo portuguez e fallando com verdadeira emoção das saudades que os portuguezes nutrem pela sua patria bem amada diz que elles podem mitigal-a, amando o Brasil. Fazendo a apologia do nosso paiz refere-se á sua natureza privilegiada, tendo imagens arrebatadoras sobre as montanhas que cercam o Rio de Janeiro. Refere-se em termos elogiosos ao Sr. Epitacio Pessoa, dizendo que o considera como seu grande e sincero amigo. Lamenta não ter alli as duas bandeiras para poder unil-as num só amplexo e symbolizar num beijo ardente o seu desejo de vel-as sempre cada vez mais estreitamente unidas.

Por fim fallou o Presidente do Brasil, numo allocução eloquente e viva, em que realçou o nosso amor a Portugal, accentuando que, quando convidou o Dr. Antonio José de Almeida, quiz não só homenagear a Patria de nossos antepassados, na pessoa do Chefe da Nação, bem como facilitar-lhe o ensejo de verificar o affecto do Brasil pelo grande Portugal. E com um hymno aos dois paizes concluiu a sua notavel oração.

As referencias as festas de tanta evocação e tanto entusiasmo, por mais veridicas e minuciosas, hão de apoucal-as por certo. O indescriptivel tem o seu lugar e nos perdoe o leitor não podermos lhe suggerir sequer as emoções dessa noite de patriotismo, de fé e de belleza.

CENTENARIO DA INDEPENDENCIA DO BRASIL



ASPECTO DA REVISTA NAVAL.

Cuahtemoc

A inauguração do monumento ao índio Cuahtemoc, o heróe glorioso do Mexico, que nos ofertou o povo do grande paiz, numa oblação commovedora, foi um marco na historia da confraternização americana. Transcrevendo as orações pronunciadas, na festa, e o resumo da allocução do Presidente da Republica, queremos render nossa homenagem ao Mexico, partilhando da effusiva cordialidade que domina o Brasil inteiro pelo paiz irmão.

Discurso do embaixador Dr. José de Vasconcellos, Ministro da Instrucção do Governo Mexicano:

"Excellentissimo Señor Presidente. — Señores: Me cabe la altísima honra de ofrecer al Brasil, a nombre de México, esta estatua de nuestro mayor héroe indigena, del héroe que está más cerca del corazón mexicano. Un héroe fracasado si se le ve desde el punto de vista de los que sólo reconocen el ideal cuando se presenta en el carro de la victoria, domanando altiveces y aplastando rebeldias, mas para nosotros, un héroe sublime por que prefirió sucumbir a doblegarse y porque su memoria molestará eternamente a los que tienen hábito de halagar a fuerte, y son esclavos incondicionales de éxito, en qualquiera de sus miserables formas. Un héroe del dolor vencido alza en este bronce su penacho enbiesto, su flecha voladora y su boca muda, sin jactancias en la acción y supremamente desdenosa en la derrota. Se irgue una vez más ante los siglos, ya no sólo en la Capital de México, sino también en este Brasil cordial que abre sus puertas a todos os pueblos, pero que sabe aliar su corazón a la justicia y al derecho al heroísmo y la bondad. El bronce del indio mexicano se apoya en el granito brunido de pedestal brasilero; dimos bronce y nos aprestasteis roca para assentario y juntos entregamos en estos instantes las dos durezas al regazo de los siglos para que, sean como un conjuro que sepa arrancar al destino uno de esos raptos que lavantan del polvo a los hombres y llenan los siglos con el fulgor de las civilizaciones; el conjuro creador de una raza nueva, fuerte y gloriosa.

Por qué deseamos partir de este simbolo? qué es para nosotros este indio que hoy se levanta orgulloso entre el fausto de gentes que no son las suyanas? La historia de *Cuahtemoc* es breve como un episodio y resplandeciente como una ráfaga divina, una de esas magestades que hacen emma decer al poeta, callar al filósofo y ante las cuales sólo el narrador procura ensayar un canto que limite el ritmo del maravilloso suceso humano. Sabéis la historia: los conquistadores, el conquistador, el más grande de todos los conquistadores, el incomparable Hernán Cortés que vencía con la espada y convencía con la palabra, después de su audaz gloriosa de quemar barcos para encadenar victorias, avanzaba con grandes ejércitos, fluminado por la aureola de las leyendas. Los caciques indigenas que pretendían resistirle caen aniquilados por su fuego sagrado de armamentos inauditos, que servían a los conquistadores como si fosen hijos del mismo Dios Sol que ilumina a tierra.

Veracruz, Tlaxcala, media docena de reinos limítrofes se hablan declarado vencidos y habian puesto sus ejércitos a disposición del vencedor y el mismo Moctezuma, el

orgulloso monarca, lo recibia en la capital azteca y le entregaba su palacio y le prestaba vasallaje. Era la civilización nueva que avanzaba, la raza de los fuertes, la raza de los semidioses, que invadía sin remedio y aniquilaba para siempre la antigua, la orgullosa raza conquistadora mexicana! Y los hombres visados del imperio azteca, los que correspondían a lo que hoy se llama la gente sensata, los egoistas, los pusilánimes, los ingenios sin corazón, proclamaban que la resistencia era inútil y mejor plegarse a lo inevitable y entregar las tradiciones y los reales propios a la voluntad del más fuerte para que forjase a su antojo, tal y como todavía tantos exclaman ante el avance de todos los fuertes. Pero un héroe es un hombre que tiene la audacia de romper toda esta maraña de pensamientos cobardes, para poder en obra el impulso interior de la justicia divina. Lo mismo si triunfa que si cae vencido, el héroe es impetuoso y noble arrogancia. Im petu que niega y anula los hechos si los hechos son viles, y arrogancia que desafía la adversidad si la adversidad derrota al ideal. Es la raza invencible de los hijos del Sol, decían los timoratos y entonces *Cuahtemoc* se puso a matar hijos del Sol y exhibía a los muertos con escarnio para que el pueblo viese que los cobardes mentían. Y usando de su calidad de príncipe y del poder que habia en su alma férrea, logró sugestionar a algunos de los suyos, reunió a los jóvenes, formó falange y empezó la lucha desigual, la lucha eterna y sagrada del débil que posee la justicia contra el fuerte que la reemplaza con sus conveniencias. Lu-

cha que aunque sea desesperada y obscura debe siempre aceptar el débil porque es el espíritu quien impone las normas y porquiere el don de repercutir en el tiempo y a veces trueca la amargura en dicha y la derrota en triunfo.

Todo esto, sin filosofías, lo dijo *Cuahtemoc* en la página elocuente de sus arrebatos, y fue con la ironía y la prédica, con el desdén y la violencia, forzando combates, bafando a Montezuma como a un traidor, — porque hay ya un traidor en todo el que transige con la injusticia, — y retando a Cortés, y por fin venció a Cortés, lo destrozó, lo arrojó fuera de la ciudad, y lo hizo llorar sus pérdidas en la célebre Noche Triste del gran Conquistador. Noche memorable en que Cortés debe haberse sentido hermano de su gran enemigo, hermano por la grandeza y el dolor, y también porque desde entonces quedó escrito que en las tierras de Anahuac no sería una sola raza la vencedora, sino dos razas en perenne conflicto, hasta que la Republica viniese a poner término a la pugna, declarando que el suelo de México no es ni será propiedad de un solo color de la tez, ni de dos razas solas, sino de todas las que pueblan el mundo, siempre que amolden sus voces al ritmo secular indo-español.

Todo este proceso del futuro pasó sin duda en forma confusa, por la mente de aquellos dos héroes en la célebre noche en que el indio vió llorar al español, y el destino siguió su marcha inflexible que arrastra a los hombres, y Cortés volvió con todos sus aliados y companeros y después de un sitio



MONUMENTO DE CUAUHTEMOC, OFFERECIDO PELO MEXICO

prolongado y cruel capturó la ciudad y a Cuauhtemoc, y lo llevó al tormento para arrancarle el secreto de los tesoros reales, y Cuauhtemoc, como sabeis, aprovechó la ocasión para hacer una célebre frase, y finalmente, cuando ya prisionero y vejado, era conducido al cadafalso y el fraile que le acompañaba le prometía el cielo si abrazaba la fé de sus vencedores, Cuauhtemoc le preguntó si ese paraíso de que hablaba el fraile iban también los enemigos de su patria y habiéndosele contestado afirmativamente, el indio repuso: "entonces, Padre, yo no voy al paraíso" y estas fueron las últimas palabras que dijo, y con Cuauhtemoc desapareció por siempre el poderío indígena. Tal es la simple y férrea historia del héroe para quien os pedimos la hospitalidad de esta playa abierta al mar y apoyada en la montaña, es decir, por el frente la libertad de todos los caminos, pero en la base el granito en que labra su futuro la nueva raza latina del continente, una en la sangre y en el anhelo, en el dolor y en la dicha. Tal es el símbolo que entregamos a vuestras miradas en todos los días, y que pretendemos quede enraizado en vuestra propia tradición para que en ella signifique lo que hoy significa en la nuestra: la cirtidumbre de la propia conciencia y la esperanza de días gloriosos. Pues este indio es para nosotros representación de la rebeldía de la conciencia; de la crispación del brazo ofendido, pero también el alarde de la mente. Cuauhtemoc renace por que ha llegado para nuestros pueblos la hora de la segunda independencia, la independencia de la civilización, la emancipación del espíritu, como corolario tardío, pero al fin inevitable e la emancipación política.

El primer siglo de nuestra vida nacional ha sido un siglo de vasallaje espiritual, de copia que se ufana de ser exacta, y esta es la hora no de la regresión, pero sí de la originalidad conciente, de una originalidad que aunque fuera vencida en la tierra, buscaría refugio en la mente para expandirse, porque ni quiere ni puede perecer y brega porque la anima un impulso sagrado.

Y esa originalidad que toda civilización verdadera trae consigo, no la hemos logrado en un siglo porque nos ha faltado la valentía de Cuauhtemoc; su fue en una concepción propia del mundo, y su audacia para poner en el cielo lo que de momento no podía triunfar en la tierra.

Yo bien sé que hoy como ayer hay quienes niegan y hay quienes ignoran estos presagios que ya resuenan en el viento, estas voces de una gran raza que comienza a danzar en la luz — pero dos incrédulos de hoy, lo mismo que los que aconsejaban a Cuauhtemoc que no batiere a los españoles porque los españoles eran la raza superior, la raza civilizada... pasarán como pasaron los pusilánimes de antano, sin dejar ni siquiera un rastro, mientras que el indio magnífico, el rebelde absurdo, se levanta orgulloso sobre la tierra de dos continentes. Ellos no son, así como los de hoy no serán mañana y por encima de todos resplandece la flecha que apunta a los astros.

Consados hastiados de toda esa civilización de copia, de todo ese largo coloniaje de los espíritus. Interpretamos la visión de Cuauhtemoc como una anticipación de este florecimiento o más bien dicho: nacimiento

del alma latino-americana que en todos nuestros pueblos se ha acentuado con intensidad irrevocable, y miramos en su gesto, unas veces el safo y otras el ensueno; un anuncio remoto de esta vida nueva que desborda en todas las naciones del continente nuestro y que ha de verse consolidado en mentes que lo den gloria, en corazones blandos que la tornen noble, y en voluntades firmes como el bronce azteca.

Claro está que la nación mexicana en su culto por Cuauhtemoc, no quiere significar un propósito de hacerse estrecha y de cerrar sus puertas al progreso, no pretendemos volver a la edad de piedra de los aztecas como no acetariamos volver a ser colonia de ninguna nación. Tampoco renegamos de Europa ni le somos en manera alguna hostiles, agradecemos sus enseñanzas, reconocemos su excelencia y tendremos siempre abiertos los brazos para todos sus hijos; pero queremos dejar de ser colonias espirituales. "Independencia ou morte", dijo un héroe ilustre del Brasil y el destino le respondió con la libertad y la vida, y ahora reclamamos vida propia y alma propia. La importación ha sido talvez fecunda, pero ya no es necesaria; hemos asimilado y ahora estamos en el deber de crear. Esto no es rancor, ni es petulancia: es lozania y es generosidad. Inventaremos la forma segun nuestro propio gusto, y crearemos vida universal, pero imprimiéndole el ritmo que está en nuestra alma. Lejos de volverse rencorosa al pasado, la flecha de Cuauhtemoc apunta generosa al porvenir y lo invoca para que se someta a las normas de su augusto sueño; un sueño aplazado y modificado como se modifican ante la realidad todos los sueños: pero próximo a cumplirse aun mas glorioso y alto, que el más alto, ensueno. La historia ha dividido el continente americano en dos grandes razas ilustres que deben dar a la humanidad o ejemplo de un desarrollo fraternal y fecundo. No somos como los norteamericanos, ni ellos son como nosotros, y esta diferencia interesa al progreso del mundo, porque solo el concurso de las distintas aptitudes de los pueblos creadores podrá sentar las bases de una civilización integral y armoniosa.

Los norteamericanos han creado ya una civilización poderosa que ha traído beneficios al mundo. Los ibero-americanos nos hemos retrazado acaso porque nuestro territorio es más vasto, y nuestros problemas más complejo, acaso porque preparamos un tipo de vida realmente universal; pero de todas maneras, nuestro hora ha sonado y hay que mantener vivo el sentimiento de nuestra comunidad en la desdicha o en la gloria y es menester despojarnos de toda suerte de sumisión para mirar el mundo, como lo mira ese indio magnífico, sin arrogancia, pero con serenidad y grandeza; seguros de que el destino de pueblos y razas se encuentra en la mente divina, pero también en las manos de los hombres, y, por eso, llenos de fé levantamos a Cuauhtemoc como bandera y decimos a la raza ibérica de uno a otro confin: sé como el indio, llegó tu hora, sé tu misma.

La ceremonia que se verifica en estos instantes tiene para nosotros una commovedora solemnidad. Somos algunos centenares de mexicanos: los primeros que jamás se

hayan reunido en territorio del Brasil, y nos congregamos para hacer entrega de algo que es como un trazo del corazón mismo de la patria mexicana. En las líneas de esa estatua han aprendido nuestros soldados, los soldados que allí veis, esa su rigidez estoica, y en la flexa del indio aprendem nuestros poetas el volar audaz de sus sueños, y todo lo que de esa fuerza pueda ser nuestro y todo nuestro amor infinito lo ponemos ahora en el Brasil genroso; en el Brasil hermano, y en la misma voz y el mismo acento con que proclamamos nuestro amor y lealdad por la patria del indio que aquí se queda juramos, con un juramento solemne: amar al Brasil como una patria distante pero también nuestra; juramos defender al Brasil, gozar en sus dichos y sufrir con sus penas y llevarlo siempre en el pecho, tal y como esta estatua se queda enclavada en el corazón del Brasil.

Discurso do Ministro do Exterior do Brasil:

"Exmo. Sr. Presidente da Republica, Srs. Embaixadores do Mexico, meus senhores. — O Brasil recebe com sincera gratidão e alegria a offerta carinhosa deste precioso monumento com que o coração e a arte mexicana quizeram brindar a nação amiga."

O indio brasileiro se orgulhará revendo as proprias qualidades na majestosa figura do indio Cuauhtemoc, symbolo da vontade heroica, da abnegação, da valentia e da immortalidade, que a ambos impelliram para a civilização.

Por seu turno, o indio mexicano sentir-se-ha bem na terra de Santa Cruz, contemplando esta incomparavel enseada hospitaleira, admirando a serenidade deste firmamento, cujo azul não abandona este mar inegalavel e cujas estrelas douram-n'o perennemente, agazalhando-se neste sol fertilizante que mantém a nossa commum esperanza na paz eterna entre os homens.

O vosso Libertador, senhores mexicanos, sentir-se-ha bem nesta terra de liberdade, onde a Independencia é um dogma innato.

Ha um seculo as primeiras palavras da nossa primeira Constituição politica já proclamavam que "os cidadãos brasileiros formavam uma Nação livre e independente, não admittindo com qualquer outro laço algum de união ou de federação que se opponha á sua independencia."

No confronto entre as Constituições dos povos civilizados verificareis que o Brasil esteve sempre na vanguarda da democracia, decretando leis fundamentaes purissimas antes da maioria dos povos mais velhos. Foi a Constituição republicana brasileira a primeira, e ainda é a unica, a declarar expressamente o compromisso solemne de não empenhar a Nação em guerra de conquista, directa ou indirectamente, por si ou em aliança com outra Nação.

Nas Constituições brasileiras encontrareis o dogma da igualdade absoluta dos homens perante a lei; encontrareis a definição da casa do individuo como sendo o seu asylo inviolavel, e a garantia da manifestação do pensamento e as demais affirmações dos direitos do homem.

Comprehendemos, portanto, que a patria brasileira tivesse, logicamente, as sympathias da patria mexicana a ponto de im-

plantarões aqui a estatua do mais querido expoente da vossa independencia politica.

Por outro lado, vai nisso mais uma demonstração salutar do concerto entre os povos americanos na sua obra exemplar de cordialidade, de amor e de benefico sentimentalismo, que poetiza e enobrece a nossa raça, como factores soberbos de religião e de paz.

A' vossa heroica Nação está assegurado, tenho a certeza, um futuro deslumbrante, que o Brasil applaude e para o qual concorrerá com os seus votos, com a sua alma de amigo, com aquella generosidade a que acabou de alludir, amavelmente, o brilhante discurso do nobre Embaixador especial, Sr. José de Vasconcellos, com a sua fraternidade, jámais empanada, e com o seu profundo respeito pelo Direito e pela Justiça.

Em nome do Governo do Brasil eu tenho a honra de agradecer e de saudar cordialmente ao Governo e ao povo do Mexico.

Resumo da allocução do Presidente da Republica. S. Ex. começou dizendo quanto era grata á nação brasileira a offerta do Mexico, doando para ficar como um monumento nosso a estatua do seu heróe nacional, tal como se ostenta na bella cidade dos lagos.

O Sr. Dr. Epitacio Pessoa faz então um eloquente e forte esboço do grande heróe mexicano e diz que a sua vida deve ser lida e divulgada no Brasil como um exemplo de virtudes patrioticas, para que na sua resis-

tencia heroica todos bebam o exemplo nobilissimo do grande indio e meditem fundamentalmente que é defendendo o seu territorio, a sua honra e os seus lares que os povos preparam a grandeza e a força da nacionalidade.

Elle foi o antecessor de Hidalgo e de Morelos, mas nenhum como Cuauhtemoc teve a sua resistencia, sua tenacidade na defesa da independencia.

Cuauhtemoc quer dizer — *Agua que tomba*... Sim, elle tombou fascinado pela serpente da traição, mas da sua queda deixou um sulco de luz, illuminando o espaço, como um bolido gigantesco, um symbolo de triumpho e de gloria para a historia do Mexico.

Allude aos primordios da civilização azteca e ás tradições brilhantes da nação mexicana e, depois de considerações acompanhadas de imagens brilhantissimas, o Sr. Presidente da Republica concluiu com arrebatamento, dizendo que a estatua que acabava de ser alli inaugurada não era para nós apenas uma obra de arte valiosa, que ficaria na nossa cidade como um dos seus bellos ornamentos, ella era um symbolo de altivez patriótica, de amor á patria e dedicacão á sua raça e á liberdade.

O indio magnifico seria sempre contemplado, nesta terra de liberdade, como um exemplo de heroismo e abnegacão sem par pela causa de seu povo, e de sacrificio pela sua patria e pelos direitos da sua nação.

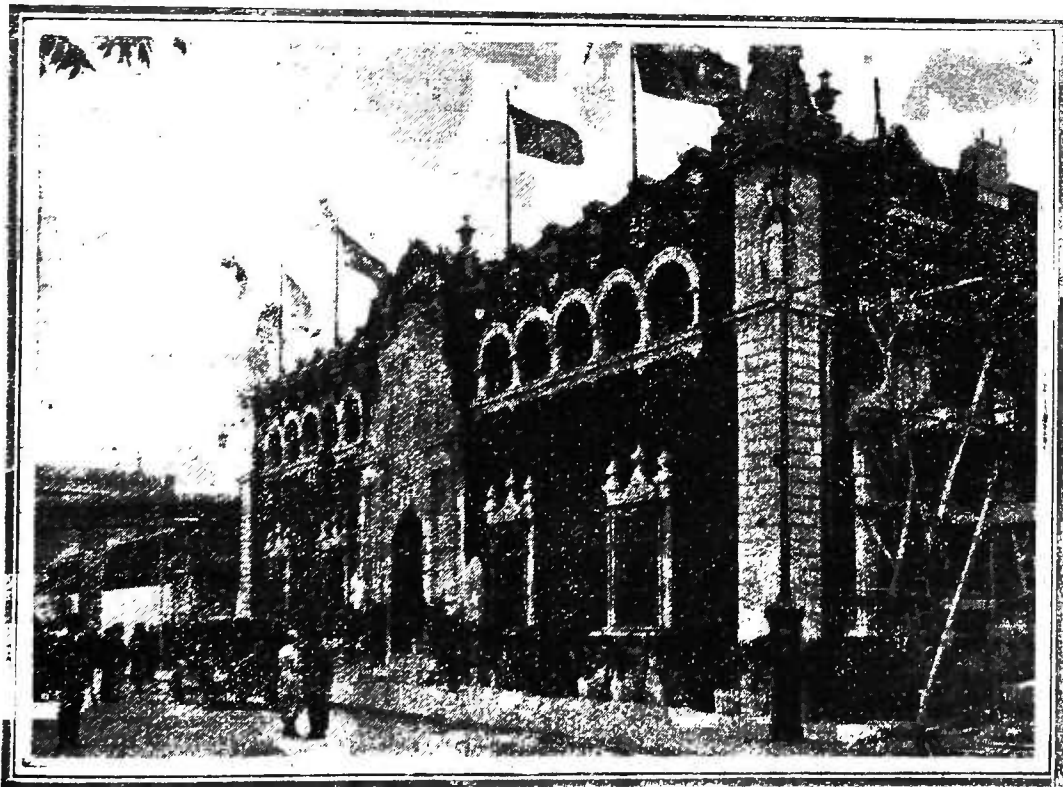
do Mexico. é um escriptor notavel — um pensador profundo, cujo alto espirito já admiravamos, como das mais fortes mentalidades latino-americanas. Enviou-nos a sua mocidade ardorosa e fremente nesses bellos cadetes, em cujo vigor e entusiasmo sentimos pulsar o generoso e heroico coracão mexicano. Enviou-nos a sua arte, nesse admiravel pavilhão, em que a emoção de Carlos Tolditi e Carlos Obregon imprimiram a physionomia local, que resplandece em sua fachada apresada, em seus motivos architectonicos e decorativos, seus azulejos e sua disposição, recordando a casa mexicana. Nella as esculpturas de Gimenez e Centurion, as pinturas de Ledoma e de Montenegro dão-nos a bella floração da arte mexicana, num conjunto encantador e surpreendente. Naquelle dôce ambiente, o brasileiro evocará as honras com que o Mexico o cercou, seus votos cheios de sinceridade, seus pensamentos cheios de fé, e acabará amando o grande povo, que recebeu de ateca indomoto essas virtudes de heroismo e tenacidade, que sempre admiramos.

Enviou-nos, sobrelevando a todas as dadivas e honrarias, aquelle formoso monumento a Cuauhtemoc, o heróe mais caro ao coracão mexicano, a cujo pé juraram os mexicanos, pela bocca do Dr. José Vasconcellos:—“amar ai Brasil como una patria distante pero también nuestra; juramos defender al Brasil, gozar en sus dichos y sufrir con sus penas y llevarlo siempre en el pecho, tal y como esta estatua se queda enclavada en el corazón del Brasil.” Este indio, disse-o ainda o illustre embaixador, não é uma visão do passado glorioso, mas o symbolo do porvir latino-americano. “Cansados, hastiados de toda esa civilización de copia, de todo esse largo coloniaje de los espíritus, interpretamos la visión de Cuauhtemoc como una anticipación de este florecimiento, o más bien dicho: nacimiento del alma latino americana que en todos nuestros pueblos se ha acentuado con intensidad irrevocable, y miramos en su gesto, unas veces el desafio y otras el ensueno; un anuncio remoto de esta vida nueva que desborda en todas las naciones del continente nuestro y que ha de verse consolidado en mentes que le den gloria, en corazones blandos que la tornen noble, y en voluntades firmes como el bronce azteca.

O que foi a inauguração desse monumento, essa festa de cordialidade empolgante, em que os corações dos dois países pulsaram rum mesmo rythmo de entusiasmo e affecto, dirá o seu relato em outro local. Por enquanto basta-nos fixar o fulgor da homenagem, o testemunho da gratidão nacional, que expressou o Chefe da Nação, assegurando ao Mexico, tão bem representado, que o indio magnifico seria sempre contemplado, nesta terra de liberdade, como um exemplo de heroismo e de abnegacão sem par pela causa de seu povo, e de sacrificio pela sua patria e pelos direitos da sua nação.

Quando, de futuro, cessados os ruidos da festa maravilhosa dessa commemoração cívica, o coracão brasileiro recordar as emoções deste momento historico, a imagem do Mexico ressaltará a sua memoria, tomará as fórmulas radiosas de um indio, de peito saliente e ar dominador, empunhando uma flecha “que aponta os astros” tomará as fórmulas de um heróe fulgurante de gloria e de arrebatamento, to-

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENARIO



PAVILHÃO DOS ESTADOS UNIDOS DO MEXICO

A homenagem do Mexico

Na festa do Centenario, entre as muitas homenagens que o mundo tributou ao Brasil, num sincero e ardente entusiasmo pela sua grandeza e pela sua força, por tudo que fez e pelo muito que fará em beneficio da Humanidade e da Civilização, sobreleva-se a da Republica do Mexico, cuja effusiva cordialidade

tanto nos commoveu e empolgou. A heroica e brava nação americana, testemunhando grande devotamento ao Brasil, quiz nos trazer, na festa cívica que celebramos ufanos e gloriosos, os seus votos de confraternidade e applauso, num symbolismo admiravel. Enviou-nos, como embaixador, o Dr. José de Vasconcellos que, com ser um estadista de grande realce na renovação politica e social

mará as formas de *Cuauhtemoc*. E, tomado de uma commovida admiração, o coração brasileiro saberá agradecer a dádiva do Mexico, no trabalho fecundo pelo engrandecimento e cordialidade da America, que são os idéaes mexicanos e que o seu symbolo gravou. O indio não é mais um heroe do Mexico, é um heroe americano e unindo mais ainda as duas nações, terá, de sua gloria, praticado um feito, que mais glorioso o torna.

Exaltemos nossos espiritos acima das vãs competições internacionaes e vejamos nesse amplexo em que nos cinge o Mexico o exemplo da confraternização americana, para crear a fecundar, dando no mundo mais brilho, mais gloria, mais belleza.

Mexico, paiz da galantaria

Annibal Fernandes, que é uma das mais formosas intelligencias do norte do Brasil e um mestre hoje quasi sem rival na chronica, dedicou no *Estado de Pernambuco*, uma interessantissima pagina ao Mexico, que não resistimos á tentação de transcrever-a. Ell-a:

"O Mexico é o paiz da galantaria. No anno do centenario da nossa independencia esse paiz, herdeiro de uma alta civilização, manda-nos uma missão de artistas. Alguem já definiu o mexicano assim: um indio com rasgos de sangue Ibero. Realmente, esse povo onde a proporção do sangue hespanhol não vai além de oito por cento é tradicionalmente cavalheiresco. E' verdade que fuzilaram Maximiliano. E' exacto que mataram Carranza. Mas em todos esses actos abruptos e violentos o que estua é o amor pela liberdade. Na physionomia da maior parte dos officiaes, cadetes, tripulantes que por aqui passaram se via bem o caracteristico do indio. E' o velho sangue dos aztecas que lhes corre nas veias. Lewis Spence fallando do azteca, traçava esse retrato de um flagrante perfeito: "Grave, taciturno, melancolico, com um amor profundamente arraigado de todo o mysterioso; tardio em encolerizar-se, porém, quasi inhumano na violencia de suas paixões, uma vez excitadas. Esse tom vago, de mysterio, de meias tintas, percebe-se um pouco atravez da musica nacional. E de como o mexicano sabe reagir ás imposições da força, dil-o a resistencia activa e passiva á absorpção americana. Paiz de uma riqueza fabulosa, quasi incrivel, guarda no emtanto o seu thesouro fazendo de sua debilidade uma potencia formidavel. No meio da vaga de interesse que assaltou o mundo, o Mexico conserva-se desprendido, generoso, sem ambições. "O incentivo principal que impulsiona as raças europeas para a luta é o progresso, é o desejo do lucro, dizia o escriptor americano Charles Nordhoff; porém essa aspiração representa unicamente papel secundario na vida do mexicano." Agora mesmo, quando se instaurou em toda a parte o "colote" como instituição, o Mexico assombra o mundo economico assumindo por inteiro a responsabilidade de sua divida externa e a parte da divida interna cujos titulos pertencem a estrangeiros. Podia não querer pagar como a Russia dos "soviets" e como os aliados entre si. Esse povo tem o sentimento

da renuncia e desconhece a ambição. E ninguém melhor do que o seu grande poeta Amado Nervo disse dessa virtude admiravel:

"Oh Siddhart Gautama, tu tenias razón: Las angustias nos vienen del deseo; el eden se encuentra en no anhelar, en la renuncia completa, irrevocable, de toda posesión: Quien no desea nada, dondequiera está bien!

El deseo es un vaso de infinita amargura, un pulpo de tentáculos insaciables que al par que se cortan, renacen para nuestra tortura; el deseo es el padre del esplin, de la hartura, y hay en él más perfidias que en las olas del mar!

Quien bebe como Diógenes el agua con la mano, quien de volver la espalda al dinero es capaz, quien ama sobre todas as cosas a Arcano, ese es el victorioso, el fuerte, el soberano. y no hay paz comparable con su perenne paz...

A representação da Colombia no Centenario

A embaixada especial da Colombia, chefiada pelo General Cuervo Marquez, ministro plenipotenciario junto ao governo de Buenos Ayres, que veio representar a republica amiga nas festas do nosso Centenario, trouxe-nos o seu testemunho de amizade, robustecida com a presença de uma representação diplomatica effectiva no Brasil, reencetada com a vinda do illustre ministro Max Grillo, o applaudido escriptor e o diplomata finissimo. A figura do general Cuervo Marquez é das mais prestigiosas na sua Patria e sua presença no Brasil significa alta honra que nos deu o governo de Bogotá. Tivemos ensejo de admirar de perto ao digno estadista, que se impoz tanto no meio official, quanto no intellectual, pela sua participação no Congresso de Historia da America e de Americanistas. Apesar de uma curta estadia, deixou marcada a sua passagem por traços inefleveis, que muito beneficiarão as relações dos dois paizes.

Como sabemos, a Colombia é hoje das maiores nações do continente Sul-americano, sendo a terceira em população, com seus oito milhões de habitantes, occupando tambem lugar de destaque pelo desenvolvimento e disseminação da instrucção publica. E' um dos paizes mais ricos da America, com grande potencialidade mineral, em ouro e prata, além da unica mina de esmeraldas, na região de Muzo que suppre o mercado mundial. Tem ainda jazidas de petroleo e minas abundantes de carvão de pedra. A sua agricultura e pecuaria estão não menos desenvolvidas, sendo prospera a situação economica colombiana, com as melhores e mais largas possibilidades que se propulsionam continuamente, mercê de uma administração criteriosa e progressiva, que lhe imprime um dynamismo efficiente.

Para assegurar esse florecimento de riqueza e de força, a politica colombiana trilha uma estrada democratica e liberal, praticando seus governos programmas de acção efficiente e tolerando com o mais absoluto respeito ao direito das minorias, no que está uma

das pedras angulares dos modernos regimens constitucionaes. Dessa harmonia entre a gestão dos negocios publicos, patriótica e intelligente, e ao effectivo desenvolvimento da riqueza, têm resultado os melhores dias para a Colombia, rasgando perspectivas as mais optimistas para seu futuro. O Brazil, que sempre consagrou á republica amiga um sincero affecto, vê com alegria robustecerem-se os laços de approximação que a missão do General Cuervo Marquez veio marcar com tanto brilho e eficiencia. Ademais, os interesses da Amazonia ligam extraordinariamente os dois paizes, que nessa região têm muito que esperar. Foi, pois, a mais auspiciosa possivel a embaixada colombiana, de cuja acção é licito esperar os melhores frutos, não só pela sua significação diplomatica, como pela alta personalidade do embaixador, uma das figuras representativas do seu paiz e cuja palavra a favor da approximação dos dois paizes ha-de ter o mais decisivo valor, na consecussão dos idéaes americanos.

Fraternidade latino-americana

O illustre ministro Diego Carbonell plenipotenciario de Venezuela, é uma das figuras de mais realce no corpo diplomatico estrangeiro pela sua intelligencia superior e alta cultura, com que se tem imposto á nossa admiração, acaba de lançar a idéa da criação de um monumento commemerativo das Independencias das nações latino-americanas, no centro geographico da America Latina. Será uma nova consagração ao sentimento americanista, que se vae incentivando com fulgor crescente, de sorte a permittir o engrandecimento do continente, na mais larga e poderosa influencia sobre o mundo. Não é talvez inoportuno lembrar que essa fraternidade americana não deve soffrer restricções, ou mais claramente, deve ser pan-americana, porque o Brazil, por exemplo, não poderá nunca, sem renegar a sua tradição diplomatica, isolar-se dos Estados Unidos, pois que julga que pela approximação constante das duas republicas muito lucrará a paz, a harmonia, a prosperidade continental. Nós, da America, devemos ser, antes de tudo, americanos, sem distinguir as origens, da America ingleza, da America hespanhola, ou de America Brasileira. Permanecendo nesse preconceito, não criaremos a fraternidade, mas insistiremos por um isolamento, que deveria desaparecer. Esse reparo, de passagem, não implica desaprovamos a idéa, mas acreditamos que o monumento devia ser da Independencia da America, e ao lado de Bolivar, San Martin, José Bonifacio, Artigas, Ottligns, devia estar Washington, para completar a galeria dos herões da America. O ministro Carbonell lançou a idéa num banquete, em que reuniu os representantes diplomaticos da America latina, merecendo de todos calorosos applausos. Seu discurso é uma pagina ardente e vigorosa de grande emoção, exaltando a iniciativa desse monumento no centro da America latina, como um pacto de honra, de fé, de cordialidade, de progresso. Transcrevemos um trecho dessa vibrante oração, em que attribue á influencia da Revolução Franceza o movimento americano, parecendo-lhe indiscutivel — "la inspiracion romántica de nuestros héroes. E' este o formoso topico, que vale ser citado:

“Cumplidas las independencias, en Agosto de 1925, corresponde a las repúblicas iatinas de la América sintetizar noblemente el esfuerzo incomparable de los libertadores, no en el sentido de las victorias épicas realizadas sobre la gente española e sobre las huestes lusitanas; nó, ese monumento no puede ser un bloqué de mármol en el cual surgiera el tremendo gesto que la muerte dibuja en las fisonomias deformadas por el dolor en los instantes dantescos de la epopeya; en ese bloqué de mármol no debe florecer el rictus de la guerra a muerte suscrita por el Libertador; ni los desmanes de Artigas, si los tuvo; ni la infidencia de los partidarios íntimos del General Santander; no debemos reconocer en el jardín blanco de nuestras patrias ni los desafueros de Labatut ni mucho menos las debilidades de Don José de San Martín... Nó! todo eso constituye el dolor que es parte de la raza heterogénea; todo eso corresponde a los accidentes pasajeros en la definitiva estabilidad del proceso que nos condujo la vía de las armas y de la inteligencia a la consumación de la independencia política: en ese bloqué de mármol de América, condensado en nuestras canteras cuando aun no era ni materia amorfa el mármol grandioso y recio de la raza celtibera, debe florecer, por esfuerzo espontáneo de los jardineros criollos la titánica tendencia romántica de aquellos hombres que sin la preparación de los “revolucionarios franceses”, lograron triunfar con las armas gracias a una dirección más bien intelectual, que bélica, pues no sabríamos decir cuál es el más grande, el Miranda que en los campos de batalla vive em compañía de los clásicos o el Miranda que en Valencia compromete la causa de la República y pasa desde ese momento a la vida amarga de un prisionero en donde la paciencia eleva su alma a la más alta concepción de su destino; yo no sé quién fué más grande, el Bolívar de Carabobo y de Boyacá o el romántico Libertador de Angostura y de Pativilca; el San Martín de Chacabuco no es superior al héroe condescendiente de Guayaquil; don Pedro el del “fico” es mucho más grande que el emperador metido en aventuras bélicas con los pueblos vecinos; yo no sé, en fin, cuál de los Artigas es superior, si el tenaz defensor de la independencia uruguaya o el gran desolado de San Isidro de Curuguay...”

O Embaixador Mastny

A joven republica Tcheco-Slovaquia, que Gustavo Barroso justificou com propriedade ser o “coração da Europa”, tem revelado uma forte amizade pelo Brasil, cujo acto reconhecendo immediatamente sua gloriosa independencia tão grande e profunda repercussão teve na velha nacionalidade, agora liberta. A presença aqui do illustre ministro Jan Havlasa, o diplomata moderno e o romancista intelligente que tantos amigos conquistou no nosso paiz, soube crear para a Tcheco-Slovaquia um ambiente de sympathias e affecto, com solidos laços ligando as duas nações, fomentando o seu intercambio mercantil, como intellectual e artistico. O ensejo do Centenario, favoreceu a sua representação na Exposição Internacional, onde erigiu um delizioso pavilhão, em estylo tcheco, do mais fino e apurado bom gosto. Nelle testemunharemos, não só o desenvolvimento das industrias da grande nação, mas o

seu proprio Espirito, irradiando as linhas daquelle palacio, da sua decoração, de seus ornatos, de seus adornos, que, ao sol tropical do Rio de Janeiro, ganharão o fulgor da luz, no symbolismo da nossa admiração.

A maior honra que nos deveria permittir o governo de Praga, estava em acreditar, no alto cargo de Embaixador extraordinario, em missão especial, o illustre Dr. Alberto Mastny, Ministro plenipotenciario em Londres, e uma das figuras de maior destaque na diplomacia tcheco-slovaca. Jurista de grande renome e professor de direito, tem afora ao Sr. Mastny, de ha muito, transposto as fronteiras de seu paiz, impondo-se á admiração dos centros cultos da Europa e da America. Traçando as linhas geraes de sua biographia, queremos apenas mostrar a personalidade illustre que a Tcheco-Slovaquia nos enviou para representá-la nas commemorações de Sete de Setembro, o que constitue grande honra para o Brasil e valioso penhor para a amizade dos dois paizes.

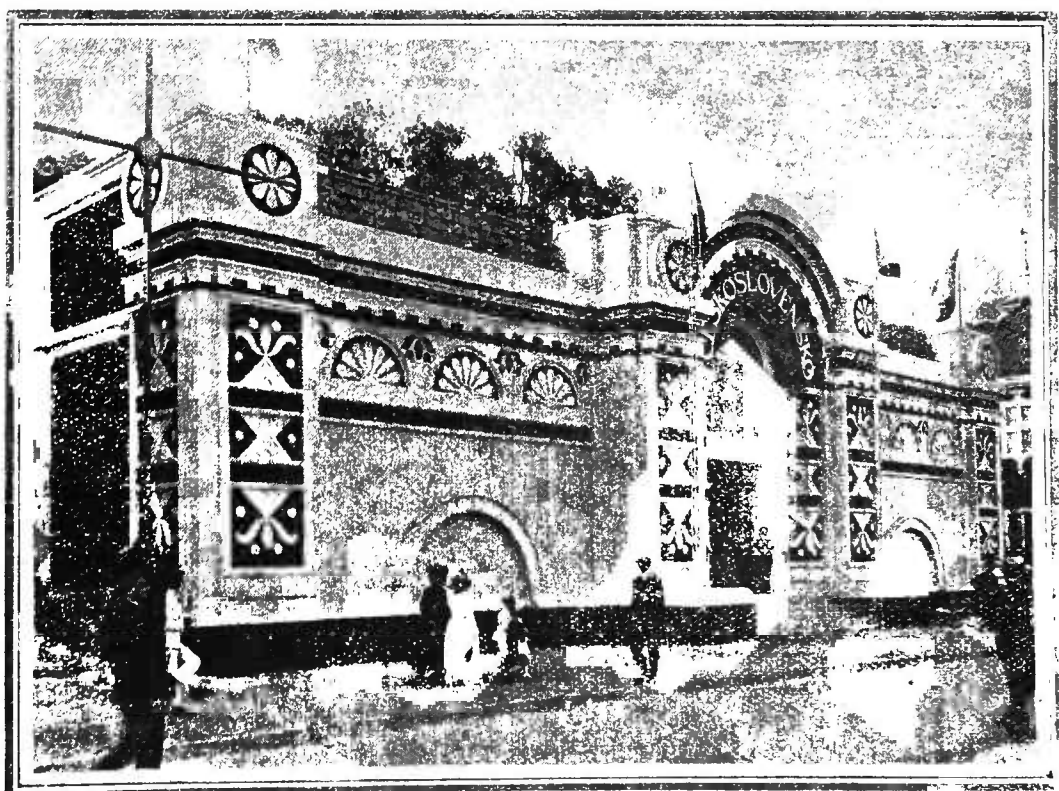
Durante a sua curta permanência no Rio de Janeiro, o Embaixador Mastny conquistou um vasto circulo de amigos e admiradores. Formoso typo de homem, muito elegante e dotado de natural distincção, intelligencia lucida e brilhante, servida por uma solida cultura, conversador admiravel, possui elle o dom das seducções. Todos quantos tiveram a ventura delle se approximar, nunca mais esquecerão a captivante figura do Embaixador Mastny, um verdadeiro gentleman, com a elegancia de Morny e a intelligencia de Tayllerand.

Ao deixar o Rio de Janeiro, o Embaixador Extraordinario da Tchecoslovaquia dirigiu ao Sr. Presidente da Republica a seguinte mensagem:

“Legação da Republica Tchecoslovaca — Rio de Janeiro — Rio de Janeiro, 27 de Setembro de 1922 — Excellencia — No momento

de deixar a terra brasileira, sinto-me no dever de exprimir uma vez mais a V. Ex. o meu profundo reconhecimento pela acolhida gentilissima que se dignou conceder-me, ao de-empenhar-me eu da missão muito grata e honrosa de apresentar a V. Ex. e á Nação Brasileira, por occasião da commemoração do seu primeiro centenario de vida independente, as felicitações e os protestos da amizade e das mais profundas sympathias da Republica Tchecoslovaca. Já ao aceitar a missão que me foi confiada, conhecia eu as grandes affinidades de cultura, de sentimentos e ideaes, que unem o povo brasileiro ao povo tchecoslovaco, e isto era-me seguro penhor de que a Nação Brasileira saberia estimar devidamente a amizade muito particular de que a Republica Tchecoslovaca intentava dar-lhe mais uma prova. Creia, porém, V. Ex., que levo desta Republica as mais gratas recordações, uma cadeia continua de impressões de belleza, uma grande admiração pela actividade intelligente do povo brasileiro, e a mais funda gratidão pela amizade sorridente com que me receberam todas as classes neste hospitaleiro paiz. E' com uma muito grande satisfação íntima, sssim, que rogo a V. Ex., que me permitta apresentar novamente, na pessoa de V. Ex., á Republica dos Estados Unidos do Brasil, as felicitações da Republica Tchecoslovaca e os seus votos por que a Nação Brasileira prosiga na mesma senda de maravilhoso progresso e constante prosperidade que a levou a entrar tão soberanamente de par com as grandes potencias e sob o esclarecido governo de V. Ex., no seu segundo centenario de existencia politica: e rogo a V. Ex., que se digne aceitar os votos mais sinceros que faço pela sempre constante felicidade pessoal de V. Ex., e de sua excellentissima familia com as seguranças da minha mais alta estima e consideração.— *Vojtech Mastny*, Embaixador Extraordinario em Missão Especial da Tchecoslovaquia.”

CENTENARIO DA INDEPENDENCIA DO BRASIL



PAVILHÃO DA REPUBLICA TCHECOSLOVACA

A estatua de Christo

Foi solennemente lançada no alto do Corcovado a pedra fundamental do monumento a Christo Redemptor que se erigirá por um voto expressivo e unanime da Nação Brasileira, a que o Congresso, possivelmente, dará o seu apoio, contribuindo para essa realização. A estatua grandiosa será um symbolo, mesmo para os que só vêm em Christo a maior e mais benefica influencia sobre o mundo, o Creador da civilização Christã que nos eleva sobre o mundo. Para os brasileiros, que têm fé religiosa, que receberam na religião de seus paes, o alento espiritual para os grandes conquistas da nação, a estatua de Christo será um precioso ex-voto que levantam ao Senhor dos homens, pedindo bençãos sobre a terra de Santa Cruz e agradecendo as mercês que lhe tem prodigalizado. O monumento será um symbolo de amor e de fé, de amor, que liga os homens e os faz crescer, e de fé, que é lume e *senza da qual, ben far non basta*. Saibamos criar o Brasil e tornal-o grande, dentro da civilização christã, não erigindo estatuas aos deuses de força, mas adorando-o Deus de bondade, que nos protege.

Congresso Eucharistico

Com grande magestade e ponipa, a Egreja Brasileira, sob o alto patrocínio de D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, cardeal presbytero da Egreja Romana, dos titulos de S.S. Bonifacio e Aleixo, arcebispo de S. Sebastião do Rio de Janeiro, e sob a presidencia de D. Sebastião Leme, arcebispo da Pharsalia e coadjutor do Rio de Janeiro, commemorou o centenario, realizando o Primeiro Congresso Eucharistico, não só para agradecer as mercês e bençãos que cobrem o Brasil, mas tambem, como um *ex-voto* do nosso paiz, consagrando-o à invocação divina, a cujo fulgor vive, desde que os portugueses de 1500 elevaram, na Corôa Vermelha, da Bahia Cabralia, a Cruz que lhe deu o nome. A religião catholica no Brasil, se ainda houvesse mistér de manifestar a sua grandeza, teria tido no Congresso Eucharistico a mais formidavel demonstração, na eloquencia de seus membros, na força de seu esplendor, na magnificencia de suas luzes por fim, na imponente procissão que atravessou a nossa cidade, acompanhada por muitos milhares de pessoas, levando em triumpho a Eucharistia, cujo carro era conduzido exclusivamente por officiaes do exercito e da marinha, num symbolo grandioso. Como bem justificou o Presidente do Congresso, é necessario reintegrar a nossa vida nos principios austeros da probidade chirstã, fazendo "desapparecer de nossa gente a obsessão grosseira dos interesses do *eu* e a consequente menosprezo das idealidades immortaes da Moral e da Patria". Agora, que assistimos no mundo inteiro uma revolução espiritualista e que va avultando no nosso paiz, sobretudo na nova geração, em espectáculo formoso e incisivo, o Congresso Eucharistico tem um alto significado. Não foi um congresso ecclesiastico, nem uma reunião episcopal, mas a larga assembléa da nação religiosa, através de seus nomes mais representativos, nas letras, na sciencia, no parlamento, na judicatura, na imprensa, no magisterio, emfim, em todas as manifestações do espirito nacional, erguido num fremito de fé. A reunlão Eucharistica é uma



INSTALAÇÃO DO CONGRESSO EUCHARISTICO

das nossas fórmãs de expressão do sentimento christão e innumerous têm sido os diocesanos, regionaes e nacionaes, já tendo se realizado 25 internacionaes, dos quaes os mais celebres foram os de Friburgo, de Paris, Jerusalém, Reimã, Londres, Colonia, Montreal, Vienna, Madrid e Roma. Na Alemanha foi tão empolgante o Congresso que o proprio Imperador, protestante, se julgou obrigado a mandar aos congressistas uma attenciosa mensagem de cumprimentos. Nos Congressos Eucharisticos de Vienna e Madrid, os soberanos compareceram pessoalmente às cerimoniaes e assembléas, nellas tomando parte.

No Canadá, unica região americana honrada por um Congresso Eucharistico Internacional, ao lado de cento e vinte bispos, tres mil sacerdotes e uma multidão calculada em quinhentas mil pessoas, tendo á frente o Governo Federal, acompanharam a procissão pelas ruas de Montreal. Entre nós, por mingua de tempo, o Congresso não pôde ser internacional, o que lhe não tirou o fulgor e o brilho, pois a nação inteira, num estimulo magnifico, de fé e edificação, exaltou-se numa prece collectiva. Num paiz, como o nosso, onde a religião tem sido, desde a catechese, uma força de organização e disciplina, que, ainda na ultima guerra, foi a primeira voz a se levantar confortando e animando o Espirito nacional, acontecimentos da ordem desse grande certamen devem muito nos alegrar. Nenhum povo foi grande sem fé — é a lição Incontestada da historia — e a melhor das confirmações do valor da religião como elemento disciplinador nos dá a reconciliação do Estado leigo com a Egreja, da França e de Portugal. No Brasil, onde a separação foi um preito da liberdade, mas não affectou o sentimento nacional, vemos todos o espectáculo confortador de um povo que tem crença, não fixada pelos textõs de lei, mas vinda do coração, onde busca as inefaveis energias de sua gloria e de sua grandeza. S.S. o Papa Pio XI saudou e abençoou o Congresso, nestas palavras:

"Ao dilecto filho nosso — Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, Cardeal Presbytero da Santa Igreja Romana, dos Ti-

ulos dos SS. Bonifacio e Aleixo, Arcebispo de S. Sebastião do Rio de Janeiro, e aos demais Veneraveis Irmãos Arcebispos e Bispos da Republica Brasileira. — Pio XI Papa — Dilecto Filho e Veneraveis Irmãos, Saudação e Benção Apostolica.

Numa época em que, pela propagação do erro e pela avidez das coisas terrenas, vaes arrefecendo a caridade de muitos, é realmente providencial que tenha progredido por toda a parte com novo fervor o culto do Santissimo Sacramento, pelo costume introduzido dos Congressos Eucharisticos. Assim é que ainda ha pouco nos foi dado ver reunirem-se de todas as partes do mundo nesta mesma cidade homens de todas as classes sociaes, abrasadas no mesmo fogo de amor que Nosso Senhor Jesus Christo veiu trazer à terra e tão vehementemente desejou que nelle tudo se inflammasse. Sem esforço pois comprehendereis, dilecto Filho Nosso e Veneraveis Irmãos, com que satisfação recebemos a noticia de que brevemente realizareis um Congresso Nacional para mais e mais promover o culto da Sagrada Eucharistia. E, em verdade, já sentimos que extolho o nosso coração ao ver o povo brasileiro, em cerradas fileiras, acclamar com entusiasmo o Christo Rei, pondo nelle a unica esperança de salvação e paz. Oxalá se propaguem por toda a parte taes industrias de piedade, pois não ha meio mais effcaz para o incremento de todas as virtudes do que o culto da Sagrada Eucharistia, fonte de onde brota espontaneamente o amor das coisas eternas. Esforçae-vos, pois, por bem realizar tão santo empreendimento. Nós, entretanto, faremos preces a Deus para que benignamente conceda os melhores resultados e os fructos que desejaes. E, além das indulgencias de praxe, concedemos o privilegio de celebrar missa à meia noite, depois da vigilia eucharistica, como penhor dos divinos favores, e em testemunho de Nossa Benevolencia a vós, Dilecto Filho Nosso e Veneraveis Irmãos, e a todos quantos assistirem ao Congresso damos de coração a Benção Apostolica. Dado em Roma, junto de S. Pedro, no dia 10 de Agosto de 1922, primeiro anno do Nosso Pontificado. PIO XI, PAPA.

A França na Exposição

A solicitude do governo da França em acolher o nosso convite para comparecer à Exposição Nacional, em que commemoramos o Centenario, e o brilho, que deu á sua representação, constituem novas e valiosas demonstrações da inalteravel amizade que liga os dois paizes.

Os ideaes de cultivo e liberdade, de espiritos e de força, o prestigio maravilhoso de actividade que a França encerra, com presença sem rival, despertaram sempre no nosso povo um entusiasmo fremente e vivo, pela grande Nação, que ainda hontem nas horas tragicas do perigo e do soffrimento, encontrou no Brasil, não só o allivio politico, mas o amigo fiel e o camarada dedicado, cujo esforço era minorar o peso de tormenta, com o compacto moral, espiritual e material, a todo seu alcance. O exemplo indomavel da França nos enchia por outro lado, de admiração e deslumbramento, e da resistencia a victoria, acompanhamos extacticos a força do grande povo, cuja vitalidade, fulgor e energia desmentiam certas affirmações afoitas de declinio. A guerra retemperou o espirito francez e sua gloria saiu da fornalha incandescente mais rutila e esplendorosa. E tambem nossa admiração e nosso affecto cresceram, correspondido com signal calor pela França, que não cessa de nos testemunhar a sua fraternidade e o seu agradecimento. O ensejo da comemoração do Centenario permittiu não só as demonstrações officiaes do mais alto significado, bem como as da intellectualidade franceza, em cujo leite generoso e fecundo temos bebido sofregos essa cultura latina, que raia da Ilha-de-France, illuminando o mundo, pela sabedoria, pela força e pela belleza. A França eterna é uma fascinação do espirito brasileiro.

A embaixada especial franceza, presidida pelo Sr. Alexandre Conty, o eminente embaixador, cujo alto espirito tem enchido de brilho excepcional a representação permanente da França no Brasil, era constituída de nomes da mais elevada significação, cuja presença foi entre nós motivo do mais justo e honroso orgulho. O deputado Géo Gerard, parlamentar de grande estimação na Camara Franceza e decidido amigo do Brasil, o capitão Fonck, militar franceza, que conquistou nos ares sombrios das frentes a aureola que lhe cinge a fronte de joven, Emile Borel, o sabio mathematico que todo o mundo admira, Pierre Janet, o illustre publicista do Instituto de França; o Professor George Dumas, um dos espiritos de *élite* da cultura franceza moderna, representante de admiravel Sorbonne; e o Dr. Chiray, da faculdade de Medicina de Paris, de que é um dos maiores luminares. A simples referencia a tão illustres personalidades vale o mais completo louvor e o mais sincero agradecimento á França, pela honra que nos deu, fazendo-se representar de modo tão brilhante nas festas do Centenario. A inauguração do Pavilhão da França, na Avenida das Nações, permittiu que o governo do Brasil, expressasse essa gratidão, o que fez o sr. Ministro Ferreira Chaves, no discurso que proferiu nessa solemnidade e que reproduzimos a seguir:

Ha muitos motivos na vida do Brasil para que lembremos sempre a França, com viva sympathia, agradecimento e admiração.

Ainda agora, ao festejarmos o primeiro Centenario da nossa independencia politica, recordamos commovidos o concurso que a ella nos prestou o General Labatut, um de tantos compatriotas vossos que se tornaram paladinos da liberdade de outros povos e por ella pelejaram no mundo.

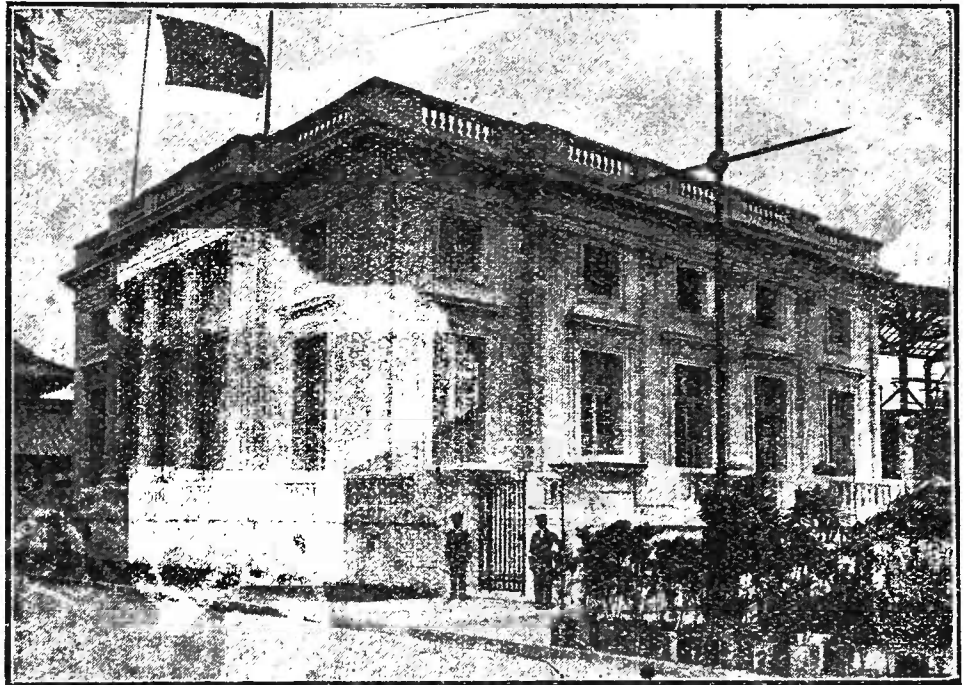
Antes da independencia, já outros francezes nos tinham trazido preciosa collaboração. Um grupo admiravel de artistas fundava a Academia de Bellas Artes, iniciava-nos na techina propria para achar as formas de exprimir a belleza e ao mesmo tempo um dos vossos projectos naturalistas viajava, sem medir sacrificios, todo o sul e centro do Brasil e celebrava depois, em paginas immoredouras, não sómente a opulencia da nossa flora, o theor e variedade dos nossos mineraes, a extensão dos nossos rios, mas tambem vaticinava, de par com o progresso economico, o futuro da nossa civilização. Pela autoridade de seu julgamento a obra de Saint-Hilaire ficou sendo para sempre uma das propagan-

compatriotas o valioso concurso que trouxe o bom exito da Exposição Internacional do Centenario"

As eloquentes palavras dos commissarios francezes, Srs. Crozier e o Barão de Thénard, com que, na mesma festa inaugural, disseram os intuitos da França tomando parte na comemoração em que festejamos o 1º centenario de nossa independencia politica, são expressivas dessa inquebrantavel amizade que nos liga á França, mãe espiritual de toda a latinidade, herdeira da civilização greco-latina, a que deu mais vigor e mais belleza, na harmonia de seu admiravel espirito geometrico e de seu subtil "Espirit de finesse".

O pavilhão de França é um dos mais bellos que se ergueram na sumptuosa Avenida das Nações. Foi construido em 128 dias, pelos engenheiros brasileiros Drs. A. Monteiro e Olavo Tydio de Souza Aranha Junior. O material empregado na construcção, que é definitiva, foi o cimento armado em estru-

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENARIO



PAVILHÃO DA FRANÇA

das mais effizacs das grandesas do Brasil e das virtudes nativas da sua gente.

A influencia da civilização franceza, no aperfeçoamento das suas artes, na creação da sua litteratura e da sciencia professada nas suas escolas superiores, constituiu o laço moral mais apertado entre os nossos dois paizes e por isso mesmo a base solida da amizade que nos une.

Por gentileza tão da nossa indole este pavilhão, copia de uma das maravilhas da archetectura franceza no seculo 18, vai ficar no coração da nossa capital como prova do genio creador da vossa raça e lição para nós proveitosa do seu gesto requintado.

E' com maior desvanecimento, que, em nome do Governo Federal, cumprimento, em vossas pessoas, a grande nação amiga e, por vosso intermedio, agradeço a distincção com que tanto nos captiva, bem como aos vossos

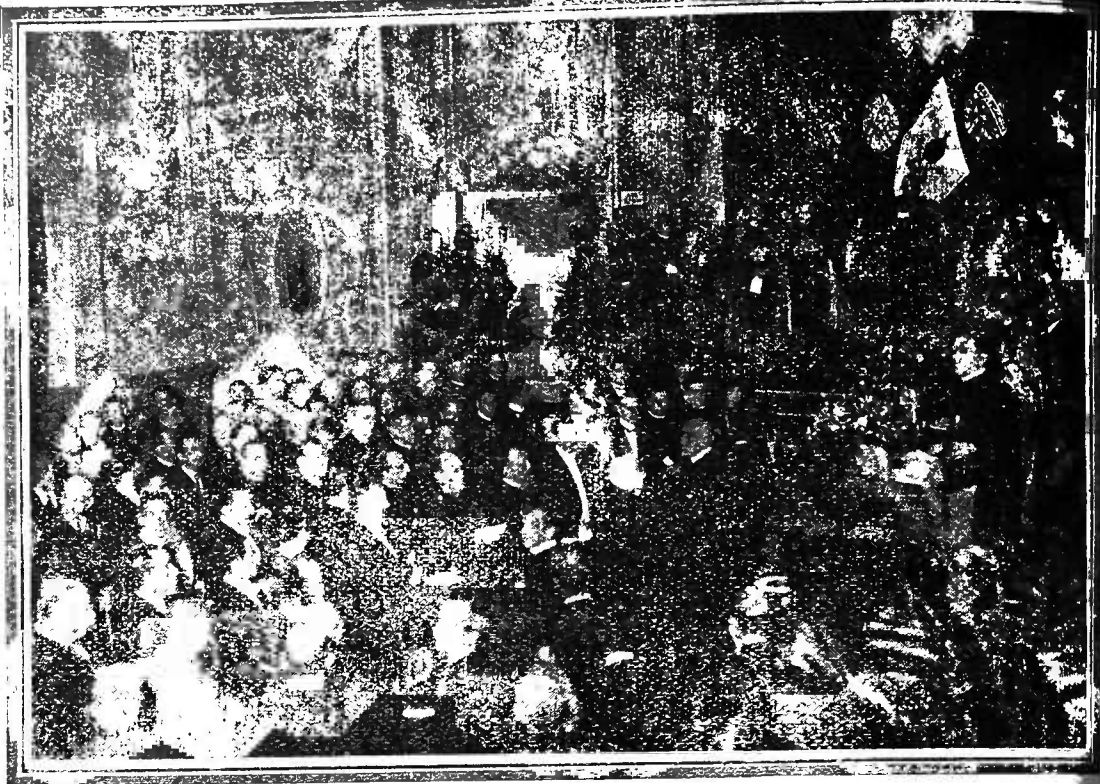
ectura metolica, sendo que o revestimento externo, tambem de cimento, apresenta o colorido da pedra franceza. Nestas condições o palacio da França é uma reproducção perfeita, em todos os seus motivos architectonicos, do *Pequeno Trianon*, de Versailles. A sua decoração, do mais apurado gosto artistico, é muito rica e as tapeçarias e obras de arte dão uma nota de inconfundivel destaque a esse delicioso palacio, onde o espirito francez transparece, nas suas linhas elegantes e sobrias, de medida e equilibrio. Por um gesto de captivante gentileza, que tanto nos captivou, esse pavilhão, depois de encerrado o certamen, será doado ao Brasil, em plena propriedade. Terá a França assim perpetuado a sua homenagem ao nosso paiz, na grande data que celebramos com a exaltação e a alegria do mundo, offertando-nos um symbolo de Versailles, essa flor maravilhosa do seu genio de belleza.

A estatua de Christo

Foi solennemente lançada no alto do Corcovado a pedra fundamental do monumento a Christo Redemptor que se erigirá por um voto expressivo e unanime da Nação Brasileira, a que o Congresso, possivelmente, dará o seu apoio, contribuindo para essa realização. A estatua grandiosa será um symbolo, mesmo para os que só vêm em Christo a maior e mais benéfica influencia sobre o mundo, o Creador da civilização Christã que nos eleva sobre o mundo. Para os brasileiros, que têm fé religiosa, que receberam na religião de seus paes, o alento espiritual para os grandes conquistas da nação, a estatua de Christo será um precioso ex-voto que levantam ao Senhor dos homens, pedindo bênçãos sobre a terra de Santa Cruz e agradecendo as mercês que lhe tem prodigalizado. O monumento será um symbolo de amor e de fé, de amor, que liga os homens e os faz crescer, e de fé, que é lume e *senza da qual, ben far non basta*. Saibamos criar o Brasil e tornal-o grande, dentro da civilização christã, não erigindo estatuas aos deuses de força, mas adorando-o Deus de bondade, que nos protege.

Congresso Eucharistico

Com grande magestade e pompa, a Igreja Brasileira, sob o alto patrocínio de D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, cardeal presbytero da Igreja Romana, dos titulos de S.S. Bonifacio e Aleixo, arcebispo de S. Sebastião do Rio de Janeiro, e sob a presidencia de D. Sebastião Leme, arcebispo da Pharsalia e coadjutor do Rio de Janeiro, commemorou o centenario, realizando o Primeiro Congresso Eucharistico, não só para agradecer as mercês e bênçãos que cobrem o Brasil, mas também, como um *ex-voto* do nosso paiz, consagrando-o á invocação divina, a cujo fulgor vive, desde que os portugueses de 1500 elevaram, na Corôa Vermelha, da Bahia Cabralia, a Cruz que lhe deu o nome. A religião catholica no Brasil, se ainda houvesse mistér de manifestar a sua grandeza, teria tido no Congresso Eucharistico a mais formidavel demonstração, na eloquencia de seus membros, na força de seu esplendor, na magnificencia de suas luzes por fim, na imponente procissão que atravessou a nossa cidade, acompanhada por muitos milhares de pessoas, levando em triumpho a Eucharistia, cujo carro era conduzido exclusivamente por officiaes do exercito e da marinha, num symbolo grandioso. Como bem justificou o Presidente do Congresso, é necessario reintegrar a nossa vida nos principios austeros da probidade christã, fazendo "desapparecer de nossa gente a obsessão grosseira dos interesses do *eu* e consequente menosprezo das idealidades immortaes da Moral e da Patria" Agora, que assumimos no mundo inteiro uma missão espiritualista e que vaç avultando no nosso paiz, sobretudo na nova geração, em espectáculo formoso e incisivo, o Congresso Eucharistico tem um alto significado. Não foi um congresso ecclesiastico, nem uma reunião episcopal, mas a larga assembléa da nação religiosa, através de seus nomes mais representativos, nas letras, na sciencia, no parlamento, na judicatura, na imprensa, no magisterio, enfim, em todas as manifestações do espirito nacional, erguido num fremito de fé. A reunião Eucharistica é uma



INSTALLAÇÃO DO CONGRESSO EUCHARISTICO

das nossas fórmulas de expressão do sentimento christão e innumerables têm sido os diocesanos, regionaes e nacionaes, já tendo se realizado 25 internacionaes, dos quaes os mais celebres foram os de Friburgo, de Paris, Jerusalém, Reims, Londres, Colonia, Montreal, Vienna, Madrid e Roma. Na Alemanha foi tão empolgante o Congresso que o proprio Imperador, protestante, se julgou obrigado a mandar aos congressistas uma attenciosa mensagem de cumprimentos. Nos Congressos Eucharisticos de Vienna e Madrid, os soberanos compareceram pessoalmente ás cerimoniaes e assembléas, nelas tomando parte.

No Canadá, unica região americana honrada por um Congresso Eucharistico Internacional, ao lado de cento e vinte bispos, tres mil sacerdotes e uma multidão calculada em quinhentas mil pessoas, tendo á frente o Governo Federal, acompanharam a procissão pelas ruas de Montreal. Entre nós, por mingua de tempo, o Congresso não pôde ser internacional, o que lhe não tirou o fulgor e o brilho, pois a nação inteira, num estimulo magnifico, de fé e edificação, exaltou-se numa prece collectiva. Num paiz, como o nosso, onde a religião tem sido, desde a catechese, uma força de organização e disciplina, que, ainda na ultima guerra, foi a primeira voz a se levantar confortando e animando o Espirito nacional, acontecimentos da ordem desse grande certamente devem muito nos alegrar. Nenhum povo foi grande sem fé — é a lição incontestada da historia — e a melhor das confirmações do valor da religião como elemento disciplinador nos dá a reconciliação do Estado leigo com a Igreja, da França e de Portugal. No Brasil, onde a separação foi um preito da liberdade, mas não affectou o sentimento nacional, vemos todos o espectáculo confortador de um povo que tem crença, não fixada pelos textos de lei, mas vinda do coração, onde busca as inefaveis energias de sua gloria e de sua grandeza. S.S. o Papa Pio XI saudou e abençoou o Congresso, nestas palavras:

"Ao dilecto filho nosso — Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, Cardeal Presbytero da Santa Igreja Romana, dos Ti-

tuos dos SS. Bonifacio e Aleixo, Arcebispo de S. Sebastião do Rio de Janeiro, e aos demais Veneraveis Irmãos Arcebispos e Bispos da Republica Brasileira. — Pio XI Papa — Dilecto Filho e Veneraveis Irmãos, Saudação e Bênção Apostolica.

Numa época em que, pela propagação do erro e pela avidez das coisas terrenas, vaç arrefecendo a caridade de muitos, é realmente providencial que tenha progredido por toda a parte com novo fervor o culto do Santissimo Sacramento, pelo costume introduzido dos Congressos Eucharisticos. Assim é que ainda ha pouco nos foi dado ver reunirem-se de todas as partes do mundo nesta mesma cidade homens de todas as classes sociaes, abrasadas no mesmo fogo de amor que Nosso Senhor Jesus Christo veio trazer á terra e tão vehementemente desejou que nelle tudo se inflammasse. Sem esforço pois comprehendereis, dilecto Filho Nosso e Veneraveis Irmãos, com que satisfação recebemos a noticia de que brevemente realizareis um Congresso Nacional para mais e mais promover o culto da Sagrada Eucharistia. E, em verdade, já sentimos que exultamos no nosso coração ao ver o povo brasileiro, em cerradas fileiras, acclamar com entusiasmo o Christo Rei, pondo nelle a unica esperança de salvação e paz. Oxaí se propaguem por toda a parte taes industrias de piedade, pois não ha meio mais effizaz para o incremento de todas as virtudes do que o culto da Sagrada Eucharistia, fonte de onde brota espontaneamente o amor das coisas eternas. Esforçae-vos, pois, por bem realizar tão santo empreendimento. Nós, entretanto, faremos preces a Deus para que benignamente conceda os melhores resultados e os frutos que desejaes. E, além das indulgencias de praxe, concedemos o privilegio de celebrar missa á meia noite, depois da vigilia eucharistica, como penhor dos divinos favores, em testemunho de Nossa Benevolencia, a vós, Dilecto Filho Nosso e Veneraveis Irmãos, e a todos quantos assistirem ao Congresso damos de coração a Bênção Apostolica. Dado em Roma, junto de S. Pedro, no dia 10 de Agosto de 1922, primeiro anno do Nosso Pontificado. PIO XI, PAPA.

A França na Exposição

A solicitude do governo da França em acolher o nosso convite para comparecer à Exposição Nacional, em que commemoramos o Centenario, e o brilho, que deu á sua representação, constituem novas e valiosas demonstrações da inalteravel amizade que liga os dois paizes.

Os ideaes de cultivo e liberdade, de espiritos e de força, o prestigio maravilhoso de actividade que a França encerra, com presença sem rival, despertaram sempre no nosso povo um entusiasmo fremente e vivo, pela grande Nação, que ainda hontem nas horas tragicas do perigo e do soffrimento, encontrou no Brasil, não só o allivio politico, mas o amigo fiel e o camarada dedicado, cujo esforço era minorar o peso de tormenta, com o compacto moral, espiritual e material, a todo seu alcance. O exemplo indomavel da França nos enchia por outro lado, de admiração e deslumbramento, e da resistencia a victoria, acompanhamos extaticos a força do grande povo, cuja vitalidade, fulgor e energia desmentiam certas affirmações afoitas de declinio. A guerra retemperou o espirito francez e sua gloria saiu da fornalha incandescente mais rutila e esplendorosa. E tambem nossa admiração e nosso affecto cresceram, correspondido com signal calor pela França, que não cessa de nos testemunhar a sua fraternidade e o seu agradecimento. O ensejo da commemoração do Centenario permittiu não só as demonstrações officiaes do mais alto significado, bem como os da intellectualidade franceza, em cujo leite generoso e fecundo temos bebido sofregos essa cultura latina, que raia da Ilha-de-France, illuminando o mundo, pela sabedoria, pela força e pela belleza. A França eterna é uma fascinação do espirito brasileiro.

A embaixada especial franceza, presidida pelo Sr. Alexandre Conty, o eminente embaixador, cujo alto espirito tem enchido de brilho excepcional a representação permanente da França no Brasil, era constituída de nomes da mais elevada significação, cuja presença foi entre nós motivo do mais justo e honroso orgulho. O deputado Géo Gerard, parlamentar de grande estimacão na Camara Franceza e decidido amigo do Brasil, o capitão Fonck, militar franceza, que conquistou nos ares sombrios das frentes a aureola que lhe cinge a fronte de joven, Emile Borel, o sabio mathematico que todo o mundo admira, Pierre Janet, o illustre publicista do Instituto de França; o Professor George Dumas, um dos espiritos de elite da cultura franceza moderna, representante de admiravel Sorbonne; e o Dr. Chiray, da faculdade de Medicina de Paris, de que é um dos maiores luminares. A simples referencia a tão illustres personalidades vale o mais completo louvor e o mais sincero agradecimento á França, pela honra que nos deu, fazendo-se representar de modo tão brilhante nas festas do Centenario. A inauguração do Pavilhão da França, na Avenida das Nações, permittiu que o governo do Brasil, expressasse essa gratidão, o que fez o sr. Ministro Ferreira Chaves, no discurso que proferiu nessa solemnidade e que reproduzimos a seguir:

Ha muitos motivos na vida do Brasil para que lembremos sempre a França, com viva sympathia, agradecimento e admiração.

Ainda agora, ao festejarmos o primeiro Centenario da nossa independencia politica, recordamos commovidos o concurso que a ella nos prestou o General Labatut, um de tantos compatriotas vossos que se tornaram paladinos da liberdade de outros povos e por ella pelejavam no mundo.

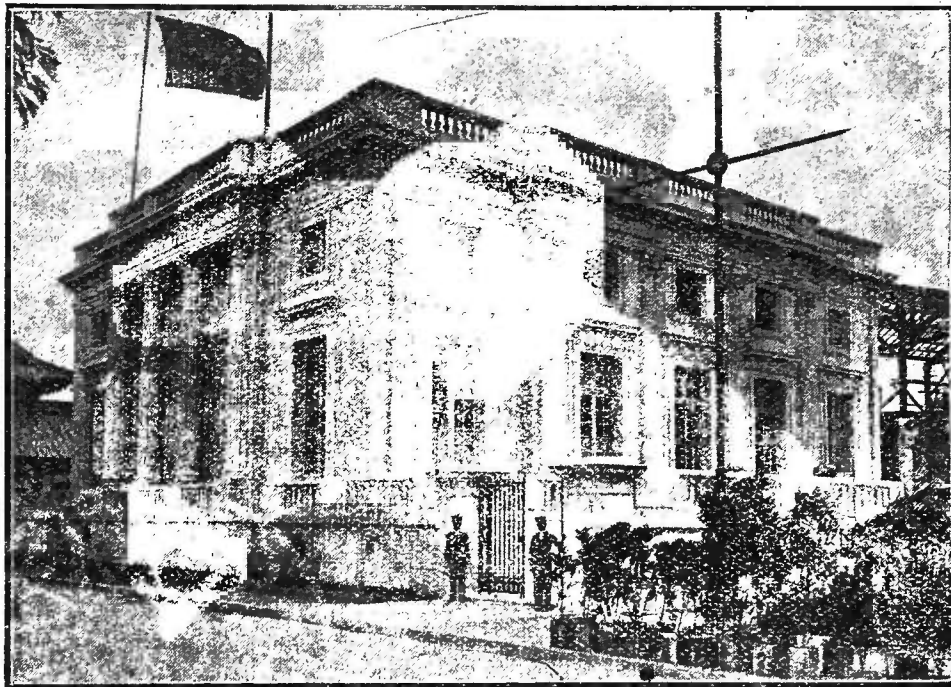
Antes da independencia, já outros francezes nos tinham trazido preciosa collaboração. Um grupo admiravel de artistas fundava a Academia de Bellas Artes, iniciava-nos na techina propria para achar as formas de exprimir a belleza e ao mesmo tempo um dos vossos projectos naturalistas viajava, sem medir sacrificios, todo o sul e centro do Brasil e celebrava depois, em paginas immoredouras, não sómente a opulencia da nossa flora, o theor e variedade dos nossos mineraes, a extensão dos nossos rios, mas tambem vaticinava, de par com o progresso economico, o futuro da nossa civilização. Pela autoridade de seu julgamento a obra de Saint-Hilaire ficou sendo para sempre uma das propagan-

compatriotas o valioso concurso que trouxe o bom exito da Exposição Internacional do Centenario"

As eloquentes palavras dos commissarios francezes, Srs. Crozier e o Barão de Thénard, com que, na mesma festa inaugural, disse-ram os intuitos da França tomando parte na commemoração em que festejamos o 1º centenario de nossa independencia politica, são expressivas dessa inquebrantavel amizade que nos liga á França, mãe espirital de toda a latinidade, herdeira da civilização greco-latina, a que deu mais vigor e mais belleza, na harmonia de seu admiravel espirito geometrico e de seu subtil "Espirit de finesse".

O pavilhão de França é um dos mais bellos que se ergueram na sumptuosa Avenida das Nações. Foi construido em 128 dias, pelos engenheiros brasileiros Drs. A. Monteiro e Olavo Tydio de Souza Aranha Junior. O material empregado na construcção, que é definitiva, foi o cimento armado em estru-

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENARIO



PAVILHÃO DA FRANÇA

das mais efficazes das grandesas do Brasil e das virtudes nativas da sua gente.

A influencia da civilização franceza, no aperfeçoamento das suas artes, na creação da sua litteratura e da sciencia professada nas suas escolas superiores, constituiu o laço moral mais apertado entre os nossos dois paizes e por isso mesmo a base solida da amizade que nos une.

Por gentileza tão da nossa indole este pavilhão, copia de uma das maravilhas da architectura franceza no seculo 18, vai ficar no coração da nossa capital como prova do genio creador da vossa raça e lição para nós proveitosa do seu gesto requintado.

E' com maior desvanecimento, que, em nome do Governo Federal, cumprimento, em vossas pessoas, a grande nação amiga e, por vosso intermedio, agradeço a distincção com que tanto nos captiva, bem como aos vossos

ctura metoica, sendo que o revestimento externo, tambem de cimento, apresenta o colorido da pedra franceza. Nestas condições o palacio da França é uma reproducção perfeita, em todos os seus motivos architectonicos, do Pequeno Trianon, de Versailles. A sua decoracão, do mais apurado gosto artistico, é muito rica e as tapeçarias e obras de arte dão uma nota de inconfundivel destaque a esse delicioso palacio, onde o espirito francez transparece, nas suas linhas elegantes e sobrias, de medida e equilibrio. Por um gesto de captivante gentileza, que tanto nos captivou, esse pavilhão, depois de encerrado o certamen, será doado ao Brasil, em plena propriedade. Terá a França assim perpetuado a sua homenagem ao nosso paiz, na grande data que celebramos com a exaltação e a aiegría do mundo, offertando-nos um symbolo de Versailles, essa flor maravilhosa do seu genio de belleza.

A mentalidade franceza no Brasil

A Academia Brasileira prestou uma comovida homenagem á mentalidade franceza. na recepção aos professores Ernest Martinenche e Georges Dumas, da Sorbonne, eleitos socios correspondentes nas vezes de Jean Finot e Casper Brauner, ao mesmo tempo que favoreceu occasião de um novo testemunho da cordialidade franco-brasileira, assegurada através do mutuo conhecimento das elites, as quaes cabe a função mentora dos povos. As personalidades dos novos academicos, de Martinenche o critico literario tão admiravel, em cujos estudos ibericos temos tido as mais brilhantes e eruditas lições, e de Dumas, o psychologo e escriptor de tão altos meritos, não precisamos mais louvar, tão conhecidos nos são e tão largo é o renome que os cerca no Brasil. As intenções da Academia, que tanto se honrou com as eleições aos illustres professores de Sorbonne, explicou-as os seus oradores — os academicos Medeiros e Albuquerque e Ataulpho de Paiva, em expressivos discursos, em que analysaram o espirito e a obra dos novos membros correspondentes da illustre Companhia.

O Sr. Medeiros e Albuquerque, saudando George Dumas, estudou largamente a sua fulgurante personalidade literaria, o psychologo moderno e atilado, que foi levado á Sorbonne pela indicação honrosissima de Theodule Ribot, o grande mestre de psychologia contemporanea. Do primeiro estudo de Dumas, sobre Tolstoi, em que explicava a obra do extraordinario russo pelo amor, realisando a fusão pantheistica, em que o ser se dissolve na totalidade da natureza, passando depois pelos que escrevem sobre Saint-Simon e Augusto Comte, chegou a *Tristeza e Alegria*, que chamou de livro modelo, "modelo de methodo, modelo de perfeição na maneira de imaginaria e de realizar as experiencias". Estudou largamente as intenções da obra de psychologia de Dumas, a cujo magistral tratado referiu, apenas, sem mais tempo mais analyse, porque não se podia alongar e o navio que conduziu á França o illustre professor já estava sob pressão, prestes a partir. "Não importa, concluiu o Sr. Medeiros e Albuquerque. E' mesmo talvez no fim de contas, um bem que sejaes constrangido pela força material das circumstancias a partir directamente daqui para bordo do vapor em que seguireis para a França. Assim, este será agora o ultimo contacto que tereis com o Brasil. Levareis ainda viva e quente a lembrança deste grupo de Brasileiros, que vos prezam, que vos admiram — e que, em vós, prezam e admiram a grande nação a que pertenceis, e a que tanto deve nossa cultura.

A saudação do Sr. Ataulpho de Paiva, ao successor de Jean Finot, o professor Martinenche, não foi menos significativa. Mostrou, desde logo, "que antes de tudo a Academia, honrando-se com a eleição do Sr. Ernesto Martinenche, procura sagrar o escriptor applaudido e já aclamado, porque bem conhecia a fama do sab'o mestre da Sorbonne e de ha muito rendia veneração a estina ao eximio professor da lingua castelhana, que discernera com larga proficiencia notavel erudição sobre a historia da literatura hespanhola e em especial sobre as origens do theatro que bellamente floresce na patria heroica de Cid"

Em seguida o orador se refere ao espirito que animou bello trabalho de Martinenche sobre Molière, onde soube dar uma feição á analyse das figuras do grande genio francès, com a mais profunda penetração critica.

Depois de por ao relevo a obra iberica do illustre professor de Sorbonne, salienta seus louvores ao Brasil, prefaciando um livro do dr. Oliveira Lima. Não foram apenas palavras de entusiasmo pelo esplendor de natureza, sempre nos dithyrambos dos estrangeiros que nos visitam, mas muito mais, "e alguma cousa mais tendes feito, que nos eleva e nos prende á gratidão incomparavel. Nos positivos transportes da valiosa e evidente amizade bem trabalhaste pelas nossas letras, pela nossa sciencia e sobretudo pela perfeita e immutavel reciprocidade de sentimentos affectuosos intellectuaes entre o vosso amado paiz e a nossa cara patria. Mas ai! deante de poucas horas deixareis essa praia festiva e o céu sob que fostes acolhido com affabilidade e admiração a que fizestes jus pelos peregrinos dotes de coração e intelligencia. Alegres vos recebemos, contentes ficando de vosso encantador convivio e já saudosos nos sentimos com a proximidade commovente da despedida. Boas vindas vos damos muito cordiaes, nesta casa de amigos das letras, formulando votos por que seja a vossa actividade, cada vez mais propicia á irmandade espiritual franco-brasileira".

As respostas dos novos academicos, ouvidas com o maior interesse, despertaram entusiasmo pelas palavras de cordialidade com que celebraram a mentalidade brasileira, insistindo o professor Martinenche pelo cultivo da medida e do equilibrio, essas qualidades essenciaes ao genio francès, sobre cujo "espirit de mesure" construiu a mais admiravel obra de belleza, que está tanto em Descartes, como em Racine, em Pascal e em Anatole France.

Monsenhor Baudrillart

A recepção que a Academia Brasileira de Letras e a Alliança Franceza promoveram ao Monsenhor Alfred Braudillart, membro da Academia Franceza e bispo auxiliar de Paris, foi uma festa do genio latino, em homenagem á França, na pessoa de um dos seus espiritos de elite, de philosopho e escriptor. O emnente prelado, de passagem por algumas horas em nossa Capital, voltando da Argentina, do Chile e do Uruguay, onde estivera em missão especial, consentiu em realizar uma conferencia na Academia, sobre *A attitude da França em face da crise universal*, o que o Embaixador Conty patrocinou, associando-se ás homenagens ao grande escriptor francèz. Recebeu Monsenhor Braudillart, o presidente Carlos de Laet, fazendo o elogio da obra do seu eminente confrade, que disse familiar aos membros da douta companhia. E, por fim, accentuou que, lhe rendendo as homenagens, a Academia, mais uma vez, saudava a França, de onde nos vinham idéas sãs e robustas e, ainda quando perigosas, eram sustentadas com o maior brilho e fulgor.

Levantou-se então o illustre prelado. Depois de saudar seus confrades, disse-lhes seu agradecimento, que era tambem o da Academia Franceza e da propria França. Se a Academia de que faz parte, soubesse que deveria parar algumas horas no Rio de Ja-

neiro, certamente tel-o-la incumbido de apresentar uma mensagem especial á Academia Brasileira. As duas instituições visam o mesmo fim e têm o mesmo programma: a conservação da sua propria lingua, o que quer dizer a conservação do espirito nacional. Essa aproximação feita sob tão altos auspicios, já existe virtualmente entre a França e o Brasil. A França não se esquecerá nunca de que o Brasil tomou resolutamente o seu partido e esteve sempre ao seu lado na hora amarissima que precisou enfrentar. Verifica agora pessoalmente o orador a intensidade desses sentimentos de sympathia pela França nos homens de letras do Brasil, o que já sabia e conhecia. Terá prazer em referir isso mesmo á Academia Franceza, quando chegar a Paris, como o Sr. Embaixador da França naturalmente outro tanto fará ao seu governo.

Entre applausos sentou-se o notavel orador, que, num ambiente de respeito e admiração, tivemos ensejo de hospedar e em cuja pessoa rendemos mais uma homenagem á França, não só á sua mentalidade, mas tambem ao seu espirito de ordem e de harmonia, na vanguarda da civilização, no sacrificio glorioso pela humanidade.

Historia da Colonização Portuguesa no Brasil

O deputado Francisco Valladares apresentou á Camara dos Deputados um projecto de lei para que fosse concedida isenção de taxas e impostos alfandegarios para a obra *Historia da Colonização Portuguesa no Brasil*, que justificou com as seguintes palavras: "A *Historia da Colonização Portuguesa no Brasil*" constitue um empreendimento fóra de todas as cogitações e de todas as possibilidades de lucro. E' uma obra similar á que o Governo Italiano empreendeu e realizou por occasião do 4º Centenario do descobrimento da America. A publicação da "Racolta Colombiana" exigiu do Governo da Italia o dispendio de alguns milhões de liras, e ficou constituido o mais opulento manancial de documentos relativos a Colombo. A *Historia da Colonização Portuguesa no Brasil*", que está collegindo e reproduzindo em fac-simile a mais rara documentação, dispersa nos archivos da Europa, relativa ao Brasil, constitue, porém, um empreendimento particular, sem quaesquer subsidios officiaes, apenas fortemente amparado pelo espirito de abnegação de alguns patriotas e philanthropos portuguezes. A grandeza desta obra póde aferir-se pelos fasciculos já publicados e pelas referencias enthusiasticas que tem merecido ás mais altas autoridades nacionaes e estrangeiras. O professor João Ribeiro, academico e historiographo eminente, dedicou-lhe estas palavras: "A *Historia da Colonização*, quanto se póde prever desde agora, será um livro monumental... Bem considerada, ella é, em ultima analyse a historia nacional, inteira e completa, incluindo os proprios movimentos autonomicos que se expressam com as qualidades e defeitos, com o mesmo temperamento da raça procreadora. Na sessão de 23 de Setembro do anno passado, a Academia Brasileira de Letras, por proposta do professor Afranio Peixoto, resolveu unanimemente congratular-se com os

autores da Historia da Colonisação pelo benemerito serviço que estão prestando. O notavel historiador brasileiro Dr. Rocha Pombo, dedicou ao monumental trabalho um longo artigo, de que reproduzimos alguns períodos: "Entre as publicações que vão figurar, e já estão figurando, os fastos do nosso anno secular, destacar-se-ha, pelas suas proporções e pela grandiosidade da execução, a Historia da Colonisação Portuguesa do Brasil... Esta publicação vae ser unica até agora nos dois paizes, pois não conheço nada, em tempo algum, que se lhe possa comparar" O eminente dr. José Carlos Rodrigues, o erudito organizador da mais notavel bibliotheca particular relativa á historia do Brasil, escrevendo ao organizador da Historia da Colonisação dizia-lhe: "A sua obra gigantesca é das que ficam pelos seculos afóra attestando o vigor e o patriotismo da raça." O Governo de Portugal, reconhecendo o merito desta grande obra, escripta pelos maiores nomes da sciencia historica e geographica de Portugal e do Brasil, collocou-a sob o seu alto patrocínio, conferindo-lhe duas portarias de louvôr e prestando-lhe o concurso official das bibliothecas e arquivos do Estado. A publicação desta obra monumental, cujas despesas são calculadas em quantia superior a 5.000 contos, está assegurada por um grupo de capitalistas, que para este fim patriótico, constituíram uma sociedade por quotas, com séde no Edifício do Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro, e comissões auxillares e de propaganda em todos os Estados do Brasil e em Portugal. Este monumento litterario significará o preito de todos os portuguezes á Nação Brasileira, eloquentemente interpretado pelos mais eminentes representantes do talento e da cultura das duas Nações, e constitue o maior monumento bibliographico sobre a historia das nações americanas até agora conhecido. E' grande o espirito de abnegação com que vem sendo publicada a Historia da Colonisação Portuguesa do Brasil: emprehendimento fóra de todas as possibilidades de lucro, antes reclamando por parte de seus promotores um assignalado espirito de sacrificio. São evidentes os intulhos de homenagem ao Brasil, na commemoração do Centenario da Independencia, que inspiraram a sua publicação comparavel á "Raccolta Colombina", editada pelo Governo da Italia. Os mais illustres e autorisados historiadores nacionaes e a Academia Brasileira de Lettras se exprimiram a respeito com grandes applausos e elogios. Como manancial de documentação, esta obra adquire a mais indiscutivel e transcendente importancia para o estudo da historia do Brasil. O poder publico do Brasil não lhe pôde ser indifferente. O Governo Portuguez concedeu-lhe como que um character official, collocando-a, como ficou dito, sob o seu alto patrocínio e premiando-a com duas portarias de louvor. Todas estas considerações, cuja procedencia a Camara avaliará, justificam este projecto de lei concedendo isenção de direitos alfandegarios á entrada da Historia da Colonisação Portuguesa do Brasil, desde o inicio da sua publicação, e considerando de utilidade publica, que é evidente, a patriótica Sociedade que a edita"

Congresso de Historia da America

Por iniciativa do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, reuniu-se nesta Capital, como parte do programma commemorativo do Centenario e sob a protecção do Governo, o Segundo Congresso Internacional de Historia da America, a que compareceram varias autoridades, sociologos e publicistas do mundo.

O objectivo principal do Congresso é a elaboração de uma historia completa da America, abrangendo os primordios da conquista e da colonização, o regimen do colonato em toda a sua complexidade, desde os episodios heroicos da expansão territorial, até as manifestações symptomaticas do nascimento dum espirito nacional nas novas Patrias que se formavam, culminadas na definitiva incorporação dos novos territorios no concerto das grandes e cultas potencias da era moderna.

A inauguração realizou-se no dia 8 de Setembro e o encerramento a 15 do mesmo mez. A direcção dos trabalhos competio aos Srs. Barão de Ramiz Galvão, presidente; Viveiros de Castro e Tavares de Lyra, vice-presidentes; Agenor de Roure, Gastão Rusch e Adrien Delpech, secretarios.

O Sr. Conde de Affonso Celso e o Sr. Instituto Historico foram os primeiros promovedores da notavel assembléa. Foi presidente de honra o Exm. Sr. Presidente da Republica.

Ao Congresso foram apresentadas innumeras theses e communicações, e dentre ellas destacam as seguintes: *Descobrimiento do Brasil, hespanhões e portuguezes*, por Solidão Leite; *Fundação de S. Paulo*, por Affonso Taunay; *As raças na sociedade colonial, constituição social de cada uma*, por Affonso Claudío; *Os francezes no Brasil, e a França Equinocial*, por Cunha Brasil; *Os hollandezes no Brasil, e o Governo de Mauricio Nassau*, por Tavares de Lyra; *A Politica de Pombal e as relações do Brasil*, por Lucio de Azevedo; *O papel de José Bonifacio na Independencia*, por Pedro Calmon; *Regencia trinnna e una, e o papel politico de Feijó*, por Eugenio Egas; *A Escravidão: da suppressão do trafico á lei aurea*, por Evaristo de Moraes; *Os precursors de Cabral sob o ponto de vista geographico, e o descobrimento do Brasil*, por Gastão Rusch; *Os hollandezes como exploradores do sertão brasileiro*, por Coriolano de Medeiros; *O Brasil Central, viagens e explorações*, por Benedicto Propheta; *Historia do Rio Paraguay*, por Thaumaturgo de Azevedo; *Historia do rio Amazonas*, por Henrique Santa Rosa; *Os naturalistas viajantes dos seculos XVIII e XIX o progresso da ethnographia indigena no Brasil*, por Carlos Teschaur; *Tribus indigenas extinctas nos tempos historicos, e causa de sua extineção*, por Ropolpho Garcia; *Os grandes mercados de escravos africanos, as tribus importadas e sua distribuição regional*, por Braz do Amaral; *A America não pôde obter da sua propria historia: a influencia franceza na conjuração mineira*, por Pedro Calmon; *Manifestação do sentimento nacional no Brasil-Reino em face das Côrtes portuguezas, critica desta manifestação pelo confronto do que era a causa do Brasil com o que era a causa de Portugal*, por Viveiros de Castro; *A attitude de franca hostilidade que as Côrtes vieram a assumir contra o Brasil, promovendo a sua recolonização e*

a ancia dos deputados brasileiros, por Balthazar da Silveira; A Carta Constitucional de 1824, por Rego Monteiro e Barros Wanderley; A constituinte e a influencia que sobre ella exerceram as constituições americana e argentina, por Lopes Gonçalves; A administração da Regencia, por Theodoro de Magalhães; Relações entre o Estado e a Igreja, e a formula adoptada pela Republica, por Tavares Cavalcanti; Os prodromos do federalismo, e projectos e programmas dos partidos, por Agenor de Roure; O direito processual, e organização judiciaria, por Luiz Carpenter; Os primordios economicos do primeiro seculo do descobrimento, por Roza Lagoa; Prodromos da independencia e papel do Exercito na formação automa do Brasil, por Moreira Guimarães; Prodromos da independencia, e papel da Armada na formação da autonomia do Brasil, por Muniz Barreto; A Marinha Nacional na campanha Cisplatina, por Souza Doria; A Marinha na guerra da pacificação interna do Brasil, por Amaral Gama; A marinha brasileira na guerra do Paraguay, por Raul Tavares; Barrozo, Tamandaré e Inhauma, por Didio Costa; Formação do Exercito brasileiro, e sua evolução no seculo XIX, por Nilo Val; Formação dos limites do Brasil, por Candido Guillobel; A politica brasileira no Prata, e as missões especiacs, por Heitor Lyra; A abertura dos portos do Brasil ao commercio do mundo civilizado, por Teixeira de Barros; Das associações litterarias no periodo colonial, por Max Fleuiss; Da influencia estrangeira em nossas letras, por Adrien Depech; Folklore parahybano, por Coriolano de Medeiros; A cultura juridica no Brasil, por Clovis Bevilacqua; Correntes phylosophicas, por Bi-

Além da reunião do Congresso Internacional de Historia da America, o Instituto Historico e Geographico organizou o *Diccionario Historico e Geographico e Ethnographico do Brasil*, de que appareceram a 7 de Setembro os dous primeiros volumes da *Introdução Geral*, sendo o primeiro de cerca de 1.800 paginas, referente ao Brasil em geral, e o segundo, tratando dos Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Piauhy, Ceará, Rio Grande Norte e Parahyba, com mais de 700 paginas, sendo posteriormente publicados os volumes restantes da *Introdução Geral*, para o que o Governo foi autorizado por lei; promoveu a exposição de documentos e livros relativos á Intendencia, existentes no Instituto Historico, bem como os retratos dos processos do grande movimento; e publicará o volume especial da *Revista* contendo as conferencias que estão sendo pontualmente realizadas sobre os primeiros factos do anno de 1822.

Tomaram parte no Congresso varios de nossos historiadores, scientistas e escriptores e entre as notabilidades estrangeiras citamos os Srs.: Embaixador Americano, Edwin Morgan; Professor Martinenche, Rafael Arizaga, General Bueno Marques, Ministro Venezuelano, Diego Carbonell, Ricardo Levene, Encarregado da Columbia, Max Grillo; Walter Hough, Charles Chandler, Maximo Sotomail, Ricardo Robello, Herman James, Mario Saens, Garcia Diaz, Eufrasio Loza, Benito Anchorena, Enrique Loudet, Ricardo Levene, Mariano de Vedia e Mitre, Enrique Guinard, Alfredo Coester, Arthur Dough, Debenedetti, Percy Morton, Th. Pleyte, professor Le Gentil, Nicanor Burto, Jules Claire e André Clever.

Celso Vieira

Do Governo Portuguez acaba de receber o nosso illustre collaborador Celso Vieira as insignias da Ordem de S. Thiago, que, como se sabe, se destina a galardoar os que se distinguem excepcionalmente nas sciencias, letras e artes. Celso Vieira é hoje um nome que todo o Brasil conhece, applaude e admira. Inteligencia maravilhosa, temperamento profundamente artistico e sensibilidade de extremada delicadeza, representa, no nosso meio, uma individualidade á parte, inconfundivel, pelo fuigor do estylo, pela singularidade dos conceitos e pela sua cultura, que é de essencia superior, Soberano da fórma e creador de belleza, o talento harmonioso de Celso Vieira espande nesses dois livros soberbos que são *Endymião* e *Semeador*, modelos perfeitos das boas letras, e afirmar-se-á com esplendor novo numa obra definitiva, que em breve surgirá para maior gloria do autor e orgulho da geração a que pertence. Em summa, Celso Vieira levou, entre nós, a arte literaria a um estado de perfeição raras vezes attingido em lingua portugueza. Nada, pois, mais justo do que a homenagem de Portugal prestada ao escriptor, a quem deve elle a interpretação esthetica dos *Lusitadas*, que tal é a *Venus Camoneana*.

Generico de Vasconcellos

O capitão Generico de Vasconcellos foi distinguido com a commenda da Ordem de Christo. Generico de Vasconcellos é uma das intelligencias mais brilhantes do novo Exercito brasileiro, e, numa obra severissima, como é a *Historia Militar do Brasil*, firmou definitivamente a sua reputação de historiador. Joven professor de patriotismo, militar digno, publicista emerito, é um dos promovedores do espirito nacional do nosso povo. A *America Brasileira* rejubila-se, pois, com o acto do Governo Portuguez galardoando um dos seus mais fulgurantes collaboradores.

Officiaes da Ordem de S. Thiago

O Governo Portuguez, por proposta do Sr. Embaixador Duarte Leite, acaba de agradecer a Elyσιο de Carvalho, nosso director, e a Ronald de Carvalho, nosso collaborador, com o grão de official de Ordem de S. Thiago da Espada. Ronald de Carvalho é o laureado poeta da *Luz Gloriosa* e o applaudido autor da *Pequena historia da literatura brasileira*, obra justamente premiada pela Academia Brasileira, e, portanto, digno de ostentar as insignias da gloriosa e veneravel corporação. Ambos receberam a distincção por intermedio do Dr. Lèbre e Lima, secretario da Embaixada Portugueza e tambem um intellectual, e dos mais illustres da nova geração lusitana, que os reuniu num encantador almoço no Jockey Club. Ainda do Exmo. Sr. Presidente Antonio José de Almeida recebeu o nosso director um retrato, devidamente authenticado, extremada gentileza que sobremaneira commoveu a todos quantos trabalhavam nesta casa. Elyσιο de Carvalho é tambem um dos poucos intellectuaes brasileiros membros da Legião de Honra.

A representação da Tcheco-Slovaquia

Por proposta do Sr. Ministro Jan Havlasa, o Governo da Tchecoslovaquia nomeou o nosso director Elyσιο de Carvalho membro honorario da representação dessa Republica na Exposição do Centenario da Independencia, que, além disto, foi muito obsequiado pelo Embaixador extraordinario Mastny, durante a sua permanencia nesta Capital.

Monumento a Carlos Gomes

A idéa de um grande monumento a Carlos Gomes, em S. Paulo, surgiu em 1909, patrocinada pelos Srs. maestro Luiz Chiapparelli e Gelasio Pimenta, que organizaram uma comissão incumbida de levar a termo a consagração ao compositor brasileiro. Quando iam em meio do trabalho de angariar os donativos para realizar o monumento, a colonia italiana de S. Paulo, num gesto de profunda belleza, tomou a si a consecusão da obra, que seria o seu magnifico presente ao Brasil, na festa do Centenario. Uma comissão composta dos Srs. Cav. Luigi Chiapparelli, conde Francisco Mátarazzo, conde Alexandre Siciliano, que se fez representar pelo Sr. Braz Altieri, commendador Nicolas Puglisi, Cav. Vincenzo Frontini, como representante do Banco Francez e Italiano; Cav. Humberto Lombroso, como representante do Banco Italo-Belga, e Dr. Mario Polacco, tomou a si a direcção da homenagem, que se realizou a 12 de outubro, na data duplamente gloriosa, pelo centenario da aclamação de D. Pedro I e pela descoberta da America. O monumento entregue á cidade de S. Paulo, primoroso trabalho do illustre esculptor italiano Luigi Brizzolara, está collocado na esplanada do Theatro Municipal, descendo pela encosta da Anhangabahú. A parte superior do monumento é constituido por uma exedra de granito vermelho polido, de Carrara. Na parte central da exedra, ergue-se a estatua em bronze de Carlos Gomes, com tres metros e vinte centimetros de altura.

A estatua do grande compositor — contrastando com a existente em Campinas, da autoria de Bernardelli — não tem a attitudé energica que dava ao autor do *Guarany* o ar leonino e triumphante, a que nos acostumámos, evocando a sua gloriosa figura. Na obra de Brizzolara a força genial do maestro se revela numa outra expressão de grandeza — a força do pensamento, titanico, formidavel, arrancando do fundo das meditações a maravilha estupenda dos poemas que o sagraram maior entre os maiores, voz suprema do sentimento e da alma da America. Carlos Gomes, na obra de Brizzolara, não é o triumphador das apotheoses ruidosas, nos momentos graves em que pronuncia o "fiat" genésico das obras immortaes. Toda a tragedia que encerram as suas soberbas harmonias, a poesia profunda e severa, a musica larga e suggestiva, — ambas representadas em marmore aos lados do maestro, — revelam-se na physionomia grave de Carlos Gomes. A parte superior do monumento é completada por dois colossaes candelabros de bronze, de nove metros de altura e 2.500 kilos de peso, cada um. No plano inferior, ao centro da piscina, tres cavallos marinhos lançam jorros de agua pelas ventas e sustentam sobre o dorso um globo com a legenda "Ordem e Progresso". De pé, sobre o globo, a Gloria. A' direita desse conjunto, ergue-se o "Schiavo" pres-

tes a apunhalar-se e, pouco além tombada na extremidade do balaustre da escadaria, contorcendo-se nas vascas da morte, a Força. A' esquerda do grupo central, Maria Tudor se ergue numa attitudé de intenso desespero; e adiante, expirando, tomba o "Condór". Uma escada de granito leva á parte avançada do monumento. No topo do franco esquerdo o Guarany — o indio de Alencar idealizado por Brizzolara — acaba de lançar a flecha contra Gonzales. No outro flanco Salvador Rosa faz menção de atrair o punhal, symbolizando no gesto o seu desprezo. Nos extremos, dois grandes grupos limitam o ambito abrangido pelo monumento: uma bellissima mulher representa a Republica dos Estados Unidos do Brasil, empunha a bandeira nacional que o Povo, reclinado, beija; a Italia, que apoia a mão sobre a celebre Victoria de Samothracia, sustentada pelo genio das Bellas Artes. Junto a estes grupos representativos das duas nações irmãs, erguem-se dois altos mastros de bronze, onde tremularão as bandeiras italiana e brasileira.

As estatuas e os grupos do monumento são de bronze, excepto os da Musica e da Poesia, talhados em marmore de Carrara. O proprio granito provem todo da Italia.

Francisco Manoel

A "Escola de Musica Arcangelo Corelli" tomou a si a louvavel iniciativa de erigir um monumento, que perpetue a memoria de Francisco Manoel, o autor do *Hymno Nacional*, essa pagina fremente de entusiasmo e vibración, em cujos accordes fulge o idealismo tropical de nossa gente. A magnifica acolhida que tem tido a idéa, parece justificar o exito absoluto que lhe almejamos, na certeza de um applauso unanime e patriotico. Porque Francisco Manoel não foi apenas o autor do *Hymno Nacional*, o que bastaria para aureola do seu nome. Foi tambem o benemerito criador do nosso ensino musical, a que se dedicou com o maior desvelo e com o mais absoluto successo. Muito lhe deve a nossa cultura da arte maravilhosa. Vamos transcrever o que escreveu sobre o nosso grande musico, o Dr. Rodrigues Barbosa, dos nossos mais abalizados criticos musicaes, no seu magnifico trabalho "Um seculo de musica brasileira", e que encerra as linhas geraes do esforço meritorio de Francisco Manoel:

"A segunda phase da musica no Brasil, uma vez entrada, no caminho de organização consciente, foi contemporanea da Independencia, denotando bem o abalo causado por tal acontecimento politico e podendo por tanto denominar-se patriótica. E' seu corypheu Francisco Manoel da Silva (1795-1865), discipulo dos mestres que o precederam, inclusive Neikem, e autor do bellissimo *Hymno Brasileiro*, um dos mais entusiasticos e vibrantes que existem. Foi elle o fundador, na capital do Brasil, do Conservatorio de Musica. Elle nasceu no Rio de Janeiro, a 21 de

BREVEMENTE
A MUSICA NO BRASIL
DE
Renato Almeida

fevereiro de 1795. Muito criança, já Francisco Manoel revelara grande amor e aptidão para a arte musical. Seus paes o entregaram aos cuidados do padre José Mauricio, que era também notavel mestre de philosophia e versado em diversas linguas. Dotado de força de vontade e especial vocação para a musica proveitosas lhe foram as lições de José Mauricio, de maneira que, em pouco tempo conhecia os segredos da arte. Mais tarde foi discipulo do celebre professor Segismundo Nelkem, discipulo predilecto de Haydn. Era muito joven ainda quando compoz um "Te-Deum", offerecido ao principe real D. Pedro.

Francisco Manoel fazia parte da orchestra da Real Camara, de que era mestre o maestro portuguez Marcos Portugal. Este procurando occultar a sua desaffeição pelo discipulo, que dia a dia apresentava novas revelações artisticas, e para desvial-o dos seus trabalhos de compositor, mudou-lhe o estudo de violoncello para o de violino, ameaçando dispensal-o da orchestra real se elle não se mostrasse dedicado e applicado ao estudo deste instrumento.

Percebia Francisco Manoel perfeitamente as intenções de Marcos Portugal e, longe de se mostrar irritado com esse injusto procedimento, mais abnegadamente se entregou aos estudos, progredindo com rapidez e segurança.

Para estabelecer a convivencia entre os que se dedicavam á arte musical e dar a esta um desenvolvimento sempre florescente e que ao mesmo tempo servia-se de auxilio e amparo aos seus irmãos em arte, fundou a 16 de Dezembro de 1833, a Sociedade Beneficente Musical, organizando, elle proprio, os respectivos estatutos.

Taes foram os bons serviços prestados á novel instituição artistica e philantropica, que a junta que a administrava lhe conferiu, a 28 de abril de 1834, o titulo de director.

A musica, que no tempo do velho Rei D. João VI tanto se avantajára e concorrea para ornamentar as repetidas e pomposas festividades celebradas na real capella, e as régias solemnidades da Corte, foi decahindo amortecendo-se o brilho e fama em que sobrepunha ás outras; desappareceram seus sacerdotes mais dedicados, e com elles as recordações dos canticos sacros que ecoavam nas naves da capella real.

Em 1831 foram despedidos todos os musicos da capella imperial, tal o tumulto da politica. Nada mais era um artista: a palheta, a lyra, o escopo, o compasso tornaram-se instrumentos degradantes, e os iconoclastas da arte, subindo ao primeiro altar da capella imperial, apagarám com a esponja esqualida dos Vandalos o painel de José Leandro!

Felizmente desvaneceram-se as nuvens que escureciam o horizonte da patria, iniciando o novo reinado uma época tranquillissima, em que as sciencias e artes puderam avoejar.

Em 1841, dez annos depois desse interregno de completo abandono das artes, quando os animos politicos se tornaram mais calmos e os espiritos, até então irrequietos, mais reflectidos, se entregaram ao renascimento da tranquillidade social e se mostraram dispostos a continuar a trabalhar pelo engrandecimento da patria auxiliando com tenacidade o esforço dos legitimos e dedicados representantes de todos os ramos da actividade brasileira. foi Francisco Manoel, por decreto de 26 de Julho, nomeado mestre compositor de musica da Imperial Camara, como se vê pelo seguinte documento:

"Sua Majestade o Imperador Houve por bem, por Decreto de 26 de Julho deste anno Nomear Mestre Compositor de Musica da Sua Imperial Camara a Francisco Manoel da Silva. E para sua salva e guarda Mandou passar esta. Palacio do Rio de Janeiro, em 3 de Julho de 1841. Candido José de Araujo Vianna.

Intelligente e prespicaz, comprehendeu logo Francisco Manoel que era occasião oportuna de apresentar esse movimento de reacção patriotica para iniciar novos esforços que pudessem desenvolver o estudo da musica de que elle era nesse tempo o "primus inter pares", um dos seus mais inspirados e abnegados cultores.

Por seu perseverante esforço conseguiu fundar um Conservatorio, onde os que desejavam estudar os varios ramos da musica encontraram gratuitamente campo vasto, ensino technico e proveitoso.

Essa patriotica iniciativa calou profundamente no espirito do Governo, que, louvando os esforços do artista, por decreto de 27 de Novembro de 1841 sancionou a instituição que, dotada já de recursos obtidos pelo seu installador, não se tornava pesada aos cofres publicos.

Nesse mesmo anno, talvez o de maior gloria para Francisco Manoel, compoz elle o "Hymno Nacional" para solemnizar festivamente a coroação do segundo imperante do Brasil, reflectindo nessa coposição de vibrante inspiração, a alma nacional, nos seus patrioticos impulsos.

Existia nessa época, e ainda existia ha menos de vinte annos, na rua Senhor dos Passos, esquina da do Regente, um armarinho que fôra installado por Antonio Joaquim Ramos de Oliveira Leal, solicitador do Fôro desta Capital, e mais tarde vendido por 600\$000 a José Maria Teixeira, homem activo trabalhador e um tanto dedicado á cultura da arte musical. O seu instrumento predilecto era o clarinete.

Nesse armarinho reuniam-se Francisco Manoel, Bento Fernandes das Mercês, José Rodrigues Côrtes e Dr. Laurindo Rebello, conhecido por poeta Lagartixa, o estudante cantor da Capella Imperial, depois Conego Zacarias da Cunha Freitas e muitos outros amantes da musica.

Foi sobre o balcão desta modesta casa commercial que Francisco Manoel escreveu os primeiros compassos do inspirado "Hymno Nacional Brasileiro"

Fallecendo Marcos Portugal, foi nomeado Francisco Manoel em 17 de Maio de 1842 para substituil-o no lugar de mestre da capella imperial.

Compoz para ser cantado no baptisado de Principe Imperial D. Affonso outro hymno de incontestavel originalidade, que mereceu louvores dos profissionais da época e do então ministro do Imperio, José Carlos Pereira de Almeida Torres, que em nome do Imperador agradeceu ao artista o seu inspirado éstro e entregou-lhe a carta imperial que nomeou conselheiro da Ordem da Rosa.

O Corpo Legislativo veio em auxilio do Conservatorio de Musica, concedendo 16 loterias em favor da instituição, cujo producto foi empregado em apolices, parte para sua manutenção e parte constituindo patrimonio para construcção do edificio, pois não o tendo proprio, foi elle installado em 10 de Agosto de 1848 em uma das dependencias do Museu Nacional.

Em 1851 foi contratada para esta Capital uma companhia de canto e baile, que deu diversos espectaculos, sendo Francisco Manoel nomeado seu Director, cargo que exerceu gratuitamente, apesar dos avantajados lucros que teve a empreza.

Foi devido ainda aos esforços de Francisco Manoel, que, no Conservatorio, se criou um lugar de directora, a quem foram confiadas as jovens que se applicavam ao estudo da musica, autorizando o ministro de então, Luiz Pedreira do Canto Ferraz, em novembro de 1853, a remoção da aula para a rua dos Barbons n. 10, onde começou a funcionar, regendo-a interinamente Francisco Manoel, que depois desempenhou o cargo de mestre effectivo, desde 3 de Fevereiro de 1855.

Lutava o Conservatorio com a falta de recursos e o seu desenvolvimento era por demais lento, quando, por decreto de 23 de Janeiro daquelle anno, foi reorganizado pelo referido ministro, ficando então o Instituto sob a fiscalisação immediata do Ministro do Imperio.

Nesse anno em 14 de Março, inaugurou-se a aula de contraponto, criaram-se duas aulas de instrumentos de corda e duas de instrumentos de sopro. O Conservatorio passou a formar a quinta secção da Academia de Bellas Artes, congraçando-se a pintura, a escultura e a architectura.

Toda a preocupação, todo o empenho de Francisco Manoel era ver o instituto prospero e prestigiado, de fórma que se extremava em actividade, zelo e amor pelo estabelecimento de educação artistica, que elle fundára com tanto carinho.

Tão notorios se tornaram os seus continuados serviços em prol da arte musical, que o Imperador D. Pedro II, em 2 de Abril de 1857, novamente o agraciou, com o officialato da Ordem da Rosa.

A 18 de Dezembro de 1865, victimado por uma tísica laryngéa e contando 70 annos de idade, falleceu Francisco Manoel em sua antiga residencia da rua do Conde n. 49, sendo seu corpo sepultado no cemiterio de São Francisco de Paula, no carneiro n. 5.492.

O inspirado autor do "Hymno Nacional", deixou publicados, entre outros trabalhos os seguintes: Compendio de musica (artinha) para uso dos alumnos do Collegio de Pedro II; Compendio de principios elementares de musica para o uso do Conservatorio; Compendio Preliminar de Musica; "Te-Deum"; offerecido ao Principe; Hymno da Independencia.

Em 26 de Agosto de 1907, para solemnizar o jubileu artistico, no Brasil, do pianista portuguez Arthur Napoleão, realizou-se no Instituto Nacional de Musica um grande concerto em sua honra.

Por essa occasião foi inaugurada uma lapide de marmore com a seguinte inscripção:

A Francisco Manoel da Silva, mestre na sua Arte, autor do Hymno de sua Patria, fundador do Conservatorio de Musica. — Os professores do Instituto Nacional de Musica, 25 de Agosto de 1907"

Quando Arthur Napoleão descerrou a cortina que envolvia a lapide, a orchestra executou o Hymno Nacional, instrumentado pelo fallecido maestro Leopoldo Miguez.

A familia de Francisco Manoel assistiu a essa justa homenagem, representando a veneranda filha do grande brasileiro Francisco Manoel, a Sra. D. Maria Amalia Mu-

niz Freire. Compareceram seus filhos Srs. Luiz Muniz Freire e Major Francisco Muniz Freire, que foram recebidos á entrada do Instituto pelo director daquelle estabelecimento: Maestro Alberto Nepumuceno e conduzidos para a primeira fila de cadeiras do salão onde ia ser rendida a homenagem ao grande morto.

Em um dos intervallos foram os dous netos de Francisco Manoel apresentados ao Dr. Affonso Penna, Presidente da Republica.

O busto em bronze do inesquecivel maestro estava collocado no centro do palco em um pedestal de madeira, enfeitado artisticamente com flores naturaes e com o pavilhão nacional.

Uma bella "corbeille" de flores naturaes, depositada ao lado do busto, completava a ornamentação.

E', pois, digna de todo applauso a iniciativa da "Escola Corelli" e não temos duvida de que será, em breve, uma formosa realidade. Quando chegará a vez de José Mauricio?

Archivo diplomatico da Independencia

O Itamaraty vae prestar um relevante serviço aos nossos estudos de historia, publicando o *Archivo Diplomatico da Independencia*, alentada e copiosa documentação sobre as varias missões diplomaticas despachadas então pelo Governo Imperial, não só de caracter politico, em Portugal, França, Austria, Santa Sé, Estados da Allemanha, Estados Unidos e republicas do Prata como pela compra de material de toda natureza, aliciamento de tropas, engajamento de equipagens, contratamento de operarios, artifices e agricultores, lançamento de emprestimos, etc. Essa documentação, de cuja valia não é preciso insistir, será publicada separadamente, seguida de correspondencia trocada no Rio com o representante do governo respectivo e precedida de uma noticia historica de toda a negociação. A obra deverá ter sete volumes, in-8º grande, com mais de 400 paginas cada um, dos quaes estão quasi promptos o I, II IV tomos. Os dois primeiros tratam exclusivamente da Grã-Bretanha e o IV abrange a Santa Sé, França e Hespanha. Uma das partes mais interessantes da obra é a referente á missão Stuart, que entabolou e levou a cabo as negociações para o reconhecimento da nossa Independencia pelo governo de Lisboa, afinal realizado pelo tratado de 29 de Agosto de 1825. Como se sabe, Sir Charles Stuart, diplomata britannico, fôra mandado por seu governo a Lisboa, convencer D. João VI e o governo da Bemposta da conveniencia de não ser mais retardado o reconhecimento da Independencia do Imperio, porque então a Grã-Bretanha seria levada a fazelo á revelia de Portugal. Nessa negociação, Stuart teve ensejo de offerecer seus serviços ao Governo Portuguez, que os aceitou, mandando-o logo ao Rio, no character de plenipotenciario de Portugal, tratar do reconhecimento da Independencia do Imperio. Aqui chegando na segunda quinzena de Julho de 1825, Stuart logo entabolou negociações com os tres plenipotenciarios Carvalho e Mello, ministro de Extrangeiros; Barão de Santo Amaro e Villela Barbosa, nomeados pelo Governo Brasileiro. Essas ne-

gociações, muito laboriosas, foram até 29 de Agosto, quando veio a ser firmado por esse plenipotenciario o tratado. O *Archivo Diplomatico da Independencia*, além da documentação, já em parte divulgada, sobre essa negociação, publicará as actas das respectivas conferencias e o diario inedito e mesmo até agora ignorado de Luiz Moutinho Lima Alvares e Silva, official maior da Secretaria de Estado que, como assessor dos negociadores brasileiros e secretario para as conferencias, ponde fazer uma critica muito justa e detalhada desses trabalhos diplomaticos não raro com uma ponta de chiste. A realização dessa obra foi confiada aos Srs. Mario de Vasconcellos, Zacharias Góes de Carvalho, Oswaldo Corrêa, Hildebrando Accioly e Heitor Lyra, funcinarios do Itamaraty e que vão com o maior carinho e zelo levando a termo esse notavel trabalho, que será subsidio do mais alto valor bibliographico da historia patria.

Tratados Luso-Brasileiros

Entre os resultados beneficos da visita do eminente Presidente Antonio José de Almeida ao Brasil devemos contar a assignatura dos tres tratados, de dupla nacionalidade, emigração e intercambio artistico e litterario, concluidos para robustecer ainda mais as relações entre os dous paizes, regulando e protegendo o trabalho e a actividade dos cidadãos das nações irmãs e removendo certas dificuldades oriundas da dupla nacionalidade e serviço militar no Brasil e em Portugal. A assignatura dos tres tratados, revestiu um caracter de solemne cordialidade, sendo as altas partes contractantes representadas pelos seus ministros do Exterior, como plenipotenciarios especiaes, os senhores doutores José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães, de Portugal, e J. M. de Azevedo Marques, do Brasil. A cerimonia se reallizou no Palacio do Itamaraty, na mesa da sala do imperio, tendo os dous titulares, antes de referendarem os tratados, trocado saudações muito expressivas, reaffirmando, em termos cordiaes, os altos intentos de approximação luso-brasileira. Damos a seguir os textos das convenções de 26 de Setembro de 1922:

Convenção sobre a propriedade litteraria e artistica

"O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil, e o Presidente da Republica de Portugal, tendo em consideração as grandes vantagens decorrentes de um regimen amplo, além do estabelecido pelo accordo de 9 de Setembro de 1889 e de convenção de Berna, de 1886, revista em Berlim em 1908, ora em vigor em seus paizes, para a protecção das obras litterarias e artisticas e tendo em vista que a intensificação das relações litterarias e artisticas entre os dous paizes depende das facilidades á permuta de sua produção, resolveram firmar uma convenção especial para esse fim, tendo nomeado seus plenipotenciarios, a saber:

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil, o Sr. Dr. J. M. de Azevedo Marques, Ministro de Estado das Relações Exteriores.

AMERICA BRASILEIRA

O Presidente da Republica de Portugal, o Sr. Dr. José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães, Ministro dos Negocios Estrangeiros: os quaes, depois de trocar seus plenos poderes, julgados em boa e devida fórma, convieram no seguinte:

Art. 1º As garantias decorrentes do registro de obras litteraria e artistica em um dos paizes contratantes são reciprocamente asseguradas em ambos segundo a legislação interna de cada um:

Art. 2º As obras litterarias e artisticas submittidas a registro em um dos paizes contratantes serão consideradas para os efeitos legais, como registradas no outro, a partir da data do deposito da respectiva certidão, passada pelo paiz em que se effectue o registro.

Art. 3º Serão depositados tantos exemplares das obras registradas, quantos forem exigidos pela legislação do paiz em que fô feito o registro e mais um, que será remetido a repartição competente do outro paiz contratante, acompanhando a certidão a que se refere o artigo anterior.

Art. 4º As publicações periodicas, litterarias e artisticas serão consideradas como obras, para os efeitos da presente convenção especial.

Art. 5º As altas partes contratantes estabelecerão entre a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro e a de Lisboa um serviço de permuta de duplicatas de obras nacionaes publicadas antes da vigencia da presente convenção especial.

§ 1º Para isso, cada uma dessas bibliothecas fornecera, periodicamente, á outra uma relação das obras permutadas.

§ 2º Essas obras serão avaliadas segundo os preços do mercado e esses preços serão mencionados em ouro na respectiva relação.

§ 3º As despesas decorrentes dessa permuta, serão pagas, annualmente, por encontro de contas.

Art. 6º Os exemplares em brochura das obras editadas em um dos paizes contratantes gozarão de isenção de direitos.

Paragrapho unico. Todas as obras originaes de character litterario e artistico comprehendidas na classificação estabelecida pela convenção de Berna, revista em Berlim, gozarão desses favores.

Art. 7º É facultado aos representantes consulares de ambos os paizes contratantes pugnar, ex-officio, administrativa e judicialmente, pela applicação da legislação interna e das estipulações da convenção de Berna, revista em Berlim, nos casos de contravenção.

Art. 8º A transcripção de excerptos e a traducção de obras escriptas originariamente em lingua estrangeira e registradas nos paizes contratantes serão reguladas pela legislação interna do paiz em que se derem.

Art. 9º Depois de approvada pelo poder legislativo em ambos os paizes contratantes e de trocadas as respectivas ratificações dentro de 60 dias, a presente convenção especial entrará em vigor em cada paiz na data de sua promulgação e vigorará até seis mezes depois de sua denuncia pelo governo de uma das altas partes contratantes.

Tratado sobre o serviço militar e dupla nacionalidade

"O presidente da Republica de Portugal e o presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil, desejosos de negociar um tratado para remover certas difficuldades oriundas da dupla nacionalidade e serviço militar em Portugal e no Brasil, nomearam, respectivamente seu plenipotenciarios, a saber:

O presidente da Republica de Portugal, o Sr. Dr. José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães, ministro dos Negocios Estrangeiros.

O presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil, o Sr. Dr. José Manoel de Azevedo Marques, ministro das Relações Exteriores, os quaes depois de trocar seus plenos poderes, julgados em boa e devida fórma, convieram no seguinte:

Art. 1º. Qualquer cidadão brasileiro que, por ter nascido em Portugal, tenha tambem a nacionalidade portugueza que:

a) tenha feito serviço militar nas forças de terra, mar ou ar do Brasil ou que tenha concluido um curso official de instrucção militar, naval ou aerea no Brasil, ficará isento do serviço militar em Portugal;

b) sendo maior de 21 annos de idade, tenha renunciado á nacionalidade portugueza, de accôrdo com as leis respectivas, perderá para todos os efeitos aquella nacionalidade.

Art. 2º. Qualquer cidadão portuguez que, por ter nascido no Brasil, tenha tambem a nacionalidade brasileira, ficará isento do serviço militar no Brasil desde que:

a) tenha feito o serviço militar nas forças de terra, mar ou ar de Portugal ou tenha concluido ali um curso official de instrucção militar naval ou aerea;

b) tendo mais de 21 annos de idade, perder a sua nacionalidade brasileira, na fórma da Constituição Federal, art. 71, § 2º.

Parapho unico. Para os efeitos da letra b a apresentação de um certificado de nacionalidade emitido pela autoridade portugueza competente, será equivalente a um título de naturalização e importará consequentemente na perda da nacionalidade brasileira para todos os efeitos.

Art. 3º. As altas partes contratantes estabelecerão pelos departamentos competentes de provar os requisitos dos artigos anteriores.

Art. 4º. O presente tratado será ratificado pelas altas partes contratantes de accôrdo com as respectivas leis, sendo as ratificações trocadas na cidade do Rio de Janeiro o mais cedo possível e continuará em vigor até um anno depois de haver uma das altas partes contratantes communicado á outra a sua intenção de o terminar.

Em testemunho do que os respectivos plenipotenciarios assignaram o presente tratado appondo nelle os seus sellos.

Feito em duplicata, na lingua portugueza, no Rio de Janeiro, aos vinte e seis do mez de Setembro de mil novecentos e vinte e dois. — José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães. — J. M. de Azevedo Marques.

Convenção de emigração e trabalho

Esta convenção acha-se assim redigida:

O presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil e o presidente da Republica de Portugal concordaram celebrar uma convenção para estabelecer a igualdade de tra-

tamento entre os cidadãos das duas nações, no que se refere aos beneficios das leis sobre os infortunios do trabalho e adoptar as medidas necessarias para facilitar tanto quanto possível o movimento da emigração e o tratamento dos trabalhadores immigrantes.

Para esse fim nomearam os seus plenipotenciarios: o presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil, o Sr. Dr. José Manoel de Azevedo Marques, ministro de Estado das Relações Exteriores; e o presidente da Republica de Portugal, o Sr. Dr. José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães, ministro dos Negocios Estrangeiros, os quaes, depois de trocarem os respectivos plenos poderes achados em boa ordem e devida fórma convieram nos seguintes artigos:

Art. 1º. Os beneficios garantidos e direitos estabelecidos pela legislação relativa ao trabalho, á protecção dos trabalhadores, á previdencia social, á assistencia, á instrucção geral e profissional e á liberdade de reunião, de associação e de organização profissional, serão concedidas em cada um dos dois paizes aos emigrantes nacionaes do outro, e ás suas familias, exactamente nos mesmos termos e condições em que o são os seus nacionaes.

Art. 2º. Os emigrantes portuguezes e brasileiros gozam, respectivamente, no Brasil e em Portugal dos mesmos beneficios garantias e direitos que em um e em outro paiz sejam concedidos aos emigrantes nacionaes de outro qualquer paiz.

Art. 3º. O governo brasileiro facilitará a conclusão e execução de accôrds que, sobre trabalho e emigração possam vir a ser propostos entre os governos dos Estados que constituem a Republica Brasileira e o governo portuguez, sob a condição de serem taes accôrds previamente submettidos á approvação do governo federal brasileiro e no Estado, no qual tiverem de ser executados.

Art. 4º. A presente convenção entrará em vigor depois da sua approvação pelo poder legislativo dos dois paizes, e um mez depois da troca das ratificações pelos respectivos governos e vigorará até seis mezes depois da sua denuncia pelo governo de uma das altas partes contratantes.

Em fé do que, os respectivos plenipotenciarios assignaram a presente convenção, appondo nella os seus sellos.

Feita em duplicata na lingua portugueza, no Rio de Janeiro, aos vinte e seis dias do mez de Setembro de mil novecentos e vinte e dois. — J. M. de Azevedo Marques. — José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães.

Canto ao Centenario

Num poema de fervor e deslumbramento o Sr. Alberto Ramos canta a grandeza do Brasil, fulgente e maravilhoso. E' todo elle um hymno vibrante á terra, "contente só da gloria de ser bella" Em estrofes inspiradas e ardentes, em que freme seu patriotismo exaltado, offerece ao Brasil essa oblação de amor, que abrasa, une e funde, numa grandeza sem igual. A Patria forte e unida, os seus heroes e guerreiros, as suas emoções e victorias perpassam nas suas vozes quentes numa glorificação extasiada e fremente.

"A Patria é o nosso amor, total e indivisivel a patria grande, Augusta e forte!
Nossas mãos entrelaça, união invencivel, pelo Brasil até á morte!"

Aconselha a união, a pureza e a justiça a todos seus irmãos e que

"UNIÃO! seja o nosso lemma,
nossa força e lei suprema!"

E o canto se torna oração, vem ungido de uma religiosidade e ternura, onde as forças de terra suavemente evocadas nos avivam a grandeza da terra. E termina:

"Meu canto, meu ultimo canto,"
"alcyoneo! ignota melodia,"
"vento asperrimo e fogo sacrosanto!"
"Meu canto de paz e alegria"
"e infinito contentamento!"
"De ti me despeço, é o momento!"
"(Em vão tentais deter meus passos,"
"prender-me em vão, formosos braços")
"Adeus, vida, rapida miragem!"
"mundo orvalhado e matutino!"
"Camaradas! traga-me a voragem..."
"Tu, meu canto, segue o teu destino!"
"Anda sem trégua e sem repouso"
"anda de cidade em cidade,"
"de villa em villa; em cada pouso"
"entra e pede hospitalidade."
"Entra no rancho do tropeiro;"
"Busca o operario na officina,"
"o mineiro na sua mina,"
"o lavrador na sua roça,"
"o pescador na sua choça;"
"busca o soldado que bivaca,"
"e canta e fuma na barraca,"
"ou monta guarda a noite inteira"
"lá num recanto da fronteira;"

"AMERICA BRASILEIRA"

Chamamos a atenção de nossos agentes que ainda não liquidaram suas contas com esta Revista, conforme já em circular lhe solicitamos, o obsequio de o fazer o mais breve possível.

Afim de não ser suspensa a remessa desta Revista, pedimos encarecidamente aos nossos assignantes que reformem as suas assignaturas, que, como verão no nosso expediente e attendendo aos melhoramentos por que vae passar a America Brasileira, passará a ser de 10\$000 por anno.

"busca o marujo, horas a fio"
 "perdido em sonhos na amurada,"
 "seguindo a esteira do navio;"
 "chega-te alegremente e brada,"
 "com a voz e os gestos esquecidos"
 "dos maiores, presentes e invisíveis,"
 "em cada peito brada: SÊDE UNIDOS,"
 "IRMÃOS, E SEREIS INVENCÍVEIS!"

As grandes publicações do Centenario

O ESTADO DE SÃO DE PAULO, de
7 de Setembro de 1922.

Foi uma das maiores publicações do Centenario, a grande edição do *Estado de São Paulo*, de Sete de Setembro, em que procurou nos dar, através de admiráveis artigos a expressão da cultura e da grandeza do Brasil, pelo estudo synthetico de suas varias actividades, intellectuaes e materiaes. Na impossibilidade de resumir num só numero, todos os artigos, publicou nos dias consecutivos varios artigos do mais alto valor, os quaes serão reunidos em volumes, numa interessante bibliotheca — *Bibliotheca do "Estado de São Paulo"* O artigo inicial — *Sete de Setembro* — é um hymno ardente ao Brasil, de fé e de entusiasmo, em que as vozes sinceras dos jornalistas illustres que dirigem o grande órgão, se elevam para saudar seus concidadãos e todos os que, "sob o bellissimo céu que se recurva sobre as nossas cabeças" concorrem para o engrandecimento da Patria brasileira.

Os artigos publicados são os seguintes:

J. F. de Oliveira Vianna, *O idealismo na evolução politica do Imperio e da Republica*; Afranio Peixoto, *Um seculo de cultura sanitaria*; Alberto Faria, *O jornalismo brasileiro*; Plinio Barreto, *A cultura juridica no Brasil*; Arthur Neiva, *A botanica e a zoologia no Brasil*; Amadeu Amaral, *Litteratura e nacionalidade*; Basilio de Magalhães, *A contribuição estrangeira para o progresso do Brasil*; Ed. Navarro de Andrade, *Reflorestamento do Brasil*; Eugenio Egas, *Impressões do primeiro reinado*; Fernando de Azevedo, *A evolução esportiva no Brasil*; Franco da Rocha, *Ornithologia*; Getulio das Neves, *Engenharia brasileira*; J. A. Nogueira, *Organização da democracia representativa*; Léo de Affonseca Junior, *O commercio exterior do Brasil* (desde a Independencia); Luiz Pereira Barreto, *Higiene da mesa*; Oliveira Lima, *Um seculo de relações internacionacs*; Oscar Freire, *A evolução da medicina no Brasil*; P. P., *O progresso economico de S. Paulo*; Ricardo Severo, *A architectura colonial do Brasil* (Archeologia e Arte); Rodrigues Barbosa, *Um seculo de musica brasileira*; Ronald de Carvalho, *As artes plasticas do Brasil*; Sud Menucci, *Educação e ensino no Brasil*; Theodoro Sampaio, *Explorações scientificas no Brasil, no seculo da Independencia*.

Basta esta enumeração, para se avaliar da magnifica contribuição que representa para os estudos brasileiros a grande obra levantada pelo *Estado de São Paulo*.

LA NACION — Buenos Ayres

O grande órgão argentino em homenagem ao primeiro centenario do Brasil, publicou uma soberba edição, em grande formato,

com 335 paginas, em que resume a actualidade brasileira, suas questões historicas, economicas, literarias e artisticas em trabalhos firmados por escriptores, estadistas, jornalistas e literatos os mais reputados. Além da parte de generalisações, traz artigos sobre cada uma das unidades da nossa federação, do Districto Federal e do Acre, escriptos por pessoas versadas nos diversos assumptos locais. A reportagem photographica é muito completa e os desenhos de illustração são interessantissimos e de real valor artistico. Abre a *Nacion* o notavel artigo do Sr. Jorge A. Mitre, o illustre publicista argentino, intitulado suggestivamente — *Una realización inter-americana*, cujas intenções estamos muito a vontade para louvar e nos honramos em transcrever a sua parte final:

Entretanto, os povos da America se vinculam entre si por uma obra quotidiana de aproximação de seus homens e suas actividades. Climats diferentes os fazem complementarios uns dos outros na sua produção, e ainda hontem vimos em Buenos Aires, os tecidos do Brasil, quando os nossos vinhos começavam a attrahir esse mercado.

Uma joven musa evoca com a sua propria figura a belleza fluminense em nossa Capital, e de sua suggestiva personalidade se desdobram a poesia e a esculptura nativas, numa triumphante apothose de arte.

Hoje todas as Embaixadas da America estão no Rio, como no devido tempo estiveram em Buenos Aires e em Santiago.

De taes actos, tão diversos e tão inconexos, surge a acção de interamericanismo coro o denominamos em Nova York para differencal-a das concepções classicas — monroismo e panamericanismo — ás quaes se avantaja pela sua actualidade e pelo seu movimento.

Não é uma religião, sequer uma doutrina, mas se cada passo visasse um fim, toda iniciativa teria uma consciencia e uma missão. A dos homens da America consiste em approximar-se por todos os meios adequados a cada actuação individual.

Se se creasse em cada grande centro um comité que desse character e personalidade a tantos movimentos expontaneos e activasse o intercambio intellectual e material, organizasse e promovesse visitas de professores e alumnos, desse estimulo ás tentativas commerciaes e puzesse em relevo o nobre character dos torneios sportivos, cada uma dessas organizações constituiria uma Casa da America, como com sagaz procedencia se fez na Hespanha.

O Rio de Janeiro podia surgir, numa data gloriosa, como o berço desta criação, que teria de servir de guia a tantos espiritos animados do fervor da confraternidade e da reciproca intelligencia.

O nosso continente acaba de dar um alto exemplo ao mundo. E' justamente a Europa que nos demonstra, com o duplo desastre de Genova e de Haya, que a guerra não foi uma solução e que os velhos problemas não encontram os animos preparados para renunciar ás attitudes extremas, primeiro conselho da cordura e da vontade de harmonizar-se. A seu tempo, as nossas Nações do Pacifico, sob inspiração dos Estados Unidos, confirmam o vaticinio fundamental optimista de *La Nacion*, firmando o protocolo de Washington, relativo ao Tratado de Ancon. O pleito, que parecia insolúvel, tende a resolver-se, e se os Governos affrontam

estas responsabilidades, é porque os povos estão preparados para a paz e o amor.

As armas da Argentina e do Brasil, nas duas ultimas e afastadas occasiões em que se juntaram, foi para cruzadas de liberdade,

Quando os Exercitos inermes da colmeia americana adquirirem a noção de que as suas actividades de ligação subconsciente correspondem a um nobre postulado, cada acção assumirá logo a magestade do relevo proveniente desse cunho. Deveria estampar-se nos corações o ideal interamericano; e então certos actos, como este exemplar, teriam correspondido a uma concepção."

"O PAIZ", edição de 7 de Setembro.

Não foi das menores a contribuição de — *O Paiz* para brilho da commemoração jornalística á data da nossa emancipação politica. Foi, sim, das mais brilhantes pelos trabalhos artisticos e litterarios inseridos e pelo vultuoso numero de paginas — em que reviveu a historia brasileira nas suas manifestações fortes de civismo e de intelligencia.

Não se contentando com o seu esplendido trabalho *Uma synthese do Brasil actual*, dá-nos ainda *Independencia e vida*, de Gilberto Amado, *Cem annos de economia do Brasil*, de Alvaro Paes, *O Genio de Wagner, Casa historica e pintores illustres*, de Mendes Ribeiro, *Cem annos de progresso*, sobre a nossa Exposição, além de outros trabalhos de valor. Uma bellissima edição, a do *Paiz*.

"JORNAL DO BRASIL" edição do Centenario.

O velho e popularissimo órgão carioca, a que tanto deve o nosso progresso, visto que sempre esteve á vanguarda dos defensores das grandes causas brasileiras, deu-nos tambem duas edições commemorativas do centenario da nossa independencia politica.

Foram dous numeros dos mais completos de quantos deu a nossa imprensa e em ambos a vida nacional resurgiu e explendeu no que foi, no que tem sido a sua força evolutiva em todas as expressões da actividade humana e a potencialidade que sóe ser para orgulho da geração contemporanea e das gerações provindouras.

Foi uma excellente numero de evocação de grandeza da nossa nacionalidade e um hymno á actividade constructora do Brasil de hoje. Aliás, não e comprehendia que de outra maneira festejasse o *Jornal do Brasil* a data memoravel que commove o paiz todo.

"DIARIO OFFICIAL", de Alagoas, numero de 7 de Setembro.

Numa edição importante, na capa trazendo as armas do Estado e palavras de entusiasmo á grande data, o *Diario Official* de Alagoas, que a competencia do brilhante intellectual Jayme d'Altafilla dirige, tambem festejou o Centenario. Traz os retratos de todos os Presidentes da Republica, do Sr. Fernandes Lima e de seus auxiliares, o Hymno estadual, letra do saudoso poeta Lulu Mesquita e musica do inesquecivel maestro Benedicto Silva, o Hymno Nacional e varios trabalhos de valor.

Uma edição que honra a imprensa alagoana e muito contribuiu para o brilho com que Alagoas festejou a data da nossa independência.

"JORNAL DO COMMERCIO", de Recife, edição de 7 de Setembro.

O numero que recebemos do *Jornal do Commercio*, de Recife, é uma prova do adiantamento da imprensa do grande Estado nordestino, adiantamento material e intellectual, revelando o quanto está aparelhada ali a industria typographica e a que altura chegou a expressão de cultura de Pernambuco.

Podia-se avaliar o valor da edição com que o *Jornal do Commercio* commemorou o nosso Centenario pelo seu numero avultado de paginas. Isso já seria um louvor; mas a edição do collega pernambucano vale também pelos trabalhos que publicou, de pennas illustres daqui e de lá, cada um escriptor evocando uma pagina da historia brasileira ou dizendo particularmente do heroísmo e da grandeza do povo do Leão do Norte. E' assim que publica trabalhos de Felix Pacheco, Hermes Fontes, Affonso Celso, Agenor de Roure, Rocha Pombo, Ulysses Pernambuco, Erasmo de Macedo, Edwiges de Sá Pereira, Zeferino Galvão Julio Novaes, Araujo Filho e varios outros. Merece o *Jornal do Commercio* as nossas felicitações.

"A FEDERAÇÃO" e o seu numero do Centenario.

A imprensa gaúcha formou na vanguarda dos collegas que festejaram, com edições fulgurante, o sete de Setembro. O numero commemorativo da nossa independência dado pela *A Federação*, o velho e conceituado órgão do Partido Republica Riograndense, não é apenas uma demonstração da importancia material da imprensa do grande Estado sulista como uma prova da sua potencialidade em todos os ramos de actividade.

O que tem sido o Brasil num seculo de existencia politica o que vem sendo e é atualmente o Rio Grande na vida social como nas letras, nas sciencias e na economia, nas artes como nas finanças e no commercio — o que a terra dos pampas apresenta como dinamica na actividade brasileira ahi está expresso através de trabalhos dos mais rutilantes talentos, na edição do Centenario de *A Federação*.

E' um numero bem feito uma contribuição de valor ao brilho das festas gaúchas á memoravel data.

"FON-FON!" de 7 de Setembro de 1922.

A edição deliciosa do *Fon-Fon!* commemorativa do nosso centenario, que organizou o nosso querido confrade Sr. Claudio Ganns,

despedindo-se das lides jornalisticas pelas graves preocupações de secretario do governo de Sergipe, é uma das mais admiraveis publicações do centenario, pela originalidade da collaboração, das illustrações e das gravuras. Incumbindo a um escriptor novo de cada Estado de escrever a pagina referente á sua terra, ornada com motivos locais, *Fon-Fon!* nos deu um bello attestado da mentalidade moderna do paiz, nessas paginas de emoção, de saudade, ou de paisagem. Entre os colaboradores desse numero citaremos os Srs. Claudio Ganns, que escreveu uma linda pagina de abertura, num symbolismo vivo e ardente; Ronald de Carvalho, que louvou o velho Rio, evocando-o com delicioso lirismo a velha capital, *felizmente* remodelada...; Tasso da Silveira, que fez uma *mancha* interessantissima de Curitiba; Luz Pinto, numa saudação a Joinville; Gustavo Barroso, que contou a historia de um "soviet" no Ceará; Renato Almeida, que escreveu sobre a admiravel Bahia; Oswaldo Orico, Alcino Sodré e muitos outros, que emprestaram o brilho de suas pennas a esse numero magnifico do *Fon-Fon!*

"O MUNDO LITERARIO" 5 de Outubro n. VI.

Este mensario da literatura nacional, que dirigem os nossos confrades Srs. Pereira da Silva, Théo Filho e Aggripino Grieco e é editado pela Grande Livraria Leite Ribeiro, publicou um numero de 250 paginas, commemorativo do nosso Centenario. Collaborado por nomes de grande realce nas letras nacionaes, sobretudo de novos, versando assumptos da mais alta relevancia no pensamento e na literatura brasileira, apresenta o *Mundo Literario* uma edição magnifica, que muito honra os seus Directores. Entre os artigos, salientamos os devidos á pena de Rocha Pombo ("Confronto de duas épocas: 1882-1922"); Ronald de Carvalho ("O Romance Brasileiro"); padre Assis Moreira ("O Pulpito Nacional"); Renato Almeida ("O Movimento Philosophico"); Francisco Prisco ("Dom Silverio"); Goulart de Andrade, ("Gil Vicente"); Carlos Rubens, ("Pintura Brasileira"), e D. Amelia Bevilacqua ("Reminiscencia").

"GAZETA DO POVO", edição do Centenario.

Dentre os jornaes que nos Estados deparam edições commemorativas do Centenario é de justiça salientar a *Gazeta do Povo*, de Curitiba, editada pela Empresa Graphica Paranaense de Placido e Silva & C. Ltda.

Organizado pelo Sr. Acir Guimarães, seu redactor-chefe, a *Gazeta* deu-nos um numero magnifico de 90 paginas — com um retrospecto da vida industrial, commercial, artistica litteraria do Paraná, uma resenha

admiravel da potencialidade do prospero Estado sulista em todas as suas expressões de grandeza. A *Gazeta* é um dos jornaes mais lidos do Paraná e não tem preferencias politicas. A redacção do popular vespertino é a seguinte: redactor-chefe, Acir Guimarães; redactor-secretario, Ernani Cartaxo; auxiliares Affonso Bertagnoli e Caio Pereira; reporter, Dirceu Lacerda; revisora, senhorita Alice Cartaxo; correspondente no Rio de Janeiro, Carlos Rubens.

"JORNAL DE ALAGOAS".

Coube ao *Jornal de Alagoas*, na imprensa alagoana, dar a melhor edição commemorativa do Centenario. E fel-o brilhantemente, publicando sobre o grande acontecimento que a Nação festeja commovida, trabalhos de Moreno Brandão, Craveiro Costa, Tito de Barros, do deputado José Bonifacio, além de illustrações e notas referentes ao Centenario. Primeiro e mais lido jornal do Estado, seu corpo redactorial contando com penas brilhantes e dirigido pelo ardoroso jornalista deputado Luiz Silveira. — o *Jornal de Alagoas* não podia deixar de dar aos alagoanos tão bella prova de esforçado patriotismo.

A NOITE — Edição extraordinaria de 7 de Setembro.

Por cerca de quatro horas, quando deveria D. Pedro I ter lançado o grito do Ypiranga, que libertou a Patria, *A Noite* fez circular a sua edição extraordinaria, em homenagem ao Centenario, contendo varios estudos sobre a grande data nacional e tendo, á primeira pagina, uma allegoria ao Brasil, cercado do affecto e da consideração de todo o mundo civilizado. Não menos valiosa é a reportagem photographica, tornando devéras interessante a publicação do nosso grande vespertino.

A PROVINCIA, 7 de Setembro.

Não quiz a nossa collega pernambucana *A Provincia*, que Diniz Perylo dirige, deixar de prestar "á nobilissima patria brasileira, as homenagens calorosas de seu affecto e de sua admiração"

Como já o fizera e, com brilho, o *Dirio de Pernambuco* e o *Jornal do Commercio*, o querido diario do Recife deu uma edição encantadora, fartamente collaborada por pennas apreciaveis como Pereira da Costa, Gonçalves, Mala, Costa Monteiro, Mario Sette, Faria Neves Sobrinho, José Americo de Almeida, Samuel Campello, Jorge de Lima, Lucilo Varejão, Mario Mello, Araujo Filho, Guedes de Miranda e outras. Foi um numero excelente que honra a imprensa do Leão do Norte e serviu para augmentar o fulgor intellectual de Pernambuco nas commemorações do Centenario.

PHOTOGRAVURA MODERNA
CLICHÉS
 TEL. NORTE 462
 RUA DA QUITANDA, 161.

ACABA DE APPARECER:

ELYSIO DE CARVALHO

A Realidade Brasileira

ESTUDO SOBRE A POTENCIALIDADE
ECONOMICA DO BRASIL E A FINALIDADE DA
POLITICA NACIONAL

VOL. 64 PAGS.: 2\$000

À venda em todas as livrarias do Brasil

PEDIDOS AOS EDITORES
S. A. Monitor Mercantil
1.º DE MARÇO, 96, 3.º — RIO DE JANEIRO

Livraria Editora SCHETTINO

ULTIMAS EDIÇÕES

- Historias e Sonhos, contos de Lima Barreto — Um volume brochado, em papel buffon, com retrato do autor, 3\$500, encadernado com letras douradas. 5\$000
- Fetiches e Fantoques, criticas politicas, sociaes e litterarias, de Agrippino Grieco — Um volume brochado com capa illustrada. 4\$000
- Uma viagem movimentada, scenas da vida dos "touristes" a bordo do vapor "Avaré", que afundou em Hamburgo. E' seu autor Theo-Filho — Um volume brochado 4\$000
- Tabaréos e Tabaroas — Contos regionalistas, obra premiada pela Academia de Lettras, debaixo do parecer de João Ribeiro. O seu autor, que é o fino conteur Mario Hora, dará em breve; outro livro de contos — Mulheres do Proximo: Preço dos Tabaréos 3\$000
- Historia de João Chrispim, romance de Enéas Ferraz, largamente elogiado, em 2ª edição. Um exemplar brochado. 4\$000
- Inquietude, contos realistas da vida carioca, por Adelino Magalhães. Um exemplar brochado... 4\$000
- Flor de Portugal, romance da campanha nacionalista, de Carlos Cavaco, consul de Portugal. Um volume brochado 4\$000

Pedidos directos á Livraria
Editora SCHETTINO
RUA SACHET, 18 — RIO
Telephone G. 5685

Acceitam-se agentes no Interior

LIVRARIA

F. Briguiet & C.^{ia}
RUA SACHET, 23—Rio de Janeiro

Caixa N. 458

Livros Francezes, Americanos, Argentinos, Espanhóes, Ingleses, Italianos, Portuguezes, etc., etc.

JORNAES E REVISTAS

Serviço especial de encomendas com a maior urgencia

ACABA DE APPARECER

PERGAMINHOS

O GRANDE LIVRO DE CONTOS DE GUSTAVO BARROSO (JOÃO DO NORTE)

Com illustrações a côres de Corrêa Dias
Maravilhosa edição de arte, feita em Pariz pela Livraria F. Briguiet & C., para solemnizar o Centenario da Independencia.

PUBLICAÇÃO UNICA NO GENERO EM LINGUA PORTUGUEZA

Tiragem limitada a duzentos e vinte exemplares numerados!

Obra de arte digna de todos os elogios!
RARIDADE BIBLIOGRAPHICA — LIVRO EXCELLENTE PARA PRESENTES

PREÇO

Edição em papel de linho Lafuma.....	200\$000
Edição em papel imperial do Japão.....	300\$000
Idem, idem, idem com acompanhamento das gravuras, em preto, em papel da China..	400\$000

Agencia de "Publicações

Mundiaes" de Braz Lauria

78, Rua Gonçalves Dias, 78

Telephone: 1968 Norte

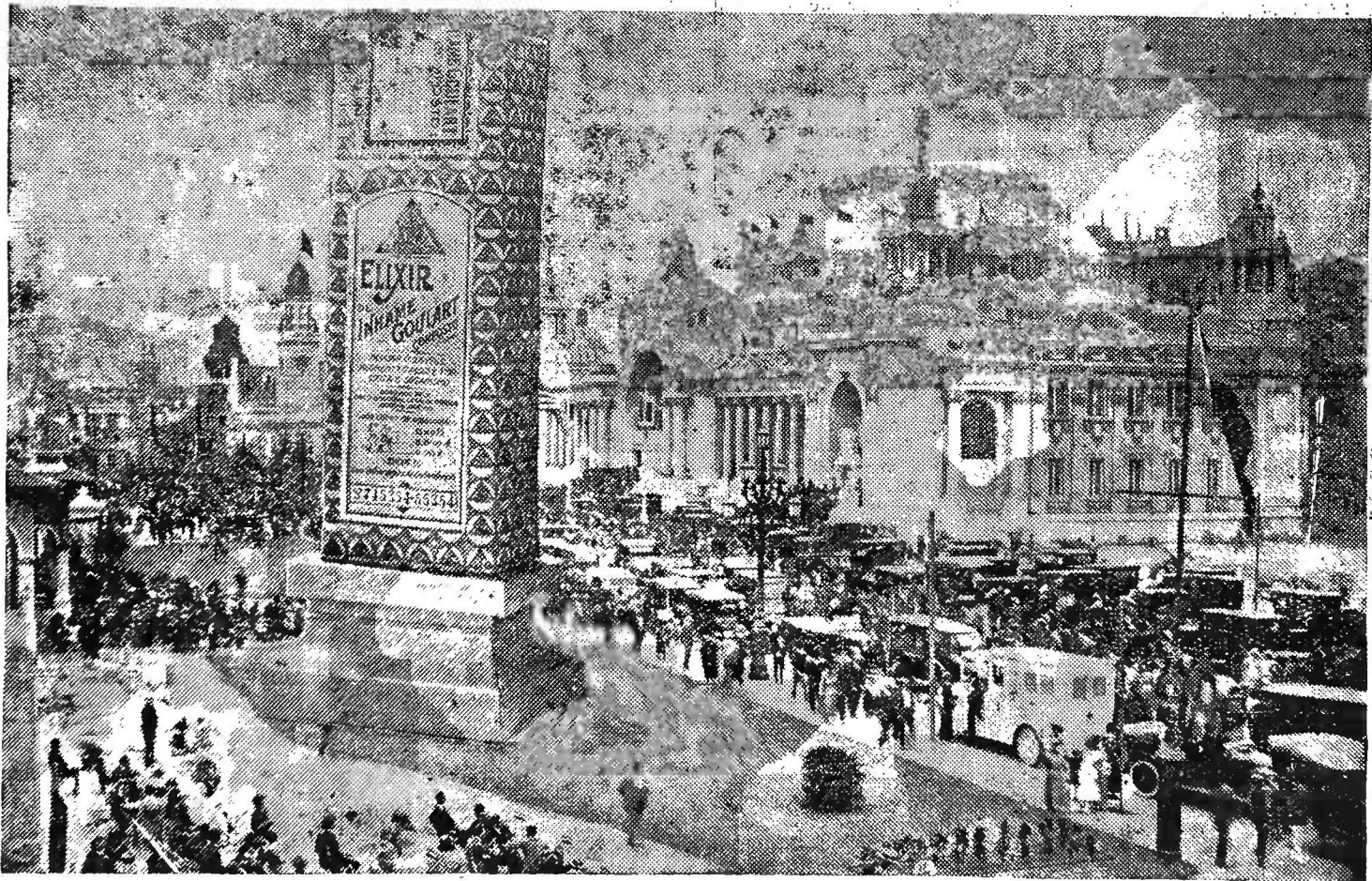
RIO DE JANEIRO

- Nossa Terra** — 2ª edição — Comedia em tres actos de Abadie Faria Rosa... 2\$000
- A' Margem da Musica** — Critica e phantasia, por Julio Reis — Elegante volume em papel couché... 1\$500
- Emdymião** — 2ª edição — Dialogos e Aspectos, por Celso Vieira — Um volume de cerca de 400 paginas... 4\$500
- Longe dos Oihos** — Comedia em tres actos de Abadie Faria Rosa... 3\$000
- Nossa Gente** — Comedia em tres actos por Viriato Corrêa... 3\$000
- O mal Metaphysico** — Romance por Manoel Galvêz — Um volume com 420 paginas... 4\$000
- Segunda Patria** — 3ª edição — por Aldo de Cavalcanti... 2\$000
- Musica de Pancadaria** — Critica por Julio Reis — Um elegante volume in-48 nitidamente impresso em papel assetinado... 5\$000
- Preludio do meu estro** — Poesia por Roberto Drummond... 5\$000
- Presas Rebeldes** — Cronicas e Artigos por Saul de Navarro... 4\$000
- Cousas da Vida** — Contos de Iveta Ribeiro... 4\$000
- Sensações** — Poesias de Regina de Alencar.. 3\$000

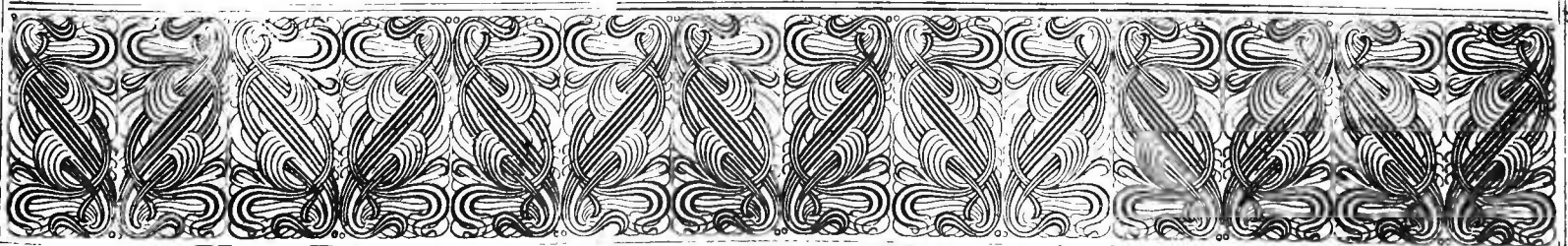


EXPOSIÇÃO

INTERNACIONAL



Aspecto movimentado na Avenida das Nações



LIVRARIA J. LEITE

Obras classicas, raras e preciosas

Livros antigos e modernos

PEÇAM CATALOGOS

EDIÇÕES DA CASA

REFLEXÕES SOBRE A VAIDADE DOS HOMENS, pelo famoso Classico paulista Mathias Aires. Reprodução fac-simile da 1ª edição de 1752, rarissima, 1 vol. de XXVIII — 400 pp... 15\$000

"...o mais fino e perspicaz (moralista) da litteratura brasileira..." (Ronald de Carvalho).

"...O Brasil tem, talvez no insigne moralista, a sua maior gloria classica fóra da poesia" (Andrade Muricy).

"A lingua portugueza amplia-se sob a sua penna, em um milagre de plasticidade e elegancia, sempre muito limpida e apurada..." (Barbosa Lima Sobrinho).

"Não conheço, em toda a litteratura portugueza, outra obra no genero com o valor que tem esta..." (Nestor Victor).

"...E' o seu engenho dos mais agudos e interessantes de seu tempo... Manejando o vernaculo com a mais encantadora perfeição, e a naturalidade elegante de quem tem muito que dizer, e sabe mais do que escreve..." (Tristão de Athayde).

"Em cerca de dous seculos (1580-1756) de litteratura, que neste volume historiamos, não encontramos escriptor tão ricamente dotado do poder de intuspecção, e de expressão como este esquecido paulista" (Fidelino de Figueiredo).

SUMMA POLITICA, pelo Bispo-Conde D. Sebastião Cesar de Menezes. Reprodução fac-simile deste preciosissimo livro, extremamente raro, 1 vol. de 208 pp. B..... 10\$000

"...verdadeiro monumento literario. O autor foi notavel pela reputação gigante da sua sciencia politica" (Camillo Castello Branco).

"Eu li bem de vagar este livro... é sizudissimo, é claro, é breve. Juntou impossiveis" (D. Francisco Manoel de Mello.)

"Estylo claro, profundidade de conceitos, agudeza e concisão reunidos á perspicacia e rigorosa elegancia, formam no juizo dos bons entendedores o caracter desta obra" (Innocencio).

DESAPROPRIAÇÃO POR UTILIDADE PUBLICA, pelo Dr. Solidonio Leite; 2ª edição augmentada, posta de accordo com o Código Civil e seguida da jurisprudencia em ordem alfabetica, 1 vol. de 234 pp., B..... 10\$000

"...é obra que se guarda na estante para consultar, sempre que se tem necessidade de estudar o assumpto" (Pedre Lessa.)

DE D. JOÃO VI A INDEPENDENCIA, pelo Dr. João Romeiro. Estudo sobre os factos que mais contribuíram para ser proclamada em S. Paulo, no dia 7 de Setembro de 1822, a emancipação politica da Patria. 2ª edição, com a biographia do autor e os juizos da imprensa, 1 vol. de XVIII — 164 pp. B... 5\$000

"...e é, finalmente, obra em que reponta o depoimento feito por testemunho idoneo de quem foi participante da scena inolvidavel de 7 de Setembro de 1822, na collina historica da formosa capital paulista (Basilio de Magalhães).

A LINGUA PORTUGUESA NO BRASIL, pelo Dr. Solidonio Leite, 1 vol. de 115 pp. B..... 3\$000

"...é bem da mão erudita do autor dos CLASSICOS ESQUECIDOS e de A AUTORIA DA ARTE DE FURTAR. Que zelo em defesa do nosso bello idioma! Que sensatez nas suas deducções e opiniões! Dou a V. Ex. os parabens e felicito-me por ter recebido os seus proficientes ensinamentos" (Mendes dos Remedios).

"Ensina-nos o seu eminente e esclarecido autor, com substancioso cabedal, segurança de conceitos, abundancia de critica e apuro de doutrina, o caminho direito aos que andamos transviados delle, e as bellezas que o mesmo depara áquelles que vão no rumo certo..." (Ronald de Carvalho).

DIALECTO INDO-PORTUGUES DE GOA, pelo Mons. Rodolfo Dalgado. Edição fac-simile, 1 vol. B..... 3\$000

"Com o desaparecimento de Mons. Dalgado fica aberta na philologia indo-pot. uma lacuna de mui difficil preenchimento, pois que ninguem conhecemos que cabalmente o possa substituir nesse ramo de saber..." (José Joaquim Nunes).

DIALECTICO INDO-PORTUGUES DE DAMÃO, pelo mesmo. Edição fac-simile, 1 vol. B..... 4\$000

Pedidos a J. LEITE & C.

12, Rua Tobias Barreto, 12

RIO DE JANEIRO

CASA REYNAUD

FUNDADA EM 1883

FIGURINOS, JORNAL DE MODAS PARA SENHORA, HOMEM E CRIANÇA. JORNAL PARA BORDADOS. MAGAZINES ESTRANGEIROS, ETC., ETC. EM VENDA AVULSA, POR ATACADO E EM ASSIGNATURAS.

CATALOGOS GRATIS

ANTONIO BRAVO

RUA DOS OURIVES, 57

TEL. NORTE 468 CAIXA POSTAL 1157

RIO DE JANEIRO

LIVROS Á VENDA

Livraria e Papelaria Azevedo

Rua Uruguayana, 29

- | | |
|--|--------|
| G. França Amaral — As Bellas Lettras (Ensaio). Um volume | 2\$000 |
| G. França Amaral — Horror á Fórma Humana, 2ª edição. Um volume. | 1\$000 |
| Darefox — Cartas Perdidas, 2ª edição. Um volume | 1\$500 |
| Lima Barreto — Recordações do Escrivão Isaías, 2ª edição. Um volume..... | 2\$000 |
| Lima Barreto — Numa e a Nympha. Um volume | \$500 |
| Gilka C Machado — A Revelação dos Perfumes (Confidencia). Um volume..... | 1\$000 |
| Dunshee de Abranches — A Illusão Brasileira, ultima edição. Um volume..... | 5\$000 |
| Capitão Lobo Vianna — Tactica Elementar e Lições de Arte e Hstoria Militares. Um volume.... | 1\$000 |
| Bacharel Osorio Duque Estrada — Analyse Syntactica (Noções essenciaes), 2ª edição. Um volume | 1\$500 |
| J. Stanb — Segundo Livro de Figuras. Um vol. | 2\$500 |
| Antenor Nascentes — Método Prático de Análise Gramatical. Um volume..... | 1\$000 |

GRANDE SORTIMENTO

de Livros collegiaes e de Litteratura — Casa Editora de Romances da "Collecção Chic" — Variado sortimento de artigos de papellaria.

BANCO PORTUGUÊS

DO BRASIL

Capital..... Rs. 50.000:000\$000

SÉDE RIO DE JANEIRO

Filiaes em SÃO PAULO e SANTOS

End. Teleg.. BRASILUSO Caixa Postal: 479

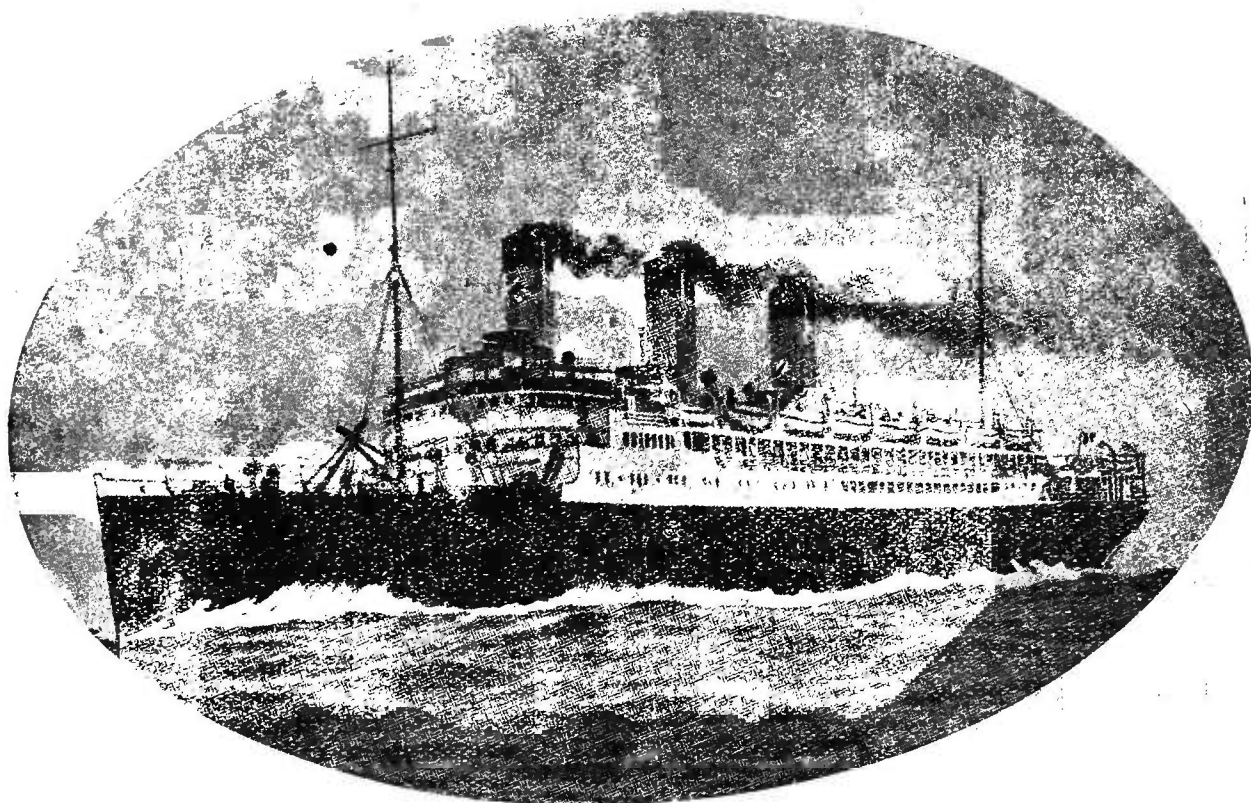
**Abre c/c de movimento, c/c limi-
tadas com talão de cheques,
c/c a praso fixo e c/c em moeda
estrangeira nas melhores
condições do mercado e encarre-
ga-se da administração de
propriedades**

24, Rua da Candelaria, 24

RIO DE JANEIRO

COMPANHIAS FRANCEZAS DE NAVEGAÇÃO

SUD-ATLANTIQUE E CHARGEURS RÉUNIS



SERVIÇOS DE PAQUETES

- 1º — Viagens extra-rápidas, effectuadas pelos esplendidos paquetes de luxo "MASSILIA" e "LUTETIA", da Cia. Sud-Atlantique; nestes paquetes, além de cinema e de todas as comodidades modernas, está installado um serviço completo de TELEPHONIA SEM FIO. Sahidas todos os 28 dias de Buenos Ayres para Montevidéo, Santos, RIO DE JANEIRO, Lisboa, Vigo e Bordeaux. — VIAGEM DO RIO DE JANEIRO A LISBOA EM MENOS DE 10 DIAS E DO RIO DE JANEIRO A PARIS EM 11 DIAS E MEIO (VIA LISBOA PELO SUD-EXPRESS)
- 2º — Viagens regulares effectuadas pelos paquetes "MOSELOA", "ALBA" e "MEDUANA", da Cia. Sud-Atlantique. De Buenos Ayres para Montevidéo, Santos, RIO DE JANEIRO, Bahia ou Pernambuco, Dakar, Lisboa, Vigo ou Coruna e Bordeaux.
- 3º — Viagens regulares effectuadas pelos paquetes tipo "ILE" "FORMOSE", "LI-PARI", "EUBE'E", etc. da Cia. Chargeurs Réunis. Sahidas mensaes de Buenos Ayres para Montevidéo, RIO DE JANEIRO, Dakar, Leixões, Vigo ou Coruna, Havre e Hamburgo.

Passagens directas de 3ª classe para a Polonia e outros paizes da Europa Central

SERVIÇOS DE VAPORES DE CARGA

Sahidas regulares do Rio Grande do Sul para Santos, RIO DE JANEIRO, Bahia, Pernambuco, Havre, Antuerpia e Hamburgo, pelos vapores da Companhia Chargeurs Réunis.

Para mais informações dirigir-se ás Agencias das Companhias

Avenida Rio Branco, 11 e 13

RIO DE JANEIRO

Rua 15 de Novembro, 186

SANTOS

LIVRARIA INGLEZA

ESTABELECIDADA EM 1881

Crashley & C.^{ia}

58, Rua do Ouvidor, 58

Telephone: Norte 3468 Caixa do Correio: 906

RIO DE JANEIRO

EDGARD JORDÃO

IMPORTAÇÃO EM LARGA ESCALA

Ferro, chapas galvanizadas e pretas, cimento, gesso, barrilha, soda caustica, oleo de linhaça, alvaiade, zarcão, tubos galvanizados, ferragens grossas, etc., etc.

GADO E CEREAS POR ATACADO

Escriptorio: **AVENIDA RIO BRANCO, 9 - 1º**

CASA MAUÁ

Endereço Telegraphico:
-- SUSIKI --

Telephone: NORTE
-- 4860 --

PRECI A V S. DE LIVROS DE MECANICA, ELECTRICIDADE, ARTE, PEDAGOGIA, LINGUISTICA, HISTORIA, MEDICINA PHARMACIA, SCIENCIAS INDUSTRIAES E MILITARES, DIREITO, PSYCOPOGIA, SOCIOLOGIA, TOPOGRAPHIA, PHILOSOLHIA E LITERATURA?

LIBRERIA ESPAÑOLA

Rua da Alfandega, 47

RIO DE JANEIRO

LIVRARIA E PAPELARIA

J. R. RODRIGUES & C.

Livros Didacticos, Scientificos e Literarios, Papeis, Figurinos, Artigos Escolares e de Escriptorios

Acceitam-se encomendas de qualquer artigo referente ao nosso ramo de negocio

Telephone: Norte 856

185, Rua do Ouvidor, 185

RIO DE JANEIRO

Banco Hypothecario do Brasil

Avenida Rio Branco, 50

RIO DE JANEIRO

Caixa do Correio, 268

Teleph.. 2320 Norte

Depositos em contas correntes á vista e a prazo

**OPERAÇÕES BANCARIAS GERAES
HYPOTHECAS**

BANQUE FRANÇAISE ET ITALIENNE

POUR L'AMERIQUE DE SUD

Séde Social: PARIS, 12 Rue Halévy

Capital: Frs. 50.000.000.00

Reserva: Frs. 35.000.000.00

SUCCESSAES E AGENCIAS NO BRASIL

Rio de Janeiro - São Paulo - Santos - Curitiba
- Porto Alegre - Recife

Araraquara, Barretos, Botucatu, Caxias, Espirito Santo do Pinhal, Jahú, Mocóca, Paranaguá, Ponta Grossa, Ribeirão Preto, São Carlos, São José do Rio Pardo, Rio Grande, Ourinhos e Bebedouro

SUCCESSAES NA ARGENTINA: Buenos Aires e Rosario de Santa Fé
SUCCESSAL NO CHILE: Valparaiso

Correspondentes Officiaes dos Thesouros Francez e Italiano e dos Correios Federaes Suissos para todo o Brasil

BANCOS AFFILIADOS:

CHILE: Banque Française du Chili-Santiago

COLOMBIA: Banque Française et Italienne de Colombie — Bogotá

Agente da Banca Commerciale Italiana --- Milão

TRATA DE TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

117, Rua da Quitanda, 117

Caixa Postal, 1211

Telephone: Norte 6400-6401-6402

RIO DE JANEIRO